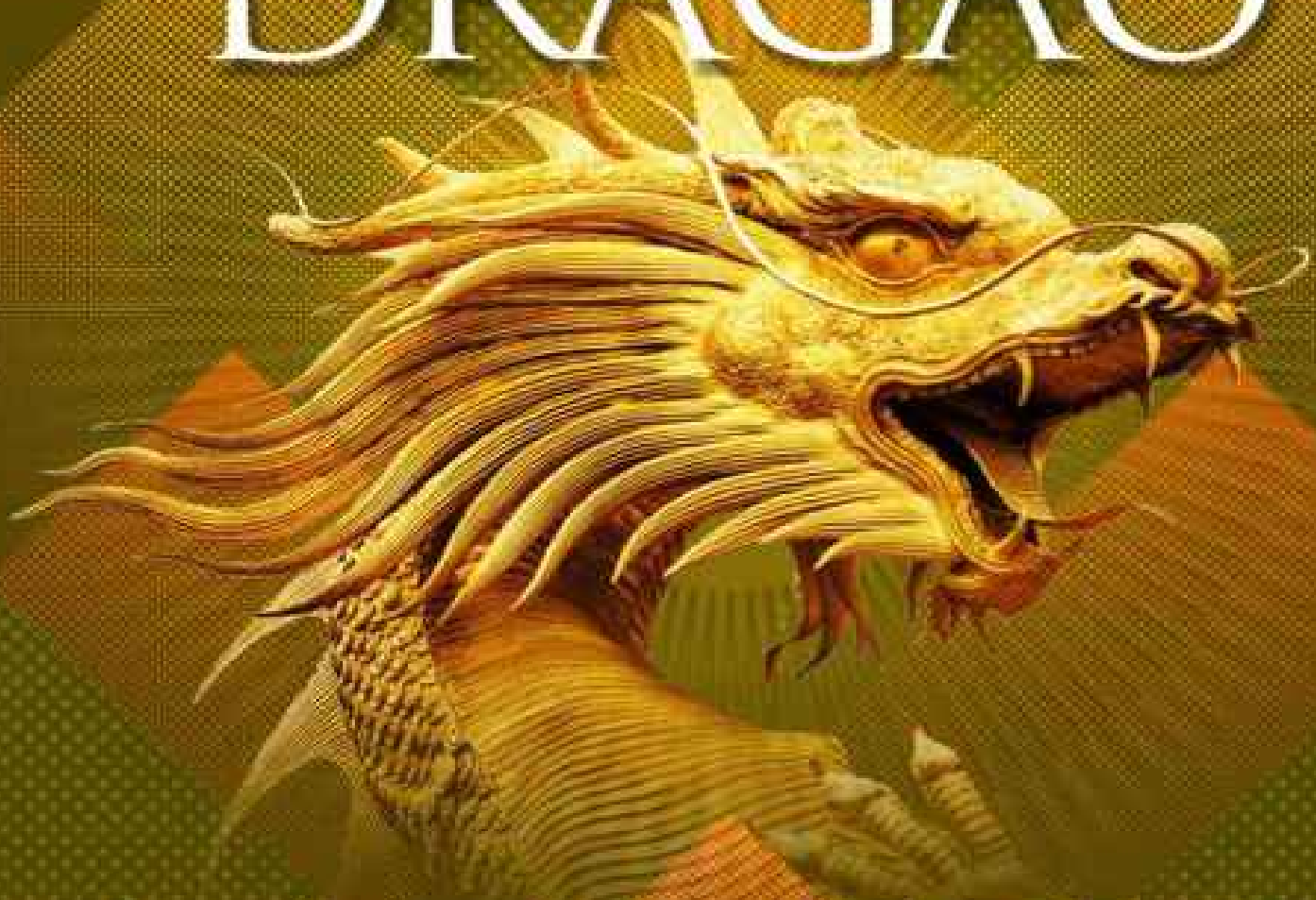


TRILOGIA DOS GUARDIÕES

O DRAGÃO



I. M. MARTINS

B1
B1
B1
B1

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TRILOGIA DOS GUARDIÕES

O DRAGÃO

I. M. MARTINS

**PA
RA
L
E**

As trevas não conseguem expulsar a escuridão. Somente a luz consegue fazer isso.

Martin Luther King (1929-1968)

Para o Lourenço, meu filho, minha luz.

1. Um novo destino

O destino não vem do exterior para o homem, ele emerge do próprio homem.

Rainer Maria Rilke (1875-1926)

Max Kùchler encostou a pistola à cabeça, com gestos lentos, mas firmes. No seu rosto não havia sinais de hesitação ou sofrimento. Estava tranquilo com a sua decisão. Após a descoberta sobre as estratégias do poderoso grupo econômico a que pertencia, aquela era a sua única opção.

Dedicara muito tempo da sua vida à Sociedade do Dragão Verde, um grupo secreto que desenvolvera durante décadas um plano para controlar a Europa. Esse plano seria executado em quatro etapas. Na primeira, foi criada uma organização para unir comercialmente os países europeus por meio de uma moeda única e da livre circulação de bens e pessoas. A segunda consistia no enfraquecimento dos seus governos, para torná-los reféns da Sociedade, através de grandes instituições financeiras, empresariais e bancárias como o BCI (Banco Central Independente). A terceira parte do plano previa a constituição de um exército, que tinha como primeira missão destruir

todas as personalidades importantes que se opusessem aos interesses e ascensão dos Dragões. E, na etapa final, seria imposta à Europa uma Nova Ordem Política e Econômica — a NOPE.

Em Berlim, durante a última reunião dos doze líderes que representavam a cúpula dos Dragões, Kùchler se opôs à terceira fase do plano. Sabia que a criação de um exército os tornaria mais poderosos e imparáveis. Relembrou a Segunda Grande Guerra e a derrota alemã, advertindo-os de que não desejaria que a história se repetisse, até porque, na atualidade, isso significaria uma destruição sem precedentes.

Após escutar os argumentos eloquentes de Kùchler, Dieter Steinbach, um homem de temperamento frio, empurrou a sua cadeira para trás e levantou-se com modos contidos, revelando a sua elevada estatura de quase um metro e noventa. Sugeriu de modo econômico:

— Acho que deve se afastar da presidência. Deixou de representar os nossos valores.

Kùchler fixou nele um olhar atônito e levou alguns segundos para reagir, dominado pela surpresa. Por fim, ergueu-se da cadeira para enfrentar Dieter ao mesmo nível, embora fosse dez centímetros mais baixo. Apoiou as palmas das mãos sobre a mesa, calçadas com macias luvas de pele verde, que ilustravam o seu estatuto de presidente do grupo, e respondeu, com segurança:

— Não.

— Votemos — propôs Dieter, lacônico, sem se abalar com a resposta.

— Os mandatos são rotativos e não se vota pela destituição de um presidente — lembrou Kùchler. — Isso nunca aconteceu. Um presidente exerce o mandato até o fim.

— Um presidente representa a Sociedade. A sua opinião revelou que você deixou de representá-la. Sugiro que se demita — continuou Dieter friamente, sem se intimidar pela posição de Kùchler enquanto presidente do grupo.

— Não farei tal coisa — afirmou peremptoriamente Kùchler. — Eu posso ter a minha opinião e discuti-la.

— Pode, mas apenas se a sua opinião for favorável aos interesses do grupo — rematou Dieter, sentando-se e dando por encerrada a questão.

Kùchler percebeu que o ambiente ficara tenso e todos se mantinham em silêncio, acompanhando o desenrolar da discussão. Ao ver Dieter calar-se e voltar a ocupar o seu lugar, Kùchler sentiu alívio. A inesperada intervenção de Dieter revelava a sua natural autoridade, que se impunha sem que ele necessitasse ser agressivo. Por instantes, Kùchler achou que a troca de palavras podia terminar mal, mas o resto da reunião transcorreu com normalidade. A ausência de comentários posteriores sobre o pequeno debate dos dois lhe causou alguma estranheza, mas ele não voltou a pensar no assunto.

Dib pediu que Uchoa, Alessia, Seth e Miguel retornassem a Paris, para discutirem o insólito desaparecimento de Daniel. Para evitar abalar a coesão do grupo expondo o relacionamento de Elizabeth e Daniel, e a sua cumplicidade, Dib convenceu-a a ocultar o verdadeiro motivo da presença dos dois em Saint-Germain-en-Laye. Elizabeth concordou, consciente de que aquela mentira começara muito antes, quando ela e Daniel se apaixonaram.

Dib não se alongara nas explicações quando telefonou para informar que Daniel tinha desaparecido, deixando-os ansiosos e

preocupados. Agora eles queriam saber os detalhes do enigmático evento. Alessia foi a primeira a falar, indo direto ao ponto:

— O que aconteceu?

Dib explicou que Daniel decidira ir para Saint-Germain-en-Laye. Os três jantaram no hotel onde estavam hospedados, e Daniel quis falar com Elizabeth em privado.

— Por quê? — perguntou Miguel, desconfiado.

— Não houve tempo para ele dizer o que pretendia, não foi, Elizabeth? — inquiriu Dib.

— Sim — concordou, fixando o olhar num ponto além da janela, onde estava apoiada.

— Conte-nos como tudo se passou — pediu Miguel, olhando diretamente para Elizabeth. Ela lembrou a ternura com que Daniel a beijou antes da estranha figura o levar.

— Elizabeth? — chamou Dib, tentando fazê-la pensar no discurso que haviam alinhado. Ela manteve o olhar fixo além da janela e começou a falar:

— Estava no quarto de Daniel quando escutamos uma voz masculina. Ele estava sentado numa poltrona, no canto mal iluminado do quarto.

— Quando você entrou no quarto, reparou se havia mais alguém? — perguntou Seth.

— Não parecia haver — revisitara a imagem dezenas de vezes, buscando algum pormenor que tivesse escapado e pudesse ajudá-la a entender o que acontecera, ou desse alguma pista sobre a possibilidade de Daniel continuar vivo.

— Então essa voz surgiu do... nada? — insistiu Seth, surpreendido.

— Praticamente. Foi como se ele se tivesse materializado ali, de repente.

— E o que ele disse? — quis saber Uchoa.

— Que tinha que levar Daniel — fez uma pausa, antes de explicar:
— O mais estranho é que Daniel não se surpreendeu ao escutar a voz. Era como se estivesse esperando aquele homem.

— Você o viu? — perguntou Alessia.

— Não, mas... — hesitou antes de revelar o que a incomodara desde o incidente, e que não confessara sequer a Dib. — Vocês vão pensar que estou imaginando coisas...

Dib olhou para ela, sentindo-se tenso com as revelações que ela poderia fazer. Não fazia a mínima ideia do que ela iria dizer, e aquilo não estava previsto nos seus planos.

— Nós não vamos pensar nada — assegurou Alessia, incentivando-a: — Diga Elizabeth.

— A voz dele era parecida com a de Daniel. Tinha apenas um tom mais metálico. E quando Daniel se aproximou dele, e os dois estavam no canto escuro do quarto, eu tive dificuldade em distingui-los. Eu sabia qual deles era o Daniel porque o vi caminhar para lá, mas eles tinham a mesma estatura, a mesma compleição... Não sei explicar.

Elizabeth estava confusa e o que estava dizendo não tinha lógica. A sala ficou silenciosa. Todos olhavam fixamente para Elizabeth e ninguém entendia o que ela estava dizendo.

— Não sabe explicar o quê, Elizabeth? — perguntou Miguel, sentindo que a revelação que ela tinha acabado de fazer os estava conduzindo para um novo enigma.

— Eles eram iguais — confessou baixinho, olhando para Miguel.

A sala mergulhou novamente no silêncio. Eles se entreolharam sem saber o que pensar ou dizer. Nada do que Elizabeth dizia parecia ter muita lógica. Miguel foi o primeiro a falar, tentando racionalizar:

— Como é que eles eram iguais? Está dizendo que Daniel tem um... — Miguel hesitou à procura da palavra — “clone” que veio buscá-lo, vindo sabe-se lá de onde? — questionou sem esconder o espanto, mas se esforçando por manter o seu habitual pragmatismo.

— Não sei. Eu não vi o rosto dele — lembrou Elizabeth. — Mas fisicamente é parecido com Daniel. Eu mal os distingui quando estavam lado a lado.

— E ele levou Daniel? Para onde? — questionou Alessia, tão perturbada quanto os restantes, com as revelações que estavam sendo feitas, mesmo sabendo que Elizabeth não tinha como saber para onde Daniel tinha sido levado.

— Não sei. Eles se evaporaram... Desapareceram no ar. De repente. Não sei para onde foi o corpo dele — disse inconformada. — Talvez ele esteja vivo, em algum lugar.

— Ele fez um trato, uma troca. Não é possível que tenha sobrevivido — murmurou Seth. — Dib, o que você acha?

— Daniel é especial — respondeu devagar, escolhendo bem as palavras.

— Somos todos especiais — argumentou Uchoa, se referindo à tríade que formava a essência de cada um deles: animal, humana e divina.

— Não em comparação com Daniel. Ele é... — Dib hesitou à procura de uma expressão que não pareceu encontrar, enquanto todos estavam suspensos, aguardando o que ele diria. Não fazia sentido o desaparecimento de Daniel, nem aquela semelhança com quem o levou.

— Ele é o quê, Dib? — perguntou Alessia, ansiosa.

— Não posso falar sobre isso — anunciou Dib, após alguns segundos de silêncio.

— Como não? Somos irmãos — argumentou Uchoa. — Precisa nos contar.

— Não é algo que me pertença e eu possa contar. Fiz um juramento.

— Também fez um juramento à Ordem — reforçou Uchoa, insistente.

— Este juramento pesa mais, nestas circunstâncias — respondeu Dib, baixando a cabeça, como se o peso do que ele estava carregando, fosse maior do que ele podia suportar.

Miguel escutava Elizabeth, e agora Dib, sentindo uma lembrança emergir vagamente na sua memória. Não conseguia dizer o que era, mas parecia algo ligado a Daniel, algo que havia vislumbrado quando tiraram a informação do interior da Laranja Dourada. Sentia a lembrança rondando, como se fosse uma daquelas palavras que alguém quer recordar, e está na ponta da língua, se negando a aparecer. Mas ele sabia que a memória se definiria em algum momento.

— Tenho a impressão de saber algo sobre Daniel, algo que estava na Laranja Dourada — confessou Miguel, perscrutando os olhos de Dib, mas ele não deu sinais de se perturbar com o comentário de Miguel. — Foi assim que você descobriu esse *mistério* sobre Daniel?

— Não. O que sei sobre Daniel é um conhecimento antigo. Muito antigo. E fiz um juramento — acrescentou Dib, para mostrar que não iria revelar fosse lá o que fosse que sabia.

— E tem a ver com o homem que o levou? — perguntou ardilosamente Miguel. Dib olhou-o com tranquilidade, e disse, com a firmeza autoritária da sua nova posição de líder:

— Vou repetir uma vez mais: não falarei sobre isso.

— Dib, ele pode estar vivo? Há alguma possibilidade? — inquiriu Elizabeth, com esperança.

— Não — respondeu devagar, como se lhe custasse dizer aquela palavra.

— Mas você disse que ele era especial. Talvez sobreviva — argumentou ela.

— Acredito que aquela figura que veio buscá-lo é a morte. Sabemos que a morte adquire formas diferentes para cada pessoa. Ninguém negocia com a morte, Elizabeth. É o último estágio desta vida, o estágio obrigatório pelo qual temos que passar para evoluir — afirmou Dib, consciente de que todos queriam alimentar a secreta esperança de que Daniel pudesse retornar, rejeitando assim a morte dele. Mas Dib sabia que aquilo os impediria de seguir adiante e não podia permitir que a Ordem ficasse paralisada esperando um improvável retorno de Daniel.

— Quando acontece algo violento com um de nós, todos sentimos. É uma corrente que se quebra, e o impacto é mais forte entre os que caminham juntos — Elizabeth expressava uma opinião geral que ainda não havia sido verbalizada. — Nós sentimos fisicamente a perda de Kent, mas ninguém sentiu o mesmo com Daniel. Eu caminhei com ele e não senti a sua dissolução. Isso significa que ele está vivo, em algum lugar.

Por momentos cada um ficou preso em seus próprios questionamentos e o silêncio invadiu a sala. O que Elizabeth dissera era lógico e todos haviam pensado o mesmo. Embora soubessem que a morte era irreversível, tinham dúvidas: e se ele ainda estivesse vivo por alguma razão ligada ao segredo que Dib sabia? E que segredo era aquele? E quem era o homem que levara Daniel, e Elizabeth dizia ser parecido com ele? Seria mesmo a morte, como Dib supunha?

Dib interrompeu o silêncio, ciente do que precisava ser feito, e quando falou foi para destruir intencionalmente qualquer resquício

de esperança que pudesse haver sobre Daniel:

— O segredo de Daniel está ligado à sua natureza. Mais exatamente ao equilíbrio das suas três naturezas. Talvez por essa razão o seu corpo tenha desaparecido ao transferir-se diretamente para a dimensão da morte, em vez de se destruir, como acontece conosco. E nenhum de nós sentiu a perda de Daniel porque não houve dissolução. Mas não há a menor possibilidade de ele superar a morte. Ele está em outro plano — concluiu Dib, encerrando o assunto e sabendo que as perdas de Daniel e Kent seriam difíceis de superar. Especialmente a de Daniel, porque o seu corpo tinha desaparecido. Percebeu que, apesar dos seus argumentos firmes, os Guardiões continuavam esperançosos de que Daniel continuasse vivo, e isso os impedia de passar por um luto pleno.

Eram oito horas da manhã de uma sexta-feira fria e chuvosa. As gotas finas e persistentes batiam contra as vidraças das janelas da enorme sala de Max Kùchler. Ele bebeu o último gole do café aromático e pousou delicadamente a xícara sobre o pires de porcelana branca. Preparava-se para ir trabalhar quando a empregada lhe entregou um envelope que havia sido colocado na caixa do correio. Ele analisou-o com curiosidade: o envelope branco tinha o seu nome e endereço manuscritos numa caligrafia perfeita e familiar, que o incomodou.

Abriu o envelope e, pela abertura, deu uma espiada rápida no conteúdo. Tomou um choque e demorou alguns segundos para se recompor, antes de se dirigir para o seu escritório particular e trancar a porta. Despejou o conteúdo sobre a mesa. Havia duas dezenas de fotografias e um pequeno cartão com uma única palavra rabiscada em alemão: *Selbstmord*. Suicide-se. A palavra em tinta

negra, estrategicamente posicionada no centro imaculado do cartão, lhe provocou a sensação física de ter sofrido o impacto de uma pancada violenta no estômago. Levou vários minutos para compreender todas as implicações. Sentiu as mãos tremerem e um suor frio percorreu o seu corpo. Teve uma sensação de enjoo. Leu a mensagem algumas vezes, recusando aquilo que o seu cérebro começava a racionalizar.

Finalmente pousou o cartão sobre a possante mesa de madeira, achando irônico que um cartão tão pequeno, contendo uma única palavra, pudesse ter um poder tão devastador.

Analisou as fotografias uma por uma, com atenção fixa. As imagens eram chocantes.

Decidiu que não iria trabalhar. Telefonou à sua secretária e pediu que cancelasse todos os seus compromissos para aquela sexta-feira.

Küchler passou o dia e o final de semana fechado no escritório, revendo as fotografias e digerindo a mensagem do cartão. O incidente com Dieter Steinbach, dias antes, adquiriu uma nova dimensão. Compreendeu, finalmente, que embora fosse o presidente da Sociedade, o verdadeiro poder estava nas mãos do mais jovem integrante do grupo, responsável por controlar a economia europeia, para que eles se beneficiassem disso. Küchler participara de todos aqueles planos e lucrara muito com eles, mas considerava inaceitável a criação da NOPE para controlar a Europa. Conhecia bem a dramática história do Terceiro Reich, os milhões de mortos e a humilhante derrota alemã na Segunda Guerra. Küchler sempre se opusera ao uso da força. Mas o conteúdo do envelope, que descobrira ter sido enviado por Dieter Steinbach ao analisar a caligrafia perfeita, apresentava uma realidade contra a qual não podia lutar.

A ideia de suicídio se consolidou na sua mente durante o fim de semana: Kùchler sabia que os Dragões estavam oferecendo uma saída honrosa, e se não aceitasse, mandariam assassiná-lo, destruiriam a sua reputação e confiscariam os seus bens, deixando a sua família na miséria. Ele reconhecia naquela oferta o funcionamento rígido da organização.

Domingo à noite, a sua decisão estava tomada e os motivos eram claros: Kùchler precisava, acima de tudo, salvaguardar a sua família.

Nas últimas horas de vida percebeu o quanto fora ingênuo por ter acreditado que poderia influenciar os planos da Sociedade, urdidos durante anos, e que já estavam sendo implantados sem o seu conhecimento. Kùchler agora entendia que Dieter sempre soubera das suas reservas sobre os limites de atuação da Sociedade, e por isso o mantivera afastado do que estava acontecendo. Tornara-se óbvio que Dieter era o verdadeiro líder e orquestrara tudo nas sombras. A única coisa que escapava a Kùchler eram os motivos para Dieter possuir um poder tão grande, sem qualquer esforço aparente. Talvez aquele fosse mais um dos segredos que ele desconhecia.

Na segunda-feira, bem cedo, Kùchler encaminhou o envelope com todo o seu conteúdo, inclusive o pequeno cartão branco ordenando o seu suicídio. Temendo que pudesse ser interceptado, Kùchler colocou-o pessoalmente no correio. Em seguida voltou para casa, fechou-se de novo no escritório e acabou com a sua vida.

Max Kùchler, um respeitado e bem-sucedido empresário, suicidou-se desconhecendo que o envelope contendo o terrível segredo da Sociedade do Dragão Verde não chegaria às mãos do seu destinatário, Daniel De Payens, desaparecido dias antes.

Martha trabalhava no correio da pequena vila, com menos de mil habitantes. A civilização tardava em chegar ali, e a vila se assemelhava a uma pequena clareira no meio da densa floresta amazônica, no coração do Pará, no norte brasileiro. Uma única estrada de terra ligava a vila à cidade mais próxima, que distava cem quilômetros: por ali saíam e chegavam as pessoas, as notícias, as encomendas e os mantimentos.

Martha chegara à vila alguns meses antes, e em pouco tempo conquistara todos: escrevia e lia cartas para os que não sabiam ler e escrever. Antes de Martha, o correio era aberto uma vez por semana por um funcionário da cidade vizinha, e na época das chuvas só abria quando a estrada não estava intransitável. Agora, além do correio funcionar todos os dias, era ponto de encontro: Martha tinha sempre algumas revistas, e as pessoas criaram o hábito de ficar junto da porta lendo e conversando. Martha também pôs um computador no correio, mas ao ver como muitos lutavam para enviar um simples e-mail, aliou-se à diretora da escola, para darem cursos gratuitos de internet, no final do dia, três vezes por semana.

Era grata àquela gente simples que a aceitara grávida, sem julgamentos, e ainda salvara a sua vida e a do seu filho. Fernando nasceu numa noite escura, no auge de uma tempestade tropical medonha. Quando Martha sentiu as dores de parto, não tinha como chegar ao hospital da cidade, pela estrada escura e traiçoeira. Não se via um palmo e chovia como se o mundo fosse acabar. O único posto de saúde da vila só funcionava às terças-feiras, quando o médico da cidade lá ia. Desesperada, saiu de casa, desafiando o temporal e atravessou a única rua da vila, para bater na porta da vizinha mais próxima. Dona Clara, uma septuagenária com olhos perspicazes, deitou-a na sua cama e pediu que esperasse. Saiu de casa, ignorando a chuva e a escuridão e voltou algum tempo depois

acompanhada de uma índia de rosto maduro e redondo. As duas lavaram-na, prepararam água quente e toalhas, e fizeram o parto de Fernando. Martha ficou na casa de dona Clara por dois dias, e quando voltou para a sua casa, a vila inteira já sabia do acontecido.

Alguns dias depois, Martha voltou a abrir o correio, levando Fernando numa cesta, que pertencera a César, o único filho de dona Clara, desaparecido numa viagem que haviam feito para São Paulo, mais de quarenta anos antes, quando ele era ainda um bebê de colo. Aquela era uma história triste que dona Clara evitava.

Ela se apegou ao menino, como se fosse sua avó, e Martha deixava Fernando com ela sempre que precisava. Dona Clara dizia que Fernando nascera numa noite de tempestade, porque haveria de mudar muitos destinos. Martha sorria com os vaticínios da velha senhora. Mas talvez ela tivesse razão, porque, certa tarde, ao pensar na forma como Fernando preencheria a sua vida, Martha decidiu procurar por César, o filho perdido de dona Clara.

O escritório era sóbrio e formal, mobiliado com madeiras nobres e escuras. Dieter Steinbach, de pé, olhou para Rolf Merten, o ministro das finanças. Os seus olhos frios provocaram um arrepio na nuca do ministro, fazendo com que se mexesse desconfortavelmente na cadeira posicionada por trás da mesa.

— Não podemos fazer isso — afirmou o ministro com firmeza, apesar das ameaças veladas de Dieter. Ele queria que Rolf tomasse medidas para agravar a crise.

— Não cabe a você decidir — informou Dieter, indiferente à opinião de Rolf.

— Veremos — retrucou o ministro, irritado. Não podia admitir aquelas interferências no seu governo. Em 2008, a crise econômica

alastrara-se pelo mundo com a falência do banco Lehman Brother nos Estados Unidos, colocando o sistema financeiro mundial à beira do colapso. Embora alguns governos tivessem injetado bilhões na economia de seus países para tentarem salvar os bancos privados, a crise acabou se concentrando na Europa. Na sua origem estava uma desenfreada especulação financeira, fomentada por grandes grupos econômicos — os mesmos que agora controlavam a economia mundial e tinham interesse em agravar a crise para manterem os seus lucros bilionários. Dieter Steinbach pertencia à cúpula do Dragão Verde, um desses grupos tão secretos que Rolf só soubera da sua existência três meses antes, pouco depois da sua nomeação como ministro das finanças.

Dieter curvou os lábios finos numa espécie de sorriso e, sem responder à provocação de Rolf, se limitou a anunciar:

— Temos uma reunião na próxima sexta-feira, às nove da noite. Na minha casa de campo.

Rolf tentou controlar a irritação crescente, provocada por mais aquela informação dada como se fosse uma ordem.

— Estarei fora da Alemanha na próxima sexta-feira — respondeu, em tom de desafio. — Tenho uma reunião com os ministros europeus para avaliarmos os efeitos da crise.

Dieter, que já se encontrava com a mão sobre o puxador da porta, pronto para abandonar o escritório, voltou atrás e com alguns passos largos aproximou-se da mesa do ministro. Ficou parado alguns segundos, avaliando o rosto ligeiramente exaltado de Rolf Merton. Percebia as razões da sua irritação, mas Rolf parecia ter esquecido que fora nomeado com o apoio da Sociedade, para cumprir os seus planos. Disse com o rosto hermético, sem expressar emoção:

— Contamos com você — fez uma pausa, antes de avisar. — Esse lugar de ministro é muito... volátil. O poder está onde está o dinheiro. Não se iluda: nós somos o verdadeiro governo.

Rolf ouviu a porta se fechando nas costas do homem e sentiu a raiva se apoderar dele. Podia, finalmente, extravasar as emoções. Pegou o pesado pisa-papel de prata, que estava sobre a mesa, e atirou-o contra a parede mais próxima. O objeto fez um estrondo seco, ao chocar-se na parede, deixando uma marca redonda de tinta descascada. A secretária entrou na sala, assustada com o barulho, mas ele fez um gesto rápido, mandando-a sair, sem dizer uma palavra. Sabia que estava nas mãos daquele grupo, mas só agora começava a entender que não tinha liberdade para governar. Eles pareciam saber tudo e estar em todo lado.

Antes que todos partissem de novo, Dib precisava resolver um assunto pendente e começar a imprimir o seu ritmo à Ordem.

— Decidi adiar o ritual da Consagração que confirma o meu lugar de Supremo — comunicou, causando estranheza.

— Pode fazer isso? Assumir o lugar de Supremo sem a Consagração? — inquiriu Uchoa.

— Não. Nesse caso serei o Supremo porque vocês me legitimam, e não pela minha força ou sabedorias extraordinárias, como aconteceu com Arturo e Daniel.

— E por que não se submete ao ritual? — perguntou Miguel, sem entender como alguém poderia recusar tal poder místico e absoluto, um poder que ele desejara centenas de anos antes. E continuava desejando secretamente.

— Existe sempre o risco de dissipação durante o ritual, e a Ordem está reduzida a cinco elementos. Não creio que a minha

Consagração seja a melhor opção para garantir a continuidade da Ordem. Se eu me dissipar, ficará reduzida a quatro.

Miguel reconheceu a sabedoria e o altruísmo de Dib: primeiro pensou na Ordem e depois nos seus desejos, se é que Dib os tinha. Tratava-se de um ser enigmático, que mantivera uma relação de grande cumplicidade com Daniel, e provara mais uma vez a sua lealdade não revelando os segredos dele, mesmo após a sua misteriosa morte. E agora estava também mostrando o seu comprometimento com a Ordem, negando ceder à tentação da Consagração, que lhe daria o poder máximo. Dib não parecia alimentar ambições pessoais, nem parecia necessitar lutar contra os desejos humanos que assombravam todos eles em algum momento das suas vidas.

— É uma decisão sábia — comentou Miguel, sem esconder a sua admiração.

O comentário de Miguel confirmou que Dib tomara a decisão certa: ao rejeitar o poder máximo dos Guardiões, ele ganhara a fidelidade e o respeito de todos eles.

— Vocês voltam para São Paulo e organizam a mudança para Lisboa. Eu não irei. Preciso me inteirar dos assuntos da Ordem, aqui e no Mosteiro — esclareceu com a sua calma habitual. — Gostaria que mudassem em um mês. Besson, você virá conosco?

— Sim — confirmou, mais uma vez, percebendo que Dib exerceria a sua liderança com uma brandura firme, um traço muito presente na sua personalidade, mas parecia cada vez mais claro que ele não hesitaria em exercer o seu poder, caso fosse contestado.

— Encontro vocês em Lisboa, para iniciarmos a busca por novos Guardiões — avisou Dib.

— Será um processo penoso — comentou Alessia, recordando o que acontecera quando procuravam um guardião que substituísse

Miguel. Ironicamente, esse guardião se transformara no Supremo que Miguel tanto desejara ser. Do ponto de vista simbólico, Dib estava ocupando o lugar que pertenceria a Miguel, se ele não tivesse abandonado a Ordem.

2. Semeando violência

Nos indivíduos, a loucura é algo raro — mas nos grupos, nos partidos, nos povos, nas épocas, é regra.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Em um discreto apartamento na Sophienstraße, uma rua central, porém sossegada, de Berlim, o jovem de trinta e dois anos arrumava algumas roupas em uma sacola de viagem preta, enquanto repassava certos detalhes da missão com o seu colega:

— Hans, o objetivo é apenas criar desordem.

Hans Müller, de vinte e três anos, tinha um jeito aguerrido, sempre disposto a levar tudo até às últimas consequências. Era um soldado treinado para viver em estado de alerta, como se houvesse dentro dele uma mola que disparava ao menor estímulo.

As instruções de Klaus Jürgen confundiram-no ligeiramente.

— Achei que tínhamos que causar o máximo de destruição.

— Sim, mas de forma que pareça um ataque organizado pelo povo — afirmou Klaus.

— Não entendo por quê... — respondeu Hans.

Klaus guardou a última peça de roupa e começou a fechar a sacola, enquanto pensava que, apesar de Hans ser um excelente soldado, não devia muito à inteligência e, por vezes, era difícil fazê-lo compreender as coisas. Mas depois de entender o que tinha que fazer, era completamente confiável e cumpria ordens como ninguém. Foram essas características — lealdade e confiabilidade — que fizeram com que o escolhesse para aquela missão. Encheu-se de paciência e explicou mais uma vez:

— Precisamos nos misturar ao povo e incentivar confrontos entre a população e a polícia.

— Confusão com todos? — inquiriu Hans, de modo simplista.

— Sim — repetiu Klaus, cheio de calma. — Queremos que as manifestações e os movimentos sociais sejam desacreditados.

— Por quê? — perguntou de novo. Klaus já lhe tinha explicado aquilo, mas ele não tinha compreendido muito bem.

— Porque isso fragiliza as instituições e precisamos de governos frágeis para podermos controlar os países — repetiu Klaus, lembrando a velha máxima que ouvira durante anos sobre a necessidade de *dividir para conquistar*.

— E seremos outra vez poderosos — concluiu Hans.

— Sim — concordou Klaus, apertando os lábios, sem esconder o profundo desprezo que sentia pelos outros povos. — Vamos acabar com o lixo da Europa e construir um mundo perfeito, de ordem.

— De *puros* — acrescentou Hans, familiarizado com aquele conceito de gente pura e superior. Aquilo ele compreendia bem e fazia todo o sentido.

Klaus esboçou um sorriso frio, pegou a pequena sacola preta e anunciou:

— A partir deste momento somos ingleses. Vamos.

Hans seguiu-o prontamente, levando na mão uma sacola similar à de Klaus, contendo apenas roupas e alguns objetos de higiene pessoal. Deixaram o apartamento e entraram no táxi que já os esperava à porta do prédio, para se dirigirem ao aeroporto.

Eram ambos altos, de pele clara, olhos completamente azuis, e cabelo loiro cortado muito rente. Lembravam aqueles míticos guerreiros vikings com seus corpos perfeitamente equilibrados: magros, porém musculosos e ágeis. Juntos, formavam um par que chamava a atenção pela perfeição, mas como haviam sido treinados para desaparecer no meio das multidões, mantinham uma atitude discreta. Os dois falavam inglês como verdadeiros nativos de Londres, exatamente como a nacionalidade anotada em seus passaportes falsos, e desde que haviam saído de casa, não haviam pronunciado uma única palavra em alemão, como se tivessem apagado as suas origens.

Yurii Korolenko era filho de pai ucraniano e mãe alemã. Cresceu imbuído do espírito nazista, inculcado pela mãe até à data de sua morte, quando ele tinha quinze anos. Rudolf Halder, único irmão da mãe, que também contribuíra para aprimorar suas crenças nazistas, deixara de visitá-lo quando a irmã morreu. Halder e o cunhado não se davam bem exatamente por causa da política, mas Yurii lembrava bem daquele tio que nunca mais voltou a ver.

Embora Yurii tivesse nascido no Kosovo, onde passara grande parte da sua vida, mudara para a aldeia paterna poucos anos antes. O lugar ficava na região de Volínia, no oeste da Ucrânia, a quarenta quilômetros de Kovel, a cidade mais próxima. Ninguém sabia o que Yurii fazia enquanto viveu no Kosovo, mas ao chegar à aldeia, abriu uma loja com produtos diversificados: roupas, enlatados, louças,

filmes, best-sellers europeus e americanos, e alguns eletrônicos. Os mais jovens gostavam de conferir as novidades que sempre havia, e as jovens visitavam a loja para ver Yurii. Embora não fosse bonito, era interessante, solteiro e com uma ótima posição social para os padrões da aldeia.

Yurii tinha fama de corajoso e sempre ajudava quem precisasse. Porém, quando bebia, tornava-se desagradável e todos se afastavam dele para evitar brigas. Nunca arranhou problemas na aldeia, mas havia rumores sobre o seu comportamento beligerante quando ia a Kovel e bebia demais. Diziam que ele se metia em confusões por suas opiniões políticas radicais e por ter o hábito de agredir mulheres. Mas a maioria defendia que, apesar do gênio forte, ele era incapaz de fazer mal a uma mulher.

Naquela manhã, quando Aleksii e Roman saíram de casa, não faziam ideia do estado em que iriam encontrar Yurii Korolenko. Os dois amigos beiravam os sessenta anos e gostavam de caçar para os lados do antigo barracão, uma velha construção de madeira a três quilômetros da aldeia, e que já ninguém lembrava para que servira. Saíram bem cedo, quando ainda estava escuro e andaram devagar. Nevara durante a noite e a neve fofa dificultava a caminhada. Entraram no barracão, como sempre faziam, para beber um trago da aguardente que levavam na pequena mochila, e aquecer o corpo antes de começarem a caçada, na esperança de pegarem um coelho para um guisado.

Assim que abriram a porta viram Yurii Korolenko no meio do barracão abandonado. Estava com os braços e as pernas presos a quatro estacas de madeira encravadas no chão. O corpo nu, deitado sobre a terra fria, tinha marcas de tortura. Alguém passara algum tempo com ele, infligindo vários tipos de tortura. O crime chocou os dois, e a aldeia foi estremecida pelo horror.

A brutalidade da morte de Yurii avivou os rumores sobre seu temperamento violento. As especulações aumentaram e muitos achavam que era a vingança por algo terrível que ele fizera. Mas independente do que ele tivesse aprontado nada justificava o sofrimento a que fora submetido. A morte dele era o trabalho de alguém com ódio e frieza.

A polícia veio de Kovel para solucionar o caso, mas não havia pistas. A neve que caíra na véspera apagara todas as marcas de pegadas e no barracão não havia vestígios do assassino. Ninguém vira estranhos por ali — e aquilo só podia ter sido feito por um estranho, alguém de fora da aldeia, porque nenhum dos seus habitantes teria coragem e crueldade suficientes para perpetrar um assassinato tão horripilante quanto aquele.

Miguel pensara bastante sobre o assunto e havia decidido visitar Lucrezia Zani na prisão. Foi vê-la na única manhã que tinha disponível, antes do seu retorno a São Paulo.

Apesar do sacrifício de Kent ter possibilitado a derrota de Lucrezia, Miguel continuava com a impressão de que ainda não terminara sua história com ela. Além disso, queria descobrir o paradeiro da lança.

Imaginou que ela estaria privada da sua exuberante beleza. Porém, surpreendeu-se ao vê-la na sala de visitas: ela continuava jovem e linda. Por momentos, Miguel achou que ainda não passara tempo suficiente desde a prisão dela, para que os efeitos da decadência física se tornassem visíveis. Ela também estava surpresa, mas por razões diferentes: não esperava a visita dele.

— Não imaginava que fosse voltar a vê-lo. Pelo menos não aqui — disse com ironia. Minutos antes, quando anunciaram que tinha uma

visita, esperava a pessoa que deveria tirá-la da prisão, e jamais imaginou que fosse Miguel.

Ele observou a sala minúscula, antes de sentar-se em frente a ela, e percebeu que Lucrezia continuava sendo tratada da forma que Daniel havia sugerido: tudo era imaculadamente branco, inclusive as roupas. Mas haviam tomado medidas adicionais: algemaram as suas mãos à mesa de ferro, solidamente presa ao chão, acorrentaram os seus pés, um ao outro, e em seguida a uma enorme argola no chão.

— Essas algemas são para impedir que escape? — perguntou, apontando para as mãos dela, ignorando o comentário inicial de Lucrezia, alusivo à sua presença ali.

— Matei um dos guardas — informou, com um sorriso brando, lembrando o incidente.

— Ele a irritou? — provocou Miguel.

— Não — respondeu baixando a voz, com um brilho intenso nos olhos. — Preciso me alimentar e continuar forte até sair daqui.

Miguel percebeu que aquela seria a estratégia dela, enquanto estivesse presa — uma estratégia de sobrevivência. Ele conhecia bem o drama dela, porque também estava precisando se alimentar. Daniel tinha razão quando afirmou que Lucrezia o alimentara com a sua energia enquanto eles mantiveram um relacionamento. Mas agora, Miguel sentia sua energia diminuindo, e sabia que, em breve, não lhe restaria outra opção senão absorver mais uma alma humana.

— As chances de matar alguém reduziram muito. Da forma como a prenderam, há poucas hipóteses de repetir o feito — argumentou Miguel, estudando-a.

— Basta um segundo de distração — avisou baixinho, confirmando que aquele era o seu único objetivo enquanto estivesse ali.

— Você não sairá daqui viva, Lucrezia — lembrou Miguel, sério, como um juiz anunciando uma sentença de morte. — E quando morrer o seu castigo continuará em outro lugar.

— Não esteja tão certo — afirmou com uma segurança inesperada, que o deixou de sobreaviso. Miguel notou que ela planejara algo e não parecia estar blefando.

— Suponho que tem planos para o seu futuro?

— E para o seu também — afirmou ela, com um sorriso, analisando-o. Miguel continuava a atraí-la, como um ímã ao qual ela era incapaz de resistir. Ainda o desejava, mas também o odiava: ele era o responsável por ela estar presa.

— Pretende me destruir? Não será fácil — comentou, divertido, continuando a provocá-la. Sabia que Lucrezia perdia o controle com certa facilidade quando ficava com raiva. Achou que se a irritasse bastante talvez ela desse alguma indicação sobre os seus planos. O fato de estar ali, presa à mesa e ao chão, naquela situação humilhante, já era suficiente para deixá-la vulnerável, facilitando o seu objetivo.

— Será fácil se eu estiver com a Lança do Destino — contrariou, avaliando-o com atenção, para ver como ele reagiria à informação. Mas Miguel manteve o semblante tranquilo, sem dar sinais da importância que aquela informação realmente tinha. Ele sabia que só Lucrezia conhecia o paradeiro da lança, mas o que não sabia, e acabara de descobrir, é que ela podia ter acesso à lança. E isso não era nada bom. Deduziu que a sensação de que a sua ligação com ela não terminara talvez estivesse ligada à lança.

— Primeiro terá que sair daqui — zombou e notou os olhos dela faiscarem de ira.

— A lança virá até mim — afirmou, antes de baixar de novo a voz, para informá-lo quase num sussurro. — Ela está nas mãos do seu

herdeiro natural, aquele que vai liderar o mundo, não como Lúcifer queria, mas como eu planejei. Poderia ter sido o nosso filho. Mas você o matou — disse, com ódio. Aquele filho assombrava os dois, porque ambos acreditavam que ele poderia ter dominado o mundo. Lucrezia desejava tê-lo visto ocupar o lugar de Lúcifer, e Miguel temia isso. Ele não respondeu. Não queria falar sobre o filho: havia-o libertado do Punhal das Almas e percebera que ele era uma alma forte, predestinada à maldade, como a mãe. Estava seguro de ter tomado a decisão certa destruindo-o, mas era seu filho.

Manteve-se em silêncio, atento às pistas que Lucrezia estava lhe dando sobre a existência de uma nova ameaça. Estava surpreso com a notícia, e embora se esforçasse para manter o autocontrole, Lucrezia percebeu que conseguira chocá-lo.

— Achou mesmo que eu só teria um plano? Levei anos organizando, para que nada pudesse dar errado. Esperando o momento certo — confessou Lucrezia, com uma gargalhada, feliz por revelar que os seus planos estavam se concretizando, e não havia como impedi-los. Nesse instante, Miguel compreendeu que a Ordem havia descartado Lucrezia muito cedo, e talvez fosse tarde demais para impedi-la. Miguel recuperou a sua fleuma habitual:

— E o *herdeiro natural* virá resgatá-la?

— Sim — respondeu, segura, rodando ligeiramente os pulsos dentro das algemas.

— A não ser que você tenha deixado de ser necessária para ele — anunciou Miguel em um tom jocoso. Lucrezia enfrentou-o com o olhar em brasa: aquela possibilidade terrível já havia cruzado os seus pensamentos. Apesar do *herdeiro natural* já estar com a lança, Lucrezia se negava a acreditar que ele fosse abandoná-la ali. Mas os dias estavam passando e ele ainda não dera notícias. Ele sabia onde ela estava: Lucrezia ocupara as notícias do mundo todo. Miguel

percebeu que tinha atingido um ponto nevrálgico: se a sua hipótese de que o *herdeiro natural* a tinha abandonado se confirmasse, era uma oportunidade que lhe permitiria negociar. Ela ficou imóvel, olhando-o em silêncio. Miguel compreendeu que a conversa terminara. Levantou-se e, antes de abandonar a sala, anunciou de modo quase inaudível:

— Eu posso oferecer alternativas, se o seu *herdeiro natural* a abandonar. Pense nisso.

Oliver Bassan tirou o envelope pardo da caixa postal e guardou-o no interior do elegante casaco azul-escuro, antes de voltar a abotoá-lo para enfrentar o frio londrino. A tarde estava chegando ao fim e as luzes da cidade já estavam acesas. Atravessou a rua, apanhou o metrô e foi para o seu confortável apartamento. Fez um chá, sentou-se num dos sofás da sala e, finalmente, abriu o envelope. Avaliou a fotografia: era uma mulher com a pele dourada, ligeiramente bronzeada, com cabelos negros e ar exótico. Chamava-se Tereza Sampaio Elliot e havia entrado para um programa de proteção de testemunhas. Mudara de nome e, certamente, de aparência, e o seu paradeiro era desconhecido. Dimitri Sergeevich acreditava que, apesar de Tereza ser brasileira, podia estar noutro país qualquer. Oliver discordava: mesmo com os acordos internacionais, a testemunha fica, em geral, sob a proteção do seu país de origem. E se ela estivesse no Brasil, como Oliver imaginava, seria relativamente fácil encontrá-la. Bastava conhecer a pessoa certa no lugar certo, por uma quantia adequada. Localizar Tereza poderia ser como procurar uma agulha num palheiro, mas Dimitri pagara, de novo, bem mais do que o seu preço habitual por aquele trabalho. Oliver deduziu que ele devia querer muito a morte dela. Pesquisou

as razões para isso e descobriu nas atas do julgamento de Dimitri que ela o traíra, tornando-se testemunha chave da promotoria pública. Oliver sabia bem que pessoas como Dimitri não perdoavam traições, até porque era um comportamento que enfraquecia o seu poder. Se houvesse rumores que ele perdoara um traidor, a sua força no mundo do crime diminuiria. Havia sempre alguém disposto a tudo para conseguir o poder, e a única forma de Dimitri mantê-lo era mostrar que não tinha compaixão — o que, aliás, era verdadeiro. Em contrapartida, Dimitri tinha um grande senso de lealdade.

Oliver seguiu a lógica do seu próprio raciocínio e começou por São Paulo, onde esperava encontrar alguém ligado ao programa de testemunhas, disposto a vender a informação pelo preço certo. Além disso, Oliver podia unir o útil ao agradável, aproveitando a ocasião para rever Alessia.

Dib retirou-se para o Mosteiro, onde leu vários dos diários recentes de Arturo e o único volume que Daniel havia escrito. Entrou, pela primeira vez, na Sala do Assombro, o reduto mais secreto do Mosteiro, e só então compreendeu a magnitude dos tesouros que estavam sob a sua guarda: objetos misteriosos com poderes terríveis, capazes de transformar homens em deuses e, depois, aniquilá-los. As ambições humanas giravam em torno do desejo por poder e riqueza. E a história já comprovara que, se os homens tivessem acesso a algum daqueles objetos, o usariam para subjugar os outros, deixando um rastro de destruição, como acontecera com Hitler e teria acontecido com Lucrezia Zani, se não a tivessem impedido.

Arturo fora responsável por encontrar a maior parte daqueles objetos, mas todos os Guardiões haviam contribuído para aumentar

aquela coleção impressionante. Porém, vê-los confinados no mesmo espaço tinha um efeito surpreendente e assustador. Dib sentiu-se impotente e, tal como acontecera com Daniel, foi assaltado por uma espécie de terror ao saber que era responsável por aquele tesouro terrível.

Desembrulhou cuidadosamente o Cálice, recuperado das mãos de Lucrezia, e colocou-o numa das prateleiras. Finalmente ele ocupava o seu lugar, ao lado de um pedaço de madeira e de um prego da Cruz de Cristo. Os dois Punhais das Almas, feitos a partir da esmeralda do anel de Salomão, continuavam com Miguel Besson, honrando o trato feito com Daniel. Mas faltava recuperar a Lança de Longinus, que já tivera a sua cota de participações em eventos nefastos. E, uma vez mais, desaparecera misteriosamente. Só Lucrezia sabia a localização.

Anoitecia quando Rolf Merten saiu de casa. Deixou Berlim e pegou uma estrada tranquila, com crescente número de árvores, à medida que se afastava da cidade. Dirigiu devagar, por duas horas, o dobro do tempo normal para ir da cidade ao local onde aconteceria a reunião. Havia estado ali uma única vez, após ter assumido o seu cargo. Na época estranhou o convite do JKW, um poderoso grupo de empresários, mas calculou que fosse uma reunião para parabenizá-lo e trocarem ideias sobre os rumos da economia. Rolf sabia que a importância deles era vital para a economia europeia, e não apenas alemã.

Ao contrário das suas expectativas, o encontro revelou várias surpresas desagradáveis. Rolf percebeu que o seu nome não fora sugerido ao governo por três dos empresários que conhecia e estavam presentes, mas havia sido imposto por aquele grupo de

doze homens, reunidos em volta da imponente mesa negra. Rolf foi sumariamente informado que aquela nomeação teria um preço.

Descobriu que o grupo JKW era o braço financeiro da Sociedade do Dragão Verde, uma instituição secreta, fundada nos primórdios do século XIX, e que também apoiara Angela Füller, a chanceler alemã. Ela fora eleita para consolidar a posição da Alemanha enquanto principal força econômica europeia e destruir as economias frágeis dos países do sul da Europa. A péssima administração desses países, aliada à crise, facilitara o plano. Apesar do seu excelente desempenho, Angela Füller foi afastada dos holofotes. O seu desejo pelo poder tornara-se demasiado evidente quando ela começou a tomar decisões para fortalecer a sua liderança pessoal, sem consultar a Sociedade. Embora o plano fosse o controle da Europa, os Dragões não tinham intenção de permitir que a chanceler assumisse um papel maior na Alemanha e muito menos a liderança europeia.

O afastamento de Angela Füller havia gerado estranheza, já que ela era vista como uma das pedras basilares da comunidade europeia. Porém, essa estranheza inicial foi substituída por aprovação quando os líderes europeus perceberam a relevância dada ao novo ministro das finanças, Rolf Merten, um jovem, mas proeminente economista, cheio de ideias inovadoras. O seu percurso acadêmico era irrepreensível: formado em economia na Alemanha, fizera o mestrado em Londres e completara o doutorado em Princeton, quando tinha vinte e cinco anos. Inteligente e brilhante teórico, era uma estrela ascendente da economia mundial. O seu novo cargo permitia que aliasse teoria e prática, e ele começava a pensar que conseguiria salvar a Europa.

Quando Rolf Merten entrou na sala, conduzido pelo impecável mordomo, viu-os sentados em volta da enorme mesa. Ninguém se

levantou exceto Heinrich Koch, que ocupava a cabeceira da mesa e fazia o papel de anfitrião, apesar de estar na casa de Dieter Steinbach. Koch, recentemente nomeado para a presidência do Bundesbank, se tornara o novo líder da Sociedade, reduzida a onze elementos após a morte de Max Kuchler.

Dieter ocupava o seu lugar habitual, à direita do líder, e cumprimentou o ministro com um leve aceno de cabeça.

Heinrich apontou a cadeira vazia ao lado de Dieter. Rolf ocupou-a, tentando aparentar tranquilidade. O ambiente silencioso e formal, embora não fosse tenso, era intimidativo. Rolf não sabia o que esperar da reunião, mas acreditava que estava relacionada com o seu novo plano para salvar a Europa da crise. E a conversa começou exatamente por aquele ponto, como Rolf imaginara. Fritz, um dos empresários, talvez o mais velho, que presidia uma das mais poderosas indústrias farmacêuticas, disse:

— Senhor ministro, quero parabenizá-lo pelo excelente trabalho que tem feito. Mas quero também lembrar quais as razões da sua nomeação: o senhor deve fortalecer a Alemanha e não salvar a Europa.

— Posso fazer as duas coisas — respondeu Rolf, sabendo que aquela afirmação podia parecer arrogante da sua parte, mas era a pura realidade.

— Não — disse o homem à direita de Fritz. Rolf reconheceu-o: era o principal acionista da empresa de telecomunicações que dominava o mercado europeu. — O seu papel, ministro, é apenas salvar a Alemanha. A Europa precisa afundar.

— A Alemanha é a Europa — argumentou Rolf.

— Exatamente — disse Heinrich devagar, esticando bem a palavra no tempo, enquanto movia a mão esquerda, envolta pela luva verde, igual à que Max Kuchler usara.

Rolf entendeu com aquela única palavra qual era o verdadeiro plano dos Dragões: destruir a Europa para que a Alemanha emergisse absoluta. Aquele cenário remetia para a dramática história recente da Alemanha, e Rolf não gostou da memória que o assaltou. Manteve-se em silêncio, avaliando rapidamente as suas opções. Sabia que não podia pactuar com um plano de destruição da Europa, porque isso poderia destruir a própria Alemanha. Porém, já percebera que qualquer oposição poria em risco o seu cargo e ele poderia ser substituído por alguém menos inteligente, que ao seguir os planos dos Dragões, afundasse a Europa e a Alemanha — tudo de uma assentada. Precisava ganhar a confiança deles, para descobrir exatamente o que pretendiam e, para isso, teria que se tornar um deles. A sala continuava silenciosa, aguardando a sua reação. Rolf raciocinava com rapidez, analisando os vários cenários. Por fim, respondeu:

— Compreendo.

Dieter, silencioso, com os olhos semicerrados, parecia alheio ao que acontecia na sala, mas todos haviam aprendido a reconhecer que ele se mantinha alerta sob aquela atitude mansa. E se os Dragões com suas ideologias puristas, seus planos econômicos maquiavélicos e suas pretensões bélicas eram perigosos, Dieter era o mais cruel dos seus membros. Informou num tom neutro, revelando a Rolf uma verdade terrível, que funcionava como uma ameaça:

— Max Küchler não compreendeu.

Rolf sentiu um frio na boca do estômago, mas manteve a aparência serena. Alguns jornalistas haviam se questionado sobre as causas e circunstâncias da morte de Küchler, mas o comentário de Dieter acabara com as suas dúvidas, por ser uma clara confissão de que o suicídio de Küchler foi algo imposto.

— Compreendo — repetiu Rolf, mais uma vez, acrescentando com sutileza: — E quero compreender.

Dieter encarou Rolf diretamente, avaliando-o com atenção. Precisava decidir quanta informação lhe daria, porque não desejava perdê-lo. Rolf era um economista excepcional e gostaria de tê-lo ao seu lado. Mas antes precisava saber o que ele estaria disposto a fazer em prol de uma nova Alemanha. Dieter decidiu aprofundar o caso de Küchler, para esclarecer alguns pontos sobre a atuação da Sociedade:

— Max Küchler compreendeu muito bem que, caso não se suicidasse, teria um acidente trágico e a sua família sofreria as consequências. É uma pena que a família acabe envolvida nestas situações. Mas esse é um procedimento antigo, que garante bons resultados. Erwin Rommel, um dos generais de Hitler, optou pelo mesmo destino de Küchler — Rolf conhecia bem o episódio: Rommel, um dos poucos generais de Hitler que não participou de crimes de guerra, foi implicado na tentativa de assassinato do Führer em julho de 1944 e forçado a se suicidar, para evitar que sua família fosse enviada para um campo de concentração e seus homens questionados. Por ser um herói temido e respeitado pelos alemães e pelos seus inimigos, os nazistas mantiveram o mito de Rommel, lhe dando um funeral com honras militares e afirmando que ele morrera devido a ferimentos de guerra.

Após uma breve pausa, para que o ministro começasse a entender as ligações dos Dragões com a filosofia nazista, Dieter continuou explicando:

— A nossa posição aqui é herdada, passa de pais para filhos. Somos educados para abraçar o nosso destino. Porém, Küchler nunca foi realmente um de nós: era sempre moderado, escolhendo soluções equilibradas. Esse posicionamento foi importante durante

algum tempo, mas deixou de ser útil para os tempos que se aproximavam.

Aquela explicação finalmente explodiu no cérebro de Rolf, fazendo-o compreender que estava perante um reduto de nazistas. A elite da sociedade nazista, que sobrevivera à Segunda Guerra, conseguira educar filhos e netos para que perpetuassem os seus valores. Sentia todos os olhares da sala sobre ele e sabia que a sua atitude, naquele exato instante, determinaria o seu futuro e, possivelmente, o da sua família, porque as palavras de Dieter continham uma ameaça clara. Tinha que ser cuidadoso. Fixou o olhar na mesa e se manteve em silêncio, consciente do incômodo que a sua atitude geraria. Pela primeira vez, desde que chegara ali, estava no controle da situação e aproveitou bem aquele tempo. Todos estavam em suspense, aguardando o que diria e ele usou aqueles momentos para se acalmar e preparar uma frase inteligente.

Foi Heinrich Koch quem rompeu o silêncio, que se tornara demasiado longo:

— Senhor ministro?

Rolf ergueu os olhos da mesa e encarou os seus interlocutores com aparente tranquilidade, antes de pronunciar uma curta frase, que não o comprometia e tinha múltiplos significados:

— Temos que pensar na Alemanha.

Naquele contexto, a frase foi entendida como uma cedência de Rolf Merten, uma concordância com os desejos dos Dragões, em prol da defesa da Alemanha. Mas Dieter não se convenceu. A lealdade do ministro à Alemanha precisava ser testada.

— Concordo. Mas até onde estaria disposto a ir para defender a Alemanha? — perguntou Dieter, forçando Rolf a revelar a sua posição.

— Quais são os planos? — perguntou astutamente. Dieter sorriu, antes de responder. Foi a primeira vez que Rolf o viu sorrir e achou-o quase humano: o sorriso transformava o seu rosto, suavizando a frieza dos traços sérios.

— Não podemos revelar os nossos planos, como compreende — respondeu Dieter, usando a mesma palavra que Rolf repetira minutos antes. — Mas vamos dizer-lhe quais os próximos passos para a Alemanha aumentar a sua influência na Europa.

— Já somos os líderes da Europa e ganhamos muito durante a crise — lembrou Rolf.

— Sim, mas precisamos ganhar mais e deixar o resto da Europa afundar no caos econômico para a Alemanha emergir como a única força, em torno da qual todos se curvarão.

Aquela ideia ia contra tudo o que Rolf acreditava: ele defendia que uma Europa forte tornaria a Alemanha mais forte e faria da zona do euro uma potência econômica, capaz de voltar a dar cartas no mundo. Mas começou a entender o objetivo deles.

— Existe a Inglaterra — comentou o ministro. Naquele momento, a Inglaterra era a segunda maior potência europeia e a sua posição era uma incógnita. Nas recentes eleições, ascendera ao poder um novo premiê que parecia disposto a mudar a forma como a Inglaterra vinha lidando com a crise.

— Cuidaremos da Inglaterra no momento oportuno — afirmou Dieter, dando a entender que aquela questão já estava sendo equacionada.

— E qual o meu papel? — perguntou Rolf, direto.

— Você deve fortalecer a Alemanha, e não salvar a Europa, senhor ministro — explicou Dieter, chamando-o daquela forma pela primeira vez. Rolf ficou um segundo em silêncio. Aquiesceu com um movimento de cabeça e perguntou:

— É só?

— Por enquanto, sim — respondeu Dieter, dando por encerrada a participação de Rolf.

O ministro despediu-se rapidamente e foi para o aeroporto. Precisava comparecer à cúpula para debater a crise. Além de ter que repensar a sua atuação após a reunião, tinha que assimilar a nova realidade com que se defrontara: tanto ele quanto a Alemanha estavam nas mãos de herdeiros do nazismo, dispostos a qualquer coisa para aumentar o seu poder econômico e político. Quando se sentou na poltrona, na primeira classe do voo para Londres, estava com uma terrível dor de cabeça. Sentiu um cansaço súbito, como se tivessem tombado vários anos sobre ele em vez de algumas horas. Rolf Merten acabara de perder a inocência.

A crise econômica na Europa, em especial na Grécia e nos países do Sul, gerou protestos crescentes contra a atuação dos governos.

A Grécia foi o primeiro país a entrar em colapso: famílias inteiras estavam desempregadas, as empresas continuavam falindo a um ritmo frenético, empréstimos não eram pagos e casas eram devolvidas aos bancos. A população não tinha perspectivas: sem trabalho, não tinha onde morar nem o que comer. Muitos, dominados pelo desespero e ameaçados por um futuro sem esperança, cometiam suicídio. A situação lembrava os dias negros da queda da bolsa em 1929.

No início eram apenas expressões pacíficas de indignação, mas rapidamente escalonaram e se transformaram em confrontos entre a população e as forças responsáveis por manter a ordem.

Klaus Jürgen e Hans Müller haviam desempenhado bem o seu papel nesses países: provocaram e incitaram o povo desesperado a

recorrer à violência. Os grupos, quando bem comandados, se transformam em turbas irracionais, como se houvesse neles uma inteligência superior capaz de anular a vontade própria dos indivíduos. Klaus lembrava-se bem desses ensinamentos, durante o seu treinamento, e usara-os com maestria. Compreendera o poder da manipulação das massas, e agora estava colocando em prática uma pequena parte do seu aprendizado.

Nove dias após os primeiros incidentes da Grécia, Klaus Jürgen e Hans Müller deram por terminada a sua missão e rumaram para Madrid, com o mesmo plano destrutivo, deixando para trás um saldo de cem mortos e muitos prejuízos.

3. Buscando aliados

Sente apenas, com as poucas faculdades que lhe restam neste momento para julgar, que este homem desvairado pulveriza o passado deles, o esmaga debaixo dos pés como se fosse vidro.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Elizabeth tinha a sensação de que haviam se passado anos, em vez de meses, desde a última vez que vira os amigos. A quantidade de eventos que vivera durante o período tornava o tempo mais amplo. Sabia que o seu mundo e o mundo deles não tinham mais nada em comum. Eram universos diferentes e ela deixara de poder partilhar a sua nova vida. Tentou se ajustar à normalidade deles e quis saber as novidades. Durante o jantar ficou sabendo que Jorge se mudara para casa da Ana, e embora continuassem relutantes em dar um nome à relação, estavam felizes.

Paula e Pietro lutavam com a possibilidade de se tornarem mais do que amigos, repetindo a história vivida por Ana e Jorge durante alguns anos.

Mas a grande novidade era o bebê que Áurea e André estavam esperando. Eles aproveitaram a ocasião e convidaram Elizabeth para

madrinha. Ela rejeitou, evitando magoar os amigos:

— Eu vou me mudar para a Europa — comunicou, segurando a mão de Áurea com carinho. — Acho que o bebê precisa de uma madrinha que esteja aqui, ao lado dele — Percebeu que o seu argumento fora convincente, e Áurea acenava com a cabeça, em sinal de concordância.

Quando Elizabeth se transformou no foco da conversa, comentaram que ela emagrecera e não parecia feliz, mas só quando Paula perguntou sobre Daniel, que a acompanhara ao casamento de Áurea e André, tudo pareceu se esclarecer.

— Daniel teve um acidente. Fatal — confessou, fazendo os amigos acreditarem que aquela era a razão da sua ida para a Europa, evitando, assim, mais perguntas tanto sobre a mudança quanto sobre Daniel.

Ao despedir-se deles, no final da noite, Elizabeth sabia que não voltaria a vê-los. Abraçou-os, tentando dominar as lágrimas. Cortar os laços era algo doloroso e ela começava a sentir o peso da vida de solidão a que os Guardiões estavam sujeitos.

Georgia Ivanović apresentou-se na polícia, em Kovel, e confessou que assassinara Yurii Korolenko. A sua figura magra e pálida, com olhos claros e parados, era incongruente com a imagem de uma assassina fria, capaz de torturar um homem daquela forma cruel. Ela não tinha força física para enfrentar alguém sólido e pesado como Yurii, mas contou como planejara tudo cuidadosamente. Estudou os hábitos dele e, certa noite, seguiu-o até um bar em Kovel, numa das visitas que ele fazia à cidade. Conversou com ele, seduziu-o, embebedou-o e convidou-o para acompanhá-la, levando-o de carro até o local isolado que escolhera com antecedência — o barracão

próximo da aldeia. Ele desceu do veículo e caminhou, tropeçando, ao encontro do terrível destino que lhe estava reservado.

Georgia além de confessar o assassinato, também se justificou. Contou como os pais e três irmãos foram assassinados. O capitão do grupo, Yurii Korolenko, poupou-a para lhe reservar um destino infame. Estuprou-a diariamente durante os três meses em que a manteve prisioneira. Por vezes, quando estava demasiado bêbado para estuprá-la, usava o cano da pistola, ou chamava os companheiros, enquanto ele observava, debochando. Os ataques bárbaros provocaram uma infecção que quase a matou e a deixou estéril. Ela foi salva por uma família que a encontrou ardendo em febre, seminua, abandonada no meio dos escombros da cidade destruída pelos bombardeios.

O pior de tudo é que, em momento algum, ele deu sinais de reconhecer a mulher que havia estuprado durante três meses. Tinham sido tantas mulheres, tantos estupros e mortes que ele não se lembrava do rosto dela. E essa havia sido a grande ironia do destino: ele não sabia sequer quem ela era, e ela nunca o esquecera.

A história trágica e a vingança cruel de Georgia encheram as páginas dos jornais. Ela passou de vítima a algoz e foi elogiada por uns e amaldiçoada por outros. Mas não encontrou paz. Alguns dias após a sua prisão, escreveu uma carta que chegou às mãos do seu destinatário, Miguel Besson, no mês seguinte.

Kovel, fevereiro de 2011

Miguel,

Achei que a morte de Yurii Korolenko me daria tranquilidade. Finalmente ia dormir uma noite. Queria uma única noite sem

pesadelos. Vingaria a minha família e todas as torturas que sofri durante noventa dias nas mãos dele.

Eu não tinha futuro, só passado. E do passado, só lembrava Yurii Korolenko. O meu futuro foi roubado no dia em que o encontrei. Ele não levou apenas a minha família, levou a minha dignidade, a possibilidade de eu amar alguém ou ter um filho. Torturei-o por um dia. Espanquei-o, queimei sua pele e fiz com ele uma pequena parte do que ele fizera comigo.

Quando me faltaram as forças, atirei no meio da sua testa, como ele fez com o meu pai. Mas em vez de paz, só existe vazio dentro de mim. Antes, vivia para me vingar. Depois de matá-lo, não sei o que fazer da minha vida. E continuo sem esquecer Yurii Korolenko. Agora, além de viver com o que ele fez, também sou obrigada a viver com o que eu fiz. Ele se juntou aos outros fantasmas da minha vida.

Não faz sentido eu ter feito justiça tratando Yurii Korolenko da mesma forma que ele tratou as suas vítimas e, no final, não ter encontrado alívio para o meu sofrimento. Talvez o caminho do ser humano seja o perdão, de que tanto falam, e não a vingança, que tanto queremos. Mas eu não fui capaz de perdoar — nem sei como fazê-lo.

Obrigada por ter me acolhido na Irmandade. Foi uma oportunidade que devia ter vivido de outro modo, se tivesse me libertado do passado. Mas, quando se está mergulhado no ódio, não existe nada para além disso. Só escuridão. Talvez um dia eu consiga ver alguma luz.

Um abraço,

Georgia

Miguel surpreendeu-se com a carta. Georgia não falava das suas emoções e ele tinha certeza de que aquele havia sido um grande passo para ela. A carta era o retrato de uma mulher vencida pelos seus demônios. Miguel percebeu o sofrimento e a solidão dela e contratou um advogado para defendê-la.

E foi por meio do advogado que Miguel ficou sabendo dos desdobramentos políticos do crime de Georgia: ela assassinara o sobrinho de Rudolf Halder, um alemão que parecia ter conexões políticas importantes e estava disposto a fazer com que ela pagasse duramente pelo crime.

Miguel compreendia que o desejo de Halder por justiça era legítimo, mas não mediu esforços para defender Georgia.

Rolf Merten decidiu que precisava de um aliado confiável, que não achasse que ele estava alucinando, dominado por teorias conspiratórias. Teria que ser alguém com poder e credibilidade, capaz de implementar os planos de recuperação da Europa — planos que ele continuava preparando, contrariando o veto da Sociedade.

Não estava apenas em jogo a sua vida, mas também a da sua família, e o futuro da Europa. Porém, por mais que observasse os seus parceiros europeus, não havia ninguém em quem se atrevesse a confiar. Todos pareceram suspeitos.

Os Dragões estavam em todo lado, e qualquer um podia pertencer àquele grupo maligno. Embora o tempo fosse um fator vital, Rolf tinha que avaliar cada um dos premiês e Chefes de Estado, e estar seguro de sua escolha, antes de dar um passo em falso e deitar tudo a perder. Pedira aos serviços secretos alemães dossiês sobre eles. Quando o Diretor disse que não podia disponibilizar aquelas

informações, em vez de se indignar, Rolf desenvolveu uma estratégia, dando início a um astuto jogo político.

Ainda não compreendera bem o funcionamento da Sociedade: Dieter era estranhamente mais relevante do que o presidente do grupo, Heinrich Koch. Dieter tinha um imenso poder — algum papel não revelado, que se sobrepunha ao papel dos outros Dragões Verdes, e as suas decisões eram acatadas por todos.

O ministro telefonou pela primeira vez para Dieter Steinbach.

— Não esperava o seu contato — respondeu Dieter, surpreso.

— Estou com um pequeno problema — avançou Rolf, sem subterfúgios. — Preciso de certas informações, mas o Serviço Secreto negou o meu acesso. Existe alguma razão especial para isso? — questionou, reconhecendo dessa forma o poder de Dieter. Ele ficou em silêncio por breves segundos, antes de perguntar, com formalismo:

— E por que deseja essas informações, senhor ministro?

Embora a pergunta lhe parecesse impertinente, porque ele era um ministro alemão, e não deveria estar naquela situação, Rolf respondeu calmamente:

— Preciso conhecer melhor os meus pares para adequar as nossas estratégias econômicas a cada um dos países. Acho que os resultados podem ser mais rápidos.

— Concordo — respondeu Dieter, que sempre admirara a inteligência de Rolf. — Vai ter acesso a toda a informação que necessita.

O diálogo com Dieter confirmou as suspeitas de Rolf: a Sociedade não apenas sabia tudo o que acontecia, como controlava as instâncias mais delicadas do governo alemão. Eles estavam infiltrados em tudo. Isso significava que todo o cuidado seria pouco. Sentiu o estômago embrulhado. Teve consciência de que estava

isolado contra aquele grupo de fanáticos empenhado em dominar a Europa.

Oliver saiu do aeroporto e foi envolvido por um calor abafado, como se estivesse entrando num forno gigante. Os dias de verão intercalavam um calor pegajoso de trinta e cinco graus com tempestades violentas. O sol impiedoso dava lugar a um ameaçador céu cor de chumbo, e uma chuva intensa inundava São Paulo em menos de meia hora.

Despiu o blazer elegante e entrou no táxi. Entregou ao motorista um pedaço de papel com o endereço do hotel e aproveitou o percurso para telefonar a Alessia.

— Oliver — disse, reconhecendo o número dele. Oliver telefonava todos os dias. Aquela rotina agradava-lhe, apesar de ele nunca ligar no mesmo horário. Por isso, ela vivia numa espécie de ansiedade permanente, aguardando o contato diário.

— Já acabou de empacotar tudo? — perguntou, com a sua voz agradável e bem-humorada.

— Praticamente — respondeu Alessia.

— Isso significa que já tem tempo livre?

— Sim, pelo menos nos próximos três dias, antes de embarcarmos para Lisboa.

— Era tudo o que eu precisava escutar.

— Por quê? Vem para São Paulo? — provocou, segura do oceano que os separava.

— Já estou aqui — respondeu devagar, com um sorriso, do outro lado da linha.

Ela sentiu um nó na garganta e ficou silenciosa, por um segundo, antes de perguntar:

— Por que não me avisou que estava vindo?
— Queria surpreendê-la.
— Conseguiu — confessou Alessia.
— Podemos nos encontrar no final do dia? Talvez jantar? — propôs.
— Onde? — aceitou, surpreendendo-o. Ele esperava a resistência habitual com que ela sempre reagia aos seus convites.
— Recomendaram-me um restaurante português, assim você já começa a se habituar à gastronomia — disse, sorrindo. — Posso passar em sua casa?
— É melhor eu me encontrar com você. Às oito. Envie uma mensagem com o endereço — respondeu. Quando desligou, as suas mãos tremiam ligeiramente. Por muito que repetisse que ele era um amigo, sabia bem que os seus sentimentos estavam se intensificando e todas as desculpas para manter aquela relação já haviam se esgotado. Alessia não tinha mais como se iludir de que não estava apaixonada.

Antes de deixar São Paulo, Miguel organizou uma última reunião com o Conselho da Irmandade. A partir daquele momento manteria contato por telefone ou e-mail, mas eles não voltariam a vê-lo, para evitar que a sua aparência levantasse suspeitas.

Decidira ler a carta de Georgia na reunião. Talvez as palavras dela ajudassem Penafór e Frederico, ambos incapazes de perdoar os responsáveis pelo seu sofrimento passado.

Quando terminou a leitura, percebeu que a carta tivera o efeito desejado: todos se mantiveram calados e a tristeza era visível em seus rostos. O percurso de Georgia não fora em vão. Decidiram que iriam apoiá-la e ajudá-la quando ela saísse da prisão. A coesão que

Miguel buscara durante anos, para a Irmandade no Brasil, acabou surgindo da forma mais inesperada.

Kami e Ambrósio assumiram o seu discreto romance, um encontro de duas pessoas sofridas, com um passado de cicatrizes, magicamente tocadas pelo amor.

Alguns dias depois daquela reunião, Frederico Buonaventura decidiu o que faria com os seus fantasmas. Falou com um jornalista e contou a sua história, revelando os nomes dos responsáveis pela sua prisão e tortura durante a ditadura. Quando tudo foi publicado, sentia-se como se tivesse expulsado um demônio de dentro dele. Aquele foi o primeiro de vários artigos, expondo vítimas e torturadores. Frederico podia, finalmente, seguir adiante. Dedicou-se a ajudar os outros com uma energia renovada, passando a envolver-se com situações de violação dos direitos humanos.

Dieter Steinbach olhou para a fotografia do filho com tristeza. Era muito bonito e, embora fosse parecido com ele, herdara alguns traços da beleza clássica da mãe.

Dieter percebera desde muito cedo as tendências do filho: a falta de interesse pelas mulheres apenas se acentuou com os anos e ele nunca se aproximou de nenhuma, por mais que o pai insistisse. Dieter não acreditava que o fato da mãe ter rejeitado Peter e morrido em um trágico acidente de carro antes que ele completasse um ano tivessem exercido qualquer tipo de influência na orientação sexual do filho. Ele achava que *aquele desvio* tinha nascido com Peter, para seu enorme desgosto.

Quando Peter Steinbach se suicidou, Dieter não conseguiu evitar uma sensação de alívio. Por muito que amasse o filho, ele seria sempre um constrangimento por ser a antítese de todos os

princípios que defendia. Os homens arianos deviam ser perfeitos, superiores. Ser gay era uma falha inaceitável para ele.

Os motivos do suicídio de Peter nunca foram totalmente esclarecidos, mas Dieter deixou que tudo permanecesse dúvida. Houve alguns rumores sobre um relacionamento entre Peter e um jovem francês, seu colega de faculdade, Jean Luc Messie. Porém, o pai do colega francês acabara com os rumores e, para salvar a reputação de Jean Luc, acabara ilibando a de Peter.

Dieter sentia saudades do filho. Pensava nele todos os dias e amava-o. Mas a morte dele salvaguardara os seus princípios políticos. Dieter achava que, embora pudesse haver outros motivos para o suicídio, a sua rejeição à homossexualidade do filho com certeza pesara na decisão dele.

Peter herdara as fraquezas emocionais da mãe. Por mais que Dieter tivesse se esforçado para ajudá-lo a desenvolver uma personalidade forte e a controlar as suas emoções com várias terapias possíveis, tudo havia sido em vão. Foi por isso que nunca lhe revelou a verdade, por temer que Peter não conseguisse lidar com ela, como acontecera com a mãe.

Lembrou-se, com nostalgia, da sua paixão por Helen. Eles eram muito jovens e Dieter acreditava que ela o amaria independente de qualquer coisa. Helen estava grávida de cinco meses quando ele decidiu revelar orgulhosamente o seu passado e os seus projetos futuros. Nesse dia trágico ela caiu da escada e quase perdeu o bebê. Os médicos recomendaram repouso e Dieter contratou duas enfermeiras para monitorá-la.

Achou que ela ficara feliz com tudo o que ele contara, mas o comportamento dela mudou. Primeiro pensou que fosse por causa do acidente e da gravidez, e se esforçou por entender o isolamento dela e a forma fria com que passou a tratá-lo. Aos poucos percebeu

que ela o estava rejeitando, e isso significava que também estava rejeitando as suas origens e planos. Por fim, descobriu que ela havia provocado o acidente na escada com a intenção de perder o bebê e, além da raiva que sentiu, passou a vigiá-la, para evitar que ela machucasse o filho.

Quando Peter nasceu Helen não quis vê-lo. Nesse período Dieter perdeu as esperanças de que ela voltasse a ser a mulher por quem se apaixonara e soube que a morte dela seria tão necessária quanto inevitável. Não podia permitir que ela arruinasse o seu futuro e fez aquilo para que foi educado e treinado: eliminou o problema. Nunca se arrependeu de ter adulterado o carro de Helen, para provocar o acidente fatal. Ele próprio pesquisara e testara, com a ajuda do único amigo de infância, Rudolf Halder.

O triste percurso da vida de Dieter podia se transformar num trunfo valioso. O fato de ser um viúvo, que perdera seu único filho, depois de criá-lo sozinho, eram episódios que contribuía para tornar a mística de Dieter Steinbach mais forte: aquela era a história de um homem que se dedicara ao trabalho para superar a dor. Um homem que representava a superação e a força que a Alemanha buscava e seria candidato a chanceler nas eleições seguintes.

Juan Penafor visitara várias vezes a pequena casa nos subúrbios da cidade. Desde que Miguel lhe dera o dossiê com a identidade do responsável pela morte do pai, ele observara a mulher miúda, que lutara sozinha para criar os dois filhos. Por vezes odiava-a, mas com a frequência das visitas passou a sentir pena. A sua dura vida, entre dois empregos, para conseguir pagar as despesas e criar os filhos, era extenuante. Embora os filhos, de dezoito e dezessete anos, trabalhassem e estudassem, a família vivia com dificuldades. Vera

parecia mais velha do que era, e a sua fisionomia revelava uma vida de sofrimento, resistência e luta.

Vera era filha única, de uma família de classe média, e o seu destino mudou quando os pais lhe ofereceram um carro usado, no dia em que ela fez vinte anos. Ela era responsável e trabalhadora, mas certa noite, depois de sair de uma festa onde bebera uma ou duas cervejas, atropelou um homem. Aterrorizada, tomou a pior das decisões e fugiu do local. Descobriu que o homem tinha morrido no hospital e a polícia estava procurando o responsável: os seus medos se intensificaram e ela tinha certeza de que seria presa. Contou aos pais, para tentar se livrar da culpa, e mais tarde, dividiu o terrível segredo com o marido. Quando o filho mais novo nasceu, o marido abandonou-a e nunca mais quis saber da família. Porém, anos depois, a troco de dinheiro, revelou o triste segredo de Vera ao investigador de Miguel Besson.

Naquela tarde de sábado, quando Vera estava sozinha em casa, Penafor se encheu de coragem e tocou à campainha. A mulher abriu a porta, e ele informou de supetão:

— Sou filho do homem que você atropelou há vinte anos.

Ela caiu num pranto convulsivo, e sem avisos, tombou de joelhos, tocando com as pontas dos dedos nos sapatos pretos e brilhantes dele. Foi como se estivesse esperando por ele para desabar. Parecia uma daquelas árvores centenárias, que cai bruscamente, quando atingida pela força de um raio. Penafor não sabia o que fazer. Levantou-a pelos ombros e conduziu-a para dentro de casa, fechando a porta, para evitar que a vizinhança visse a cena. Sentou-a no sofá. Ela se assemelhava a uma boneca quebrada, sem vontade própria. Penafor olhou em volta, viu a cozinha pela porta aberta e foi buscar um copo de água. Ela aceitou com as mãos trêmulas, respirando com dificuldade, entre soluços.

— Me perdoe. Eu matei o seu pai — confessou, chorando. — Pode chamar a polícia. Os meus filhos estão quase criados. Não vou negar o que fiz.

Penafor foi invadido pela compaixão ao se confrontar com o genuíno sofrimento da mulher. Percebeu que ela carregara um peso muito maior do que o dele. E nesse instante decidiu o que faria com a responsável pela morte do seu pai.

— Não vou chamar a polícia — avisou, para acalmá-la. — Vim resolver o nosso assunto: só eu e você. Precisamos os dois de paz — Penafor observava-a com atenção, vendo os olhos vermelhos e lacrimejantes e as rugas do rosto prematuramente envelhecido, quando pronunciou as palavras que mudariam a vida de ambos. — Eu perdooo você.

Ela olhou-o surpreendida. Não esperava aquela atitude. Achou que ele quisesse vingar-se. Foi assaltada por uma nova onda de choro. Com esforço, limpou os olhos na blusa, como fizera momentos antes, para tentar secar as lágrimas. As palavras dele pareciam ter o dom da cura: quase de imediato ambos sentiram que a escuridão os abandonara.

— Obrigada — murmurou, agradecida. — Obrigada. Que Deus o abençoe.

Ele tirou um cartão do bolso, anotou o celular, e colocou sobre a mesa simples.

— Se algum dia precisar, me telefone — disse, com sinceridade.

Quando saiu da casa de Vera sentia-se outro homem. O peso que o assombrara durante anos tinha desaparecido. Parou por um instante em frente à porta da casa dela e respirou fundo, com uma sensação de alívio. O seu único objetivo agora era descobrir onde estava Tereza Sampaio Elliot, a mulher que amava. Sabia que era difícil encontrar alguém que não desejava ou não podia ser

encontrado. Embora não fizesse a menor ideia de por onde começar, Miguel dissera que o ajudaria, e toda a sua esperança repousava naquela promessa.

4. Recomeços

[...] qualquer amor que comece, geralmente, organiza-se, e mesmo que seja em torno de um impedimento central para o viver, faz isso, cria hábitos, costumes [...]

Marguerite Duras (1914-1996)

Elizabeth estava encerrando um capítulo da sua vida humana, deixando para trás aqueles que haviam participado de sua vida por anos. Porém, o que mais lhe custou foi despedir-se dos seus seguranças, especialmente de Leon. Apesar de ele ter salvado a vida dela, quando era ainda uma menina, e ele já ter notado que os Guardiões se mantinham misteriosamente jovens, chegara o momento de Elizabeth deixá-lo partir.

Leon e Náder haviam-na acompanhado durante anos, e ela foi generosa com eles, ao aumentar o fundo monetário que o seu pai lhes deixara, para que eles pudessem viver sem preocupações financeiras. Arturo já os avisara de que aquela hora chegaria e eles estavam preparados. Contaram a Elizabeth que queriam viver num lugar muito civilizado e haviam escolhido a Suécia. Elizabeth não conseguia imaginá-los morando num país tão frio e com uma cultura

e língua tão diferentes dos lugares onde haviam morado até então, mas desejava que eles fossem felizes em suas escolhas.

O assassinato do seu sobrinho Yurii surpreendeu Rudolf Halder por seus detalhes brutais. Mas o que mais o surpreendeu foi saber que uma mulher havia sido responsável por aquele grau de crueldade.

Halder não tinha uma relação com Yurii. Eles não se viam desde a morte da sua irmã, mas Yurii era o seu familiar mais próximo. Inicialmente Halder sentiu-se quase compelido a reivindicar que a justiça fosse aplicada da forma mais dura possível. No entanto, quando teve acesso à confissão da assassina, reconheceu que ela havia sido corajosa ao superar o sofrimento a que fora submetida, lavando-o com sangue.

Halder sabia reconhecer um bom soldado quando o encontrava, e Georgia parecia ter alma de soldado. Tratava-se de uma questão de honra, por isso deixou que a justiça seguisse o seu rumo e cuidasse daquele assunto: o seu sobrinho havia tido um comportamento vergonhoso, indigno de um soldado.

Alessia viu-o na sala de espera do restaurante, encostado ao balcão. Ele se destacava com o seu ar britânico e elegante, mesmo vestindo simples jeans e uma camisa. Ou talvez fosse o sentimento que ele lhe suscitava que o diferenciava dos outros.

Oliver veio ao seu encontro e abraçou-a com força, como um amigo que não a via há anos. Mas ambos sabiam que aquele abraço era muito mais que isso: era o reencontro de duas pessoas que estavam construindo um caminho para o amor.

Jantaram naquela noite e nas seguintes, antes de Alessia partir para Lisboa.

Durante o primeiro encontro, Alessia falou sobre a morte de Daniel. Ela já lhe havia contado por telefone, mas de forma breve, evitando se aprofundar no assunto. Porém, ao vê-lo pessoalmente, fez um longo desabafo, e não conseguiu impedir que algumas lágrimas escapassem dos olhos. Oliver também lamentou a morte dele. Não haviam tido tempo para cultivar uma amizade, mas Daniel era um homem que cumpria a sua palavra e foi gentil com ele desde o momento em que se conheceram, em circunstâncias peculiares. Alessia informou-o que Dib assumira a liderança do grupo, e Oliver não compreendeu se ela considerava aquilo melhor ou pior, nem conseguiu avaliar que impacto o novo líder teria no relacionamento que se esforçava para construir com ela.

Nos jantares seguintes, Oliver tentou falar sobre os seus sentimentos, mas ela evitou o assunto, temendo sentir-se obrigada a tomar uma decisão para a qual não estava preparada. Ele manteve uma distância calculada, apesar de ser visível que Alessia travava uma intensa luta interior. Oliver precisava dar-lhe tempo, embora soubesse que esse era o bem mais precioso da vida humana. Ele conhecia as urgências, porque a sua profissão consistia em roubar o tempo aos homens. E, por mais paradoxal que pudesse parecer, o fato de ser um assassino parecia ser menos importante para Alessia do que o dilema que ela vivia em relação às suas restrições morais. Oliver pensara muito sobre o assunto e se questionava sobre o grupo a que Alessia pertencia. Já sabia que eles eram uma espécie de monges, dedicados ao estudo, com o objetivo de ajudarem os outros. E havia ainda Elizabeth, com aquele seu estranho poder divinatório, que lhe permitia espreitar o futuro. Oliver os considerava monges atípicos, que viviam com um conforto excessivo, e

continuava sem entender o voto de castidade a que estavam submetidos.

— Vou visitá-la a Lisboa assim que terminar este trabalho — prometeu Oliver, saindo do restaurante. Ela sacudiu ligeiramente a cabeça, e deu um sorriso, antes de perguntar:

— Não tem dúvidas sobre a sua profissão?

— Não. Você tem dúvidas sobre a sua?

— Não é bem uma profissão — argumentou Alessia. — É mais um destino. Mas assim como você, eu também não tenho dúvidas — fez uma pausa antes de confessar, em tom de voz mais baixo: — A diferença é que eu não tive escolha e você teve.

— O que quer dizer com isso? — perguntou se aproximando e colocando as duas mãos em volta do rosto dela, fazendo com que ela o encarasse.

— Falamos sobre isso em outra ocasião.

— Não — respondeu sério, antes de perguntar: — Você é obrigada a pertencer a esse grupo?

Ela percebeu que precisava ter cuidado com as palavras para não dar a impressão errada.

— Não sou obrigada, mas também não posso sair.

— Não compreendo — disse, mantendo o rosto dela preso entre as suas mãos mornas.

Alessia mergulhou por segundos nos olhos escuros de Oliver, se questionando como um assassino podia ser capaz de transmitir tanta ternura.

— Um dia falaremos sobre isso — repetiu, antes de se aproximar dele, tomando a iniciativa de beijá-lo. Ele lembrou que dissera, no último encontro em Paris, que a beijaria quando ela pedisse. Durante aqueles três dias esperou pacientemente o pedido. E quase

acreditou que ela não fosse fazê-lo. Mas ela havia, por fim, tomado a decisão.

Estavam na calçada, próximo ao carro dela, alheios aos transeuntes que passavam e eram incapazes de imaginar a importância que aquele momento tinha para os dois.

Oliver se inclinou devagar, pousando os lábios sobre os dela com delicadeza, antes de beijá-la com a mesma paixão do seu primeiro beijo, nos alvares da adolescência. Sentiu o abandono dela e abraçou-a contra o seu corpo forte e elástico. Ela parecia menor entre os seus braços, como uma boneca delicada que ele temia apertar demais e quebrar. Quando a soltou, sem sustos, ambos estavam cientes da intensidade das suas emoções. Separaram-se em silêncio, sem palavras adicionais. O beijo parecia suficiente para explicar tudo o que sentiam um pelo outro. Oliver ficou a vê-la dirigir-se para o carro, com os seus passos elegantes, e só se moveu muito depois que ela já havia desaparecido do horizonte do seu olhar.

A enorme casa, em plena Avenida da Liberdade, uma das principais artérias de Lisboa, datava de finais do século XVII. Era uma casa senhorial de dois andares com um jardim interno, agora dominado pelas ervas daninhas, devido à falta de manutenção. O jardim, com uma fonte e um pequeno lago, ambos secos, funcionava como uma espécie de coração, em torno do qual a casa crescia. No térreo, a fileira de janelas de madeira, primorosamente preservada, das salas de jantar e de estar, abria para o jardim, bem como parte das janelas dos quartos do primeiro andar. Do sótão, as janelas arredondadas também espreitavam o jardim.

Além desse, havia outro jardim, mais amplo, numa das laterais da casa, com várias árvores centenárias. Dib planejou colocar ali uma tenda, com uma mesa e cadeiras, para que aproveitassem os dias primaveris e o calor do verão. Esse jardim separava a casa principal das confortáveis — embora desocupadas — acomodações dos empregados que ficavam ao fundo, em cima da espaçosa garagem que podia abrigar até oito veículos.

A casa fora habitada pela última vez oitenta anos antes e embora Manfred, o mordomo da Ordem, fizesse visitas regulares para mantê-la em condições, continuava sendo uma casa fria e vazia. Mas isso mudaria com a chegada dos Guardiões.

A regra da Ordem ditava que, em cada cidade onde morassem, houvesse uma casa comum para acolhê-los durante as viagens ou os primeiros meses de adaptação ao novo país. Mas, após esse período inicial, todos optavam por seus próprios apartamentos.

Elizabeth gostou da casa assim que entrou no enorme hall e viu a abóbada redonda, no alto, filtrando a luz e deixando um halo leitoso. Duas escadarias de mármore luzidio conduziam ao andar superior, reservado à área íntima, com seus doze amplos quartos e respectivos banheiros. E, mais acima, vislumbrava-se uma escada polida e luzidia, de madeira escura, que terminava no sótão, onde estavam antigos objetos e móveis.

No primeiro andar, os quartos de Arturo, Daniel e Kent permaneceram intocados. Elizabeth foi a primeira a escolher o seu quarto, entre os disponíveis. Tinha duas largas janelas, uma para o jardim interno e outra para a rua, por onde ela espreitava o movimento das pessoas em seu vaivém diário.

Miguel, que também ficaria na casa temporariamente, optou pelo quarto mais próximo de Elizabeth, e não lhe passou despercebido que ela ficara em frente ao quarto que Daniel ocupara em vida.

Somando a imensa tristeza de Elizabeth aos pequenos gestos que Miguel vinha observando, cada vez parecia mais óbvio que ela nutria sentimentos muito mais intensos por Daniel do que deveria. A possibilidade de ela estar apaixonada por Daniel causava-lhe mágoa e, em certos momentos, raiva, por não ter percebido antes, mas também explicava a distância que ela havia cultivado gradualmente entre eles, e a segurança com que ela afirmava não o amar, desde o início.

O fato da Inglaterra não ter aderido ao euro e manter a libra esterlina era irrelevante, porque o país pertencia à União Europeia e era impactado pelas políticas da comunidade. Por isso, o primeiro-ministro inglês, William Temple, além de se opor às estratégias da Alemanha para a Europa, também as criticava de modo contundente. Temple acreditava que a Alemanha usava a crise para se beneficiar financeiramente e fortalecer a sua posição política. Por mais que os outros líderes de estado considerassem a opinião do premiê inglês muito radical, ninguém podia negar que as empresas que mais lucravam com a crise eram alemãs, ou tinham capital alemão.

A nova rodada de reuniões, programada para o final de março, estava indo por uma péssima direção. O ambiente da cúpula tornou-se tenso após a intervenção de Temple. Ele exacerbou as dúvidas que já existiam, colocando alguns países contra as propostas alemãs. O problema era que, embora as propostas alemãs fossem contestadas, não havia outras. Ninguém sabia qual a melhor forma de sair da crise, mas começava a ficar claro que a austeridade não era a solução.

Quando o primeiro dia de reuniões terminou, os participantes estavam esgotados, em especial Temple e Rolf Merten, que haviam monopolizado as discussões com intensos debates. Rolf estava surpreso com a atuação de Temple. Ambos tinham assumido o cargo recentemente e trouxeram uma nova dinâmica às negociações.

Rolf estava consciente de que não podia perder a posição de liderança, mas, intimamente, estava satisfeito por ter encontrado alguém com uma visão aguçada e crua dos rumos da economia. Rolf já tivera essa impressão de Temple, na reunião de cúpula anterior, quando ele fizera uma intervenção sobre as taxas de juros. Mas, no decorrer daquele dia, confirmou a inteligência de Temple.

No dia seguinte haveria outra reunião, e embora a sua admiração pelo primeiro-ministro inglês e suas ideias fosse crescente, Rolf estava confiante de que as propostas alemãs seriam aprovadas.

Daniel havia sugerido que Miguel contatasse Bardas para descobrir o paradeiro de Tereza Sampaio. Porém, quando Miguel se debruçava sobre o assunto, a justificativa que daria a Bardas parecia ingênua. Explicar que queria descobrir o paradeiro de Tereza porque Juan Penafor a amava e queria voltar a vê-la era um argumento frágil perante o fato de ela estar num programa de proteção por ter testemunhado contra Dimitri, um poderoso mafioso russo, que ameaçava a sua vida.

Em vez de consultar Bardas, decidiu contratar Oliver Bassan para que encontrasse Tereza. Embora seu contato inicial com ele não tivesse sido dos melhores, a atuação de Oliver durante o caso dos Anjos Caídos conquistou o seu respeito. Ele era um assassino profissional, com vasta experiência em localizar pessoas. Telefonou para agendar uma conversa.

— Oliver, é Miguel Besson. Como vai?

Entre todas as pessoas com quem se cruzara recentemente, Besson parecia ser a que tinha menor probabilidade de contatá-lo. Ele nunca demonstrara simpatia por Oliver. Por isso, o telefonema deixou-o de sobreaviso.

— Bem, obrigado — respondeu cuidadoso, tentando descortinar que razões teria Besson para ligar.

— Precisamos conversar. Preferia que fosse pessoalmente. Posso encontrá-lo em Londres? — perguntou, disposto a viajar de Lisboa a Londres.

— Não estou em Londres — respondeu, deduzindo que o assunto devia ser confidencial para ele não querer conversar por telefone. Mas não mencionou que sabia que Besson estava em Lisboa, nem o informou que, naquele momento, estava no Brasil.

— Quando volta?

— Não sei ainda. Estou envolvido num projeto — explicou, emprestando uma entoação sutil à frase, para que Miguel compreendesse o que ele estava dizendo. — Mas talvez possamos falar pela internet.

— Sim — concordou Miguel.

— Vou enviar um endereço. Sugiro que também crie um, específico para esse assunto. — Miguel entendeu a mensagem: deveria criar uma conta e depois desativá-la.

Pouco depois, Miguel recebeu uma mensagem no seu celular, com o endereço eletrônico de Oliver e o software que deveria baixar da internet. Em minutos Miguel criou a sua conta e entrou em contato com Oliver.

— Não esperava que me telefonasse — comentou, olhando para Miguel com o rosto impassível, como se, na verdade, não estivesse surpreendido.

— Pensei que você poderia resolver o problema de um amigo — avisou Miguel, sem responder ao comentário. — Preciso que encontre uma pessoa.

Oliver levantou ligeiramente a sobrancelha direita, enquanto esperava que Besson continuasse explicando o que pretendia. Já tinha entendido que o assunto era para um amigo, mas era Besson que o estava contratando.

— É uma mulher chamada Tereza Sampaio Elliot. Foi minha assistente e preciso descobrir onde ela está — Oliver ouviu o nome e considerou que o pedido era mais uma coincidência do destino. Besson e os amigos estavam de novo interessados no mesmo alvo de Dimitri. E ele estava, uma vez mais, trabalhando para Dimitri.

— Por quê? — questionou, tentando entender o que estava acontecendo e por que Tereza se tornara tão disputada.

— Isso é importante para você?

— Sim — respondeu lacônico, com uma entoação séria. Miguel hesitou, antes de revelar a verdadeira razão para investigar o paradeiro de Tereza.

— Um amigo teve um relacionamento com ela e quando ela desapareceu ele ficou destroçado — afirmou, sabendo o quão ridículo aquilo podia soar. Realmente Oliver achou a justificativa bizarra, mas parecia difícil que Besson fosse inventar uma desculpa daquelas se tivesse outros objetivos para Tereza. Pelo que pudera observar, ele era um homem com duas características bem definidas: não tinha muita paciência e era direto.

— E qual o seu papel nisso tudo?

— Quando vi o estado dele, prometi que ajudaria a encontrá-la — Miguel fez uma pausa, como se estivesse avaliando o que diria em seguida. — Mas há algo que precisa saber: Tereza participou de um

juízo, contra um conhecido seu, e foi integrada num programa de proteção à testemunha.

As dúvidas de Oliver sobre Besson se dissiparam ao perceber que ele estava sendo sincero, sem ocultar a participação de Tereza no juízo de Dimitri.

— Temos um pequeno problema: existem interesses mais *radicais* sobre a mesma pessoa — avisou, enfatizando a palavra *radicais*, seguro de que Besson entenderia a mensagem. Miguel fixou o olhar na tela do computador, avaliando o rosto sério de Oliver. Estaria ele dizendo que já havia sido contratado para encontrar Tereza e possivelmente assassiná-la? Se assim fosse, o contratante só podia ser Dimitri Sergeevich. Ficaram em silêncio por alguns segundos, enquanto Miguel o observava e completava o seu raciocínio. Por fim, perguntou:

— É esse o seu projeto?

— Sim.

— Existe alguma possibilidade de rever a sua participação? — quis saber Miguel.

— Não. O que está em causa é uma decisão que não depende da minha participação. Qualquer outra pessoa poderá finalizar o projeto se eu me retirar.

Miguel entendia o que Oliver estava dizendo: se ele recusasse assassinar Tereza, Dimitri contrataria outra pessoa para fazer aquele trabalho.

— Compreendo — respondeu Miguel. — De qualquer forma, obrigado pela informação.

— Quando tiver terminado o projeto, eu aviso — informou Oliver, antes de desligar. Besson agradeceu com um aceno de cabeça, apreciando a gentileza de Oliver.

Não tinha interesse em intervir nos assuntos de Oliver e Dimitri. Pensou, com calma, e decidiu que só falaria com Penafor quando Oliver confirmasse a morte de Tereza.

Martha não sabia por onde começar procurando informações sobre o filho de dona Clara. Ele desaparecera tantos anos antes que as chances de encontrá-lo eram quase nulas. Só conhecia uma pessoa que podia ajudá-la: Rui Queiroz, o coronel da Polícia de São Paulo. Conhecera-o em circunstâncias incomuns, e ele era a única pessoa em quem confiava.

— Sou eu — disse, com medo, quando telefonou, sabendo que não devia contatá-lo.

— Sabe que não pode me ligar. Já falamos sobre isso — anunciou Queiroz. Não andava com a melhor das disposições: Miguel Besson telefonara dias antes para informá-lo das trágicas mortes de Daniel e Kent, de quem se tornara amigo uma década antes. Quando Queiroz perguntou se Bardas já sabia, Miguel disse que acabara de lhe contar. Aquela notícia inesperada entristeceu-o e deixou-o mal-humorado.

— Eu sei, mas só posso recorrer a você — disse, lembrando-o do significado do seu isolamento. — Preciso da sua ajuda.

— Diga — respondeu, educado.

— Dona Clara fez o meu parto e tem quase setenta anos.

— Eu sei. Você me disse quando falou do nascimento de Fernando — respondeu, agora com a voz mais calma. Sabia que não devia ser fácil para ela recomeçar a vida num lugar tão distante, com um bebê nos braços.

— Ela teve um filho há mais de quarenta anos, que foi sequestrado durante uma viagem que fizeram para São Paulo,

quando ele tinha oito meses. A polícia nunca encontrou a criança. Ele se chamava César — contou Martha, de uma só vez, antes que ele mudasse de ideia e deixasse de escutá-la. Queiroz tentava entender onde ela queria chegar com aquela história e não gostou do rumo que estava tomando.

— Você não está querendo que eu procure essa criança, está? — questionou, por lhe parecer a única razão lógica para ela contar o caso.

— Pensei nisso, sim.

Ele riu inesperadamente, do outro lado da linha, surpreendido pela ideia, lembrando:

— Passaram quarenta anos.

— Eu sei, mas você é a única pessoa capaz de descobrir qualquer coisa — afirmou, com sinceridade. — E a dona Clara está sofrendo até hoje. Consegue imaginar o sofrimento de uma mãe que não sabe o que aconteceu com o seu filho? Eu não consigo. Quando olho para o Fernando, não sou capaz de pensar no que faria se algo acontecesse com ele.

Queiroz escutou o que Martha dissera e rendeu-se aos seus argumentos: era insuportável imaginar que algo pudesse acontecer com os próprios filhos.

— Mande um e-mail com as informações que conseguir — disse após alguns segundos em silêncio, enquanto decidia o que fazer.

— Obrigada. Sabia que podia contar com você.

— Não me agradeça ainda. Duvido que consiga descobrir alguma pista depois de tanto tempo — avisou, antes de terminar com firmeza: — E não me telefone. Eu ligo para você.

— Está bem... — anuiu Martha, feliz por Queiroz ter concordado em procurar César.

Miguel comentou com os Guardiões que estava notando um padrão familiar na forma como a Europa estava se desestruturando e não conseguia deixar de associá-lo à recessão europeia da década de 1930, que impulsionara a ascensão do nazismo e do fascismo. Tudo parecia estar se organizando para que a história se repetisse. Dib e os Guardiões concordaram com Miguel quando ele enfatizou que os confrontos violentos da Grécia e Espanha não podiam ser uma coincidência e precisavam ser monitorados.

Por isso, quando uma manifestação paralisou Lisboa, Dib considerou que aquela era a oportunidade ideal para investigarem e pediu que Miguel e Seth investigassem. Eles decidiram separar-se para aumentarem as chances de descobrirem algo suspeito.

Os manifestantes subiram a Avenida da Liberdade e se concentraram em frente à Assembleia da República. Em pouco tempo, o espaço ficou apinhado e milhares de pessoas ocuparam as ruas em volta. Miguel estava no centro do grupo, em frente à Assembleia, sem conseguir se mover, preso entre a massa compacta. Seth enviara uma mensagem pelo celular, avisando que estava próximo da Assembleia, numa pequena rua do lado esquerdo.

Do seu lugar, Miguel conseguia ver os policiais posicionados nas escadas da Assembleia, armados e usando máscaras, escudos e cassetetes, como era de praxe. Formavam várias linhas de defesa, esperando o pior, com base no que acontecera na Grécia e na Espanha nas semanas anteriores. Era perceptível o nervosismo deles e a tensão crescente dos manifestantes. Parecia claro que se o conflito se instalasse as pessoas não conseguiriam se mover e muitas seriam machucadas. Miguel sabia que uma multidão inflamada podia se transformar rapidamente num grupo violento, capaz de grandes atrocidades. O grupo era uma entidade que

conseguia anular as vontades individuais. Mas não era só ele que conhecia essa filosofia. Ali, mesmo ao seu lado, estava um homem que pensava exatamente como ele.

Miguel sentiu uma pancada violenta na face e, ao virar o rosto para enfrentar o agressor, viu os olhos azuis e vibrantes de um jovem com pouco mais de vinte anos. Se ele tivesse agredido outra pessoa, ela teria tombado no chão e seria espezinhada pela multidão inquieta. Mas o jovem escolhera mal: Miguel não era uma pessoa comum e não se abalou com o golpe.

Hans Müller ergueu de novo o punho fechado, mas Miguel não permitiu que ele completasse o segundo ataque. Com um gesto rápido pressionou a lateral do pescoço do jovem, usando o indicador e o polegar direitos. Ele desabou sem saber o que tinha acontecido. Miguel amparou-o e pediu que as pessoas se afastassem, para criar uma pequena clareira. Mas a multidão tinha dificuldade em se mover e o espaço livre era exíguo. Miguel deitou-o no chão e hesitou: bastaria pôr a mão sobre a testa dele para acessar os seus pensamentos e descobrir tudo sobre ele. Mas aquele gesto violava uma das regras da Ordem: se Daniel estivesse ali, condenaria a sua atitude. Miguel não se conformava com aqueles paradoxos: tinham tantos poderes e não podiam usá-los. Que sentido havia naquilo?

Passaram vários minutos, e a pressão das pessoas sobre a clareira minúscula onde estava ajoelhado aumentava. Enquanto decidia se descobriria ou não os pensamentos do agressor, outro jovem, igualmente loiro e de olhos azuis, se ajoelhou ao seu lado.

— O que aconteceu com ele? — perguntou, em inglês.

— É seu amigo? — quis saber Miguel, também em inglês, sem responder à pergunta.

— Sim. Somos ingleses e estamos de férias — justificou-se, tentando mostrar que não tinha nada a esconder. Aquele excesso de

informação poderia funcionar com uma pessoa comum, que não estivesse atenta aos detalhes, mas não era o caso de Miguel.

— Em uma manifestação? — inquiriu Miguel.

— Estávamos de passagem quando as pessoas chegaram — explicou Klaus Jürgen, apontando com a mão para a praça. A pronúncia dele era perfeita e ele parecia sincero, mas algo nos seus olhos vivos incomodou Miguel. Klaus olhou para o companheiro e perguntou de novo:

— Sabe o que aconteceu com ele?

— Acho que desmaiou — respondeu Miguel, continuando a avaliar o jovem, antes de sugerir: — É melhor tirar o seu amigo daqui. Quer ajuda?

— Sim, obrigado — agradeceu, colocando o braço direito de Hans sobre o seu ombro e segurando-o pela cintura. Miguel fez o mesmo do lado esquerdo, e levantaram-no. Miguel percebeu que os dois jovens eram atléticos e fortes.

Atravessaram a multidão com dificuldade, mas o fato de levarem alguém desmaiado forçou as pessoas a abrirem um espaço, ainda que mínimo, para que passassem.

Quando se afastaram do centro da manifestação, conseguiram sentar Hans num banco de jardim, depois de as pessoas, que estavam de pé sobre ele, descerem, para dar lugar ao jovem desmaiado. Klaus sentou-se ao lado de Hans, para mantê-lo firme, apoiado no banco e escorado pelo seu corpo. Deu-lhe algumas palmadas no rosto:

— Hans... — chamou preocupado, sem perceber que mencionara o nome em alemão, e não a identidade inglesa que tinham assumido. Mas o amigo parecia mergulhado num sono profundo. Ele era saudável e aquilo não era normal. Algo grave devia ter acontecido.

— Se quiser, posso ajudá-lo a levar o seu amigo para o hotel. Este lugar não é seguro. Pode haver confrontos — avisou Miguel, registrando a incongruência entre o fato de serem ingleses e o jovem desmaiado ter um nome alemão. Além disso, o mais bizarro é que ele tentara agredi-lo. Questionou mentalmente por que alguém tentaria agredi-lo, sem justificativa. Será que ele o confundira com outra pessoa ou era um dos provocadores, que incentivavam os conflitos, como Miguel acreditava que acontecera em outros países? Em qualquer das hipóteses, pretendia descobrir o máximo possível sobre os jovens.

Klaus hesitou perante o convite. Não era uma boa ideia alguém ajudá-lo a levar Hans para o hotel e ficar sabendo onde estavam hospedados. Pensou que ele poderia ser um policial. Mas o homem parecia tranquilo e havia sido muito prestativo. Achou que estava sendo exagerado, vendo conspirações em todo lado, mas havia sido treinado para pensar assim. Avaliou-o de novo: ele não parecia representar qualquer ameaça, e as suas roupas e gestos eram muito elegantes para que ele fosse um policial.

— Você também não é português? — perguntou, nitidamente desconfiado.

— Sou francês — disse, estendendo a mão, para cumprimentá-lo.
— Besson.

O outro pareceu relaxar um pouco e cumprimentou Miguel.

— Peter — apresentou-se, com o nome falso, registrado no seu passaporte. Ficou calado por alguns segundos, observando a multidão que continuava chegando, enquanto decidia o que fazer. Alguns dos manifestantes já estavam de volta, de pé, em cima do banco. E Hans não dava sinais de acordar.

— Vou aceitar a sua ajuda, para levá-lo até ao hotel. É próximo daqui — disse, por fim. Miguel não respondeu. Ajudou-o a levar

Hans.

Algum tempo depois voltou à manifestação para se encontrar com Seth, convencido de que havia algo errado com os dois rapazes, e era necessário investigá-los melhor. Miguel estava aprendendo a usar a sua capacidade de lidar com o mal. Levava muito tempo para entender que atraía a maldade, como um para-raios atrai um raio. Era isso que ele se tornara: uma espécie de para-raios da maldade. Tivera uma confirmação recente desse fato através do seu relacionamento com Lucrezia. E agora estava sentindo, de novo, que algo não estava bem.

5. Espelho de Iblis

[...] espelhos deste mundo, portas do além [...]

Octavio Paz (1914-1998)

Elizabeth acordou com o ruído de vidro se quebrando em algum lugar da casa. Levantou a cabeça da almofada e ficou atenta, esperando. Mas o silêncio voltou a reinar e tudo pareceu aquietar-se. Consultou o relógio do celular, sobre o criado-mudo: eram duas e cinquenta e oito. Preparou-se para voltar a dormir, quando escutou, de novo, o ruído musical do vidro estalando. Agora que estava acordada, percebeu que o som estava próximo e parecia vir de dentro do seu quarto. Acendeu a luz suave do abajur e sentou-se na cama. Tinha certeza de que alguma coisa estava acontecendo: a temperatura do quarto aumentou bruscamente, como se a lareira estivesse acesa, funcionando em sua intensidade máxima.

Olhou para o grande e antigo espelho oval, encostado na parede do quarto, ao lado da larga janela que abria para o jardim interno. Tratava-se de uma peça da renascença italiana, do início do século XVI, mas o espelho era muito mais antigo, e era conhecido como o espelho de Iblis. A moldura era de madeira ricamente esculpida com

animais em toda a volta, e os três pés tinham a forma de leões. Quando Elizabeth o viu pela primeira vez, guardado no sótão, sentiu-se atraída pela sua beleza, como se uma força a levasse até ele. Dib contou que aquele espelho pertencera a Daniel e permitiu que ela ficasse com ele.

O ruído aumentou, e ela identificou que o ponto de origem era o espelho. Saiu da cama e aproximou-se, com passos lentos e miúdos. O barulho vinha de dentro, como se alguém estivesse quebrando o espelho pelo lado interior. Porém, apesar do ruído, a superfície se mantinha intacta. Elizabeth ficou em frente ao espelho, tentando descobrir o que estava acontecendo. A luz tênue do quarto permitia que visse o seu reflexo, e não havia nada de anormal, exceto o barulho. O medo começou a dominá-la. Sentiu as mãos gelarem e decidiu chamar Dib. Quando deu um passo atrás, para se afastar, o seu reflexo no espelho estremeceu como a água agitada de um lago, e outra imagem começou a surgir, sobrepondo-se à sua. Elizabeth ficou imóvel, fascinada com o que estava acontecendo. A figura se firmou e se tornou reconhecível. Os batimentos do coração dela aumentaram muito rápido e a temperatura do seu corpo subiu. Parecia que ia explodir. Sentiu a ligeira dormência do corpo, anunciando a proximidade da transmutação. Queria se controlar, mas parecia demasiado tarde. No instante exato em que o seu corpo ia começar a transmutar-se, uma mão saiu de dentro do espelho e agarrou-a pelo pulso, com força. O choque da mão contra o seu pulso fez com que tudo paralisasse bruscamente dentro dela. Elizabeth tinha dificuldade em aceitar o que estava acontecendo. Murmurou:

— Daniel? — chamou, mas a imagem, embora nítida, se manteve silenciosa. Ele estendeu a outra mão do outro lado do espelho, com lentidão, e Elizabeth imitou o gesto. Ela tocou na superfície lisa,

sobre a mão dele, e o espelho cedeu, deixando de ser sólido para se transformar em uma estranha matéria líquida, que mantinha sua forma e não molhava. Ele segurou os dedos dela e começou a sair do espelho, com cuidado, como se saísse de uma névoa densa e entrasse devagar no mundo real, para não perturbar a ordem das coisas.

Ela recuou um pouco, para lhe dar espaço, enquanto o olhava surpresa, dividida entre sentimentos de alegria e de confusão. Ele inclinou a cabeça, para olhá-la de lado, por um momento. Puxou-a com firmeza pela mão que segurava e abraçou-a. Afundou o rosto no cabelo dela e aspirou o perfume suave com sofreguidão. Ela tentou se afastar, mas Daniel manteve-a presa entre os braços. Elizabeth chamou de novo:

— Daniel.

Ele respondeu baixinho, junto dela:

— Sim.

— Como é possível?

— Não diga nada — pediu, ainda abraçado a ela. — Não posso demorar.

— Não... — rejeitou, conseguindo se afastar. Queria ter a certeza de que ele era real, e não uma projeção da sua mente, ou algum sonho louco. O cabelo dele estava mais longo, caído sobre sua testa, fazendo com que ele parecesse mais jovial. Ela acariciou o rosto dele com a ponta dos dedos, lutando para aceitar a sua presença.

— Não tenho muito tempo — avisou de novo, analisando-a com intensidade, antes de se inclinar para beijá-la nos lábios. Um beijo inocente, parecido com o primeiro beijo que haviam trocado. Ela pôs as mãos nas costas dele e abraçou-o com força, tentando impedi-lo de partir. De repente ficou imóvel, quase sem respirar, percorrendo as costas dele com as mãos, em busca das cicatrizes sob o tecido

fino da camisa. Soltou-se dos braços dele e recuou um passo para encará-lo, enquanto perguntava:

— O que aconteceu com as suas cicatrizes?

— Desapareceram... — murmurou Daniel, afastando o pijama de seda para expor a curvatura pálida do ombro dela. Ela empurrou-o com firmeza.

— Você me disse que eram para sempre — lembrou.

— Desapareceram, Elizabeth — afirmou, com voz meiga. — No lugar onde estou o meu corpo se tornou perfeito: sem marcas.

— Mas como desapareceram? — insistiu ela, confusa.

Daniel percebeu que ela não iria sossegar até descobrir como aquilo havia sido possível, depois de ele ter afirmado que as marcas nunca desapareciam. Ela mantinha a linha fina da sua cirurgia, que ia do centro do peito ao púbis, e embora se tivesse diluído, não ia sumir. Daniel se afastou alguns centímetros, para que ela visse o seu rosto sério, antes de responder:

— Eu não estou mais neste mundo.

— Explique-me — pediu, com uma estranha intuição. — Diga onde está. O que aconteceu.

— Não posso falar sobre isso — avisou, abraçando-a de novo. Acariciou as costas dela. Pôs as mãos debaixo do pijama, na região da cintura, e com um movimento ascendente e sensual fez a blusa dela subir e expor o seu corpo delicado — Vamos viver este momento.

A pele de Elizabeth despertou sob o calor das mãos dele. Quando Daniel finalmente a beijou, ela sentiu uma vertigem, como se estivesse mergulhando num abismo profundo. Foi um beijo exigente e selvagem, que arrancou o seu fôlego e a sua razão.

Ele despiu a blusa do pijama dela e jogou no chão. As mãos dele ferviam, e ele beijava-a com uma sofreguidão que beirava a

violência. Com um movimento ágil, pegou-a no colo e levou-a para a cama, deitando-se sobre ela com firmeza. Havia uma urgência nova nos seus beijos e carícias, como se o seu tempo estivesse na iminência de se esgotar.

Elizabeth queria pensar, mas não conseguia. Estava envolta num turbilhão de emoções contraditórias. O seu corpo cedia ao desejo e à intensidade selvagem de Daniel, mas uma voz, na sua mente, sussurrava que parasse. Não reconhecia as costas dele, lisas sob os seus dedos, e no fundo de si um aviso vindo de uma voz que parecia não lhe pertencer ia-se fortalecendo.

Ele despiu a camisa exibindo a sua perfeição quase angelical. Estava embriagado pelo desejo e, sem perder um segundo, tirou as calças do pijama dela. As suas mãos ardiam, literalmente, sobre o corpo dela. E Elizabeth sentiu uma dor intensa se espalhando na pele, como se estivesse sendo queimada viva, mas não conseguia reagir. Sentia-se débil nos braços dele, sem vontade própria. Estava se esvaindo sob a fúria sensual de Daniel. Achou que ia desmaiar. Fechou os olhos, juntou todas as suas forças, e chamou de forma inaudível:

— Mãe.

Uma força se fortaleceu dentro dela, e Angelina lhe deu a energia de que ela precisava para recuperar o seu livre-arbítrio. Elizabeth empurrou-o e, embora ele fosse infinitamente mais forte, a rejeição dela o surpreendeu. Olhou-a, sem compreender como ela se libertara do seu poderoso domínio. Elizabeth avisou, com a voz trêmula, ainda abalada por todas as emoções que estava sentindo:

— Não quero que seja assim, Daniel.

— Desculpe... — pediu, percebendo que a assustara com o seu desejo intempestivo. Ele não queria machucá-la, mas perdera o

controle. Era como se ela o tivesse intoxicado com a sua beleza e o seu corpo puro.

— Que aconteceu com você? — perguntou, saindo da cama para vestir o pijama. Apanhou a camisa e lhe entregou. Ele estava sentado na beira da cama e vestiu-se com gestos calmos. Não parecia o mesmo de cinco minutos antes, quando tentara amá-la praticamente à força.

— Desculpe — pediu Daniel mais uma vez. Aproximou-se dela, emoldurou o rosto com as mãos, recuperando a ternura que ela reconhecia. — Não tenho mais tempo para ficarmos juntos. E você me provoca emoções difíceis de controlar.

Daniel estava sendo sincero e os sinais do seu arrependimento eram visíveis no seu olhar.

— Eu sei, mas não quero que aconteça assim — repetiu, recordando o romantismo dele na última vez que tinham estado juntos.

— Não volta a acontecer — abraçou-a pela cintura, com suavidade. — Senti falta de seu cheiro, da sua pele, dos seus beijos...

— Eu também — confessou ela, feliz por reconhecer nele o Daniel por quem se apaixonara. — Mas as suas mãos estão queimando a minha pele.

Ele hesitou, antes de finalmente avisá-la baixinho:

— Ninguém pode saber sobre mim. Se falar sobre a minha presença aqui, não poderei voltar a vê-la.

Ela concordou com a cabeça, sem entender as razões para manter o segredo sobre a visita dele. Todos ficariam felizes por saber que ele estava vivo. Queria perguntar por que os Guardiões não podiam saber que ele estava noutra dimensão, e Dib não podia saber do

retorno dele, ou da sua habilidade de se locomover entre as dimensões. Mas Daniel não lhe deu tempo.

Sentiu um nó na garganta ao vê-lo partir, mas pelo menos sabia que ele estava vivo, e toda a sua tristeza desapareceu. Viu-o entrar no espelho como se fosse uma porta líquida. Ela tentou enfiar as mãos no espelho assim que ele desapareceu, mas a superfície tornara-se sólida. Por instantes achou que tudo não passara de uma ilusão, um truque da sua mente obcecada em voltar a ver Daniel. Mas ainda sentia o corpo ardendo, como se as mãos dele continuassem sobre a sua pele.

Klaus Jürgen ouviu o noticiário matinal, franzindo ligeiramente a testa, para se concentrar. As notícias sobre a tranquilidade com que decorrera a grande manifestação de Lisboa estavam se repercutindo em toda a Europa. Klaus acompanhava o telejornal da BBC, ouvindo elogios à lição de civismo dada pelos portugueses, dominado por sentimentos de frustração e irritação. Estava recostado na cama, com o laptop sobre os joelhos esperando um contato, que certamente chegaria.

Aquela missão tinha lhe sido dada pelo próprio general Rudolf Halder. Ela representava o início da ofensiva na Europa. O general Halder era o responsável pelo Centro de Operações, que reunia sob seu comando todas as operações militares do Dragão Verde. Ele defendia que a violência era um passo necessário para a Alemanha justificar o uso da força. Os Dragões estavam seguindo o caminho dos seus antecessores, aproveitando a sua experiência e evitando os seus erros. Para o início dos conflitos se inspiraram no incêndio do Palácio do Reichstag, onde funcionava o parlamento alemão, e que aconteceu em fevereiro de 1933, um mês após Hitler ter sido

nomeado chanceler da Alemanha. Atribuído a Marinus van der Lubbe, um comunista radical, executado por isso, o incêndio serviu para os nazistas justificarem a existência de uma conspiração contra o governo alemão e aniquilarem os comunistas e outros opositores. Herman Göring, um dos mais poderosos homens do regime nazista, e um dos primeiros a chegar ao Palácio, teria admitido, em privado, que iniciara o incêndio.

Klaus sabia que o contratempo da manifestação de Lisboa teria consequências e temia perder o seu posto de capitão recém-promovido. O general Halder punia severamente falhas e erros. Klaus precisava cumprir a sua missão o mais rápido possível. Em duas semanas haveria uma nova manifestação e ele esperava compensar, com muita violência, a calma da anterior. Mas continuava sem entender o que acontecera com Hans.

Minutos depois, viu o sinal de chamada piscando na tela do seu computador. Sentou-se rapidamente na mesa, colocou os fones de ouvido e atendeu. O general Halder surgiu na tela, mantendo-se em silêncio, com o rosto fechado, esperando que o capitão se explicasse:

— *Herr* general Halder — cumprimentou, erguendo o braço direito para diante, na saudação nazista, antes de resumir o que se passara, ciente do pragmatismo do general. — Planejamos que Hans Müller atacaria primeiro. Ele tentou agredir um homem que reagiu e o deixou inconsciente por mais de quinze horas, apenas pressionando o seu pescoço. Essa foi a última memória de Hans antes de desmaiar.

— Capitão Jürgen, esse golpe não deixa nenhum soldado inconsciente por tanto tempo — retorquiu o general estranhando a explicação. Ele confiava em Klaus Jürgen. Era um excelente soldado, dedicado à causa, capaz de cumprir ordens, mas também capaz de

planejar e desenvolver estratégias com eficácia. E os homens admiravam a sua força e liderança. Algo estava errado naquela história. — Foi ele que lhe disse?

— Sim, depois que voltou a si, *herr* general.

— Conte-me o que aconteceu, capitão — pediu o general, após uma pausa, optando por conhecer a versão longa.

— Acertamos um *timing* para o início da agressão. Hans começaria, exatamente como aconteceu nos outros países. Eu estava alguns metros atrás. Decidimos fazer apenas um núcleo de agressão — explicou. — E a violência propagava-se a partir daquele ponto.

— Sim, sim... — respondeu o general, impaciente com a explicação. Ele compreendia bem o que Hans estava dizendo. Fora uma das várias estratégias que haviam definido no Centro de Operações, na Alemanha, quando lhes deu aquela missão.

— Mas Hans não fez nada e fui ver o que aconteceu. Levei algum tempo para me aproximar porque havia muita gente. Encontrei-o no chão com um homem tentando ajudá-lo.

— O mesmo homem que o atacou?

— Não sei, *herr* general — confessou Klaus, sabendo que não adiantava mentir ao general. Ele parecia ter uma espécie de detector de mentiras que lhe permitia descobrir o que era verdadeiro ou falso. Klaus já tinha pensado sobre o assunto, mas não fazia sentido: o homem era educado, elegante, bem-vestido e parecia incapaz de atacar outra pessoa, ainda que fosse para se defender. Klaus observara-o atentamente e estudara os seus gestos calmos. Besson era, definitivamente, um cavalheiro. Continuou a explicar:

— Hans diz que acertou o homem com força, mas ele nem sequer se moveu. Isso não é normal, porque nunca vi ninguém resistir a um ataque de Hans.

— Sim — reconheceu o general, ciente da famosa força bruta de Hans. Ele era capaz de vencer até os melhores soldados com os seus punhos.

— Hans contou que o homem só apertou o seu pescoço, e não se lembra de mais nada.

O general manteve o olhar fixo em Klaus, processando a informação. Conhecia bem aquele golpe. Os seus soldados eram treinados em combates corpo a corpo e dominavam várias técnicas de artes marciais. Mas aquela história não fazia sentido.

— Ele viu o rosto do homem — concluiu o general, devagar.

— Sim, mas também não lembra.

— Você não acha estranho que ele saiba vários detalhes, mas não se lembre do rosto do seu atacante? Estava a centímetros dele — lembrou o general. — Hans pode ter feito alguma asneira e não está querendo assumir.

— Não creio, *herr* general — discordou Klaus, enfatizando: — Hans ficou inconsciente por quinze horas.

— Só nos resta aceitar que houve um conjunto de fatores: Hans encontrou alguém muito forte, não o agrediu com a força necessária, e o homem reagiu. É uma explicação racional — disse o general, tentando ser lógico. — As batalhas vencem-se sempre por um conjunto de fatores, embora haja eventos determinantes.

— *Herr* general, há algo errado — afirmou Klaus, seguindo o que os seus instintos lhe diziam. — Hans contou que ele não se moveu um centímetro sequer com o golpe.

— Descubra o que aconteceu. Não é normal que ele não se recorde do rosto do atacante e saiba esses detalhes todos — enfatizou o general, antes de ordenar: — Mas a prioridade continua sendo o nosso plano.

— Sim, *herr* general — anuiu Klaus.

— Avalie as condições de Hans continuar na missão — fez uma pausa, antes de concluir, com um tom frio. — Se houver algum obstáculo, elimine. Qualquer obstáculo, capitão Jürgen, mesmo que seja interno.

— Sim, *herr* general — respondeu Klaus, vendo o general desligar. Avaliou as palavras do general: ele estava lhe dando ordens para destruir qualquer pessoa que o impedisse de atingir os seus objetivos, incluindo o seu companheiro Hans Müller. Aquilo significava que, embora tivesse uma nova chance para completar a sua missão, a história de Hans não convenceria o general, apesar de ele próprio ter desenvolvido uma explicação racional.

Elizabeth tentou abrir os olhos. Sentia dores por todo o corpo. Queria levantar-se da cama, mas não conseguiu. O quarto estava girando. Sentia tonturas e náuseas. A sua pele estava ardendo e a dor aumentava a cada instante. Precisava chamar alguém, mas a voz não saía. Ela tentava falar, mas a voz estava presa na sua cabeça e ninguém podia escutá-la. Não sabia se era dia ou noite, nem era capaz de descobrir onde estava. Daniel tinha as mãos fervendo, como se estivesse colocando brasas sobre a sua pele. Só sabia isso. E sentia muita sede.

Miguel acordou com Angelina chamando por ele e soube que algo ruim acontecera com Elizabeth. Vestiu um roupão com rapidez, atravessou o corredor e bateu na porta do quarto dela, sem se preocupar com o barulho. Eram seis da manhã e, apesar do ajuste ao novo fuso horário, àquela hora já era habitual que estivessem acordados.

Elizabeth não respondeu e Miguel bateu mais forte, uma segunda vez, chamando por ela. Alessia e Dib saíram para o corredor e,

segundos depois, surgiram Seth e Uchoa. De novo, Elizabeth não respondeu. Miguel experimentou o trinco, mas a porta estava trancada.

— Besson, o que aconteceu? — questionou Dib, avançando pelo corredor, totalmente vestido. Ele era o único que já havia feito sua meditação, tomado banho e estava pronto.

— Onde está a chave reserva? — perguntou olhando para Dib, antes de responder à pergunta dele. — Tem algo errado. Ela não responde.

— Ela pode estar no banheiro — argumentou Alessia.

— Não — afirmou Miguel, seguro, falando de Angelina e convencendo todos com o seu argumento.

— Vou buscar a chave — respondeu Dib, se afastando, para voltar minutos depois com um molho de chaves. Escolheu uma e abriu a porta. Dib avisou:

— Elizabeth, vamos entrar.

O quarto estava silencioso e Elizabeth parecia dormir. Miguel aproximou-se da cama e acendeu a luz do abajur, enquanto Seth abria as cortinas.

A luminosidade invadiu o quarto. Ela estava deitada de lado e, numa situação normal, já teria acordado com a movimentação.

— Ela não está bem — avançou Alessia, protetora, empurrando ligeiramente Miguel para o lado. Ele deu-lhe espaço, e ela sentou-se na beira da cama.

— Elizabeth — chamou, colocando a mão na testa dela. — Ah — gritou, puxando as cobertas para baixo. — Ela está ardendo de febre. Alguém prepare um banho frio, já.

Alessia virou Elizabeth para cima e percebeu as manchas vermelhas num dos pulsos. Puxou a manga do pijama e viu a

mancha se alongando pelo braço. Levantou a blusa e viu o corpo cheio de marcas intensas, vermelho vivo.

— O que é isso? — perguntou, mostrando a barriga de Elizabeth. Miguel, de pé, viu a imagem de cima e percebeu logo o padrão do desenho:

— Parecem mãos sobrepostas.

Dib posicionou-se ao lado de Miguel e observou Elizabeth. Realmente pareciam mãos. Dib se aproximou da cama e colocou a mão sobre uma das marcas: encaixava perfeitamente.

— Como isso aconteceu? — perguntou Alessia, sem entender que explicação poderia haver para as marcas e o estado de Elizabeth.

— Não sei — comentou Dib, preocupado. — O objetivo agora é fazer a febre baixar.

— Podem trazê-la — avisou Uchoa do banheiro, onde estava preparando o banho. A banheira tinha poucos centímetros de água fria, mas já era possível mergulhar Elizabeth.

Miguel pegou-a no colo, com cuidado, e levou-a para o banheiro. Elizabeth tentava balbuciar alguma coisa, mas eles só entendiam o nome de Daniel. Miguel sentiu ciúme.

Alessia despiu o pijama de Elizabeth revelando o corpo marcado. Em certos lugares estava totalmente visível o desenho de uma mão.

Miguel colocou-a na banheira. A água fria fez com que ela estremecesse. Ele se ajoelhou e pôs a mão sob a cabeça dela, para apoiá-la.

A água ia enchendo a banheira e envolvendo o corpo dela. Todos se mantinham silenciosos e vigilantes, esperando a febre baixar. Guardiões não adoeciam nem tinham febre. Quando isso acontecia era sempre por um motivo extraordinário, uma interferência superior.

Por fim, após uma interminável meia hora a febre começou a ceder e Elizabeth reagiu. Tentou fixar o olhar e reconheceu Miguel

ao seu lado. Ele perguntou, com a voz suave:

— O que está sentindo?

— Como se tivesse queimando — disse baixinho. — Sinto dor. É frio. A água está gelada.

— Vai ter que ficar na água mais um pouco — avisou Miguel. — A febre continua alta.

Alessia também se ajoelhou e perguntou, segurando a mão dela:

— Você lembra o que aconteceu esta noite, Elizabeth?

Ela hesitou, recordando o aviso de Daniel. Se falasse sobre ele, nunca mais o veria.

— Não — respondeu. Dib observava-a e, talvez ela tivesse enganado os outros, mas ele sabia que Elizabeth estava mentindo.

— Alguma coisa aconteceu com você — anunciou Dib. — O seu corpo está marcado, como se alguém tivesse posto mãos em brasa sobre a sua pele.

Ela olhou para baixo e viu as marcas das mãos de Daniel através da transparência da água. A pele estava coberta de manchas escarlate e, em alguns lugares, eram visíveis pequenas bolhas se formando, provocadas pela intensidade das queimaduras. Quando voltou a olhar para Dib, ainda um pouco tonta, percebeu claramente que ele sabia que ela estava mentindo.

— E o que aconteceu aumentou a temperatura do seu corpo, e você estava entrando em colapso — avisou Seth.

— A febre baixou, mas as marcas não sumiram. A pele não se regenerou — afirmou Miguel.

— Dependendo da origem, as manchas podem não desaparecer espontaneamente — disse Seth. Todos sabiam o que ele estava insinuando: algo sobrenatural atacara Elizabeth.

— Talvez você saia do banho e a febre aumente de novo. Precisamos descobrir como isto aconteceu com você. Quem fez

essas queimaduras no seu corpo — pediu Seth.

— Não lembro — insistiu Elizabeth, começando a tremer. Estava ficando com frio.

— É melhor tirá-la da água — aconselhou Dib. — Alessia, vista a roupa dela. Volto já.

Minutos depois, Dib retornou com um copo de água e um pequeno frasco na mão. Colocou dez gotas de um líquido verde-escuro dentro do copo e mandou-a beber. Elizabeth não questionou. Só depois que ela bebeu a última gota do remédio amargo, Dib explicou:

— É para as queimaduras. Esperemos que resulte — fez uma pausa, antes de falar com outros. — Eu fico com Elizabeth se quiserem se trocar e preparar o café da manhã.

Assim que eles saíram, Dib disse, mais em jeito de ordem do que de pedido:

— Agora eu quero a verdade.

— Não posso falar, Dib. Tem que confiar em mim. Por favor.

— Você não pode falar e eu não posso confiar em você — aproximou-se dela para frisar bem o que ia dizer: — Essa coisa que está protegendo quase te matou esta noite. E você ainda não está livre do perigo — saiu do quarto deixando-a sozinha, pensando nas palavras dele.

Embora Martha não quisesse que dona Clara criasse expectativas sobre a possibilidade de reencontrar o filho, precisava lhe fazer várias perguntas e, para isso, teria que revelar que estava procurando por César. Ao saber da notícia, dona Clara comoveu-se. A gratidão que sentia por Martha deixá-la participar da vida de Fernando se transformara num afeto próximo do que sentiria por

uma filha. Agora ela tinha certeza de que Martha era um presente na sua vida sofrida.

Dona Clara sabia que não podia ter esperanças, mas como disse a Martha, nunca perdera a esperança: era algo que estivera sempre dentro dela, e foi o que a fez atravessar a vida e suportar a perda do marido, sem esmorecer.

Contou tudo o que lembrava, enquanto Martha anotava, para não deixar escapar nenhum detalhe que pudesse se tornar importante. Quarenta anos antes, ela, o marido Lívio e César foram para São Paulo, passar um mês com a família. Dona Clara tinha lá duas tias, irmãs da sua mãe, que sempre a convidavam para visitá-las.

Naquele tempo era uma aventura viajar para São Paulo, mas finalmente o casal conseguiu juntar dinheiro e foi. Hospedaram-se na Penha, na casa da tia Josaína. Ela tinha duas filhas: Leopolda, dois anos mais velha que dona Clara, e Leopoldina, um ano mais nova.

No final da terceira semana de férias, Lívio e Clara foram ao centro da cidade. Leopoldina, que, entretanto, se apegara a César, se ofereceu para cuidar dele enquanto os primos iam passear. Depois de hesitar, porque nunca tinha deixado César com ninguém, dona Clara entregou o filho aos cuidados da prima mais nova.

Quando voltaram do passeio, no fim do dia, a polícia esperava por eles, juntamente com os tios e as primas, para lhes dar a terrível notícia de que o bebê desaparecera. Leopoldina explicou, chorando sem parar, que tinha ido ao banheiro, por alguns minutos, e alguém entrou na casa e roubou o bebê de dentro da cesta, onde ele estava dormindo. A polícia investigou a família e toda a vizinhança, mas não conseguiu provar que algum deles tivesse levado o bebê.

A casa não tinha sinais de entrada forçada porque a porta estava sempre no trinco. Naquela época ninguém trancava as portas,

justificou-se dona Clara.

Depois do desaparecimento de César, dona Clara e o marido ficaram em São Paulo por mais três semanas antes de retornarem para o Pará. Já tinham passado muito tempo e Lívio precisava voltar ao trabalho, para não perder o emprego. Dona Clara não voltou a falar com as primas, mas falava sempre com a tia Josáina, para saber se havia notícias de César, e também telefonava para a polícia. Até à data da morte da tia, quinze anos antes, nunca descobriram nada.

Dona Clara e Lívio não tiveram mais filhos, e ele morreu pouco antes dos sessenta anos.

Martha anotou todos os nomes, datas e locais e enviou um e-mail para Queiroz.

O último dia de reuniões terminou com a aprovação das propostas alemãs, por meio de uma vitória suada. Rolf se esforçou por rebater os argumentos inteligentes e pertinentes de William Temple, o premiê inglês. Mas Rolf sabia que talvez não tivesse tanta sorte na vez seguinte. Temple estava se revelando um adversário difícil, que não sossegaria enquanto não provasse que a Alemanha estava minando a Europa. E Temple estava correto: a operação *Umarmen*, com o irônico significado de *abraço* em alemão, tinha o propósito final de controlar a Europa tornando-a definitivamente refém dos bancos e empresas do JKW, o braço econômico dos Dragões.

Porém, a vitória de Rolf Merten lhe deixara um sabor amargo: sua atuação brilhante convenceria os Dragões sobre a sua lealdade à Alemanha, mas as suas medidas afundariam a economia europeia em menos de um trimestre. Aquilo que a sua antecessora levava anos fazendo — uma lenta e desgastante queda da Europa —, ele

conseguiria terminar em poucos meses, facilitando a ascensão do neonazismo.

Também era óbvio que arranjava um inimigo combativo, de peso: William Temple. Pelo conteúdo dos debates e posicionamento cada vez mais radical dos dois ministros — o inglês e o alemão —, era evidente que havia um abismo a separá-los. Rolf tinha certeza de que Temple iria descobrir os seus objetivos obscuros, mas quando descobrisse seria tarde demais para salvar a economia das garras da JKW.

6. Runa Sigel

Ficamos contentes com a sua primeira vinda. Começamos por pensar que vinha da luz, mas agora ele chega como as sombras do crepúsculo, não como a luz da alba. Vem como um dia que já passou e faz com que a noite entre no nosso futuro...

Charlot, chefe dos Índios Cabeças Chatas, 1876

— Houve um *pequeno acidente* — avisou Lúcifer, entrando na magnífica Biblioteca. Aquele era o lugar preferido de Daniel, onde passava todo o seu tempo pesquisando e lendo. Em certos momentos, Lúcifer duvidava se tinha sido uma boa ideia deixá-lo ter acesso a todo aquele conhecimento, mas apesar dos milhares de volumes, ali não devia haver nada de excepcional, que Daniel já não soubesse.

Daniel ergueu os olhos do livro que estava lendo e aguardou o resto das notícias, sem pronunciar uma única palavra. Sabia bem que *os pequenos acidentes* de Lúcifer eram sempre grandes acontecimentos provocados por ele, sem nada de accidental.

— Visitei a sua *noiva* — anunciou irônico, com um sorriso debochado, embora se mantendo atento à reação dele. Apesar de

Daniel estar enfraquecido pelas energias negras do submundo, continuava sendo uma criatura de muito poder. E Lúcifer sabia que Elizabeth era a única fraqueza que conseguira descobrir em centenas de anos: finalmente ele se apaixonara, e isso o tornara vulnerável.

Lúcifer não podia destruir Daniel por razões que estavam além do seu controle. Uma dessas razões era por Daniel possuir uma parcela divina maior, que o distinguia de todos os seres semidivinos. Ele não era simplesmente um protegido, era também um dos prediletos do Divino. E foi por isso que Samael, o anjo da morte, não pode levá-lo, mesmo após Daniel ter trocado a sua vida pela de Elizabeth.

Samael perdeu duas vezes: primeiro perdeu Elizabeth quando ela foi resgatada das suas fronteiras, e depois não pode levar Daniel. Ficou irritado com a artimanha de Daniel. Era sabido que a vida de um protegido não podia ser ceifada. Mas aquela artimanha precisava ser punida para que não se repetisse, e o equilíbrio entre a vida e a morte não fosse rompido. Samael apelou para Lúcifer: só a união dos dois poderia punir Daniel. Juntos poderiam reivindicá-lo e mantê-lo preso nos domínios de Lúcifer, até que Samael considerasse a troca pela vida de Elizabeth paga. Daniel achou justo o pedido de Samael e acompanhou Lúcifer quando chegou o momento. Estava disposto a cumprir o trato para que o equilíbrio entre os mundos não fosse alterado e a sua dívida com Samael fosse saldada.

— E qual foi o *pequeno acidente*? — questionou Daniel, por fim, mantendo o rosto impassível, mas se preparando para o pior.

— Ela achou que eu era você — Lúcifer falava pausadamente, mantendo o sorriso debochado. Moveu as mãos, como se estivesse fazendo um pequeno ballet, antes de continuar a sua explicação. — Acho que a machuquei.

Daniel sentiu uma onda de raiva subir pelos seus músculos, impedindo-o de pensar com clareza. Traiu-se ao apertar ligeiramente os maxilares. O gesto não passou despercebido a Lúcifer. Ele passara séculos tentando feri-lo, e agora bastava falar em Elizabeth para conseguir. Lúcifer estava adorando presenciar o sofrimento de Daniel. E ele nem sequer imaginava que Lúcifer planejava convencer Elizabeth a segui-lo para o submundo. Ela teria que ir voluntariamente, exercendo o seu livre-arbítrio, mas Lúcifer tinha certeza de que ela estava disposta a seguir Daniel para qualquer lugar.

Lúcifer reconhecia que ela era linda, mas quando a teve nos braços, ainda que por pouco tempo, compreendeu por que Daniel se apaixonara. A pureza dela era dolorosamente cativante e deixara-o exaltado. Mas aprendera uma lição naquele primeiro encontro: não podia se apressar com ela e tinha que ser paciente e agir mais como Daniel.

Lúcifer estava de pé, observando Daniel, esperando que ele dissesse algo ou perguntasse por Elizabeth. Mas depois da rápida contração do maxilar, Daniel se manteve sereno, como se nem o tivesse escutado confessar que machucara Elizabeth.

Lúcifer puxou uma pesada cadeira de madeira, sem esforço, e sentou-se próximo de Daniel. Inclinou ligeiramente a cabeça para fitá-lo num ângulo estranho. Adquiriu aquele hábito após ter perdido parte da esmeralda da sua terceira visão. Tinha a sensação de que, ao inclinar a cabeça, a sua terceira visão ficava menos distorcida. Mas não conseguia usá-la com ele ou com qualquer dos Guardiões. Sabia que eles tinham poderes especiais que lhe escapavam, assim como ele tinha os seus. Surpreendeu-se com a limpidez translúcida dos olhos de Daniel. Pareciam pedras de gelo, refletindo a luz sem nada revelar.

Daniel fixou de novo o olhar no imenso livro de pele que estava sobre a mesa, mostrando que não estava disposto a continuar aquela conversa.

— Não quer saber o que fiz com a sua *noiva*? — questionou Lúcifer, provocante.

Daniel não se moveu. Ergueu os olhos, apenas por um instante, antes de responder:

— Não, Lux — Lúcifer sorriu. Daniel sempre o chamara daquele jeito, o seu nome original em latim, que significava luz. Ele nunca mudara a sua forma de tratá-lo, mesmo após o fatídico dia em que ambos escolheram rumos diferentes, quase uma eternidade antes. Mas a partir dali, ambos cultivaram uma distância amigável, evitando conflitos, embora, por vezes, Daniel o tratasse com uma condescendência irritante, como naquele momento.

— Tem certeza? — insistiu Lúcifer, sorrindo.

— Sim. Você é que parece muito ansioso para contar — comentou Daniel, controlando as suas verdadeiras emoções. Lúcifer sentiu uma ligeira irritação. Tinha ido ali com o intuito de provocá-lo e Daniel sempre conseguia inverter a situação, conseguindo irritá-lo. Decidiu que não deixaria Daniel perturbá-lo. Não podia lhe dar esse poder.

— Elizabeth — pronunciou o nome dela muito devagar, como se estivesse saboreando cada uma das sílabas. — Primeiro pensei que ela era a paixão de Besson, mas depois percebi que era também a sua. Imagine a minha surpresa! — fez uma pausa e sorriu, antes de dizer realmente o que queria: — Por pouco, por muito pouco, não a tive. Toda aquela pureza e inocência, aquela bondade, o dom de ver o futuro... — falou, rodando levemente a mão direita, como se tivesse acariciando uma mulher imaginária. — A sua *noiva* vai ser minha, Daniel — informou, inclinando de novo a cabeça para avaliá-lo, mas Daniel mantinha sua aparência tranquila e impenetrável.

Lúcifer afastou a cadeira e levantou-se, dizendo:

— Veremos como vai reagir quando eu lhe disser que ela é minha.

Aquelas palavras fizeram Daniel tremer interiormente. Quando a pesada porta da biblioteca se fechou, após a saída de Lúcifer, Daniel deixou cair a máscara. A sua indiferença foi substituída por uma expressão de dor: fechou os olhos com força, cerrou os maxilares e deitou a cabeça sobre o braço, por alguns segundos. Lúcifer viera lhe contar os seus planos para vê-lo sofrer, porque sabia que ele só poderia sair dali quando Lúcifer o deixasse partir. E isso só aconteceria quando Samael o libertasse.

Oliver entregou um envelope com nove mil dólares ao homem moreno, em troca da localização de Tereza Sampaio Elliot. Demorou uma semana para conseguir alguém que trabalhasse na Polícia Federal e trocasse informações por dinheiro. Oliver conhecia muita gente que lhe devia favores, e por fim conseguiu um nome. Embora fizesse aquilo há anos, sempre ficava impressionado com a facilidade com que as pessoas vendiam a sua lealdade.

O homem cobrara inicialmente três mil dólares pela informação, mas telefonara dias depois, triplicando o valor. Justificara-se, afirmando que Tereza havia sido realocada e o arquivo era confidencial para o seu posto hierárquico. Para conseguir a informação que Oliver pedira, tinha que falar com um colega, num posto superior, para que ele acessasse o arquivo, e isso seria mais caro.

Oliver informou que pagaria. E ali estava o homem moreno, de baixa estatura e rosto feroz, entregando um envelope marrom, com duas folhas dobradas no seu interior, contendo o endereço e a nova identidade de Tereza.

Minutos após afastar-se do homem moreno, Oliver destruiu o *chip* do celular que usara para contatá-lo. Em seguida dirigiu-se para o táxi que o esperava uma rua abaixo. Quando se sentou no banco de trás e o táxi começou a rodar, abriu o envelope e descobriu qual seria o seu próximo destino.

Daniel jamais conseguira ir além dos muros que separavam os domínios privados de Lúcifer do resto do submundo.

A morada de Lúcifer e dos seus eleitos, os mais sedutores e perigosos Anjos Negros, era um lugar tranquilo, com uma ordem perfeita. Fora daquela espécie de ilha, cheia de beleza e sofisticação, estava o verdadeiro submundo, não muito diferente de certos lugares da terra: gente vivendo sem regras nem lei, em sofrimento e lutas constantes, submetida aos mais fortes e cruéis. A diferença é que ali o sofrimento se repetia diariamente e não tinha fim, porque a morte não chegava. O submundo era apenas o resultado das piores facetas humanas.

Daniel precisava avisar Elizabeth sobre o plano de Lúcifer se aproximar dela, usurpando a identidade dele. Para isso teria que resolver dois problemas: o primeiro era sair dali sem ser descoberto, e o segundo, seria o de explicar a Elizabeth que ela devia rejeitar um homem que era, em tudo, igual a ele — uma versão exata dele. Mas esse problema, comparado ao perigo de ser descoberto, parecia infinitamente menor naquele momento.

Daniel sabia da existência dos portais que ligavam os dois mundos, e tinha um deles — o espelho de Iblis. Mas só as memórias que absorvera da Laranja Dourada lhe permitiam saber a localização exata dos sete portais do submundo. E apenas três dos portais estavam relativamente acessíveis e não eram vigiados pelos

implacáveis guardas de Lúcifer. Em contrapartida, os lugares onde se encontravam estavam sob uma rígida vigilância e ninguém podia entrar neles sem autorização de Lúcifer.

O portal que tinha correspondência com o seu espelho de Iblis ficava na Biblioteca, por onde ele podia circular com certa liberdade. Lúcifer não imaginava que Daniel soubesse daquilo e, principalmente, que conseguisse localizar um portal cuja existência ninguém descobrira em milênios.

Durante o período que ali passara, Daniel estivera quase sempre sozinho na Biblioteca. Só em raras ocasiões cruzara com alguns seres magníficos, de beleza exótica. Esguios e altos, com rostos angulosos e longos cabelos de um negro tão profundo que pareciam azuis. Eles possuíam uma presença totalmente magnetizante. Mesmo de longe, Daniel podia perceber que tinham tanto de belo quanto de maligno. Deviam ser Anjos Negros do mais alto escalão, talvez do mesmo escalão a que Lucrezia Zani pertencera, antes de cair em desgraça aos olhos de Lúcifer.

O certo era que a Biblioteca era pouco frequentada, mesmo pelos privilegiados que estavam autorizados a visitá-la. No entanto, não deixava de haver o risco de Daniel ser confrontado, a qualquer momento, com a presença dos Anjos Negros, ou até do próprio Lúcifer, como acontecera recentemente. Concentrou-se em descobrir como acessar o portal, localizado atrás de uma das estantes atulhada de livros até o topo, à esquerda da porta principal. O pé-direito da Biblioteca, com quase quarenta metros, tinha quinze níveis diferentes, que permitiam o acesso lateral aos livros, por meio de passadiços de madeira ricamente entalhados. As estantes de madeira maciça haviam sido desenhadas e encaixadas em seus devidos lugares, não parecendo haver forma de movê-las. O peso adicional, proveniente dos muitos milhares de volumes, contribuía

para mantê-las imóveis. O portal estava no primeiro nível, próximo do chão, como acontecia com a localização de todos os portais. Era o chão que lhe dava sustentação, permitindo estabilizar os grandes fluxos de energia necessários para o deslocamento entre planos diferentes de existência.

Apesar de tudo, Daniel acreditava que Lúcifer jamais fecharia completamente um portal. Ele tinha alternativas e estratégias para tudo, e selar um portal não era uma decisão inteligente. Concentrou-se na busca de uma saída, contando com uma vantagem que mais ninguém possuía: ele conhecia bem Lúcifer e o seu raciocínio. Após muitas tentativas, usando a lógica e os instintos, encontrou a alavanca secreta que permitia mover a parte inferior da estante e aceder ao portal oculto por detrás dela. A alavanca estava numa posição engenhosa, mas lógica, exatamente em frente ao portal, na parede oposta.

Mas as dificuldades estavam apenas começando. Após acessar o portal e se deslocar para o plano humano, teria que manter a estante deslocada da parede, para criar um espaço que permitisse a passagem do seu corpo, no retorno. Qualquer um que entrasse na Biblioteca poderia perceber a estranha posição da estante. E se ela se fechasse, Daniel não poderia voltar ao submundo, permitindo que Lúcifer descobrisse a sua fuga. Tudo o que Daniel não podia fazer era irritar Lúcifer, pondo em causa a verdadeira razão da sua presença ali, e colocando Elizabeth em perigo, evitando que ela pagasse pelo arrojo dele.

Queiroz leu o e-mail de Martha. Ela adicionara detalhes com um cuidado que faria inveja a qualquer detetive. Embora não acreditasse

que pudesse encontrar César, tanto tempo após o seu desaparecimento, foi tocado pela história de dona Clara.

Usou o seu pouco tempo livre para começar a investigar. O primeiro desafio era encontrar o arquivo do caso. Quarenta anos antes só havia papel e a delegacia responsável pela investigação inicial fechara. Os arquivos foram transferidos para duas delegacias, que absorveram o contingente policial e os casos não resolvidos. Queiroz pediu que procurassem o arquivo e, cinco dias depois, recebeu um dossiê empoeirado. A informação se tornara praticamente ilegível, e a letra manuscrita se diluíra no papel amarelado. Queiroz anotou os nomes e endereços que encontrou.

No final de semana seguinte começou a investigar os familiares de dona Clara. Visitou o bairro onde moravam quatro décadas antes, e depois de passar uma manhã frustrante fazendo perguntas, finalmente encontrou uma senhora que conhecia a família de dona Clara e se lembrava do bebê desaparecido. Ela contou a história, mas não disse nada que Queiroz já não soubesse pelo e-mail de Martha: os tios de dona Clara haviam falecido; Leopolda, a prima mais velha de dona Clara, desapareceu depois do incidente com o bebê; Leopoldina, a mais nova, casou-se e mudou para outro bairro. No entanto, a senhora deu-lhe o endereço da sogra de Leopoldina, que ainda morava no bairro.

Queiroz dirigiu-se à casa da sra. Costa. Ela era uma viúva com mais de noventa anos, enérgica e com gênio forte, e contou-lhe tudo o que sabia mas, uma vez mais, não havia novidade. Após uma longa conversa, conseguiu o endereço de Leopoldina e foi ao apartamento dela, porém não a encontrou e decidiu voltar noutro dia.

Dieter Steinbach surpreendeu-se com o telefonema de Merten, pedindo uma reunião, dias depois da última reunião de cúpula dos países do euro. O ministro informou que gostaria de discutir os resultados da cúpula, que considerou “muito produtivos”. Dieter reorganizou a sua agenda para receber Rolf no dia seguinte, movido pela curiosidade.

Rolf explicou, com os detalhes que considerou pertinentes, como a Operação *Umarmen* estaria finalizada em três meses. E com base em sua atuação, disse que gostaria de participar dos planos da Sociedade. O pedido, feito de modo cru, como era típico de Rolf, pegou Dieter desprevenido. O ministro estava se superando em seu arrojo — que, aliás, constituía uma de suas características. Ele era um pensador original, muito à frente do seu tempo.

Dieter lembrou-o que o lugar na Sociedade era herdado, passava de geração em geração. Rolf não se abalou com os argumentos e defendeu que o mérito devia ser recompensado. Pediu que Dieter ponderasse sobre o assunto e afirmou que ele era a pessoa certa para gerir as finanças tanto da Alemanha quanto do grupo, se necessário. E quando Dieter lhe respondeu que iria consultar o Conselho, Rolf sorriu, antes de afirmar, de forma eloquente, enfatizando bem as palavras:

— Por razões que desconheço, você é o Conselho. Eles farão o que você quiser.

Dieter sempre admirara a inteligência de Rolf Merten e sentia orgulho por tê-lo escolhido. Nem todos no Conselho concordaram quando propôs o nome de Rolf para assumir a economia do país, até às eleições seguintes, em poucos meses. Os críticos defendiam que Rolf era contra o capitalismo desenfreado e, politicamente, era um opositor do neonazismo, além de ser muito jovem. Mal tinha acabado de completar quarenta anos. Dieter defendeu que a idade

não era importante num homem com o cérebro de Rolf e lembrou que ninguém, em seu pleno juízo, apoiava o neonazismo no atual cenário europeu.

Afirmou que uma simples frase como *Sieg Heil*, a expressão vitoriosa dos nazistas, podia ser punida com uma pena de até três anos de prisão. Os Dragões sabiam que ser nazista ainda era algo silencioso, que precisava do momento certo e de um contexto seguro para se revelar. Era necessário criar um ambiente político que favorecesse o ressurgimento dos seus ideais, e era nisso que eles estavam investindo.

Agora, vendo Rolf Merten, o mais brilhante economista moderno, rendido à causa nazista, Dieter não tinha dúvidas sobre a sua escolha. O fato de Rolf ter projetado o fim econômico da Europa era um feito e tanto, que provava sua lealdade à Alemanha, além de mostrar que o ministro estava sendo coerente com os ideais daqueles que o haviam nomeado. Rolf não era um homem que voltasse as costas aos seus compromissos.

Dieter sorriu perante o comentário sagaz de Rolf.

— Vou ver o que posso fazer — argumentou, levantando-se da sua cadeira e mostrando assim que a reunião terminara. Agora Dieter teria que convencer os outros a aceitá-lo, porque Rolf seria o único que não descendia de uma linhagem ariana. Gostaria que ele se tornasse o décimo segundo elemento da Sociedade e ocupasse o lugar deixado por Kùchler. Ninguém cogitara convidar os descendentes de Kùchler, porque além dos fatos que rodearam a sua morte, ele tinha duas filhas, e a Sociedade só aceitava homens.

Dieter Steinbach sentia-se pronto para iniciar a ascensão do Quarto Reich. Já tinha o triunvirato do poder: ele seria o *Führer*, Rolf controlaria a economia europeia, e Halder, as forças militares.

Elizabeth sabia que todos aguardavam uma explicação para o incidente, noites antes. Esperaram que ela melhorasse e as queimaduras sarassem. Apesar do remédio que Dib lhe dera e da sua natureza lhe permitir uma rápida recuperação, Elizabeth levou dias para se livrar da dor e das marcas.

— Precisamos saber o que houve — Dib falou, depois do almoço, quando ainda estavam reunidos em volta da mesa. — O que acontece com cada um de nós, acaba afetando todos.

— Eu sei, mas não posso falar — insistiu, sentindo-se sob escrutínio, sem poder revelar que vira Daniel. E pior: sem saber como justificar as marcas das mãos dele no seu corpo. Por isso, o silêncio era a sua única alternativa.

— Elizabeth, neste momento estamos vulneráveis: perdemos Kent e Daniel. Mudamos de país. Esta seria a ocasião ideal para sermos atacados. E eu acho que existe uma força sobrenatural usando você e tentando manipulá-la — concluiu Dib. Depois de pensar bastante, acreditava que a única razão para ela proteger a identidade da pessoa que a atacara só podia estar relacionada com Daniel.

— Conte-nos o que aconteceu. Por favor — pediu Miguel, concordando com a explicação de Dib: alguma força dominara Elizabeth. E todos tinham uma dúvida que não verbalizavam: até que ponto essa força a subjugara? Era difícil perceber mudanças na energia dela, porque a febre poderia ter escamoteado a perda da sua castidade. Miguel não podia continuar com aquela dúvida que o estava corroendo. Perguntou, de forma elegante, evitando expô-la: — Elizabeth, o que aconteceu naquela noite põe em questão alguma regra da Ordem?

Ela compreendeu o alcance da pergunta. Encarou-o e sacudiu a cabeça, com um gesto de rejeição, sem precisar falar. Miguel sentiu

alívio.

— Você está lidando com algo muito além da sua compreensão — Dib avisou-a, com a voz fria. — E se persistir no que está fazendo, seja lá o que for, não há nada que possamos fazer para protegê-la.

— Além de estar nos colocando em perigo — concluiu Uchoa.

Elizabeth ouvia-os, mas não acreditava que Daniel fosse capaz de prejudicá-los. Para isso ele teria que ter-se transformado numa força sobrenatural destrutiva.

— Se acontecer de novo, eu falo com vocês — avisou Elizabeth.

Apesar das palavras dela, nenhum dos Guardiões ficou tranquilo. Dib chamara a atenção para algo sobrenatural que estava acontecendo, mas todos já pressentiam uma força maligna se formando dentro da casa. Elizabeth era a única que não conseguia sentir, por ser o epicentro dessa força e, também, a menos experiente.

Dieter Steinbach conheceu Lucrezia Zani pouco depois da morte do seu filho, num momento em que lutava com sentimentos paradoxais: por um lado lamentava dolorosamente a sua perda, por outro achava que talvez fosse melhor assim.

Lucrezia sabia tudo sobre Dieter: quem era, o seu passado e o da sua família, os seus desejos e planos para o futuro. Também sabia da existência da Sociedade do Dragão Verde. Mas Dieter não conseguiu descobrir nada sobre ela. Quando Lucrezia fez a inesperada proposta de ajudá-lo a chegar ao poder, ele rejeitou. No seu futuro, planejado com cuidado e antecedência, não havia obstáculos, e o papel dela parecia irrelevante.

Lucrezia não pareceu afetada com a rejeição e parecia até esperar aquela reação da parte dele. Ela o informou sobre os imprevistos,

lembrando-o que, antes dele, muitos haviam tentado dominar o mundo e falhado, e o tipo de ajuda que ela estava propondo não era *deste mundo*. Explicou que o futuro dele só estaria garantido se ele tivesse a Lança do Destino. Dieter surpreendeu-se com a revelação: a lança estava perdida desde o final da Segunda Guerra, mas ele conhecia bem a sua origem e valor e, também, o papel que desempenhara na ascensão do nazismo. Na verdade, os Dragões haviam procurado por ela: tratava-se de um artefato místico que garantia o poder a quem o possuísse. Todos os grandes líderes da história possuíram a lança.

Dieter perguntou o que ela queria em troca, e a resposta de Lucrezia foi ainda mais surpreendente:

— Almas e a sua lealdade — dissera, com simplicidade.

Dieter sabia tudo sobre os rituais do nazismo e as muitas mortes que haviam alimentado as forças que os tornaram poderosos. Aquela era a sua herança, e os registros dos Dragões, salvos da destruição da Segunda Guerra, revelavam a participação de monges tibetanos que haviam auxiliado os nazistas na sua escalada ao poder. Apesar de tudo aquilo, as razões para os planos nazistas terem fracassado permaneciam um enigma incompreensível.

Dieter não pretendia fracassar e fez um acordo com Lucrezia.

Recebeu a lança e guardou-a numa sala especial, na área privada de *Drachenaugen*, o Olho do Dragão, a sua propriedade secreta, onde aconteciam os treinos da elite militar.

Lucrezia cumprira a sua parte do acordo, ao enviar a Lança do Destino. Agora era vez dele: Dieter deveria provar a sua lealdade começando por resgatá-la da prisão.

Porém, a associação de Lucrezia ao caso dos Anjos Caídos a tornara tóxica: ela era a mais profícua assassina de crianças da história e qualquer ligação com ela arruinaria o seu futuro. Depois da

prisão de Lucrezia e da sua intensa exposição na mídia, Dieter decidiu não voltar a contatá-la. Parecia claro que os planos para a ascensão do Quarto Reich se sobrepusessem ao seu acordo com ela. A sua lealdade era primeiro com a Alemanha, e só depois com Lucrezia.

Elizabeth escutou, de novo, o ruído do espelho se quebrando. Agora sabia do que se tratava. Aproximou-se, desta vez sem temores. O ruído ficou mais forte, e a imagem de Daniel se definiu aos poucos, por trás de uma espécie de película brilhante. Ela estendeu a mão, tocou no espelho, e ele se tornou espantosamente líquido. Daniel segurou as pontas dos seus dedos e emergiu da superfície trêmula do espelho para entrar no quarto. Observou-a: ela estava um pouco pálida, mas continuava linda. A longa camisola de seda verde água tinha a mesma cor dos olhos dela. O tecido suave moldava o seu corpo quando ela se movia, revelando as formas longilíneas. Ele rodeou-a pela cintura com um dos braços e se inclinou para beijá-la no rosto. Conduziu-a pela mão e sentaram-se na beirada da cama. Daniel firmou uma perna no chão e cruzou a outra sobre a cama, sem soltar os dedos dela. Analisou-a por alguns segundos, com os olhos azuis de transparência assombrosa. Elizabeth achou-o diferente: não parecia o homem intenso e ansioso da última visita, nem o apaixonado e amoroso dos dias anteriores ao seu desaparecimento. Era outro: comedido e sereno. Lembrava o Daniel de sempre.

— As suas mãos estão mornas — constatou. — Da última vez queimaram o meu corpo.

Daniel baixou os olhos para ocultar um lampejo de raiva. Acabara de descobrir o que Lúcifer havia feito com Elizabeth. Ele era o mais

poderoso de todos os Anjos Negros e as suas queimaduras podiam ter marcado ou desfigurado Elizabeth para sempre. Não sabia ainda como lhe contar que Lúcifer podia assumir a identidade dele.

— Desculpe — pediu, acariciando a mão dela com a ponta dos dedos, como se estivesse desenhando um mapa sobre a sua pele. — Ainda tem as marcas?

— Não. Dib me deu um remédio, e elas sumiram aos poucos — explicou, lembrando os avisos de Dib sobre uma força sobrenatural e atenta ao comportamento de Daniel.

Daniel levou a mão dela aos lábios e beijou-a com ternura. O movimento expôs a marca no braço dele, oculta sob a manga da camisa dobrada. A marca perfeita das SS sempre a deixara curiosa, mas não se lembrava de tê-la visto na última visita dele. Ficou desconcertada ao recordar a explicação que ele dera sobre a ausência de cicatrizes.

— Esta marca não desapareceu como as suas cicatrizes? — perguntou, passando os dedos suavemente sobre ela. Daniel ficou em estado de alerta e compreendeu de imediato que Lúcifer devia ter dito algo para explicar a ausência de cicatrizes. A óbvia intimidade que Lúcifer tivera com Elizabeth, fazendo-se passar por ele, incomodava-o, mas não havia nada que pudesse fazer, exceto tentar desmascará-lo.

— Ela não desaparece. O que acha que é? — sabia que Elizabeth tinha dúvidas, e o seu objetivo ao explorar o assunto era criar um problema posterior para Lúcifer.

— Não sei... — titubeou.

— Acho que sabe. Ou pelo menos já pensou sobre isso. É algo que a incomoda desde que a viu pela primeira vez, na entrada do Mosteiro — lembrou Daniel, com calma.

— É o símbolo da *Schutzstaffel* — Elizabeth falava baixo, parecendo temer seus próprios pensamentos, ao mencionar as SS, a cruel tropa de elite nazista, liderada por Himmler. Por mais que tentasse evitar, estava começando a ter dúvidas sobre a natureza de Daniel, sem saber até que ponto ele flertava com a maldade. Era difícil distinguir o bem e o mal, principalmente nas ocasiões em que, para conseguir o bem, era necessário fazer o mal. O temor que ele não fosse totalmente bom não fazia com que o amasse menos, mas temia que pudesse se tornar a perdição de ambos.

— O que acha que representa? — insistiu, movendo o braço e expondo o desenho na pele, resultante de uma escarificação, um relevo produzido com cortes na pele.

— Não sei, Daniel — respondeu, sabendo que os prisioneiros de guerra eram marcados com números e, se Daniel tinha aquele símbolo, era provável que estivesse associado ao nazismo. Ela debatia-se com pensamentos contraditórios, sem conseguir imaginar por que ele mantinha o símbolo das SS, tantos anos após a queda do nazismo, quando poderia tê-lo eliminado com uma cirurgia simples. Também não entendia por que ele estava falando sobre aquilo, justamente naquela ocasião. Mas ele estava disposto a desvendar o mistério:

— Os símbolos nazistas se baseiam em antigos símbolos místicos. Símbolos do Bem. O significado original desses símbolos é desconhecido da maioria das pessoas, e o que restou foi a leitura feita pelo nazismo. É o caso da runa Sigel — disse apontando para a tatuagem. — Sabe o que são as runas, não é?

— Formam a antiga escrita da Europa do Norte, e são-lhe atribuídos poderes mágicos.

Daniel moveu a cabeça num breve aceno de concordância, antes de explicar:

— A runa Sigel representa a vitória em combate, o sol, a força da vida. Muito antes de Hitler ter se apropriado da runa Sigel, como marca das SS e símbolo de vitória nazista, nós, os Guardiões, já usávamos as runas. Quando evoluir no seu aprendizado vai saber que usamos todos os símbolos e instrumentos de magia, independente de sua origem.

— É igual à das SS — comentou Elizabeth, sentindo culpa por ter duvidado dele.

— A das SS é que é igual à minha. Tenho esta tatuagem desde 1314, o ano em que De Molay foi morto — anunciou, explicando a origem da escarificação, tentando se manter tranquilo. Sabia que precisava voltar ao submundo. Quanto mais tempo estivesse ali, maior seria o risco de ser descoberto. Por outro lado, não podia se apressar com Elizabeth, para garantir que ela se lembraria de todos os detalhes que poderiam expor Lúcifer. — A primeira runa simboliza a vitória do bem contra o mal. E a segunda é um aviso sobre o que está oculto dentro de nós. Juntas, lembram que, às vezes, precisamos recuar para conseguirmos vencer as batalhas. É isso que fazemos: vencemos batalhas.

— É difícil não associá-la ao nazismo — confessou ela, tentando justificar os pensamentos e as dúvidas que a haviam assaltado sobre Daniel.

— Eu sei — acariciou de leve a mão dela. — Antes de voltar preciso fazer um pedido que não será fácil de entender.

— O que é?

Daniel se aproximou dela e falou baixinho, junto ao seu ouvido:

— Sempre que eu a visitar e não tiver a marca Sigel, não confie em mim. Não discuta qualquer assunto comigo nem deixe que me aproxime de você.

Elizabeth ficou desconcertada com as palavras dele. Por alguns segundos, lutou para compreender o que ele estava dizendo. Afastou o rosto um pouco para ver os olhos dele e perguntou no mesmo tom de voz baixo, ainda sem entender o que estava acontecendo:

— O que está querendo dizer?

— Tenha cuidado — advertiu. — Questione Dib sobre as minhas cicatrizes. Elas não desaparecem. Nunca — enfatizou, beijando-a no rosto, antes de partir, sem lhe dar tempo para retrucar.

Elizabeth viu-o entrar no espelho e desaparecer. Continuou sentada na cama, confusa. Esforçou-se, em vão, para lembrar se Daniel tinha a marca Sigel na visita anterior, mas só conseguia recordar a ausência das cicatrizes, o excesso de paixão e o calor das mãos dele.

William Temple só percebeu que havia um minúsculo pendrive na mala de mão, onde transportava os documentos e o computador, ao reorganizar os seus papéis. Estava em casa, no sábado à tarde, quando tirou tudo de dentro da mala de couro e encontrou o pendrive negro no fundo da divisória externa, facilmente acessível por meio de um zíper. Ele não usava aquela divisória, por considerá-la demasiado exposta.

O pendrive não era seu e a primeira coisa que lhe ocorreu foi que podia ser um vírus, ou algo malicioso. Avaliou as suas opções e decidiu testar o pendrive no antigo computador. Deixara de usá-lo desde que comprara o novo, e já tinha retirado toda a informação importante.

Ligou o velho computador e inseriu o pendrive. Clicou no ícone que representava uma pasta zipada e uma lista de dez documentos

se desdobrou na tela. Abriu o primeiro, em Word, e começou a ler. Sentiu imediatamente um baque, como se tivesse tomado um susto. Tentou controlar a ansiedade que se apoderava dele à medida que lia. Ao finalizar o primeiro, passou para os seguintes, e quando estava analisando as planilhas Excel, ouviu algumas batidas na porta. Reconhecia a forma suave como os dedos batiam contra a madeira: era Joan, sua mulher. Ela nunca entrava no seu escritório sem antes bater na porta e fazia-o sempre delicadamente.

— Entre — respondeu, olhando para o relógio de pulso. Eram cinco e meia da tarde.

— Trouxe um chá. Precisa comer algo — anunciou, colocando a bandeja com o bule de porcelana e a xícara sobre um dos cantos da mesa. Ao lado havia um prato com bolinhos crocantes, de massa folhada, de que ele tanto gostava. Joan lhe dava a segurança emocional de que precisava para fazer o seu trabalho e também lhe impunha algumas regras e limites.

— Não percebi o tempo passar — disse, levantando-se da cadeira para se aproximar dela. Beijou-a na testa, antes de aceitar a xícara fumegante.

Continuava apaixonado após vinte e cinco anos de casamento. Conheceram-se na faculdade, e Temple sempre soube que ela era a sua alma gêmea, mas levou dois anos para convencê-la disso. Não imaginava a sua vida sem ela. Seis anos antes, quando Joan foi diagnosticada com câncer, ele quase enlouquecera durante o período de um ano e meio em que ela lutou contra a doença. Desde então ela fazia exames periódicos e, nesses dias, ele levava-a sempre para jantar no seu restaurante favorito.

Tinham dois filhos: Jonathan com dezenove anos, estudava economia seguindo os passos do pai, e Kate, com vinte e um anos, estudava filosofia.

— Desculpe, querida, surgiu um imprevisto e não pude ficar com você — justificou-se. Ele gostava de passar as tardes de sábado lendo e conversando com Joan. Quando o tempo estava bom, ficavam no pequeno jardim, rodeados de flores e silêncio. Às vezes ele abria as portas de vidro da sala de estar, que comungavam diretamente com o jardim, punha um CD com ópera e ficavam ali. Só entravam em casa quando anoitecia.

— Não faz mal — respondeu, acariciando o rosto dele com ternura. — Sabíamos que seria assim, se fosse eleito. Agora, continue... — despediu-se dele com um beijo na face. Temple abraçou-a com força, fazendo-a sorrir. Depois ficou a vê-la afastar-se, até a porta se fechar nas suas costas.

Terminou o chá, colocou um bolinho minúsculo na boca e voltou para o computador, concentrando-se de novo nos documentos e nas planilhas.

Quando deixou o seu escritório, quase às oito da noite, já tinha uma ideia clara do que faria, embora desconhecesse a identidade do generoso benfeitor que lhe dera o pendrive.

7. Quietude dos bons

Para o triunfo do mal basta que os homens bons não façam nada.

Edmund Burke (1729-1797)

Lucrezia entendeu, finalmente, que Dieter Steinbach não iria salvá-la. Calculou que ele não ia correr o risco de tornar pública a sua ligação com ela, para não comprometer os planos para a ascensão do Quarto Reich. Mas isso não tornava a atitude dele perdoável. Se ele estivesse mesmo disposto a ajudá-la, teria arranjado uma solução.

Sem o apoio de Dieter, Lucrezia precisava arranjar outra solução para sair daquela prisão higiênica e branca, que consumia as suas energias. Após a morte do guarda, não tivera oportunidade de atacar mais ninguém e estava muito enfraquecida. Em breve começaria a sua decadência física. Tinha que escapar o mais rápido possível. Avaliou a oferta de Miguel. A situação era irônica: ele foi o principal responsável pela sua prisão, e agora era a sua última opção de liberdade. Mas haveria um preço a pagar e ela precisava descobrir qual seria.

Pedi para contatar Miguel, e dois dias depois obtive a autorização. Levaram-na para a pequena sala branca de visitas, algemada pelas mãos e pés, com um aparato de segurança digno do mais perigoso dos assassinos — que era o caso. Lucrezia continuava vigilante, observando os guardas, à espera da primeira falha para voltar a matar. Mas eles haviam aprendido a lição com o jovem guarda que pagara a sua distração com a vida, e não se deixavam enganar por sua beleza ou falsa mansidão.

Marcou o número de Miguel e aguardou. Segundos depois ouviu a voz dele:

— Sim?

— Miguel, sou eu, Lucrezia.

— Como vai? — perguntou. Não esperava que ela o procurasse, mas deduziu que o *herdeiro natural*, como ela chamara, a deixara apodrecendo na prisão. Só aquilo justificaria o telefonema dela.

— Vamos discutir a sua proposta? — questionou, sem responder à pergunta dele. Miguel calculou que ela estivesse muito pressionada pelo tempo. Também sabia que qualquer acordo com ela só seria válido até o momento em que ela tivesse o que desejava. Precisava ser muito perspicaz para lidar com Lucrezia.

— Vou vê-la assim que possível — respondeu, dando por terminada a conversa.

A brutalidade do controle econômico na Europa fazia-se sentir em todos os níveis, através da Operação *Umarmen*, e havia sempre algum fato que contribuía para alimentar a tensão. O último tinha sido a aprovação da lei sobre o registro obrigatório de sementes, que passavam a ser propriedade intelectual dos grandes grupos econômicos.

A manifestação programada em Lisboa, para o início da semana, contava com a participação de centenas de pessoas vindas de várias regiões do país. A maioria dos manifestantes era uma população sem emprego ou perspectivas de futuro, que estava sendo mergulhada na pobreza para alimentar o canibalismo das poderosas corporações.

A cidade estava paralisada e as ruas, intransitáveis. Desde muito cedo as pessoas, com faixas de protesto, se dirigiam para os pontos de encontro previamente definidos.

Todos os meios de comunicação comentavam que se tratava da maior manifestação que já ocorrera. O governo temia que qualquer conflito terminasse num banho de sangue e ordenou a participação do exército no reforço da segurança.

Os Guardiões observavam as movimentações e acreditavam que aquela manifestação terminaria mal. Miguel, que havia considerado a agressão de Hans suspeita, mencionou três questões para justificar que o seu atacante, e o amigo Peter, agiam com propósitos obscuros. A primeira era a identidade deles: Peter afirmara que eram ingleses, mas o atacante, Hans, tinha um nome alemão. A segunda era que eles estavam de férias e Peter afirmou que haviam sido *surpreendidos* pela manifestação. E, por fim, Hans agredira-o com violência incomum. Separadamente, qualquer das atitudes não parecia suspeita, mas somadas tinham uma leitura diferente: Miguel se perguntava por que um inglês de férias, com nome alemão, estava participando de uma manifestação e atacara um dos manifestantes?

Dib pediu que Miguel, Seth e Uchoa monitorassem o evento. Eles se misturaram à população, atentos a tudo o que parecesse suspeito, e procuravam dois homens altos, atléticos e loiros entre milhares de pessoas. A probabilidade de os encontrarem era baixa,

ou talvez os localizassem quando fosse tarde e o conflito já estivesse estalado.

Os três se dirigiram à Assembleia da República, por ruas paralelas, onde se encontrava o núcleo da concentração. Baseado em sua experiência anterior, Miguel acreditava que o conflito começaria ali. Mas havia muita gente e era quase impossível encontrar os dois atacantes.

Miguel conseguiu convencer uma energética septuagenária, que morava em frente à Assembleia, a deixá-lo usar a sacada do seu apartamento, no segundo andar, para encontrar um amigo. Usou o zoom do celular para procurar os dois homens entre a multidão. A dona da casa, embora o tivesse deixado entrar, não saiu de junto dele. Meia hora depois, quando ela começava a dar sinais de impaciência, Miguel viu Hans se movendo lentamente entre a multidão. Agradeceu a gentileza da senhora e saiu rapidamente. Em segundos estava na rua. Avisou Seth e Uchoa.

Pensou que, se Hans estava ali, Peter não devia estar longe, e eles não podiam mais justificar as suas presenças na manifestação, afirmando que haviam sido *surpreendidos* pelo evento.

Como Hans era alto, Miguel conseguia ver o seu cabelo loiro, cortado rente, destacando-se entre os manifestantes. Miguel forçou-se entre a multidão e aproximou-se. Entre eles havia apenas uma mulher, e se Miguel esticasse o braço conseguiria tocar em Hans.

Entretanto Uchoa e Dib continuavam procurando alguém que correspondesse à descrição de Peter, que Miguel lhes dera. Eram três da tarde quando Hans ergueu o punho para atingir o jovem que estava do seu lado esquerdo gritando por justiça. Mas antes que o atingisse Miguel afastou a mulher que os separava com um empurrão e interrompeu o movimento de Hans com a mão. Hans voltou-se para trás, surpreendido pela intervenção e força de Miguel.

Uma luz se acendeu no seu cérebro de repente: aquele era o mesmo homem que ele atacara na manifestação anterior. Tentou libertar a mão, mas os dedos de Miguel pareciam de aço. Miraram-se por segundos, antes de Hans fazer um gesto com o outro punho para acertar Miguel. Mas ele parou o novo golpe com a outra mão. Hans estava com os dois punhos fechados, envolvidos pelas mãos férreas de Miguel, e por mais que tentasse não conseguia libertar-se. As pessoas em volta dos dois começaram a se agitar e Miguel percebeu que era hora de acabar com aquilo e tirar Hans dali. Soltou um dos punhos de Hans e moveu rapidamente a mão em direção ao pescoço dele, apertando-o com firmeza e fazendo-o desmaiar em segundos. Apoiou Hans sobre o seu corpo, colocando o braço dele sobre o seu ombro, e começou a arrastá-lo para fora dali. A multidão se afastava um pouco, tentando criar espaço para ele passar com o corpo inerte. Desta vez Miguel pretendia descobrir o que estava acontecendo.

Levou Hans por alguns quarteirões, sem esforço, afastando-se da multidão, e quando encontrou um banco de jardim, numa pequena praça mais tranquila, sentou-se calmamente com ele. Pretendia ter um esclarecedor *contato* com Hans.

Klaus Jürgen aproximou-se da Assembleia e estranhou a calma. Naquele momento os distúrbios já deviam ter começado e Hans estaria esperando por ele para iniciarem outro foco de violência, desta vez no Rossio, onde havia alguns jovens arruaceiros, cheio de energia, e seria fácil disseminar os confrontos.

Apesar de não encontrar Hans, Klaus precisava cumprir a missão e decidiu provocar o conflito. Avaliou a multidão compacta e percebeu que seria difícil escapar. A praça estava rodeada por um cordão de militares e policiais e a sua fuga estaria comprometida. Amaldiçoou

Hans, por não ter feito a sua parte do trabalho na hora certa, quando os militares ainda estavam se posicionando.

Afastou-se da praça, pelo meio da multidão, em busca de uma oportunidade. Abriu caminho com agressividade crescente, empurrando as pessoas, indiferente às reclamações e aos insultos de que era alvo. Um homem alto e forte reagiu, colocando a mão imensa sobre o seu peito. Klaus pegou a mão do homem e rodou com força até ouvir um estalo: a mão quebrou e o homem urrou de dor. O amigo que o acompanhava avançou para Klaus, mas ele lhe acertou o rosto com um murro violento. O amigo caiu sobre outra pessoa com o impacto do golpe. O conflito estava iniciado: como um rastilho de pólvora, os manifestantes se empurravam e, em segundos, estavam se agredindo. Klaus se afastou, deixando um trilho de violência. A manifestação se transformou num campo de batalha com o triste saldo de dois mortos, cem feridos e muitos presos.

Voltou para o hotel com algumas mazelas. Hans ainda não tinha chegado e, também, não atendia o celular.

Oliver alugou um carro assim que saiu do aeroporto, em Belém do Pará. Chegou ao seu destino, depois de uma viagem extenuante. As estradas eram uma tristeza. Era difícil saber quais as que estavam em piores condições: se eram as de terra ou as que tinham uma fina e degradada camada de asfalto.

Hospedou-se no único hotel da vila e logo percebeu que o lugar tinha o nome de hotel por puro eufemismo. O quarto era muito simples e de higiene duvidosa. Tinha uma cama de casal com colchão duro, envolta por um mosquiteiro preso ao teto, e um criado-mudo. O banheiro servia os hóspedes dos três quartos do

segundo andar, onde Oliver estava alojado. No primeiro andar havia mais três quartos e outro banheiro.

Pouco depois de fazer o check-in e tomar um banho, Oliver foi conhecer a vila. Além do hotel, havia dois botecos, um restaurante com uma esplanada que ocupava toda a calçada, uma oficina para consertar qualquer veículo que tivesse rodas, uma farmácia ao lado do posto de saúde, um banco e uma casa de venda e conserto de todo o tipo de eletrodomésticos. Havia ainda um supermercado e uma padaria que concorriam entre si, uma escola para crianças de todas as idades, o posto da polícia e o correio, uma cabeleireira e um barbeiro. Todas as lojas e casas estavam organizadas em torno da rua central que dividia a vila em duas metades, e mais adiante se transformava na estrada, que a ligava à cidade vizinha.

Em menos de uma hora Oliver tinha percorrido a vila, suscitando curiosidade por onde passava. As pessoas encaravam-no, sem timidez. Primeiro observavam-no, com olhos atentos, e depois cochichavam, tentando entender os motivos da sua presença ali. Oliver, indiferente à polêmica que estava gerando, sentou-se calmamente na esplanada do restaurante. Eram cinco da tarde. A esplanada ficava de frente para o correio, do outro lado da rua. Oliver tinha uma visão clara da porta do correio. Pediu uma água, com o português atravessado que se esforçava por aprender. Às seis horas, viu Martha sair do correio e dirigir-se à escola, dois quarteirões acima. Oliver deixou uma nota de cinco reais debaixo do copo vazio. Era bem mais do que o suficiente para cobrir o valor das duas águas que tomara. Seguiu-a à distância, mantendo-se do lado oposto da calçada por onde ela caminhava, apressada.

Observou-a e tirou várias fotografias, discretamente, com o celular. Nesse momento alguns habitantes da vila começaram a achar que ele era um turista, mas as opiniões eram cada vez mais

ecléticas: cada um dizia algo diferente. A única coisa sobre a qual todos concordavam era que ele era estrangeiro e rico.

Oliver viu Martha sair da escola com uma sacola pendurada no ombro e um bebê nos braços: ele movia as mãos agitado e ela ria. A criança teria cinco ou seis meses. Era difícil saber.

Oliver estranhou: não havia nenhuma referência à criança nos documentos com a nova identidade de Tereza Sampaio Elliot. Podia ser um engano: talvez aquela mulher não fosse Tereza. Continuou a segui-la. Ela foi à casa de uma senhora com os cabelos totalmente brancos, onde deixou o bebê, antes de voltar para a escola. Podia vê-la através da janela da sala de aula ensinando jovens e adultos de várias idades a usar os computadores. O perfil daquela mulher não coincidia com as informações que ele tinha: Martha não parecia alguém que se envolvera com a máfia russa e testemunhara contra o seu chefe, ou que tivesse tido uma vida sofisticada, como assistente de Miguel Besson. Tudo nela era simples: a forma como falava, as roupas e até o afeto com que tratara o bebê, que era seguramente seu filho.

No hotel, Oliver comparou as fotografias de Tereza, enviadas por Dimitri, com as de Martha, que tirara durante a tarde. Precisava estar seguro de que se tratava do seu alvo. A descoberta foi surpreendente: aquelas duas mulheres tão diferentes eram a mesma pessoa.

O ambiente da cidade estava tenso. Por precaução, Klaus deixou o hotel, para procurar Hans, levando os passaportes de ambos. Antes de se dirigir à polícia ou aos hospitais, Klaus fez uma busca a partir da Assembleia. Talvez Hans tivesse sofrido algum acidente.

Anoitecia quando viu dois homens sentados no banco da praça, por trás da Assembleia. Sob a luz dos candeeiros, reconheceu ambos: Hans e Besson, o mesmo homem que o salvara da última vez. Ficou atento: algo que acontecia uma vez podia ser um acidente, mas quando acontecia duas vezes só podia ser intencional. Aproximou-se devagar, com o corpo tenso, se preparando para o pior. Olhou em volta para ver se havia mais alguém com Besson, mas era difícil perceber entre o frenesi das pessoas que estavam passando por ali, àquela hora.

— Besson. Não esperava voltar a vê-lo — anunciou tentando ganhar tempo.

— Peter. Ou devo chamá-lo de capitão Klaus Jürgen?

Os olhos de Klaus brilharam, enquanto ele avaliava rapidamente o que podia ter acontecido. Hans estava sentado na ponta do banco, com a cabeça tombada sobre o peito, como se dormisse, mas Klaus não sabia se ele estava vivo ou morto.

— Klaus. Acho que ganhou esse direito — respondeu com uma ponta de sarcasmo, consciente de que errara na avaliação que fizera de Besson. Agora tinha certeza de que ele atacara Hans da outra vez. — Ele está vivo?

— Claro. Quem pensa que sou? — questionou Miguel, com um ar jocoso. — Não se preocupe, ele vai acordar em breve. Eu estava à sua espera.

— Hans não lhe daria essa informação voluntariamente. Torturou-o?

— Não — respondeu Miguel, rindo. Agora que sabia quem eram, não sentia nenhuma simpatia por eles. — Não foi necessário. Hans Müller nem percebeu que estava me dando essa informação — afirmou Miguel, de forma enigmática. Klaus não entendeu o comentário.

— Como não percebeu? Hans não sabe o que lhe contou?

— Não. E você vai perceber que ele não tem nenhuma lembrança a meu respeito. Exatamente como da outra vez — avisou Miguel. — É uma pena que as memórias de Hans sejam tão limitadas. Ele é apenas um soldado: foi criado num regime militar, que fez dele um soldado de elite, juntamente com outros. Com exceção do seu impressionante treinamento militar, ele não sabe sequer a localização do seu quartel general. Muito interessante o secretismo que rodeia todas as atividades de vocês!

Klaus mantinha o olhar fixo em Miguel tentando descobrir como ele sabia de tudo aquilo se não havia forçado Hans a dizer-lhe. Miguel continuou falando:

— Hans tem grande admiração por você e faria de tudo para protegê-lo, mas, infelizmente, desta vez cruzaram com a pessoa errada. Fiquei sabendo que vocês têm como missão criar confrontos violentos em vários países, para permitir que os “puros” — Miguel sorriu brevemente, antes de enfatizar —, ou melhor, os arianos, voltem a dominar a Europa. Não ficou claro como isso vai acontecer, mas talvez você possa preencher as lacunas que Hans deixou — convidou Miguel amigavelmente.

Besson era desconcertante. Klaus observou-o: ele parecia tranquilo, com os braços abertos apoiados nas costas do banco de madeira, como se estivesse admirando uma paisagem em vez de estar enfrentando um soldado de elite, treinado para matar. Era óbvio que ele não lhe diria como conseguiu arrancar todas aquelas informações de Hans. Klaus não tinha dúvidas de que precisava eliminar Besson: ele não podia saber tudo aquilo e sair ileso dali. Ainda não chegara o momento de revelar a existência do Quarto Reich.

Nesse instante Hans ergueu a cabeça e viu Klaus. Estava confuso. Levou alguns segundos tentando entender como chegara ali, mas não conseguia se lembrar. Olhou para Miguel e ele parecia familiar.

Klaus estava com as duas mãos dentro dos largos bolsos do confortável casaco de pele. No bolso direito, tinha os dedos em volta da pequena pistola Walther, adaptada com um silenciador. Os transeuntes que passavam não prestavam atenção aos três homens que pareciam conversar calmamente. Klaus se aproximou de Miguel e quando estava bem na frente dele, a uma distância de dois passos, puxou suavemente o gatilho. A bala saiu pelo bolso do casaco, com um estalido seco, quase inaudível, que se perdeu entre os ruídos da rua e o barulho persistente das sirenes. Besson manteve o olhar fixo em Klaus. Sentiu o impacto da bala no centro no peito. Foi inundado por uma sensação quente, um ardor. Piscou os olhos uma única vez, tentando entender o que acontecera. Baixou o rosto, confuso, e viu uma mancha de sangue se alastrando pela sua blusa de lã azul-clara, exposta sob o casaco aberto. Klaus afastou os olhos de Miguel, com indiferença, antes de se dirigir a Hans:

— Vamos.

Hans seguiu-o em silêncio, sem questionar. Miguel ficou sentado no banco do jardim, imóvel, com o olhar perdido no vazio, e a imensa mancha vermelha se espalhando no centro do seu peito, como uma rosa devagar se abrindo sob os auspícios da primavera.

William Temple havia se reunido com a sua equipe para explicar quais as medidas que salvariam a Europa da crise. Não se tratava apenas da Inglaterra, mas de toda a Europa, inclusive os países causticados do Sul. A equipe acompanhara a explicação em silêncio,

vendo o Premiê possuído por uma espécie de epifania. Ninguém se atrevia a dizer nada que abalasse o entusiasmo quase infantil de Temple. Deixaram-no falar e perceberam que quanto mais ele detalhava, mais verossímil se tornava o seu plano. O gabinete encheu-se de uma agitação febril, quase idêntica ao entusiasmo do primeiro-ministro quando a reunião começara. Discutiram, planejaram, arquitetaram. De repente, a Europa podia ser salva. O custo seria violento, mas, desta vez, quem iria pagar não era o povo e, sim, os bancos e os grupos econômicos que se haviam beneficiado com bilhões de euros e estavam empenhados em alimentar a crise para manterem seus lucros.

Temple sabia que aqueles planos iriam torná-lo popular aos olhos da população, mas odiado pelas corporações e pelos senhores do dinheiro. Mas ele não se importava.

Teria que começar por algum lado e como a burocracia para marcar uma reunião com os países membros era enorme, decidiu esperar pela cúpula seguinte, e testar o seu plano com a Inglaterra. A sua equipe trabalhou dia e noite para preparar um plano e submetê-lo à aprovação do governo.

O momento da votação foi o grande divisor de águas: os que aprovaram, estavam claramente empenhados em dar um novo rumo à economia, e os que votaram contra, defendiam os interesses das grandes corporações. Temple ficou chocado com o número de opositores: imaginou que fossem menos, mas pelos menos ficou sabendo quem eles eram. As propostas foram aprovadas por uma margem ínfima.

As medidas entraram imediatamente em vigor e o assunto era pauta constante na mídia. Em pouco tempo começou a notar-se uma tímida retomada econômica, com o florescimento de pequenas

empresas, ofertas de empregos e o aumento da iniciativa privada — suportadas por políticas de incentivo do governo.

Tom Hogdson, colega e amigo íntimo de Temple desde os tempos de faculdade, era editor do conceituado jornal *The World* e escreveu vários artigos importantes sobre a retomada econômica, enfatizando o papel vital de Temple. A *pequena revolução inglesa*, como Temple lhe chamara, começou a ganhar credibilidade e aceitação mesmo antes da cúpula europeia, onde seria oficialmente apresentada e discutida.

Os meios de comunicação foram contagiados por certa dose de otimismo: em vez de abordarem as pequenas coisas negativas, transformando-as em problemas, como vinha sendo hábito, passaram a valorizar as pequenas coisas positivas, transformando-as em exemplos.

Elizabeth estava na cozinha, preparando o jantar com Alessia, quando sentiu uma pontada no peito. A dor tornou-se tão forte que ela lutava para respirar. Alessia tentou se aproximar, para ajudá-la, mas sentiu a mesma dor. Em segundos, Dib se juntou a elas na cozinha, com a mão sobre o peito, tentando se controlar.

Ninguém sabia o que era, mas algo terrível acontecera com Miguel. E parecia impossível: eles só podiam ser mortos em circunstâncias peculiares, por seres sobrenaturais ou quando se rendiam à morte. Dib telefonou para Seth.

— O que aconteceu? — perguntou Dib, sem se explicar, sabendo que Seth o entenderia.

— Também sentimos. Foi Besson — disse Seth, antes de justificar: — Separamo-nos no início da manifestação. Besson ficou na

Assembleia, enquanto eu e Uchoa viemos para a Baixa. Havia vários focos de violência e evitamos várias mortes.

Dib estava consciente de que o saldo dos mortos não tinha sido maior devido às intervenções de Seth, Uchoa e Miguel.

— Vamos procurá-lo na região da Assembleia. Estou indo para lá — anunciou Dib, sem precisar falar sobre aquilo que era óbvio: se Miguel estivesse morto, o seu corpo iria se deteriorar. Era preciso protegê-lo e levá-lo para um lugar privado.

Elizabeth e Alessia viram Dib partir. Ficaram imóveis por alguns minutos, antes que Elizabeth começasse a chorar baixinho. Alessia abraçou-a. Era difícil aceitar e compreender o que estava acontecendo: por motivos diferentes, os Guardiões estavam sendo dizimados, um por um. E embora Miguel agora não fosse um Guardião, já havia sido um deles.

Naquele momento, Alessia percebeu a inutilidade da raiva que alimentara contra Miguel durante todos aqueles anos. E aquele sentimento começou a ceder, dando lugar ao arrependimento. Devia ter perdoado quando teve oportunidade. Agora o perdão também parecia inútil se Miguel estivesse morto.

Queiroz sabia que era o horário do jantar e as pessoas queriam descanso depois de um dia de trabalho. Mas ele já tinha ido ao apartamento dos Costa três vezes, sem conseguir encontrá-los.

Tocou a campainha e quando disse o nome pelo interfone ouviu o clique da porta. Certamente Leopoldina já tinha sido informada sobre ele pela sogra.

Subiu os seis andares e, ao sair do elevador, Leopoldina já o aguardava, com a porta do apartamento aberta. Perguntou se podia ver o distintivo e, só depois que o analisou, o convidou para entrar.

Ofereceu café, mas Queiroz rejeitou depois de agradecer. Observou discretamente a sala: era pequena, mas os móveis embora não fossem novos estavam bem cuidados. Em frente ao sofá e à poltrona imitando couro marrom havia uma estante com a televisão e *souvenirs* de vários lugares, que causavam um estranho efeito de desordem.

Queiroz sentou-se na poltrona, e Leopoldina ocupou o sofá, aproveitando para baixar o som da televisão. Nesse instante, Costinha entrou na sala. Tinha acabado de tomar banho e estava com o cabelo molhado. Cumprimentou Queiroz, parecendo esperá-lo, exatamente como acontecera com Leopoldina, e sentou-se ao lado dela, explicando:

— A minha mãe contou que estava procurando por Leopoldina, por causa do bebê que foi sequestrado há mais de quarenta anos.

— Sim — concordou, voltando-se para Leopoldina. — Sei que passou muito tempo, mas a sua prima continua sem saber o que aconteceu. Isso é terrível para uma mãe.

— Eu sei — disse, com os olhos úmidos. Nunca deixara de ser assombrada por aquele dia. Arrependia-se de ter ficado com o bebê e culpava-se por tê-lo deixado sozinho.

— Conte-me o que aconteceu. Consegue lembrar-se?

— Nunca consegui esquecer — afirmou, olhando para as mãos apertadas, uma sobre a outra. Costinha pôs a sua mão sobre a da mulher. Queiroz percebeu que eles eram um casal unido, daqueles que se apoiam um ao outro.

— Posso gravar? — perguntou Queiroz, e antes que ela se assustasse, garantiu: — É só para eu não esquecer nenhum detalhe. Prometo que não vou usar para mais nada.

Ela consultou o marido com o olhar e depois de ver o seu gesto de anuência, concordou. Queiroz colocou o celular sobre a pequena

mesa que ficava entre o sofá e a estante de televisão e começou a gravar a conversa. A voz dela era suave, mas deixava transparecer alguma ansiedade. O dramático incidente parecia continuar vivo dentro dela. Contou como tudo acontecera, e Queiroz não encontrou nenhuma novidade até ali.

— Quem você acha que entrou em sua casa? Tem alguma ideia?
— perguntou Queiroz, com a voz branda. Ela olhou para o chão e sacudiu a cabeça. Foi Costinha quem falou:

— Conte o que pensou, Leopoldina. O que nós pensamos, mas nunca dissemos por causa da sua mãe. Tire isso de dentro do peito — segurou a mão dela com mais firmeza antes de continuar: — Que mal pode ter? Já passaram tantos anos.

— Eu pensei que Leopolda, a minha irmã, era a única pessoa que podia ter entrado em casa e levado o bebê — confessou Leopoldina.
— Um estranho não ia entrar em casa e levar o bebê durante os poucos minutos em que fui ao banheiro.

Aquilo ia ao encontro da teoria de Queiroz: ele achava que um conhecido da família é que levara o bebê. Tratava-se de alguém familiarizado com a casa e a vizinhança e cuja presença não levantava suspeitas.

— E nunca falaram das vossas suspeitas à polícia? — perguntou Queiroz

— Nunca dissemos nada a ninguém, mas o bairro todo falava que tinha sido Leopolda e que ela tinha até... — hesitou, antes de revelar a terrível suspeita: — matado o bebê.

— E por que a sua irmã faria isso? Roubaria o bebê e lhe faria mal?

— Talvez... porque não pudesse ter filhos.

— Como? — perguntou Queiroz, interessado, com os olhos vivos, ao escutar a notícia pela primeira vez.

— A minha mãe nos levou ao médico quando nos tornamos mulheres, sabe? E ele falou que ela não podia ter filhos — fez uma pausa, antes de explicar: — Talvez ela tenha roubado o bebê por ciúmes, ou para ficar com ele.

Queiroz achou que finalmente encontrara um motivo plausível para o sequestro.

— E o que aconteceu com Leopolda? Onde está agora?

— Depois que os meus primos, os pais de César, voltaram para o Pará, ela apareceu algumas vezes lá em casa, para pedir dinheiro à minha mãe, mas depois sumiu. Procuramos por ela, mas nunca achamos. Os meus pais morreram sem saber dela.

— Por que não foram à polícia? — quis saber Queiroz.

— O meu pai queria ir, mas a minha mãe achava que a polícia podia desconfiar que ela tinha levado o bebê, e iam prendê-la.

— E o que você acha que aconteceu?

— Que ela está morta. Ela começou a beber, sabe? Sempre gostou de festas, sair com os homens... Nas últimas vezes que viu os meus pais estava sempre bêbada. Só queria dinheiro para ir beber mais — contou Leopoldina, aparentemente pacificada com o desaparecimento da irmã. Aquilo que a corroía era o bebê, e não o destino da irmã.

— Você acha que a sua irmã podia machucar o bebê se o tivesse levado?

— Não sei. Eu e ela não nos dávamos. Ela era muito egoísta e quando aprontava sempre mentia para parecer que eu é que tinha aprontado — contou Leopoldina.

— Ela tinha algum namorado?

— As pessoas diziam que sim. Mas ela estava sempre mudando de namorado.

— Sabe se havia algum lugar aonde ia habitualmente, ou se tinha alguma amiga?

— Não — respondeu, sacudindo ligeiramente a cabeça.

Queiroz percebeu que Leopoldina não sabia mais nada que pudesse ajudá-lo. Agradeceu a disponibilidade do casal e despediu-se. Enquanto voltava para casa, desenvolveu uma teoria.

Quando Dib viu um homem imóvel no banco de jardim, reconheceu a silhueta inconfundível de Miguel. Seth e Uchoa já estavam lá. Dib sentou-se ao lado de Miguel, observando-o: ele estava com os braços abertos, apoiados sobre o encosto do banco de madeira, e um grande círculo escuro manchava a sua blusa de lã clara. Dib mediu a pulsação dele, mas não conseguiu senti-la. Uchoa e Seth se mantinham imóveis, aguardando as ordens de Dib. Ele pensou por alguns segundos, tentando entender como alguém podia ter baleado Miguel e causado tanto dano. Não fazia sentido, a não ser que houvesse algo sobrenatural que estivesse escapando. Dib afastou-se e fez um sinal para que Uchoa e Seth levassem Miguel até o carro, apoiado neles.

Em casa, puseram Miguel na cama. Estavam todos em volta dele. Elizabeth chorava, vendo-o pálido e imóvel. Dib, ponderado como sempre, havia-se debruçado sobre o assunto desde que encontrara Miguel. Pediu:

— Precisamos tirar a roupa dele e ver se a bala ainda está no seu corpo.

— Besson devia ter expelido a bala — comentou Uchoa, despindo o casaco e a blusa de Miguel, ajudado por Seth.

— Sim, deveria — confirmou Dib, antes de se voltar diretamente para Elizabeth e dizer, com firmeza: — Você não está ajudando. Eu

sei que está acontecendo muita coisa ao mesmo tempo com você, Elizabeth, mas precisamos nos manter calmos, para encontrarmos uma solução. E eu preciso de você para isso.

Ela moveu a cabeça, concordando, e tentando engolir as lágrimas.

Dib analisou o peito nu de Miguel. O buraco negro estava exatamente sobre o coração. Sentou Miguel e avaliou as suas costas: não havia ferimento de saída. A bala continuava dentro do seu peito.

— Temos que tirar a bala. Talvez depois ele consiga se regenerar — anunciou Dib, colocando as mãos sobre o peito de Miguel. O quarto foi invadido pelo silêncio enquanto ele se concentrava. Fechou os olhos, respirou fundo e ficou imóvel por vários minutos. Finalmente, Dib abriu os olhos devagar, focando-os em Miguel. Assoprou nas duas mãos, posicionadas em forma de conchas, esfregou-as uma na outra e pousou-as sobre o ferimento aberto. Manteve as mãos ali por dois ou três minutos, arrancando a bala com delicadeza, para evitar ferir mais o coração de Miguel. Quando afastou as mãos, tinha a bala na palma direita. Manteve-se ao lado de Miguel, esperando que ele retornasse, mas nada aconteceu. O ferimento não se regenerou como seria normal.

— Precisamos fazer um ritual de cura, para ganhar tempo, até descobrirmos como fazê-lo melhorar — avisou Dib. Posicionaram-se em volta de Miguel, com as mãos erguidas em direção ao corpo e as palmas voltadas para baixo. Entoaram um antigo cântico herdado dos seus antepassados cátaros. O ferimento começou a fechar muito devagar. Miguel aspirou uma lenta golfada de ar, parecendo retornar à vida, mas continuou imóvel, como se estivesse em coma profundo. Dib colocou a mão sobre o seu peito e sentiu o coração batendo suavemente. Sabia que aquilo iria mantê-lo vivo, mas por pouco tempo.

Elizabeth ficou ao lado dele, segurando a sua mão. Miguel mantinha a sua beleza elegante: parecia estar dormindo. Dib havia colocado uma coberta de algodão sobre ele, mas Elizabeth podia ver os ombros perfeitos e os braços bem modelados. Recordou os momentos em que se rendera aos seus encantos. Ela sentiu as lágrimas correrem livremente por suas faces. Estava perdendo todos os homens que amara: primeiro o pai, depois Daniel e agora Miguel — ambos presos num mundo desconhecido, sem que ninguém pudesse ou soubesse como trazê-los de volta.

A proposta de Dieter para que Rolf Merten assumisse o lugar de Kùchler na Sociedade do Dragão Verde encontrou resistências entre os membros mais tradicionalistas. Finalmente, após muita discussão, Rolf foi aceito entre os Dragões, infringindo uma regra de duzentos anos. Mas o preço que ele havia pagado para conseguir aquele lugar tinha sido muito elevado: ele havia prejudicado a Europa e esperava que suas atitudes fossem recompensadas.

Quando William Temple começou a despontar na imprensa como o líder que iria resgatar a Europa, a Sociedade não se preocupou. Mas Rolf alertou-os para o perigo, afirmando que se o premiê continuasse com a *pequena revolução inglesa*, seria catastrófico. Previu o alinhamento dos países europeus e a perda de controle da economia por parte do grupo JKW. Afirmou que a *pequena revolução inglesa* significava a retomada econômica e a perda da liderança alemã. Todos os seus vaticínios começaram a se concretizar com uma rapidez assombrosa. E duas atitudes emergiram entre os membros da Sociedade: a primeira foi o reconhecimento e aceitação de Rolf na Sociedade, e a segunda foi a decisão de protegê-lo, porque ele era, agora, o coração palpitante da economia alemã. Rolf

estava se transformando no precursor que Dieter desejava, uma espécie de João Batista que precederia e anunciaria a chegada do *Führer* do Quarto Reich.

E foi assim que Rolf ouviu, impávido, a discussão que levaria à sentença de morte do primeiro-ministro inglês. Quando perguntou como isso seria feito, foi Dieter quem lhe respondeu, de modo breve:

— É melhor não se envolver nas questões operacionais. Deixemos isso para Halder.

Rolf avaliou atentamente o general, compreendendo que o planejamento para a ascensão do nazismo já alcançara os militares, através de seus longos braços mortais.

8. Ajuda silenciosa

O silêncio desintegra as ameaças, dissolve os malefícios. É a primeira defesa contra as agressões dos outros, dos estranhos, dos não humanos.

J. M. G. Le Clézio (1940)

Oliver preferia usar armas de longo alcance em que não tinha contato com a vítima. Apertava o gatilho e o tiro, certo, terminava tudo em segundos, sem sofrimento. Por isso, as alternativas para assassinar alguém pareciam menos piedosas. Mas, naquela vila quase selvagem, rasgada à força no meio da floresta, qualquer acontecimento iria criar burburinho. Crimes em lugares pequenos geram muita emoção e curiosidade.

Sempre que Oliver precisava agir em circunstâncias similares, recorria aos seus conhecimentos de química e fazia com que a morte fosse provocada por algum problema de saúde. A simulação de ataque acardíaco era mais comum, mas Martha parecia demasiado saudável para isso. Porém, antes de optar pelo método para assassiná-la, Oliver decidiu garantir que a criança não ficaria abandonada depois da morte da mãe. Tentou falar com Miguel

Besson para lhe revelar a existência do bebê. Talvez o pai fosse o amigo de Besson, que se apaixonara por Tereza. Mas Miguel não retornou os seus telefonemas e Oliver só compreendeu o silêncio anormal quando Alessia lhe contou que ele sofrera um acidente, e o seu estado era grave. Oliver decidiu esperar, pelo menos até saber se conseguiria falar com Miguel para discutir o destino da criança. Oliver não tinha pressa: estava aproveitando aquele tempo para aprender português, conhecer e catalogar as plantas da região. Aos poucos, as pessoas começaram a vê-lo como um homem de estudo e ele passou de turista a cientista.

Miguel continuava sem reagir. Elizabeth mantinha-se ao lado dele, vigiando a palidez inerte. A boa notícia era que o ferimento estava quase cicatrizado, mas o processo tinha sido muito lento e se arrastado ao longo de vários dias.

— Vá descansar — disse Dib. — Eu passo a noite com ele.

— Não. Eu quero ficar aqui.

— Não pode continuar salvando Besson dessa forma — avisou Dib, revelando que sabia o que estava acontecendo: Miguel se mantinha vivo porque ela o estava suprindo com a sua própria energia. — Eu vou ajudá-lo esta noite. Agora vá descansar.

Ela se deixou convencer. Estava cansada e enfraquecida. Sentiu as pernas fraquejarem quando se levantou e Dib teve que ajudá-la, para evitar que perdesse o equilíbrio.

— Coma alguma coisa — aconselhou Dib. Quando Elizabeth saiu, ele fechou a porta à chave e sentou-se ao lado de Miguel. Pôs as suas mãos sobre ele e transferiu lentamente a sua poderosa energia. Passara as últimas horas meditando e se preparando para aquele

momento, ao contrário de Elizabeth, que fizera aquilo sem treinamento ou preparação.

Minutos depois, Miguel abriu os olhos devagar e fixou-os em Dib. Estava confuso.

— Besson, você foi ferido, com uma bala no coração — informou Dib. Miguel fechou os olhos, como se tentasse lembrar o evento de que Dib falava.

— Sei — respondeu baixinho, com o olhar escuro e irreconhecível.

— Eu tirei a bala, mas você não está se regenerando. O que precisamos fazer?

Miguel ficou em silêncio, mantendo os olhos fechados, por alguns segundos.

— Besson? — chamou Dib, segurando o pulso dele para avaliar os batimentos cardíacos. — Tudo o que estamos fazendo é paliativo. Você tem pouco tempo. Diga-me o que fazer.

— O Punhal das Almas — disse Miguel, abrindo de novo os olhos. Ambos sabiam o que aquilo significava: Miguel precisava absorver uma alma para sobreviver. E devido ao seu intenso estado de fraqueza, talvez uma só pessoa não bastasse para regenerá-lo e devolver o vigor de que necessitava.

— Descanse um pouco — respondeu Dib. Besson mergulhou num sono suave. Dib já havia considerado aquela possibilidade, e agora que sabia como salvar a vida de Besson, precisava tomar uma decisão difícil: deixá-lo morrer ou ajudá-lo a matar outro ser humano.

Aquela era uma situação que Dib não podia partilhar com ninguém: ele era o líder e precisava fazer a difícil escolha entre a vida de Miguel e a de outra pessoa. E as duas vidas se equiparavam: uma não era mais importante que a outra, segundo os preceitos da Ordem. E o respeito à vida era o primeiro princípio da Ordem. O

correto seria deixar Miguel morrer. Mas, do ponto de vista da manutenção e sobrevivência da Ordem, Miguel era importante.

Apesar das duas últimas cúpulas terem sido marcadas por discussões intensas, aquela, mesmo antes de começar, prometia debates e controversas ainda maiores. Mais uma vez, havia duas posições claramente demarcadas: a inglesa e a alemã.

A Alemanha começou com uma proposta de sanções contra a Inglaterra por ter infringido várias das medidas aprovadas pela Comunidade. Alguns países vetaram a proposta alemã e avançaram com uma contraproposta para que a Inglaterra liderasse um plano de mudanças. O debate resvalou para questões constitucionais e o que a lei permitia ou não. Mas o que ficou claro foi que ninguém queria seguir a liderança alemã, e todos desejavam mudanças na economia. Mudanças com impacto imediato, como estava acontecendo com a Inglaterra.

No final daquele primeiro dia, Rolf Merten dirigiu-se ao primeiro-ministro inglês para se despedir. Não era um gesto normal entre os dois. Só costumavam se cumprimentar no primeiro e no último dia das reuniões, e, além disso, haviam brigado furiosamente, como cão e gato. Apesar do comportamento atípico de Rolf, o premiê inglês apertou a mão do colega alemão. Foi então que sentiu a aspereza do papel contra a sua pele. Rolf encarava-o fixamente, com o rosto sério. Naquele instante estava arriscando a vida para lhe entregar aquele bilhete e contava com a brilhante inteligência de Temple para que compreendesse o que estava acontecendo. Temple soltou a mão e deu um vago aceno de cabeça, mantendo a sua fleuma britânica, sem se abalar. Afastou-se de Rolf com a mão ligeiramente fechada

para manter o bilhete colado à palma e evitar qualquer desconfiança por parte de alguém que os pudesse estar observando.

Quando chegou ao seu quarto de hotel, pousou a mala sobre a mesa e abriu o bilhete. Tomou um choque, como se alguém o tivesse agredindo. Levou alguns segundos para assimilar a mensagem. Leu de novo a frase curta, em inglês, com seu vaticínio mortal: *They are going to kill you*. Questionou-se sobre quem poderia querer assassiná-lo, sentindo o coração pulsar mais rápido. Respirou fundo, antes de pegar o celular e ligar para o seu chefe de segurança. As suas mãos tremiam.

— Senhor primeiro-ministro — respondeu Bradford, o chefe dos quatro seguranças, surpreso com o contato. Temple nunca lhe tinha telefonado.

— Recebi uma ameaça... de morte — informou, de supetão.

— Estamos indo, senhor.

Temple desligou o celular. Antes de pousá-lo sobre a mesa, ao lado da sua pasta, bateram à porta com os nós dos dedos. Reconheceu o tamborilar familiar das batidas na porta e tranquilizou-se com a rapidez dos seguranças. Não era habitual que eles estivessem no corredor, porque aquela área era segura, e nenhum visitante subia sem autorização. Temple calculou que deviam ter subido, pouco depois dele, no outro elevador. Ouviu novas batidas na porta, com o código dos seus seguranças: duas batidas suaves com os nós dos dedos, um intervalo, uma batida, um intervalo e mais duas batidas. Dirigiu-se à porta e espreitou pelo olho mágico. Reconheceu Angus, um dos seguranças, e abriu a porta para deixá-lo entrar. Ele entrou, olhou em volta, e perguntou:

— Está tudo bem, senhor primeiro-ministro?

— Sim.

Por segundos o segurança manteve-se imóvel, escutando a mensagem que chegava pelo seu auricular. Depois respondeu, para um microfone invisível:

— Estou com o primeiro-ministro. Está tudo sob controle.

Temple deduziu que ele devia estar se comunicando com o Bradford.

— Está sozinho, senhor? — perguntou Angus, observando atentamente o premiê.

— Sim, claro que estou sozinho — respondeu aborrecido, sem entender que raio o segurança estava querendo insinuar.

— Ótimo. — Levou a mão ao coldre e tirou a arma. Encaixou o silenciador e começou a rodá-lo rapidamente na ponta da arma, mantendo os olhos fixos em Temple. Ele levou um centésimo de segundo para entender o gesto e descobrir que um dos seus seguranças era também o seu assassino. Sentiu as mãos suadas e a boca seca. Todos os músculos do seu corpo pareciam ter sido esticados até o limite. Precisava ganhar tempo para pensar numa saída.

— Por que vai me assassinar? — perguntou com seu estilo pragmático, lutando para que a sua voz não traísse a ansiedade que o dominava. No seu olhar não havia resquícios de medo.

— Não me foi comunicado, primeiro-ministro — respondeu calmo, mantendo um tratamento cortês até o final. Ele gostava de Temple. Considerava-o um homem correto, justo e muito educado. Infelizmente estavam em campos políticos opostos.

— Mas acredito que seja por sua posição contra a Alemanha — explicou o assassino.

Angus estava a poucos passos de Temple. Com gestos precisos apontou a arma para a cabeça do primeiro-ministro, enquanto fixava nele o seu olhar frio. Temple estava sem saída. O silêncio era tão

intenso que conseguia ouvir a sua respiração se tornando mais rápida.

Nesse exato instante a porta do quarto escancarou-se com estrondo. Angus hesitou um milionésimo de segundo antes de atirar no primeiro-ministro, e se voltar para enfrentar os invasores. Temple, aproveitando a breve hesitação do assassino, moveu-se para a direita. Mas a bala foi mais rápida e atingiu-o em plena queda. O premiê caiu no chão, com um ruído seco. Na porta, Bradford acompanhado dos outros dois seguranças, miravam o assassino com as armas empunhadas. Bradford falou para o segurança à sua esquerda, sem desviar o olhar do assassino:

— Veja o premiê e chame os paramédicos.

O segurança tentou se mover lentamente em direção a Temple enquanto chamava os paramédicos. O assassino deu dois passos para trás, de modo a aumentar o seu campo de visão, e ver todos os integrantes que estavam no quarto.

— Não se mexa — Angus ordenou ao segurança que tentava aproximar-se do premiê caído no chão. O segurança se imobilizou, por um momento, obedecendo à ordem do assassino. O tempo parecia se arrastar dentro do quarto.

Era difícil saber a gravidade do ferimento de Temple, oculto sob o casaco, mas uma mancha vermelha se alastrava, tingindo a parte visível da camisa, e começando a manchar o carpete.

— Precisamos ver como ele está — pediu Bradford.

— Está morto — anunciou o assassino, antes de perguntar ao chefe de segurança: — Por que veio se eu disse que estava tudo sob controle?

— Exatamente por isso, e porque não deveria estar aqui. Agora, solte a arma — pediu Bradford, mudando de estratégia, e apontando a arma diretamente para a cabeça do assassino. Embora não

quisesse matá-lo, porque ele seria mais valioso vivo do que morto, o tempo estava se escoando e a sua prioridade era salvar a vida do primeiro-ministro.

— *Nein* — rejeitou o assassino, em alemão, com voz forte, revelando, pela primeira vez, um indício de sua origem.

— Solte a arma — pediu de novo Bradford, enquanto o segurança da esquerda dava mais um passo em direção ao primeiro-ministro, e o da direita avançava um passo em direção ao assassino. A pressão aumentava a cada segundo. A porta continuava aberta, mas não havia como o assassino chegar lá. Ele sabia que aquela era uma missão suicida. Tinha sido treinando para dar a vida pela sua causa. Ouviu vozes se aproximando no corredor. Calculou que eram os paramédicos. Fixou o olhar em Bradford e atirou. O chefe de segurança jogou o corpo para a direita ao mesmo tempo em que atirava em Angus. O segurança ao seu lado também atirou. O assassino tombou, bruscamente atingido por duas balas, ambas letais: uma na cabeça e outra no peito.

Bradford se aproximou, finalmente, do premiê. O segurança já tinha aberto o casaco e estava pressionando o ferimento com uma das mãos.

— Está vivo. A bala atingiu-o no ombro, próximo da clavícula — avisou o segurança, enquanto Bradford era dominado por uma sensação de alívio ao medir as pulsações no pescoço de Temple, antes dos paramédicos entrarem no quarto e dominarem a situação.

Bradford, sangrando do braço esquerdo, onde a bala de Angus o atingira, telefonou para o MI6, informando sobre a tentativa de assassinato. Aquele era um telefonema que jamais esperara fazer.

Os paramédicos levaram William Temple para o hospital, acompanhado dos seus seguranças e de dois agentes do MI6.

Entretanto, outros dois agentes secretos selaram o quarto de Temple.

As horas passavam e Dib precisava fazer uma escolha antes do sol raiar, para que a noite o ajudasse a ocultar os rastros do crime, se decidisse ajudar Besson. Eram duas e meia da manhã quando tomou a decisão drástica de preservar a Ordem ao preço de uma vida. Assegurou-se de que todos estavam dormindo, antes de se dirigir ao quarto de Besson procurar o Punhal das Almas. Encontrou-o envolto em sua proteção de veludo azul-escuro. Em seguida energizou Besson, até ele ficar suficientemente forte para caminhar, e entregou-lhe o Punhal.

— Obrigado — agradeceu Miguel, em voz baixa.

— Precisamos ser rápidos. Você não tem energia suficiente.

Miguel anuiu com a cabeça e vestiu-se.

— Vou com você — Dib anunciou.

Miguel olhou-o, em silêncio, sabendo que Dib estava quebrando os preceitos da Ordem para ajudá-lo.

— Temos que ir. Você tem pouco tempo — disse Dib, tentando apressá-lo.

Dib abriu a porta do quarto e os dois atravessaram silenciosamente o corredor e saíram de casa. Dib temia que algum dos Guardiões os visse e ele precisasse explicar que passara horas elevando a sua energia para estabilizar Besson e permitir que fosse se alimentar de uma alma humana. Miguel não tinha a sua agilidade habitual. Tudo parecia acontecer em câmera lenta, como se a qualquer instante os seus movimentos pudessem paralisar de novo.

— Sabe para onde vamos? — perguntou Dib, caminhando ao lado de Miguel.

— Acho melhor irmos para a zona ribeirinha. Mas vamos pelas ruas menos movimentadas. Pode surgir uma oportunidade... — disse, revelando o seu lado negro de caçador de almas. Meia hora depois, quando atravessaram uma rua menor, bem próximo do rio Tejo, Miguel viu um homem solitário. Disse entredentes:

— É melhor não ver isto.

Dib não respondeu e manteve-se firme, ao seu lado. Viram o homem se aproximando. Pela silhueta, era alto e atlético. Quando estavam a dois passos dele, Miguel deixou escorregar o punhal que trazia na mão, oculto na manga do casaco, e segurou-o pelo cabo. Se os sentidos de Miguel estivessem equilibrados, ele teria reconhecido o jovem e não teria cometido o erro de atacar uma vítima maior do que ele estando tão enfraquecido. Mas, a cada segundo, a sua vida se escoava e o desespero tomou conta dele: quando ergueu o braço para enfiar o punhal no peito do homem musculoso, ele esquivou-se com agilidade e atacou Miguel com uma faca. A lâmina entrou no ventre de Miguel, sem resistências. Miguel se dobrou, assim que a lâmina chegou ao fundo, parada pelo cabo da faca, e o atacante a puxou para fora com um gesto enérgico, fazendo um rasgão enorme no seu abdômen. Miguel sentiu os joelhos dobrarem e a vida se esvaindo pelo ferimento, juntamente com uma parte do intestino, que ele tentava manter dentro de si, com as mãos molhadas de sangue.

O atacante se voltou rapidamente para Dib, tentando continuar a sua agressão, mas ele já o aguardava: com uma mão parou o movimento do braço que empunhava a faca, e com a outra o golpeou violentamente no pescoço, com a parte posterior da palma aberta. A força e precisão do ataque fizeram o homem tombar imediatamente no chão, desmaiado. Dib posicionou o corpo do

jovem ao lado de Miguel e apanhou o Punhal das Almas que ele deixou cair quando foi ferido.

Miguel continuava de joelhos, com as duas mãos pressionando o abdômen. Dib pegou a mão direita de Miguel e ajudou-o a segurar o punhal. Com a sua mão envolvendo a de Miguel, ajudou-o a erguer o braço e guiou-o, para que perfurasse o peito do homem deitado ao seu lado. No instante em que o punhal entrou no peito e capturou a alma do jovem, a esmeralda brilhou, com sua luz intensa e branca. Dib ajudou-o a tirar o punhal do corpo inerte e orientou a mão enfraquecida de Miguel para o ferimento exposto. Assim que o Punhal tocou no sangue de Miguel, a luz entrou pelo corte, como uma descarga elétrica, e regenerou-o. O choque foi muito violento para Miguel, completamente fragilizado, e ele ficou imóvel durante vários minutos absorvendo a quantidade enorme de energia que entrara no seu corpo. Dib ouviu vozes e risos ao longe, e avisou:

— Besson, precisamos ir. Vem gente aí — Miguel não respondeu e continuou imóvel. Dib ouviu as vozes se aproximando. Olhou para o início da rua e viu quatro vultos caminhando na direção deles. Dib segurou o braço de Miguel e sacudiu-o com força.

— Besson — Miguel levantou o rosto e os seus olhos tinham recuperado o brilho dourado. Dib não conseguiu evitar um leve sorriso. Mesmo ao preço de uma vida, estava feliz por Besson estar bem. — Temos que ir.

— Não se preocupe — respondeu Besson, erguendo-se rápido. Dib seguiu-o e, em segundos, desapareceram com uma rapidez incomum, deixando o corpo do jovem tombado na calçada.

Desafiando todos os conselhos dos seus médicos e seguranças, o primeiro-ministro inglês compareceu à cúpula, que havia sido adiada

por um dia, por questões de segurança. Ainda não eram oito da manhã quando a sua entrada na sala foi ovacionada de pé pelos representantes europeus que estavam presentes.

A mídia considerava Temple o herói dos tempos modernos, uma espécie de Robin Wood que negara ceder às pressões econômicas das poderosas e implacáveis corporações para salvar o povo. Ele saiu fortalecido daquele incidente, conquistando um enorme espaço entre as lideranças europeias e cativando os olhos do mundo.

Analistas mais arrojados começaram a desenvolver teorias da conspiração, associando a tentativa de assassinato do premiê com os grupos econômicos que não queriam ver seus lucros e interesses diminuídos. Se alguém tentara assassinar Temple, era porque ele estava no caminho certo, incomodando gente muito importante.

Naquele último dia da cúpula, Temple propôs que os países reavaliassem as suas dívidas e preparassem pacotes de renegociação associando diminuição dos juros, investimentos na economia, aumento da produção e diminuição do desemprego. Estava provado que só a austeridade e os cortes não resolviam a crise. No final do discurso, fez uma pausa estudada e esboçou um sorriso suave, antes de perguntar:

— Os senhores já imaginaram o que aconteceria se todos os países se unissem, declarassem falência e se negassem a pagar mais parcelas da dívida, sem uma renegociação? A questão é, como sempre foi, a necessidade de união, em torno de propostas direcionadas para salvar a Europa, cortando os lucros bilionários dos grandes grupos e bancos.

Temple foi ovacionado de pé, pela segunda vez no mesmo dia. Qualquer coisa que fosse dita após aquele discurso de fé, com promessas de salvação, não teria impacto, por isso Rolf optou pelo silêncio, consciente de que as palavras de Temple agitariam os

Dragões, por ameaçarem os seus interesses de hegemonia econômica e política. Ele sabia que Temple chegaria àquela proposta, mas não imaginou que acontecesse de modo tão rápido. Ambos tinham consciência de que Temple estava capitalizando o atentado para promover as suas ideias e diminuir as resistências da plateia.

Quando chegou o momento de se despedirem, Temple passou um bilhete a Rolf, usando a mesma estratégia que o alemão usara antes, para salvar a sua vida.

Rolf abriu o bilhete no avião, de volta para Berlim, após assegurar-se de que estava sozinho. Sorriu ao ler: *Thank you very much for both: the warning and the pendrive.*

Temple nunca imaginou que Rolf era responsável pelo pendrive, até receber o bilhete que o salvara. Foi então que entendeu que Rolf não era, na verdade, o seu maior inimigo, mas o seu maior aliado. E estava arriscando a sua vida para fazer aquilo.

Miguel e Dib estavam preparando o café da manhã quando Alessia entrou na cozinha. Por alguns segundos ficou surpresa, em silêncio, olhando alternadamente para cada um deles. Miguel foi o primeiro a falar, aproximando-se dela e beijando-a no rosto pela primeira vez em centenas de anos.

— Bom dia, Alessia.

Ela recebeu o beijo com frieza, antes de perguntar:

— Vai explicar como melhorou de repente, quando durante dias ninguém sabia como fazê-lo retornar à vida?

Antes que Miguel tivesse oportunidade de responder, Elizabeth entrou na cozinha e, ao vê-lo de pé, junto da mesa, correu para ele e abraçou-o, dizendo:

— Fui ao seu quarto e estava vazio... Estou tão feliz — Miguel abraçou-a com ternura, lembrando-se da sensação de tê-la nos braços.

— Há muito tempo que não tenho uma recepção tão calorosa. Preciso fazer isto mais vezes — disse Miguel, sorrindo.

Antes que ela respondesse, Seth e Uchoa chegaram e tiveram a mesma reação de espanto que Alessia expressara minutos antes.

— Besson! — exclamou Seth. — Como é possível que tenha se recuperado tão rápido?

— Eu explico — disse Miguel, soltando Elizabeth para sentar-se à mesa. Serviu-se de uma xícara de chá e adicionou uma porção generosa de creme de leite. — Dib me ajudou a recuperar, permitindo que eu absorvesse alguma da sua energia. Na verdade acho que todos fizeram isso, em algum momento. Você também, Elizabeth. E eu quero agradecer, porque é graças a vocês que estou aqui agora.

— Mas isso não foi suficiente para você ficar bem — constatou Uchoa, com olhar atento.

— Não. Quando fui ferido, o meu nível de energia estava muito baixo. Vocês sabem o que preciso fazer para ficar bem — fez uma pausa, antes de continuar explicando, para dar tempo de todos formularem suas próprias teorias e a realidade parecer menos chocante, se é que isso era possível: — Eu evitei repor a minha energia durante o máximo de tempo possível, e isso quase me custou a vida. Esta noite, depois de Dib me ajudar, eu saí e absorvi uma alma.

Elizabeth apertou a mão dele, com ternura:

— Se não fizesse isso teria morrido, Miguel.

— Eu sei, mas isso não torna o gesto mais aceitável. Apenas justificável. Também sei que estou violando o primeiro princípio da

Ordem. Por isso acho melhor não falarmos sobre o assunto, para que sejam protegidos da minha atuação. Só não queria mentir.

Alessia olhou-o como se o estivesse vendo pela primeira vez: talvez a sua resistência a Miguel a tivesse impedido de vê-lo como ele era. Talvez ele estivesse realmente mudado. Miguel notou o olhar dela e soube que estava vencendo a sua última resistência na Ordem. Agora precisava apenas criar uma oportunidade para falar com ela e resolver as questões que se arrastavam entre eles por tantos séculos. Tinha certeza de que ela o escutaria.

Elizabeth também o olhou com admiração. E Miguel sentiu-se grato por isso. Tinha prometido a Daniel que cuidaria dela, mas continuava a amá-la e oscilava entre a promessa e a tentação de voltar a seduzi-la.

Miguel não queria arruinar aquele momento de boas-vindas, mas precisava falar sobre o que havia descoberto pouco antes de ter sido baleado. Disse para Dib:

- Nós temos que falar sobre o que está acontecendo na Europa.
- Você descobriu alguma coisa? — perguntou Dib.
- Sim... — respondeu Miguel.

Dib também desejava avaliar a situação europeia. E esse seu desejo havia sido despoletado pelo atentado ao premiê inglês. Dib estava incomodado com o incidente e tinha certeza de que o mesmo acontecera com os outros Guardiões. Agora que Miguel melhorara, podiam voltar de novo a sua atenção para os assuntos mais mundanos.

— Vamos conversar na sala, depois do café da manhã — anunciou Dib, querendo que terminassem a refeição com tranquilidade.

O general Rudolf Halder, um dos doze eleitos do Quarto Reich, atendeu à reunião de urgência. Sabia do que se tratava: era sobre a sua atuação.

Ele não se envolvia nas discussões conceituais ou no planejamento financeiro. Para Halder havia uma clara divisão de tarefas, e as questões militares eram da sua exclusiva responsabilidade. Ele não admitia interferências, exceto de Dieter. Mas aquele dia estava sendo péssimo: o fracasso do assassinato de Temple e a perda de dois dos seus soldados tinham minado o bom humor.

Horas antes Klaus Jürgen informara-o do assassinato de Hans, em Lisboa. Parecia tratar-se de uma briga com dois rufiões, mas não havia pistas. Provavelmente seria mais um daqueles crimes urbanos, sem solução. O general detestou ter perdido um soldado de forma tão estúpida.

Naquele momento, Halder escutava o novo membro do grupo, Rolf Merten, recém-chegado da cúpula europeia, descrevendo rapidamente a ascensão do primeiro-ministro inglês. E a conclusão era simples: em vez de eliminá-lo, haviam-no fortalecido.

O general espumava de raiva: os seus intensos olhos azuis pareciam duas nespas frias no rosto bronzeado pela exposição regular ao ar livre. Era sabido que ele gostava de se envolver pessoalmente no treinamento da sua tropa de elite. Conhecia bem Angus, o soldado que estivera infiltrado entre os ingleses durante anos, esperando ser convocado para servir a Alemanha. E lamentava a sua morte, mas soldados eram treinados para dar a vida, e o que Halder realmente lamentava era o fato de Temple não ter sido assassinado e eles terem perdido o elemento surpresa. A partir daquele instante, a segurança em volta dele e da família aumentara,

e com o MI6 envolvido, seria difícil outra oportunidade para eliminar *o obstáculo*, que era como Dieter passara a chamá-lo.

Heinrich Koch, o presidente da Sociedade, propôs delicadamente, tentando evitar a impressão de que estava interferindo na área de atuação de Halder:

— Talvez possamos recorrer a um assassino profissional, em vez de sacrificarmos os nossos homens tão cedo. A hora de derramar sangue pela Alemanha chegará.

— Qual a sua proposta? Exatamente — questionou Halder, com a sua habitual *secura*.

— Ouvi falar de um assassino infalível — anunciou, fazendo com que todos se fixassem nele. — Quando Dieter pediu que indagássemos sobre a Lança do Destino, falei com Dimitri Sergeevich. E durante a nossa conversa ele me confidenciou que conhecia alguém que fazia *serviços especiais* — frisou devagar, antes de se justificar: — Sabem que sou um homem previdente e acho que informações como essas são sempre úteis.

— Para fazer uma conversa assim, suponho que deve ter uma relação muito próxima com esse Dimitri Sergeevich. Não? — inquiriu Dieter astutamente.

— Sim. Dimitri é um homem de grandes recursos, capaz de localizar qualquer objeto de arte. De vez em quando, eu compro uma peça — respondeu com ar displicente.

— Você confia nele? — perguntou o homem que estava sentado à sua esquerda.

— Confio. Recentemente ele foi preso e não entregou nenhum dos seus clientes. É tão cuidadoso que não tem um único registro em papel.

— E como se chama esse assassino? — quis saber Halder.

— Chama-se Oliver Bassan — disse, depois de pesquisar no celular. — E a única forma de contatá-lo é por meio de uma caixa postal em Londres.

— Então ele é inglês? — perguntou Dieter.

— Suponho que sim. Isso é ótimo, não é? — perguntou Heinrich.

— Não sei. Contratar um inglês para matar o seu premiê pode não ser a melhor ideia — disse um dos participantes da reunião. — O que acha, general?

— Um assassino não tem escrúpulos. Mata por dinheiro — respondeu Halder, antes de pedir para Heinrich: — Dê-me o contato.

Heinrich Koch pegou o bloco que estava na mesa, à sua frente, arrancou uma folha e anotou com a sua letra miúda e espremida o nome de Oliver e a caixa postal, e ao entregar a informação a Halder, avisou:

— Dimitri disse que ele pode demorar a responder.

— Por quê? — estranhou Halder, desconfiado.

— Ele só tem esse contato. E pode estar fora do país. Responde apenas quando retorna das suas viagens — justificou Heinrich. Halder pareceu se convencer, mas argumentou, olhando para o papel com as informações sobre Oliver:

— Não me parece a melhor maneira de fazer negócio.

— Foi mais ou menos o que eu disse quando o Dimitri me contou que Oliver funcionava dessa forma. Mas Dimitri argumentou que ele pode se dar a esse luxo. É um assassino especial: nunca falha, e quando fecha um contrato, cumpre-o, mesmo que apareça alguém que lhe ofereça o dobro. Só aceita um contrato por vez, e é muito caro.

— Um indivíduo paradoxal: assassino e ético. E que parece garantir a realização do trabalho — resumiu Dieter. — Quanto custa o contrato dele?

— Entre dois e três milhões de dólares — disse Heinrich sem pestanejar.

— Acho que justifica, para eliminar *o obstáculo* — disse Dieter. — O que acha, Halder?

— Acho muito caro. Mas tratando-se *do obstáculo* é um investimento necessário.

— Então está decidido — concluiu Dieter. — Halder vai contratar Oliver Bassan. Paralelamente, continuamos com os nossos planos.

Não era apenas Heinrich Koch que era prevenido. Halder também era: já enviara Klaus Jürgen, em quem confiava plenamente, para Londres, acompanhado de Anton Blankenheim, um soldado dispensável que ocupou o lugar do malgrado Hans, para os dois se ambientarem com a cidade e vigiarem o premiê inglês. Mas Halder não compartilhou a sua decisão com mais ninguém.

No dia seguinte, o general mandou um envelope com as informações necessárias para contratar Oliver Bassan, seguindo as instruções de Heinrich Koch. O envelope tinha duas fotografias do alvo e um cartão com dois números: o primeiro era de um celular descartável e o segundo era o valor que pretendiam pagar. O estrago que Temple estava fazendo era cumulativo e Dieter queria que ele fosse eliminado o mais rápido possível. Por isso decidiram oferecer três milhões de dólares, para incentivar Oliver. Agora era só aguardar a resposta.

Miguel estava com o olhar fixo na televisão, acompanhando o telejornal, enquanto todos se acomodavam na sala. Tratava-se do rosto do jovem esfaqueado naquela noite, numa briga com mais dois homens, segundo testemunhas que os tinham visto fugindo do local.

Dib estava ao seu lado no momento da notícia. Miguel reconheceu o jovem:

— Que ironia! — comentou, trocando um olhar de cumplicidade com Dib e aproveitando a oportunidade para introduzir o tema da reunião — Esse é Hans Müller, um dos jovens que me agrediu. Ele estava com outro: capitão Klaus Jürgen. São nazistas e estão envolvidos em todos os incidentes que aconteceram na Grécia, Espanha e Portugal. Foram treinados para isso, num campo militar, algures na Alemanha.

— E como você sabe isso? — perguntou Uchoa.

— Vocês não querem saber... — respondeu Miguel, com um sorriso breve.

— Besson, você acessou as memórias dele? — questionou Dib, direto.

— Sim — confessou, antes de continuar, agora, imprimindo um tom mais sério à conversa: — Mas ele não sabe a localização do campo de treinamento. Trata-se de um local onde os soldados chegam com quinze anos e suas vidas são totalmente condicionadas pela filosofia nazista e limitadas ao treinamento militar.

— Isso significa que os alemães estão se organizando há anos — comentou Seth.

— Não são os alemães — corrigiu Miguel, antes de dizer devagar: — São os nazistas.

— Então estamos perante o ressurgimento do nazismo — concluiu Elizabeth, interrompendo o momento de silêncio que dominara a sala depois das palavras de Miguel.

— E está acontecendo secretamente, já que nem os próprios soldados sabem a localização do campo — disse Alessia. — Talvez haja vários campos...

— Não sei... Mas eles estão criando um exército de super-soldados — avisou Miguel. — Trata-se de algo grandioso.

— Descobriu mais alguma informação?

— Nomes de vários soldados. E o seu comandante: general Rudolf Halder. O que é interessante, porque é a segunda vez que me deparo com esse nome — Miguel fez uma pausa, antes de relatar o episódio onde escutou a primeira vez o nome do general: — Georgia, uma das associadas da Irmandade no Brasil, assassinou Yurii, um capitão que matou a família dela na guerra do Kosovo e a estuprou diariamente durante os três meses em que a manteve prisioneira.

A sala mergulhou de novo no silêncio, enquanto eles escutavam a história trágica de Georgia e aguardavam que Miguel revelasse as ligações com o general alemão.

— Yurii era sobrinho de Rudolf Halder e ele começou a pressionar as autoridades para que Goergia fosse severamente castigada. O estranho é que, de repente, ele se desinteressou do caso... — disse Miguel.

— Talvez ele não concordasse com a atitude do sobrinho — sugeriu Elizabeth. — Soldados têm códigos. Ou deveriam ter...

— Talvez — concordou Miguel, que não havia pensado no assunto sob aquele prisma. — Essa foi a primeira vez que ouvi o nome de Halder.

— E agora sabemos que ele é um general nazista — concluiu Alessia.

— Com os nazistas se organizando na Alemanha e alimentando confrontos violentos pela Europa, começa a emergir um cenário perigoso, que pode nos conduzir de volta à profecia do Anunciado — declarou Dib, pensativo, tentando entender como tudo poderia se cruzar. — Sendo William Temple o maior opositor das políticas

alemãs, o seu atentado parece apontar para a participação dos nazistas.

— E nós, o que vamos fazer? — perguntou Seth.

Dib ficou pensativo por alguns segundos, antes de decidir:

— Só vamos interferir se surgir algo sobrenatural ou a situação sair totalmente do controle. Neste momento, vamos continuar monitorando.

Dieter Steinbach já liderava as pesquisas alemãs quando foi eleito um dos homens mais influentes da atualidade. Apareceu nas capas de todas as revistas internacionais importantes e o seu rosto se tornou sinônimo de poder, sucesso e o símbolo da nova Alemanha — emergente e forte.

A sua história pessoal, marcada por perdas e superações, diluía a ideia de que ele era um empresário frio, orientado para os lucros, ou um líder indiferente ao sofrimento humano. Dieter não conheceu a mãe, que morrera no parto. Seu pai, Joseph Steinbach, após criá-lo sozinho, sofreu um ataque cardíaco fulminante aos cinquenta e sete anos, quando Dieter tinha vinte e seis. Cinco anos antes, sua mulher, Helen, tivera um acidente de carro fatal quando o filho, Peter, não tinha ainda um ano. Dieter repetiu o papel do seu pai, criando o filho sozinho. E, anos depois, o suicídio de Peter fechou o ciclo das suas grandes perdas.

A sofrida trajetória, aliada à aura de sucesso, contribuiu para que ele suscitasse simpatia e se tornasse o centro da atenção feminina. Aos cinquenta anos, Dieter era um líder que emergiu pronto, capaz de exaltar o orgulho do seu povo. Mas a excessiva exposição na mídia era suspeita para alguns críticos atentos, que começaram a se questionar sobre a imagem perfeita de Dieter e as suas verdadeiras

intenções. Porém, a verdade era mais terrível do que qualquer um pudesse imaginar.

A presença de Dieter na mídia havia sido cuidadosamente orquestrada por um dos braços dos Dragões, conhecido com *Stille Hilfe*, Ajuda Silenciosa. Esse grupo, fundado no final da Segunda Guerra por oficiais das SS, tinha o objetivo de ajudar nazistas de elite perseguidos. Os membros da *Stille Hilfe* foram responsáveis por realocar e acobertar nazistas importantes, misteriosamente desaparecidos no fim da guerra. Com os anos, o grupo sofisticou sua atuação para proteger e apoiar financeiramente os descendentes de nazistas. Agora, esses descendentes estavam infiltrados em vários países, esperando o momento de assumirem suas verdadeiras identidades e cumprirem seus destinos.

Foram alguns desses nazistas adormecidos que tornaram possível a eleição de Dieter como um dos homens mais influentes do mundo e a sua exposição na mídia.

9. Dragão Verde

Eu admito que há homens brancos bons, mas não estão em proporção com os maus. Os maus devem ser mais fortes, porque são eles que mandam. Só fazem o que lhes apetece.

Pachgantschilias, chefe Dalaware, 1787

Miguel retornou os contatos de Oliver Bassan. Calculou que ele terminara o *projeto*.

— Como vai? — perguntou Oliver, que já esperava o contato dele. Alessia tinha-lhe contado que Miguel se recuperara do acidente grave, embora Oliver estranhasse que Miguel estivesse vários dias em coma e a sua recuperação total acontecesse no espaço de dois ou três dias. Porém, não podia comentar o acidente, para não expor a sua relação com Alessia.

— Bem, obrigado. E você? — perguntou Miguel, amável.

— Tentando terminar este projeto — respondeu ambíguo, mas Miguel compreendeu que ele estava querendo dizer que ainda não assassinara o seu alvo.

— Achei que já tinha resolvido.

— Surgiu um imprevisto e eu queria falar com você antes. Há uma criança com cinco ou seis meses. Tem alguma informação sobre isso? — perguntou enigmático e, mais uma vez, Miguel entendeu tudo. Nenhum deles gostava de falar abertamente.

— Não. Mas as datas coincidem. O pai é certamente o meu amigo — respondeu Miguel fazendo rápidas contas de cabeça.

— Gostaria de saber se a criança pode ser... encaminhada para o pai, assim que eu resolver o assunto — Miguel surpreendeu-se com a preocupação de Oliver. Tinha uma ética que faltava à maioria das pessoas normais e não existia em pessoas com a profissão dele.

— Deixe-me ver o que posso fazer — respondeu Miguel. — Pode me dar alguns dias?

— Sim. Mas não muitos. Estou aqui há bastante tempo — afirmou.

— Compreendo. Eu sei que tentou me contatar, mas tive um pequeno acidente — justificou Miguel. — Pode dar-me mais uma semana?

— Uma semana — concordou Oliver depois de uma breve hesitação, em que pensou no que faria durante aquele período. Conhecia a vila tão bem que era capaz de enunciar todas as pedras que havia espalhadas nas calçadas. Decidiu que iria viajar. Gostaria de se embrenhar pela intensa e exuberante floresta amazônica.

Dib avaliou a correspondência que havia sido reencaminhada de Paris. Era quase toda comercial, mas um envelope endereçado a Daniel chamou a sua atenção. Usando o elegante estilete de prata, que estava sobre a mesa, abriu o pesado envelope, com um corte preciso. Dentro, havia dois outros envelopes. O maior já estava aberto e era dirigido a Max Küchler. Dib reconheceu o nome: era o empresário alemão que se suicidara recentemente. Pôs a mão na

abertura do envelope e, quando puxou as fotografias, um pequeno cartão branco com a palavra *Selbstmord*, caiu no chão. Dib deduziu que estava associado à morte de Kùchler. Colocou o cartão sobre a mesa e analisou as fotografias. A primeira dezena mostrava uma instalação militar muito bem equipada, com mísseis, veículos militares, vários aviões de combate e uma sala de comunicações, imensa, completamente ativa. Todos os equipamentos eram de última geração, pelo que Dib podia perceber. Em vários pontos, era visível a inconfundível suástica nazista. As outras fotografias revelam um campo de treinamento, também militar, com muitas centenas de jovens executando vários exercícios. A última fotografia era dos jovens alinhados, em seus perfeitos uniformes cinzentos, fazendo a saudação nazista em direção a alguém que estava à sua frente, mas fora do ângulo da fotografia — possivelmente o líder.

Dib reviu as fotografias duas ou três vezes, antes de avaliar de novo o pequeno cartão branco, com aquela que teria sido a ordem para Kùchler se suicidar.

Por fim, abriu o envelope menor, contendo uma carta de Kùchler para Daniel.

Berlim, fevereiro de 2011

Caro Daniel,

Apesar de não nos comunicarmos há muitos anos, acredito que continue sendo o padre justo que conheci e com quem troquei tantas ideias na juventude.

Não sei a quem recorrer neste momento. Não há ninguém em quem possa confiar, e a única pessoa que me ocorreu foi você. Quando receber esta carta, tudo terá terminado, e eu já terei cumprido a ordem do cartão que acompanha as fotografias.

O meu pai, o meu avô, e antes dele, o meu bisavô, pertenceram a este grupo — somos a elite da Sociedade do Dragão Verde. O nosso lugar é herdado, como já deve ter deduzido.

Neste momento, a Sociedade está focada em aumentar não apenas o seu poder econômico, que já é imenso, mas também o seu poder militar, com o objetivo de formar o Quarto Reich. Como me opus ao desenvolvimento militar, foi "sugerido" que me suicidasse para preservar a minha família e evitar que os meus bens sejam confiscados pela Sociedade. Compreendi demasiado tarde que a Sociedade não permite que nenhum dos doze membros, que formam a sua elite de comando, tenha uma opinião diferente da estabelecida no plano original.

Embora eu tenha crescido abraçando os valores da Sociedade, e tenha orgulho de ser alemão, não acredito que a tentativa da Alemanha subjugar a Europa, mais uma vez, possa resultar em algo positivo. Muito pelo contrário, acho que o uso da força militar vai contribuir para nos destruir a todos. Quando recebi estas fotografias vi que o projeto já estava em um estágio muito avançado, e acho que algo precisa ser feito.

A minha morte é inevitável, por isso lhe peço que tente impedir a ascensão militar do Dragão Verde e evite a destruição da Europa e, talvez, o início de um conflito global.

*Um abraço,
Max Küchler*

Dib ficou imóvel por alguns minutos, com a carta na mão, ajustando mentalmente os cenários. O quebra-cabeça começava a tomar forma: aquelas fotografias consolidavam as informações que já tinham sobre os nazistas.

Agora Dib sabia que aquilo não era apenas a ascensão do nazismo, mas uma repetição do que aconteceu com Hitler em 1933.

Queiroz teve a ideia de pesquisar os registros dos nascimentos dos seis meses após o sequestro de César, cruzando-os com os nomes dos pais das crianças. Apesar de ser uma possibilidade remota, tinha esperança de que o menino tivesse sido registrado como filho de Leopolda. A maioria dos arquivos já estava digitalizada, e ele começou a pesquisa por São Paulo. E quando o resultado deu negativo, alargou-a para as cidades do interior. De cada vez que o resultado era negativo, ele sentia-se frustrado, mas não desistia. Até que, certa manhã, o registro de nascimento de um menino surgiu com o nome de Leopolda e do pai.

Havia algo familiar no nome da criança. Queiroz não lembrava exatamente o que era, mas tinha a certeza de já ter visto aquele nome.

Primeiro buscou informações sobre o pai, Javier Penafor, e descobriu que ele tinha sido atropelado num acidente de carro e que nunca descobriram o responsável. Em seguida investigou o filho, e quando apareceram vários arquivos na tela do seu computador, Queiroz compreendeu quem ele era: Juan Penafor era o homem que ajudara Tereza Sampaio Eliot, e foi a única pessoa com quem ela falou além do advogado. Queiroz achou que aquela coincidência era uma terrível maneira da vida equilibrar as suas contas. Ele não acreditava no destino, nem na possibilidade da vida seguir um roteiro prévio de acertos e débitos. Para Queiroz tudo era resultado do livre-arbítrio humano.

Recordou que, meses antes, Tereza pediu que ele a realocasse numa vila pequena. Ela queria que o filho crescesse num lugar

tranquilo. Ele a ajudou usando as suas conexões para transferi-la e arrumar um emprego nos serviços públicos. Deu-lhe algumas opções e ela escolheu uma vila no Pará, de que ele nunca tinha ouvido falar até o momento em que Tereza decidiu mudar-se para lá com o seu filho ainda por nascer.

Agora Queiroz estava perante um dilema: tinha encontrado o filho de dona Clara, mas ele era também o pai de Fernando. Se Juan Penafor descobrisse a verdadeira identidade da mãe, iria descobrir também o paradeiro de Tereza e sua nova identidade, podendo colocar a vida dela em risco. O relacionamento deles era do conhecimento público, e poderiam chegar a Tereza através dele. Queiroz hesitou e decidiu avaliar melhor o assunto antes de falar com Tereza.

Manfred organizara meticulosamente a sede da Ordem. Obras de arte de grande valor decoravam as paredes, e era visível o esmero com os detalhes. O espaço respirava história: não havia ali uma única peça que não fosse centenária. A sala em tons de vermelho, onde Dib marcara a primeira reunião formal da Ordem em Lisboa, impunha certa formalidade.

Manfred tinha preparado chá e os famosos pastéis de Belém, que agradavam ao paladar de todos os Guardiões.

Eles ocuparam seus lugares nas cadeiras imponentes, forradas de veludo vermelho escuro, em volta da mesa redonda de pau-brasil, do século XVII. Dib colocou um envelope sobre a mesa e começou a reunião com um mantra, exatamente como Daniel fazia quando liderava a Ordem. Quando o coro de vozes que o acompanhava silenciou, ele avisou, sem preâmbulos:

— Estamos com um problema. Max Kùchler, o empresário alemão que se suicidou há várias semanas, escreveu uma carta para Daniel, onde relata que foi forçado a suicidar-se pela Sociedade do Dragão Verde.

Dib percebeu como Miguel cruzou as mãos sobre a mesa, dando sinais de incômodo assim que ele revelou a existência da Sociedade. Seth, Uchoa e Alessia entreolharam-se, como se tentassem dar sentido ao que Dib estava dizendo. Só Elizabeth não compreendera o significado da revelação. Ele continuou falando, mantendo-se atento às reações à sua volta:

— Kùchler afirma que a Sociedade está preparando a ascensão do Quarto Reich e tem uma força militar em alto estágio de desenvolvimento, como podem ver por estas fotografias — Dib abriu o envelope e tirou de lá a carta, que entregou a Miguel, sentado na cadeira à sua esquerda, e as fotografias, que entregou a Seth sentado à sua direita. — Isto confirma o que já sabemos sobre os nazistas, mas dá-nos uma dimensão muito maior do perigo que se avizinha.

Por alguns minutos a carta e as fotografias circularam silenciosamente. Miguel foi o primeiro a falar, encarando Dib:

— A Sociedade do Dragão Verde foi extinta em 1945. Mas isso é algo que só você poderá confirmar, não é, Dib?

Dib moveu ligeiramente a cabeça, rejeitando a frase de Miguel.

— Não. Todos nós pensávamos que os Dragões haviam sido extintos em 1945.

— Mas você era o Tibetano. Você era líder do Dragão Verde durante a Segunda Guerra. Ou estou errado? — questionou Miguel, com os olhos fixos nos de Dib, expondo finalmente as dúvidas que alimentara durante todos aqueles anos. Miguel estava empenhado em descobrir a verdade sobre a participação da Ordem na guerra. Se

as suas dúvidas se confirmassem, significava que, em algum momento, Dib e Daniel haviam se envolvido com os nazistas. Agora, estava, finalmente, perante uma oportunidade para esclarecer tudo. E ele sentia que tinha esse direito, porque eles também haviam acreditado no seu envolvimento com as SS, e ele esclarecera tudo, conseguindo até convencer Kent, o seu crítico mais feroz.

— Acho que devemos nos concentrar no que está acontecendo agora — interrompeu Alessia, tentando mudar o foco da conversa, e voltar à questão de Kuchler.

— Não, Alessia — rebateu Miguel, com firmeza. — Porque os eventos do final da Segunda Guerra estão na origem e têm influência direta no que está acontecendo na atualidade. Estão aqui — disse batendo com o indicador na mesa. — Não é, Dib?

— Alguém pode me explicar o que está havendo, por favor? — pediu Elizabeth, perdida na conversa, sem entender o motivo da aparente tensão de Miguel.

Dib sabia que a carta de Kuchler falando sobre a Sociedade do Dragão Verde iria reacender as dúvidas sobre os fatídicos eventos do final da guerra. Decidiu que chegara o momento de revelar um dos grandes mistérios da Segunda Guerra. Começou a falar devagar, desenterrando um segredo com quase setenta anos.

— Os místicos do nazismo, comandados por Heinrich Himmler, acreditavam que só conseguiriam impor o Terceiro Reich ao mundo recorrendo à magia — Dib falava para Elizabeth, que era a única que desconhecia aqueles detalhes. — Himmler foi um dos homens mais poderosos da Alemanha. Comandou as SS entre 1929 e 1945, transformando-a numa das organizações mais cruéis de todos os tempos. A simples visão dos seus uniformes negros aterrorizava qualquer um.

Miguel interveio, aprofundando a explicação de Dib, para que Elizabeth entendesse a extensão das SS e o verdadeiro poder daquele homem:

— As SS incluíam a polícia secreta nazista, o serviço de inteligência, as forças policiais e os grupos de extermínio, os *Einsatzgruppen*. Também tinham o seu próprio exército e controlavam os campos de concentração. Himmler foi um dos responsáveis pela Solução Final. Além disso, as SS tinham uma unidade dedicada ao ocultismo, que albergava esses místicos de que Dib falou.

— Essa unidade era a Sociedade do Dragão Verde e, dentro dela, Himmler criou vários subgrupos secretos que ele comandava — continuou Dib, explicando: — O Karotechia era um desses subgrupos, e era responsável por investigar as fontes da magia e do poder místico. Foram eles que descobriram que os magos negros mais poderosos eram os monges tibetanos Barretes Negros.

Dib fez uma pausa, para tomar um gole de água, antes de continuar explicando:

— Na década de 1930, Himmler fundou um núcleo secreto, com sete Barretes Negros, que ficou conhecido como a Colônia Tibetana de Berlim. Os Barretes Negros tinham o objetivo de aumentar o poder sobrenatural nazista. Eles dominavam a arte divinatória e podiam matar com um simples mantra. Praticavam rituais terríveis que violavam todos os tabus. Matavam adultos e crianças com fins ritualísticos, mas também os incluíam na sua dieta e usavam os ossos como adereços mágicos. Consideravam que a violência gerava uma energia poderosa, e o sangue era a sua expressão máxima.

Elizabeth lembrava-se que Miguel já havia mencionado os Barretes Negros, monges xamanistas que praticavam rituais sexuais e sacrifícios humanos.

— Esses conceitos são parecidos com o Vril — comentou Elizabeth, lembrando que Miguel também mencionara a influência da Sociedade Thule no nazismo, através da crença no Vril enquanto energia telúrica que podia ser obtida por meio de orgias e sacrifícios humanos.

— Sim — confirmou Dib, antes de enfatizar: — Por isso, quando Besson falou sobre eles, disse que a associação do nazismo à magia negra tibetana se tornou letal, porque foi a validação dos conceitos nazistas.

Dib calou-se por alguns segundos. Aqueles eram eventos que ninguém gostava de revisitar, e o que estava por trás deles era conhecido por poucos.

— Qual a relação entre a Colônia Tibetana e a Sociedade do Dragão? — perguntou Elizabeth, confusa.

— São grupos distintos. Mas como Himmler mantinha tudo muito secreto e fragmentado, as duas foram confundidas depois da guerra, e os seus líderes também, apesar de serem pessoas diferentes — justificou Dib. — A Sociedade do Dragão Verde era liderada pelo Homem das Luvas Verdes e a Colônia Tibetana era liderada pelo Tibetano.

— De onde surgiu a ideia de que eles eram a mesma pessoa? — questionou Elizabeth.

— No final da guerra, quando as tropas russas invadiram Berlim, encontraram uma sala com um círculo formado por seis tibetanos deitados, vestindo túnicas verdes. O sétimo tibetano, no centro do círculo, usava luvas verdes. Foi esse detalhe que contribuiu para gerar confusão entre o Tibetano e o Homem das Luvas Verdes. Mas foi um gesto intencional.

— Por quê? — perguntou Elizabeth, sem entender.

— Tratou-se de um subterfúgio para salvaguardar a identidade do verdadeiro Homem das Luvas Verdes, o líder da Sociedade do Dragão, que escapou de Berlim — disse Dib.

— Himmler? — indagou Elizabeth, tentando adivinhar a identidade do misterioso homem.

— Não — Dib fez uma pausa, antes de revelar com serenidade: — Eu.

Miguel perguntou, depois de alguns segundos tentando assimilar a notícia surpreendente:

— Então... você era o Homem das Luvas Verdes?

— Sim, eu era o Tibetano que passou a liderar a Sociedade do Dragão Verde, a partir de fevereiro de 1943 — confessou, muito calmo. — O fato de eu e o mestre da Colônia sermos tibetanos contribuiu para aumentar a confusão entre as nossas identidades. Mas eu sou um Barrete Amarelo. E o mestre da Colônia era um Barrete Negro, capaz de qualquer atrocidade para conseguir o poder. Nós, os Barretes Amarelos, buscamos a iluminação e seguimos os ensinamentos de Buda. Praticamos a castidade e a contenção espiritual. Os Barretes Negros buscam o poder e praticam o excesso.

— Isso são sutilezas desconhecidas pela maioria — disse Miguel, agitando a mão no ar, como se estivesse considerando aqueles detalhes irrelevantes, quando na realidade não eram. — Você tirou vantagem do fato de ser tibetano para alimentar uma confusão de identidades, que lhe permitiu ocultar o seu verdadeiro papel no nazismo.

— Sim — confirmou Dib, com simplicidade.

Elizabeth tentava acompanhar o que estava acontecendo: Dib confessara que tinha liderado uma das Sociedades mais secretas e poderosas dos nazistas. Uma Sociedade que renascera das cinzas — ou talvez nunca tivesse desaparecido — e estava espalhando de

novo os seus tentáculos malignos pela Europa. E a elite dessa Sociedade, formada por doze homens, estava agora disposta a fazer ascender o Quarto Reich.

A conversa parecia acontecer apenas entre Elizabeth, Dib e Besson. Seth, Alessia e Uchoa mantinham-se em silêncio. Eles conheciam a história, embora não soubessem todos os detalhes vividos por Daniel e Dib, porque, naquela época, todos estavam envolvidos na guerra.

No início de 1943, quando tudo estava sem controle e dominado por forças negras, Arturo decidiu, finalmente, que os Guardiões tinham que alterar o curso da guerra e acabar com o nazismo. Eles se infiltraram em vários países, para conter o conflito. Alessia se envolveu com a resistência francesa. Arturo desempenhou um papel vital junto dos ingleses, acompanhando Winston Churchill, o primeiro-ministro britânico e o mais virulento crítico de Hitler. Seth e Uchoa foram para os Estados Unidos e depois para Hiroshima e Nagasaki, após o ataque nuclear americano àquelas duas cidades. Kent esteve na Alemanha e em seguida participou do grupo Aliyah Bet, um movimento clandestino que organizava a fuga dos judeus para a Palestina. Daniel e Dib se envolveram no coração do governo nazista e seus atos se confundiam, em várias ocasiões, com atitudes favoráveis ao nazismo, como estava acontecendo naquele momento, com Dib.

— E quem liderou a Sociedade do Dragão antes de você? — perguntou Miguel, reconhecendo que a ardilosa estratégia de Dib é que fomentara a confusão de identidades entre os líderes da Colônia e do Dragão Verde, por tantas décadas.

— Heinrich Himmler — informou Dib.

— Como pode Himmler, que não confiava em ninguém, permitir que você assumisse a liderança de um grupo tão vital? — questionou

racionalmente Miguel.

— Em 1943, quando tudo começou realmente a ir mal para os nazistas, Himmler, apesar de controlador, precisou rever suas prioridades e abdicou da liderança dos Dragões — contou Dib. — Nós nos conhecemos em 1929, na época da grande depressão mundial, quando o nazismo começou a florescer. Confesso que fiquei impressionado com ele: parecia um homem discreto, mas tinha uma sede de poder como eu raramente tinha visto. Era maquiavélico, manipulador e tinha ideias políticas perigosas. Além disso, tinha grande interesse pelo ocultismo. Decidi manter uma relação de proximidade com ele. E quando a guerra começou, embora eu nunca tivesse assumido um papel de destaque no governo nazista, sempre mantive contato com Himmler. Levei anos provando a minha lealdade, mas foram algumas das minhas habilidades sensoriais que o convenceram de que eu era a pessoa certa para assumir os Dragões — lembrou Dib.

Elizabeth olhava-o espantada. Primeiro pensara que Miguel estivera envolvido com os nazistas, até ele ter explicado o seu papel na Segunda Guerra e a sua participação nos *Einsatzgruppen*. E agora Dib estava dizendo que ajudara Himmler durante anos, para ganhar a sua confiança e se tornar líder de uma sociedade secreta.

— Eu e Daniel sabíamos que você participava dos *Einsatzgruppen*, mas não podíamos deixar que se aproximasse do Dragão Verde. Nós tínhamos dúvidas sobre o seu verdadeiro papel no nazismo, principalmente depois de Kent tê-lo visto em Babi Yar. Não sabíamos se estava do lado de Hitler e tínhamos que impedi-lo de atingir uma posição de poder entre os Dragões, porque você possuía um conhecimento do sobrenatural que mais ninguém tinha. Daniel se empenhou muito para evitar que isso acontecesse. E, também, para evitar que nos cruzássemos em algum momento — explicou Dib,

esclarecendo finalmente por que Miguel não conseguira se aproximar daquela sociedade secreta.

— O que aconteceu com os tibetanos da Colônia? Foram mortos?
— perguntou Elizabeth.

— Suicidaram-se com cianeto — informou Dib.

— Você teve alguma participação na morte deles? — questionou Miguel.

— Às vezes para conseguir o bem, é necessário fazer o mal — argumentou Dib, sem responder diretamente à pergunta, e seguro de que Miguel entendia bem aquele conceito. — Depois que os sete Barretes Negros tomaram chá envenenado, eu os posicionei em círculo e coloquei as luvas verdes no Tibetano. Eu achava que aquele detalhe ia gerar muitas teorias conspiratórias e impedir que a verdade viesse à tona, como, aliás, aconteceu.

— Como é que ninguém descobriu a verdade durante todos estes anos? — perguntou Elizabeth.

— Poucos sabiam da existência da Colônia Tibetana, e os que sabiam foram mortos ou desapareceram no final da guerra. A Colônia permaneceu sempre envolta em mistério — explicou Dib. — E o Homem das Luvas Verdes é o personagem mais enigmático da Segunda Guerra. Naquela época a sua identidade era quase desconhecida e permaneceu um mistério. Alguns o confundem com o Tibetano da Colônia, por causa do incidente que acabei de contar. Mas outros dizem que era um monge com grandes poderes: conseguia ler mentes, curar com o toque das mãos, subjugar pessoas à sua vontade, provocar alucinações coletivas, germinar plantas em questão de horas. Parece que também era capaz de se transformar num animal. Mas ninguém, em seu perfeito juízo, acreditava nisso. Parecia mais um daqueles mitos, como o

desaparecimento do ouro e do submarino nazi, com alguns dos capitães e generais de guerra.

Todos sorriram com os comentários de Dib. Embora ninguém acreditasse, agora que conheciam a identidade do Homem das Luvas Verdes, sabiam que todos os rumores sobre ele representavam apenas uma parcela da verdade.

— Preciso fazer uma pergunta — disse Miguel. — Os Barretes Negros não suspeitavam que o chá pudesse estar envenenado?

— O que você acha? — questionou Dib, consciente da pergunta engenhosa de Miguel.

— Eles deviam confiar muito na pessoa que lhes preparou o chá — respondeu Miguel.

— As guerras obrigam-nos a fazer coisas impensáveis. Fazem-nos optar pelo necessário e não pelo certo — afirmou Dib, fixando o olhar profundo em Miguel. E todos entenderam qual a participação de Dib na trágica morte dos tibetanos.

— Mas qual era o papel do Tibetano, o líder da Colônia? — perguntou Elizabeth, sem comentar o que Dib confessara indiretamente.

— Ajudar Hitler a dominar o mundo para cumprir a Profecia Tibetana. Hitler confiava nele e sempre o consultava, mesmo depois da Alemanha começar a enfraquecer, em 1943. Ambos serviam uma força maior, uma força negra, que queria dominar a humanidade.

— Se você era o líder da Sociedade do Dragão, e ela se extinguiu em 1945, como ressurgiu agora? — perguntou Uchoa, intervindo pela primeira vez, desde o início da conversa, e dando ao assunto um foco mais recente.

— Começo a duvidar que tenha se extinguido em 1945 — disse Dib, pegando a carta. — Küchler fala dos antepassados e afirma “o nosso lugar é herdado”. Mais adiante, diz “embora eu tenha crescido

abraçando os valores da Sociedade”. Os Dragões foram fundados oficialmente em 1812. No mesmo ano em que Napoleão fracassou na invasão à Rússia, iniciando a sua derrocada. Nesse ano, a Lança do Destino passou de Napoleão para o grande Dragão, que era o líder da Sociedade na época. Eu vi registros disso, mas nunca consegui ter acesso ao lugar onde estava a lança.

Miguel estendeu a mão e Dib deu-lhe a carta. Ele releu, antes de confirmar:

— Tem alguma ideia de como os Dragões sobreviveram ao fim da guerra?

— Eram doze membros de elite que formavam a Sociedade, exatamente como diz a carta de Küchler. Na época era eu e outros onze, todos eles homens de alta patente das SS. Alguns nunca foram encontrados depois da guerra.

— O que você acha que aconteceu? — perguntou Elizabeth.

— Não sei — respondeu Dib.

— Mas você era o líder da Sociedade do Dragão — lembrou Elizabeth, antes de perguntar confusa: — Como pode não saber o que aconteceu com os Dragões?

— Eu era o único dos doze Dragões que não pertencia às SS, e isso sempre me deixou numa certa posição de fragilidade. Eu podia sentir que ficava à margem de certos assuntos. O que era conveniente para Himmler, porque ele continuava controlando a Sociedade, sem correr o risco de ver meu poder aumentar — fez uma pausa, antes de revelar a teoria que desenvolvera ao longo dos anos. — Há aqui três questões que precisam ser consideradas: a primeira é que Himmler tinha a mania de criar várias unidades, como perceberam. Só ele conhecia todo o quebra-cabeça e controlava tudo. Ele não tinha um homem de confiança, tinha vários e, na verdade, não confiava realmente em nenhum. A segunda questão é

que dos doze Dragões, a elite nazista de Himmler, seis desapareceram depois da guerra e nunca foram encontrados.

— Seis contando com você? — perguntou Seth.

— Não. Eu e mais seis. Procurei-os durante anos, mas não descobri onde estavam, nem sequer se haviam sido mortos nos dias finais da guerra — explicou Dib.

— E os outros cinco? Que aconteceu? — perguntou Elizabeth.

— Foram mortos, alguns em Berlim e outros tentando escapar — respondeu Dib, com o rosto sério, recordando o fim do conflito mais sangrento da Europa. — Agora, penso que esses seis que desapareceram deram continuidade à Sociedade e se mantiveram fiéis ao nazismo.

— E qual a terceira questão? — perguntou Alessia.

— No último ano de guerra surgiram rumores sobre uma unidade, dentro das SS, exclusivamente dedicada para planejar a fuga dos nazistas e dar-lhes apoio econômico. Chamava-se *Stille Hilfe*. Acredito que eles tinham um plano B e a missão de proteger os Dragões — anunciou Dib.

— Também ouvi falar dessa unidade, *Stille Hilfe* — comentou Miguel. — Talvez tenham planejado tudo. Mas não entendo como Himmler não escapou, sendo o arquiteto do plano.

— Vários acontecimentos devem ter alterado os planos dele impedindo-o de escapar com os seis Dragões desaparecidos — contou Dib. — No início de 1945, Himmler tinha plena consciência de que a guerra estava perdida. Contatou Eisenhower, o Comandante das Forças Aliadas na Europa, para tentar negociar a rendição da Alemanha, sem o conhecimento de Hitler. Eisenhower recusou a proposta. Entretanto, Hitler descobriu a manobra de Himmler e considerou que ele era um traidor. Himmler tentou escapar, mas foi

capturado pelos aliados e suicidou-se com uma cápsula de cianeto, na sua cela, antes do interrogatório.

— Há suspeitas de que ele tenha sido assassinado — comentou Seth.

— Tem lógica — concordou Uchoa, que já havia pensado longamente sobre o assunto. — Se o grupo *Stille Hilfe* ficou com o ouro nazista e ajudou os Dragões a escaparem, assassinaram Himmler para preservar o segredo. Ele era o responsável pelo plano e a única pessoa que poderia revelá-lo.

— É provável — respondeu Dib. — Parece claro que o objetivo do *Stille Hilfe* era garantir a continuidade do nazismo, salvando os membros mais importantes das SS. O que nos trouxe ao momento atual: os Dragões mantiveram-se ativos e atualmente têm meios econômicos e um exército pronto para a ascensão do Quarto Reich.

— Concordo. E o pior é que já está tudo acontecendo — disse Miguel.

— Kuchler pediu que Daniel impedisse os Dragões e o início de um conflito global. Não imagino o que ele esperava que Daniel fizesse contra uma organização tão poderosa. Até porque ele acreditava que Daniel era um simples padre — lembrou Seth.

Sempre que alguém dizia o nome de Daniel, Elizabeth sentia o estômago embrulhado. Por mais carinhosa que a presença de Miguel fosse, sentia falta de Daniel, e era um sentimento tão intenso que, por vezes, quando respirava, o ar parecia insuficiente.

— Isso mostra bem o desespero de Kuchler e, também, que não tinha a quem recorrer. Acho que o essencial é descobrirmos quem são os atuais Dragões e onde está localizado este centro de treinamento militar — disse Dib, apontando para as fotografias.

— Halder deve ser um dos membros da Sociedade do Dragão — declarou Miguel.

— Isto não tem fim — disse Dib. — Tenho certeza de que estamos, de novo, lidando com a Profecia Tibetana e uma séria tentativa de fazer ascender o Anunciado. Ele pode ser um dos doze Dragões.

De repente, aquele comentário de Dib fez com que Miguel se lembrasse das palavras de Lucrezia Zani, quando a visitara, e tudo fez sentido, como se um véu tivesse se aberto revelando a realidade que ele já devia ter visto. Ela mencionou o *herdeiro natural* para liderar o mundo e disse que era uma mulher prevenida e levava anos planejando aquilo.

— Talvez o verdadeiro Anunciado esteja pronto para assumir o seu papel — murmurou Miguel pensativo. Todos olharam para ele, e Dib perguntou:

— Então você concorda comigo?

— Absolutamente — Miguel encarou-o sério. — Preciso falar com Lucrezia Zani e tentar descobrir o que está acontecendo. Tenho certeza de que ela sabe.

Dib ficou em silêncio por alguns segundos analisando o comentário de Miguel.

— Você e Uchoa começam por aí: contatem Lucrezia — ordenou Dib. — Seth e Alessia vão a Berlim descobrir com quem Küchler se relacionava e monitorar Halder. Isso vai nos permitir descobrir quem são os Dragões.

— E nós vamos para Paris amanhã — Miguel falou diretamente para Uchoa.

— Entretanto, não podemos esquecer que precisamos iniciar a busca por novos Guardiões — afirmou Dib, sentindo o peso das responsabilidades se abatendo sobre ele. Encontrar e treinar dois novos Guardiões e, ao mesmo tempo, deter a ameaça do Quarto Reich seriam tarefas que exigiriam muito de todos eles.

Miguel ficou satisfeito com o resultado da reunião: conseguiria arranjar uma forma de visitar Lucrezia Zani, sem criar problemas com os Guardiões.

— Besson, cuidado com Lucrezia — avisou Dib. — Ela é um Anjo Negro e se conseguir se alimentar de almas e sair daquele lugar higiênico, os seus poderes devem retornar.

— Eu sei — respondeu, embora desejasse descobrir o paradeiro da lança.

Elizabeth estendeu a mão para ajudá-lo a entrar no seu quarto. Aprendera que ele só poderia estar ali se o convidasse. Ele abraçou-a com força. Estava com saudades. Elizabeth tentou resistir, mas Daniel conseguia sempre envolvê-la. Acariciou o rosto dele, levemente, antes de tocar no seu braço em busca do relevo da runa Sigel. Lembrava-se bem do aviso que ele fizera da última vez: se não tivesse a marca, ela não podia confiar nele. Passou os dedos pela parte interna do braço e sentiu um arrepio, ao perceber a pele lisa.

— O que foi? — perguntou Daniel, atento às reações dela.

— Não tenho me sentido bem, desde que fiquei com febre por causa das suas mãos — disfarçou, sentando-se numa das duas poltronas, distante da cama. Ele rodou a outra poltrona, sem esforço, e posicionou-a em frente a ela.

— Eu lamento — respondeu Daniel. — Não volta a acontecer.

Ela ouviu a resposta e prendeu o fôlego, por um segundo. Ele acabara de se trair. Não só não tinha a cicatriz, como também não se lembrava de já ter pedido desculpa por tê-la machucado com as mãos em brasa, na visita anterior. Este era o Daniel em quem não podia confiar, mas continuava sendo o seu Daniel. Ela estava confusa.

Ele pegou o braço dela, levantou a manga do confortável pijama de algodão e constatou:

— As marcas desapareceram.

— Dib me deu um remédio — repetiu ela, embora já o tivesse informado.

— Se não tivesse resultado, eu teria curado você. Não vou permitir que nada aconteça com você — prometeu, antes de pedir:

— Quero que venha comigo.

Ele estava sendo sincero. Elizabeth se assemelhava ao efeito de uma droga que entrara no seu sistema: viciava muito rápido e era necessário sempre mais.

— O que preciso fazer para ir com você? Explique-me como funciona — pediu, sorrindo, para disfarçar a confusão que sentia com as atitudes dele. Daniel parecia não se recordar da visita anterior. Ele fixou os olhos nela e sentiu prazer ao ver o sorriso dela, suave e meigo.

— Você precisa querer ir comigo. E esse desejo deve estar muito claro dentro de você.

— Por quê?

— Porque é a única forma de você continuar forte no plano onde estou — explicou Daniel. — Se não for assim, você vai enfraquecer.

— Qualquer pessoa pode fazer isso?

— Não. Os humanos precisam perder suas vidas. E depois da morte, não têm escolha: Samael, o anjo da morte, avalia os seus feitos e determina para onde vão. Eles só podem atravessar o portal se forem enviados para o mesmo plano de existência em que estou — disse, mas não explicou que, mesmo depois de mortos, os humanos não eram livres para usar os portais, e isso era um privilégio de poucos.

— E por que seria diferente comigo?

— Você é uma criatura do Graal — informou em voz baixa, usando a expressão *criatura*, que nunca usara antes para se referir a ela. — Criada para transcender homens e animais. Tem o dom dos sonhos e conhece o futuro.

— Mas a minha natureza também é humana e animal.

— E angelical — lembrou ele.

— Se eu for com você, estou quebrando o juramento de servir a Ordem, acima de tudo. E não poderei voltar a consagrar-me — falou, tentando entender exatamente o que ele estava propondo.

— Isso não será um problema: quando chegar a hora certa, farei com que não precise mais da Consagração para continuar imortal.

— Isso não é possível — discordou ela, sentindo-se cada vez mais desconfiada.

— É, sim. Confie em mim — pediu, acariciando a mão dela.

— Posso voltar dessa dimensão, quando quiser?

— Sim — mentiu, omitindo que depois de ela o seguir, só ele poderia permitir que ela circulasse entre os mundos. E em cem anos, quando o efeito do Graal diluísse, ela só seria imortal enquanto permanecesse ao lado dele, servindo-o. Como, aliás, acontecia com o seu exército de Anjos Negros.

— E como é essa dimensão? — quis saber.

— Com a sua pureza, para onde quer que vá, será sempre o paraíso — afirmou, enigmático. Ela o olhou sem entender o que ele estava dizendo. E surpreendeu-o ao mudar radicalmente de assunto:

— Fale-me sobre as suas cicatrizes, agora que elas desapareceram.

Ele hesitou por um décimo de segundo, como se um raio tivesse atingido o seu cérebro. E mesmo antes de racionalizar o que estava acontecendo pressentiu a armadilha de Elizabeth. Algo acontecera.

Não sabia o quê, mas teve a nítida percepção de que algo estava errado.

— De onde surgiu essa ideia, assim, de repente? — queria ganhar tempo para entender onde ela estava querendo chegar.

— Não é de repente.

— Você sabe o que aconteceu — respondeu, perscrutando o olhar dela, com atenção.

— Não. Você lembra que nunca me falou sobre isso?

— Não gosto de falar sobre isso — percebeu pelo olhar de Elizabeth que ela não parecia disposta a esquecer o assunto, e contou, sem ocultar o seu desagrado: — Fui preso em 1307, com outros Templários. E fui torturado durante anos. Não é uma época da qual gosto de falar.

— Lamento muito, Daniel.

Ele a analisou, com intensidade. O Graal protegia os Guardiões tornando-os imunes a alguns dos seus poderes e encantos. O fato de não conseguir acessar as emoções e os pensamentos dela contribuía para tornar o relacionamento deles mais instigante. Mas, naquele momento, irritou-o, porque não sabia o que ela estava planejando nem os motivos para perguntar sobre as suas cicatrizes. Ele conseguia ser igual a Daniel em tudo, só não era capaz de imitar as marcas da sua vida, e essas marcas eram as cicatrizes. As de Daniel não desapareciam, mas não havia possibilidade de Elizabeth saber disso. Só Daniel poderia lhe dar aquela informação, e ele estava exilado no submundo. Não havia como Daniel sair de lá para visitar Elizabeth.

— Tenho que voltar — avisou.

— Por quê?

— Só posso ficar com você por algum tempo — disse, evitando explicar que a sua temperatura aumentava, para limitar o seu tempo

no mundo humano. Dirigiu-se para o portal, mas antes de entrar, perguntou: — Vai pensar na minha proposta?

— Sim. Mas precisamos falar mais sobre isso — rematou, mantendo-se sentada na poltrona. Desta vez não lhe pediu que ficasse. Estava confusa: não entendia como as cicatrizes sumiam e reapareciam. As suas dúvidas sobre Daniel aumentavam, mas ela temia falar com algum dos Guardiões, por medo que ele não voltasse — como havia dito.

10. O perdão

E o fim de tudo é o fato de eu ter que perdoar-te. Tenho que fazê-lo. Não escrevo esta carta para pôr amargura no teu coração, mas para a tirar do meu. Por mim próprio, tenho que perdoar-te. Não podemos manter constantemente uma víbora no peito, para nos alimentar, nem levantar-nos de noite para semear espinhos no jardim da alma. Não me será difícil fazê-lo, se me ajudares um pouco.

Oscar Wilde (1854-1900)

Miguel atravessou o jardim e colocou a mão sobre o braço de Alessia, fazendo com que ela se voltasse para encará-lo.

— Precisamos acabar com isto, Alessia. Já chega.

— Eu sei — ela acenou de leve a cabeça, fitando os olhos dourados de Miguel.

— Perdoe-me — pediu, com sinceridade. — Sei que a magoei.

— Queria entender por quê. Podia ter falado comigo, antes de partir — disse ela.

— Não — retrucou Miguel. — Não fui correto, mas não podia lhe causar mais dano. Se tivesse revelado os meus planos, teria feito de

— você minha cúmplice, e a sua situação teria se tornado mais precária do que já era quando deixei a Ordem.

— Naquela época, eu teria feito qualquer coisa por você — confessou Alessia, expulsando finalmente aquilo de dentro dela, séculos depois.

— Eu sei. Mas eu não tinha o direito de pedir mais do que já me dera.

— Talvez você tenha se tornado melhor.. — respondeu, observando-o com atenção.

— Não sou bom, mas também não sou mau — pediu de novo: — Você me perdoa?

— Sim — respondeu devagar, depois de um longo silêncio.

— Nunca lamentei o que aconteceu entre nós — explicou Miguel. — E fico feliz por estarmos de novo em paz — despediu-se dela com um beijo no rosto, dirigindo-se em seguida para o aeroporto, na companhia de Uchoa. Em breve estariam em Paris.

Alessia viu-o partir, pensando no segredo que a assombrara por tanto tempo.

Com exceção de Daniel, Arturo e Miguel, que cresceram juntos em Montségur, todos os outros haviam sido separados e vivido em países diferentes, para garantirem a continuidade da Ordem naqueles tempos conturbados, de perseguição aos Cátaros. Após a queda de Montségur, em 1244, a última geração de Guardiões se uniu e passou a viver num monastério Templário na França.

Mas Miguel sempre teve um segredo: jamais se submeteu às regras da Ordem e escapava do monastério para seduzir mulheres. O fato de nunca ter sido casto lhe permitiu funcionar com a mesma sintonia, evitando que alguém notasse alterações na sua energia.

Quando Miguel viu Alessia pela primeira vez, recém-chegada ao monastério, sentiu-se imediatamente atraído por ela. E aquela atração, talvez por ser a mais proibida de todas, aumentou até se tornar incontornável.

Alessia era a única mulher que ali vivia, tendo o privilégio de possuir um alojamento exclusivo. Exceto esse detalhe, a sua figura se diluía entre os Templários: vestia-se como eles, ocultando as formas femininas sob a roupa de corte masculino. Embora a sua beleza suave só fosse notada em raras ocasiões, não escapava a Miguel.

Ele apreciava a delicadeza dela: os gestos, as mãos finas e macias, o rosto bonito com a boca carnuda em forma de coração, o corpo miúdo e perfeito que adivinhava sob as roupas. Miguel levou alguns anos para se aproximar dela, fruindo o tempo da lenta conquista, e prolongando-o. O desconhecido exercia um fascínio excitante sobre ele, e a espera aguçava os seus sentidos e antecipava o prazer da recompensa.

Miguel cultivou o carinho fraternal, o amor espiritual, a dependência emocional e, por fim, o desejo carnal, fazendo tudo culminar numa paixão avassaladora. Alessia, inocente, desconhecia as emoções mundanas e lutou o quanto pôde contra aquele sentimento proibido. Rejeitou, chorou, amaldiçoou, sofreu e, por fim, adoeceu. Por mais que tentassem descobrir o que tinha, ninguém encontrava explicações. Trataram todas as doenças que conheciam, mas não foram capazes de curar o mal que a estava definhando. Ela não dormia, e quase não comia, se arrastando pelos corredores do monastério como um fantasma.

A doença piorou quando Miguel partiu para a Inglaterra, com a incumbência de resolver algumas transações comerciais da Ordem. Naquela época, os Templários, apelidados de "Banqueiros de Cristo",

movimentavam grandes somas de dinheiro por toda a Europa, e os assuntos da Ordem estavam ligados aos assuntos Templários. Miguel, devido ao seu grande talento comercial, era, com frequência, responsável por negócios importantes. Ficou na Inglaterra por seis meses e quando retornou à França encontrou Alessia num estado deplorável. Compreendeu que todo o esforço para conquistá-la tinha sido recompensado: Alessia estava sofrendo de *maladie d'amour*, o mal de amor. Miguel pediu a autorização de Arturo para visitá-la, acreditando que o mesmo sentimento que provocara a doença também a iria curar. Quando Alessia o viu, o seu rosto se iluminou.

— Alessia, está na hora de melhorar — anunciou Miguel, sentado na beirada da cama, avaliando a palidez excessiva da sua pele.

— Não mereço melhorar — rejeitou, sacudindo a cabeça, com esforço, hipnotizada por aquele homem que se parecia com um deus. Aquela amor estava a destruí-la.

— Mas eu quero que fique boa. Preciso de você — confessou num sussurro.

— E depois, o que acontece? — perguntou, lutando contra o amor proibido.

— Depois nós resolvemos. Mas, primeiro, tem que melhorar — disse, antes de voltar o olhar para a porta do quarto, por onde Arturo acabara de passar.

— Então? — perguntou Arturo, ao ver Miguel segurando a mão de Alessia entre as suas, numa atitude fraternal. Miguel beijou-a na testa, antes de comentar:

— Ela vai ficar bem. Tenho certeza. Não é, Alessia?

— Sim — concordou baixinho.

Arturo estava incrédulo: durante meses haviam tentado, em vão, arrancá-la do seu estado de melancolia, e em minutos Miguel parecia ter lhe devolvido a vontade de viver.

Dias depois Miguel encontrou-a no claustro do monastério. Ela ocupava um banco do jardim, com as mãos cruzadas sobre o regaço. Sentou-se junto a ela, aproveitando o fato de estarem sozinhos pela primeira vez desde que ele a visitara no quarto. Miguel ergueu o rosto para o céu e fechou os olhos, para receber o sol primaveril. Ficou imóvel, por um momento, sentindo que ela o observava.

— Esta noite vou ao seu quarto — anunciou, voltando-se para encará-la, com os olhos brilhando como duas brasas. A frase inesperada, dita com naturalidade, chocou-a. Ela nunca tinha sequer beijado um homem, e aquela visita noturna era assustadora: tratava-se de algo proibido tanto por sua rígida educação quanto pela Ordem.

— Não podemos — rejeitou apavorada, lembrando que o padre da sua infância falara do pecado e da ameaça do fogo eterno, ensinamentos muito anteriores às proibições da Ordem.

— Preciso estar com você, antes de viajar — justificou, de forma astuta, sabendo que aquilo a convenceria a recebê-lo nos seus aposentos.

— Vai viajar? — perguntou, recordando os dias horríveis que passara sem ele.

— Por alguns meses.

— Para onde? — perguntou baixinho, tentando controlar as lágrimas. Ele percebeu e sentiu um acesso de ternura: o amor inocente dela era doce e irresistível. Anunciou, devagar:

— Inglaterra. Outra vez.

— Por favor, não vá.

— Por quê? — Ela ficou em silêncio, tentando encontrar palavras que explicassem que o seu coração se acendia na presença dele, e

na ausência só havia escuridão. Mas aprendera que aquela era uma trilha proibida e, por isso, as palavras lhe faltavam. Miguel insistiu:

— Alessia?

— Não sei falar sobre isso — disse, com vergonha de se expressar, e o rosto corado.

— Está bem. Mas posso me despedir de você, hoje à noite? — perguntou antes de acrescentar: — Viajo em dois dias.

— Está bem — cedeu, vencida pela saudade antecipada e pelo medo de que ele a esquecesse.

Naquela noite Miguel esgueirou-se pelos corredores do monastério, como um ladrão silencioso, até chegar ao quarto dela sem ser visto. A porta cedeu quando ele a empurrou.

Viu-a sentada, muito reta, na única cadeira que havia no quarto, vestindo a longa túnica negra dos Guardiões, como se insistisse teimosamente em se lembrar do juramento a que estava sujeita. Ele se ajoelhou aos pés dela e colocou a cabeça no seu colo, sem dizer uma palavra, como um menino em busca da ternura. Ela levou alguns segundos até criar coragem de acariciar o cabelo macio com os dedos. Sentiu o calor do rosto dele passar para as suas coxas e alastrar-se pelo corpo. Ele abraçou as pernas dela e, sem aviso, beijou o lugar onde antes repousara o rosto. Ela tremeu. Ele levantou a cabeça e ainda de joelhos prendeu o rosto dela entre as suas mãos e beijou-a nos lábios com delicadeza, até sentir o corpo dela perder parte da rigidez. Em seguida levantou-se e partiu.

Alessia continuou sentada, se perguntando se aquilo teria mesmo acontecido, enquanto olhava o quarto vazio. Passariam quatro meses até voltar a vê-lo, e quando isso aconteceu o seu coração explodiu de alegria. Miguel entrou no refeitório acompanhado dos Templários que o tinham acompanhado a Londres e cumprimentou os irmãos

até chegar ao lugar onde ela estava. Beijou-a na mão e aproveitou para dizer baixinho, de modo a que só ela escutasse:

— Esta noite.

Ela se agitou com a expectativa e a memória do beijo inocente que haviam trocado meses antes. E, mais tarde, naquela noite, ele seria tudo menos inocente, levando-a a descobrir prazeres jamais imaginados e a compreender que o corpo era como um navio capaz de levá-la para outros mundos. Miguel venceu pacientemente todas as defesas dela e ensinou-a sobre a requintada arte do amor. Visitou-a noite após noite, indo cada vez mais longe na sofisticação do amor. Ela estava perdidamente apaixonada, mas ele estava apenas encantado por ela — encantado pela sua beleza frágil e doce, pelo seu corpo perfeito, em todos os detalhes.

Miguel fez dela uma mulher consciente da sua força e beleza. Foram amantes até o dia em que desapareceu. E foi essa traição que ela jamais perdoou: o fato de ele a ter abandonado, sem nunca ter mencionado que ia sair da Ordem, levando as suas relíquias mais preciosas.

Aquele era o segredo que unira Alessia a Besson.

Arturo era o único que estava no monastério naquele período e, por isso, foi também o único a perceber as mudanças no padrão de energia de Alessia, mas nunca a confrontou. Respeitou o tempo dela, até o dia em que Alessia confessou o seu pecado, semanas após Besson ter pilhado e abandonado a Ordem. Alessia estava destroçada e envergonhada, certa de que não seria novamente consagrada pelo Graal.

A partir de então, Alessia seguiu as regras da Ordem com uma rigidez por vezes excessiva, que beirava a punição. Arturo chegou a falar com ela sobre alguns excessos que condenava, como o jejum prolongado. Ele dizia que a vida era a busca do equilíbrio, e certos

excessos, mesmo entre os que buscavam a iluminação, como ela, podiam causar mais mal que bem. Defendia que o corpo tinha que estar saudável e forte para suportar o espírito e os desafios. Mas Alessia punia-se, não apenas por ter se afastado dos preceitos da Ordem, mas também por ter acreditado em Miguel, entregando-lhe o corpo e alma com a simplicidade de alguém que se rende a um deus, sem reservas.

Porém, décadas depois, a consagração de Alessia foi confirmada, sem que ela ou Arturo compreendessem os insondáveis caminhos do Graal. A castidade era essencial para manter a energia da Ordem fluindo, e a quebra daquela regra não foi suficiente para afastar Alessia da linhagem dos Guardiões.

Queiroz pesou cuidadosamente os prós e os contras e, no final, restava-lhe apenas um grande argumento: Martha pedira a sua ajuda para encontrar o filho perdido de dona Clara, e ele tinha encontrado. As implicações dessa descoberta deveriam ser analisadas por Martha. Ela teria que decidir o que fazer com as informações.

— Martha — disse Queiroz, familiarizado com a sua nova identidade. Ela estava fechando o correio, para o horário do almoço, quando atendeu o celular e reconheceu a voz dele.

— Tem notícias?

— Sim, mas você precisa prestar muita atenção no que vou contar — avisou antes de continuar, tentando prepará-la para as informações surpreendentes que ia revelar. Martha ficou de sobreaviso, imaginando o pior: que o filho de dona Clara estava morto, ou era um traficante da pior espécie. Nada a preparara para as revelações que Queiroz faria.

— Estou escutando.

— O filho de dona Clara é Juan Penafor — disse de uma só vez. Percebeu que a notícia teve impacto pelo longo silêncio que se seguiu às suas palavras. Por fim, Martha respondeu:

— Não é possível. Isso não tem sentido. O pai dele era espanhol e criou-o sozinho depois que a mãe o abandonou, quando ele tinha dois anos.

— Você sabe o nome da mãe dele?

— Não. Ele nunca falou da mãe.

— Juan Penafor foi registrado como filho de Leopolda Cassiano.

— Pode haver outra — sugeriu Martha, lutando contra a realidade.

— Não, Martha. Leopolda Cassiano é a prima de dona Clara.

— Falou com ela?

— Não. Ela desapareceu. Talvez tenha morrido. Não encontrei mais nenhum registro dela — fez uma pausa, antes de concluir: — Nunca saberemos por que roubou o bebê, mas Leopoldina disse que ela não podia ter filhos. Talvez ela quisesse uma criança.

Martha ficou calada, lutando para assimilar a informação.

— É uma ironia. Entende? A mulher que fez o meu parto é a avó do meu filho — Martha parecia lutar com as palavras. — É a mãe do pai dele. Como é isso possível?

— A vida parece ter formas de se equilibrar — comentou Queiroz, que embora fosse pouco dado às filosofias e não acreditasse nas artimanhas do destino, tinha que reconhecer que aquela história era surpreendente.

Quando Martha desligou, lutava ainda para aceitar a reviravolta daquela história. Teria que decidir se estava disposta a expor-se, colocando em perigo a sua vida, e a de Fernando, para reencontrar Juan Penafor, o filho de dona Clara.

Apesar de ter absorvido a alma de Hans, Miguel continuava frágil. A sua debilidade era muito profunda e ele precisava repor a energia para não correr o risco de repetir o incidente que acontecera dias antes.

Na primeira noite que passou em Paris, enquanto Uchoa descansava, Miguel saiu em busca de alguém capaz de alimentá-lo. Embora matar fosse uma necessidade e não lhe causasse repulsa, notou que estava se tornando mais penoso. Porém, mesmo não querendo ceifar a vida de alguém, a sua sobrevivência dependia daquele gesto.

Eram duas e meia da manhã quando viu duas jovens atravessando a rua, depois de saírem de um bar. Preferia alguém solitário, mas tornara-se difícil ver pessoas andando sozinhas pelas ruas durante a noite. O medo tinha-se instalado em Paris com os assassinatos de Lucrezia Zani, e ainda não tinha desaparecido. Miguel seguiu-as, esperando o momento certo para atacar. Elas entraram por uma rua silenciosa e pouco iluminada, a caminho do pequeno apartamento que dividiam, quando ouviram o som dos passos firmes se aproximando rapidamente. Hesitaram por um segundo, decidindo se apressavam o passo, mas a voz de Miguel acalmou-as. Ele pediu, educadamente, uma informação, depois de afirmar que se perdera. Elas pararam, voltaram-se para trás para avaliá-lo e, ao verem um homem bem vestido e elegante, sentiram alívio. Ele não parecia perigoso. Era apenas alguém que se perdera pelas ruas de Paris.

Esperaram que ele se aproximasse e começaram a explicar o percurso para sair do bairro. Miguel ouviu-as com atenção, mas durante a explicação deu uma pancada seca numa das jovens, fazendo-a desmaiar imediatamente. E antes que a outra tivesse

tempo para entender o que estava acontecendo, feriu-a mortalmente com o Punhal.

— Lamento muito — disse baixinho, enquanto o punhal deslizava no peito dela e atingia o coração. Ela não sentiu dor, apenas uma espécie de bem-estar repentino quando se libertou do seu corpo. Miguel absorveu a alma dela. Levou alguns minutos para se recompor, antes de repetir o processo com a outra jovem. Recuperou a sua força e os dois assassinatos lhe pareceram completamente justificados, fazendo com que se apaziguasse com a sua natureza.

Sabia que no dia seguinte todos os jornais iriam noticiar as duas mortes e até avançar com a possibilidade de estar havendo uma nova onda de assassinatos. Miguel deixara um rastro de crimes por resolver durante séculos, numa infinidade de países. E aqueles seriam mais dois sem solução, como tantos outros que aconteciam nas grandes capitais.

Em Londres, depois de se instalarem num discreto apartamento, próximo do centro, Klaus Jürgen e Anton Blankenheim começaram a planejar a sua missão. Klaus preferia trabalhar com Hans, por ser mais maleável e comprometido, mas reconhecia que Anton estava entre os melhores atiradores, sendo ideal para aquele trabalho.

Anton Blankenheim desconhecia qual seria a sua missão e embora estivesse curioso não se atrevia a perguntar nada a Klaus: ele era seu superior hierárquico e era conhecido por sua rigidez, não admitindo falhas ou impertinências. Klaus não podia permitir que ele soubesse uma informação tão vital antes da hora certa. Assassinar o premiê inglês, considerado o salvador da Europa, era algo muito sensível. E eles não podiam falhar.

A primeira etapa era de reconhecimento: precisavam conhecer Londres, em especial os arredores da casa de Temple e a região do Palácio de Westminster, onde funcionava o parlamento, e investigar todas as rotas de fuga possíveis, inclusive saídas subterrâneas, túneis e os esgotos, cujas plantas detalhadas já estavam em seu poder. Também tinham que avaliar os vários locais estratégicos de onde pudessem cometer o assassinato. Depois passariam às fases seguintes, quando o General Halder os acionasse. Klaus receberia as armas que usariam no atentado e eles teriam alguns dias para se adaptarem e treinarem com elas. E, por fim, teriam acesso a uma cópia da agenda de William Temple, para que escolhessem a melhor oportunidade para assassiná-lo. Aquilo significava que alguém próximo do premiê estava envolvido com a Sociedade do Dragão Verde.

Paris amanheceu com um sol tímido, mas a primavera já se instalara na capital francesa e o dia prometia ser menos frio.

Durante a manhã, Miguel e Uchoa visitaram o casal Messie e conversaram sobre a libertação da alma de Kent, que Sarah havia absorvido meses antes e a salvara da morte. Dibs os havia instruído para encerrarem aquele assunto, que continuava sendo doloroso para todos.

Sarah e Jean Luc sabiam que, em algum momento, ela precisaria se libertar da energia de Kent. Ela estava totalmente recuperada, e era grata por isso, embora continuasse com dificuldades em compreender a forma como havia sido resgatada da morte. Mas, enquanto judia, sempre lidara com os rituais da sua religião e reconhecia como eram importantes e necessários para ordenar o seu mundo, por isso escutou as instruções de Miguel e anotou o que

precisava fazer durante os três dias que antecederiam a libertação de Kent. Depois daquele ritual, Jean Luc e Sarah estariam livres para recomeçarem as suas vidas, deixando para trás a sombra de Lucrezia.

Após deixarem a casa dos Messie, Miguel e Uchoa dirigiram-se à prisão onde Lucrezia permanecia em seu confinamento especial. Apenas uma pessoa podia visitá-la, e Miguel entrou sozinho na ala reservada aos prisioneiros, enquanto Uchoa o aguardava do lado exterior.

Ao contrário da visita anterior, desta vez Miguel notou que Lucrezia estava pálida e com a vitalidade abalada. Os efeitos do isolamento começavam a surgir no seu rosto. Ambos sabiam que ela estava em desvantagem para negociar. A sua óbvia fragilidade adicionava um caráter de urgência, que diminuía o seu poder negocial. Por muito que ela tivesse para oferecer, a sua vida estava em risco se não saísse daquele lugar.

— Vejo que o tempo não está sendo benevolente com você — começou Miguel, provocante, sentando-se na cadeira disponível, em frente a ela, e tentando capitalizar a sua vantagem.

— O que você quer para me ajudar a sair daqui? — perguntou baixinho.

— A Lança de Longinus — respondeu Miguel.

— A lança não é nada comparada com o que sei. Conheço um segredo que fará os Guardiões tremerem — informou, com um sorriso seguro, falando devagar. — Um segredo que vai transformar os Guardiões para sempre e pode até destruí-los.

Miguel observou-a. Era difícil saber se ela estava blefando. Lucrezia era dissimulada e manipuladora e faria qualquer coisa para sair dali. Ela moveu ligeiramente as mãos presas nas algemas, e Miguel percebeu que a pele estava perdendo a elasticidade da

juventude. Em volta dos olhos e nas mãos surgiam pequenas rugas. Mas mesmo assim continuava sendo uma bela mulher.

— O que propõe?

— Primeiro você me liberta. Depois eu conto o segredo.

— Como saberei se vale a pena?

— Vale — garantiu ela, baixando a voz de novo. — É sobre o líder dos Guardiões.

Miguel ficou um momento imóvel, avaliando-a cuidadosamente, para descobrir se ela estava mesmo falando a verdade.

— Não posso avaliar o que me está propondo, porque não sei do que se trata. Portanto, minha contraproposta é a seguinte: ajudo você em troca do segredo e da lança.

— Não — respondeu corajosamente, mesmo sabendo que se Miguel fosse embora e ela tivesse que o chamar para negociar de novo, a sua posição seria ainda mais frágil.

Miguel levantou-se, muito calmo, e dirigiu-se para a porta, pronto para abandonar a sala. Ele não tinha nada a perder, mas ela tinha tudo a perder.

— Miguel — chamou-o, fazendo com que ele parasse a menos de um passo da porta. — Só o segredo. Eu preciso da lança.

Ele se voltou lentamente e encarou-a antes de responder:

— É exatamente isso que me preocupa: que você precise da lança.

Ficaram em silêncio, e ele voltou à mesa, ocupando de novo o lugar em frente a ela.

— Não posso lhe dizer — disse ela. — Mas garanto que o que eu sei é mais importante que a lança. Pelo menos para os Guardiões. Esse segredo condena-os a todos.

Miguel estava curioso. Inclinou-se na direção dela e ameaçou-a:

— Se você tentar me enganar, não vai ter um segundo de paz até eu a destruir — fez uma pausa, antes afirmar, com os olhos brilhando: — E eu prometo que vou destruí-la.

Ela sacudiu a cabeça, em sinal de assentimento. Acreditava nele. Sabia que ele dedicaria a vida para isso, e um homem como Miguel Besson, quando se dedica a algo, sempre acaba conseguindo, mesmo que se passem muitos anos. Ele tirou discretamente do bolso dois minúsculos pacotinhos brancos e pôs na mão dela, explicando:

— É uma perigosa mistura de plantas. Tem dois pacotes com as quantidades precisas. Você toma a primeira dose, que é a menor, e exatamente vinte e quatro horas depois vai tomar a segunda. Não erre nas doses — advertiu Miguel, antes de continuar explicando o que aconteceria com ela, e como poderia escapar.

Minutos depois Miguel se encontrou com Uchoa.

— O que ela queria? — perguntou Uchoa.

— Nada que não tivéssemos imaginado. Ela queria ajuda para escapar em troca da lança — respondeu Miguel.

— E o que você respondeu?

— Não aceitei. Mas tenho certeza de que ela vai tentar escapar. Ela disse que há um *herdeiro natural*, que está com a lança, e vai ajudá-la — mentiu Miguel, se precavendo.

— Então por que ela o chamou? — Uchoa achou que a atitude de Lucrezia não fazia sentido.

— Lucrezia quer ter um plano B. Se algo der errado, precisa de uma alternativa — justificou Miguel. — O corpo dela está se deteriorando e ela está enfraquecendo. Acho que devemos ficar atentos, porque ela não pode continuar presa por mais tempo.

Uchoa estava dirigindo o carro alugado de volta para o hotel, enquanto conversavam. Ficou calado por alguns segundos, avaliando

os argumentos de Miguel, e eles pareciam ter lógica. Mesmo assim estava com a sensação de que ele não contara toda a verdade.

— Estaremos atentos — assegurou Uchoa, cada vez mais seguro de que havia algo errado.

A carta não tinha remetente, mas o carimbo de Berlim chamou a atenção de William Temple. Abriu o envelope e avaliou a lista com doze nomes. Tinha certeza de que fora enviada por Rolf Merten, o seu aliado secreto. Gostaria de falar com ele, mas era muito arriscado tentar contatá-lo. Qualquer movimento em falso colocaria a vida de Rolf em risco. Depois da sua tentativa de assassinato, Temple já tinha provas de que os responsáveis não hesitariam em matar para defender os seus interesses. Estava lidando com gente implacável.

O MI6 e a polícia tinham descoberto muito pouco sobre o seu assassino: a identidade e o histórico profissional eram falsos. Ele era alemão, e não inglês, como atestavam seus documentos. Crescera em instituições de adoção, e após completar quinze anos deixara de haver vestígios da sua existência. Ressurgiu, anos depois, como inglês, com uma identidade falsa tão perfeita que lhe permitiu enganar os serviços secretos e conseguir o lugar de segurança do primeiro-ministro. Aquelas informações provavam que o caso foi planejado com antecedência e, possivelmente, havia gente infiltrada em lugares-chave de vários países, e não apenas na Inglaterra. A grande questão era saber quem eles eram, e o grande perigo é que qualquer um podia pertencer ao grupo fantasma.

Temple achava que aquela lista de nomes poderia conter a resposta para várias das suas dúvidas, mas primeiro precisava investigar quem eles eram. Reconheceu o nome de Max Küchler, o

empresário alemão que se suicidara por motivos que permaneciam obscuros. Pensou que o seu amigo Tom Hogdson podia ajudá-lo, sem chamar a atenção. Desde que soube que um dos seus seguranças era um nazista infiltrado, estava tomando alguns cuidados adicionais até ter certeza de que os seus colaboradores eram confiáveis. Convidou Tom para jantar em sua casa, no final de semana, onde teriam privacidade para abordar um assunto tão sensível.

Alessia e Seth chegaram a Berlim para descobrir informações sobre Max Kùchler e Rudolf Halder.

Primeiro foram à casa dos Kùchler, onde Iris, sua viúva, já os aguardava. Alessia telefonara pedindo que ela os recebesse e venceu as suas resistências ao mencionar que Max escrevera a um amigo e ela precisava ver o conteúdo da carta.

Iris recebeu-os com uma educação fria. Não sabia quem eram exceto que tinham sido enviados por um amigo de Max e, antes de mais nada, queria ler a carta do marido, e assegurar-se de que Alessia dissera a verdade. Desde a morte de Max, lutava para compreender quais os motivos por trás do suicídio dele. Mesmo os amigos de Max, com quem Iris conversara no funeral, não entendiam o que acontecera. Max não se abria com ninguém: não fez nenhum desabafo, nem deu sinal de que algo estava errado.

Seth deu-lhe uma cópia da carta. Ela começou a ler. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e ela levou a mão direita aos lábios, tentando controlar o choro. A carta tremeu na sua mão esquerda. Iris interrompeu a leitura e deu alguns passos em direção à janela, para se acalmar. Respirou fundo e retomou a leitura. Estava chocada. Não sabia do que o marido estava falando, mas finalmente

entendera o motivo do seu suicídio. Quando leu as últimas palavras, limpou as lágrimas, devolveu a carta a Seth e explicou, tentando manter a voz serena:

— Não consigo acreditar que Max pertencesse à elite de um grupo nazista. Ele era uma pessoa generosa e não um nazista radical. Isso simplesmente... não faz sentido.

— Talvez por isso ele tenha pedido a ajuda do nosso amigo Daniel — comentou Seth.

— Por que ele não se afastou? Ou não me contou o que estava acontecendo? — perguntou Iris, mais para si mesma do que para eles.

Seth explicou, percebendo a confusão dela:

— Grupos radicais não permitem que seus membros os abandonem. Max foi obrigado a seguir os passos do pai e do avô.

— O meu sogro nunca escondeu suas simpatias pelos nazistas. Mas Max jamais falou sobre isso e nunca educou as nossas filhas para serem nazistas — disse ela.

— A elite da Sociedade parece aceitar apenas homens e talvez por isso as suas filhas tenham sido poupadas da doutrinação nazista — explicou Alessia. — Mas Max não podia escapar ao seu destino, embora não concordasse com os rumos da Sociedade.

— E isso custou a sua vida — disse Iris, limpando discretamente uma lágrima teimosa.

— O que aconteceu naquele fim de semana? — perguntou Seth.

Iris contou que tudo parecia normal apesar de ele ter se isolado no escritório. Mas, por vezes, ele trabalhava durante todo o final de semana, e ela não estranhou a atitude.

— O último desejo de Max era que a Sociedade fosse destruída — lembrou Seth. — Para isso precisamos de informação sobre os amigos dele, para descobrirmos se pertenciam ao grupo.

— Por que ele não contou tudo na carta? — perguntou Iris, tentando ser racional. — Ele podia ter revelado os nomes. Por que não o fez?

— Para proteger a família. Esses grupos sempre ameaçam a família — frisou calmamente Seth. — Os seus membros estão sujeitos ao silêncio e à lealdade. E se a carta caísse nas mãos erradas, Max não tinha revelado nenhum segredo que pusesse a sua família em perigo.

Só naquele momento Iris entendeu o sacrifício final de Max. As lágrimas deslizaram silenciosamente pelo seu rosto, sem que ela se esforçasse por ocultá-las.

— Vou preparar uma lista — disse Iris, entendendo os objetivos deles.

— Seria melhor anotarmos os nomes agora — sugeriu Alessia, evitando adiar o assunto e expor Iris a um novo encontro, caso ela estivesse sendo observada pelos nazistas. Ela concordou com a cabeça e começou a falar, enquanto Alessia ia escrevendo os nomes no pequeno bloco que tirou da bolsa, organizando-os em função da intimidade que tinham com Max. Conseguiram uma lista de vinte nomes, que iriam investigar posteriormente.

Mas assim que Alessia e Seth deixaram a casa dos Kùchler, havia dois nomes que se destacavam na lista: Rudolf Halder, o general responsável pelo treino dos soldados nazistas, e Dieter Steinbach, o carismático candidato de extrema-direita, com um discurso nazista, que liderava as pesquisas e estava sendo apontado como o próximo chanceler alemão.

11. Sete espelhos

Quando olhamos um espelho, pensamos que a imagem à nossa frente é exata. [...] Mas às vezes [...] é do outro lado do espelho que a verdade nos encara.

Harold Pinter (1930)

Lucrezia tomou a dose menor do pó fino e branco. Guardou a dose maior na costura da sua roupa interior. Minutos depois reconheceu os sinais que Miguel descrevera. Sentiu a respiração ofegante, a visão embaçada, e os batimentos do seu coração aumentaram tanto que ela achou que o seu peito fosse estourar. Deus alguns passos e bateu na porta com força, mas caiu no chão, desmaiada, antes de gritar por socorro.

O guarda, que ficava sempre ao lado da porta, ouviu a batida, seguida do baque seco do corpo batendo contra o chão. Aproximou-se e abriu o visor de metal. Espreitou a cela e viu o pé descalço de Lucrezia no chão. Não tinha autorização para entrar na cela sozinho, desde que ela matou um guarda e foi instaurado um rígido protocolo de segurança. Não importava o que tivesse acontecido: o protocolo tinha prioridade.

O guarda pediu ajuda pelo rádio e em menos de um minuto quatro seguranças armados, com coletes à prova de bala, e capacetes transparentes, avançaram pelo longo corredor e passaram por dois portões, antes de chegarem à porta da cela de Lucrezia.

Um deles abriu a porta enquanto os outros mantinham as armas apontadas na direção da cela. A porta não cedia, porque o corpo dela estava bloqueando a entrada. Eles empurraram a porta, e o corpo rolou, inerte, criando o espaço necessário para a porta abrir. Um dos guardas ajoelhou-se, sob a mira atenta dos outros, e pegou no pulso dela para avaliar os batimentos cardíacos. Mas não havia batimentos. Imediatamente, começou a fazer uma massagem cardíaca, enquanto os outros chamavam os paramédicos. Levaram-na para o hospital, rodeada da segurança digna da assassina perigosa que era. Lucrezia tivera um ataque cardíaco e foi internada na UTI, com guardas à porta, independente dos médicos afirmarem que ela não tinha a menor condição física para tentar escapar.

A notícia espalhou-se rapidamente: Lucrezia Zani fora internada com um ataque cardíaco, e os médicos estavam tentando estabilizá-la para submetê-la a uma cirurgia.

Quando Dib viu a notícia na televisão, o seu primeiro pensamento foi para Miguel. Ele telefonara para informá-lo sobre o encontro com Lucrezia, mas aquele ataque cardíaco não podia ser uma coincidência: parecia sincronizado com a visita de Miguel.

— Besson, diga-me que você não cometeu a insanidade de ajudar Lucrezia — Dib ligou para Miguel e falou com a voz ríspida, sem sequer o cumprimentar.

— Eu contei o que aconteceu — mentiu, com convicção. — De onde tirou essa ideia?

— Da sequência de eventos. Um dia após a sua visita, ela teve um ataque cardíaco.

— Dib, eu avisei que ela estava muito fraca.

— A imagem dela na TV desmente a sua descrição. Lucrezia não está enfraquecida o suficiente para ter um ataque cardíaco — Miguel percebeu que Dib estava irritado, o que era muito incomum, e, além disso, não acreditava nele.

— Se alguém a ajudou não fui eu, Dib — mentiu de novo Miguel.

— Você é o único suspeito. Falei com Étienne Bergès e ele verificou as visitas de Lucrezia — Dib ainda não tinha terminado de falar e Miguel já percebera aonde aquilo ia dar e a origem da irritação dele. — Você foi a única visita dela e foi vê-la não uma, mas duas vezes — Dib acrescentou com secura: — Pensei que tínhamos uma relação de confiança.

— E temos, Dib. Eu explico — argumentou, tentando acalmar Dib: — Quando a visitei da primeira vez, fui perguntar sobre a lança. Daniel tinha desaparecido, e eu não achei que era a melhor hora para falar de Lucrezia. Depois a oportunidade passou, e achei que se falasse sobre a visita iam achar que eu estava escondendo alguma coisa.

— E não está?

— Não, Dib. Foi apenas isso que aconteceu — disse, se mantendo firme na mentira.

— Se eu descobrir que teve alguma participação na fuga de Lucrezia Zani, você deixa de ser bem-vindo entre nós — avisou friamente. Miguel sabia que Dib não hesitaria em pôr em prática aquele aviso. Sentiu um ligeiro arrepio. Estava tão próximo de alcançar os seus objetivos e não podia deitar tudo a perder por causa de Lucrezia. E nem sequer sabia se o segredo que ela iria lhe contar justificaria a sua participação na fuga dela.

Desde que Martha descobrira que dona Clara era mãe de Penafor e avó de Fernando acordava no meio da noite remoendo a culpa por ter decidido não contar a verdade. Mas se Penafor visitasse a mãe iria descobrir tudo sobre Martha e o filho, e a segurança de Fernando era mais importante.

Porém, forças alheias aos planos dela estavam atuando para alterar o destino. Miguel também tinha que decidir se revelaria ou não o paradeiro de Martha a Juan Penafor e tomou uma decisão oposta à dela: em vez de silenciar o que sabia, decidiu revelar.

Telefonou para Penafor, de Paris:

— Tenho boas notícias, mas antes precisa me prometer que não vai tomar decisões impensadas que podem prejudicar quem você ama, certo?

— Certo — concordou Penafor, cheio de esperança. Miguel não ia contatá-lo e dizer aquela frase se não soubesse onde estava Tereza.

— Tereza agora se chama Martha e está morando numa pequena vila no interior do Pará. Trabalha nos correios e dá aulas gratuitas para quem quiser aprender a mexer com computadores — contou, para acalmá-lo, antes de comunicar a principal notícia.

Penafor estava emocionado com a descoberta do paradeiro de Martha, mas a descrição que Miguel estava fazendo dela não correspondia à imagem que ele guardava.

— Penafor? — chamou Miguel perante o silêncio dele.

— Tem certeza de que a Martha é a Tereza? Não parece ela — disse, após um momento de silêncio para pensar no que Miguel lhe contara.

— Ela teve necessidade de se adaptar, Penafor. E a necessidade às vezes revela o melhor de nós, e outras vezes o pior — avisou Miguel, calmamente. — No caso de Martha, houve um evento extraordinário que a transformou numa pessoa melhor.

— Sim, eu sei: ela teve que recomeçar uma vida.

— Não — disse Miguel, sempre no mesmo tom sereno. — O evento extraordinário não foi ela recomeçar uma vida, mas ela gerar uma vida.

Penafor ficou de novo silencioso. Sentiu um nó na garganta enquanto brigava para entender o sentido pleno da frase que Miguel acabara de pronunciar.

— Não compreendo... — disse, emocionado, com dificuldades em aceitar a notícia.

— Martha foi mãe. E acredito que você seja o pai. A questão, Penafor, é que você precisa decidir o que vai fazer, sem esquecer que a prioridade é a segurança deles.

Miguel conseguia ouvir Penafor chorando do outro lado da linha, e quando ele falou a sua voz estava embargada pelas lágrimas:

— Primeiro preciso vê-los, e depois decido o que vou fazer.

— Eu envio o endereço por e-mail — disse Miguel. — Boa sorte.

— Obrigado. Miguel. Obrigado.

Dieter viu-a pela primeira vez num bar onde foi com o General Halder, o seu único e leal amigo. Halder detestava frequentar bares ou discotecas, mas naquela noite eles tinham um objetivo diferente.

Dieter passou algum tempo observando a sala cheia de gente até os seus olhos se cruzarem com os da jovem. Nesse instante, ele soube que tinha encontrado a mulher que estava buscando. Ela estava com amigos, mas, de vez em quando, olhava para Dieter com um sorriso travesso. Dieter retribuía o sorriso, discretamente.

Halder considerou a escolha de Dieter arriscada: além de ela ser muito jovem, era também demasiado popular. Sugeriu que ele escolhesse alguém discreto, de preferência sem família. Mas Dieter

achou que ela era a mulher certa. Quando deixaram o bar, às onze da noite, ela ainda ficou lá.

No dia seguinte, as fotografias discretas que Halder tinha tirado na véspera permitiram-lhe descobrir tudo sobre ela: Lynn Hogdson tinha vinte e um anos, frequentava o terceiro ano do curso de biologia, era filha de pai inglês e mãe alemã. O pai era um famoso e respeitado jornalista inglês, Tom Hogdson, fato que desagradou profundamente a Halder. Lynn não era, em definitivo, “a mulher certa”, como Dieter a apelidara na véspera.

Lucrezia Zani sofreu um segundo ataque cardíaco vinte e quatro horas após o primeiro, desta vez fatal. Apesar dos esforços dos médicos, ela não conseguiu sobreviver. O plano de Miguel deu certo: a segunda dose do remédio simulou a morte dela. Lucrezia foi posta numa gaveta no necrotério, enquanto aguardava a autópsia, que seria realizada na manhã seguinte.

A mídia noticiou a morte dela às cinco da tarde. Alguns comentaristas lamentaram que ela não tivesse enfrentado o julgamento e os familiares de suas vítimas, pagando pelos seus terríveis crimes. Por muito que certos líderes religiosos falassem de justiça divina, o que as pessoas queriam era que Lucrezia pagasse pelos seus crimes através da justiça dos homens. A morte dela gerou a sensação de que ela conseguira escapar: a medida dos crimes era infinitamente superior à medida da punição.

Mas o verdadeiro drama começou quando o corpo dela desapareceu durante a noite, enquanto aguardava a autópsia. Em pouco tempo, multiplicaram as especulações sobre a possibilidade de Lucrezia estar viva e ter escapado. Por muito que os médicos argumentassem que ela tinha morrido, não havia um corpo que

sustentasse aquelas afirmações, e ela começava a se configurar como alguém capaz de enganar os médicos, fingindo a sua morte.

Dib não tinha dúvidas de que Lucrezia estava viva. A sua única dúvida era sobre a participação de Miguel na fuga. Avaliou os acontecimentos. Se houvesse o dedo de Miguel no fantástico desaparecimento de Lucrezia, os benefícios dele teriam que ser muito grandes, e a lança parecia suficiente para justificar o envolvimento dele com Lucrezia. Mas Dib acreditava que talvez houvesse um motivo ainda maior, e ele pretendia descobrir o que poderia estar por trás da vil traição de Miguel, caso ele estivesse mesmo envolvido com Lucrezia Zani.

Lynn tinha uma personalidade alegre que lhe angariava uma fila de pretendentes, mas ela não pretendia envolver-se com ninguém. Porém, quando viu Dieter no bar onde festejava o aniversário de uma das amigas, sentiu-se imediatamente atraída por ele. O rosto dele era familiar, como se já o conhecesse, mas não conseguia lembrar se o vira antes. Ficou desapontada quando ele deixou o bar, na companhia do amigo. Não sabia nada sobre ele, mas não parou mais de pensar nele.

Dias depois Lynn teve um choque ao ver o rosto dele estampado na capa de uma prestigiada revista de economia. Dieter Steinbach era o candidato mais forte ao cargo de chanceler nas eleições que se avizinhavam e um dos homens mais importantes da Alemanha. Lynn compreendeu que a sensação de familiaridade em relação a Dieter estava explicada: com certeza já o vira em alguma notícia ou na televisão.

Comprou a revista e leu o longo artigo sobre Dieter. Ficou sabendo que era viúvo e o seu único filho suicidara-se. Era também muito

cobiçado pelas mulheres. Agora que sabia quem ele era, mal podia acreditar que ele tinha olhado para ela. Guardou a revista sobre o seu criado-mudo, para poder admirar a foto de vez em quando.

Miguel esgueirou-se na noite para se encontrar com Lucrezia, num beco de Paris. Ela tinha ligado horas antes marcando o lugar. Ele a ajudara na fuga, e ela iria cumprir a sua parte no acordo, revelando o segredo que ameaçava os Guardiões.

Quando Miguel chegou, ela já o esperava. Voltara ao auge da beleza, com a energia recuperada e o corpo perfeito. Ele se perguntou quantas pessoas ela havia assassinado para conseguir aquele esplendor todo. Miguel sabia que, quanto mais pessoas ela matasse, mais forte ela ficava e mais rápida era a sua capacidade de regeneração.

— Miguel, continua atraente — abraçou-o e beijou-o, mostrando que ainda o desejava. Miguel correspondeu. Não ficou surpreso com a atitude dela: era óbvia a estranha atração que continuavam sentindo um pelo outro. Mas ambos estavam conscientes de que não eram confiáveis. Miguel, apesar de tê-la ajudado, sabia que ela não lhe perdoara a participação na sua prisão e, principalmente, a morte do filho. E Lucrezia estava consciente de que ele poderia traí-la de novo.

— Está linda — elogiou, observando a roupa e maquiagem irrepreensíveis.

— Tenho um apartamento, que escapou à devassa da polícia. Sabe como gosto de planos alternativos, não é? — comentou, sem soltá-lo, mantendo os braços em volta do pescoço dele.

— Afinal, qual o segredo que pode destruir os Guardiões?

Ela riu, estendendo o seu poder no tempo: enquanto Miguel não soubesse do que se tratava, ela podia exercer certo domínio sobre ele.

— Lucrezia, não tenho tempo para jogos — Miguel avisou, adotando uma atitude impaciente e destruindo o clima de flerte. — Isto é um negócio: fiz a minha parte e você faz a sua. Agora diga: qual o segredo?

Miguel percebeu que ela ficou tensa com a atitude inesperada. Encarou-o sem esconder a irritação causada pela brusquidão dele e revelou o segredo numa única frase.

— De Payens não é apenas o líder dos Guardiões. Ele é Lúcifer, o líder do submundo.

Miguel manteve o olhar fixo nela, tentando se controlar. Primeiro achou que ia começar a rir com o tamanho da barbaridade: será que ela pensava mesmo que ele ia acreditar que Daniel era simultaneamente o líder dos Guardiões e do submundo? Aquilo não tinha lógica. Depois, alguma coisa espreitou dentro da sua memória: recordou-se que algo sobre Daniel começara a incomodá-lo a partir do momento em que absorvera parte das memórias contidas na Laranja Dourada. Não sabia definir o que era, mas estava relacionado a Daniel: conseguia ver a imagem dele, mas nada mais do que isso. Como se explicaria a presença de Daniel dentro da Laranja Dourada? Precisava pensar sobre o assunto, unir as peças soltas que estavam no seu cérebro, de forma caótica.

Lucrezia parecia divertir-se com a revelação que acabara de fazer, enquanto observava as reações de Miguel. Estudava-o como se ele fosse um novo livro, cheio de teorias interessantes. Por muito que Miguel tentasse manter o autocontrole, a sua expressão de incredulidade não escapara a Lucrezia. Era visível que ele lutava para

aceitar o que ela acabara de dizer. Decidiu dar-lhe provas, forçando-o a recordar um episódio recente.

— Lembra-se do que aconteceu quando De Payens apareceu no porão da minha casa? — perguntou astutamente, trazendo o incidente de volta à memória de ambos. — Quando ele entrou na cave, eu o reconheci. E ia questioná-lo. Mas antes que eu pudesse falar, ele me fez voar e bater contra a parede, com um gesto da mão. E depois me paralisou — fez uma pausa, antes de perguntar: — Você já ouviu falar de algum Guardiã que dominasse um Anjo Negro tão antigo como eu com um simples gesto?

— Não. Mas De Payens não é um Guardiã comum — lembrou Miguel. — Ele é o Supremo. Está no último estágio do Graal. Ninguém conhece verdadeiramente a extensão dos seus poderes.

— É verdade — reconheceu. — Mesmo assim, não acredito que ele pudesse dominar-me com tanta facilidade se não fosse algo mais. Ele possui uma essência diferente de todos os Guardiões — mencionou Lucrezia, fazendo com que Miguel lembrasse que Dib havia dito quase as mesmas palavras.

— Fale-me sobre Lúcifer — pediu Miguel, com a cabeça inundada de ideias e dúvidas.

— Não faz parte do nosso contrato — respondeu, sorrindo e avaliando-o astutamente.

— Bem, se De Payens é mesmo Lúcifer, como você está querendo me convencer, devia estar no nosso contrato você falar sobre ele — argumentou, com calma. Os seus pensamentos estavam em polvorosa, mas ele precisava de mais informação. Queria saber o máximo possível sobre De Payens ou Lúcifer, para dar sustentação àquela história bizarra.

Ela sorriu, sabendo que estava no controle da situação. Tinha interesse em fazer com que os Guardiões enfraquecessem Lúcifer,

porque achava improvável que o destruíssem. Enquanto eles brigassem, ela poria em marcha o seu plano para dominar o mundo, fazendo de Dieter Steinbach o novo líder, depois de lhe dar uma lição sobre lealdade. Explicou:

— Lúcifer pode ficar na terra por um tempo limitado. Há uma lei sagrada que não lhe permite andar entre os homens. Foi uma proteção divina.

— O que acontece se ele ficar aqui?

— A temperatura do seu corpo aumenta. Como ele suporta altas temperaturas, é capaz de gerar muito calor. Ninguém sabe qual o limite que ele pode suportar, ou se existe um limite. Mas Lúcifer nunca fica muito tempo e sempre retorna ao submundo. — Ao escutá-la, lembrou-se das queimaduras sobre o corpo de Elizabeth e sentiu uma onda de raiva apossar-se dele, como se tudo tivesse ficado claro. Mas precisava voltar ao foco da conversa com Lucrezia e decidiu que analisaria aquilo depois, quando estivesse tranquilo para poder pensar.

— E como é que ele se desloca entre a terra e o submundo?

— Existem sete portais no submundo, que têm sua correspondência na terra. Eles funcionam como passagens entre os dois universos.

— E você saberia onde estão essas passagens, aqui na Terra?

Ela sorriu, de novo, provocando:

— Sabe que não tenho que lhe dar mais informações, não é?

Miguel ficou pensativo, avaliando a situação em silêncio por alguns segundos.

— Sei, mas também sei que se você está me dizendo tudo isto é porque tem algum interesse obscuro em me transmitir essa informação — Miguel provou que estava atento às manipulações de Lucrezia. — Imagino que tenha deixado de ser a favorita de Lúcifer,

porque ele não fez nada para libertá-la da prisão. E agora você está tentando se vingar ou, pior, está planejando assumir o lugar dele. Mas quaisquer que sejam os seus planos, ele é demasiado poderoso para que se atreva a enfrentá-lo sozinha. Por isso, está me contando tudo o que deseja que eu saiba para que eu envolva os Guardiões numa caçada a Lúcifer. Estou certo, Lucrezia? — a sua voz estaca carregada de ironia, mas o olhar perscrutador era sério.

Ela o escutou, confirmando a sua brilhante inteligência. Tratava-se de um ser fenomenal, que não desejava como adversário. Miguel estava correto em todas as suas deduções: ela desejava que os Guardiões destruíssem Lúcifer, para poder assumir o seu reino.

— Pelo seu silêncio, suponho que estou certo. Então vamos continuar a nossa conversa — afirmou Miguel, fazendo-a sorrir. Quando ele aparentava aquele grau de segurança e frieza, tornava-se ainda mais atraente. Por muita raiva que sentisse ao pensar no seu filho, não conseguia superar o desejo e o fascínio que Miguel lhe suscitava. — Onde estão as passagens?

— A localização estava na Laranja Dourada que você destruiu — lembrou Lucrezia, sentindo-se irritada ao pensar no Destruidor de Almas com mais de dois milênios, antes de explicar: — Há sete passagens no submundo, todas controladas por Lúcifer. Quatro delas estão em áreas restritas dos domínios de Lúcifer e são usadas pelos Anjos Negros, mas estão vigiadas por guardas. O quinto portal está na sala do Trono de Lúcifer. O sexto está sob o Lago Negro, que fica no jardim privado de Lúcifer, e o sétimo fica na Biblioteca. E apesar dos portais da Biblioteca e do Lago Negro não serem diretamente vigiados, há sempre guardas nas proximidades — avisou. — Além disso, estão ambos selados. Existe algo sobre eles que impede que a passagem abra. Se um dos lados do portal estiver fechado, ele não funciona.

Miguel arquivou mais aquela informação, lembrando que Daniel e Dib assimilaram a maior parte das memórias da Laranja Dourada. Ele lembrava vários rituais, com objetivos diferentes, mas o princípio básico era sempre sanguinário: alguém perdia a vida e o sangue era derramado. Porém, agora, tinha certeza de que a informação importante tinha sido assimilada por Daniel, e talvez Dib. Ainda não descobrira qual o papel de Dib. Se Daniel fosse mesmo Lúcifer, Dib conheceria a sua verdadeira identidade?

— E onde estão os portais correspondentes aqui na Terra? — inquiriu Miguel.

— São sete espelhos. Eu tenho um, mas não sei onde estão os outros — confessou.

— E onde está o seu espelho?

— Estava na minha casa, e apesar de ela ter sido fechada pela polícia, foi fácil invadir e levar o espelho para o meu apartamento.

— E cada espelho corresponde a um portal específico no submundo?

— Sim, exceto o de Lúcifer, que lhe permite acessar qualquer portal. Em geral, o ponto de entrada e saída é o mesmo, mas alguns dos espelhos têm uma espécie de mecanismo de segurança, e só é possível sair do portal e entrar na Terra se for convidado. É um encantamento para proteger os homens — justificou.

— O seu espelho também é assim?

— Não. Eu entro e saio quando quero, mas o meu portal, no submundo, é o que está na Sala do Trono. Lúcifer ligou-os. Por isso ele sempre sabe quando chego.

— Isso significa que ele pode aparecer aqui a qualquer momento, através do seu espelho? — perguntou Miguel, avaliando os perigos da situação.

— Não mais. Acabei de selar o meu espelho: fiz um encantamento e ocultei-o por trás de um armário — confessou, demonstrando que não estava escondendo nenhuma informação, tentando conquistar a confiança de Miguel. Ele era um aliado precioso.

— E se os espelhos forem destruídos?

— As passagens deixam de existir. É por esse motivo que apenas Lúcifer conhece a localização dos sete espelhos.

— Suponho que você saiba como destruir ou enfraquecer Lúcifer..

— Ninguém sabe. Dizem que é indestrutível — confessou ela. — Mas talvez agora se consiga descobrir como enfraquecê-lo. Primeiro é preciso saber como ele assumiu o papel de Guardião Supremo e consegue ficar na Terra sem que a temperatura do seu corpo aumente.

— Pode ter sido a força do Graal — defendeu Miguel, enquanto se perguntava se Daniel era mesmo Lúcifer como é que o Graal não o havia dissipado durante todos aqueles anos. Algo estava muito errado, pensou Miguel, ou então ele era mesmo indestrutível. Este pensamento provocou um arrepio na sua coluna.

— Talvez — concordou ela. Não sabia muito sobre o Graal, exceto que era uma força mística, emanada diretamente da esfera divina e impregnada de um conhecimento superior, que tornava os Guardiões muito poderosos. — Mas ele é muito mais forte no submundo e em lugares onde há magia.

— Obrigado pelas informações — disse Miguel.

— O que você vai fazer com tudo o que lhe contei? — perguntou ela.

— Preciso pensar — respondeu, surpreendendo-a. Lucrezia esperava que ele dissesse que ia contar aos Guardiões e confrontar Daniel De Payens. Ela desconhecia que Daniel desaparecera misteriosamente e estava sendo considerado morto pelos Guardiões,

em especial por Dib. Ele era quem mais defendia que Daniel havia morrido, e o único Guardião a mencionar a natureza especial do líder. Portanto, deduziu Miguel, Dib devia saber a verdade.

— Você vai continuar em Paris? — perguntou ela, afastando Miguel dos pensamentos que o assaltavam.

— Apenas por mais um ou dois dias — respondeu. No dia seguinte ele e Uchoa iriam terminar o ritual de libertação de Kent, e depois voltariam para Lisboa, cumprindo as orientações de Dib. — E você?

— Berlim — disse séria, se aproximando dele. Colocou as duas mãos sobre os ombros de Miguel, fixando os olhos dele, antes de surpreendê-lo com um convite: — E você pode vir comigo.

Ele esboçou um sorriso breve, registrando a informação. Se Lucrezia ia para Berlim, significava que a lança e o *herdeiro natural* estavam lá. O quebra-cabeça parecia adquirir o seu desenho final, porque era em Berlim que também se encontrava a temida Sociedade do Dragão. A associação entre os nazistas e o Anunciado consolidava-se.

— O convite é tentador, mas tenho que resolver algumas pendências. Principalmente depois do que você me contou — declinou, mas reconhecia que ela continuava a atraí-lo. Abraçou-a pela cintura, puxando-a contra o seu corpo, e beijou-a apaixonadamente. Lucrezia rendeu-se ao beijo sensual. Quando ele a abraçava daquele jeito nada mais parecia importar. Ele parou e afastou-se ligeiramente, olhando-a. Ela disse, com sinceridade:

— Compreendo. Se precisar de mim, me ligue. Vou sentir saudade — Despediu-se com mais um beijo. Por segundos, enquanto desfrutou dos braços dele, esqueceu as traições dele e até acreditou que talvez fosse capaz de superá-las se ficassem juntos.

Dieter concordava com Halder: Lynn era jovem, muito bonita e representava um perigo desnecessário, por ser filha de um conhecido jornalista inglês. Mas Dieter gostava do perigo e achava que ela era perfeita para o seu objetivo macabro: Lynn seria o primeiro sacrifício que faria com a lança, para garantir a sua vitoriosa ascensão. O único problema é que estava pensando nela muito mais do que deveria.

Naquele dia, deixou-se levar pelo impulso e parou o carro próximo da universidade. Sabia a que horas ela sairia. Desde a primeira noite em que a tinham encontrado, no bar, Halder mantinha-a sob vigilância.

Dieter viu-a deixar a universidade acompanhada de dois colegas. Observou-a por alguns minutos, até tomar uma decisão, e telefonar para Halder.

— Quero que a leve para jantar — disse, antes de acrescentar, com a voz firme, que indicava que havia ponderado bem a sua decisão. — Na minha casa. Amanhã.

— Jantar? Na sua casa? — inquiriu Halder, sem esconder o seu desagrado, tentando lembrá-lo que nada daquilo era parte do plano. — O objetivo é outro. Você não pode ter nenhuma associação com ela.

— Por isso você vai providenciar tudo. Sem deixar rastros. Ninguém saberá que me encontrei com ela.

— Certo — respondeu Halder, antes de acrescentar, com a voz fria: — O único problema é que ela é um rastro.

— Tenho certeza de que você vai resolver o assunto — disse, com um sorriso, antes de desligar e partir, deixando para trás Lynn conversando com os dois colegas.

Alessia e Seth investigaram cuidadosamente a lista de vinte nomes que Iris K uchler lhes dera e a reduziram para onze. Quaisquer dúvidas que pudessem ter se transformaram em certezas quando viram que os onze homens se reuniam regularmente em uma casa de campo que pertencia a Dieter Steinbach.

Todos eles eram empresários bem-sucedidos do grupo JKW, exceto Rolf Merten, o ministro das finanças, que não constava da lista inicial e parecia estar ocupando o lugar deixado por K uchler.

O interessante   que não havia nenhuma associa o entre qualquer dos doze membros com um passado nazista: aparentemente, eles não descendiam de nazistas e tinham uma história familiar muito comum.

Seth e Alessia acreditavam que eles haviam apagado os rastros de suas verdadeiras identidades, algo que os Guardiões sabiam que não era tão difícil de conseguir quando se tem conhecimentos e dinheiro.

Mas a hipótese mais promissora para desvendar os segredos dos doze Dragões e confirmar que eles tinham um exército com inten es maquiav licas residia em um lugar inacessível, para onde Halder e Dieter se deslocavam com frequência, usando helicópteros. Esse era o lugar que Seth e Alessia pretendiam descobrir, antes de retornarem a Lisboa.

Oliver viajou pelas profundezas da selva amazônica durante vários dias. Foi acompanhado de um guia indígena que cobrava muito caro por falar inglês, algo raro na região, e um  ndio de idade incerta, que sabia tudo sobre plantas, animais, venenos e curas. A viagem foi uma experiência fascinante, que lhe permitiu mergulhar num mundo anterior   existência da civiliza o. Ali tudo vivia em delicado equilíbrio e desempenhava uma fun o precisa: não apenas animais,

plantas e água, mas a própria geografia — as rochas, o relevo do chão, as margens do rio Amazonas, um gigante que se ia ramificando com seus braços incansáveis. O odor úmido e quente da floresta era sufocante, exigindo que os pulmões aprendessem a respirar um ar mais espesso. Um metro depois de entrar na floresta, ela já era tão densa que qualquer um podia se perder mesmo estando tão próximo do ponto de entrada.

Quando Oliver erguia os olhos à procura do céu, havia apenas árvores e árvores sem fim, que se esticavam para o alto, em busca do infinito. Descobriu que na floresta nada era inocente ou tinha uma função meramente decorativa. O objetivo de todos os seres era a sobrevivência e as suas estratégias eram, com muita frequência, letais.

Os dois índios que o acompanhavam pareciam não se incomodar com os insetos em volta deles, mas Oliver sofria com as picadas inclementes. O índio mais velho compadeceu-se dele e fez uma pasta verde, de odor forte, esmagando folhas de várias plantas entre duas pedras. Oliver passou-a no corpo e os insetos deixaram de incomodá-lo. Para Oliver, aquela sabedoria milenar era preciosa. Registrou, fotografou, anotou em seu caderno e colheu amostras. Ele sabia que tinha visto apenas uma milésima parte daquele mundo maravilhoso e decidiu que voltaria para explorá-lo. Aquilo que para muitos era um inferno verde, para ele tornou-se o *seu mundo*, e a sua formação de químico adquiriu, enfim, total significado, como se ele tivesse sofrido uma epifania. Sentiu uma emoção interior, uma espécie de clique, daqueles que acontecem quando duas peças diferentes de repente se encaixam: a sua vida era aquela, a química do grande coração pulsante das florestas.

Entre as muitas amostras de venenos e curas que investigou e recolheu, Oliver levava aquele que provocaria a morte de Martha: o

veneno de um sapo tão colorido quanto letal, que os índios usavam nas pontas de suas flechas. O veneno só se tornava mortal se fosse ingerido ou entrasse em contato com a corrente sanguínea. Oliver já planejava tudo, só precisava esperar um pouco mais. Miguel Besson dissera que avisara o amigo. Oliver deduziu que ele devia estar chegando, para ver o filho.

William Temple deu a Tom Hogdson a lista com os doze nomes para que ele investigasse e discutiu com ele as suas teorias, sempre protegendo a identidade do seu aliado secreto, Rolf Merten. Ficou surpreso ao perceber que Hogdson conhecia todos os nomes da lista.

Hogdson explicou que passara meses investigando fraudes financeiras envolvendo um grupo econômico chamado JKW, e a identidade dos principais acionistas coincidia com os nomes da lista de Temple. Aquele fato contribuía para transformar as suspeitas de Hogdson em certezas: agora sabia que não estava perseguindo fantasmas e havia algo de concreto oculto nas atividades do grupo. Tudo estava se encaixando e o jornalista começava a vislumbrar um quebra-cabeça assustador.

Hogdson relatou que o centro do mistério sobre o JKW culminou com a morte de Max Küchler. Ele conhecia Küchler e já haviam se cruzado em várias ocasiões. Dias antes da sua morte, encontraram-se num evento em Berlim e conversaram bastante. Embora a relação deles não fosse profunda, nada no comportamento de Küchler indicava que estivesse a ponto de cometer suicídio. Ele estava otimista e tinha falado dos seus planos para o futuro, o que não era normal em alguém que pretende se suicidar.

A sua morte prematura foi uma surpresa para Hogdson e o seu instinto de jornalista dizia que havia ali uma história qualquer. Apesar de a polícia alemã considerar o caso como um suicídio, Temple e Hogdson partilhavam da mesma opinião: acreditavam que Kùchler tivesse sido forçado a se suicidar, ou fora assassinado para que parecesse um suicídio, com o objetivo de ocultar algum segredo obscuro. Era preciso ter em atenção que um dos doze nomes da lista era Dieter Steinbach, candidato de extrema-direita ao cargo de chanceler.

Hogdson acompanhava o posicionamento e discursos de Dieter, assustadoramente decalcados do nazismo, e compreendia o perigo que ele representava para uma Europa fragilizada. Por isso, estava disposto a chegar ao fundo daquela história.

12. Dilemas

É, pois, falso dizer que na vida "decidem as circunstâncias". Pelo contrário: as circunstâncias são o dilema, sempre novo, ante o qual temos de nos decidir. Mas quem decide é o nosso caráter.

José Ortega y Gasset (1883-1955)

Elizabeth encontrou Dib no jardim interno, conversando com Afonso, o jardineiro. Observou o seu jeito tranquilo, brigando para falar português sem o sotaque do Brasil, e não conseguiu evitar um sorriso de ternura: Dib se envolvia nos detalhes, conversando com cada pessoa como se tivesse todo o tempo do mundo. O jardineiro, muito educado, gostava de falar com ele sobre as plantas e os planos para revigorar os jardins, depois dos anos de abandono. Desde que Afonso começara a cuidar dos jardins tinha acontecido uma verdadeira revolução e as novas plantas e flores estavam se adaptando rapidamente e enchendo a casa de vida e cor.

Dib viu Elizabeth e foi ao seu encontro. Após uma mirada atenta, comentou, com o seu sorriso brando:

— Não a vi no café da manhã. Deixou-me sozinho — Uchoa e Miguel chegariam de Paris no final do dia, Alessia e Seth

continuavam em Berlim, investigando a Sociedade do Dragão e tentando descobrir a localização do misterioso lugar onde Dieter e Halder pareciam se refugiar.

— Preciso falar com você — disse, sem responder ao comentário dele. — Sobre Daniel.

— Vamos para a biblioteca — sugeriu. Sabia que Elizabeth não aceitara o desaparecimento de Daniel, mas não esperava que fosse falar sobre ele. Achou que ela quisesse esclarecer o caso das misteriosas marcas que tinham surgido no seu corpo. Dib ocupou uma das poltronas do século XVIII, forrada de veludo verde-escuro, e perguntou:

— Você continua esperando o retorno dele?

Ela se sentou na frente dele. Ficou pensativa por alguns segundos pensando na melhor forma de responder e, por fim, disse:

— Ele disse que vai voltar.

Dib ficou alerta. Inclinou o corpo para se aproximar um pouco mais dela, antes de perguntar:

— Quando é que ele disse isso?

Ela se calou por mais um instante, decidindo cuidadosamente o rumo da conversa. Precisava de alguém para ajudá-la a analisar e entender a situação, e não havia ninguém melhor do que Dib, seu cúmplice na relação com Daniel.

— Antes de contar o que aconteceu, preciso que me fale sobre as cicatrizes de Daniel.

O pedido era inusitado, e Dib se questionou sobre os motivos que ela teria para querer aquela informação, antes de comentar:

— Daniel não gostava de falar sobre isso.

— Mas você sabe o que aconteceu. E eu preciso que me conte — Dib deduziu que as cicatrizes deviam desempenhar um papel

importante no que estava acontecendo e começou a contar o que Daniel lhe revelara séculos antes.

— Daniel já lhe falou sobre a prisão dos Templários, ordenada por Filipe, o rei francês, em 1307. Mas ele não disse que também foi preso, juntamente com De Molay, o grão-mestre, e Geoffroy de Charnay, o preceptor da Ordem. Como Daniel era muito próximo do grão-mestre, a Inquisição acreditava que ele sabia onde estavam os tesouros Templários e por isso torturou-o com grande requinte. — Dib fez uma breve pausa, antes de continuar: — Foi durante esse período que Daniel enfrentou o lado mais sombrio dos homens e conheceu a capacidade deles provocarem sofrimento por meio de torturas indescritíveis, máquinas e objetos criados para gerar dor.

Elizabeth estremeceu com o relato e recordou os detalhes que Daniel contara sobre De Molay. Não queria imaginar o que poderiam ter feito com Daniel. A ideia da tortura lhe causava uma mistura de ansiedade, náusea e frio. Sentiu o olhar de Dib, avaliando-a, para ver se ela suportaria a terrível história até o fim.

— Os torturadores compreenderam que Daniel era muito mais resistente à dor que os outros e também se regenerava muito mais rápido. Daniel precisava exercer um enorme controle para evitar a transmutação. Se aquilo acontecesse, o segredo dos Guardiões seria revelado. Por isso ele lutava para manter a calma, mas os seus algozes consideravam que a atitude dele era uma provocação e mandaram chamar inquisidores espanhóis, exímios em prolongar a dor.

— Agora compreendo por que ele estava tão perturbado ao falar sobre a prisão dos Templários... Ele estava, também, falando sobre a sua própria prisão e eu não entendi.

— Sim — concordou Dib. — Daniel sabia o quanto os torturadores se empenhavam para infligir o máximo de dor, pelo máximo de

tempo possível, antes da morte. Eram os melhores e mais hábeis na arte da tortura. Mas ele não disse uma palavra durante os quatro anos em que foi torturado e nunca conseguiu imaginar a amplitude do sofrimento de De Molay e Geoffroy durante os sete anos em que eles ficaram presos. Os prisioneiros eram levados ao limite da morte e trazidos de volta para continuarem sofrendo. Aquele processo representava o verdadeiro prazer dos inquisidores. E esse era o desespero máximo: não havia a possibilidade de encontrar paz na morte ou da dor terminar na morte.

Elizabeth tentava conter o choro, mas não era capaz. Exatamente como acontecera quando escutara pela primeira vez a história sobre o trágico fim dos Templários, deixou que as lágrimas corressem livres pelo seu rosto. Dib contava tudo de forma menos emocional possível, e embora a estivesse poupando dos detalhes mais dolorosos e macabros, não escondia a intensidade dos acontecimentos.

— Durante os quatro anos em que esteve preso, Daniel aprendeu a conhecer todos os sons e todas as vozes. Não havia nada que acontecesse naquelas masmorras que ele não soubesse, pela sua audição sensível. Aprendeu a reconhecer a respiração dos inquisidores e a saber quais os dias em que eles estavam dispostos a serem mais cruéis. Conhecia o humor deles pela forma como batiam os pés contra o chão de pedra. E começou a planejar a sua fuga e o resgate de De Molay e Geoffroy. Mas as masmorras onde eles estavam eram impenetráveis. Havia guardas por todos os lados, e nenhum prisioneiro tinha como se libertar das correntes de ferro, curar os ossos quebrados, a pele repuxada pelo fogo ou a carne exposta, em sangue vivo. Era impossível escapar, mas Daniel desapareceu misteriosamente.

— Como é que ele conseguiu escapar? E por que não escapou antes?

— Alguém o ajudou. Daniel não teria conseguido sair dali sozinho — explicou Dib.

— Quem é que o ajudou? Um Guardiã?

— Daniel nunca revelou o nome de quem o ajudou — contou Dib.

— Antes de fugir, tentou salvar De Molay e Geoffrey, mas eles estavam debilitados demais para escaparem. Pensou em ficar mais um tempo nas masmorras, até conseguir uma oportunidade de resgatá-los, mas quem o ajudou convenceu-o a fugir naquela noite.

— Mas como pôde ter escapado sem que os guardas vissem? — perguntou Elizabeth.

— Só Daniel conhece esses detalhes — Dib fez uma pausa, antes de revelar cuidadosamente: — Mas eu estou começando a achar que talvez ele tenha escapado daquelas masmorras, há setecentos anos, do mesmo modo que desapareceu do quarto onde estava com você.

Ela ficou quieta, olhando-o, sem pronunciar uma palavra. Aquilo que Dib acabara de dizer contrariava tudo o que ele defendera antes: a possibilidade de Daniel estar vivo. Dib continuou contando a saga de Daniel, evitando, assim, que ela o questionasse sobre o que acabara de insinuar.

— A França ficou em alerta e o rei mandou as tropas inspecionarem todos os lugares, até o encontrarem. Mas Daniel desapareceu, sem deixar rastro.

— Exatamente como agora: sem deixar rastro — anunciou baixinho, e Dib escutou-a, mas manteve-se concentrado no seu relato:

— Ele foi o único Templário a escapar. Os inquisidores chamavam-no *Le muet*, o mudo. O povo começou a atribuir-lhe poderes mágicos, devido às histórias que circulavam a respeito da sua

capacidade de cura e, também, pela forma misteriosa como desapareceu, sem derramar uma gota de sangue e sem que ninguém o visse. Depois da sua fuga, a segurança do castelo aumentou, e os soldados matavam qualquer um que se aproximasse. A fuga de Daniel tornou impossível a possibilidade de resgatar De Molay e Geoffrey. Daniel sentiu-se responsável pelo sofrimento deles nos três anos seguintes. — Dib fez uma pausa, antes de terminar: — Ele escapou com vida, mas presenciou a morte de muitos dos seus irmãos e do seu grande amigo De Molay, sem que eles tivessem revelado qualquer dos segredos Templários. Arturo cuidara da construção do Mosteiro com De Molay e transferiu os tesouros para lá, ajudado por mais de cem cavaleiros. Esses Templários se enclausuraram voluntariamente no Mosteiro até a morte, depois de perceberem a importância dos tesouros que guardavam.

— E como é que Daniel reapareceu, depois de ter escapado das masmorras?

— Ele apareceu no Mosteiro, mas nunca falou sobre a fuga ou a jornada até lá.

— Isso significa que Daniel pode voltar para nós?

— Talvez. Não tenho certeza — respondeu, revelando as suas verdadeiras dúvidas.

— E as cicatrizes das... — hesitou, procurando uma palavra menos ferina, mas não encontrou: — torturas nunca vão desaparecer?

— Podemos nos regenerar, mas as cicatrizes são permanentes. Você já sabe isso — comentou Dib, antes de perguntar: — Por que essa insistência com as cicatrizes?

Ela ficou pensativa, avaliando o que diria em seguida.

— Daniel pediu que não falasse com ninguém sobre a sua visita.

— Como é que ele apareceu? — perguntou Dib, devagar, quase sustentando a respiração, e confirmando as suas suspeitas.

— Ele entra através do espelho. Funciona como um portal. Mas eu tenho que convidá-lo, estendendo a mão para ajudá-lo a atravessar o portal.

— O espelho de Iblis? — questionou, vendo-a acenar a cabeça em sinal de afirmação, antes de fazer a segunda pergunta: — E o portal é uma passagem para onde?

— Eu perguntei o mesmo quando ele me pediu para acompanhá-lo — Dib começou a unir as peças soltas e sentiu um arrepio quando ela contou aquilo, pressentindo o perigo. — Mas ele não explicou.

— Você não pode segui-lo, antes de saber para onde vai — disse, enfático.

— Eu sei.

— Quantas vezes ele já a visitou?

— Três — respondeu, e Dib espantou-se com o número elevado de visitas. Achou que acontecera uma única vez, quando ela se queimara.

— E qual a relação das cicatrizes de Daniel com as visitas dele?

— Na primeira vez, ele não tinha cicatrizes, e o calor das mãos dele queimou a minha pele. Na segunda, mostrou-me a marca Sigel e avisou que sempre que não a tivesse, eu não devia confiar nele. Disse também que eu devia falar com você sobre as cicatrizes. — Elizabeth fez uma pausa breve, antes de continuar: — E na última visita, ele não tinha a marca Sigel, mas quando o questionei sobre a forma como ele tinha obtido as cicatrizes, ele resumiu o que você me disse hoje.

— E explicou por que as cicatrizes sumiram? — questionou Dib, já com uma ideia bastante clara do que estava acontecendo, depois das explicações de Elizabeth.

— Disse que no plano onde está, as marcas desaparecem.

— E o que você acha? — perguntou.

— Preciso saber quem é o homem que está me visitando e não tem as cicatrizes e a marca Sigel. Talvez seja Daniel, revelando outra faceta. Não sei — disse confusa. — Mas por que ele falaria tanto nas cicatrizes e na marca Sigel?

— Porque são importantes para você distinguir o verdadeiro Daniel — avisou Dib, deixando escapar a mensagem, sem trair o seu juramento sobre os segredos que guardava.

— O que você quer dizer com isso? — questionou ela, tentando forjar uma teoria com base no que Dib estava insinuando. — Você acha que há um Daniel verdadeiro e um Daniel falso?

— Não sei, mas há algo errado com o Daniel, e ele parece ter consciência disso. Concorda?

Ela anuiu com a cabeça, antes de confessar:

— Sim. Mas não entendo o que pode estar acontecendo...

— E por que não me contou antes? — perguntou Dib, mudando de assunto.

— Daniel disse que se eu falasse com alguém, não voltaria a visitar-me.

Dib estava esclarecido das razões que a obrigavam a silenciar as visitas de Daniel. Ficou pensativo, tentando compreender as razões ocultas por trás daquele aviso feito a Elizabeth. Parecia óbvio que Daniel não queria que ninguém soubesse que continuava vivo e com a capacidade de se locomover entre os mundos. Mas Dib se questionava se aquele ser que visitava Elizabeth seria mesmo Daniel.

— Precisa ter cuidado, Elizabeth — advertiu, sem poder partilhar os seus pensamentos sombrios com ela, reforçando o aviso: — E não siga Daniel em circunstância alguma, até sabermos exatamente onde ele está.

— Eu sei. Você quer vê-lo? — perguntou, disposta a descobrir a verdade mesmo que aquilo significasse deixar de ver Daniel. — Eu posso chamá-lo quando escutar o ruído no espelho...

— Não. Se eu estiver presente, talvez ele desapareça. Não podemos arriscar — segurou a mão dela, e pediu, enfático: — Você tem que manter a sua ligação com ele e tentar descobrir o que está acontecendo e quais as intenções dele.

Ela meneou a cabeça, antes de confessar:

— Eu sinto que alguma coisa está muito errada.

— Mas ele não pode desconfiar que você tem dúvidas — avisou Dib, consciente de que estava pondo a vida de Elizabeth em risco, mas não tinha alternativa.

Dieter esperava Lynn na sala. Ao vê-la surgir na porta, levantou-se do sofá e foi recebê-la, transformando um momento que poderia causar desconforto e ansiedade em algo tranquilo. Beijou a mão dela, sorrindo:

— Obrigado por ter aceitado o convite e por depositar a sua confiança em mim.

Ela o olhou, sem dizer nada: Dieter era ainda mais bonito de perto e do que nas fotos. Ele guiou-a para o sofá, onde estivera sentado segundos antes, com uma leve pressão no braço. Ajudou Lynn a despir o casaco, apreciando as formas esguias sob o vestido verde-musgo, elegante e justo ao corpo. Esperou que ela se sentasse, antes de lhe servir um cálice de cristal com vinho do Porto branco, gelado. Ela bebeu um gole, delicadamente. Não era apreciadora de bebidas alcoólicas, mas, naquele momento, precisava de algo que diminuísse a sua ansiedade.

Ainda não acreditava que Dieter a convidara para jantar. Não tinha contado sequer à sua irmã, temendo que ela a dissuadisse de jantar com alguém que não conhecia. E o seu nervosismo não era somente por ele ser um dos homens mais cobiçados e poderosos da Alemanha, era principalmente por não o conhecer. Mas ele tratou-a de forma tão natural que o desconforto dela desapareceu. Lentamente, sentiu o efeito relaxante do vinho e as suas mãos perderam aquele frio peculiar provocado pela ansiedade.

O jantar maravilhoso, servido numa sala decorada com flores, que amenizavam o ambiente austero, fê-la esquecer do incidente que a irritara, quando ela foi conduzida ao heliporto, por um motorista de rosto hermético, num carro com vidros escurecidos. Ao ocupar o seu lugar no helicóptero, um dos seguranças que a acompanhavam pediu que colocasse uma venda de veludo negro. Lynn pensou em recusar, mas desistiu quando ele disse que aquela era a condição para levá-la à casa de Dieter. Apesar do conforto, o mistério que rodeava a viagem contribuiu para enchê-la de dúvidas. Agora, após a refeição, percebia que valera o risco, mas precisava abordar o assunto:

— Por que me obrigou a vendar os olhos?

— Esta casa é o meu refúgio. Poucos sabem da sua existência e localização. E gostaria de mantê-la assim.

— Não confia em mim?

— Ainda não — sorriu, cativante, como se estivesse se desculpando por não confiar.

— Mas eu tive que confiar em você, vindo aqui, de olhos vendados? — questionou ela, encarando-o com o olhar sério.

— Sim. Sei que não é muito justo, mas espero mudar essa situação se continuarmos a nos ver — retribuiu o olhar sério, antes de enfatizar: — Eu gostaria muito.

Ela sentiu o coração bater mais rápido e respondeu, com espontaneidade:

— Eu também.

— Então está decidido: jantamos de novo amanhã. O motorista vai buscá-la no mesmo horário — levantou-se para puxar a cadeira dela e ajudá-la a sair da mesa, guiando-a de novo pelo braço, de volta à sala onde haviam tomado o aperitivo antes do jantar.

A presença dele era magnetizante. Ela estava fascinada não apenas pela sua beleza, mas também pelo seu porte e elegância. Dieter parecia estar sempre no controle, sabendo o que dizer e o que fazer. Junto dele sentia-se mais sofisticada e segura, como se a presença dele bastasse para elevá-la a um patamar superior, distante das banalidades do dia a dia.

— Mas preciso pedir um favor. Sei que é terrível, porém... — hesitou pela primeira vez, e Lynn calculou que devia ser algo constrangedor para ele.

— Por favor, diga.

— Não gostaria que falasse de nós a ninguém. Por enquanto — percebeu a decepção no rosto dela e justificou: — Com a proximidade das eleições, a mídia vai especular sobre nós e expô-la a situações desagradáveis sobre o nosso relacionamento. Eu tenho mais que o dobro da sua idade... — disse, baixando a voz, para emprestar uma entoação mais intimista à conversa.

Ela acenou rapidamente a cabeça, concordando com ele, feliz com a preocupação dele em preservá-la das especulações maldosas da mídia.

— Eu não me importo com a idade.

Ele a encarou em silêncio, assegurando-se da veracidade da frase.

— Vamos nos conhecer melhor, antes de nos precipitarmos — despediu-se dela com um beijo no rosto, depois de ajudá-la a vestir

o casaco. Ela deu alguns passos em direção à porta, mas pareceu arrepender-se e voltou atrás. Parou na frente dele, olhou-o por um segundo, antes de ganhar coragem para colocar um braço em volta do pescoço dele e beijá-lo nos lábios com suavidade. Dieter manteve-se imóvel, sem reagir. Ela soltou-o e partiu.

Quando voltou para Lisboa, na companhia de Uchoa, depois de terem libertado a alma de Kent do corpo de Sarah, Miguel já havia equacionado tudo o que Lucrezia lhe contara. Tinha esquematizado e ordenado as informações de modo a dar-lhes uma coerência interna. E tudo se encaixava como se a verdade estivesse sempre ali, mas tanto ele quanto os Guardiões tivessem evitado enxergar.

A possibilidade horrenda de Daniel e Lúcifer serem a mesma pessoa explicaria porque todos os esforços para destruir Lúcifer durante tantos séculos tinham falhado.

Recordou o que Lucrezia dissera: Lúcifer não podia se manter na Terra por muito tempo, porque a sua temperatura aumentava. Pensou nas marcas de mãos sobre o corpo de Elizabeth, e uma certeza se consolidou dentro dele: Elizabeth e Daniel eram amantes, e ele viera visitá-la. Não se tratava mais de uma suspeita. As provas da traição eram visíveis nas marcas das mãos dele sobre o corpo dela. Miguel sentiu que o seu peito ia explodir de raiva e ciúme. Tinha sido traído.

Quanto mais analisava a situação, mais claro se tornava o seu objetivo: desenvolver uma estratégia para destruir Daniel, porque ele continuava vivo, refugiado em seu reino. Miguel tinha consciência de que aquela não era uma tarefa que pudesse levar a cabo sozinho e precisaria de apoio. Lucrezia já se mostrara disposta a ajudá-lo: ela tinha interesse em aniquilar Daniel. Mas Miguel também

precisaria dos Guardiões e teria que convencê-los a derrotar o seu anterior líder, já que ele os enganara por centenas de anos.

Porém, havia um detalhe: Miguel seria questionado sobre a fonte das informações sobre Daniel e teria que revelar que fora Lucrezia. Estava perante um dilema.

Seth e Alessia descobriram a localização da propriedade frequentada por Dieter e Halder. Visitaram os arredores, mas não acharam forma de entrar sem chamar a atenção. Tratava-se de uma imensa propriedade com mais de cento e vinte hectares, isolada por altas cercas eletrificadas e vigiada por guardas fortemente armados, nas quatro entradas. As enormes árvores centenárias formavam uma proteção natural contra os olhares curiosos, depois que as cercas terminavam.

Ninguém sabia o que acontecia na antiga propriedade, localizada numa região rural do interior da Alemanha. Segundo os habitantes mais velhos da região em volta, a propriedade sempre fora um lugar estranho. Antes de eletrificarem as cercas, em várias ocasiões, alguns jovens tinham tentado invadir o local, para saciarem a curiosidade. Porém, ninguém conseguiu vencer a segurança: havia muitos guardas e cães. Os sustos que os curiosos tiveram durante essas invasões impediram que voltassem a tentar entrar no local. O mistério fazia com que atribuíssem as histórias mais macabras e os piores horrores à propriedade. O certo é que, com o passar dos anos, a péssima fama do lugar afastava qualquer um das suas imediações e desencorajava quem pensasse em invadi-la. Até o nome da propriedade era assustador — *Drachenauge*, Olho do Dragão.

Decidiram investigar a propriedade. As quatro entradas estavam igualmente vigiadas, e eles optaram pela porta sul, localizada na estrada menos movimentada. Pararam o carro em frente ao grande portão, e imediatamente dois soldados vieram ao encontro deles. Mas antes que Seth pedisse informações, seguindo o plano que definira com Alessia, afirmando que estava perdido, os dois soldados apontaram as armas diretamente para o rosto deles, pedindo que ambos saíssem do carro. Eram sete horas, e a noite já cobria tudo com as suas sombras.

Seth e Alessia desceram do carro e em segundos viram-se rodeados por seis soldados: os dois que mantinham as armas apontadas e mais quatro, que haviam atravessado o portão com grandes dobermanns.

Seth e Alessia tentaram falar, mas os soldados não permitiram. Depois de alguns minutos imóveis, sob o cano das armas e com os cães ladrando à sua volta, viram surgir outro soldado — o sétimo. Seth percebeu que se tratava de um tenente. O tenente perguntou o que faziam ali. Seth respondeu, no seu alemão impecável, que estavam perdidos e queriam informações para sair dali e voltar à estrada principal.

O tenente avaliou-os friamente e não pareceu acreditar. Pediu para ver os documentos. Seth hesitou: eles não pareciam ser uma força oficial que pudesse exigir documentos. O tenente tirou a pistola do coldre e apontou diretamente para a cabeça de Alessia, dizendo de novo:

— Os documentos.

Seth entregou prontamente os documentos. Um tiro na cabeça era sempre uma incógnita: eles se regeneravam, mas podia haver danos cerebrais. Nenhum dos Guardiões estava disposto a ser baleado no cérebro. Interiormente Seth irritou-se por ter acreditado

que se trataria de uma missão mais simples, em que eles dominariam facilmente os soldados com os seus dons.

O tenente avaliou os documentos com atenção e não pareceu convencer-se de que eles estavam ali por acaso. Fez um sinal com a cabeça a um dos soldados. Seth viu o soldado tirar um par de algemas das calças e percebeu que aquilo ia terminar mal. Trocou um olhar de cumplicidade com Alessia e tomaram instintivamente a decisão de dominar os soldados: Seth colocou a mão sobre a cabeça do tenente e ele tombou. Em seguida fez o mesmo com os soldados que estava apontando as armas. Por sua vez Alessia dominava mais dois soldados. Mas os últimos dois soltaram os cães, ordenando que atacassem. Os cães voaram para cima de Seth e Alessia e, enquanto eles lutavam para controlá-los, um dos soldados deles atirou em Alessia.

Seth viu-a tombar no chão, enquanto dominava os soldados e os cães enlouquecidos. Quando se aproximou de Alessia, o sangue saía de dentro dela como um rio, deixando uma mancha enorme na blusa. Seth colocou-a no carro e desapareceu rapidamente.

Halder estava muito irritado, mas Dieter sorria, bem-humorado. Halder era a única pessoa a quem ele permitia a irritação e as críticas. Eram amigos desde a infância e totalmente leais um ao outro.

— Você jantou com ela todos os dias desta semana. Todos. Sabe bem quem ela é, e o perigo que isso representa — acusou Halder.

— Sei — respondeu Dieter, ciente de que Lynn era filha do editor do jornal *The World*.

— E quanto tempo você acha que vão levar para descobrir o seu envolvimento com alguém que tem idade para ser sua filha?

Estamos à beira das eleições, Dieter!

— Eu não estou envolvido com ela — explicou Dieter, sério, percebendo que a conversa estava se tornando tensa.

— Não? Então como você chama isso?

— Ainda não sei.

— Então é muito pior do que eu pensava. Precisa acabar com isso! — avisou Halder. — O plano é que você seja dedicado à Alemanha. E esteja disponível para se tornar desejável e capitalizar o desejo feminino. E Lynn... Bem, você sabe que precisamos sacrificá-la.

— Eu sei — respondeu.

— Então o que você está fazendo, Dieter? — Halder mordeu as palavras. Os seus olhos brilhavam de raiva quando se aproximou do amigo, com os dentes cerrados. Dieter sabia que Halder tinha razão, mas mudara de ideia.

— Eu quero suspender o plano — anunciou. Halder parou como se tivesse congelado.

— O quê? Você quer alterar o plano por causa de uma mulher? É isso?

— Não — respondeu sério, antes de revelar as suas intenções: — Só não quero sacrificá-la, com a lança. Podemos arranjar outra para o lugar dela.

— Não! — rejeitou, peremptório. — Lynn precisa sumir. Ela sabe demais.

— Halder, ela não sabe nada. E garanto que ela não vai dizer a ninguém que jantou comigo. E se disser?

— Você precisa focar — avisou Halder, percebendo o interesse excessivo de Dieter por Lynn. — E ela é uma distração e um risco, Dieter. Um risco que põe em causa o Quarto Reich e não apenas você. E o meu papel é proteger você, mesmo que seja das suas

loucuras. E se você insistir nisso, eu acabo com o problema — enfatizou secamente.

Dieter sabia o que aquilo significava: Halder faria Lynn desaparecer da face da Terra. Levantou-se da cadeira onde estava sentado e aproximou-se de Halder, pondo a mão sobre o braço dele, para tentar acalmá-lo:

— Não desejo ninguém na minha vida desde... Helen. Agora, encontrei Lynn. Vamos convencê-la a ficar do nosso lado — fez uma breve pausa, antes de afirmar: — Podemos testá-la, fazendo-a participar do ritual da lança. Se tivermos dúvidas sobre a lealdade dela, eu mesmo resolvo o assunto — baixou a voz antes de completar a frase —, como fiz com Helen.

Halder observou Dieter atentamente, como se estivesse vasculhando a sua alma. Embora lhe parecesse uma loucura que Dieter estivesse se expondo por causa de Lynn, aceitou a proposta. Duvidava muito que Lynn conseguisse aceitar a verdade sobre Dieter e o acompanhasse no ritual, matando alguém para satisfazer os objetivos obscuros do nazismo.

— Tudo bem... — concordou Halder, convencido de que Dieter estava tomando uma péssima decisão. Contava com a reação negativa de Lynn, para encerrar aquele assunto, e fazê-la desaparecer de uma vez por todas.

Juan Penafor embarcou para Belém. Quando lá chegou, no início da manhã, alugou um carro confortável para compensar as horas terríveis passadas num daqueles bancos minúsculos, que as companhias aéreas pareciam reduzir a cada ano.

Abriu o mapa, colocou-o sobre o assento do passageiro e dirigiu, seguindo as indicações. As estradas eram péssimas: esburacadas,

sem sinalização, e em certos lugares já se percebia a invasão da floresta, recuperando a terra da mão dos homens.

A sua ansiedade aumentava à medida que diminuía os quilômetros que o separavam de Martha e do seu filho. Durante o trajeto, todos os cenários possíveis lhe passavam pela cabeça, e embora estivesse temeroso, tentando antecipar a reação dela, não lhe parecia possível que Martha, como ela agora se chamava, fosse rejeitá-lo.

Chegou à vila pela única rua, que nada mais era do que a continuação da estrada. Parecia que, de repente, a vila tinha nascido no meio da estrada, sem nenhum aviso. Metade de cada lado. Penafor conhecia vários lugares assim no Brasil: eles organizavam-se a partir da estrada, como se ela fosse uma coluna vertebral que os sustentava e, simultaneamente, dava forma.

Penafor estava cansado e com o corpo moído, resultado da tensão provocada pelo mau estado das estradas, o desconhecimento do caminho e a perspectiva de ver Martha e o filho. Atravessou a vila devagar, tentando abarcar tudo com o primeiro olhar. Viu o hotel, o único na vila, e hospedou-se num dos quartos simples do primeiro andar, para passar a noite.

Juan Penafor era o segundo homem desconhecido que aparecia na vila em pouco tempo. O outro era Oliver Bassan, que estivera ausente por mais de uma semana, mas retornara na véspera, com a pele queimada, própria de um turista que se expusera ao sol dos trópicos.

Oliver voltara ao seu posto de observação predileto, na esplanada posicionada em frente ao correio. Viu Penafor atravessar a rua e deduziu que ele era o amigo de Miguel Besson. Aquilo significava que podia terminar o trabalho e partir. Queria rever Alessia, embora soubesse que, naquele momento, ela estava em Berlim. Precisava

entender melhor o papel dela na misteriosa Ordem que a obrigava a seguir uma série de regras e que os impedia de ter um relacionamento normal.

Tom Hogdson não conseguiu provar a teoria sobre a existência de uma conspiração para destruir a economia europeia de modo a beneficiar o grupo JKW. O premiê inglês sentiu-se desapontado com as notícias: esperava que o amigo descobrisse algo bombástico, mas com exceção do enriquecimento do JKW e do poder crescente dos seus principais acionistas, que ditavam as cartas no mundo empresarial, não havia nada de concreto.

Apesar da ausência de evidências, Hogdson achou que valia a pena continuar investigando o assunto. Sugeriu a Temple que poderia escrever sobre os homens mais ricos da Europa, revelando que todos pertenciam ao grupo JKW. O artigo daria destaque a Dieter Steinbach, com suas ideias claramente nazistas, e líder nas pesquisas para as eleições alemãs. Temple achou a estratégia de Hogdson brilhante: o artigo seria suficiente para levantar uma série de dúvidas inquietantes.

Mas, às vésperas de publicá-lo, Hogdson foi abalado por um drama pessoal, envolvendo a sua filha, Lynn. Nas conversas com a mãe, Lynn confidenciara estar apaixonada e, após muita insistência, confessou a identidade do apaixonado. Quando a mãe revelou o nome a Hogdson, ele tremeu, apreensivo. Se Lynn estivesse apaixonada por qualquer outra pessoa, ele teria ficado feliz. Mas a filha estava apaixonada pelo mais improvável dos homens: Dieter Steinbach, um nazista, com mais do dobro da idade dela e que possivelmente seria o futuro chanceler alemão. Um homem perigoso, que ele estava investigando e pretendia expor ao mundo.

Depois de avaliar a situação, percebeu que a sua filha acabara de torná-lo refém do grupo JKW. Hogdson debatia-se com um dilema: o que aconteceria se ele publicasse o dossiê que já havia montado? Lembrou-se das suas dúvidas sobre o estranho suicídio de Küchler e perguntou-se se eles não seriam capazes de machucar Lynn para atingi-lo.

Mesmo pondo em causa o seu profissionalismo e temendo desapontar de novo o seu amigo William, decidiu adiar a publicação do artigo, até saber mais sobre o tipo de relacionamento que existia entre Lynn e aquele homem.

Alessia acordou na cama do quarto do hotel, sob o olhar vigilante de Seth. A preocupação era visível no rosto dele.

— Como você está se sentindo? — perguntou.

— Bem, acho — sorriu, olhando para o amigo. — Achou que eu não voltaria, Seth?

— Quase... — respondeu, mantendo a seriedade. — A bala atravessou o seu coração e você levou algumas horas para se regenerar.

— Mas já estou de volta... Obrigada por ter cuidado de mim — agradeceu, tentando sentar-se na cama. Seth ajudou-a, posicionando a almofada por trás das suas costas.

— Achei que você demorou tempo demais para se recuperar — disse.

— Eu não tenho seguido as regras com a dedicação que deveria — confessou. Sabia que estava descuidando a sua meditação e os exercícios para manter seus chacras equilibrados, e sua lenta regeneração era o preço que estava pagando. Podia arrumar várias desculpas, mas tinha consciência de que era a sua ligação com

Oliver que a estava desestabilizando e consumindo seus pensamentos.

— Não sei o que está acontecendo, mas precisa se reequilibrar — avisou Seth. — Estão se aproximando tempos difíceis.

— Eu sei, Seth — respondeu, tocando a mão dele num gesto de carinho, antes de dizer: — Uma coisa já é certa sobre nossa visita àquele lugar: tanta segurança só pode significar que estão guardando algo muito valioso.

— Concordo — respondeu Seth.

13. Olho do Dragão

Não se pode culpar um país, mas deve-se responsabilizar seus líderes. Aqueles que lideraram o destino de milhões devem responder pelos seus atos.

Documento de abertura do tribunal de Nuremberg (1945)

Depois do incidente com um casal de estrangeiros no portão sul, a segurança de *Drachenaue* tinha sido reforçada sob as ordens de Halder. Era naquela propriedade que durante as últimas décadas vinha sendo preparada, no mais absoluto segredo, uma estirpe especial de soldados altamente qualificados: aqueles que seriam a elite das tropas especiais do Quarto Reich. E era também ali que Dieter mantinha a sua casa, numa das áreas de acesso restrito da enorme propriedade.

Naquela noite, Dieter planejou tudo com o seu perfeccionismo habitual. Depois de um jantar leve, levou Lynn pela primeira vez para o seu quarto. Ela acompanhou-o, sem hesitar. Sentia o corpo relaxado e morno, mas não sabia definir muito bem se era o vinho ou a presença dele que lhe provocava aquele bem-estar.

Dieter abriu a porta do quarto iluminado por velas e Lynn sentiu que o calor no centro do corpo se intensificara, transformando-se numa bola de fogo, onde se confundiam a ansiedade e o desejo. Dieter se concentrou nela, sem dizer uma palavra. Beijou-a sem pressas e, ao perceber que vencera as resistências dela, despiu-a devagar, apreciando atentamente a beleza perfeita: a pele macia, os cabelos loiros, os intensos olhos azuis, o corpo magro e bem proporcionado, que parecia ter sido cuidadosamente esculpido por um deus benévolo. Em seguida despiu as suas próprias roupas, no mesmo ritmo vagaroso, mantendo o olhar atento sobre ela. Levantou-a do chão, com um movimento ágil, e deitou-a na cama. Acariciou a pele acetinada, percorrendo o corpo dela com as mãos, até senti-la vibrar na mesma sintonia que ele. Beijou-a carinhosamente e, quando se afastou um pouco para observá-la melhor, os olhos dela estavam tão brilhantes quanto duas estrelas. Ele relutou alguns segundos, antes de se render à beleza dela, mas por fim envolveu-a vagarosamente nos seus braços e tomou-a para si. Ela fechou os olhos e entregou-se. Ele sentiu a respiração dela ofegante e incerta, antecipando o abandono propiciado pelas descobertas do amor.

O dia começava a raiar quando ela deu os primeiros sinais de despertar do sono profundo, sob o olhar vigilante de Dieter. Ela sorriu quando o viu. Dieter puxou-a contra o peito com ternura. Lynn gostava da forma segura com que ele a abraçava. Cada dia ele lhe revelava uma nova faceta sua, e ela achava-o sempre mais envolvente.

Ele tinha dito que aquele seria um dia especial, mas ela não sabia o que esperar das surpresas de Dieter, quando ele a conduziu suavemente pela mão através do labirinto de salas e corredores.

A casa havia sido inspirada em certos detalhes do Castelo de Wewelsburg, que Heinrich Himmler considerava o centro espiritual das SS. Foi construída em forma de triângulo, com três torres. Dieter subiu os degraus de mármore da larga escada do lado norte da casa, que conduziam à torre. Empurrou a porta enorme e pesada e revelou o esplendor da *Obergruppenführersaal*, a Sala dos Generais. A sala redonda estava iluminada pela luz da manhã filtrada através dos vitrais das doze portas, que havia em toda a sua volta. Do lado externo, eram aqueles vitrais coloridos da torre norte que quebravam a monotonia simétrica das paredes de pedra cinzenta, como se fossem os olhos da casa, vigiando toda a propriedade.

A sala tinha uma mesa redonda, de madeira negra, e doze cadeiras igualmente negras, posicionadas em frente às doze portas que abriam para uma pequena sacada. Entre as portas, doze pilares de mármore pareciam sustentar a abóbada redonda, pintada com vários símbolos. As novas gerações tinham um conhecimento raso e fragmentado da moderna história alemã, que ocultava cuidadosamente alguns dos eventos macabros da Segunda Guerra. Mas Lynn reconheceu a suástica no centro da abóbada e foi aquele símbolo que prendeu a sua atenção. Estava surpreendida, sem entender o que estava acontecendo. Perguntou:

— O que significa isto?

Dieter resumiu a história da Alemanha e a dramática derrota do Terceiro Reich na Segunda Guerra. Falou do nazismo e das descendências míticas da raça ariana, pura e forte, que estava destinada a dominar o mundo. Ela o olhava fascinada. Dieter caminhava devagar em volta da sala, enquanto ia falando, detendo-se em cada uma das portas para fixar o jardim primoroso e as árvores verdes em volta da casa. Por fim, parou em frente a ela, com o rosto muito sério, antes de confessar:

— E eu serei o líder do Quarto Reich.

Lynn não sabia o que dizer. Dieter mantinha o olhar firme sobre ela, e então revelou o seu verdadeiro segredo e as razões que o tornavam o novo líder alemão. Percebeu, de novo, a expressão de espanto no rosto dela. Estava ciente de que tudo o que dissera a seu respeito era difícil de acreditar, mas era a mais pura verdade. Uma verdade que ela teria que aceitar e abraçar se quisesse continuar vivendo.

Mas ele ainda não tinha terminado as suas revelações. Guiou-a uma vez mais e desceu as escadas para o nível mais baixo da casa. Sob a torre norte, um amplo porão de pedra — a Sala Rubra — revelava o lado sanguinário do nazismo. Havia dois círculos com dois degraus, que elevavam os níveis do piso. No centro do círculo menor e mais alto da sala havia um enorme sol de mármore verde-escuro entalhado no mármore branco — era o *Schwarze Sonne*, o Sol Negro com seus doze raios, o mesmo que estava oculto sob a mesa da Sala dos Generais.

Dieter dirigiu-se ao móvel de madeira, num dos cantos da sala, e tirou de lá um longo saco de veludo negro. Pediu que Lynn ocupasse o centro do círculo menor. Ela obedeceu. Por muito estranha que fosse a situação e o pedido dele, Lynn não sentia medo. Dieter lhe inspirava segurança e ela confiava nele. Mas a casa enorme, com suas salas repletas de simbolismos, dava-lhe a sensação de estar vivendo um sonho do qual esperava acordar a qualquer instante. Ainda não tivera tempo para processar as informações e estava lutando para acreditar em Dieter e nos seus planos terríveis.

Lynn ajoelhou-se sobre o símbolo representado pelo Sol Negro, atendendo ao pedido de Dieter. Ele tirou uma lança do interior da proteção de veludo, explicou a sua origem e afirmou que era um

objeto mágico que o ajudaria a alcançar o poder máximo, desde que ele a alimentasse com sacrifícios humanos.

Lynn levou algum tempo para entender o que ele estava dizendo. Por fim notou que algo sinistro estava realmente acontecendo ao ver que a lança pingava sangue de forma contínua e regular. No chão, na direção da ponta da lança, estava se formando um pequeno lago redondo e vermelho que ia aumentando, e agora estava tocando a ponta dos sapatos negros e brilhantes de Dieter. Perguntou, com a voz trêmula, quando a verdade atingiu o seu cérebro, depois de um longo silêncio:

— E eu sou o sacrifício de que precisa?

— Sim — afirmou com a voz tranquila e o olhar sereno fixo na figura dela, ajoelhada aos seus pés. — Mas algo aconteceu quando a conheci, e eu mudei de ideia. Quero que faça parte da minha vida.

Ela o olhou confusa e chocada. Por alguns segundos pensou que ele fosse assassiná-la, apesar do seu coração insistir em dizer que ele seria incapaz de feri-la. A sua pulsação estava acelerada e, embora ela tivesse dúvidas, olhava para Dieter e lembrava que ele era o mesmo homem que a tomara nos braços e amara horas antes. Sentiu alívio ao ouvir as palavras dele. Manteve-se ajoelhada e baixou o rosto para o chão vendo a mancha vermelha se alastrando. Dieter colocou a lança de volta na sua proteção e, quando foi guardá-la no armário, os seus sapatos deixaram pegadas parciais de sangue no chão. Um caminho ensanguentado que se formava enquanto ele andava. Lynn achou que talvez aquele fosse o verdadeiro caminho de Dieter e os seus olhos se encherem de lágrimas. O homem que amava não era apenas um nazista que queria dominar o mundo, era também um assassino frio.

Dieter voltou para junto dela e estendeu a mão para ajudá-la a levantar do chão. Viu que ela estava chorando. Imaginou que a

assustara. Mas não podia correr riscos com Lynn e para se assegurar da lealdade dela precisava testá-la.

— Não chore — pediu.

— Você pensou mesmo em... — hesitou em busca de uma palavra: — sacrificar-me? Você seria mesmo capaz?

— Não — disse com um sorriso, segurando o rosto dela entre as mãos e observando-a. — Jamais lhe faria mal. E você, agora que sabe quem sou, o que deseja fazer?

— Eu quero ficar ao seu lado, mas... não sei se sou capaz — confessou, com as lágrimas correndo pelo rosto. — Não sei se tenho força para... absorver isto. Fui educada para ser tolerante, para respeitar os outros. E os sacrifícios... — fez uma pausa para engolir o nó que sentia na garganta, em busca das palavras: — são desumanos. Matar alguém de forma tão fria...

Dieter olhou-a fixamente e, apesar do que ela estava dizendo, percebia que estava surpreendida, chocada com as revelações que escutara, mas não sentia nenhuma repulsa por ele. E aquilo era um fato extraordinário. Precisava dar-lhe tempo para se ajustar à ideia. Disse baixinho, abraçando-a:

— Fique comigo este final de semana. Vamos conversar, antes de você decidir.

— E se eu decidir não ficar com você?

— Então vai ter que me prometer que nunca falará sobre mim ou sobre isto com ninguém — mentiu ele, sabendo que se aquela fosse a decisão dela, teria que matá-la. Agora, sim, Lynn sabia demais.

Ela acenou a cabeça, acreditando. Dieter percebia que ela lutava para aceitar quem ele era e, principalmente, o que ele era capaz de fazer. Dedicou-lhe o final de semana: amou-a e falou dos seus planos para o futuro como um destino necessário e inevitável. Lynn tentava resistir, mas a atração que sentia por ele e por tudo o que

ele estava dizendo se confundia dentro dela e ganhava espaço. Havia uma lógica subversiva em tudo o que ele dizia, uma lógica que ordenava o caos em que a Europa parecia estar mergulhando. Por vezes sentia dúvidas, mas bastava que ele a abraçasse para elas desaparecerem, como por magia.

Ela se sentia especial por ser a escolhida de Dieter. Ele exercia um poder hipnótico sobre ela, capaz de anular a sua vontade. Quando o fim de semana terminou, ela estava disposta a manter a relação deles em segredo, até ele ser eleito líder do Quarto Reich.

Martha estava sozinha no correio. Faltavam poucos minutos para o horário de almoço. Já tinha desligado o computador e as luzes e estava com as chaves numa mão e a bolsa na outra quando ouviu o sininho anunciando a entrada de uma pessoa. Olhou para a silhueta, recortada contra a luz, e sentiu um baque no estômago. Reconheceu-o imediatamente, mas não entendia como ele chegara ali. Aquele lugar estava no fim do mundo e era um ponto minúsculo e indetectável no mapa. Martha ficou em silêncio, tentando controlar a emoção.

Penafor percebeu que ela estava dividida entre a alegria de vê-lo e o medo, imaginando que, se ele a havia encontrado, Dimitri, que tinha muito mais recursos, também iria descobrir a sua localização. Disse, respeitando a nova identidade dela:

— Martha, está tudo bem. Não se preocupe. Sou eu.

Ela engoliu em seco, controlando as lágrimas e apertando as chaves na mão até sentir dor, como se aquilo pudesse trazê-la de volta à realidade e arrancá-la daquela ilusão. Olhava para Penafor, à espera de vê-lo sumir, mas ele continuava imóvel na sua frente. Ele era real.

— Como é que você descobriu onde eu estava?

— Foi Miguel Besson que descobriu.

— E quem mais sabe onde estou?

— Só Miguel e a pessoa que ele contratou — disse, se aproximando dela. Acariciou o seu rosto com carinho. Ela estava diferente. O olhar era mais suave.

— Então Dimitri também pode me encontrar — respondeu, pensando em Fernando.

— Não. Ele não vai encontrá-la — assegurou Penafor.

— Não é por mim que estou preocupada, Penafor — disse baixinho, com as lágrimas rolando livres pela face. — É pelo nosso filho.

Penafor olhou para ela, comovido, lutando contra o nó na garganta que o impedia de falar:

— Eu sei. Eu sei — fez uma pequena pausa antes de explicar: — Miguel falou-me sobre ele, sobre o nosso filho.

Ela deixou cair a chave e a bolsa no chão e abraçou-o, rendida às artimanhas do destino. Aquele era o homem que amava e estava ligada a ele de muitas formas. Penafor apertou-a entre os braços, tentando, simultaneamente, matar a saudade e protegê-la.

— Temos que ir buscar o Fernando — disse ela. — Conversamos em casa.

Penafor sorriu. Agora, além de estar em paz, estava também feliz: tinha uma família. Baixou-se para pegar a bolsa e a chave e entregou-as a Martha. Ambos estavam com as mãos ligeiramente trêmulas. Aquele foi o primeiro dia em que Martha, sempre tão pontual, fechou o correio depois do horário normal e chegou atrasada à escola do filho.

Martha pôs Fernando no colo e ele esticou a mão miúda e perfeita em direção ao homem que estava ao lado da mãe. Penafor tentava

se controlar, sentindo sobre ele o olhar curioso das duas professoras. A mais velha avançou para Martha, disposta a começar uma conversa, que certamente seria sobre Penafor. Mas Martha antecipou as suas intenções e disse, pegando a bolsa de Fernando, com roupa, fraldas e mamadeiras:

— Precisamos ir. Hoje estou um pouco atrasada.

Penafor pegou a bolsa das mãos dela e caminhou ao seu lado. Martha ainda não tinha chegado à sua casa quando as especulações sobre o homem misterioso que a estava visitando tomaram conta da vila.

Na casa simples, mas confortável, resguardados dos olhares curiosos, Penafor cedeu finalmente às emoções. Pousou a bolsa sobre a mesa, abraçou Martha e o filho e foi sacudido por um soluço involuntário, enquanto as lágrimas molhavam a blusa de Martha, no local onde ele encostara o rosto. O bebê agitava as mãos, tentando alcançar o seu objetivo até conseguir o que queria: prender uma mecha do cabelo de Penafor e puxá-la com toda a força. O pai levantou o rosto, olhou-o emocionado e deixou que ele continuasse puxando o seu cabelo. Foi a mãe que disse, com doçura, pegando nos dedinhos e tentando parar os seus movimentos:

— Não, filho. Não pode puxar o cabelo do papai.

Penafor chorou, de novo, ao ouvi-la dizer pela primeira vez a palavra “papai”. Pediu:

— Pode deixar.

— Não. Depois ele acha que pode fazer isso com todo mundo — argumentou com um sorriso. Desde que Fernando nascera, era a primeira vez que sentia alguma segurança. Antes de Penafor chegar, vivia com o medo constante de que acontecesse alguma coisa com ela, por não haver mais ninguém para cuidar de Fernando. Mas agora, Penafor estava ali e a sua presença fazia toda a diferença.

Lembrou-se de dona Clara. Tinha evitado contar a verdade, para garantir a segurança do seu filho, mas o destino colocou-a de frente para os eventos que tentara manter ocultos.

Miguel observava os Guardiões, esperando uma oportunidade para revelar o que sabia sobre o *herdeiro natural* e, principalmente, expor a identidade de Daniel. A reunião após o retorno de Alessia e Seth da Alemanha parecia ser o momento ideal.

Alessia e Seth revelaram as descobertas sobre a identidade dos doze Dragões Verdes, e a existência de um local secreto, defendido como uma fortaleza. Além disso, o fato de os soldados terem atacado Seth e Alessia somente porque eles se aproximaram para pedir informações indicava que algo muito importante era mantido ali.

— Concordo com você, Seth — disse Dib. — Essa propriedade deve ser o local onde treinam os soldados de elite. O que acha, Besson?

— É provável — concordou Miguel, adicionando aquelas informações às que já possuía desde o seu encontro com Lucrezia. Fez uma pausa e decidiu que chegara a hora de revelar o que sabia. — Tenho informações que gostaria de partilhar, mas preciso que me escutem antes de tirarem conclusões e me condenarem.

O pedido pôs todos de sobreaviso, especialmente Dib, que tratava Miguel com frieza desde que Lucrezia escapara.

— A primeira é que eu ajudei Lucrezia — falou diretamente para Dib. — Eu menti quando neguei a minha participação na fuga. Por favor, me desculpe.

Dib anunciou, sem surpresa:

— Eu estava seguro disso. E suponho que agora dirá que a ajudou em função de um benefício maior, que justifica o ato imperdoável de libertar um Anjo Negro. É isso?

— Sim.

— Lamento informá-lo que nada justifica a sua atitude — avisou Dib. — Lucrezia livre é muito mais perigosa que qualquer ameaça que ela possa ter revelado.

— Escute-me antes, por favor — pediu, lembrando bem das consequências que Dib citara, se ele tivesse ajudado Lucrezia. Miguel estava seguro de que as informações que recolhera tinham valido os riscos a que se submeteu.

Dib não respondeu e continuou a olhá-lo friamente, esperando que Miguel falasse.

— Lucrezia entregou a lança a um *herdeiro natural* que está em Berlim, onde ela se encontra agora. Juntando essa informação com tudo o que Alessia e Seth descobriram, temos certeza de que Berlim é o centro do plano e a Sociedade do Dragão Verde está por trás da ascensão do nazismo — fez uma pausa, para avaliar a reação de todos, sabendo que não acrescentara nada de novo. — Lucrezia disse que Jean Luc Messie foi apenas uma manobra de diversão. O verdadeiro Anunciado é o *herdeiro natural*.

— Já sabemos que os Dragões têm um exército e estão infiltrados economicamente nas maiores empresas do mundo, preparando a ascensão do Quarto Reich. Nada disso é novidade — Dib resumiu a situação, mantendo a sua atitude fria. — Lucrezia preparou o verdadeiro Anunciado e ele está em Berlim. Portanto, o *herdeiro natural* tem que ser um dos onze Dragões remanescentes, após o suicídio de Max Küchler. O ministro das finanças está descartado, porque só se juntou ao grupo para substituir Küchler — justificou Dib. — A grande questão para descobrir a identidade dele é a

seguinte: por que é que Lucrezia Zani o considera o *herdeiro natural*?

— Um *herdeiro natural* é alguém que tem direito ao lugar, um sucessor, um descendente — afirmou Seth falando vagarosamente, como se pudesse ter alguma ideia.

— Mas um descendente de quem? — perguntou Elizabeth.

— Essa é a resposta que precisamos descobrir entre esses onze Dragões — disse Dib.

— Eles encobriram a sua ascendência: aparentemente nenhum deles descende de nazistas — afirmou Alessia, totalmente recuperada. — Eu e Seth já verificamos isso.

— Mas, na realidade, sabemos que todos descendem de nazistas importantes. Küchler afirmou na carta que o lugar é herdado — Dib parou um instante, antes de concluir. — Talvez o verdadeiro objetivo do *Stille Hilfe*, o grupo secreto que ajudou os seis Dragões no final da guerra, fosse o de garantir a sobrevivência da geração seguinte, a geração dos filhos.

— E esta nova geração que está no poder são os filhos ou netos dos nazistas da Segunda Guerra — disse Uchoa.

— E um deles é o verdadeiro líder. Precisamos descobrir quem é e por quê — afirmou Dib, fazendo uma pausa para pensar, antes de dizer: — Eu apostaria em Dieter Steinbach. É ele que está concorrendo ao lugar de chanceler da Alemanha.

— Concordo com você — disse Alessia. — Ele é o representante dos nazistas. E na Alemanha só se fala nele.

— Resta saber por que ele é o *herdeiro natural* — afirmou Dib, antes de voltar sua atenção para Miguel. — Mas nada do que você nos disse justifica a liberdade de Lucrezia. Concorda, Besson?

— Sim. Mas a verdadeira razão para ter ajudado Lucrezia foi De Payens.

Pela primeira vez desde que confessara o seu papel na fuga de Lucrezia Miguel sentiu que conseguira a atenção de todos.

— O que tem Daniel? — questionou Elizabeth, e o leve tremor da sua voz não escapou a Miguel. Ele sentiu uma raiva quente no estômago, ainda inconformado por não ter percebido que Elizabeth o rejeitara por estar apaixonada por Daniel.

— Vocês alguma vez se perguntaram por que sete poderosos Guardiões nunca conseguiram causar o menor dano a Lúcifer? E mais do que isso: alguma vez o viram ou enfrentaram, em tantos séculos da nossa existência?

— O que está querendo dizer? — questionou Elizabeth de novo.

— Estou dizendo que nunca ninguém viu Lúcifer — respondeu Miguel, fazendo uma longa pausa. Percebeu que os Guardiões estavam inquietos, suspensos nas palavras dele. E então ele revelou o grande enigma, com a voz séria e firme: — Isso não aconteceu porque Lúcifer e De Payens são a mesma pessoa.

Elizabeth olhou para Dib, procurando entender aquela informação à luz das três misteriosas visitas de Daniel. Mas Dib devolveu-lhe um olhar tranquilo, tentando assegurá-la de que estava tudo bem. O olhar de cumplicidade dos dois não escapou a Miguel e ele deduziu, de imediato, que ambos sabiam mais do que demonstravam. Para inflamar os ânimos, Miguel preparou uma armadilha: referiu ardidamente o conhecimento de Dib sobre Daniel, quando haviam abordado o inexplicável desaparecimento do seu corpo.

— Talvez De Payens fosse mesmo especial e fosse essa parte da sua natureza que Dib não quis nos revelar. — O descrédito de Dib enquanto líder ainda não consagrado e a ausência dos poderes máximos concedidos pelo Graal iriam deixá-lo fragilizado. Se os Guardiões se rebelassem contra ele, um novo líder teria que ascender. Alessia já havia renunciado. Seth e Uchoa não pareciam

interessados em assumir a liderança. E Elizabeth não tinha experiência ou força para isso. Restava Miguel Besson e para que ele se consagrasse teria que ter acesso ao Mosteiro e, por fim, a todos os seus segredos. Mas antes, Miguel teria que destruir Dib.

Os olhares de todos deslocaram-se de Miguel para Dib, aguardando a sua reação. Se Dib quisesse manter a liderança incólume teria que se defender, expondo o que sabia sobre Daniel. Dib sorriu abertamente. O sorriso amplo iluminou todo o seu rosto, parecendo ter a capacidade de diminuir a tensão da sala. Miguel surpreendeu-se com a reação. Tinha certeza de que o havia encurralado e não havia como Dib se livrar daquela situação a não ser confessando a verdadeira natureza de Daniel, algo que só ele sabia.

— Besson, suponho que essa informação foi a razão para que libertasse Lucrezia Zani — disse Dib, mantendo o sorriso e ocultando as preocupações geradas pelas palavras de Miguel. — Eu não acredito nisso, ao contrário de você. Mas vou dizer aquilo em que acredito: Lucrezia Zani tem interesse em destruir os Guardiões e... Lúcifer, claro. Com essa simples informação consegue as duas coisas. Neste momento, estamos vulneráveis e em menor número, e qualquer luta contra Lúcifer seria fatal para nós, mas certamente iríamos enfraquecê-lo. E enquanto estivéssemos lutando, Lucrezia teria oportunidade para dominar o mundo através do Quarto Reich — percebeu que os seus argumentos encontravam eco nos Guardiões. E na verdade, eram similares aos argumentos que Miguel já havia enumerado a Lucrezia. Aquela explicação racional estava desmontando a armadilha de Miguel. Dib fez uma pausa de alguns segundos, antes de anunciar com o rosto sério: — Eu acho que a Lucrezia o enganou, Besson.

Miguel olhou para ele e, por um instante, duvidou se não teria sido mesmo assim — se ela não o teria enganado. Questionou se os seus desejos não poderiam ter ofuscado a sua visão da realidade. Mas depressa se recompôs e voltou a defender a sua posição.

— Claro que ela tem interesse em destruir Lúcifer e os Guardiões, mas isso não significa que esteja mentindo sobre De Payens. Como você explica o seu desaparecimento e o fato de nunca ninguém ter visto Lúcifer?

— São duas questões diferentes. Vou falar sobre Daniel uma última vez. Mas antes quero dizer que, se você insistir em lançar dúvidas sobre Daniel, eu retiro o seu convite para participar da Ordem — rematou Dib, adotando uma atitude autoritária que mostrava o seu desejo de encerrar o assunto. Precisava pensar rápido e tomar uma atitude para terminar de vez com os temas recorrentes sobre Daniel.

— Não vai responder às minhas questões? — inquiriu Miguel, provocante.

— Vou responder e pretendo começar falando da sua atitude. Você libertou Lucrezia contra a minha orientação. A informação de Lucrezia é falsa e atende exclusivamente os interesses dela — Dib viu Miguel sorrir, mas ignorou a provocação, porque estava longe de ter acabado de falar. — O seu interesse, Besson, sempre foi claro para Daniel e para mim: você tem determinados sentimentos em relação a Elizabeth, mas o seu objetivo principal é o de saber a localização do Mosteiro e conseguir o poder máximo da Ordem, o poder do Supremo, dado pelo último estágio da Consagração. Aliás, foi por isso que abandonou a Ordem, levando as relíquias sagradas — todos estavam silenciosos e imóveis, impressionados com a postura direta de Dib. Nunca nenhum deles o tinha visto com aquela firmeza fria, que não deixava margem para que fosse questionado.

— Arturo se negou a dividir o poder, seguindo a antiga lei de que o Supremo só seria substituído após a sua morte. E Daniel o apoiou. Dos três Guardiões originais de Montségur, você foi o único que nunca soube a localização do Mosteiro. Sabe por quê?

Miguel estava pálido. Era óbvio que ele conhecia bem os motivos para aquela situação, mas nunca imaginou que Dib fosse tão longe e desenterrasse tantos fatos dolorosos de modo tão cru. Dib continuou falando, com o olhar gélido pousado em Miguel:

— A razão é simples: nem Arturo nem Daniel confiaram em você. A sua natureza oscila entre o bem e o mal, como, aliás, acontece com todos nós. Mas em você o mal vence demasiadas vezes, porque você age para atender os seus interesses puramente egoístas. O seu desejo pelo poder será a sua perdição, Besson. Foi o poder que você invejou em Arturo e invejaria em Daniel, se ele ainda estivesse aqui — Dib fez uma pausa antes de concluir — Então os seus interesses e os de Lucrezia são muito claros, e todas as informações que nos deu devem ser entendidas tendo por base este contexto.

Dib olhou os Guardiões um por um, avaliando as suas reações. Levantou-se da cadeira onde estivera sentado e começou a caminhar pela sala, obrigando-os a acompanharem-no com o olhar. Parecia mais alto e mais forte, naquela sua expressão de força, que contrastava tanto com a sua habitual brandura.

— Quanto ao fato de Daniel e Lúcifer serem a mesma pessoa, nunca ouvi nada mais absurdo. Você acha mesmo que o Graal iria consagrar um Anjo Negro durante setecentos anos e depois deixá-lo assumir o papel de Supremo? — parou um segundo, em frente a Miguel, antes de afirmar com um tom de voz mais alto e forte. — Pense no que você disse, Besson! Você foi manipulado!

Continuou caminhando em silêncio pela sala, antes de voltar a falar. Miguel manteve-se imóvel, aguardando o fim da dissertação de

Dib. Tudo o que não desejava era iniciar um confronto com ele naquele momento. Precisava pensar.

— E para finalizar, vou falar sobre a verdadeira natureza de Daniel. Ele foi dotado de uma parte divina superior à de qualquer um. Nós nos tornamos Guardiões, mas ele já nasceu Guardião. Essa é a sua essência. Daniel é um anjo que veio para nos ensinar. E vocês devem se recordar bem que o rito do Graal só se revelou completamente sob os conhecimentos de Daniel. Eu não estava lá, mas todos comentam que era como se Daniel soubesse tudo o que precisava ser feito. Você acompanhou esse ritual, Besson — comentou Dib, olhando para Miguel. — A primeira revelação absoluta do Graal só aconteceu quando deixaram Montségur e a última geração de Guardiões se juntou na França. E depois da Consagração, foi Daniel que ensinou todos a controlarem o seu lado animal — lembrou Dib. — Ele veio ao mundo para nos ajudar na transformação, recuperando um conhecimento que foi perdido. Ele nunca quis glória ou poder. Queria justiça e equilíbrio. Por isso o seu corpo desapareceu: por ele ser um Anjo de Luz, um dos protegidos do Divino.

A sala mergulhou no silêncio. Estavam todos surpreendidos com a revelação e ninguém sabia o que dizer. Até Miguel levou algum tempo para reagir àquela informação inesperada, que punha em causa o que Lucrezia lhe dissera, mas dava um novo sentido aos acontecimentos.

— Não é possível — disse Miguel, com descrédito.

— Se pensarem bem no comportamento de Daniel ao longo do tempo, verão que ele sempre foi diferente de nós. Ele sempre teve mais facilidade para se controlar, vencer as tentações e superar os dilemas — afirmou Dib.

Miguel sabia que aquela afirmação de Dib sobre Daniel era verdadeira, mas havia alguns pontos incongruentes. Perguntou:

— E como é que ele não sabe o que é realmente necessário para que o Graal nos consagre? Se ele é um Anjo de Luz, como pode desconhecer a essência da Consagração?

Dib encarou-o, esboçando uma expressão séria:

— Como pode questionar isso, Besson? Sempre soubemos que os caminhos do Graal são insondáveis. E nem mesmo Daniel pode saber isso, porque a Consagração é uma emanção do próprio Divino.

— E por que Daniel não queria que soubéssemos sobre a sua natureza? — quis saber Elizabeth, devolvendo o foco da conversa a Daniel.

— Ele queria ser um de nós, igual a nós — disse Dib.

Miguel sacudiu a cabeça, irritado, tentando encontrar alguma lógica em tudo aquilo: se Dib estivesse dizendo a verdade, significava que Lucrezia tinha mentido. Miguel tentou entender como se deixara ludibriar por Lucrezia.

— Isso explicaria a facilidade com que ele dominou Lucrezia no porão e a atirou contra a parede — comentou Miguel, pensativo, refazendo mais uma vez o seu raciocínio, perante as informações fornecidas por Dib.

— Então ele está vivo? — questionou Alessia, perplexa, não conseguindo evitar uma sensação de traição, juntamente com os outros Guardiões. Mas Dib esclareceu o assunto, de modo a apaziguá-los.

— Ele está em outra dimensão. Fez um acordo com Samael e está pagando a dívida por ter resgatado Elizabeth da morte. Ele sabia que não poderia retornar. Foi por isso que eu insisti tanto que Daniel não voltaria — comentou Dib, voltando a ocupar a sua cadeira. — Eu

acredito que foi Samael, ou alguém por intermédio de Samael, que o veio buscar.

— E por que não nos falou de Daniel? Você sempre soube isso? — perguntou Alessia.

— Sim, mas não dependia de mim. Eu não podia falar sobre o assunto. Daniel não desejava revelar a sua identidade e queria que continuássemos o nosso trabalho — declarou Dib, percebendo o alívio de todos perante a confirmação da notícia de que Daniel continuava existindo, apesar de estar em outra dimensão. O fato de não terem sentido Daniel dissipar-se sempre os deixou na dúvida. Dib sabia que aquele era o momento de definir os passos seguintes:

— Agora que já esclarecemos a identidade de Daniel, precisamos nos concentrar e resolver outras questões — Dib voltou-se para Miguel e anunciou com a voz calma, tomando mais uma vez uma decisão que favorecia a Ordem: — Besson, não vou pedir que se afaste da Ordem porque espero que nos ajude a destruir Lucrezia. Você é quem a conhece melhor e isso será muito útil — afirmou Dib, antes de frisar: — Tudo o que ela lhe disse foi com o objetivo de nos dividir e enfraquecer.

Miguel sacudiu a cabeça em sinal de anuência. Sentia-se furioso por ter ficado claro para todos que Lucrezia o enganara. Aquilo não ficaria assim. Ele precisava debruçar-se mais sobre o assunto e tentar descobrir a verdade sobre Daniel: ainda não estava convencido.

Naquele momento Dib estava oferecendo a Miguel uma oportunidade de se vingar de Lucrezia, caso ele confirmasse que ela o havia enganado. Decidiu não falar sobre os sete espelhos que funcionavam como portais para o submundo até estar seguro sobre aquela informação e tinha uma ideia de como poderia validá-la.

— Vou pensar numa forma de destruir Lucrezia — a voz tensa mostrava a irritação de Miguel por ter sido manipulado por Lucrezia.

— Paralelamente, vamos continuar atentos aos movimentos dos nazistas — avisou Dib. — Mas o nosso foco agora é Lucrezia.

Lucrezia caminhava pela sala redonda, dando pequenos passos enquanto observava a jovem adormecida no centro do Sol Negro, desenhado no chão. Escutou a porta se abrindo e imaginou a surpresa que a sua presença causaria.

Dieter entrou, seguido de Halder e Lynn. Desde o instante em que Lynn conheceu Halder, percebeu o quanto ele era importante para Dieter e sentiu que ele a observava constantemente, como se a estivesse estudando e tentando adivinhar o que ela seria capaz de fazer.

Dieter parou na porta ao ver Lucrezia e franziu a testa em sinal de desagrado. Trocou um olhar de cumplicidade com Halder, e ele compreendeu a mensagem: precisavam se livrar dela, de uma vez por todas. Já sabiam que escapara da prisão, mas não imaginavam que se arriscasse a vir ali, se expondo numa viagem da França à Alemanha.

— Como conseguiu entrar? — perguntou Halder avançando até junto dela.

— Tenho os meus métodos — afirmou sorrindo, antes de garantir: — Ninguém me viu.

— Isso não é possível — afirmou Halder se questionando sobre como ela conseguira invadir uma área restrita, totalmente segura, sem ser notada.

— É uma pequena demonstração do que posso fazer. Tenho muitas habilidades — afirmou, sabendo que lhe bastara apenas

apagar a memória dos que a tinham visto. — Lembra-se do nosso combinado, Dieter? Almas e lealdade!

Dieter olhou-a friamente. Não estava disposto a ser pressionado por ninguém.

— O meu dever primeiro é com a Alemanha. Sabe disso, não é? Não podia arriscar uma associação com você, tentando libertá-la.

— Podia ter enviado alguém para me ajudar. Há sempre um jeito — sugeriu ela.

— Hoje tudo é rastreável e a sua presença é uma ameaça. Você matou centenas de crianças — lembrou Dieter. — O que deseja?

— Você sabe... Vim cobrar a minha parte do trato.

Dieter foi ao armário, pegou na lança e voltou para junto de Lucrezia. Olhou-a com atenção, antes de entregar o saco negro:

— É sua. Leve-a.

Lucrezia surpreendeu-se: não tinha previsto aquela atitude. Ninguém rejeita a lança. Ela é a fonte do poder. Sorriu, incrédula. Dieter estava sendo muito estúpido.

— Sem a lança não haverá Quarto Reich — avisou ela.

— Estou disposto a arriscar — Dieter parecia seguro da sua decisão, continuando com a lança estendida em direção a ela. Lucrezia hesitou. Precisava voltar ao controle da situação. Aproximou-se do rosto dele e mordeu as palavras:

— Você só existe porque eu permiti.

Dieter sorriu e retrucou, talvez por desconhecer quem ela era realmente:

— Não imagino como isso pode ter acontecido. Mas se você *permitted*, como diz, e eu não fizer o que deseja, certamente vai me destruir — sorriu, antes de concluir. — Suponho que já tem quem ocupe o meu lugar e esteja disposto a começar uma guerra para que

você tenha as almas e a lealdade que tanto deseja. Não é isso que quer?

Os olhos dela brilharam de raiva. Perdê-lo arruinaria os seus planos e iria obrigá-la a esperar mais alguns anos. Precisava fazer com que ele lhe obedecesse. Olhou para Lynn, avaliando-a com intensidade, e quando se voltou de novo para Dieter, anunciou:

— Você cumpre o trato e ela vive — apontou o indicador para Lynn, ameaçadora.

Dieter sorriu e, sem levar muito a sério a ameaça, ofereceu de novo:

— Leve a lança.

Lucrezia virou as costas e abandonou a sala, sem a lança.

Dieter devolveu a lança ao armário, de onde a havia tirado minutos antes. Depois voltou-se para Halder e perguntou, referindo-se à jovem que permanecia imóvel, deitada no chão:

— Quando a sequestrou, ela viu o seu rosto, Halder?

— Não viu nada — assegurou o general. — Injetei uma boa dose de meperidina.

— Então solte-a. Não haverá rituais — Dieter olhou para Lynn, avaliando-a, e percebeu que ela parecia aliviada com a decisão dele.

— Tem certeza, Dieter? A lança foi usada na Segunda Guerra... — lembrou Halder.

— E olhe no que deu — interrompeu Dieter, saindo da sala com passos largos, decidido a ignorar a mística e as promessas em torno da lança. Estava irritado com a ameaça que Lucrezia fizera. Ninguém o obrigava a fazer nada que não quisesse. Tinha que livrar-se dela. Mas antes tinha que resolver outro problema: Lynn. Não seria ainda daquela vez que testaria a sua fibra e lealdade, obrigando-a a assassinar alguém. Precisava pensar noutro modo de testá-la.

14. Fragilidades

Uma ideia pode levar ao obscurecimento das sensações e distrair da realidade corrente [...], mas nenhuma ideia tem a força de nos arrebatara a um ponto tal que não paremos de repente perante um fato impressionante e não lhe sacrificuemos tudo o que, durante anos de trabalho, tenhamos feito em prol da ideia.

Fiodor Dostoievski (1821-1881)

A crise na Europa parecia ceder, ainda que lentamente. O início da recuperação enchia as pessoas de esperança e projetos — algo que não acontecia há anos. Temple sabia que sem esperança não havia futuro: essa era a chave dos planos bem-sucedidos.

Rudolf Halder convenceu os membros do conselho a sancionar um novo atentado contra William Temple. Explicou que já tinha dois homens em Londres e não podiam continuar esperando uma resposta do assassino, Oliver Bassan, enquanto Temple fortalecia a sua liderança carismática na Europa, competindo diretamente com Dieter. Os planos para Dieter assumir a Alemanha estavam próximos: as pesquisas já o consideravam o próximo chanceler. Ele

só perderia se houvesse uma catástrofe ou um escândalo de proporções homéricas.

Rudolf Halder ordenou que Klaus Jürgen iniciasse os preparativos para assassinar o primeiro-ministro inglês. Klaus e Anton começaram a treinar com as armas que usariam, e assim que Klaus recebesse a agenda do premiê, escolheria o local para o atentado e traçaria as rotas de fuga.

Oliver tinha ido ao correio três vezes para pesquisar os hábitos de Martha. Conversou com ela e o seu inglês irrepreensível parecia ser o único resquício da pessoa que ela tinha sido. Percebeu que ela mantinha uma garrafa de suco ao seu lado, sobre o gasto balcão de madeira, que ia bebendo durante o dia. O balcão era baixo e não possuía as modernas proteções que separam o atendente do resto das pessoas.

Oliver planejou adicionar a batracotoxina, o mortal veneno de rã, ao conteúdo da garrafa. A morte dela não causaria suspeita e seria atribuída a um animal peçonhento. Todos os dias, na vila, havia alguém que matava cobras, escorpiões, aranhas ou outros animais perigosos.

Sentado na esplanada, Oliver viu Penafor com o bebê ao colo e Martha caminhando ao seu lado. Formavam uma inesperada família feliz. Dirigiam-se ao correio. Martha abriu a porta quando o relógio marcava exatamente oito e meia, fazendo jus à sua pontualidade habitual. Penafor entrou com ela no correio para despedir-se com um beijo, evitando o olhar curioso das pessoas. Segundos depois, Penafor deixou o correio levando o bebê. Oliver percebeu que a criança ficaria com o pai e não iria para a escola naquele dia. O bebê estava feliz no colo de Penafor, rindo agitado e fazendo pequenos

barulhos, em busca das palavras. Penafor atravessou a rua e sentou-se numa mesa próxima de Oliver Bassan. Ele o observou, através dos óculos muito escuros: Penafor pediu um café e um pão com manteiga. Falava com o filho com calma e mantinha os olhos úmidos, carregados de ternura, como se fosse começar a chorar a qualquer instante. Aquilo incomodou Oliver: o bebê feliz no colo do pai, ainda surpreso com aquele presente milagroso da vida.

Oliver tinha consciência de que vinha protelando o assassinato, deixando os dias passarem, inventando todas as desculpas possíveis, mas precisava resolver o assunto de vez. Um homem com o trabalho dele não podia se dar ao luxo de ter hesitações, dúvidas ou fragilidades.

Elizabeth sabia que muito do conhecimento acumulado na sua memória tinha sido transmitido por sua mãe. Durante os meses em que Angelina estivera dentro do seu corpo, Elizabeth aprendeu ritos e magias que aumentavam os seus poderes de pitonisa, que a ajudavam a sonhar ou a proteger-se dos maus espíritos, vivos ou mortos.

— Eu quero libertar a minha mãe — pediu, quando todos estavam tomando o café da manhã, surpreendendo-os. — Ela me ajudou com as visões sobre Lucrezia, protegeu-me e transmitiu-me o seu conhecimento. Mas chegou o momento de deixá-la partir.

— Faremos o ritual — concordou Dib. — Besson tem mais experiência em lidar com a libertação da alma, e acho que deve ajudá-la. Pode ser, Besson?

— Sim — anuiu Miguel, ainda desconfortável com o fracasso da sua revelação sobre a identidade de Daniel, e com as palavras de Dib, relembando o seu passado e expondo as suas intenções. Mas

só ele parecia incomodado, porque todos os outros o continuavam tratando como se aquele incidente e o fato dele ter ajudado Lucrezia não tivessem acontecido. Porém, algo tinha ficado bem claro: Besson continuava sendo alguém em quem não podiam confiar. E, apesar de todo o esforço que fizera até ali para aceder aos segredos do Mosteiro terem desmoronado, Miguel, com seu jeito obstinado, considerou que aquela situação não passava de um revês momentâneo. Precisava voltar a conquistar a confiança deles e garantir que desta vez não cometeria erros.

— Quando quer fazer o ritual, querida? — perguntou Alessia, preocupada. Desde que Angelina estava com Elizabeth percebia as transformações no seu comportamento e sabia que ela estava sendo protegida pela mãe. Mas a partir do instante em que Angelina partisse, Elizabeth ficaria sozinha e Daniel também já não estava ali para protegê-la.

— O mais rápido possível — respondeu Elizabeth, decidida.

— Começamos amanhã. Mas durante os três dias que precisa jejuar vai ficar vulnerável — avisou Miguel. — Precisa estar isolada e em um ambiente protegido.

— E se essa regra não for cumprida? — perguntou Elizabeth, trocando um rápido olhar com Dib. Estava claro para ambos que ela não poderia estar com Daniel, se ele tentasse atravessar o espelho de Iblis.

— Essa é principal regra que garante a sua proteção — avisou Miguel. — O ritual vai enfraquecê-la e você pode ser dominada por um espírito maléfico, que também impedirá a libertação de Angelina.

— E depois, o que pode acontecer?

— Teremos que realizar um exorcismo — disse, antes de revelar o resto da verdade chocante. — E a sua mãe é expulsa juntamente

com o ser maléfico, mas pode ficar presa na sua órbita se ele for muito poderoso.

Elizabeth compreendeu os riscos a que estava sujeita. Mas, ainda assim, naquele mesmo dia, Dib procurou-a para enfatizar os perigos que ela corria:

— Elizabeth, você só pode estar com Daniel após o ritual de libertação da sua mãe.

— Não acredito que ele tenha se tornado um ser maligno.

— Não sabemos o que ele é neste momento — afirmou Dib, expressando abertamente o que pensava. Ela ficou chocada com a crueza dele, mas Dib continuou: — E é o que precisamos descobrir. Depois de libertar a sua mãe, terá que redobrar os cuidados, porque ela já não poderá protegê-la. Por isso, pergunto: acha que este é o momento certo para deixá-la ir?

— Não sei, mas também não posso mantê-la presa no meu corpo por mais tempo, impedindo-a de evoluir para satisfazer as minhas necessidades egoístas. Já basta ela ter ficado vinte e cinco anos presa no Punhal.

Dib entendia os argumentos dela, mas tinha dúvidas se ela seria capaz de enfrentar Daniel sem a ajuda da mãe. Além disso, a fragilidade de Elizabeth durante os três dias seguintes representava mais uma ameaça, a adicionar às outras que pendiam sobre ele: a liberdade de Lucrezia, a ascensão dos dragões, o desconhecimento do paradeiro de Daniel, que continuava vagando no mundo terreno, e a confusão aparente com a sua identidade. Além disso, havia ainda a busca dos novos guardiões, um tema vital sobre o qual Dib ainda não tivera tempo de se debruçar.

Tom Hogdson chegou a Berlim no final da manhã e foi direto para o apartamento da sua filha. Havia dois dias que ninguém conseguia falar com ela e quando ligavam a chamada caía na caixa postal.

Tocou a campainha e, após um silêncio prolongado, usou a sua chave para entrar. O apartamento estava imaculadamente arrumado, refletindo a personalidade metódica de Lynn, que era o oposto da irmã Tess, dois anos mais nova, um verdadeiro furacão que desarrumava tudo por onde passava. Embora fossem muito unidas, Lynn não telefonava à irmã havia vários dias, o que também não era normal. Percebeu que a filha não dormira em casa e sentiu a ansiedade aumentar. Notou que ela tinha várias revistas com reportagens de Dieter Steinbach.

Ansioso e preocupado com a falta de notícias, ligou o computador dela para ver se encontrava alguma pista, mas não havia sequer um e-mail de Dieter. Nada. Se Lynn não tivesse contado à mãe que estava apaixonada por Dieter, ele jamais descobriria qualquer ligação entre eles. Sendo um jornalista experiente, Hogdson sabia que a ausência de sinais de um relacionamento é sempre sinônimo de problemas. E certamente não era Lynn que estava querendo ocultar a relação, mas Dieter. Decidiu esperar até o final do dia, mas à medida que as horas passavam e o celular dela permanecia mudo, a sua preocupação crescia. No início da noite ele estava muito ansioso, imaginando o pior. Lynn nunca ficara sem atender o celular durante tanto tempo e quando ouvia uma mensagem dos pais sempre retornava. Tinha certeza de que algo acontecera com a filha.

Martha achou que o convite de dona Clara para o jantar seria uma oportunidade para contar quem era Penafor. Precisava se livrar daquele segredo e da culpa por não tê-lo revelado antes.

As suas dúvidas sobre a relação entre dona Clara e Penafor foram rapidamente sanadas: eles sentiram empatia imediata, dominados por uma estranha sensação de familiaridade, como se já se conhecessem.

Quando estavam tomando café e comendo bolo de mandioca, Penafor sentou-se na velha poltrona que pertencera ao marido de dona Clara e cruzou as pernas, apoiando as costas no espaldar. Nesse instante dona Clara sentiu um aperto no coração e finalmente entendeu o que estava acontecendo: Penafor lembrava o seu marido. Levantou-se e foi buscar algumas fotografias que guardava num álbum muito manuseado.

Martha sabia onde aquilo ia parar. Conhecia bem aquele álbum, porque dona Clara cismara que Fernando era parecido com o seu filho César e já mostrara várias vezes as três únicas fotos que tinha dele. O que Martha desconhecia era que dona Clara também queria mostrar como Penafor se parecia com o seu marido. Mas antes que ela pudesse falar de coincidências e semelhanças, Martha decidiu esclarecer os misteriosos laços que os uniam. Levantou-se e pediu delicadamente à dona Clara:

— A senhora pode me emprestar o álbum? Eu já devolvo — ela entregou o álbum com visível desagrado. — Antes de vermos as fotografias eu preciso contar uma coisa.

Martha sentou-se de novo, com o álbum sobre as pernas, e falou devagar, como se estivesse contando uma história difícil:

— Há exatamente quarenta e três anos dona Clara viajou para São Paulo com Lívio, o marido, e César, o filho, ainda bebê. Ele foi sequestrado da casa de parentes e nunca mais o encontraram. Eu pedi ao Rui Queiroz, o coronel da Polícia Militar de São Paulo, que procurasse por ele. As chances de encontrar o bebê eram muito pequenas.

Martha fez uma pausa, observando dona Clara. Ela estava comovida e tinha certeza de que naquela noite ia descobrir o destino do filho. Martha retomou a história, dando uma rápida mirada em Penafor. Ele estava escutando por educação e torcendo para que Queiroz tivesse encontrado o filho de dona Clara. Agora que era pai, sabia que ninguém devia passar a vida com a incerteza terrível sobre o destino de um filho.

— Mas Queiroz encontrou César, dona Clara.

— Eu sabia que você ia dizer isso. O meu coração estava me avisando — disse, pondo a mão sobre o peito, com os olhos marejados de lágrimas e a voz trêmula. — E onde é que ele está?

— À sua frente, dona Clara.

Ela levou alguns segundos para entender a mensagem e ergueu os olhos para o homem que ocupava a cadeira que pertencera ao seu marido, sabendo intuitivamente que era ele. Não foi capaz de dizer uma única palavra e começou a chorar em silêncio, enquanto olhava para Penafor, que não entendia o que estava acontecendo.

Penafor levantou-se para pousar a xícara de café sobre a mesa, ficando de costas voltadas para as duas por um momento, tentando racionalizar a revelação de Martha. Voltou o rosto em direção ao filho, para ver o menino dormindo tranquilo, alheio à revolução que acontecia na sala. Em menos de um minuto Penafor passara de espectador a protagonista, mas tinha certeza de que não pertencia àquela história. Sentou-se de novo, antes de dizer:

— A minha mãe era alcoólatra e morreu depois de ter me abandonado aos cuidados do meu pai. E ele era um homem bom que perdeu a vida num trágico e infeliz acidente — explicou para dona Clara, porque Martha já conhecia a história. Martha percebeu que ele realmente se apaziguara com a morte do pai: Penafor já

tinha lhe contado o que acontecera e que não guardava ressentimento pela pessoa responsável pelo acidente.

Martha disse, depois de observar dona Clara chorando silenciosamente:

— Tenho certeza de que ele o amou e cuidou de você como um filho, mas o seu pai biológico era Lívio. Você foi sequestrado por Leopolda.

Dona Clara falou pela primeira vez depois de saber que Penafor era seu filho, sem mostrar surpresa por Leopolda ser a sequestradora, como se o seu coração sempre tivesse sabido daquela verdade:

— A mulher que você pensa ser sua mãe era minha prima mais velha, Leopolda, filha da minha tia Josaína. Nós ficamos na casa da minha tia na viagem que fizemos para São Paulo. Não sei por que ela o levou, mas sempre achei que tinha sido ela — suspirou, dominada pela nostalgia, tentando resgatar as memórias. — Você era tão perfeito, tão parecido com o Fernando.

O nome da sua mãe era igual, e tudo poderia não passar de uma coincidência se a sua avó também não se chamasse Josaína, um nome incomum. Penafor começou a achar a história verossímil e entendeu as razões para o seu pai ter guardado um envelope com cópias das certidões de casamento de Josaína, de nascimento de Leopolda e seu, e um recorte de jornal com a notícia do desaparecimento de um bebê. Penafor encontrara aquele envelope com o seu nome anotado, depois da morte do pai, mas nunca lhe deu muita importância. Naquele momento descobriu que o seu pai o poupou da verdade. Penafor recordou o pai e amou-o ainda mais por aquele gesto.

Os últimos dias não estavam sendo fáceis para ele, com acontecimentos constantes que viravam a sua vida de ponta-cabeça:

primeiro a descoberta de que tinha um filho e agora a descoberta dos seus pais biológicos. Era visível que estavam todos com as emoções à flor da pele. Penafor não sabia o que dizer. Foi dona Clara que falou emocionada, enrolando com os dedos o lenço de tecido, que fora buscar no quarto para limpar as lágrimas:

— Estou feliz por ver você, meu filho. E agradeço ao homem que cuidou de você com tanto amor. Agora precisamos descansar. Amanhã vamos ver as fotografias — levantou-se e recuperou o precioso álbum das mãos de Martha.

Daniel tinha que impedir que Lúcifer concretizasse o plano de arrastar Elizabeth para o submundo. Para isso, precisava ter certeza de que ela compreendia que não podia confiar em alguém parecido com ele mas que não possuísse as suas cicatrizes.

Os riscos para voltar a visitá-la eram enormes: se Lúcifer descobrisse que ele tinha atravessado o portal da Biblioteca, poderia colocar os seus verdadeiros planos em perigo. E isso era algo que não podia acontecer.

Lúcifer podia estar interessado na beleza e nos dons de Elizabeth, mas a sua real intenção consistia em infligir o máximo possível de sofrimento a Daniel. Ele estava consciente de que Lúcifer havia esperado séculos para descobrir um ponto vulnerável na sua vida e agora que sabia do seu amor por Elizabeth iria usar isso para magoá-lo.

Quando, dias antes, Lúcifer argumentou que Elizabeth não conseguiria distingui-los e que iria enganá-la sempre na sua ausência, Daniel começou a pensar num plano para garantir a proteção de Elizabeth e revelar a existência de Lúcifer. Um plano que a impedisse de ser ludibriada por ele e de segui-lo para o submundo.

Ele conhecia bem Lúcifer e sabia que ele não resistia a um bom desafio, por isso, na primeira oportunidade, sugeriu algo que sabia ser irresistível. Propôs que se apresentassem os dois perante Elizabeth. Se ela descobrisse qual deles era o verdadeiro Daniel, Lúcifer o libertaria, mas se ela errasse, Daniel seria prisioneiro de Lúcifer pelo tempo que ele determinasse. Em qualquer dos casos, Lúcifer deixaria Elizabeth em paz. Ele achou o desafio tentador e imaginou que Daniel devia estar muito desesperado para recorrer a um estratagema daqueles e aceitou.

Lúcifer não acreditava que Elizabeth fosse capaz de distingui-los, mas Daniel estava depositando toda a sua fé, e destino, nas mãos dela.

Halder não podia permitir que Lynn se transformasse numa fragilidade de Dieter e, como não deixava nada ao acaso, já mandara instalar microfones no apartamento dela para garantir que ela não ia falar demais. Por isso, quando Lynn retornou a casa, por volta das onze da noite, e encontrou o pai esperando, o general acompanhou a conversa com interesse vivo.

E sendo precavido, Halder já tinha dois dos seus soldados de elite estrategicamente posicionados em frente ao apartamento dela, para eliminarem Lynn se fosse necessário.

— Onde você esteve, Lynn? — a voz do pai parecia cansada e, simultaneamente aliviada. — Não imagina o quanto me preocupei...

Hogdson abraçou a filha e observou-a com um olhar avaliador, em busca de algum sinal de que alguém pudesse tê-la machucado.

— Desculpe, papai. Eu não achava o meu celular e só o encontrei agora... — informou, sem saber que Halder é que ficara com o celular dela para copiar a agenda de contatos e garantir que

ninguém tentasse localizá-la. Depois mandara um dos seguranças colocar de volta na bolsa dela, na viagem de volta para casa.

— Mas devia ter me ligado, de outro lugar, para avisar.

— Eu sei, papai. Desculpe — pediu de novo, ainda abraçada a ele.

— Onde você esteve? — perguntou de novo.

Halder endireitou ligeiramente o corpo e apertou os fones de ouvido contra a cabeça, como se estivesse evitando perder qualquer palavra: a resposta àquela pergunta determinaria o quanto Lynn estava disposta a proteger Dieter.

— Com uma amiga, papai.

Hogdson conhecia a filha bem demais para não perceber quando ela estava mentindo:

— Diga a verdade, Lynn. Você nunca precisou me esconder nada. Esteve com Dieter?

Halder fechou os punhos, enraivecido. Hogdson já sabia que Lynn estava envolvida com Dieter. Ele era um jornalista competente e não faria uma pergunta daquelas se já não soubesse. Agora precisava descobrir como ele tinha chegado àquela conclusão.

— Não, papai. Eu gosto de Dieter Steinbach, mas... — hesitou, tentando explicar de forma convincente, com o rosto sério: — ele não quer ter nenhum tipo de relacionamento comigo. Ele diz que o foco dele é a Alemanha.

Halder reconheceu que a estratégia de Lynn fora inteligente: reconhecera que estava apaixonada, mas negou o envolvimento com Dieter, protegendo-o. Talvez ele tivesse subestimado Lynn, ou a lealdade dela a Dieter.

Hogdson olhou para a filha, surpreso. A forma como Lynn falara de Dieter à mãe, um homem que estava num patamar totalmente diferente dos habituais colegas de faculdade com quem ela podia flertar, indicara que o caso era sério. A mãe dissera que nunca tinha

ouvido Lynn falar de alguém como ela falara de Dieter, dias antes. Em seguida, Lynn explicou ao pai que estava apaixonada e tentara se aproximar de Dieter, mas era óbvio que ele não podia se envolver com ela. Hogdson entendeu o que estava acontecendo: tratava-se de um amor não correspondido. Apesar de Lynn sofrer com a rejeição de Dieter, o fato de ela não ter um relacionamento com ele era um alívio e significava que Hogdson podia publicar o seu artigo sobre ele e o grupo JKW sem temer retaliações contra a filha.

— Talvez tenha sido melhor assim — Hogdson voltou a abraçar a filha, solidário. — Ele não é o homem que todos pensam, Lynn. Você tem que acreditar em mim.

— O que quer dizer, papai? — perguntou, surpreendida com o comentário.

— Não vamos falar sobre isso. Está com fome? Vamos comer um lanche — disse dirigindo-se à cozinha, separada da sala por um pequeno balcão.

Lynn ficou preocupada com a frase, sentindo-se, pela primeira vez, dividida entre os dois homens que amava, o pai e Dieter. Mas Halder ficou bem mais preocupado que ela. O comentário de Hogdson indicava que ele sabia algo sobre Dieter e isso era péssimo porque ele tinha acesso às páginas de um jornal sério e importante. As dúvidas de Halder se transformaram em certezas quando o telefone de Hogdson tocou e o militar acompanhou as respostas do jornalista, embora não soubesse quem ele estava falando:

— Sim, está tudo bem. Eu tive que vir a Berlim ver a Lynn — explicou Hogdson.

— Não... Ela está bem — insistiu Hogdson. — A minha viagem atrasou a publicação do artigo que combinamos, mas eu volto amanhã e publicamos no dia seguinte.

— Claro, claro — concordou Hogdson, enfático. — Antes das eleições, até porque elas já serão no próximo final de semana.

— Sem dúvida que terá repercussões — continuou Hogdson. — Não sei se será o suficiente para abalar a liderança dele nas pesquisas, mas certamente vai gerar comentários e, principalmente, questionamentos.

— Sim, telefone quando chegar a Londres — disse Hogdson, finalizando a conversa.

Hogdson sentiu-se tranquilo por ter conversado com William Temple e assegurado que publicaria o artigo sobre Dieter. Até poucos minutos antes, não sabia se poderia publicá-lo, mas o fato de Lynn estar bem e não ter nada a ver com Dieter dava-lhe a segurança necessária para fazer o seu trabalho sem receio de pôr a filha em risco.

Miguel bateu com os nós dos dedos na porta do quarto de Elizabeth. Ele estava monitorando a libertação de Angelina.

— Vim ver como está — justificou, ocupando uma das poltronas, próxima do espelho, no canto do quarto.

— Estou bem — respondeu ela, sentando-se à frente dele.

— Algum sinal de fraqueza ou tontura?

— Nada.

Ele sacudiu a cabeça levemente, em sinal de concordância, observando-a com atenção. Apesar do seu interesse e cuidado com ela, a sua presença ali tinha outra razão.

— Preciso falar com você sobre De Payens — anunciou de chofre, atento à reação dela. Elizabeth manteve os olhos fixos nos dele, mas Miguel percebeu que ela apertou uma mão contra a outra e cruzou

as pernas, sendo notório o esforço que fazia para se controlar sempre que ouvia falar de Daniel.

— O que é?

— Eu sei o que estava acontecendo — anunciou sério. — As suas queimaduras foram feitas por ele — fez uma pausa, antes de concluir: — Vocês são amantes.

— Está enganado — discordou, com o olhar límpido. — Nós nunca fomos amantes.

Miguel hesitou perante a segurança dela. Elizabeth parecia estar dizendo a verdade, mas ele insistiu na sua teoria.

— Sei que está mentindo — apontou para o espelho e continuou falando. — Aquele espelho é um portal, e De Payens entrou no seu quarto por ali.

Elizabeth tremeu por dentro ao perceber o quão perto ele estava da verdade. Miguel estava juntando as peças e conjeturando, mas estava quase descobrindo a sua relação com Daniel, as visitas dele e o portal.

— Não sei do que está falando, Miguel.

— Como quiser... — respondeu friamente. — Mas quero avisá-la de uma coisa: se foi De Payens que passou por aquele espelho e deixou marcas de queimaduras no seu corpo, então ele é Lúcifer. E isso é algo que só você pode saber. Só você pode confirmar o que eu estou dizendo, Elizabeth. E talvez você tenha contado a Dib, porque no momento em que falei sobre a identidade de Lúcifer, vocês olharam um para o outro.

Elizabeth sentiu-se abalada pelas dúvidas, mas não se rendeu aos argumentos dele.

— Mesmo depois do que Dib contou sobre Daniel, você ainda acha que ele e Lúcifer são a mesma pessoa?

— Sim — arriscou-se, lembrando o aviso de Dib. Mas tinha quase certeza de que Elizabeth não revelaria a Dib aquela conversa.

— Foi Lucrezia que lhe disse que Daniel sai pelos espelhos e queima as pessoas?

— Não... — Miguel sorriu. Resumida daquela forma, a sua teoria parecia bizarra. — Lucrezia disse que a temperatura dele aumenta quando ele deixa o submundo. E explicou que há sete portais que ligam o submundo e permitem a passagem de Lúcifer e dos Anjos Negros.

Elizabeth pensava que a explicação de Miguel coincidia com o que acontecera: Daniel usara o espelho e o seu corpo ficara quente, mas havia elementos dissonantes.

— Se a temperatura de Daniel aumenta, como é que ele ficou entre nós por tanto tempo? A sua teoria é inconsistente. Daniel não tem nada a ver com Lúcifer.

— Não sei como ele conseguiu ficar aqui, mas algo está errado com De Payens — afirmou Miguel. — Lucrezia reconheceu-o quando ele entrou no porão da casa dela. E antes que ela pudesse falar, ele paralisou-a e silenciou-a.

Elizabeth sabia que algo estranho estava acontecendo com Daniel, mas não podia dividir a sua angústia com Miguel, porque isso a faria revelar as visitas dele através do misterioso espelho. Nesse instante, um pensamento absurdo se formou na mente dela. Algo que tinha estado latente, mas ela não tinha percebido. Nem ela, nem ninguém. Mas tratava-se de algo tão terrível que ela não se atrevia a acreditar que fosse verdade. E se o homem que a visitara fosse um impostor: alguém que se apropriara da identidade de Daniel e o mantinha preso em algum lugar? Alguém que conseguia adquirir a forma de Daniel? Miguel viu que ela ficou pensativa e quieta.

— Elizabeth? O que foi? — Perguntou inclinando-se um pouco para tocar nas mãos dela. Sentiu que os dedos dela estavam frios. Ela levantou os olhos que fixara obstinadamente no chão enquanto pensava e olhou-o.

— Nada... — mentiu. — Eu só acho que Lucrezia não é confiável.

— Sim, mas isso não invalida a teoria sobre De Payens — disse, sem soltar os dedos dela. — Só quero que me responda uma única pergunta. Eu preciso saber, porque amo você — afirmou, olhando-a intensamente. Ela desviou o olhar, sem saber o que dizer.

— Olhe para mim e me responda — pediu Miguel, tocando com o indicador no queixo dela, para forçá-la a encará-lo. — Você se afastou de mim por que se apaixonou por ele?

— Você sabe que não posso me apaixonar ou me envolver com alguém.

— Mas o amor não é algo que se possa controlar. Diga-me o que sente. Se estiver apaixonada por De Payens eu vou entender, embora isso me cause muito sofrimento.

Ela hesitou. Aquela era uma boa oportunidade para contar a verdade a Miguel, mas temia a reação dele.

— Eu amo você como um irmão — confessou, mudando o foco da conversa.

— Não era o que eu esperava ouvir — abandonou a mão dela e recostou-se na poltrona. — Mas se você não está apaixonada por De Payens, eu ainda tenho esperança.

— Não, Miguel. Não existe esperança para nós — disse, baixando a cabeça, e ele finalmente descobriu a verdade, sem que ela precisasse confessar os seus sentimentos. Sentiu o peito explodir de raiva e dor ao perceber que a tinha perdido. Mas não estava disposto a desistir. E se Daniel fosse Lúcifer, como ele pensava que era, iria destruí-lo e Elizabeth ficaria livre.

Ela continuou a falar, insistindo no seu afeto por Miguel:

— Você é o irmão que nunca tive, o meu único laço de sangue — afirmou com os olhos cheios de lágrimas. — Mesmo que eu pudesse amá-lo, o meu coração sente de modo diferente.

— Então é verdade: você está apaixonada por ele — anunciou.

Ela ficou calada, com os olhos brilhantes pelo efeito translúcido das lágrimas.

— E ele? Amava você? — perguntou, tentando saber a verdade de uma vez por todas.

— Daniel era um ser especial, acima de nós — respondeu, protegendo-o.

— Mas deu a vida para salvá-la.

— Sim, deu. Mas daria a vida por qualquer um de nós. Amava-me como ama todos.

A resposta dela era lógica: Daniel era exatamente como ela acabara de descrever.

— Mas amava mais você do que todos os outros. Talvez fosse isso que ele queria dizer na noite em que desapareceu.

— Nunca vamos saber o que teria acontecido naquela noite — comentou, com tristeza.

— A dor diminui com o tempo — anunciou Miguel, depois de uma pausa, oscilando entre o amor e a raiva por ela não o amar. Por fim levantou-se e puxou-a pela mão. Ela ficou na frente dele. — Eu vou estar sempre ao seu lado.

Abraçou-a sem encontrar resistências e beijou-a de leve no rosto, antes de abandonar o quarto, em silêncio. Pelo menos agora sabia a verdade sobre os sentimentos dela.

Ao ver Halder na sua casa, àquela hora da manhã, quando o sol ainda não tinha nascido, Dieter soube que havia um problema. Embora gostasse de acordar cedo, a visita de Halder tinha interrompido o seu sono.

— São cinco e meia da manhã — constatou Dieter, sentando-se à mesa, onde o empregado acabara de colocar um bule fumegante de chá e duas xícaras. — O assunto deve ser grave.

— Você vai querer escutar isto — avisou Dieter colocando o minúsculo gravador digital sobre a mesa e apertando a tecla *play*.

Dieter escutou atentamente enquanto bebia o seu chá. Percebeu que se tratara de uma gravação feita no apartamento de Lynn e não se surpreendeu, nem se incomodou. Halder gostava de controlar tudo e estava cumprindo o seu papel, que era protegê-lo. Dieter curvou os lábios em um sorriso satisfeito ao ouvir Lynn confessar que estava apaixonada e em seguida negar o relacionamento deles. Mas a frase final do pai dela e a conversa que ele teve ao telefone minutos depois deixaram Dieter alarmado.

— Coloque de novo os minutos finais — pediu, escutando mais uma vez a gravação.

Quando o gravador silenciou, ficaram ambos quietos. Halder dormira apenas um par de horas e tinha a vantagem de ter pensado cuidadosamente no assunto. Mas antes de dizer alguma coisa, queria ouvir a opinião de Dieter. Ele bebeu mais uma xícara de chá e perguntou:

— Isso é mesmo o que eu estou pensando?

— E o que está pensando? — questionou Halder, querendo que Dieter fosse explícito.

— Hogdson vai publicar um artigo sobre mim que pode me prejudicar nas eleições.

— Tudo indica que sim.

— Precisamos neutralizá-lo — comunicou Dieter, determinado.

— Concordo.

— Ele pode sofrer um acidente de carro, como qualquer pessoa — sugeriu Dieter.

Halder sorriu. Aquele era o líder que ele reconhecia e estava disposto a seguir.

— Mas antes precisamos descobrir com quem ele estava falando, porque há mais alguém que conhece o conteúdo do artigo, e se for outro jornalista, o acidente de Hogdson não resolve o problema.

— Não sei se dá tempo... Precisamos ser rápidos. As eleições estão à porta.

— Temos uma pessoa infiltrada no governo inglês — confessou entredentes, fazendo Dieter sorrir. Ele sabia bem que Halder não gostava de revelar a identidade dos infiltrados. — Vou contatá-la para ela tentar descobrir as conexões de Hogdson.

Oliver observou o correio e, quando Martha ficou sozinha, encaminhou-se para lá. Empurrou a porta e, assim que o sininho tocou, ela ergueu o rosto para ver quem era. Sorriu ao reconhecê-lo. Mas, desta vez, Oliver manteve o rosto sério ao aproximar-se do balcão. Viu a garrafa de suco aberta ao lado dela. A pequena tampa de plástico azul estava virada para cima, sobre a mesa. Era um suco escuro, talvez de uva.

Ela levantou-se da mesa, mantendo o sorriso suave, e cumprimentou-o em inglês.

— Boa tarde. Em que posso ajudá-lo?

Oliver falou bem devagar, com os olhos atentos, fixos nela:

— Fui contratado para matá-la.

Ela ficou imóvel como se tivesse apanhado uma descarga elétrica colossal. O seu primeiro pensamento foi para Fernando. Ele era o seu elo mais forte com a vida: queria vê-lo crescer, saber que tipo de homem seria, velar pelo seu futuro, consolá-lo nas tristezas, delirar com as alegrias. Sentiu vontade de chorar, não porque temia a morte, mas porque não queria deixar o filho. Ficou calada por algum tempo, antes de dizer:

— Este dia era inevitável desde que testemunhei contra Dimitri.

— Sim.

— Talvez seja melhor assim. Agora Fernando tem o pai e a avó.

— A avó? — perguntou Oliver, confuso. Na sua investigação não tinha encontrado a mãe de nenhum deles e, portanto, não havia avó nenhuma. Martha sorriu de novo. Parecia serena com a morte, disposta a aceitar o destino que traçara com suas escolhas. Oliver sabia que aquela pessoa, na sua frente, era diferente da que tomara a decisão de trabalhar para Dimitri e, depois, denunciá-lo. Porém, embora as pessoas mudem, os erros precisam ser acertados. E homens como Dimitri não conhecem o perdão.

— Penafor foi sequestrado há mais de quarenta anos, e a sua verdadeira mãe é dona Clara. Quando veio me procurar, acabou encontrando também um filho e a mãe.

— Quando você veio para cá sabia que dona Clara era mãe dele?

— Não. Eu pedi a uma pessoa em quem confio que procurasse o filho dela, e ele descobriu que era Penafor.

Oliver esboçou um sorriso, pensando nas probabilidades de algo assim acontecer.

— E você telefonou para ele?

— Não — disse ela, mantendo-se serena. Quem os visse conversando jamais imaginaria que ela estava falando com o seu assassino. — Um amigo dele descobriu onde eu estava e contou-lhe

— Oliver sabia que o amigo que avisara Penafor era Miguel Besson.

— Você também descobriu onde eu estava. Como?

— Subornei a polícia — informou. — Tenho contatos, mas qualquer pessoa disposta a pagar pode localizá-la. Se quiser viver, precisa sair rapidamente desse programa de proteção de testemunhas.

Martha gelou pela segunda vez, desta vez com medo de entender o que ele estava propondo e criar esperanças vãs. Não queria ter esperança e perdê-la de novo: acreditar no futuro e perceber, mais uma vez, que não o tinha.

— O que está querendo dizer? — perguntou, por fim, enchendo-se de coragem.

— Há duas hipóteses. Na primeira eu não corro riscos: cumpro o meu contrato, você morre e tudo termina aqui — Oliver explicava tudo com uma calma fria e metódica. — Na segunda, você transforma-se no meu ponto fraco: eu corro riscos e você vive. Sai do programa de proteção e desaparece, sem deixar rastro. Nenhum rastro. Penafor também tem que desaparecer — enfatizou, antes de avisá-la. — Se você aparecer viva, em algum lugar do mundo, a minha reputação fica em risco e eu vou assassiná-la. Compreende?

Martha sacudiu a cabeça tentando engolir as lágrimas, em vão.

— Por que está fazendo isto?

— Sinto-me generoso — respondeu, sabendo que estava amolecendo e chegara a hora de deixar a profissão. Ele sabia qual o momento exato em começou a mudar: foi quando conheceu Elizabeth e negociou pela primeira vez com um cliente para manter o alvo vivo. O fato de não ter assassinado Elizabeth marcou um novo rumo. Depois, para agravar a situação, apaixonou-se por Alessia. E agora estava ali, achando que aquela mulher já havia pagado pelos seus pecados e não merecia morrer por causa de Dimitri. Ela devia

viver para cuidar do filho. Martha continuou chorando, enquanto agradecia:

— Obrigada, mas não importa aonde eu vá Dimitri sempre vai me encontrar.

— Talvez você precise mesmo acabar com isto — sugeriu Oliver, olhando-a com firmeza, mas aguardando a decisão dela.

— Tem razão. Preciso manter meu filho seguro — concordou, selando o seu destino, para salvaguardar o futuro do filho e do homem que amava.

— Está bem — concordou Oliver. — Vamos resolver tudo de forma tranquila.

Martha olhou para ele e, por alguma razão inexplicável, confiou mais no homem que fora pago para matá-la do que em muitas pessoas que conhecera ao longo da sua vida.

15. O mesmo rosto

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.

Isaías 14: 12-14

Lucrezia Zani esperou pacientemente, sentada no interior do carro, em frente ao prédio onde Lynn Hogdson morava. Às dez da manhã ela saiu acompanhada por um homem. Pelas semelhanças físicas, deduziu que devia ser pai dela. Viu-a despedir-se com um abraço e esperar até que ele entrasse no táxi que já o aguardava.

Assim que o táxi partiu, Lucrezia desceu do carro, aproximou-se de Lynn e segurou-a por um braço, com força. Lynn reconheceu-a e compreendeu imediatamente que a situação não seria agradável: aquela era a mulher que estivera na casa de Dieter e queria que ele fizesse os rituais com a lança.

— Venha comigo — ordenou, com secura.

— Não — retorquiu Lynn, sentindo a pressão dos dedos da mulher aumentar sobre o seu braço até causar dor.

— Não resista — aconselhou Lucrezia, entredentes. — Vai ser pior para você.

Lynn não estava disposta a obedecer àquela mulher. Puxou o braço e preparou-se para gritar e chamar a atenção do policial que se encontrava do outro lado da rua. Mas Lucrezia percebeu as suas intenções e, com uma leve pressão sobre um ponto específico da testa, fez com que Lynn desmaiasse. Apoiou o peso dela sobre o seu corpo e levou-a para o carro, com tranquilidade.

Lucrezia precisava voltar a ter o controle sobre Dieter Steinbach. Ele estava se revelando muito voluntarioso e não parecia disposto a servi-la. Preferia se arriscar com as incertezas do destino do que aceitar a vitória segura que ela lhe possibilitaria através do poder da lança. Ele não era um homem que gostasse de sujeitar-se, mas nenhum grande líder gostava de fazê-lo, por isso Lucrezia iria submetê-lo à força.

Pouco depois, Dieter recebeu um telefonema que acabou com o seu humor.

— Tenho algo que lhe pertence, e só você poderá decidir como isto vai terminar: ou recupera a sua querida Lynn ou vai perdê-la para sempre — anunciou Lucrezia, com voz jocosa. — Liberto Lynn, assim que você sacrificar alguém com a lança.

Dieter ficou silencioso por segundos analisando as suas possibilidades antes de pedir:

— Quero falar com Lynn.

— Ela está... descansando, mas acredite: está comigo — avisou com a voz fria.

Miguel telefonou para Lucrezia, com a intenção de se reaproximar, para pôr em marcha o plano de destruí-la definido pelos Guardiões.

— Miguel, que surpresa — disse ao escutar a voz dele.

Ele sorriu antes de dizer, de forma direta:

— Eu quero vê-la.

Lucrezia ficou alguns instantes em silêncio, avaliando o pedido. Estar com Miguel era algo que ela sempre queria, apesar das desconfianças e traições que se haviam instalado entre os dois. Mas ela seria capaz de jurar que ele tinha segundas intenções. Depois que conseguira as informações sobre o líder da Ordem, em troca da ajuda na sua fuga, Miguel continuava querendo a Lança do Destino. Talvez fosse essa a verdadeira razão para querer visitá-la, deduziu ela.

— Lucrezia? — Miguel chamou-a, interrompendo o silêncio em que ela mergulhara.

— Você quer me ver ou quer ver a lança?

— Posso escolher? — perguntou, rindo.

— Pode — respondeu ela no mesmo tom jocoso.

— Nesse caso quero ver você e depois a lança — fez uma pausa breve, antes de enfatizar: — Exatamente por essa ordem.

Lucrezia riu. Miguel percebeu que ela parecia feliz, e isso só podia significar que o seu plano estava indo bem, o que era preocupante.

— Neste momento eu estou... estou resolvendo um assunto. Mas podemos nos falar amanhã para combinar a sua visita — falou o final da frase com voz arrastada e sensual.

— Eu ligo para você — disse Miguel, no mesmo tom.

Dieter estava furioso, percorrendo a sala ininterruptamente, de um lado para o outro, com os punhos cerrados e os maxilares

contraídos. Depois de contar a Halder que Lucrezia tinha sequestrado Lynn para obrigá-lo a se sujeitar à vontade dela, afirmou:

— Não podemos nos submeter a essa mulher por causa da Lynn. Ela não aceitou a lança e sequestrou Lynn para me pressionar a fazer os rituais de magia negra — Dieter abanou a cabeça. — Eu sei da importância que o misticismo teve no nazismo durante a Segunda Guerra.

— E ainda tem — confirmou Halder.

— Sim... Mas não sei se quero pagar esse preço. Talvez tenha chegado a hora de separar a política do misticismo — disse Dieter com o olhar firme, como se tivesse pensado bastante sobre o assunto. — Nós podemos vencer esta eleição sem recorrer à magia. Trata-se de uma questão lógica: a Europa precisa de nós, e isso não tem nada a ver com a magia.

— Se você quiser o poder, tem que pagar o preço, Dieter — insistiu Halder, que acreditava que o misticismo era responsável pela atual liderança de Dieter. — Você está rejeitando a magia porque Lucrezia o está pressionando, mas chegamos até aqui usando os símbolos e os rituais do nazismo. Não é sábio parar agora e desafiar o destino.

Dieter olhou para o amigo, mas não parecia convencido de que aquela fosse a melhor decisão. Por fim, concordou com a cabeça em silêncio, antes de dizer:

— Temos a lança. Não precisamos de Lucrezia. Quero-a morta — os seus olhos sombrios mostravam uma resolução perigosa. — Principalmente por ter sequestrado Lynn.

— Precisamos atraí-la até nós — sugeriu Halder, pensando como o estrategista que era e registrando a intensidade dos sentimentos de Dieter por Lynn.

— Entretanto, também podemos usar Hogdson... — acrescentou Dieter.

— O que você está querendo fazer? Ele é um jornalista que precisamos silenciar.

— Exatamente! Eu posso avisá-lo que Lucrezia Zani, a criminosa mais procurada do momento, sequestrou Lynn para me atingir.

— Depois que a filha dele negou qualquer envolvimento com você? Como explica isso? E como explica a sua ligação com Lucrezia?

Dieter pensou por um momento. O rosto sério revelava a sua férrea determinação em buscar uma solução.

— Eu e Lucrezia nos conhecemos antes de eu saber que ela era uma assassina. Depois que escapou da prisão, ela veio para Berlim e pediu que eu a ajudasse a montar um esquema similar ao da França, para ela continuar assassinando pessoas para os seus rituais satânicos. Mas como rejeitei, sequestrou Lynn para me pressionar.

— E o que Lynn tem a ver com você? — perguntou de novo Halder. — Sabe que Hogdson o está investigando e não vai gostar de saber que você está envolvido com Lynn, e que ela mentiu para proteger você.

— No início, não. Mas quando eu disser que amo a filha dele e explicar que tentei mantê-la afastada de tudo, para protegê-la, ele vai ceder. A segurança de Lynn vai ser mais importante e nós seremos aliados nisso — sorriu, revelando o brilho inteligente do olhar. — O sequestro de Lynn vai ser muito mais positivo que negativo.

— Você está apaixonado pela Lynn? — perguntou Halder, com a voz preocupada ao perceber que, sob a aparente frieza com que Dieter estava retirando benefícios políticos da situação, havia um interesse genuíno em preservar Lynn.

— Posso ficar — respondeu enigmático, enfrentando o olhar analítico do amigo, antes de voltar ao foco da conversa. — Além disso, conseguiríamos atrasar a publicação do artigo e ganhar tempo para descobrir quem mais está envolvido nessa investigação.

Halder ficou alguns minutos imóvel, em silêncio, sentado no sofá com as pernas cruzadas, enquanto avaliava a estratégia de Dieter. Ele tinha razão: precisavam ganhar tempo para tentar descobrir com quem Hogdson falara sobre o artigo.

— Talvez seja uma boa ideia. Telefone — cedeu Halder, dando-lhe o número copiado do celular de Lynn.

Tom Hogdson estava pegando o voo de volta para Londres quando o telefone tocou. O número era privado. Pensou que era mais alguma daquelas campanhas de marketing oferecendo produtos. Atendeu e percebeu imediatamente que se enganara:

— Hogdson, meu nome é Dieter Steinbach. Precisamos falar sobre Lynn.

— O que tem Lynn? — perguntou, surpreso com o telefonema e tenso com o assunto.

— Prefiro falar pessoalmente.

Hogdson levou alguns instantes para se decidir, antes de abandonar o interior da manga do avião onde se encontrava, já a poucos metros da porta de embarque.

— Estou saindo agora do aeroporto. Onde podemos nos encontrar?

No horário do almoço, Hogdson chegou ao endereço que Dieter lhe dera, no centro de Berlim. Era o escritório de Dieter. Cumprimentaram-se com educação fria. Hogdson controlava a ansiedade que aumentara muito durante o percurso do aeroporto

até ali, tentando entender o que Dieter poderia querer de Lynn. Tentara falar com a filha várias vezes, mas o celular estava desligado. Sabia que ela tinha ido para as aulas e tentou acalmar-se acreditando que ela ligaria assim que pudesse.

Dieter não estava sozinho e apresentou-lhe Halder. Hogdson recordou que aquele era um dos nomes da lista que Temple lhe dera e um dos membros que pertencia ao JKW.

Deu uma discreta mirada na sala, antes de se sentar num dos confortáveis sofás de couro macio, aceitando o convite de Dieter. O lugar, sóbrio, não possuía nada que comprometesse Dieter, exceto uma pequena águia de bronze, com as asas abertas, sobre um dos cantos da larga mesa. Hogdson reconheceu aquele símbolo: era a famosa águia usada pelos nazistas.

— O que deseja falar sobre Lynn? — perguntou assim que a secretária de Dieter saiu da sala, após servir café e água para todos.

— Ela foi sequestrada — anunciou Dieter, de chofre.

Hogdson sentiu um baque no corpo todo. Pôs o copo de água sobre a mesa, tentando controlar o tremor das suas mãos.

— O quê? — perguntou atônito. Despediu-se da filha naquela manhã, à porta de casa, quando ela se preparava para ir à faculdade.

Dieter contou o que tinha acontecido e resumiu os acontecimentos, exatamente como combinara pouco antes com Halder. Revelou que Lucrezia Zani é que estava com Lynn e quais os estranhos objetivos dela. E quando Hogdson lhe perguntou por que a sua filha estava sendo usada como moeda de troca para atingir Dieter, ele confessou:

— Lynn é o meu ponto fraco. Neste momento não posso revelar a sua existência sem expô-la a uma pressão enorme por parte da mídia. Por isso, quero aguardar o momento certo, depois das

eleições, para falar sobre Lynn — fez uma pausa, dando tempo para Hogdson se recompor. A expressão de choque do seu rosto mantinha-se desde que ele soubera do sequestro de Lynn, mas agora parecia ter aumentado ao perceber que Lynn mentira sobre Dieter: não era apenas ela que estava apaixonada, ele também estava.

— Está dizendo que a minha filha está nas mãos de uma assassina por sua causa? — os olhos de Hogdson tornavam-se gradualmente mais focados, enquanto tentava racionalizar e organizar a informação na mente.

— Sim.

— Então faça o que ela pediu! Precisamos salvar Lynn — disse com firmeza, mas sem disfarçar o desespero que havia na sua voz. Levantou-se do sofá e foi até à janela. Ficou observando o movimento agitado dos transeuntes na rua no horário do almoço, com a mente efervescente. Estava nervoso perante a perspectiva de Lynn estar nas mãos daquela mulher: ela era uma assassina impiedosa, responsável por centenas de mortes.

— Temos um problema — confessou Dieter. — Ela quer que a ajudemos a encontrar vítimas para os rituais de magia que costuma praticar, em troca da vida de Lynn.

— E também deseja que a ajudemos a assassinar essas vítimas. Isso faria de nós seus reféns — interveio Halder, em voz baixa. — Dieter está prestes a tornar-se o líder da Alemanha e não pode se envolver em nenhum escândalo.

Hogdson não estava conseguindo pensar com clareza. Sentiu uma náusea. Perguntou onde era o banheiro e quando lá chegou vomitou todo o conteúdo do estômago. Lavou o rosto com água gelada e tentou acalmar-se. Precisava de um plano para salvar Lynn sem matar ninguém, sem romper com os seus princípios éticos. Não

podia ser cúmplice de uma assassina e matar outras jovens, filhas de alguém, para salvar a sua. Compreendia perfeitamente que Dieter não quisesse fazer o mesmo. Voltou para a sala cinco minutos depois, um pouco mais sereno, ciente da pressão do tempo.

— Chamar a polícia está fora de questão — declarou Hogdson. — Mas precisamos agir.

— Eu estou disposto a... — Dieter fez uma pausa antes de terminar a frase, para aumentar o impacto do que diria em seguida: — fazer qualquer coisa para salvar Lynn.

A frase teve o efeito desejado: Hogdson olhou para ele, surpreso pela devoção que Dieter parecia dedicar a Lynn. Halder quase sorriu ao perceber a expressão de espanto no rosto do jornalista. Dieter sempre conseguia mexer com as emoções das pessoas.

— Não podemos matar alguém para salvar Lynn. Não estaria certo — afirmou Hogdson pensativo. De repente sentiu um cansaço profundo e queria poder voltar atrás no tempo para não ter cedido ao desejo de Lynn estudar em Berlim.

— A questão aqui não é matar alguém para termos Lynn de volta — afirmou Dieter com a firmeza de quem acabara de tomar uma decisão. — A questão é mais ampla: não ficarmos reféns de uma assassina, sem escrúpulos, que pode sequestrar Lynn sempre que quiser me pressionar — baixou a voz e anunciou: — Temos que eliminá-la.

— Você mataria para salvar a minha filha? — perguntou Hogdson devagar, ao tomar consciência do que ele estava dizendo.

— Sim — respondeu sem hesitações.

Aquela palavra provocou uma espécie de descompressão em Hogdson. Por mais que aquele homem pudesse ser um crápula, que manipulava meio mundo e enriquecia à custa da miséria dos outros, ele estava disposto a tudo para salvar Lynn. Ele devia amá-la muito.

Hogdson pensou no artigo sobre Dieter, pronto para publicar. Pensou em William Temple com toda a sua nobreza. E pensou na vida de Lynn.

— Hogdson, o que acha que devemos fazer? — perguntou Halder.

— Precisamos atraí-la para algum lugar e... destruí-la — disse Hogdson, sabendo que aquela decisão salvaria Lynn, mas torná-lo-ia refém do JKW. Ele estava vendendo a sua alma. E Dieter conseguira transformar calmamente um inimigo, num refém.

William Temple, embora não aparentasse, sentia-se apreensivo sempre que acompanhava a mulher ao médico para saberem os resultados de exames. Mais uma vez, as notícias eram as melhores: Joan continuava sem sinais da doença.

Saíram do consultório do médico quase às sete da noite e foram direto para o restaurante. Jantaram calmamente, comemorando mais aquela vitória. Joan apreciou aqueles momentos livres, cada vez mais raros na intensa agenda do marido. Notava que ele andava cansado, mas tinha também um entusiasmo vibrante com tudo o que estava acontecendo na economia.

Deixaram o restaurante às dez, acompanhados dos dois seguranças de Temple. O motorista já os aguardava em frente ao restaurante. Temple abraçou a mulher pelos ombros e caminhou devagar ao lado dela, em direção à porta aberta do carro. Joan queria prolongar o encontro. Sabia que o marido não passava mais tempo com ela porque a sua função se tornara mais exigente. Parou um instante para beijá-lo docemente nos lábios, mas não conseguiu completar o gesto.

Temple assustou-se ao sentir a mulher escorregar dos seus braços e tombar inerte no chão. Tentou segurá-la, mas ela parecia uma

boneca de pano, sem sustentação. Antes que descobrisse o que se passara, Bradford, o chefe dos seus seguranças, jogou-se sobre ele para protegê-lo. Temple empurrou-o, para tentar livrar-se do corpo musculoso que estava sobre o seu, mas não conseguiu libertar-se dos braços do segurança. Viu Joan caída no chão, com uma imensa mancha de sangue alastrando pela roupa e compreendeu que ela havia sido alvejada.

Bradford arrastou-o de volta para o restaurante, com firmeza, enquanto Temple tentava voltar para junto da mulher. Um novo tiro acertou a omoplata do segundo segurança que se aproximou para proteger o premiê. Entraram no restaurante e, através da porta entreaberta, Temple conseguiu ver Joan deitada no chão, com o seu terceiro segurança pressionando o peito dela. Disse:

— Preciso vê-la.

Os serviços secretos que acompanhavam discretamente o premiê desde o atentado chegaram em dois carros negros e estacionaram em frente ao restaurante. Vários agentes de terno escuro espalharam-se estrategicamente pelo perímetro.

— Não posso permitir que arrisque a sua vida, primeiro-ministro — disse Bradford, que continuava a segurá-lo firmemente por um dos braços, evitando que Temple fosse para junto de Joan, enquanto o segurança ferido soltava Temple e se apoiava na parede. A dor provocada pela bala acentuara-se e o sangue manchava o seu terno escuro.

— Você não entende... Aquela bala era para mim! — disse o premiê.

Bradford não respondeu ao comentário do primeiro-ministro, vendo o segurança ferido tombar no chão, desmaiado. Só nesse momento Temple percebeu que ele também tinha sido ferido. Mas os seus pensamentos estavam com Joan, e Temple ensaiou um

gesto para se dirigir à porta. Dois agentes secretos, que tinham entrado no restaurante, seguraram-no e conduziram-no para a porta traseira, onde já os esperava outro carro negro. Em segundos Temple foi levado, desesperado com o estado de Joan, e lutando para ficar junto dela. Mas as regras eram claras: ele precisava ir para um lugar seguro.

O fim do ritual para libertar Angelina, após três dias de jejum, deixara Elizabeth exausta. Ainda não eram seis da tarde quando se deitou e mergulhou num sono profundo. Acordou às onze da noite com o som familiar do espelho. Acendeu o abajur do criado-mudo, vestiu um roupão e foi ao quarto de Dib: sabia que não podia enfrentar Daniel. Estava vulnerável e ele poderia voltar a dominá-la, até porque, agora, já não tinha a mãe para ajudá-la.

Bateu suavemente no quarto de Dib, e em segundos ele surgiu, ainda vestido.

— É Daniel — sussurrou ela.

Ele acenou com a cabeça e seguiu-a, fechando a porta do seu quarto com cuidado, para evitar que o barulho alertasse os outros. Mas era tarde demais: Seth foi o primeiro a surgir no corredor, seguido de Uchoa, Miguel e Alessia.

— O que está acontecendo? — perguntou Miguel.

Dib hesitou. Lançou um rápido olhar para Elizabeth, antes de decidir que era melhor acabar de vez com aquele mistério:

— Se quiserem ver Daniel, podem acompanhar-nos com uma condição: ninguém interfere ou diz uma única palavra. Serão meros observadores.

Todos olharam para Dib, surpresos. Mas ele tinha uma expressão tão séria e fechada que ninguém se atreveu a fazer qualquer

pergunta. Anuíram em silêncio e seguiram Dib e Elizabeth até o quarto dela. O barulho do espelho persistia e Miguel compreendeu que a sua teoria estava certa: aquele espelho era um portal que Daniel usava para visitar Elizabeth. Na sua mente todo se harmonizava, e ele se questionava se Lucrezia não estaria certa em todo o resto, já que as informações sobre os portais estavam corretas.

Dib colocou a mão sobre o espelho, num convite para abrir o portal. O recorte de duas figuras tornou-se visível através da transparência do espelho. Dib sabia o que aquilo significava: eles iam aparecer juntos. Tratava-se de um evento raríssimo. Nem mesmo Dib conseguira vê-los lado a lado, em mais de sete séculos. Tentou avisar Elizabeth:

— Eles são... — mas não conseguiu terminar a frase antes que eles emergissem do espelho com toda a sua magnífica beleza. Eles dirigiram-se devagar para a luz, surpreendendo todos os que os observavam: eram completamente iguais.

— Não é possível — rejeitou Elizabeth, chocada. Prendeu a respiração e levou alguns segundos para recuperar o fôlego. Pestanejou várias vezes, temendo que estivesse alucinando e a mente estivesse lhe pregando uma peça. Olhou de relance para os outros Guardiões, imóveis e silenciosos, e percebeu que eles também estavam com uma expressão de perplexidade no rosto. Até Dib, o único que sabia a identidade da figura que acompanhava Daniel, os olhava fascinado, sem conseguir distingui-los.

— Estão todos aqui — disse um dos dois, olhando em volta. A sua voz era idêntica à de Daniel, com o mesmo timbre, e tanto podia pertencer ao Daniel verdadeiro quanto ao falso. — Viemos fazer uma proposta a Elizabeth: se Elizabeth identificar Daniel, ele ficará livre.

— E se eu não conseguir? — questionou Elizabeth, ainda em estado de choque.

— Samael determinou um tempo de prisão no submundo. Se você se enganar, a prisão será por tempo indefinido — respondeu a outra voz.

Lúcifer estava adorando o sofrimento que estava infligindo: naquele momento os seus olhos perspicazes já haviam percebido a angústia que dominava todos os Guardiões. A inesperada plateia aumentou o seu prazer. Aquele era um presente adicional: infligir sofrimento a todos os Guardiões.

Elizabeth analisou-os com atenção. Agora entendia por que o verdadeiro Daniel chamara a atenção dela para as cicatrizes e a marca Sigel. Mas, naquele momento, ela não podia guiar o seu julgamento pela marca Sigel, porque ambos usavam camisas de manga comprida.

Assim, lado a lado, eram exatamente iguais. Não era possível distingui-los e ela não sabia se seria capaz de descobrir qual deles era Daniel.

A tensão aumentava lentamente, enquanto os minutos se escoavam e Elizabeth continuava observando os dois homens à sua frente. Sentia o peso da responsabilidade: tinha o destino de Daniel nas mãos. Aproximou-se deles. Jamais havia visto dois seres tão idênticos. Tudo era igual: a estatura, o corpo, as mãos, o cabelo, o odor, a pele, a boca, os olhos e até voz. Moviam-se da mesma maneira e falavam do mesmo modo.

— Ninguém consegue distingui-los — avisou Dib, interrompendo o silêncio compacto. — Você não precisa fazer isso, Elizabeth.

— Se eu não fizer, é como se tivesse errado e não conseguisse distingui-los, não é? — perguntou para os dois.

— Sim — concordou um deles.

Ela se lembrou das últimas palavras de Daniel. Pensava nelas vezes sem conta. Fechou os olhos e quase podia escutar a voz dele: *"Não importa o que vai acontecer, confie em mim. Seja firme no seu amor por mim! Confie em nós!"*.

Abriu os olhos devagar e observou novamente cada um deles. Tocou na mão de um e de outro. Por um instante achou que um deles pudesse estar mais quente e esse não seria Daniel. Mas a temperatura da pele mantinha-se igual.

— Eu consigo fazer isto — disse baixo, combatendo o desânimo que se apossava dela. Tinha medo de errar e condenar Daniel a uma vida de prisão, longe dela.

— Você consegue — afirmou Alessia colocando a mão sobre o braço dela. — Você consegue. Leve o tempo que precisar — repetiu com firmeza, sabendo que não havia alternativa.

Os minutos continuaram passando. O silêncio era total. Elizabeth continuava avaliando um e outro, mas quanto mais os olhava, menos conseguia diferenciá-los. Fixou-os várias vezes. Meia hora depois ela persistia na análise e quando tudo parecia perdido ela percebeu uma diferença. E era uma diferença tão profunda que se tornou gritante. Ergueu a mão esquerda, sem hesitações, e acariciou o rosto de um deles.

— Daniel — disse, por fim, com serenidade, como se tivesse chegado a um lugar seguro depois de ter atravessado um mar tempestuoso.

Ele se manteve impávido, olhando-a como se estivesse ausente. Mas ela não se moveu da sua frente, nem olhou para o homem igual a ele. Não lhe restavam dúvidas.

— Tem certeza? — perguntou o outro homem.

Ela o encarou. Estava tão próxima do seu rosto que podia ver pequenas gotas azuis no fundo aquoso e transparente dos olhos

dele.

— Tenho — disse, voltando-se de novo para Daniel ou para aquele que julgava ser Daniel. Pôs a palma da mão sobre o peito dele. Dentro dela nada balançava. Sabia que era Daniel.

— Lamento. Está errada — falou novamente a mesma voz.

— Basta — disse Daniel devagar, finalmente olhando para Elizabeth com ternura.

— Bravo — disse, por fim, a voz do lado. — Parabéns, Daniel. GANHOU a liberdade — expressou-se com ironia, irritado por ela os ter diferenciado e escolhido Daniel.

Ela recuou dois passos, para enfrentar o outro homem. Viu-o afastar ligeiramente o cabelo da testa e revelar uma ponta ínfima da esmeralda. A famosa esmeralda que formava a sua terceira visão e estava sempre oculta pelo seu cabelo. E, nesse instante, sem que ele tivesse dito uma palavra, revelou a sua identidade a todos os que ali estavam: era Lúcifer.

— Como descobriu, Elizabeth? — perguntou Lúcifer, sorrindo.

Daniel manteve-se imóvel, com o olhar fixo em Elizabeth, sentindo que o mundo se tornara de novo um lugar cheio de possibilidades. Ela sacudiu a cabeça, em sinal de rejeição, sem responder à pergunta: não iria confessar algo a Lúcifer que lhe permitisse tornar a usurpação da imagem de Daniel ainda mais perfeita. Lúcifer riu, com ar de deboche, mostrando a linha precisa de dentes brilhantes. Ele se aproximou dela para colocar a mão na cabeça e tentar descobrir como os identificara. Apesar de saber que não conseguia ler a mente dos Guardiões, ela estava obviamente enfraquecida e isso facilitaria as suas intenções. Mas Daniel moveu-se pela primeira vez e com um gesto vertiginoso segurou a mão de Lúcifer no ar, dizendo mais uma vez, de modo sereno, embora firme:

— Basta, Lux.

Lúcifer olhou-o com o rosto impassível. Por um momento o desfecho daquele confronto de olhares parecia imprevisível, como era habitual sempre que estalava o conflito entre eles. A tensão entre eles era palpável. Ficaram se olhando por um longo minuto, sem que ninguém interferisse, mas os Guardiões cerraram fileiras, posicionando-se em círculo mantendo Daniel e Lúcifer no meio. A energia que os dois emanavam era muito intensa.

— Por enquanto — respondeu Lúcifer, aproximando-se do espelho, e preparando-se para partir e voltar ao seu mundo. Aquele conflito terminou, mas Lúcifer já o estava ameaçando com o próximo. Daniel sabia que era assim: havia uma eterna disputa, que os colocava em uma luta diária. Uma luta sem fim, não apenas entre o bem e o mal, mas entre o equilíbrio e o desequilíbrio que cada um deles representava.

Porém, para espanto de todos, inclusive de Lúcifer, Daniel comunicou calmamente:

— Vou voltar com você. Vou cumprir o meu trato. Deixarei o submundo quando Samael considerar que a minha dívida por ter resgatado Elizabeth está paga.

Lúcifer estranhou a atitude dele, oferecendo-se:

— Eu negocio com Samael.

— Não quero mais negociações: vou cumprir o trato — afirmou Daniel.

— Não quer correr nenhum risco, deixando-me negociar — concluiu Lúcifer levantando ligeiramente uma sobrancelha e sorrindo ao perceber que Daniel não iria permitir que negociasse nada em seu nome. Obviamente que não confiava nele e tinha todos os motivos para isso.

— Sim — respondeu Daniel, antes de se voltar para Dib para legitimar o seu comando. — Você continua liderando a Ordem.

Elizabeth precisava confrontar Lúcifer mais uma vez para entender o que acontecera.

— Por que você usa a imagem de Daniel? Para nos confundir? — Aquela era a pergunta que todos desejavam fazer, exceto Dib, que conhecia a terrível verdade.

Lúcifer soltou uma gargalhada, que ecoou pelo espaço, parecendo deleitar-se com a pergunta, antes de olhar para Daniel com cumplicidade e perguntar:

— Eles não fazem ideia da verdade, não é?

— Não — respondeu Daniel.

— Isto vai ser interessante... — afirmou Lúcifer, mantendo um sorriso amplo. — Você conta ou eu conto?

— Eu conto — afirmou Daniel, antes de revelar o que mantivera oculto durante milênios. — Nós somos irmãos gêmeos.

A notícia foi mais um choque. Durante todo aquele encontro, o que os Guardiões haviam pensado é que Lúcifer poderia adquirir a forma de Daniel, para se misturar aos humanos. Miguel olhou os dois e perguntou, totalmente surpreso e intrigado:

— Irmãos como? Você nasceu em Montségur.

— Dib contará tudo... — Daniel estava, finalmente, autorizando Dib a revelar o seu segredo. — Nós temos que ir — afirmou para evitar que Lúcifer ficasse mais tempo junto de Elizabeth, ao notar a lascívia com que ele a olhava. Antes de partir, aproximou-se dela e inclinou-se ligeiramente, diminuindo a distância entre eles. Daniel era mais alto que ela uns bons centímetros.

— O que aconteceu com você? — perguntou, consciente da fragilidade dela. Ela sorriu perante a preocupação dele.

— Libertei a minha mãe.

Ele anuiu a cabeça mostrando que entendera os motivos da debilidade dela e revelou o verdadeiro motivo para se aproximar, ao

avisá-la em voz baixa, antes de se juntar a Lúcifer:

— Não se esqueça do que eu disse da última vez.

Ela percebeu que Daniel temia que Lúcifer a enganasse de novo e estava lhe pedindo, sutilmente, para ficar atenta à marca Sigel.

Após ter recebido uma cópia da agenda de William Temple, Klaus Jürgen avaliou as suas atividades e escolheu o melhor local para cometer o assassinato: Temple iria acompanhar a mulher ao médico e depois jantariam num restaurante. Klaus reconheceu os dois endereços, porque haviam sido incluídos na lista de lugares que o general Halder lhe dera, para que pesquisasse e organizasse rotas de fuga. Ambos eram de fácil acesso, mas o restaurante oferecia melhores condições: em frente havia um prédio com terraço que permitiria que ele e Anton esperassem o momento certo para assassinar Temple.

Klaus planejou o atentado para depois do jantar, quando fosse menos provável e esperado. Mas havia um problema: os tiros a partir do terraço seriam rapidamente localizados. Embora usassem silenciadores, a luminosidade provocada pelos disparos era mais visível à noite. E essa era a estratégia de Klaus para que Anton cumprisse o seu papel de assassino e, simultaneamente, de bode expiatório, evitando investigações posteriores. Klaus planejou a fuga, deixando Anton sozinho. Em algum momento Anton deveria ser morto nos confrontos com a polícia inglesa. E isso encerrava o caso.

Tudo teria acontecido como Klaus planejou se no instante em que Anton atirou em Temple Joan não tivesse se colocado em frente ao marido, para beijá-lo. Aquele gesto de romantismo podia ter custado a vida dela, mas salvou a dele.

Anton, com os olhos focados na cena, viu a primeira-dama tombar e blasfemou baixinho. Preparou-se para atirar de novo, mirou e atirou, mas o segurança foi mais rápido e protegeu Temple. Anton percebeu que precisava sair dali porque já não conseguiria assassinar o premiê inglês naquela noite. O segundo tiro atrasara-o alguns segundos, o suficiente para complicar a fuga. Desmontou rapidamente a arma, arrumou-a na mala e quando se voltou para encarar Klaus percebeu que estava sozinho no terraço. Sentiu a adrenalina bombear todos os seus músculos ao perceber que tinha caído numa armadilha: Klaus deixara-o entregue ao seu destino.

Precisava pensar rápido: avaliou a rua e viu os serviços secretos bloquearem o restaurante. Alguns deles já estavam formando um perímetro em frente ao prédio onde se encontrava. Anton seria caçado como um animal e tinha duas opções: rendia-se e revelava o que sabia, ou lutava e morreria. Foi para isso que Klaus o deixara ali: para dar a vida pela causa.

Abriu de novo a mala e montou o rifle de longo alcance: morreria, mas levaria quantos pudesse com ele. Posicionou-se, acertou o telescópio da mira e começou a atirar. Sentia-se como se estivesse participando num daqueles jogos onde era preciso matar todos os inimigos para poder passar de nível. A diferença era que as mortes eram reais e, pela primeira vez, ele sentiu verdadeiro prazer: as pessoas eram seus alvos e ele podia atirar em quantas quisesse, até ficar sem munição ou até que alguém o eliminasse. Do local onde estava, controlava a rua e a porta que dava acesso ao terraço: ninguém podia passar por ali sem que ele visse.

Anton era um atirador exímio e cada vez que apertava o gatilho alguém perdia a vida. Percebeu que a confusão se instalou entre os ingleses. Matou cinco pessoas e continuou buscando novos alvos. Alguns transeuntes corriam em busca de abrigo, mas Anton atirou

em mais três e eles caíram empurrados pelo impacto das balas penetrando em seus corpos.

De repente tudo se aquietou. Anton conhecia aquele momento: era quando as tropas se reorganizavam antes de um novo ataque. Naquele caso, o ataque seria para destruí-lo.

Sorriu. Não estava com raiva por Klaus o ter deixado ali. Ele era um soldado e tinha sido treinado para matar ou morrer pela causa. Disse baixinho:

— *Heil* Dieter!

Apontou novamente a arma para a rua, fixando a mira com cuidado. Um cachorro estava passando e ele atirou. O cachorro caiu no chão sem emitir um único som. Depois Anton aquietou-se, esperando. Não acreditava que eles viessem ao terraço para se tornarem alvos fáceis. Deduziu que eles viriam de helicóptero.

Um homem moveu-se entre dois carros, e Anton matou-o. Gostava da forma como o seu dedo pressionava o gatilho transformando o movimento suave em mais uma morte.

Reconheceu o ruído do helicóptero e voltou a arma ligeiramente para o céu escuro, à sua direita. Vigiou o céu através do telescópio da mira: o helicóptero foi-se aproximando e ganhando forma. Anton fixou a mira como se tivesse todo o tempo do mundo e atirou. A bala riscou o ar e entrou pelo vidro pelo helicóptero. Ele fez uma pirueta e ele soube que acertara o piloto. Mas o helicóptero estabilizou e se aproximou novamente. Anton mirou uma vez mais e continuou atirando até o helicóptero balançar e iniciar sua queda vertiginosa. Anton sorriu vendo as pessoas gritando e correndo. Mudou o foco da arma e fixou-o na rua, atirando para todos os que se moviam.

Sentiu uma pressão na nuca: era o cano de uma arma. Um grupo de agentes entrara no terraço e o seu barulho fora abafado pelo

ruído provocado pelo helicóptero. Anton parou um segundo, antes de voltar a apertar o gatilho da sua arma e fazer mais uma vítima mortal ao mesmo tempo em que o policial disparava contra a sua nuca. Anton deixou tombar a cabeça, ainda com a arma na mão e o dedo sobre o gatilho. Houve um segundo de silêncio, antes do helicóptero bater no chão, no meio da rua, com um estrondo ensurdecedor, estraçalhando os carros estacionados em volta.

O saldo total foi de vinte mortos: dezenove pessoas e um cão.

Quando Daniel e Lúcifer desapareceram, engolidos pelo portal, Elizabeth pediu, sem dar tempo a que ninguém fizesse qualquer comentário:

— Dib, conte-nos o que aconteceu com Daniel.

Todos os olhares se voltaram para Dib, aguardando o desvendar do mistério. Ninguém o condenava por ter mantido aquele segredo, que não lhe pertencia. Ele começou a falar:

— O Divino criou um par de anjos perfeitos: Lúcifer e seu irmão gêmeo, Daniel. Eles eram tão idênticos que era impossível distingui-los. O Divino encantou-se com a sua obra-prima: eles eram os mais belos entre os belos. Mas Lúcifer também se encantou com a sua beleza e achou que devia ser mais do que o seu irmão. Ele aspirava ser como o Divino: ter a sua sabedoria e poder e, principalmente, o dom da criação, o maior de todos os dons. Lúcifer invejava o Divino, seu Pai. E também invejava o irmão, por se contentar com a sua natureza e nada desejar além de servir seu Pai. Lúcifer planejou uma revolta para usurpar o lugar do Divino e destruir Daniel e conseguiu o apoio de um séquito de anjos. Pela primeira vez a casa do Divino estremeceu sob os efeitos de um conflito sem precedentes: irmãos contra irmãos e filhos tentando destituir seu Pai. Embora o Divino

amasse os dois, ficou furioso com o atrevimento e a arrogância de Lúcifer. E na sua ira expulsou Lúcifer e todos os que pactuaram com ele, condenando-os ao submundo, para que ele reinasse sobre a maldade e os anjos amaldiçoados que o acompanharam na queda, na expulsão do paraíso.

Dib fez uma breve pausa, antes de prosseguir, percebendo que todos estavam atentos ao que ele estava contando, e tomando consciência de que aquela parte da história bíblica era verdadeira e não se tratava de uma narração simbólica.

— Mas Lúcifer teve um último gesto de rebelião e desafiou o Divino: disse que conquistaria a humanidade se ela pudesse escolher. E o Divino concordou em dar ao homem o livre-arbítrio para que ele escolhesse entre o bem e o mal. Porém, estabeleceram uma regra básica, que ficou conhecida como a *regra de ouro*, e não pode ser quebrada: nenhum deles podia interferir no livre-arbítrio humano. O Divino permitiu que Lúcifer ficasse com as almas que ele ganhasse, mas proibiu-o de andar entre os homens. No entanto, Lúcifer descobriu que havia locais mágicos por toda a Terra, que podiam funcionar como portais ligando o mundo dos homens ao seu mundo subterrâneo, e mandou que os seus Anjos Negros se misturassem aos homens e os tentassem, influenciando o seu livre-arbítrio.

— Esses portais são iguais a este? — perguntou Miguel, apontando para o espelho.

— Sim. Existem sete espelhos de Iblis. Daniel só tem este, mas o seu objetivo era conseguir todos os espelhos — confirmou Dib, antes de retornar à sua explicação. — Além dos anjos, por vezes, o próprio Lúcifer manipulava os homens por meio de sussurros e sugestões. O Divino, para equilibrar as forças, transformou homens em Guardiões responsáveis por proteger os humanos e permitiu que homens

puros, dignos de aceder ao conhecimento máximo, se tornassem seres superiores que equilibrassem a tríade do universo: humano, animal e divino.

— Nós — afirmou Uchoa.

— Mas era necessário alguém que garantisse a formação de uma nova geração de Guardiões muito poderosos. Porque os Anjos Negros também estavam se tornando mais poderosos. E como o conhecimento dos Guardiões se perdera, Daniel se ofereceu para mostrar os caminhos do Graal.

— Então Daniel nasceu de seres humanos? — questionou Elizabeth.

— Não. Ele foi um bebê encontrado pelos De Payens — contou Dib. — Eles o criaram como um dos seus filhos.

— Isso explica como ele surgiu entre os homens — comentou Seth.

— De Payens deve confiar muito em você — disse Miguel com ironia, magoado por ter crescido com Daniel e deixado Montségur na sua companhia sem que ele lhe tivesse confidenciado nada. Dib não respondeu à provocação de Miguel.

— Foi uma longa noite e Elizabeth precisa descansar — afirmou Dib, antes de se despedir e sair do quarto, acompanhado pelos Guardiões. Ainda estavam todos sob o efeito das revelações surpreendentes sobre as identidades de Daniel e Lúcifer. Apesar de lidarem com o extraordinário, reconheciam que aquilo estava muito além do que poderiam ter imaginado. Era surpreendente como Daniel conseguira manter aquele segredo por todos aqueles séculos.

16. Amor proibido

Há precipícios carnis como há precipícios espirituais, com as suas vertigens e as suas delícias, os seus suplícios também, que apenas os que ousaram mergulhar neles conhecem.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Martha estava no correio quando passou mal. Não conseguia respirar e o seu tórax não era capaz de dilatar-se o suficiente para receber o precioso ar que necessitava, como se houvesse uma tonelada sobre ela. Quando caiu no chão, já não escutou o sininho avisando-a que um novo cliente havia entrado. Era a dona do restaurante, e depois de chamá-la, espreitou por cima do balcão e viu Martha no chão, parcialmente oculta pela sua mesa. Sem saber o que fazer, correu para a porta e pediu ajuda aos gritos. Em segundos, os que passavam pela calçada entraram no correio. Gerou-se uma confusão, com todos querendo ajudar sem, no entanto, saberem como proceder. Alguém teve a ideia de ir buscar dona Clara. Quando ela chegou parecia tarde demais. Dona Clara colocou as mãos sobre o coração de Marta procurando pelo som, mas encontrou uma quietude assustadora. Pôs os dedos experientes

sobre o pulso e depois sobre o pescoço esperando que, em algum lugar do corpo, ainda palpitasse um resquício de vida. Mas nada indicava que Martha estivesse viva. Dona Clara disse, chorando, ajoelhada no chão, apoiando o rosto sobre o peito imóvel:

— A minha Martha...

A notícia espalhou-se e uma multidão tumultuou-se na porta do correio. Penafor, com o bebê no colo, tentou entrar, e embora ainda não tivesse sido devidamente apresentado, todos sabiam que ele era o pai da criança. Os sentimentos sobre ele não eram claros: as pessoas não sabiam por que ele tardara em visitar Martha e o filho. Mas, perante a terrível morte de Martha, afastaram-se silenciosamente, fazendo um caminho para deixá-lo chegar até junto dela. Penafor aproximou-se e ajoelhou-se ao lado de dona Clara, sobre o corpo inerte. Sentiu um nó na garganta ao vê-la pálida e imóvel. O filho estendeu as mãozinhas em direção à mãe e, nesse momento, as lágrimas rolaram pelo rosto de Penafor.

Ninguém entendia como Martha, tão jovem e saudável, tinha caído morta no chão. O povo, sempre supersticioso, achava aquilo difícil de explicar. Mas dona Clara, conhecedora do espírito da vila, pretendia acabar com as especulações, mesmo antes de começarem. Não queria que Martha se transformasse nalguma lenda contada para assustar as crianças.

Depois de alguns minutos, levantou-se devagar e anunciou, entre lágrimas:

— Todos gostavam da Martha. Não quero conversa sobre ela. Ouviram?

— Não seria melhor fazer uma autópsia para saber o que aconteceu? — perguntou a dona da farmácia, com certa frieza.

— Ninguém vai cortar Martha — avisou dona Clara com o indicador em riste e os olhos furibundos, momentaneamente

esquecida da dor. — Isso faz mal ao espírito.

Um silêncio pesado envolveu os correios. Não se atreviam a desafiar dona Clara, nem mesmo a dona da farmácia. Todos sabiam que dona Clara mantinha ligações estranhas com os índios mais velhos, que lhe haviam ensinado magias perigosas. Ela era a única branca que se atrevia a ir sozinha pelas florestas para se encontrar com os índios de dia ou de noite. Além disso, havia sido a parteira de muitas daquelas pessoas, que estavam vivas graças a ela.

Dona Clara começou a chorar de novo, com desgosto redobrado, quando voltou a olhar para Martha.

— Levem-na para minha casa — pediu aos três moços que estavam encostados na ponta do balcão, antes de avisar: — O funeral é amanhã.

Tom Hogdson precisava retornar a Londres com urgência, para cobrir o atentado contra o primeiro-ministro e o banho de sangue que deixara a capital inglesa de luto. Mas não podia partir sem resgatar Lynn, sequestrada havia vinte e quatro horas. Enquanto aguardava o encontro com Lucrezia Zani, não saía do celular — falando, recebendo e enviando e-mails. O seu nível de estresse estava no auge.

Hogdson tentou contatar Temple, mas o celular dele permanecia desligado, certamente por questões de segurança. As notícias sobre o premiê eram escassas: sabia-se que não fora atingido e estava sob proteção dos serviços secretos em lugar desconhecido. Mas a primeira-dama lutava pela vida: a bala, em sua trajetória assassina, atravessou o peito, a milímetros do coração, e perfurou o seu pulmão.

Estava no apartamento da filha quando a campainha tocou: era Halder que o vinha buscar para o encontro com Lucrezia. Halder havia escolhido um lugar discreto, afastado de Berlim. Tratava-se de uma antiga fábrica desativada, abandonada havia mais de uma década, que pertencia a um dos Dragões. Quando Hogdson entrou no carro, Dieter cumprimentou-o com um aperto de mão educado. Durante o percurso, Halder contou que preparara uma emboscada com um grupo de soldados de elite.

Hogdson deduziu que os soldados pertenciam ao grupo JKW e sentiu um arrepio: aquilo significava que, além de controlarem a economia, também eram altamente militarizados. Mas agora tinha que se concentrar em salvar Lynn e voltar para Londres no primeiro voo. Os seus pensamentos foram interrompidos pela voz pausada de Dieter:

— Assim que resgatarmos Lynn, vou colocar várias seguranças com ela. Esta situação não volta a acontecer.

Hogdson olhou friamente para ele, através dos óculos escuros, antes de responder, tentando controlar a irritação:

— Agradeço, mas Lynn vai voltar comigo para Londres.

O silêncio envolveu-os por alguns momentos, até ser interrompido por Dieter:

— Vamos deixar Lynn decidir sobre isso.

Halder percebeu que aquela conversa não iria terminar bem. Conhecia bem Dieter e ele não estava habituado a ter suas decisões questionadas. Interrompeu-os, avisando, ao passar por um grande portão de ferro, que já estava aberto:

— Chegamos.

Estacionou em frente ao pavilhão central da fábrica, olhou em volta e viu um dos seus soldados camuflado no telhado. Ele só o vira porque conhecia a sua localização.

Os três saíram do carro e dirigiram-se ao galpão da fábrica. Era um espaço amplo, com o chão de cimento, e em toda a volta havia escadas que levavam a uma espécie de varandas que contornavam o espaço central. Nessas varandas, Halder posicionara vários soldados. Mas Dieter era um homem previdente e levara a Lança do Destino. Se fosse mesmo um objeto mágico, como os nazistas acreditavam, poderia usá-lo para destruir Lucrezia. O seu objetivo era livrar-se dela e se ao fazer isso conseguisse tornar Tom Hogdson seu cúmplice, o plano seria perfeito.

Eles estavam quinze minutos adiantados e ficaram silenciosamente aguardando Lucrezia. Ouviram o carro chegar e pouco depois ela entrou no galpão segurando o braço de Lynn. Parou em frente a eles e comentou com ironia:

— Vejo que trouxe a lança. Pretende usá-la?

Dieter não respondeu. Olhava-a, atentamente, com o rosto sério. A imagem dele era intimidativa, mas ela não se abalou. Sabia que podia destruí-los a qualquer instante.

Hogdson perguntou, aliviado ao ver a filha:

— Você está bem, Lynn?

Ela anuiu com a cabeça. Comoveu-se e os olhos encheram-se de lágrimas ao ver o pai ali, juntamente com Dieter.

— Trouxe o pai dela e... — Lucrezia sorriu antes de concluir, arrastando as palavras: — alguns soldados. Ideia sua, não? — perguntou, voltando-se para Halder.

— Deixe Lynn fora disto — Dieter falou pela primeira vez, ignorando a pergunta.

— Esta foi uma forma de chamar a sua atenção — avisou Lucrezia mantendo os dedos em volta do braço de Lynn. — Você *tem* que fazer o que eu peço, porque da próxima vez ela morre. Compreende?

— Compreendo — Dieter respondeu, mantendo a postura serena e ocultando o quanto estava irritado com o arrojo dela.

— Muito bem — disse virando-se para Lynn e soltando o seu braço. — Pode ir.

Ela foi em direção ao pai e abraçou-o. Escondeu o rosto no seu ombro, lutando para conter as lágrimas. Lucrezia ironizou:

— Comovente. Não acham?

Halder fez um movimento discreto com a mão e em segundos o corpo de Lucrezia estremecia sob o efeito violento dos tiros que rasgavam a sua carne. Ela tombou no chão com o corpo crivado de balas, mas os soldados atiraram por mais alguns segundos.

Dieter ergueu o braço e os soldados pararam. Aproximou-se dela e notou que as feridas começaram a sarar: as balas estavam sendo lentamente rejeitadas por seu corpo e saíam uma por uma. Lucrezia estava no auge da sua força, após ter assassinado várias pessoas e ter se alimentado de seu sangue. Ela havia se preparado para o caso de Dieter e Halder terem preparado alguma armadilha contra ela: tinha certeza de que nenhum deles compreendera o verdadeiro alcance do contrato que haviam feito.

Dieter estava surpreso: mesmo acreditando num mundo sobrenatural, não compreendia o que podia estar acontecendo. Halder colocou-se ao lado dele, sem esconder o espanto. Era difícil imaginar que ela estivesse viva: ninguém sobrevivia a um ataque daqueles.

Lucrezia abriu os olhos e anunciou friamente:

— Vocês só continuam vivos porque são necessários para os meus planos. Mas eles — disse apontando com o dedo para Hogdson e Lynn: — são totalmente irrelevantes.

Lucrezia começou a ensaiar um movimento lento para se erguer do chão, mas Dieter tirou a lança da proteção do saco negro e

acertou o seu coração. Ela ficou imóvel.

Hogdson soltou a filha e aproximou-se de Dieter e Halder, questionando incrédulo, sem conseguir explicar o que tinha acabado de presenciar:

— O que aconteceu com os ferimentos dela? Ela foi trespassada por dezenas de balas... Quem é essa mulher?

Dieter olhou para ele e respondeu:

— Não sei, mas... — fez uma pausa tentando arranjar uma explicação racional e ao perceber que não havia disse: — parece ter uma força sobrenatural.

— Está morta? — perguntou Hogdson.

— Acho que não... — respondeu Halder, indeciso, avaliando Lucrezia.

— Está dizendo que ela vai... ressuscitar? Ela foi atravessada por uma lança no coração — lembrou Hogdson, tentando ater-se à lógica.

— E antes ela foi alvejada... — lembrou Halder, com o olhar fixo nela.

— O que pretendem fazer? — perguntou Hogdson, confuso com o inquietante incidente. Se alguém tivesse lhe contado, ele jamais teria acreditado que uma mulher baleada de morte havia se regenerado em tão pouco tempo. Apesar de ainda não ter pensado no assunto, sabia que não podia tornar-se público porque não teria credibilidade alguma. Mas ele pretendia compreender o que estava acontecendo e obter uma explicação que o salvasse daquela área desconfortável e irreal em que estava mergulhando.

— Acho que não podemos tirar a lança do coração dela... — avisou Dieter. Lynn aproximou-se dele e deu-lhe a mão. Dieter fechou a mão sobre a dela e ao sentir os seus dedos frios sentiu vontade de protegê-la, dominado por uma onda de ternura. O

aperto que sentira no peito durante as últimas vinte e quatro horas em que ela estivera sequestrada desaparecera. Ela estava despertando nele uma nova espécie de afeto. Gostava da presença dela, da sua beleza, do seu riso e da forma como ela se entregava a ele, sem reservas ou medos, deixando que ele a guiasse.

— Sim... — respondeu Halder, pensativo. — Se tirarmos a lança, talvez ela volte.

— Não podemos correr esse risco — concordou Dieter.

— Como ela conseguiu melhorar? — perguntou Hogdson, ainda estupefato, olhando para o corpo dela, imóvel, mas sem nenhum vestígio dos ferimentos. Ele conseguia ver a pele dela totalmente lisa através da roupa rasgada pelos tiros.

— Não sei. Talvez... os rituais que ela pratica sejam mesmo sobrenaturais — disse Dieter, olhando de soslaio para Hogdson.

— Isso não é possível — retorquiu Hogdson.

Dieter soltou a mão de Lynn, deu alguns passos em volta do corpo de Lucrezia, avaliando-o atentamente antes de tomar uma decisão.

— Vamos levá-la assim e deixá-la na cripta, até pensarmos numa solução — sugeriu Dieter referindo-se à cripta por baixo da Sala Rubra, que havia preparado para os sacrifícios. Era ali que estavam os antepassados e familiares de Dieter.

Halder chamou os soldados e instruiu-os rigidamente sobre o transporte e os cuidados com o corpo de Lucrezia. Frisou que a lança deveria ser mantida na mesma posição, enfiada no coração dela, e ninguém podia removê-la.

Quando entraram no carro, Dieter abriu a porta para Lynn entrar. As eleições aconteceriam em dias e ele precisava se concentrar nos momentos finais da campanha.

— Eu disse ao seu pai que disponibilizaria alguns seguranças para protegê-la. Mas ele prefere que você vá para Londres — Dieter fez

uma pausa, para avaliar o rosto de Lynn. Percebeu que ela não gostara da ideia de deixar Berlim. — E eu concordo com ele.

A frase surpreendeu Hogdson. Não esperava que Dieter cedesse aos seus desejos de levar a filha para Londres, depois da conversa que haviam travado sobre o assunto.

— Mas eu não quero ir para Londres — respondeu Lynn. — Tenho aulas.

— Eu sei, mas esta semana é complicada, Lynn. E para ter a tranquilidade de que necessito você tem que estar segura, e o seu pai é quem pode garantir melhor a sua proteção — fez uma pausa antes de concluir: — Depois das eleições, vamos pensar sobre o nosso futuro e no momento certo para apresentá-la à mídia. Claro que o seu pai terá um papel vital nesse processo — comentou, incluindo Hogdson, de forma inteligente.

Hogdson percebia que Dieter o estava manipulando e, apesar de ser um homem perigoso e sem escrúpulos, reconhecia que ele salvara a sua filha e se mostrava disposto a mantê-la segura. Hogdson imaginou que até o diabo tinha as suas fraquezas, mas isso não mudava a sua essência. Pediu, segurando a mão da filha, com ternura:

— Venha comigo por alguns dias. Depois que tudo acalmar, você volta.

Ela aquiesceu com a cabeça, em silêncio, e Hogdson sentiu alívio. Mas tinha certeza de que a decisão dela tinha muito mais a ver com o pedido de Dieter do que com o seu.

Halder acompanhava a conversa satisfeito por Dieter ter tomado a decisão de deixar Lynn ir com o pai. Tinha muito que resolver e não podia também preocupar-se com Lynn. Depois de tudo o que acontecera nas últimas vinte e quatro horas, calculou que Hogdson não fosse publicar nada sobre Dieter. O atentado contra William

Temple e a saúde da primeira-dama ocupavam as primeiras páginas de todos os jornais.

Além do foco nas eleições alemãs, Halder precisava eliminar Temple. Estava furioso: um atentado falhado já era ruim, mas dois eram um desastre. Os incidentes estavam contribuindo para dar ao premiê a imagem de alguém escolhido para uma missão.

Halder lembrou-se de Hitler: ele convenceu o mundo de que era o *escolhido* depois de escapar com vida dos muitos atentados que sofrera, sem que ninguém conseguisse explicar como saiu ileso de alguns deles. Vários dos homens que estavam com ele haviam morrido, mas Hitler escapara sempre ileso e aquilo não podia ser uma coincidência.

Elizabeth explicou que tinha sonhado com um homem se elevando sobre Hitler, exatamente como acontecera meses antes, quando Daniel pediu que descobrisse a identidade do assassino das crianças. Mas, ao contrário do primeiro sonho, agora ela viu o rosto do homem que teria um papel mais sanguinário que o de Hitler. Afirmou:

— Qualquer dúvida sobre a identidade do Anunciado está resolvida. As nossas deduções estavam corretas: é Dieter Steinbach.

Dib escutou a notícia sem surpresa: sempre tivera certeza de que se tratava de Dieter. A confirmação apenas dava aos Guardiões a segurança necessária para começarem a intervir em vez de se limitarem a monitorar.

— E será eleito, exatamente como aconteceu com Hitler — lembrou Uchoa.

— Só precisamos descobrir porque ele é o *herdeiro natural* — afirmou Dib.

— Eu também descobri as razões — afirmou Elizabeth.

Miguel, sentado ao lado dela, sorriu ao perceber como Elizabeth ganhava uma segurança tranquila em seu papel de pitonisa.

Elizabeth revelou o terrível segredo que Dieter mantinha oculto e que era a origem de seu poder na Sociedade do Dragão e na ascensão do Quarto Reich.

— Isso não é nada bom... — disse Seth, contrariado. — Mas é totalmente lógico. Agora que sabemos o que Dieter esconde, esse fato só o torna mais perigoso.

— Devíamos... — Miguel hesitou, antes de dizer o que realmente pensava: — Eliminá-lo. Se ele continuar vivo, sabemos como isto vai terminar.

Dib olhou para ele, com uma expressão séria, antes de responder:

— Não nos cabe destruir o destino dele. Estamos proibidos de destruir qualquer ser vivo — fez uma pausa, enfatizando: — Você sabe isso, Besson.

Dib compreendia o comentário de Miguel e sabia o quanto aquela solução seria muito mais fácil, mas os Guardiões deviam proteger a vida e só interferiam nos destinos humanos em casos extremos, quando a Humanidade estivesse realmente ameaçada. Por isso, Dib defendia que eliminar Dieter estava fora do escopo da atuação deles, assim como estivera Hitler durante muito tempo, até Arturo decidir que chegara o momento de impedirem a destruição da humanidade, quando o conflito já se alastrara pelos cinco continentes.

— Temos que impedir que os nazistas eliminem Temple — avisou Uchoa. — Parece evidente que são eles que estão tentando eliminar o seu maior opositor.

— Este segundo atentado foi uma carnificina... — comentou Alessia.

— Sim — concordou Dib. — Mas precisamos de Daniel: só o Guardiã Supremo tem poder suficiente para um encantamento de proteção como esse.

— Isso já foi feito antes? — questionou Elizabeth.

— No início da Segunda Guerra, quando seu pai era o Supremo, ele protegeu Winston Churchill — respondeu Dib.

— Se apenas De Payens consegue fazer esse encantamento, como podemos falar com ele antes que os nazistas assassinem Temple? — inquiriu Miguel, com seu jeito prático.

Dib ficou pensativo por alguns segundos. Mais uma vez precisaria dos poderes de Supremo para contatar Samael, o Anjo da Morte, o único capaz de enviar uma mensagem a Daniel.

— Eu posso tentar contatar Samael, por meio da meditação. Não sei se consigo me comunicar com ele — avisou Dib, mas todos sabiam que, se havia alguém que poderia conseguir isso, seria ele. A sua capacidade de concentração e o nível de profundidade que atingia eram incomuns, e não era por acaso que Daniel sempre se apoiava na energia de Dib quando necessitava.

— Além de proteger Temple, o que mais podemos fazer? — questionou Elizabeth, objetivamente.

— Besson está tentando restabelecer a ligação com Lucrezia.

— Falei com ela ontem. Vamos combinar a minha visita a Berlim hoje — avisou Miguel, antes de concluir: — Temos que destruir Lucrezia. Enquanto ela não for destruída, haverá sempre um Anunciado.

— Destruir Lucrezia cai na nossa categoria do sobrenatural. É algo que podemos fazer — anunciou Seth calmamente, apaziguado com o rumo que tudo estava tomando depois que descobrira o segredo de Dieter.

Penafor fizera planos com Martha e, após a sua morte trágica, manteve-se fiel a tudo o que haviam combinado. Tinham decidido mudar para outro país da América Latina, com novas identidades, à revelia do programa de proteção de testemunhas, que, paradoxalmente, não parecia ter oferecido proteção alguma. Se Penafor tinha descoberto onde ela estava, ainda que através de Miguel Besson, as chances de Dimitri também a encontrar eram muito altas.

A perda de Martha arrasara-o, mas Penafor tinha Fernando, e o filho se tornara a razão de sua existência. Não foi difícil convencer dona Clara a acompanhá-los e, três dias após a morte de Martha, levou o filho e a mãe para São Paulo, onde fez os preparativos necessários para se mudarem para o Peru.

Quando Oliver chegou a Londres, pouco depois do atentado do primeiro-ministro, o ambiente das ruas era tenso. A presença da polícia tinha sido reforçada. O atentado funcionara como uma ameaça terrorista que deixou os ingleses temendo que o pior ainda estivesse por vir.

Oliver encerrou o caso de Martha, ou Tereza Sampaio Elliot, ao enviar uma fotografia para Dimitri Sergeevich comprovando a morte dela. Sabia que levara muito mais tempo do que o necessário para completar aquele trabalho, mas, na realidade, apaixonara-se pela Amazônia com toda a sua riqueza e estendera a sua estadia o máximo possível para conhecer melhor a fauna e a flora do local. Agora até a lembrança das picadas dos insetos já lhe provocavam alguma nostalgia.

Após visitar os pais e o velho mestre de artes marciais, Oliver passou pela sua caixa postal para pegar a correspondência acumulada durante a sua ausência prolongada. Avaliou todas as cartas, deixando o envelope marrom para o final: sabia que se tratava de um novo trabalho. Quem o contratava conhecia bem as suas especificações: o tipo de envelope, os pagamentos e as regras. De outra forma, Oliver descartava os pedidos.

Havia muito tempo que não se espantava ao receber uma proposta. Mas aquela era especial, principalmente por tudo o que estava acontecendo na Inglaterra. O novo trabalho havia sido encomendado semanas antes, na época em que ele chegara ao Brasil.

Analizou as três fotografias: era o premiê inglês. Deduziu que, perante o seu prolongado silêncio, haviam contratado outro assassino. Mas o fato do atentado ter falhado podia significar que Oliver seria contatado uma vez mais. Era um trabalho que o desagradava: Oliver gostava do premiê e, além disso, não queria se envolver na política. Na verdade, estava começando a pensar em abandonar aquela profissão para se dedicar à química, uma paixão redescoberta na sua viagem aos trópicos.

Decidiu esperar. Naquele momento não precisava pensar sobre algo que ainda não acontecera. Concentrou-se na sua viagem a Lisboa, para ver Alexia.

William Temple visitou Joan no Hospital. Ela vencera o câncer, mas a quimioterapia havia fragilizado o seu sistema imunológico e, por isso, ainda não estava fora de perigo. Apesar do prognóstico favorável, os médicos continuavam cautelosos nas avaliações.

Temple sentou-se na cadeira próxima da cama, e os seus olhos encheram-se de lágrimas ao ver Joan ainda sedada, frágil sobre a cama. Ela estava ali porque salvara a sua vida. Beijou a palma morna da mão dela, num gesto de despedida. Não podia ficar mais tempo junto dela. Os filhos estavam no corredor, aguardando a vez para verem a mãe por alguns minutos. Só podia entrar uma pessoa de cada vez e por pouco tempo: aquela havia sido uma concessão muito especial dos médicos.

Lembrou-se do aviso de Rolf Merton, quando se cruzaram na última reunião da comunidade europeia. Ele havia dito de forma a que só Temple escutasse e compreendesse o profundo significado da frase:

— Eles vão continuar insistindo.

Temple aumentara a sua segurança e a segurança em volta da mulher e dos filhos. Mas aquelas medidas não foram suficientes para impedir que um novo atentado fosse cometido, desta vez atingindo o alvo errado. Joan não devia estar ali.

Os serviços secretos, responsáveis pela investigação, descobriram que Anton Blankenheim tinha um histórico similar ao do assassino anterior, que se fizera passar por segurança do premiê: era alemão, crescera em instituições de adoção e desapareceu com quinze anos, até ressurgir naquela situação. Tudo indicava que se tratava do mesmo grupo de assassinos.

O atentado exigia premeditação, e o que intrigava os investigadores era o fato do assassino saber que Temple estaria jantando naquele restaurante, quando somente as suas secretárias tinham acesso àquela informação.

Investigaram a possibilidade de alguém ter invadido o sistema, mas os compromissos particulares do premiê não estavam na rede

e, sim, anotados numa agenda de papel. Os serviços secretos focaram sua investigação na equipe mais próxima de Temple.

Daniel tinha razões para justificar a sua presença no submundo e submeter-se a Lúcifer, com aparente mansidão. Apesar de precisar reequilibrar a matemática entre a vida e a morte, que rompera ao resgatar Elizabeth, o verdadeiro motivo do acordo com Samael estava relacionado com o seu apurado sentido de justiça. Desde o instante em que descobriu que Lucrezia Zani reivindicava as almas de todos os que assassinara durante milênios, Daniel compreendeu a necessidade de libertá-las.

As almas aprisionadas no submundo eram impedidas de evoluir e estavam submetidas a um sofrimento intenso. Eram almas brancas, almas inocentes injustamente aprisionadas sem terem passado pelo julgamento de Samael. Ele era sábio e imparcial nas suas avaliações e o seu comprometimento era com a passagem dos estágios da vida e da morte. O conjunto da vida de cada ser é que definia para onde ele seguiria após a sua morte e Samael pesava-o cuidadosamente. Ele desconhecia aquela situação, e jamais concordaria com ela, não apenas por colocar em risco o equilíbrio entre os mundos, mas por se tratar de uma fonte de sofrimento.

Para libertar aquelas almas Daniel precisaria da ajuda de Samael. Quando Daniel lhe contou que Lúcifer andava ludibriando o universo, roubando as almas brancas que pertenciam ao Divino, Samael ficou furioso. E ambos se uniram para elaborar um plano cuidadoso, e muito perigoso, para libertar as almas. Embora nenhum dos dois soubesse exatamente quais as consequências daquela atitude, tinham certeza de que seriam devastadoras.

Daniel tinha que descobrir onde estavam as almas e avisar Samael. Ele não era um frequentador regular do submundo, mas teria que visitar Lúcifer para conseguir se comunicar com Daniel.

Durante os seus passeios diários, antes de se refugiar na biblioteca, Daniel ainda não tinha conseguido localizar as almas aprisionadas. Acreditava que elas estavam nos domínios privados de Lúcifer, mas tratava-se de uma área permanentemente vigiada por guardas e de acesso proibido.

Lisboa estava ensolarada e a sua imensa luz branca caía sobre as ruas, tornando a cidade mais ampla. Alessia caminhou até à beira do Tejo, onde Oliver a esperava num pequeno café, de frente para o rio. Dali, ele conseguia vislumbrar a ponte 25 de abril, a grande ponte lápis, elástica, que balançava sobre o Tejo e era um dos ícones da cidade. Assim que viu Alessia, com seu andar compassado de bailarina, sentiu o coração bater um pouco mais rápido. Sabia que tinha saudades, e vê-la pela internet ou falar ao telefone não lhe bastava, mas só agora compreendia o quanto sentira a falta dela. Quando ela chegou junto dele, Oliver levantou-se para abraçá-la. Apertou-a nos braços e beijou-a, indiferente à habitual atitude reservada dela. E ao sentir que ela correspondia, beijou-a uma vez mais. Foi ela que se afastou um pouco, sorrindo, antes de avisá-lo:

— As pessoas...

— Não me importam as pessoas. Não me importo com ninguém. Só com você.

A intensidade apaixonada dele, sob a sua aparente frieza britânica, a fez estremecer. Naquele momento, tudo o que desejava era ficar com Oliver, livre dos temores e das preocupações com a

Ordem. Estava apaixonada e parecia-lhe possível ser feliz, junto dele, apesar do fato irônico de Oliver ser um assassino.

— Eu também... — respondeu. E Oliver sentiu pela primeira vez que ela amadurecera a ideia de ficar com ele e tomara finalmente uma decisão. Puxou a cadeira, para ajudá-la a sentar e segurou-lhe a mão, antes de levá-la aos lábios com delicadeza.

— Precisamos resolver a nossa relação, Alessia — disse, sem lhe dar oportunidade para sequer perguntar sobre a viagem. Antes de vê-la estava disposto a esperar, mas agora sentia uma urgência nova e queria ficar junto dela. Conhecia bem os efeitos traiçoeiros do tempo humano: a vida podia mudar ou acabar em um centésimo de segundo.

— Eu sei.

— Estou apaixonado por você. Sei das suas restrições...

Ela ergueu a mão e pousou o indicador sobre os lábios dele, interrompendo-o:

— Vamos para o seu hotel — pediu, decidida, olhando-o com intensidade. Oliver inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios. Ambos sentiam que aquele momento seria decisivo nas suas vidas.

Horas depois, já no início da noite, Alessia deitada nos braços dele, com a cabeça loira apoiada no seu ombro, disse, sentindo as carícias suaves de Oliver sobre o seu ventre morno:

— Preciso falar sobre mim e sobre a Ordem.

Ela havia pesado bem a possibilidade de se envolver com Oliver e pensado muito sobre o gesto profundo de romper os seus votos e entregar-se a ele. E tudo aquilo só teria sentido se revelasse a sua identidade e o papel da Ordem. Não sabia qual seria a reação de Oliver, mas ele precisava saber quem ela era.

Ele mudou de posição, tirou o braço de debaixo da cabeça dela e deitou-se de lado para observá-la melhor. A beleza do corpo miúdo e

esbelto e a forma apaixonada com que ela se entregara ao amor tinham ido muito além do que ele sonhara, e a sua paixão por ela parecia ter aumentado nas últimas horas.

— Sim... — respondeu, incentivando-a.

— O que tenho para dizer vai chocá-lo — avisou, mesmo sabendo que por mais que o preparasse ele jamais estaria pronto para ouvir as revelações que ela faria.

— Veremos... — respondeu com a sua calma habitual, afastando uma mecha de cabelo que caíra sobre o rosto dela.

Alessia começou por contar as origens da Ordem e os seus verdadeiros objetivos. Falou do Graal e da Consagração e, por fim, explicou os seus efeitos sobre os Guardiões. Oliver ficou quieto, acompanhando o relato com atenção e fazendo uma pergunta ou outra ocasionalmente, mas quando ela revelou a sua verdadeira identidade ele não compreendeu. Aquilo era demasiado fantasioso para que ele pudesse acreditar. Precisou de alguns minutos para tentar assimilar toda a informação que acabara de escutar.

— Você está dizendo que é imortal. É isso? — questionou, rompendo finalmente o silêncio que se seguira às assombrosas revelações de Alessia.

— Sim — confirmou, meneando ligeiramente a cabeça em sinal positivo.

Ele sorriu e levantou-se da cama. Deu alguns passos lentos em volta do quarto, tentando ajustar o relato inverossímil à realidade. Mas era difícil aceitar o que ela estava dizendo. Por um instante temeu que ela estivesse com algum surto emocional, mas ao vê-la tão serena, elaborando um discurso articulado e com pleno domínio das suas emoções, rechaçou a ideia.

— Isso não é possível, Alessia — rejeitou, sentando-se na ponta da cama, ao lado dela. Alessia abraçou-o, imaginando o quão difícil

era encaixar aquilo na sua vida racional.

— Mas é a verdade, Oliver — enfatizou, com ternura. — Nós somos seres especiais e por isso temos votos, regras e mudamos de país a cada quinze ou vinte anos, antes de começarem a surgir suspeitas sobre a nossa idade.

— Há mais alguma coisa que eu precise saber? — perguntou com a voz séria, esforçando-se para aceitar a história de Alessia, mas sem conseguir.

— Não — mentiu ela, omitindo a ameaça da dissipação durante a Consagração e o fato de se transformarem em leões sagrados. Ele precisava de tempo para assimilar todas aquelas informações. — Sei que precisa pensar sobre isso, tentar aceitar...

Ele concordou com a cabeça, mantendo-se em silêncio. Precisava de tempo, antes de falar mais sobre o assunto. De todas as suas experiências de vida, aquela havia sido a mais bizarra, e também, inverossímil. Pediu-lhe:

— Encontramo-nos aqui amanhã?

— Sim... — respondeu beijando-o.

17. O Homem das Luvas Verdes

E se um de vós quiser castigar em nome da retidão e descarregar o machado contra a árvore do mal, olhe também as suas raízes. E, por certo, encontrará as raízes do bem e do mal, do frutuoso e do estéril, entrelaçadas no coração silencioso da terra.

Khalil Gibran (1883-1931)

Dib conseguira se comunicar com Samael, e quando ele se materializou bruscamente à sua frente, observou-o por alguns segundos. Sempre se impressionava com os traços tranquilos e perfeitos do Anjo da Morte.

— Preciso da sua ajuda para contatar Daniel.

O Anjo o olhou atentamente, antes de responder:

— Não posso ajudá-lo. Minha posição é de neutralidade.

— Por favor, Samael — pediu Dib, com uma expressão tensa. — Ele precisa fazer um encantamento para proteger um homem.

— E quem é esse homem, que parece tão importante?

— É o opositor de Dieter Steinbach, aquele que está tentando repetir o Terceiro Reich.

Samael ficou em silêncio por alguns segundos, antes de perguntar:

— O homem que tem a Lança de Longinus?

Dib anuiu com a cabeça. Samael sabia bem daqueles detalhes: objetos mágicos como a lança geravam morte, e Samael conhecia todas as fontes da morte. Aquela lança deixara um rastro de sangue por todos os lugares por onde passara ao longo dos últimos dois milênios.

— O que devo dizer? — cedeu Samael, finalmente.

— Que ele precisa fazer um encantamento para selar o corpo de William Temple, o premiê inglês.

Segundos depois Samael desapareceu no ar, como se nunca tivesse estado ali.

A vitória de Dieter Steinbach era esperada: as pesquisas anunciavam a sua liderança havia várias semanas. Mas todas as pesquisas haviam errado sobre o surpreendente comparecimento da população às urnas. Aquela eleição teve a menor abstenção das últimas décadas, o que tornava a vitória de Dieter esmagadora em número de votos. Ele era o líder alemão mais votado desde a Segunda Guerra, e isso o tornava mais perigoso, porque comprovava a sua capacidade de agregar os alemães em torno de um projeto.

O novo chanceler era o Homem das Luvas Verdes, o verdadeiro líder da Sociedade. Vinte e cinco anos antes, tinha sido o mais jovem integrante dos Dragões, ao ocupar o lugar do pai, Joseph Steinbach, morto prematuramente com um ataque cardíaco.

Joseph educara o filho fazendo-o sentir, desde muito cedo, que ele era especial, superior a todos com quem convivia e estava reservado para um destino grandioso. O pai sempre dissera que não bastava

ser inteligente, tinha também que trabalhar, esforçar-se. Acreditar nisso moldou a personalidade de Dieter: apesar de ser extremamente inteligente, também se empenhava em ser o primeiro em tudo. Dieter tornou-se um homem seguro, arrojado, lapidado para liderar e que fazia o que era preciso.

Desde jovem que Dieter tinha a postura fria e ponderada que impunha respeito e até algum temor. Na Sociedade nunca tentou assumir um lugar de destaque, mas rapidamente se tornou claro que ele, por sua natureza e legado, era o verdadeiro líder dos Dragões independente do lugar rotativo de Presidente, que cada membro assumia. Já naquela época, era óbvio que ele assumiria a liderança da Alemanha.

Quando queria algo, revelava o seu verdadeiro magnetismo e irradiava uma paixão que contrastava com a sua moderação habitual, e não deixava ninguém indiferente. Nesses momentos, transformava-se num orador eloquente, capaz de inspirar uma fervorosa adesão, como provou ao longo da campanha que lhe deu a vitória nas eleições. Exercia um fascínio intenso quando discursava. E aqueles que o conheciam mais intimamente também conheciam sua obstinação, seu espírito combativo e incansável, sua autoridade racional e a fria capacidade analítica com que avaliava tudo.

Dieter baseava as suas ideias numa equação simples: a de que o verdadeiro poder era o dinheiro. Defendia que se dominavam mais pessoas através de meios econômicos do que através de guerras e meios militares. Mas os meios militares eram absolutamente necessários para, depois, manter o controle sobre os indivíduos.

Agora que conquistara a Alemanha, o seu único problema para conseguir a liderança da Europa parecia ser a Inglaterra. Dieter comentou com Halder que havia sempre um maldito inglês para

atrapalhar os planos alemães: Hitler tivera Winston Churchill e ele tinha William Temple.

— Algo está errado com Lucrezia — Miguel chamou a atenção dos Guardiões.

Eram quatro da tarde, e estavam todos na sala, exceto Alessia. Durante os últimos dias ela saía logo após o almoço e, por vezes, voltava só depois do jantar. Ninguém fazia comentários e todos respeitavam a sua privacidade. Cada Guardião conhecia bem os votos a que estava sujeito e as regras que não devia infringir.

A sala de estar da casa que todos dividiam, decorada com móveis dos séculos XVII e XVIII, tinha dois ambientes contíguos. O primeiro, com vários sofás e poltronas em tons de bege e verde seco, se ligava à sala de jantar para doze pessoas por uma porta lateral, em cerejeira, vazada por cristais lapidados. O segundo ambiente, onde eles se encontravam naquele momento, tinha uma enorme porta de correr, toda de vidro, com acesso ao jardim externo e que emprestava uma luminosidade intensa àquela área da sala. Os sofás e poltronas em vários tons de amarelo suave, bege e dourado estavam dispostos em U.

— Conseguiu falar com ela? — perguntou Uchoa, sabendo que havia dias que Miguel ligava para Lucrezia e a chamada caía na caixa postal. Ele deixara várias mensagens e ela não lhe retornara. Aquela não era uma atitude normal, pelo menos em relação a ele.

— Não. E isso é suspeito. Ela não ficaria tanto tempo sem me retornar, principalmente depois de termos combinado que nos falaríamos no dia seguinte.

— O que acha que pode ter acontecido? — inquiriu Dib, ocupando uma das poltronas.

— Não sei. Mas se aconteceu algo, com certeza Dieter saberá — afirmou.

— Tem alguma sugestão? — perguntou Dib, percebendo que ele parecia ter um plano.

— Se você concordar, vou a Berlim falar com Dieter Steinbach.

— Isso vai revelar o nosso interesse em Lucrezia e deixar Dieter de sobreaviso se estiver realmente acontecendo algo com ela — comentou Elizabeth se antecipando à análise de Dib.

— Sim... Mas creio que precisa ser feito — respondeu Miguel. — Não vejo outra solução para localizar Lucrezia.

— Tudo bem — concordou Dib, depois de ponderar por alguns segundos. — Seth vai com você. Ele investigou os Dragões e pode ajudá-lo com Dieter.

— De Payens já deu notícias? — questionou Miguel, sabendo que Dib já tinha se comunicado com Samael

— Não — respondeu Dib.

Tom Hogdson pesquisou tudo o que havia sobre Lucrezia Zani. Tinha acompanhado aquele caso, como tantos outros jornalistas, com interesse profissional, mas agora o seu interesse era pessoal. Aquela mulher, que sobrevivera às balas, só havia sido parada pela força de uma lança que permaneceu no seu coração.

Hogdson era racional e não só gostava de compreender os fenômenos com que se deparava, como também precisava explicá-los aos seus leitores. Como jornalista, tinha uma curiosidade insaciável que o fazia perseguir as histórias até se dar por satisfeito com as explicações. Mas, naquele caso, nada parecia ter lógica. Conhecia bem Matthew Shaw, o responsável pelo núcleo de investigação do fatídico caso dos Anjos Caídos e teve uma longa

conversa com ele. Só após confessar a Shaw que acreditava que os reais motivos para Lucrezia cometer os assassinatos estavam além do fato de ser uma assassina em série é que Shaw fez uma revelação horrífica, algo mantido oculto da população e da mídia: Lucrezia havia assassinado um dos guardas da prisão para se alimentar. Shaw confirmou que ela tinha uma compulsão canibalesca já delineada no seu perfil psiquiátrico. Hogdson leu o perfil: algumas notas eram chocantes, e outras, intrigantes.

Quando o psiquiatra perguntou o principal motivo das mortes, Lucrezia respondeu:

— Sobrevivência.

E quando ele quis saber o que isso significava, ela confessou, enigmática:

— Existe um mundo maior... Um mundo, que apesar de invisível para os humanos, comanda todos nós. Eu pertencço a esse mundo e por isso me alimento de almas.

O psiquiatra considerou que ela não estava delirando, mas apenas se divertindo, para evitar abordar as verdadeiras razões da sua compulsão para matar. Obviamente não acreditava em nada do que ela lhe dissera e considerava Lucrezia uma mitômana.

Mas Hogdson começava a acreditar que talvez houvesse algum fundo de verdade nas palavras de Lucrezia, especialmente tendo em conta a estranha forma como ela estava sendo mantida cativa após o incidente de Berlim: não estava morta, apenas paralisada por uma lança no peito.

Hogdson questionou-se por que teriam usado aquela lança e não outra. O que ela teria de especial? Continuou pesquisando, e a lança mais famosa de que ouvira falar era a Lança do Destino. Mas estava novamente mergulhado no reino da especulação. Os últimos relatos sobre o misterioso artefato também eram fantasiosos e remetiam à

Segunda Guerra: a lança teria pertencido a Hitler e desaparecido no final da guerra.

Quanto mais Hogdson pesquisava, menos verossímil e racional lhe parecia toda aquela história e o seu contexto se tornava mais macabro. Não sabia o que pensar.

Quando o Anjo Negro se aproximou da mesa que ocupava na Biblioteca para dar um recado de Lúcifer, Daniel percebeu que havia algo errado.

— Lúcifer quer que vá ao jardim do Lago Negro — anunciou, baixinho, a bela figura longilínea de longos cabelos quase brancos e olhos cor de mel.

Daniel seguiu-a até o jardim e percebeu que Lúcifer estava com Samael. A sensação inicial de que havia algo acontecendo acentuou-se. Viu Lúcifer deixar Samael e vir na sua direção:

— Samael veio me visitar — anunciou. — Quer saber como você está. Você o irritou muito com aquele truque: trocar o seu lugar pelo da sua *noiva*, quando sabia que ele não podia tomar a sua vida...

— Achei que ele já estivesse mais calmo — respondeu Daniel.

— Não está — anunciou Lúcifer sorrindo, antes de lhe contar: — E parece que eu o irritei um pouco mais quando disse que você está querendo negociar comigo para não cumprir o seu contrato aqui...

Daniel semicerrou os olhos e esboçou um sorriso irônico enquanto avaliava o irmão:

— Aconteceu exatamente o contrário: você queria que eu partisse, e eu não quis.

— Detalhes — respondeu Lúcifer divertido, por estar arranjando problemas ao irmão. — Depois que você o enganou, o seu prestígio com ele está muito baixo. Acho que ele não vai acreditar em você.

— E o que ele quer de mim?

— Garantir que você vai ficar aqui.

Daniel baixou o rosto e deu um suspiro, antes de se afastar de Lúcifer para ir ao encontro de Samael. Podia notar o rosto tenso do Anjo, mirando-o, com uma expressão fechada. E, a alguns metros de distância, Lúcifer, divertido, observando a cena do confronto entre Samael e Daniel.

— O que está acontecendo? — questionou Daniel, baixo. — O que está fazendo aqui?

— Agradeça a Dib — respondeu Samael. — Tive que encenar uma fúria contra você e fingir que acredito nas manipulações de Lúcifer para lhe dar um recado: os nazistas estão tentando matar Temple, e Dib quer que você sele o corpo dele.

— Isso significa que os nazistas estão ganhando terreno — disse Daniel.

— Os Guardiões precisam de você — disse Samael. — Sugiro que descubra rapidamente o que precisamos.

Daniel cerrou os olhos com força, pensando, antes de dizer:

— Você precisa voltar aqui. Lúcifer vai desconfiar...

— Eu cuido disso. Vamos seguir o plano. Neste momento, eu só preciso parecer muito furioso com você.

Daniel olhou o Anjo por alguns segundos, antes de voltar as costas e se afastar. Quando passou por Lúcifer, ele disse, sorrindo:

— Não parece que correu bem...

Daniel encarou-o, sério:

— As suas mentiras contribuíram para piorar a minha situação. Era o que queria?

Lúcifer riu, antes de anunciar:

— Sim. Mas, na verdade, parece que correu melhor do que eu esperava.

Hogdson conseguiu finalmente encontrar-se com William Temple. Dirigiu-se ao escritório do premiê e foi recebido por Megan Holmes. Hogdson conhecia melhor Olivia Knill, que secretariava o premiê desde o início da sua carreira política. Megan acompanhou-o até junto do premiê, mas antes de se retirar ainda teve tempo de ver Hogdson abraçar o amigo.

— O que aconteceu com o artigo sobre Dieter Steinbach? — perguntou o primeiro-ministro em voz baixa, depois de terem falado sobre as melhorias do estado de saúde de Joan e as suspeitas de que o segundo atentado havia sido perpetrado pelos alemães, exatamente como o primeiro.

— Tenho uma história bizarra para contar — avisou Hogdson, mantendo o tom confidencial. — Mas precisamos de privacidade.

— Passe lá em casa hoje, às oito — pediu Temple.

Hogdson sabia que o premiê não estava se referindo à sua residência oficial, no nº10 da Downing Street. Joan preferira ficar na casa deles durante o seu período de convalescença.

Mais tarde, na intimidade do escritório particular de Temple, o jornalista falou sobre o envolvimento de Lynn com Dieter, o sequestro, a forma como foi salva e o estranho incidente com a vilã, Lucrezia Zani, a mesma mulher que fizera a Europa tremer assassinando crianças e, na fase final, vários jovens. Falou dos seus instintos canibalescos, da sua fabulosa capacidade de regeneração e da forma como estava sendo mantida em cativeiro: com uma lança no peito, que ele começava a acreditar tratar-se da Lança do Destino.

Temple olhou para o amigo, visivelmente preocupado: fosse lá o que tivesse acontecido, embora ele fosse muito racional, estava

certamente delirando. Hogdson percebeu a atitude de Temple, pela forma como franzira ligeiramente a testa para mostrar que não estava acreditando ou concordando com nada do que estava sendo dito.

— Eu sei que pareço delirante e até um pouco insano... Mas você me conhece há anos — disse, bebendo um gole reconfortante do uísque envelhecido que Temple servira aos dois — e sabe que eu sou ponderado e racional.

— Eu sei...

— Mas isto é algo muito maior do que qualquer um de nós.

— Tom, quando buscamos explicações sobrenaturais e não nos apegamos ao que pode ser provado cientificamente, a realidade fica muito confusa. Isso é um caminho perigoso, principalmente para homens com as nossas responsabilidades.

— Estou ciente disso. E sei também que você é como eu: um cético que precisa de provas para acreditar — tirou o celular do bolso e mostrou um filme. — A imagem está péssima porque eu não podia filmar, como é óbvio! Mas acho que você vai compreender do que estou falando...

Temple levou algum tempo vendo o filme com atenção fixa. Parou várias vezes, fez zoom em várias imagens e repetiu várias cenas. Não havia dúvidas: as cenas mostravam uma mulher que parecia se regenerar em minutos, quando devia estar morta. Por fim viu Dieter perfurá-la com a lança e ela tombar no chão, imóvel.

— Compreendo... — disse Temple por fim, vencido pela realidade. Uma realidade inexplicável que desafiava a lógica. — O que você vai fazer com o filme?

— Nada — avaliou, cansado. — Esse filme pode destruir a minha reputação.

— Sim — concordou Temple. — Haveria dúvidas se não seria uma manipulação.

— Mas estou pensando em confrontar Dieter. Apesar de ter dito que não sabia como ela ressuscitara, ele levou a lança. Ele sabia que a lança era a única forma de... — hesitou à procura das palavras — imobilizá-la. Além disso: que lança é aquela?

— Será sábio? — questionou Temple. — Dieter não é confiável. Acredito que ele está por trás das duas tentativas de assassinato contra mim e quase matou a Joan. Sei que... a sua filha está envolvida com ele. Mas foi uma péssima escolha da parte dela — olhou para o amigo, e percebeu o quanto ele estava abatido. — Você precisa separar as duas coisas: Lynn é adulta e fez a escolha dela e você precisa fazer o seu trabalho, Tom. E esse trabalho é denunciar Dieter Steinbach. Precisamos impedir que a Europa caia nas mãos dos nazistas... É o que eles são, Tom. Nazistas!

— Eu sei... — rendeu-se Hogdson.

— Você falou com mais alguém sobre isto?

— Claro que não.

— Então vamos manter assim — pediu o primeiro-ministro, antes de dizer: — Eis o que eu acho: esse incidente com a Lucrezia pode ser uma manobra de distração.

Hogdson calou-se por segundos, pensativo, e depois disse:

— Vou enviar uma cópia de tudo o que pesquisei, inclusive deste filme, para você arquivar.

— Está bem — concordou Temple, consciente de que Hogdson estava lhe enviando cópias dos arquivos por uma questão de segurança. — Mas precisamos publicar o perfil de Dieter, para começar a minar a liderança alemã. Ele já ganhou as eleições. Estamos perdendo um tempo precioso — enfatizou, querendo que o

amigo voltasse o foco para a realidade e esquecesse aquelas bobagens sobrenaturais, que certamente teriam uma explicação.

Lúcifer havia convidado Daniel para visitar a Sala do Trono várias vezes. Gostava de mostrar o lugar de onde comandava os seus exércitos. Era ali que passava muito do seu tempo, recebendo anjos e mensageiros, e arquitetando os seus planos maquiavélicos. Seria lógico que as almas aprisionadas estivessem nas proximidades da Sala e dos aposentos ocupados por Lúcifer.

A primeira vez que Daniel entrou na Sala do Trono, analisou o espaço amplo, o altar, alguns objetos mágicos, o chão marcado de vários símbolos de poder e o impressionante trono negro de Lúcifer. Daniel percebeu que a sala tinha duas portas — uma em frente da outra. Talvez uma delas conduzisse à sala que buscava. Mas não havia como entrar na Sala do Trono. Aquele era o lugar mais bem guardado do submundo, porque além de ser o centro do poder, era através dele que Lúcifer entrava nos seus quartos e salas.

Daniel ficou atento à rotina do irmão. Lúcifer tinha o hábito de sair de manhã. Atravessava os jardins em direção ao grande portão de metal negro, que separava aquela área do resto do submundo, e desaparecia durante várias horas.

Daniel decidiu aproveitar a ausência do irmão para assumir a sua identidade e entrar na Sala do Trono. Tinha observado o seu jeito de entrar na sala, sem olhar para os guardas, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. Daniel percebera que Lúcifer usava aquele ângulo estranho para melhorar a capacidade de visão da sua esmeralda danificada. Não podia errar quando passasse pelos guardas, nem podia ser descoberto por Lúcifer enquanto estivesse nos seus aposentos. Tinha que ser rápido. Os riscos que estava

correndo eram enormes, principalmente porque estava pondo em causa a única chance de resgatar as almas.

Controlou a tensão que sentiu se acumulando nos ombros ao atravessar o corredor. Inclinou ligeiramente a cabeça para passar pelos guardas e respirou fundo, aliviado, quando se viu sozinho na Sala do Trono. Foi para a porta da esquerda: eram os aposentos de Lúcifer. Inspeccionou as várias salas luxuosamente decoradas com todo o tipo de arte, livros e instrumentos musicais, mas não achou o que buscava. Voltou para a Sala do Trono e, desta vez, foi pela porta da direita: havia um corredor com várias portas e uma escada. Abriu as portas, enquanto ia passando, mas eram apenas diferentes aposentos magníficos que davam continuidade aos aposentos privados de Lúcifer. Daniel percebeu que não teria tempo para continuar a sua busca. Era muito arriscado. Teria que voltar. Passou novamente pelos guardas e, quando virou no corredor à direita, em direção à Biblioteca, viu Lúcifer, voltando do seu passeio matinal. Daniel sentiu um tremor: se tivesse demorado um minuto a mais, Lúcifer tê-lo-ia encontrado nos seus aposentos. Mas não podia permitir que Lúcifer fosse para a Sala do Trono: ele acabara de sair de lá segundos antes.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Lúcifer.

— Ia ver se você estava, mas desisti da ideia — mentiu. Lúcifer fixou o olhar ferino em Daniel: não estava convencido das intenções de Daniel quando decidira acompanhá-lo de volta ao submundo. Quem se submeteria a uma prisão voluntária? Devia haver uma razão oculta, uma razão maior do que o seu desejo de acertar contas com Samael.

— Por que ia ver-me? E por que mudou de ideia?

Daniel baixou o rosto, por um instante, como se estivesse hesitante. Lúcifer ficou imediatamente curioso com a atitude do

irmão. Os seus olhos brilharam.

— O que é, Daniel? — insistiu Lúcifer.

— Você pode vir comigo à Biblioteca um segundo? — pediu, recorrendo a um subterfúgio para afastar o irmão da Sala do Trono. De qualquer modo, Daniel já tinha planejado falar com Lúcifer, e a situação delicada em que se encontrava, naquele momento, fê-lo antecipar a conversa.

Lúcifer seguiu-o sem dizer uma palavra. Daniel dirigiu-se a uma das estantes e tirou de lá um enorme livro: uma cópia do Códex Giga que havia encontrado dias antes. Lúcifer sorriu assim que viu o livro, e o gesto não passou despercebido a Daniel. Colocou o imenso livro de setenta e cinco quilos sobre a mesa e abriu-o.

— Este é o Códex original, não é? — perguntou Daniel.

— Sim.

— Existem várias diferenças. Este ritual... — disse apontando para as páginas que haviam desaparecido da cópia, que estava na Terra — diz diretamente respeito aos Guardiões. Na cópia, o ritual não é muito claro e envolve uma pitonisa.

— O verdadeiro ritual é esse. E envolve dois Guardiões, mas os resultados são muito mais poderosos se a Guardiã for uma pitonisa — explicou Lúcifer, observando Daniel atentamente. — E se você o leu, já sabe o seu real significado e, também, o perigo. Algumas das regras a que os Guardiões estão submetidos são para evitar que aconteça o que está descrito nessas páginas.

Daniel sabia que não podia confiar em Lúcifer, mas se tudo o que estava escrito ali fosse verdadeiro, Daniel entendia por que ficara oculto. Além disso, ali estava revelado o segredo sobre a existência dos Guardiões.

— Foi você que alterou a cópia? — perguntou Daniel.

— Tive que alterar, Daniel... — confessou Lúcifer. — Já imaginou o que aconteceria se os Guardiões soubessem o que está nessas páginas? — fez uma pausa, antes de resumir: — Esse ritual permite que os Guardiões tenham filhos e rompam a regra da castidade em circunstâncias muito especiais.

— E por que deixou que eu soubesse disso agora? — perguntou Daniel, desconfiado das intenções de Lúcifer.

— Não era esse o conhecimento que procurava? Ele lhe permite *ficar* com a sua *noiva* — mencionou Lúcifer com ligeira ironia. Falar de Elizabeth irritava-o, depois que ela conseguira distinguir os dois, ao escolher Daniel.

— Responda à minha pergunta, Lux — pediu Daniel.

Ele baixou o rosto, por um instante, sorrindo de modo enigmático, e quando voltou a encarar Daniel revelou as suas intenções:

— A proibição dos Guardiões terem filhos tem a ver com o poder que eles teriam. Se você e Elizabeth tiverem um filho, ele será um dos seres mais poderosos da face da Terra... Sem a Consagração. E com a Consagração talvez seja até mais poderoso que você... — insinuou, para provocá-lo, mesmo sabendo que aquilo não era possível. Ninguém conhecia os verdadeiros poderes de Daniel. Ele sempre teve o cuidado de não os revelar. Daniel continuava sendo uma incógnita.

— Isso não vai acontecer! — interrompeu Daniel, rejeitando a ideia.

Lúcifer continuou olhando para ele, mantendo o sorriso no rosto, sem se abalar com a atitude do irmão. Daniel rejeitava a ideia de ter um filho com Elizabeth, mas essa também não era a ideia que Lúcifer tinha em mente. Ele queria apenas que Daniel e Elizabeth se tornassem íntimos, para que não suspeitassem quando ela engravidasse de Lúcifer. Esse era o seu plano: ter um filho de

Elizabeth. E esse filho cresceria entre Guardiões e conheceria todos os seus segredos, permitindo que Lúcifer os destruísse. Os Guardiões imiscuíam-se nos seus planos há séculos e aquilo precisava acabar. Elizabeth era um meio para ele se vingar de Daniel e dos Guardiões. Mas, antes, Lúcifer tinha que saber como Elizabeth havia descoberto a diferença entre eles. Depois seria fácil enganá-la e se fazer passar pelo irmão.

— Se você o diz... — respondeu Lúcifer, fazendo um gesto com a mão aberta, como se estivesse desistindo da conversa. Mas Daniel pressentia que algo estava errado.

— E o que você ganha ao mostrar-me o ritual? Qual o seu interesse num... filho meu e de Elizabeth? — insistiu Daniel.

— Ele poderia mudar o mundo. E nós — apontou com o indicador para Daniel e depois para si mesmo: — poderíamos nos unir e ter tudo o que jamais ousamos sonhar.

Daniel não respondeu. Observou atentamente Lúcifer e sabia que as palavras dele não tinham lógica: não fazia sentido que ele quisesse que Elizabeth e Daniel tivessem um filho. Algo não batia, e Daniel não sabia o que era, mas descobriria. Lúcifer devia ter algum objetivo oculto, algum esquema maquiavélico que envolvesse um filho dos Guardiões.

— Lux... — disse Daniel, apontando para o livro e mudando de assunto antes que o irmão percebesse as suas dúvidas — os rituais que estão aqui, para destruir um Anjo Negro, também são verdadeiros? Na cópia só há exorcismos, encantamentos, feitiços...

Daniel percebeu os olhos de Lúcifer escurecerem. Viu a ira passar pelo seu olhar.

— Não sei — mentiu devagar, furioso por ter deixado escapar aquilo. Ninguém sabia da existência daquelas folhas adicionais. Depois de saber da relação entre Elizabeth e o irmão e ter traçado

planos para ela, ordenara que um dos seus Anjos Negros colocasse o livro de modo a que Daniel o encontrasse, mas esquecera de mencionar que as folhas finais, contendo notas sobre os Anjos Negros, deviam ser arrancadas. Agora Daniel possuía um conhecimento precioso que facilitava a destruição dos Anjos Negros, um conhecimento que Lúcifer encobria há milênios.

— Não se preocupe, Lux. Com exceção do rito dos Guardiões, que você tão bem guardou e agora me revelou tão generosamente, todo o resto eu já sabia — afirmou, pensando em alguns dos conhecimentos que conseguira por meio da Laranja Dourada. Pela primeira vez reconheceu abertamente: — Eu tenho dons e conhecimentos especiais. Paralisei Lucrezia, um dos seus anjos mais antigos, e só não a destruí porque não queria que os Guardiões descobrissem a minha verdadeira identidade. Teria sido muito difícil explicar, naquele momento, como eu tinha todo aquele conhecimento, que não estava escrito em lado algum.

— Lucrezia pertence a uma categoria de anjos diferente — afirmou Lúcifer.

— Sim... Mas eu também posso destruí-la — Daniel continuou explicando com segurança. — Destruí todos os Anjos Negros que enfrentei. Mas você sabe isso.

— Agora compreendo por que as suas grandes destruições sempre acontecem quando está sozinho. Na presença dos Guardiões você sempre foi comedido, controlado — sorriu com ironia, antes de concluir: — Você nunca quis revelar a sua identidade e poder.

— Sim — reconheceu. — Porém, isso vai mudar. Os Guardiões já sabem quem eu sou. Não preciso mais me conter — avisou, dando a entender que as suas brigas seriam elevadas para um patamar mais intenso.

— Nem eu — respondeu Lúcifer, com uma expressão séria no rosto, deixando transparecer a ameaça que pairava no seu olhar frio.

— Além do Códex, queria também pedir para ver Elizabeth.

Lúcifer olhou-o por um segundo, surpreso com aquela segunda mudança brusca da conversa, e soltou uma gargalhada.

— Você é um prisioneiro, Daniel — lembrou, quando controlou o riso.

— Sim... Um prisioneiro voluntário. Suponho que possa fazer algumas concessões.

O pedido de Daniel era favorável aos planos de Lúcifer: quanto maior a proximidade com Elizabeth, menos Daniel seria capaz de resistir. Ele estava apaixonado e em breve cederia ao desejo e à tentação. Depois disso, Lúcifer poderia possuir Elizabeth, passando-se por Daniel, e ele jamais duvidaria que não fosse o pai da criança. Fingiu pensar alguns segundos, antes de concordar, com ar displicente:

— Claro.

— Uso o portal da Sala do Trono? — perguntou naturalmente. Haviam usado aquele para visitarem Elizabeth e os Guardiões.

— Sim. Venha comigo — convidou Lúcifer.

— Vou mais tarde — respondeu, dando uma rápida mirada no seu relógio de pulso. A noção de tempo ali era difusa: horas podiam parecer dias ou minutos. Para evitar surpresas, Daniel passou a usar o seu relógio de pulso.

Dieter estava irritado: Rudolf Halder acabara de informá-lo sobre a longa relação de amizade entre William Temple e Tom Hogdson, dois dos seus opositores. Eles eram amigos desde os tempos da

faculdade, segundo as informações do agente infiltrado entre os ingleses. E aquilo não era segredo.

Dieter levou alguns segundos para se acalmar, e Halder mostrou o verdadeiro objetivo da sua visita matinal: tirou o jornal inglês *The World* do saco de papel e colocou-o sobre a mesa, com a primeira página virada para cima.

Dieter viu sua foto e começou a ler o artigo. Os primeiros dois parágrafos eram generalistas e informativos, anunciavam a sua vitória e falavam dos novos rumos esperados para a Alemanha. Mas, a partir do terceiro, o autor, que não era outro senão Tom Hogdson, falava da ligação de Dieter com um poderoso grupo econômico, que tinha aumentado seus lucros milionários com a crise. Hogdson analisava friamente a atuação do ministro das finanças alemão, que continuaria no governo, e a atuação do partido de Dieter nos últimos anos, e mostrou que a Alemanha estava se preparando para o controle da Europa. Do ponto de vista político, Hogdson anunciou que eram esperadas medidas de direita cada vez mais duras, até porque Dieter Steinbach sempre fez questão de revelar que era de direita, defendia valores muito conservadores e era contra a imigração.

Ao terminar a leitura, Dieter deixara de estar irritado para ficar totalmente furioso. Aquele artigo teria repercussões e ia agitar os meios políticos, não apenas da Alemanha.

— Não é que seja mentira, mas é a forma como Hogdson escreveu, insinuando que sou o arquiteto da crise para fragilizar a Europa e ganhar com isso — disse com ironia, apontando para o jornal com o indicador. — O público não pode saber disso. Preciso dar uma coletiva de imprensa e revelar a verdade... Criar um novo fato para abafar este.

— Não acha melhor seguirmos o planejamento e esperarmos alguns dias?

— Não — disse peremptório. — Vamos acabar com isto, principalmente agora que sabemos que Temple e Hogdson estão alinhados.

— Vou contatar de novo Oliver Bassan, para eliminar de vez o *obstáculo*.

— Não.

— Não? — admirou-se Halder.

— Não podemos correr o risco de falhar novamente. Cada vez que falhamos Temple torna-se mais forte ao olhar dos eleitores. Foi um erro tentar matá-lo uma segunda vez, e o fato de a mulher ter sido atingida lhe angariou muita simpatia.

— O que pretende fazer?

Dieter sorriu. Semicerrou os olhos frios e fixou-os em Halder. Havia pensado bastante no assunto, antes de tomar aquela decisão.

— Destruir a coisa mais preciosa que um homem pode ter: a sua reputação.

Halder sacudiu a cabeça suavemente, sorrindo também. Aquilo seria perfeito.

— O que tem em mente?

— Basta ligar Temple a um dos nossos grupos e mostrar que ele foi um dos grandes beneficiários da crise — dirigiu-se ao escritório e abriu o cofre oculto atrás do quadro de Rembrandt. Tirou de lá um envelope branco e entregou-o a Halder. — Aqui estão os detalhes do que precisa ser feito. Use os infiltrados que tem e dê o mínimo de informação a cada um.

Halder compreendeu as ordens de Dieter: ele não queria que ninguém tivesse um panorama completo do que estava sendo feito. Olhou para a folha e viu tudo o que Dieter planejava. Ele era

detalhista e assinalara quais as ações das empresas e quais os bens que deviam passar para o nome do premiê inglês e, também, dos seus filhos.

— Faça dele um homem rico — disse Dieter, disposto a sacrificar milhões da fortuna do grupo para destruir o seu maior inimigo na Europa.

— Vai informar o Conselho sobre isto? — perguntou Halder.

— Depois que estiver resolvido — disse Dieter, cada vez mais sigiloso em suas ações.

— Precisamos da autorização dos outros para movimentar bens — comentou Halder.

Dieter entregou um segundo envelope e disse:

— Os códigos que vai precisar para acessar as contas e a minha autorização — fez uma pausa, e enfatizou: — Depois precisamos apagar os rastros eletrônicos dessa operação.

Ele fez um aceno com a cabeça concordando, antes de perguntar:

— E Tom Hogdson?

— Vou destruí-lo através de Lynn se ele continuar escrevendo sobre mim — comunicou com frieza, sem mostrar qualquer sinal de simpatia por Hogdson.

— Em breve todos vão escrever sobre você, Dieter — afirmou Halder.

— Não. Em breve ninguém se atreverá a escrever sobre mim! — virou o rosto sério e decidido para Halder, antes de dizer: — Lynn volta amanhã para Berlim. Mande alguém buscá-la no aeroporto e leve-a diretamente para o meu apartamento na cidade.

— Ela vai morar com você? — perguntou Halder.

— Sim — disse Dieter, depois de olhar fixamente para o amigo por alguns segundos.

— E quando decidiu isso? — Halder questionava-o com cuidado, evitando irritar Dieter naquele momento. Sabia que Lynn estava se tornando emocionalmente importante para ele, mas também se transformara num trunfo político contra o pai, Tom Hogdson.

— Agora.

— Não está se precipitando?

— Não... Eu quero Lynn ao meu lado e se isso for péssimo para Hogdson, é uma ótima situação, não concorda?

— Concordo... — disse Halder, baixando a cabeça, pensativo. Apesar dos argumentos de Dieter, ele estava se afastando dos planos originais e isso não era algo que agradasse ao general. Ele preferia evitar os improvisos.

Assim que ele atravessou o espelho, Elizabeth reconheceu-o. Depois que percebera a diferença entre eles, ela tornara-se tão óbvia que não era possível escamoteá-la. Atirou-se nos braços dele, sem temores ou dúvidas. A sombra negra que havia pairado sobre o relacionamento deles tinha desaparecido.

Na Sala do Trono, Lúcifer acompanhava atentamente a cena. Quando Daniel atravessou o portal, Lúcifer manteve-o aberto para ver o encontro entre Daniel e Elizabeth. Dos sete portais, aquele era o único que podia ficar aberto e refletir o que estava acontecendo: as imagens surgiam no espelho como um filme. Lúcifer seguia os gestos do irmão como um estudante aplicado, para evitar erros quando voltasse a encontrar-se com Elizabeth.

Daniel afastou-se um pouco dela e segurou seu rosto com as duas mãos para vê-la melhor. Aqueles meses longe dela, temendo que ela se envolvesse com Lúcifer, pertenciam ao passado. Ela voltara a ser a sua Elizabeth. Beijou-a na face, com ternura, antes de dizer:

— Preciso falar com Dib. Sabe onde ele está?

— No escritório — ela informou.

— Você pode esperar aqui por mim? — pediu. Ele queria estar com ela, mas a sua presença ali tinha outra razão: precisava fazer o encantamento para proteger o corpo de William Temple contra qualquer derramamento de sangue. Daniel não podia praticar aquele ritual no submundo, onde os seus poderes estavam diminuídos, devido à energia negra do lugar.

Ela aquiesceu com a cabeça e sentou-se na poltrona, esperando calmamente que ele retornasse. Trinta minutos depois Daniel voltou.

Elizabeth levantou-se assim que ele entrou no quarto e abraçou-o.

— Estava com tanta saudade — disse, com o rosto afundado na curva do pescoço dele.

Daniel sorriu, antes de perguntar, com o rosto tão próximo do dela que podia sentir o seu hálito refrescante:

— Como soube que era eu?

— Pelos olhos — respondeu baixinho.

— São iguais. Exatamente iguais — argumentou Daniel.

Lúcifer, sentado no seu trono negro, inclinou-se para diante, com um interesse vivo, aguardando a resposta dela. Havia esperado ansiosamente por aquele momento.

— Não — rejeitou, antes de explicar. — Os seus têm uma doçura no fundo... É uma luz que vem direto daqui — pôs a mão sobre o coração dele. — E isso não é possível igualar.

— Você não pode falar sobre isso com ninguém. Ninguém — disse Daniel, percebendo que a ternura que sentia por ela é que estava visível no seu semblante. Era uma ternura que ele quase perdera nas batalhas contra o irmão e seus soldados maléficos, mas ela resgatara.

— Por quê? Ele não pode imitar isso...

— Se ele souber como é que você nos distingue, ele pode imitar isso — segurou o rosto dela e disse baixinho: — É uma expressão no olhar.

— Mas não é uma expressão qualquer, Daniel — percebeu que ele estava preocupado e tentou serená-lo. — Eu sei a diferença. Além disso, existem as cicatrizes...

— Mesmo assim — interrompeu, pedindo —, não comente com ninguém.

— Não vou comentar — concordou, antes de perguntar. — Por que nunca disse que Lúcifer era seu irmão?

— Não é algo que se diga. Por vezes é... doloroso — respondeu sério, sem revelar que a sua ligação gemelar com Lúcifer tinha um preço muito elevado. O fato de serem irmãos ocultava uma realidade ainda pior, mais terrível.

Ficaram se olhando intensamente, e ele sentiu o desejo latejando no seu corpo. Apertou-a contra o peito, antes de beijá-la com sensualidade.

— Preciso retornar — avisou Daniel para evitar perder-se nos braços dela.

— Quando você volta?

— Não sei. Mas não esqueça o que eu disse — lembrou, segurando-a ainda pela cintura e acariciando docemente o rosto dela.

— Não esqueço — confirmou, sabendo da preocupação de Daniel com o fato de Lúcifer poder assumir a identidade dele para se aproximar dela, como já havia feito.

Daniel encostou os lábios na pele acetinada dela e segredou, antes de partir:

— Eu amo você.

18. A Noite Vermelha

Aqueles que não conhecem a história estão fadados a repeti-la.

Edmund Burke (1729-1797)

Oliver Bassan continuava lutando para aceitar todas as revelações de Alessia, mas a forma segura e detalhada com que ela falava sobre o assunto parecia convencê-lo aos poucos. Agora entendia o aviso dela, de que nada voltaria a ser o mesmo, depois de escutar as histórias que ela tinha para contar. Aquele novo mundo mágico desafiava a racionalidade que pautara toda a sua vida.

Eles se encontravam diariamente e a intensidade crescente do seu relacionamento não deixava dúvidas sobre a intenção de permanecerem juntos. O único problema, que era também incontornável, era a condição de Alessia enquanto Guardiã. Ao contrário de Arturo, ela temia abandonar o seu estado de imortalidade e estava consciente dos riscos que corria quando se submetesse à Consagração seguinte. Também sentia que a sua energia era afetada pela relação com Oliver: os seus sentidos e percepções não eram tão claros como antes. E sabia que a mudança

do seu padrão de energia era perceptível para todos, por isso decidiu falar com os Guardiões e explicar o que estava acontecendo.

Dib marcou a reunião na Biblioteca da Ordem, para atender ao pedido de Alessia. Quando todos se sentaram, ela confessou, com tranquilidade, indo direto ao ponto:

— Eu preciso comunicar algo pessoal e que tem impacto na Ordem: eu me apaixonei.

Apesar de todos já terem sentido as mudanças na energia de Alessia e perceberem que algo havia acontecido, a revelação foi uma surpresa.

Elizabeth achou que ela estava sendo muito corajosa. Quisera ter tido a coragem dela e dizer a todos que estava apaixonada por Daniel.

— E foi por isso que quebrei as minhas regras de castidade — continuou explicando, ao mesmo tempo em que encarava os Guardiões com o olhar límpido, sem temor, escudada pela força do amor que sentia por Oliver.

— Isso é... muito importante, Alessia — afirmou Dib, surpreso. — Vai deixar a Ordem?

— Não sei o que fazer, mas creio que deixar a Ordem é a coisa certa — hesitou um pouco, antes de dizer: — Preciso pensar antes de decidir, se você concordar, Dib.

Ele anuiu com a cabeça. Não podia perder mais nenhum guardião, mas também não podia apoiá-la abertamente porque ela infringira as regras. Não entendia o que estava acontecendo com os Guardiões: desde a morte de Arturo tudo parecia estar se desmoronando. Ansiava pelo retorno de Daniel. Perguntou, apenas para confirmar as suas suspeitas:

— Podemos saber quem é?

— Oliver Bassan — respondeu, percebendo um sorriso de cumplicidade da parte de Miguel Besson. Quando ela disse que estava apaixonada, ele já sabia que se tratava de Oliver. Era evidente a atração dos dois desde que haviam se conhecido.

Todos recordavam que Elizabeth mencionara a importância de Oliver para a Ordem, na época em que ele a sequestrara. E, perante aquele novo evento, a premonição de Elizabeth estava se confirmando e talvez aquela fosse a participação de Oliver.

— Alessia, deixar a Ordem é um passo definitivo — disse Uchoa. — Pense bem. Lembre-se de Arturo e como tudo foi tão rápido...

— Eu sei — respondeu. Depois de estar nos braços de Oliver, mesmo sabendo que estava traindo os princípios da Ordem, não conseguia deixar de pensar em Arturo: trocar a eternidade pelo amor parecia a decisão certa, por muitos temores que tivesse.

Dieter tinha bem vívida a memória do dia em descobriu a verdade sobre a sua identidade. Dois dias após completar quinze anos, o pai chamou-o à sala, onde era aguardado por um homem de cabelos brancos. Thomas Lang tinha setenta e dois anos e a sua idade física era desmentida pelos gestos vibrantes. Percebia-se que era um homem de convicções fortes e apaixonadas, daqueles que dedicam a vida a um ideal.

Lang explicou-lhe que era o líder do Dragão Verde, uma poderosa sociedade secreta com um plano político ambicioso. Eles pretendiam alargar o território alemão e transformar a Europa multirracional numa Europa ariana. Fundamentavam as suas pretensões de expansão territorial no conceito de *Lebensraum*, a ideia de *espaço vital* usada por Hitler décadas antes para justificar a invasão e anexação dos países europeus. Esse ideal da raça e conquistas

arianas, explicara Lang, estivera próximo de se concretizar com o Terceiro Reich, mas a Alemanha perdera a guerra. No entanto, estava se aproximando o momento da Alemanha se tornar de novo poderosa, desta vez sem erros. Para isso era necessário um líder forte, que assumisse o Quarto Reich. E Lang informou-o que ele seria esse líder, revelando o porquê.

A partir daquele momento, Dieter abraçou o papel que lhe havia sido destinado, acreditando no seu valor para a história alemã. O verdadeiro segredo da Sociedade do Dragão Verde era Dieter Steinbach. E era esse segredo que ele ia expor, apesar da apreensão de alguns membros da Sociedade que o aconselharam a solidificar a sua liderança no governo, antes da bombástica revelação. Mas Dieter já se decidira.

Apareceu na televisão, irrepreensível e elegante. Assim que começou a falar, o seu carisma magnetizante teve um efeito hipnótico sobre a população que acompanhava atentamente a primeira intervenção oficial do seu chanceler. Dieter representava a extrema-direita, mas só agora iria assumir todos os princípios neonazistas, que haviam sido banidos da Alemanha desde a final da Segunda Guerra. Ele falou da crise, do desemprego, da violência e da imigração não apenas na Alemanha, mas em toda a Europa. Afirmou que iria tomar medidas para resolver todos aqueles problemas, como havia prometido na campanha. Mas o que realmente pretendia revelar naquela noite era algo muito pessoal. Todos estavam suspensos nas palavras dele, e a audiência não parava de aumentar. E o que Dieter tinha para revelar dizia respeito às suas origens, mantidas ocultas para sua própria segurança. Disse, fixando a câmera, como se estivesse olhando para cada um dos que o estavam vendo e escutando:

— Eu sou neto de Adolf Hitler e Geli Raubal.

Quando terminou a frase, fez uma pausa estudada. O país inteiro manteve-se em silêncio, acompanhando o silêncio dele. Estavam fascinados com Dieter e a sua tremenda coragem ao revelar que não era apenas neto do homem responsável pela Segunda Guerra, como também era fruto de uma relação incestuosa entre Hitler e sua sobrinha Geli, a grande paixão do avô.

Aquela revelação chocante mostrou a verdadeira força de Dieter Steinbach e, naquele momento, embora o neonazismo já tivesse muitos seguidores, na sua maioria silenciosos, consolidou-se a certeza de que chegara o momento da Alemanha reivindicar o seu papel na história. E essa certeza surgiu sem esforço, embasada na identidade de Dieter. Ele era o *herdeiro natural* do poder.

Quando Dieter voltou a falar, fez outra afirmação surpreendente:

— Tenho grandes planos para a Alemanha. Nós somos o Quarto Reich — fixou de novo a câmera, com o seu olhar intenso, que parecia fazê-lo sair da tela diretamente para dentro da sala de estar das pessoas, e deu um sorriso breve, que mostrava uma linha fina de dentes alvos e perfeitos — Conto com vocês, meus irmãos de sangue.

Tom Hogdson terminou o dia com uma desagradável surpresa. Estava chocado, assim como o resto do mundo, com a revelação sobre a ascendência de Dieter e a sua clara intenção de formar o Quarto Reich. Politicamente aquilo significava a ascensão do neonazismo, que precisava ser travado de imediato. Pessoalmente, significa que a sua filha estava vivendo com o neto de Hitler, e que ele seguia as passadas do avô. Desde que ela voltara para Berlim que estava morando com ele. Mas aquilo não era tudo.

O celular tocou, arrancando-o dos seus pensamentos lúgubres. Hogdson atendeu de modo automático, aliviado por se tratar de Temple: talvez ele fosse a única pessoa que compreenderia a profundidade do seu sofrimento naquele instante.

— Você viu a intervenção? — perguntou Hogdson, referindo-se ao discurso de Dieter, antes que Temple falasse.

— É de arrepiar! — confirmou Temple.

— E Lynn está grávida! — rematou Hogdson com a voz cansada, como se o mundo tivesse desabado sobre ele. Naquele contexto, a gravidez de Lynn era terrível.

— O quê? — perguntou Temple, surpreso, sentindo uma onda súbita de simpatia pelo amigo. Não conseguia imaginar o que ele estava passando. Tinha telefonado para trocar algumas ideias sobre Dieter, mas o problema do amigo havia dominado a conversa.

— Ela ligou esta manhã para dizer que está grávida de um mês. Não sei o que fazer.

Temple ficou em silêncio por alguns segundos, pensativo, antes de aconselhar:

— Fique do lado dela. Não critique, não se oponha... Não faça nada! Porque ele vai usar Lynn para atingir você.

— Ela está totalmente apaixonada por aquele monstro — disse Hogdson, desgostoso.

— Precisa convencê-la a voltar para a Inglaterra.

— Eu sei, mas vai ser difícil — respondeu Hogdson. — Além disso, precisamos nos preparar para o pior. Estamos vendo o ressurgimento do neonazismo por toda a Europa. A crise é propícia a isso... E agora eles têm um líder.

— Eles alimentaram a crise, porque tinham um líder — concluiu Temple, invertendo a ordem dos acontecimentos. Agora tudo era tão

claro que não entendia como aquilo lhe podia ter escapado. — E não é um líder qualquer.

— Não — concordou Hogdson. — É o legítimo herdeiro do legado nazista.

— Estamos todos preocupados. Eu vou ter uma reunião emergencial em Paris, com alguns chefes de estado. Mas vamos manter isto confidencial — pediu Temple ao amigo. — Eu falo com você quando voltar, depois de amanhã.

Quando se despediram, nenhum dos dois imaginava quão terrível seria aquela noite, e o impacto que ela teria para a democracia.

Dieter observou Lynn dormindo ao seu lado e abraçou-a com ternura. A gravidez dela foi inesperada, mas deixou-o feliz por perceber que a sua vida estava se tornando muito melhor do que planejara: era o líder da Alemanha, seria pai de novo e estava encantado com Lynn. Embora o relacionamento deles fosse muito recente, Dieter queria legitimar a relação com ela, ao casar e torná-la pública, mas precisava esperar alguns dias para que todos assimilassem quem ele era. Desistiu de parecer um misógino, como o avô. Aquela imagem servira ao seu propósito durante a eleição, mostrando-o como um homem dedicado à Alemanha. Agora, a presença de Lynn contribuiria para humanizá-lo junto aos apoiantes.

Assumir a sua genealogia e constituir uma família seriam as únicas revelações que ele pretendia dividir com o público. Jamais revelaria que o sombrio segredo sobre a sua existência e a do seu pai, guardado desde o final da década de 1930, provocou a morte de muita gente ao longo de setenta anos, inclusive da sua avó Geli e da sua mulher Helen.

Apesar de Geli ter sido a verdadeira paixão de Hitler, foi assassinada quando ameaçou contar ao mundo que tinha um filho dele. A história posterior, sobre uma suposta paixão de Geli pelo motorista, que teria levado ao suicídio dela, era totalmente falsa e servira para justificar e camuflar o assassinato dela, perpetrado por um dos acólitos de Hitler. Por questões de segurança, Hitler estava distante do seu apartamento no momento em que Geli foi morta com a pistola do tio, para reforçar a ideia de suicídio. O trágico foi que ela levou duas horas para morrer. Hitler tinha ficado completamente fora de si com o sofrimento desnecessário infligido a Geli e não hesitou em mandar fuzilar o responsável pelo assassinato.

Depois disso, foi criado o grupo especial *Stille Hilfe* com a principal missão de proteger o filho de Hitler e, muitos anos depois, o seu neto, ambos herdeiros do legado ariano. Agora, também ele teria um herdeiro e o mesmo grupo que o mantivera em segurança protegeria o seu filho. E tudo o que Dieter desejava era que esta nova criança fosse diferente de Peter.

Os objetivos de Dieter eram claros: politicamente, precisava conquistar a Europa e, pessoalmente, tinha que proteger Lynn e o seu filho. Ela queria terminar a faculdade e, embora isso não agradasse a Dieter, ele acabou concordando depois de avisá-la que colocaria dois seguranças para garantir a proteção dela. Após o seu sequestro por Lucrezia, Dieter tinha a desculpa perfeita para controlar Lynn em todos os momentos, afirmando que a estava protegendo e mascarando, assim, a sua verdadeira face possessiva e controladora.

Naquela noite, enquanto Dieter dormia abraçado a Lynn, um rio de sangue correu silenciosamente por toda a Alemanha, levando consigo todos os inimigos do estado neonazista que haviam sido identificados. Por isso, aquela noite ficou conhecida como a Noite

Vermelha, em referência ao sangue derramado. Centenas de pessoas foram executadas com um tiro na cabeça, em uma megaoperação que não deixava dúvidas sobre a eficácia e magnitude dos militares que serviam a Dieter. Rudolf Halder assumira as Forças Armadas. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica estavam sob o seu comando implacável.

Naquela noite terrível, foram assassinados mais de dois mil homens e mulheres que, em algum momento, se posicionaram contra o nazismo, Dieter ou a ascensão do Quarto Reich. As ruas se tingiram de sangue e as vozes dissonantes foram silenciadas. O medo se instalou. Os opositores do nazismo na Europa tremeram perante a comprovada ameaça que o Quarto Reich representava ainda nos seus dias iniciais. Dieter estava repetindo os passos do avô, mas com uma eficácia que Hitler jamais alcançara, mesmo nos seus dias de glória. A Europa estava começando a acreditar que, em breve, os alemães iniciariam as invasões a outros países, para atender aos desejos de expandir o seu *espaço vital*, conquistando territórios.

Miguel e Seth chegaram a Berlim após a fatídica Noite Vermelha, com o objetivo de descobrirem o paradeiro de Lucrezia. Acreditavam que ela era a força por trás do poder de Dieter Steinbach.

Era visível a tensão na capital alemã, e muitos dos que haviam votado em Dieter foram surpreendidos por suas revelações e atitudes. Desejavam uma Alemanha mais forte, mas não por aquele preço terrível do ressurgimento do nazismo. Foi como se tivessem estado com os olhos vendados, e de repente a venda caísse. No entanto, os jovens estavam dominados por um entusiasmo febril e

espalhavam-se pelas ruas, ignorando as tristes lições da história e os horrores da Segunda Guerra.

Porém, o mais espantoso eram os outdoors e as bandeiras estrategicamente posicionadas com os símbolos e as cores negras, vermelhas e brancas do partido nazista. Em uma noite, a temida suástica ressurgia nas ruas, e os soldados negros caminhavam pelas principais cidades alemãs em pequenos grupos, com seus rostos perfeitos e sérios, representando a Nova Ordem.

Miguel e Seth trocaram alguns olhares de cumplicidade, em silêncio, durante o percurso do aeroporto ao hotel. Perceberam que o taxista, um senhor de sessenta anos, estava nervoso, observando tudo atentamente, sem pronunciar uma única palavra. O medo era palpável.

Miguel e Seth sabiam que o acesso a Dieter seria difícil e ele estava rodeado de medidas de segurança. Por isso haviam solicitado previamente uma reunião, sabendo que ele concordaria assim que soubesse que o assunto era Lucrezia Zani. E, tal como haviam previsto, Dieter marcou a reunião, que aconteceria às duas da tarde daquele dia.

As instalações de Dieter estavam cercadas de soldados. Miguel e Seth foram conduzidos ao escritório, onde eram aguardados por Dieter e Halder. O general parecia mais imponente no seu uniforme negro, e a sua presença tinha um efeito dissuasor, para que os dois visitantes evitassem qualquer atrevimento contra o líder alemão.

Dieter apontou para duas das quatro poltronas em couro negro, em volta da mesa redonda, enquanto ele e Halder ocuparam os dois lugares remanescentes. Dieter foi o primeiro a falar:

— Em que posso ajudá-los?

— Estamos procurando Lucrezia Zani e acreditamos que você sabe onde ela se encontra — Miguel afirmou, atento à expressão do rosto

de Dieter, mas ele manteve-se imperturbável.

— E por que saberia? — questionou Dieter.

— Lucrezia acreditava que você era o *herdeiro natural*, aquele que dominaria a Europa com seu poder. E ela investiu muito em você, mesmo que não saiba disso! Portanto, por uma questão de lógica, ela tem que estar aqui — Miguel falava num tom suave, como se estivesse contando uma história de embalar.

— Como obteve essa informação? — questionou Halder, intervindo pela primeira vez.

— Através de Lucrezia — informou Miguel, de modo breve.

— Qual a sua ligação com ela? — perguntou Halder de novo.

— Nós contribuímos para a prisão dela na França — respondeu Miguel, incluindo Seth na conversa. — Lucrezia Zani é perigosa e precisa ser detida.

— Mas se ela está do meu lado, por que eu o ajudaria? — questionou Dieter.

Miguel inclinou o corpo para diante e fixou o olhar em Dieter, mudando o tom de voz manso para um mais frio:

— Se ela não está contatável é porque algo aconteceu. E isso parece indicar que você não deseja a ajuda dela.

Halder franziu ligeiramente os olhos, antes de dizer, com a voz pausada:

— Se vocês a prenderam, por que ela iria permitir que a contatassem?

Miguel sorriu, antes de responder:

— Porque, depois que a aprisionamos, eu a ajudei a escapar da prisão.

— E por que faria isso? — insistiu Halder, intrigado.

— Para recuperarmos a Lança do Destino, que ela enviou para você, Dieter — anunciou falando diretamente com Dieter. — Essa

lança nos pertence.

Dieter semicerrou os olhos, percebendo que eles estavam muito bem informados, enquanto ele não sabia nada a respeito deles. Halder havia-os investigado antes da reunião e não tinha descoberto nada. Era como se eles levassem uma vida anônima e inocente, incongruente com o que eles estavam lhe contando naquele momento.

— Essa lança pertenceu ao meu avô.

— Sim, sabemos disso. Mas foi uma... posse temporária — afirmou Miguel, sem conseguir evitar a ironia. Seth moveu-se ligeiramente na poltrona. A conversa estava indo muito bem, e Miguel não podia criar nenhum ponto de tensão. Miguel percebeu o movimento de Seth e tentou corrigir o comentário, retomando o tom sério. — Ela foi... tirada de nós.

— Diria que são demasiado novos para essa afirmação — disse Halder.

— Besson refere-se à nossa família — disse Seth, pela primeira vez.

— Então vocês são parentes? — perguntou Halder.

— Sim — mentiu Seth, serenamente. — E gostaríamos de recuperar a nossa herança.

— Dizem que a lança é um artefato mágico — comentou Dieter, observando-os.

— Conhecemos as lendas em torno dela — confirmou Seth.

Ficaram em silêncio por alguns momentos, antes de Dieter afirmar:

— Não sei onde está Lucrezia e não tenho a lança.

Miguel sorriu, mas agora os seus olhos pareciam feitos de gelo.

— Vou contar uma história para que compreendam com o que estão lidando e você, Dieter, conheça o papel que lhe foi reservado,

independente das suas ambições pessoais — avisou Miguel. — Todos nós sabemos que o nazismo sempre teve uma ligação com o oculto. O seu avô tornou-se líder graças a uma série de fatores, mas a Lança do Destino e o ocultismo desempenharam um papel vital na ascensão do nazismo. Isso teve um alto preço pago em vidas humanas: em troca do poder foram necessários milhares de sacrifícios humanos.

Dieter moveu-se na poltrona, descruzando as pernas e voltando a cruzá-las. Parecia desconfortável com o rumo da conversa. Ele sabia tudo aquilo, crescera envolvido em crenças sobrenaturais, e o nazismo continuava ligado ao ocultismo.

— O problema é que — Miguel continuou falando — os contratos feitos com criaturas da escuridão são imprevisíveis e é impossível antecipar o seu desfecho. Em algum momento essas criaturas exigem um preço alto demais, que nem sempre é possível pagar. Elas querem sempre mais e quando não são atendidas rompem o contrato. Foi o que aconteceu com o seu avô — explicou Miguel, omitindo a intervenção dos Guardiões. — Vocês, como representantes máximos do nazismo, conhecem esta história. E sabem que a lança chegou até Dieter para que ele faça um novo acordo e cumpra o destino planejado para o seu avô, desta vez, evitando os erros que ele cometeu.

Miguel fez uma pausa, avaliando Dieter e Halder. Eles mantinham-se imóveis, mas era óbvio que estavam acompanhando a sua dissertação com muita atenção.

— E, é neste contexto, que Lucrezia surge com a oferta de poder ilimitado através da Lança do Destino, em troca de mais sacrifícios humanos. A equação é a seguinte, Dieter: ou você se envolve com a magia negra e terá muito poder por algum tempo, e um fim trágico,

ou você se dedica à política e talvez tenha poder por menos tempo, mas será dono do seu destino.

— Por que deveríamos acreditar nisso? — perguntou Dieter, tentando aparentar indiferença.

— Porque sabe que tudo isto é verdade e não há ninguém que os possa ajudar a destruir Lucrezia Zani. Ela é uma poderosa... maga negra — Miguel escolheu um termo que considerou mais fácil de explicar. — E se não for detida, e você usar a lança, terá o mesmo destino fatal do seu avô: esplendor e queda — concluiu, recostando-se de novo na poltrona.

Aquela informação explicava por que Lucrezia não tinha sido morta com os tiros, e por que a lança precisava estar no seu peito para mantê-la imóvel, mas também revelava que aqueles dois homens tinham um conhecimento profundo, e perigoso, de tudo o que estava acontecendo.

— Quem são vocês? — perguntou Halder, com o maxilar tenso.

— Não podemos dar essa informação. Só podemos dizer que a nossa missão é...

— Recuperar a lança e destruir Lucrezia Zani — interrompeu Halder, impaciente.

O silêncio envolveu de novo a sala. Seth falou, tentando amenizar a tensão que parecia estar crescendo com o silêncio:

— Sabemos que é difícil confiarem em nós, mas não há opção: Lucrezia deve ser destruída.

— Ela não se encontra em situação de fazer mal a ninguém — informou Halder.

Miguel sorriu. Finalmente confirmaram que Lucrezia estava com eles.

— Não se iludam: enquanto ela não estiver morta, ninguém está seguro, principalmente você, Dieter — avisou Miguel, levantando-se

e indicando que a reunião terminara. — Nós vamos continuar em Berlim por alguns dias. Se mudarem de ideia e quiserem a nossa colaboração, liguem para este número — entregou um cartão com o seu telefone.

O jovem soldado estava fascinado por Lucrezia Zani: a beleza dela mantinha-se inexplicavelmente intocada muitos dias após a sua morte. A lança continuava no seu peito, e ele se perguntava o que aconteceria se a arrancasse dali.

Desde que haviam levado o corpo de Lucrezia para a cripta da família de Dieter que o soldado a visitava sorrateiramente. Ele era um dos dez soldados de elite responsáveis pela segurança da casa de Dieter, localizada num dos extremos da imensa propriedade, onde também se encontrava o campo de treinamento das tropas especiais.

Sempre que a visitava, ele sentia aumentar a vontade de libertar a mulher da lança que a mantinha imobilizada. E foi o que decidiu fazer naquele final de tarde. Aproximou-se do caixão sem tampa, porque a lança, erguida sobre o peito, não permitia que fosse fechado. Olhou para a mulher e acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos. Embora a temperatura fosse mais fria que a sua, não se aproximava da pele gélida dos mortos. Sentia-se tão atraído por ela, como se estivesse sendo magnetizado. Com gestos cuidadosos fechou as mãos sobre a lança, preparando-se para arrancá-la do peito de Lucrezia e, nesse exato instante, escutou a voz fria de Halder nas suas costas:

— O que você acha que vai fazer?

O soldado voltou o rosto para trás e encarou o general, em seu impecável uniforme, sem soltar a lança. Halder avisou-o, com voz de

comando:

— Solte a lança.

Mas o soldado ignorou a ordem do seu general. Halder percebeu que ele parecia possuído por uma espécie de transe e, embora não quisesse feri-lo, não lhe restava outra opção. Não podia permitir que libertassem aquela mulher sem antes descobrirem exatamente como poderiam matá-la. Tirou a pistola do coldre e ordenou de novo:

— Afaste-se dela.

O soldado continuou dedicado à sua tarefa de arrancar a lança do peito de Lucrezia. Halder percebeu que o cabo da lança se moveu ligeiramente. Apertou o gatilho e o soldado caiu, com um tiro fatal na nuca. Halder aproximou-se do caixão. Olhou para Lucrezia e percebeu que os olhos dela estavam semicerrados, como se ela estivesse fazendo um esforço para despertar. Halder reconheceu que ela era realmente muito bela. Questionou-se como ela poderia ter o poder de se mover com o coração atravessado por uma lâmina. Deduziu que, mesmo imobilizada, ela exercera um estranho encanto sobre o soldado e, antes que lhe acontecesse o mesmo, segurou a lança com as duas mãos e forçou-a para dentro do corpo dela, garantindo que o atravessara totalmente.

Halder chamou os soldados para que levassem o corpo do jovem morto e fechou a porta à chave. A partir daquele momento as visitas à cripta estavam proibidas.

E, pela primeira vez, o general pensou seriamente na oferta dos estranhos homens que haviam visitado o escritório de Dieter, dois dias antes. Desde então, Halder mantinha-os sob vigilância, mas tudo o que eles haviam feito era passear pela cidade, visitar museus, antigos monumentos, a Biblioteca Nacional e duas universidades. Teriam se confundido com dois turistas inofensivos se Halder não soubesse o que eles queriam. E além de suas atividades

aparentemente inofensivas, Halder notou algo que o deixou de sobreaviso: uma das universidades que visitaram era frequentada por Lynn. Aquilo não era uma coincidência.

Naquela mesma noite falou com Dieter, e depois de contar o trágico incidente com o soldado, afirmou que precisavam de uma solução definitiva para Lucrezia. Naquele momento Halder precisava se concentrar na reorganização das Forças Armadas e não podia estar preocupado com o que poderia acontecer com Lucrezia Zani. Se ele não tivesse feito a sua ronda habitual pela torre norte, talvez Lucrezia tivesse se libertado e certamente voltaria a atacar Lynn, porque ela se tornara o ponto vulnerável de Dieter. Esse argumento fez com que Dieter concordasse com a solução proposta por Halder: no dia seguinte, entregariam Lucrezia aos dois homens que andavam procurando por ela.

A nova visita de Daniel deixou Elizabeth feliz. Aos poucos tudo parecia voltar ao normal entre eles, embora ainda não tivessem conversado sobre a noite em que Daniel foi levado.

— Você gostaria que repetíssemos aquela noite? — perguntou Daniel, sentado ao lado dela na beira da cama, segurando uma das mãos dela.

— Sim... Você não? — quis saber ansiosa.

— Gostaria muito — beijou os dedos dela. A boca dele estava mais quente que o normal e ela estremeceu com o contato sensual dos lábios contra a sua pele — Mas não sei quando vou sair do submundo. Se você quiser... — hesitou, e Elizabeth perguntou:

— Se eu quiser o quê?

— Eu posso ficar uma noite com você — disse baixinho.

— Eu gostaria — respondeu.

— Vou descobrir como fazer isso, sem que... Lúcifer saiba.

— Como vai conseguir?

— Ainda não sei. Preciso investigar — disse, sorrindo. — Agora preciso voltar antes que ele descubra a minha ausência — anunciou, despedindo-se.

Pouco depois, sentado no seu trono negro, Lúcifer sorria satisfeito: conseguira enganar Elizabeth, a única pessoa que o havia conseguido diferenciar de seu irmão e, em breve, ela seria sua e teria no ventre um filho seu. O seu plano maquiavélico estava dando certo: agora só precisava que Daniel ficasse uma noite com ela, para fazê-lo acreditar que o filho era dele. Elizabeth não ficaria no submundo enquanto estivesse grávida porque o seu filho morreria. Além disso, o objetivo era que o seu filho fosse criado pelos Guardiões.

Depois de muito tentar, Lúcifer estava finalmente no caminho certo para contornar as limitações a que estava sujeito desde que tinha sido expulso do paraíso: não podia ter filhos com nenhum Anjo Negro, porque elas eram inférteis e não podia ter filhos no submundo porque eles morriam com pouco tempo de gestação. Era uma maldição do Divino, para que ele não tivesse descendência.

Também já tentara ter filhos com mulheres, mas nenhuma suportara a sua temperatura no ato da concepção e todas haviam morrido queimadas. Lúcifer sorriu ao lembrar que os cientistas se interessaram pelos casos das pessoas que arderam, de dentro para fora, sem que nada mais ao seu redor tivesse incendiado. Eles haviam chegado à conclusão de que se tratava de um fenômeno chamado "combustão espontânea". Aquela teoria explicara a morte dos humanos que ele havia incendiado. Mas Elizabeth era uma guardiã e ele já a testara: ela suportaria a sua temperatura e,

depois, viveria com o seu filho na superfície, protegida por aqueles que desejavam destruí-lo.

A chacina dos opositores alemães na Noite Vermelha teve repercussões: a maioria dos países sugeria o corte das relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha, e várias manifestações aconteciam um pouco por todo o lado. Mas nada disso afetava os nazistas: enquanto o resto do mundo se posicionava contra Dieter, os alemães, especialmente os jovens, iam para as ruas defendê-lo.

Os Estados Unidos, reivindicando seu habitual papel de arauto do bem, tentaram penalizar a Alemanha, mas recuaram ao compreender que os seus principais bancos estavam nas mãos do grupo JKW. Então, lentamente a Alemanha seguiu o seu rumo, sem pressões externas e sem que ninguém se atrevesse a imiscuir-se nas suas políticas.

Temple continuava sendo o rosto da oposição a Dieter. Naquele dia, Olivia Knill entrou na sua sala e entregou-lhe um envelope confidencial, que viera com a sua correspondência. Temple agradeceu e, quando ficou sozinho, abriu o envelope e analisou as três folhas que estavam no seu interior. A primeira tinha o seu nome no cabeçalho, a segunda estava com o nome do seu filho e a última com o da sua filha. Levou alguns minutos para compreender o significado do que estava lendo até que, finalmente, tudo ficou claro. Cada folha correspondia a uma lista de bens que provava a ligação da sua família aos negócios do JKW, fazendo dele um homem inesperadamente rico, sem que ele conseguisse explicar a proveniência de todo aquele dinheiro.

Temple sentiu uma onda de calor e uma espécie de tontura ao compreender a armadilha: o JKW estava a incriminá-lo para que ele

parasse de pressionar a Alemanha. Ficou pensativo, avaliando as suas opções, e quando deixou o escritório já tinha um plano. Durante o percurso para casa, telefonou ao diretor dos serviços secretos e pediu-lhe que fosse ao seu apartamento pessoal.

Depois dos dois atentados, e do desafortunado acidente com Joan, Temple vencera as suas suspeitas em relação à possibilidade de qualquer um ser infiltrado nazista no seu governo e passara a confiar gradualmente no diretor: um homem pacato e muito ponderado, que ocupava um cargo vital, mas falava pouco.

19. A sala das almas

Aquele que guarda um tesouro valioso, experimenta obrigatoriamente grandes perdas.

Lao Tzu (604 a.C.-531 a.C.)

Hogdson chegou a Berlim de manhã. Semanas antes, teria ficado no apartamento de Lynn, mas agora a filha estava morando com Dieter e ele não suportava olhar para o apartamento vazio. Optou por se hospedar no hotel. A sua visita a Berlim tinha dois propósitos: o primeiro era confrontar Dieter e o seu general sobre Lucrezia Zani e o segundo era ver a filha e garantir que estava ao lado dela. A relação dela com a mãe era ótima, porque a mãe era sempre muito compreensiva. Mas com ele havia alguma tensão; por mais que se esforçasse, Hogdson tinha dificuldade em aceitar que ela estava namorando Dieter, um homem abominável que estava levando a Alemanha ao abismo.

Depois de fazer o check-in, atravessou o hall em direção ao elevador e viu o general Halder. Por um segundo, se questionou se ele estaria ali por sua causa e sentiu um arrepio ao pensar que os nazistas sabiam e controlavam toda a informação, mas rapidamente

se sentiu aliviado ao ver que estava enganado. Halder aguardava dois indivíduos, com os quais travou um diálogo muito curto, antes de deixar o hotel sozinho.

Hogdson observou os indivíduos parados, olhando para a porta por onde Halder acabara de sair. A postura deles era tranquila, tornando difícil perceber se eram defensores ou opositores dos nazistas. Mas mesmo assim, Hogdson tomou uma decisão.

— Bom dia — disse, aproximando-se deles. — Meu nome é Tom Hogdson, do jornal...

— Sabemos quem é — respondeu Miguel, lembrando-se que ele havia sido o primeiro jornalista a publicar um excelente artigo sobre as conexões de Dieter, antes de ele revelar que era neto de Hitler. Além disso, era o pai de Lynn, a namorada de Dieter, que eles haviam descoberto durante os dias que permaneceram em Berlim.

— Lamento, mas não falamos com jornalistas — avisou Seth.

— Compreendo — o seu instinto de jornalista dizia que aqueles homens, fossem lá quem fossem, eram importantes, embora Hogdson não soubesse em que contexto ou por que razão. E o jornalista dava muita importância ao seu instinto. — Não vou publicar nada do que falarmos.

— E do que falaríamos? — perguntou Seth, atento.

Hogdson ficou em silêncio por um instante antes de dizer:

— O risco é todo meu. Não sei quem são, e vocês sabem quem eu sou.

— É um grande risco nos tempos que correm. Especialmente em Berlim — concordou Seth. — E por que se arrisca com dois desconhecidos?

— O meu instinto diz-me que talvez tenhamos problemas comuns.

— O seu instinto ainda vai matá-lo — avisou Miguel, com uma expressão séria. — O que quer que esteja fazendo, precisa parar

antes que seja tarde demais.

Hogdson olhou-o fixamente, afirmando com calma:

— Faz parte do ofício.

— Acho que devíamos ouvi-lo — disse Seth, depois de uma breve pausa. Miguel observou o companheiro, tentando entender o que ele estava fazendo. Aquilo era um problema adicional que não precisavam. Observou o jornalista: ele parecia cansado. Devia estar sendo pressionado pelos nazistas depois do artigo, talvez através da sua própria filha. E das duas uma: ou era muito corajoso ou completamente louco. Ou pior: uma explosiva mistura das duas características.

— Vamos para um lugar mais privado — sugeriu Miguel.

Temple olhou atentamente para o chefe dos serviços secretos, sentado no sofá da sua sala. Acreditava que podia confiar nele. Charles Major era um homem de sessenta anos, com fama de durão, que punha os interesses da Inglaterra acima de qualquer coisa.

Entregou-lhe o envelope com as listas dos bens que estavam em seu nome e dos seus filhos. Major avaliou as listas calmamente. Sabia que o primeiro-ministro não tinha nada daquilo: haviam investigado tudo o que estava no nome dele e da família durante as eleições, para anteciparem quaisquer suspeitas de corrupção.

— Compreende que isso é um problema, Major?

— Sim, senhor — respondeu econômico, sem afastar os olhos cautelosos das listas. Se ele não soubesse tudo o que o premiê tinha antes, poderia acreditar naquilo. — Isto associa o senhor ao grupo alemão, o JKW.

— Todas as críticas que fiz contra eles ficariam desacreditadas. Isso aí — disse apontando para as listas — significa que eu lucrei

muito com a crise. Na verdade, eu, que nunca fui rico, tornei-me milionário.

— Eles querem destruir a sua reputação, senhor. Talvez... — disse olhando para o premiê — tenham percebido que o assassinato não era a melhor maneira de destruí-lo. Não há provas da participação do JKW nos atentados, mas é a nossa melhor teoria — avisou, em voz baixa. Temple sentiu-se aliviado ao ouvir aquelas palavras, ao compreender que os serviços secretos estavam considerando aquela possibilidade. Era a primeira vez que Major falava abertamente sobre as suas suspeitas. Até ali sempre dizia que estavam investigando, porque não gostava de falar sem provas.

— O que devo fazer?

— Por enquanto nada, senhor. Vamos investigar e tentar descobrir como isto foi feito. Há sempre rastros eletrônicos, mesmo quando se acha que tudo foi apagado.

— Eles vão publicar isso, Major — comentou Temple, angustiado.

— Não vão, senhor. Eles querem pressioná-lo a retratar-se. A passar para o lado deles — fez uma pausa, antes de avisar. — Como estão fazendo com Tom Hogdson, ao usar a filha dele.

— Você já sabe disso? — perguntou, sem surpresa.

— Sim, senhor. E vamos tentar proteger Hogdson, mas seria bom que ele falasse conosco — insinuou astutamente Major.

— Ele só está tentando se aproximar da filha — avisou Temple.

— Talvez a filha recupere o bom senso. Mas isso não vai acontecer agora. Entretanto, Hogdson deveria evitar qualquer contato com eles, senhor — recomendou, ciente de que o premiê entenderia o recado que estava mandando para Hogdson. Temple anuiu com a cabeça, antes de perguntar, apontando para as folhas que Major estava guardando no bolso: — E se eles me contatarem por causa disso?

— Telefone-me, senhor — disse, entregando um novo celular ao premiê. Use este celular para assuntos confidenciais, inclusive para falar comigo. O meu número já está registrado aí.

— Obrigado — agradeceu Temple aceitando o telefone.

— Preciso fazer algumas perguntas sobre estas listas, senhor — avisou Major. — Quem lhe entregou o envelope?

— A minha secretária, Olivia Knill. Ela trabalha comigo desde o início da minha carreira política. — Temple sentiu-se impelido a explicar, temendo que Olivia pudesse parecer suspeita naquele contexto. Temple sabia que, naquele momento, todos eram suspeitos. Até ele havia levado algum tempo para confiar em Major.

— E ela disse de onde surgiu o envelope?

— Veio com a correspondência da tarde — contou Temple.

Major concordou com um movimento da cabeça, antes de se levantar para se despedir:

— Fique tranquilo, senhor. Vamos descobrir como isto aconteceu.

— Só espero que não seja tarde demais... — disse o premiê, abatido.

— Não será, senhor — assegurou Major.

— Sabiam que a população mais do que duplicou em cinquenta anos e aumentou de três bilhões de habitantes em 1960, para sete bilhões em 2011? E mais de um terço da população mundial, dois bilhões e meio, vive na Índia e na China? — enfatizou Dieter com voz firme e vibrante, para a plateia silencioso. — Já imaginaram o que vai acontecer com o mundo se não houver uma política urgente de controle de natalidade? — fez uma pausa estudada e observou os alunos. — Não estou falando somente do aumento populacional. Estou falando do aumento da pobreza. Estou falando da decadência

da raça humana. Porque os que mais se reproduzem são os menos preparados, os menos aptos, os que não têm condições de sustentar os filhos. Quanto mais pobres são, mais filhos têm! É um círculo de perpetuação da pobreza.

A sala continuou silenciosa, até que um estudante começou a aplaudir provocando uma reação em cadeia, e em segundos todos estavam de pé aplaudindo o discurso apaixonado. Dieter ergueu a mão, pedindo silêncio, e lentamente todos se sentaram.

— Temos a responsabilidade de mudar o mundo e tomar medidas para resolver esses problemas. Porque todos vão pagar muito caro por esse crescimento desordenado: eu, você, você... — disse, apontando o dedo pela sala.

Os alunos levantaram-se de novo e aplaudiram. Dieter sorriu, olhando para Halder na primeira fila. Halder afirmara que os alunos daquela universidade não seriam favoráveis ao seu discurso e, no entanto, ali estavam aqueles que pareciam ser os mais resistentes às suas teorias ovacionando-o de pé e concordando com as suas ideias. Eram os jovens que ele precisava conquistar para que abraçassem as suas ideias de raça pura e limpeza étnica — porque era disso que ele estava falando. Agora Dieter sabia que, se tinha dado certo ali, daria certo nas outras universidades.

Daniel voltou à Sala do Trono e entrou, de novo, pela porta da esquerda. Atravessou o corredor e desceu a escada. Quando chegou ao final encontrou um hall redondo com o chão de mármore negro e tão brilhante que parecia um espelho. Olhou para cima e viu uma abóbada de vidro que filtrava uma luz pálida. Observou em volta. Havia três portas altas de madeira negra entalhadas com vários símbolos de proteção.

Dirigiu-se à primeira. Era uma sala totalmente escura. Daniel deteve-se no umbral, avaliando-a cuidadosamente, até os seus olhos se habituarem à ausência de luz. Olhou para baixo e percebeu que era um buraco imenso. Se ele tivesse dado mais um passo teria mergulhado ali, desamparado. Para andar na sala, havia um metro de chão junto das paredes e uma passagem suspensa, não muito larga. Deu alguns passos sobre a passagem e percebeu que a sala parecia expandir-se à medida que ele caminhava, provocando um estranho efeito de óptica. O lugar era muito maior do que parecia. Daniel conseguiu vislumbrar algumas sombras disformes lá embaixo e compreendeu que aquele era um lugar de punição. Não conseguia ver claramente o que havia lá embaixo, mas imaginou que ali eram infligidos sofrimentos terríveis e inimagináveis. Devia ser o lugar para onde Lúcifer enviava aqueles que o traíam ou desafiavam. Ouviu vários gemidos sufocados. Estremeceu ao pensar que talvez o irmão o atirasse ali se descobrisse quais as suas verdadeiras intenções.

Saiu da sala negra e dirigiu-se à segunda porta. Era uma sala totalmente amarela, iluminada por luzes tênues. Daniel ficou tão surpreso com a visão quanto havia ficado antes, mas desta vez por razões opostas. O ambiente, suave e morno, transmitia uma grande serenidade. A iluminação provinha de pequenas luzes estrategicamente posicionadas pelas paredes. Parecia uma sala de relaxamento. No centro da sala havia uma grande cama redonda e, num dos cantos, uma fabulosa banheira. Daniel deslocou-se até o meio da sala e as luzes brilharam com mais intensidade. Ele podia sentir a energia palpitante do lugar e o cansaço, que se abatera sobre ele por estar confinado no submundo, desapareceu. Apesar do bem-estar que estava sentindo, Daniel precisava retornar à sua busca e encontrar as almas.

Consultou o relógio de pulso e viu que não podia continuar, porque o seu tempo estava se esgotando. Voltou para a Sala do Trono e abandonou rapidamente os domínios de Lúcifer antes que ele o encontrasse ali. Mas precisava ainda afastá-lo por algum tempo, para que os guardas não desconfiassem. Esperou por ele, no corredor adjacente, longe do olhar vigilante dos guardas e quando o viu foi ao seu encontro.

— Vai pedir-me para acompanhá-lo de novo à Biblioteca? — inquiriu Lúcifer, irônico.

— Não. Vamos dar uma caminhada — convidou Daniel.

— O que aconteceu? — perguntou, com o olhar atento, seguindo o irmão.

— Acho que devíamos passar algum tempo juntos — disse Daniel.

— Por quê? — Lúcifer olhou para Daniel, espantado. Aquele pedido era surpreendente e muito bizarro.

— Desde a sua expulsão esta é a primeira oportunidade para nos aproximarmos.

— Você não quer isso — disse Lúcifer, olhando o irmão. — Talvez fosse melhor me dizer o que realmente quer.

— Só isso. Depois que eu partir, não vamos nos encontrar tão cedo.

— Concordo... Mas estamos em situações opostas e irreconciliáveis. Não há como convivermos, porque nenhum de nós está disposto a ceder. Certo?

— Sim. No entanto, somos irmãos. Não precisamos ceder em nada, apenas aproveitar este momento. É provável que isto não se repita — afirmou Daniel, sentando-se num banco do jardim, em frente ao lago negro e luzidio. Lúcifer sentou-se ao lado dele.

— Não há forma de forçar nada a ser o que não é, Daniel. Não consigo evitar a sensação de que você está aprontando algo desde

que chegou aqui.

— Não será você que está aprontando? — Daniel perguntou, sorrindo. — Você vive manipulando e por isso não acredita que alguém não tenha segundas intenções.

— Pode ser — Lúcifer pensou no argumento do irmão. Todos tendem a julgar os outros pelo seu próprio olhar. Talvez Daniel tivesse razão, até porque, naquele momento, estava planejando algo terrível contra ele e Elizabeth. — O que propõe?

— Gostaria de acompanhá-lo em uma dessas suas saídas matinais — disse Daniel, querendo ganhar tempo e prolongando o diálogo para evitar que Lúcifer retornasse à Sala do Trono tão pouco tempo depois da sua saída. Passara a usar roupas parecidas às de Lúcifer, para evitar suspeitas sempre que invadia os aposentos dele, mas não eram exatamente iguais, para evitar a desconfiança do irmão. Daniel temia que algum dos guardas, mais atento, notasse um detalhe diferente.

Lúcifer olhou-o de novo, estupefato com a ousadia do irmão.

— O que você acha que eu faço de manhã?

— Imagino que visite os seus domínios.

— Sim — aquiesceu, antes de perguntar: — E você quer conhecer os meus domínios?

— É possível?

— Não.

— Compreendo que não queira me mostrar o que acontece aqui — respondeu Daniel.

— Você não suportaria, mesmo sabendo que todos estão aqui por suas escolhas e atos.

— Então, não existe ninguém inocente aqui? — perguntou Daniel, abordando a verdadeira razão da sua presença no submundo.

— Claro que não. Samael pesa e julga todas as almas. Por quê? — perguntou alerta.

— Eu só não suportaria se houvesse inocentes — respondeu Daniel.

— Mesmo assim está fora de questão, Daniel — avisou, antes de sugerir. — Devia negociar a sua liberdade com Samael. Ele deve vir em breve, para avaliar se está cumprindo o trato. Na última vez estava furioso, mas deve estar mais tranquilo... — Lúcifer sorriu, ao lembrar. Desejava que Daniel e Elizabeth ficassem juntos, para pôr o seu plano em ação.

— Vou falar com ele — respondeu sorrindo. — Está querendo se livrar de mim?

— Não, mas a sua *noiva* deve sentir a sua falta. Pode usar o portal da minha sala sempre que quiser visitá-la — ofereceu, fazendo Daniel aumentar as suas suspeitas sobre a generosidade de Lúcifer. Era óbvio que ele tinha uma agenda oculta no seu relacionamento com Elizabeth, em especial depois de ter dado acesso ao ritual do Códex. Daniel tinha certeza de que Lúcifer estava planejando algo, só não sabia o quê.

— Agradeço — respondeu Daniel.

Miguel ocupou uma das cadeiras da sala que precedia o seu quarto de hotel, sendo imitado por Seth e Hogdson.

— Primeiro preciso saber qual a ligação de você com Halder — começou Hogdson.

— Podemos mentir — disse Miguel.

— Sim, mas sabem quem eu sou e não creio que me convidassem para estar aqui se estivessem dispostos a mentir. As minhas opiniões

sobre o governo alemão estão claras no artigo que escrevi, e não seria necessário nenhuma emboscada para descobrirem isso.

Miguel sorriu perante a lógica de Hogdson.

— Não podemos falar da nossa ligação com Halder, mas podemos dizer que somos opositores do nazismo. A nossa presença aqui se deve a motivos pessoais — informou Miguel.

— A minha também — informou tirando o celular do bolso. — Eu não o conhecia quando o abordei. Foi apenas um palpite de jornalista para tentar descobrir algum ponto fraco de Halder. Mas depois que me disse o seu nome, tenho certeza de que já o escutei antes — comentou Hogdson diretamente para Miguel, enquanto lia algumas notas no celular. — Aqui está: Daniel De Payens, Miguel Besson...

Miguel trocou um olhar rápido e preocupado com Seth.

— E onde escutou o meu nome?

— No caso de Lucrezia Zani. A sua participação não é oficial e não está em nenhum dos documentos que consultei — tranquilizou-o Hogdson. — Disseram-me que fazem parte de um discreto grupo de consultores.

— Quem o informou? — quis saber Miguel, para confirmar a origem das informações.

— Matthew Shaw.

— E o que mais ele disse? — perguntou Seth.

— Se eu quisesse falar com especialistas sobre Lucrezia Zani, deveria contatá-los. Já tentei falar com você e com Daniel, mas os celulares não são mais aqueles.

— Não — confirmou Miguel. — E a sua presença aqui tem a ver com Lucrezia Zani?

— Também — disse, sentindo-se confiante em falar com eles, agora que sabia quem eram. — Recentemente ela sequestrou a

minha filha, Lynn. Dieter e Halder conseguiram resgatá-la.

— E qual a sua ligação com eles? — perguntou Miguel, para confirmar o relacionamento entre Lynn e Dieter e até que ponto Hogdson estava informado sobre o assunto.

— A minha filha está morando com Dieter — disse, deixando transparecer que a situação o desagradava.

— E onde está Lucrezia agora? — perguntou Miguel.

— Essa é a questão intrigante — disse, posicionando o celular de frente para Miguel e Seth, antes de fazer rodar um curto filme com Lucrezia. Quando terminou a exibição, comentou: — Ela devia estar morta, mas recuperou-se dos ferimentos fatais. E, como puderam ver, só ficou imóvel depois de ter sido ferida por aquela lança que, segundo consta, é especial.

Miguel e Seth ficaram em silêncio por breves instantes, ordenando mentalmente tudo o que Hogdson acabara de revelar. A preocupação deles deixara de ser apenas com Lucrezia. Agora precisavam também saber quem tivera acesso àquele filme.

— Alguém mais viu este filme? — perguntou Seth.

— Apenas a pessoa a quem entreguei uma cópia — informou Hogdson. Miguel e Seth calcularam que ele não revelaria o nome.

— Dieter e Halder sabem que filmou o incidente? — insistiu Seth.

— Não.

— Então vamos manter assim, porque esta é uma das coisas que pode provocar a sua morte — avisou Miguel, sério, antes de perguntar de novo: — Onde está Lucrezia agora?

— Ela foi levada pelos soldados de Halder, com a lança no corpo, para a cripta, mas não disseram qual a localização... — anunciou Hogdson. — Dieter e Halder acreditam que se retirarem a lança ela volta à vida. Por mais estranho que isso possa parecer.

Seth trocou um breve olhar de cumplicidade com Miguel: seria capaz de jurar que a cripta estava localizada na propriedade rural de Dieter, onde Alessia havia sido ferida pelos soldados.

— Você não pode escrever sobre Lucrezia — advertiu Miguel. — Sei que é o seu trabalho. Mas isto... — apontou para o celular — não pode vir a público.

— Eu sei. Ninguém vai acreditar. Vão achar que é uma montagem e a minha credibilidade será questionada — disse, lembrando que Temple, com quem conversara a respeito, tinha aquela mesma opinião. — Mas eu preciso saber a verdade — enfatizou Hogdson e, ao ver Miguel baixar o rosto, em silêncio, percebeu que ele sabia muito mais sobre Lucrezia do que aparentava e parecia estar decidindo quanta informação lhe daria. — Afinal o que é Lucrezia Zani, além de uma assassina em série?

— Ela tem um profundo domínio da magia — afirmou Miguel, repetindo o argumento que dera a Dieter e Halder dias antes.

— Nunca ouvi falar de alguém que tenha superado a morte — argumentou Hogdson.

— Não há — confirmou Miguel, antes de insinuar: — O que você filmou deve ser alguma montagem...

Hogdson ficou em silêncio. Apesar dos comentários de Miguel, Hogdson continuava achando que o incidente que presenciara era chocante e sem explicação. A ele não lhe parecia uma montagem.

— Shaw disse que os assassinatos que ela cometeu eram uma espécie de sacrifício para manter ou conseguir o poder — Hogdson já analisara o assunto de Lucrezia sob vários ângulos, sem encontrar uma explicação plausível.

— Sim, ela acreditava nisso — concordou Seth.

— Ela se considerava uma versão feminina de Fausto. É isso? — perguntou Hogdson, recordando a história do homem que vendera a

alma ao diabo, em troca de riqueza e poder, e havia sido imortalizada por Goethe, um dos grandes escritores alemães.

— Em termos rudimentares — respondeu Miguel, avaliando Hogdson, e tentando compreender se ele estava aceitando os argumentos deles, de que a atuação de Lucrezia se baseava em suas crenças e não em algo real.

Hogdson ficou calado, pensando se não estaria enlouquecendo. Tal como dissera Temple, na última conversa dos dois, ele estava enveredando por um caminho perigoso.

— E agora? — perguntou Hogdson. O encontro com Miguel e Seth em vez de ajudá-lo só contribuía para tornar a situação mais confusa.

— Hogdson, há três questões aqui: a primeira é que esse filme precisa ser destruído; a segunda é que você tem que se concentrar na sua filha, e a terceira é que nós vamos tratar de Lucrezia com Halder e Dieter — disse Miguel, revelando o motivo do contato com Halder.

— Você não deve confrontar Dieter enquanto ele estiver com a sua filha, nem deve se envolver na questão da Lucrezia — resumiu Seth. — Teve muita sorte por ela não ter assassinado Lynn.

— Eu sei.

— Afinal, o que ela queria quando sequestrou Lynn? — perguntou Miguel.

— Que Dieter Steinbach a ajudasse a montar um esquema de assassinatos similar ao que aconteceu na França e nos outros países onde ela esteve. E quando ele se negou, ela sequestrou Lynn para forçá-lo — informou, mas Miguel e Seth sabiam que não era exatamente aquilo. Estavam certos de que Lucrezia queria que ele usasse a lança para consolidar o seu poder através de sacrifícios

rituais e preparasse um novo holocausto, como o seu avô fizera antes. E Dieter recusara submeter-se à vontade dela.

— Se Lucrezia usou Lynn como moeda de troca, significa que a sua filha deve ser muito importante para Dieter. Durante a campanha ele afirmava que era um homem devoto à Alemanha. Mas isso parece ter mudado com Lynn. Sabe se ele pretende assumir publicamente a relação com ela? — questionou Miguel.

— Ele diz que sim. Mas apenas quando considerar que é seguro — fez uma pausa, antes de confessar: — Ela está grávida.

Miguel e Seth trocaram novo olhar de cumplicidade: Dieter iria ser pai de novo. Talvez aquilo explicasse por que decidira destruir Lucrezia, para evitar que ela continuasse a ameaçar a mãe do seu filho.

— Hogdson, deixe-nos resolver a questão de Lucrezia Zani — pediu Miguel.

Ele hesitou por alguns segundos, antes de ceder:

— Eu gostaria de saber o que vai acontecer.

— Nós falamos com você — afirmou Miguel, sem saber até que ponto diria a verdade.

— O que vocês sabem sobre a lança? — perguntou Hogdson.

— Não sabemos nada — mentiu Miguel.

— Concentre-se na sua filha — Seth aconselhou de novo. Mas tanto Seth quanto Miguel sabiam que havia uma luz teimosa no olhar de Hogdson, e ele não desistiria daquela história.

Depois que Hogdson partiu, Seth falou da casa rural de Dieter.

— Acha que devemos ir até lá procurar Lucrezia? — perguntou Miguel.

— O local é uma fortaleza — lembrou Seth. — O ideal seria que eles nos entregassem Lucrezia. E acho que é isso que eles estão prontos para fazer.

Dib acompanhava o telejornal com expressão preocupada. Analisava as manifestações pela Europa e se questionava se os homens alguma vez seriam capazes de aprender com as lições do passado. Era notório que o neonazismo estava crescendo na Alemanha, o seu berço, mas também estava se espalhando pelos outros países europeus.

— Entre — respondeu, ao escutar as batidas na porta do seu quarto.

Elizabeth enfiou a cabeça pela porta e disse:

— Daniel quer falar com você.

Dib levantou-se do sofá onde estava e dirigiu-se apressadamente para o quarto de Elizabeth. Abraçou Daniel com força. Tinha saudades do amigo e gostaria que aquele confinamento a que ele estava sujeito terminasse rapidamente.

— Não tenho muito tempo. Usei o portal da Biblioteca e corro o risco de ser descoberto — justificou-se, antes de prosseguir. — Preciso da ajuda de vocês — apontou para o espelho e explicou. — Samael vai usar este portal. Elizabeth não o conhece, mas você sabe quem ele é, Dib. Façam o que ele quiser, por mais absurdo que pareça.

Dib olhou-o, tentando compreender o que estava acontecendo.

— Não posso dizer mais nada... Preciso garantir que Lúcifer não vai descobrir o que está sendo planejado e, principalmente, que vocês não participaram do plano... É para a proteção de todos — informou, antes de questionar Elizabeth: — Desde que eu estive aqui com Lux, quantas vezes a visitei?

— Esta é a sua terceira visita — respondeu, franzindo a testa em sinal de interrogação.

— Temos um problema — disse Daniel, com expressão tensa. — Eu só a visitei duas vezes: hoje e quando perguntei como me reconheceu. O que eu disse na outra visita?

— Se eu queria que você ficasse... — hesitou, olhando para Dib, sentindo-se constrangida, antes de revelar o diálogo — uma noite comigo.

— Não era eu, Elizabeth. Isso significa que Lux assistiu à nossa conversa a partir da Sala do Trono e sabe como você nos distinguiu. Por isso ele agora é capaz de imitar esse detalhe.

— Isso é possível? Ele assistir da Sala do Trono?

— Sim, se ele manteve o portal aberto depois de eu passar. Eu só descobri isso depois, num texto que achei sobre os portais, e foi por isso que hoje usei o portal da Biblioteca. Escute... — disse aproximando-se dela: — Eu não vou passar nenhuma noite com você, Elizabeth. Nenhuma. Quando eu voltar do submundo, falamos sobre isso.

Beijou-a na testa, abraçou Dib e desapareceu no espelho.

Elizabeth olhou para Dib, sem compreender o que estava se passando:

— O que pode estar acontecendo? — perguntou Elizabeth.

— Não sei, mas Daniel está tentando nos proteger e está evitando que Lúcifer descubra... O que me preocupa agora é a capacidade de Lúcifer ludibriá-la.

— Desde que distingui os dois, nem por um momento me questioneei se poderia ser Lúcifer, e isso facilitou o engano — respondeu, com um suspiro.

— Então questione-se. Precisamos descobrir o que ele quer.

— Acho que ele quer ficar comigo, por alguma razão que desconheço — disse, olhando para Dib, e se esforçando para

lembrar algo que não tivesse notado e a ajudasse a revelar as verdadeiras intenções de Lúcifer.

Dib ficou pensativo por alguns segundos, antes de afirmar:
— Rejeite-o. Você escutou Daniel.

Lynn passou a tarde com o pai. Visitaram uma galeria de arte e lancharam juntos. A presença do pai prometendo que estaria ao seu lado confortou-a. Lynn confessou que a gravidez não era algo que tivesse desejado, mas, depois que acontecera, a reação de Dieter deixou-a feliz. Falou da alegria dele e dos cuidados que tinha com ela e com a sua segurança. Hogdson ficou um pouco menos apreensivo ao perceber que apesar de Dieter representar tudo o que ele abominava parecia amar mesmo a sua filha.

Nessa noite, Dieter aguardou que ela contasse o que havia feito durante a tarde. Ele sabia do encontro com o pai, mas esperava que ela abordasse o assunto. Começou a ficar irritado quando percebeu que iam se deitar e ela continuava sem falar do pai.

Dieter acendeu o abajur sobre o seu criado-mudo. Lynn detestava aquele abajur e já tinha tentado trocá-lo, mas Dieter opôs-se, e revelou que pertencera a um dos generais de Hitler. Porém, a verdadeira razão, que ele jamais revelaria, era que a peça era uma preciosidade de pele humana, sendo levemente visível, junto da costura inferior, o número de um dos prisioneiros do Holocausto.

Deitou-se e abriu o livro que estava lendo, mas Lynn fechou-o e disse, encostando a cabeça sobre o ombro dele:

— Precisamos conversar. Nós nunca falamos sobre o fato do meu pai ter escrito aquele artigo sobre você. Imagino...

— Não vamos falar sobre isso, Lynn — interrompeu Dieter.

— Eu não quero que isso, ou qualquer outra coisa, fique entre nós. Se vamos ficar juntos temos que nos aceitar um ao outro. Por isso, hoje vamos falar sobre o meu pai — anunciou com uma firmeza que surpreendeu Dieter. — Eu estava dizendo que acho que aquele artigo irritou você. Mas o meu pai estava fazendo o trabalho dele e talvez isso aconteça mais vezes. O que não pode acontecer é uma briga entre vocês.

— Por que está me dizendo tudo isso?

— Porque foi o que eu disse ao meu pai esta tarde.

Dieter calou-se por um segundo, aliviado por ela ter contado. Não queria reconhecer, mas ficara com ciúme por ela ter visto o pai sem lhe dizer. Agora tudo parecia bem.

— Você esteve com ele? — perguntou, para disfarçar que já sabia.

Ela levantou o rosto do peito dele para enfrentá-lo, antes de dizer:

— Passamos a tarde juntos. E o mais importante foi que eu lhe disse que vocês dois não têm que ser amigos, mas precisam conviver civilizadamente: ele é meu pai e você é o homem que eu amo. Você será o pai do meu filho e ele o avô. Eu quero que se entendam e se respeitem, mesmo que o meu pai precise se opor a você, Dieter.

Ele sorriu, arrebatado por uma onda de ternura. A firmeza dela tornava-a mais desejável.

— Sim, senhora — respondeu, brincando. — Convide o seu pai para jantar amanhã.

Ela acenou com a cabeça, acreditando que conseguira unir os dois homens que faziam parte do seu destino, antes que a rivalidade entre eles se agravasse.

Daniel voltou à sala amarela e sentiu, de novo, que a sua energia estava sendo regenerada. Aproximou-se das paredes e analisou as luzes brilhando dentro das caixinhas de cristal, no lugar dos

candeeiros: todas aquelas luzes eram almas inocentes. Descobriu que Lúcifer não apenas roubava os homens das mãos de Deus, transformando-os em seres malignos que renunciavam à luz, mas também aprisionava almas inocentes para se fortalecer com a sua energia. Saiu da sala e dirigiu-se à terceira porta. Abriu-a e viu finalmente que encontrara a Sala das Almas. Era um lugar com um brilho tão branco e forte que feria os olhos. Esperou alguns segundos para adaptar-se à intensidade da luz e entrou.

Era uma sala redonda, como a Sala do Trono, com uma grande mesa de mármore branco, igualmente redonda. Sobre a mesa, havia vários tipos de cristais de tamanhos diferentes, todos iluminados por luzes brancas e intensas, de brilho intermitente.

As paredes da sala eram forradas do chão ao teto por muitas centenas de pequenas caixas transparentes de cristal, similares a gavetas, contendo luzes tão intensas quanto as que estavam sobre a mesa. Aquelas luzes eram as almas que Daniel buscava, mas ele não entendia a razão para Lúcifer manter tantas almas brancas aprisionadas. Tinha que haver uma explicação para a existência daquela Sala. Foi nesse instante que lembrou a explicação de Miguel sobre a esmeralda na base do Punhal das Almas: Miguel usava a pedra para absorver almas e transformá-las em energia. Ali, o princípio devia ser o mesmo: Lúcifer absorvia as almas através da sua esmeralda, que funcionava como uma espécie de bateria para mantê-lo forte por mais tempo.

Daniel observou as caixas atentamente. Precisava descobrir como liberar as almas: cada caixa tinha um botão minúsculo na frente. Acreditou que, se apertasse ali, a caixa abriria, mas não teria tempo para abri-las todas, uma por uma. Precisava de uma solução mais eficaz.

Aproximou-se da mesa, no centro da sala, e observou que os tubos de cristal faziam um leve zumbido. Aquilo parecia funcionar como um gerador de energia e, na base dos tubos, havia botões iguais aos das caixas.

Consultou as horas e percebeu que o tempo estava se esgotando. Deixou a sala rapidamente antes que Lúcifer voltasse do passeio matinal. Quando ele chegou, Daniel já o esperava na porta principal, próximo dos jardins:

— Veio investir de novo na nossa relação, Daniel? — perguntou Lúcifer.

— Não — sorriu, perante a ironia. Era óbvio que Lúcifer não levara a sério o pedido dele para passarem mais tempo juntos. — Não adianta insistir em algo que você não deseja, Lux.

— Então o que você quer? — perguntou, não muito bem-humorado.

— Gostaria de saber quando Samael vem visitá-lo, e se posso falar com ele.

— Samael vem em dois dias. E... sim, pode falar com ele. Pretende partir?

— Não depende de mim. Mas estou pensando nisso. Parece óbvio que você não deseja a minha presença aqui — constatou, com um sorriso brando.

Lúcifer encarou-o e, sem responder à provocação, afastou-se.

20. A Lança do Destino

Vivemos num tempo em que a civilização periga morrer por meio da civilização.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Depois de uma viagem de helicóptero, com os olhos vendados, Miguel e Seth chegaram ao seu destino, a casa de Dieter Steinbach. A ideia de colocarem a venda desagradou os dois, mas o objetivo de encontrarem Lucrezia pesou mais do que as restrições impostas.

Entraram na enorme casa, escoltados por seis soldados que os conduziram à cripta onde estava Lucrezia Zani. Halder aguardava-os na porta e, após um rápido cumprimento, conduziu-os até o caixão dela. Miguel e Seth ficaram em silêncio por vários segundos. Mas em vez de estarem apreciando Lucrezia, como Halder imaginava, estavam fascinados com a Lança do Destino — a mesma arma que ferira Jesus dois mil anos antes e, depois disso, fortalecera e destruíra tantos líderes. Finalmente, estavam olhando para a lança e tinham oportunidade de recuperá-la.

Miguel aproximou-se da lança e tocou-a com as pontas dos dedos.

— O que acham? — perguntou Halder, interrompendo os pensamentos deles.

Miguel e Seth tinham consciência de que não podiam destruir Lucrezia sozinhos. Estavam lidando com um Anjo Negro da mais alta estirpe, e não era fácil matá-la. Agora que haviam descoberto a localização dela, precisavam convocar mais Guardiões.

— Precisamos descobrir como matá-la antes de retirar a lança — avisou Miguel. — Vamos precisar da ajuda de alguns amigos.

Halder apertou os lábios, em sinal de desagrado. Ter aqueles dois na torre norte já era um risco. Não estava disposto a permitir o acesso de mais ninguém.

— Vamos evitar a participação de mais gente — recusou.

— Como sabe, estamos lidando com alguém incomum. Alguém que domina a magia — respondeu Miguel.

— Vamos traçar um plano antes de voltarmos a conversar — propôs Halder, insatisfeito com o rumo dos acontecimentos.

— Concordo — disse Miguel. — Mas antes precisamos deixar claro que vamos levar a lança, depois que tudo terminar.

— Dieter não concordou com isso.

— Mas irá concordar. Em troca da lança nós destruimos Lucrezia para que ela não cause nenhum dano a Dieter ou à sua família — Miguel olhou calmamente para Halder, antes de concluir, usando as informações que Hogdson lhes passara: — Mulheres grávidas e crianças são muito frágeis. E Lucrezia gosta muito de crianças, como sabe.

Halder apertou os punhos, irritado, sem conseguir imaginar como ele sabia aquilo.

— Enquanto tentamos encontrar uma solução, você fala com Dieter — sugeriu Seth.

— Este é um momento em que precisamos de Daniel — disse Seth, caminhando na sala de estar da suíte do hotel.

— Eu sei — respondeu Miguel, imóvel, no sofá, recapitulando o que sabia sobre a destruição dos Anjos Negros. — Só há três formas de destruir um Anjo Negro: usando objetos mágicos, atacando a sua fraqueza ou se ele se render.

— Lucrezia não se vai render — analisou Seth. — A lança é um objeto mágico e não a destruiu. Só nos resta descobrir qual a fraqueza dela.

Miguel revisitou a sua relação com Lucrezia para tentar descobrir algo que tivesse escapado. Lembrou-se de um detalhe que o incomodara nos momentos de intimidade, quando os olhos dela escureciam, como se houvesse uma grande escuridão dentro dela. Ele conseguira vislumbrar o fenômeno, mas não foi capaz de compreendê-lo. Porém, agora, começava a se questionar se aquilo não representaria a vulnerabilidade dela. No entanto, se aquela fosse mesmo a fraqueza de Lucrezia, ainda persistia a dúvida sobre a forma de destruí-la. Não poderia usar o Punhal das Almas porque seria imprudente absorver a alma de alguém tão poderoso quanto Lucrezia, que poderia subjugá-lo. Havia também a lança, mas estava comprovado que não funcionava. Partilhou os seus pensamentos com Seth.

— Parece lógico que ela fique vulnerável nos momentos de intimidade — analisou Seth, sempre ponderado. — Ela é um anjo que usa o sexo para seduzir e matar.

— Sim — concordou Miguel. — Mas ela é um anjo do mais alto escalão.

— Por isso a destruição talvez seja uma combinação de dois fatores — continuou Seth.

— Exato... — Miguel concordou devagar, entendendo o que Seth estava dizendo. — Só deve ser possível destruí-la com um objeto mágico, talvez a lança, mas apenas quando ela estiver vulnerável.

— Isso significa que Lucrezia seria libertada e você teria que envolver-se com ela — insinuou Seth. — Isso seria muito perigoso para você.

— Se estivermos errados, ela pode matar-me — concluiu Miguel.

— Não podemos tomar essa decisão sem consultar Dib. Há muito em jogo.

— O ideal seria que eles viessem — disse Miguel, ligando para Dib. Informou-o sobre o que estava acontecendo. Dib avaliou as opções, antes de perguntar:

— Por quanto tempo podem protelar a destruição de Lucrezia?

— Pouco tempo — respondeu Seth, participando da conversa pelo viva-voz. — Mesmo imobilizada, ela tentou manipular um dos guardas e a sua condição é instável.

— Compreendo. O problema é que eu e Elizabeth não podemos viajar agora. E eu acho que deveríamos estar todos aí, porque Besson corre perigo.

— Eu sei — respondeu Miguel. — Mas se eu a libertar, será mais fácil seduzi-la. Lucrezia vai achar que estou do lado dela e vim salvá-la.

Apesar daquele plano ser o mais viável, Dib achava uma péssima ideia que Seth e Miguel enfrentassem Lucrezia sozinhos. Os perigos eram muitos. Ponderou a situação: precisava decidir se manteria os Guardiões em Lisboa, ou se os enviaria para Berlim.

— Alessia e Uchoa irão para Berlim — decidiu. — Seth, é fundamental que Lucrezia nunca perceba a presença de vocês. Devem apoiar Besson e ajudá-lo a destruí-la.

Quando desligou o telefone, Dib se questionou se não estaria cometendo um erro ao separar os Guardiões. A situação era confusa e fragmentada: Daniel estava envolvido com Samael e isso não era necessariamente bom; Lucrezia seria libertada para que pudesse ser destruída; Lúcifer estava ludibriando Elizabeth com obscuras intenções que ninguém conhecia, e o nazismo ganhava espaço na Europa.

Após a Noite Vermelha, não havia opositores declarados na Alemanha. Alguns, que tinham escapado do massacre da noite fatídica, mudaram de opinião sobre o nazismo e de detratores passaram a apoiá-los, forçados por técnicas de persuasão e tortura usadas pelos militares de Halder. A censura havia sido instaurada. O exército estava engrossando suas fileiras com um número crescente de voluntários seduzidos pela propaganda e pelos benefícios oferecidos. E a Sociedade do Dragão financiava o movimento nazista em quase todos os países europeus, com crescente adesão da juventude. O nazismo se assemelhava a um vírus, contaminando tudo.

Naquela reunião, Halder propôs o início da construção dos campos de prisioneiros. Era vital que tivessem lugares para onde enviá-los — fossem eles políticos, étnicos ou de guerra, quando houvesse. Todos concordaram, mas Dieter foi muito específico sobre o funcionamento dos campos: ele não queria repetir o Holocausto. Ordenou que os campos fossem decentes e pudessem ser visitados por qualquer organização. E antes que os Dragões questionassem as suas ordens, Dieter comunicou as suas terríveis e verdadeiras intenções:

— Não preciso lembrar que os nossos objetivos são, também, os de destruir todos os que não são puros, arianos — fez uma pausa,

antes de concluir: — Por isso, paralelamente a esses campos exemplares, os senhores irão construir, *secretamente*, instalações subterrâneas para eliminar prisioneiros, sem deixar vestígios. Essas instalações devem ter mecanismos de autodestruição, para o caso de serem descobertas, de forma a garantir que ninguém jamais saiba da sua existência.

As instruções agradaram aos Dragões. Finalmente a realidade estava se transformando, depois de anos de planejamento. Mas Rolf Merton, apesar do aparente entusiasmo, estava chocado com as decisões da reunião. Sentia o estômago revolver-se e, por um momento, quando Dieter falou dos campos subterrâneos, achou que ia vomitar na frente de todos.

— O primeiro-ministro inglês anda muito silencioso — comentou o presidente do grupo, Heinrich Koch. A pergunta chamou a atenção de Rolf, diminuindo ligeiramente a sua indisposição.

— Preparamos uma pequena armadilha: pusemos vários bens da JKW no nome dele e da família — Halder sorriu, satisfeito com a engenhosidade do plano. — Ao que tudo indica, ele enriqueceu com a crise e está ligado ao grupo que mais critica.

Uma gargalhada geral varreu a sala.

— O nosso principal opositor vai ter dificuldade em explicar isso — rematou Halder.

Além das questões estratégicas e políticas, Dieter tinha um objetivo pessoal para a reunião. Anunciou, sabendo que sua vida era constantemente escrutinada pelos Dragões, até por questões de segurança:

— Já devem saber que estou envolvido num relacionamento com Lynn Hogdson.

O presidente pigarreou levemente, e Dieter enfrentou-o:

— Diga, Heinrich.

— Lynn não é filha de Tom Hogdson, do jornal inglês *The Word*? Não foi ele que escreveu recentemente um artigo contra você?

— Sim, para as duas questões — respondeu Dieter, calmamente.

— Não acha isso perigoso? — perguntou um dos membros, à direita de Dieter.

— Talvez. Mas não estou disposto a abdicar de Lynn — fez uma pausa, antes de revelar: — Ela está grávida, e eu pretendo tornar a notícia pública.

A sala ficou silenciosa, sem que ninguém se atrevesse a fazer críticas adicionais, mas era visível que não estavam satisfeitos com o relacionamento de Dieter nem com a decisão de torná-lo público. Foi Dieter que interrompeu o silêncio, reconhecendo a oposição dos Dragões, e sabendo como desarmá-los:

— Não devem se preocupar com minhas decisões pessoais. E vou dizer o porquê. Quando eu contei à minha primeira mulher, Helen, quem eu era e ela reagiu mal, eu resolvi o problema. Lembra-se daquele acidente de carro? — perguntou, olhando vagarosamente para todos os que estavam na sala, exceto para Halder, que era o único que conhecia todos os seus segredos. — O que quero dizer é que, se eu arranjo um problema, eu resolvo o problema.

— Sobre o acidente... — começou por dizer um dos membros, mas foi interrompido por Halder, antes de terminar a frase.

— Somos todos inteligentes e não precisamos voltar a esse assunto. Se Dieter precisa do nosso apoio, devemos dá-lo. Sem restrições — enfatizou.

Todos concordaram levemente com a cabeça, e Dieter continuou:

— Eu quero planejar o futuro do meu filho. Quero garantir que ele será meu herdeiro e protegido pelo grupo *Stille Hilfe*. E quero também que essa proteção se estenda a Lynn.

— Não é muito cedo para essas preocupações, Dieter? — perguntou o presidente.

— Não — respondeu, econômico, antes de explicar. — Apesar de não haver oposição, porque nós a eliminamos — lembrou —, isso não significa que ela não exista e não esteja se organizando. Não podemos ter essa ilusão — Dieter falava com serenidade. — Por isso, quando eu anunciar meu casamento com Lynn, quero que ela já esteja sob a proteção do *Stille Hilfe*. Eu e meu pai fomos protegidos por eles, e eu quero que protejam meu filho e minha mulher.

— Eles serão colocados sob proteção. Imediata — avisou Heinrich.

— Obrigado — agradeceu Dieter, se tranquilizado por saber que Lynn e o bebê estariam a salvo, agora que o *Stille Hilfe* iria cuidar da proteção deles. Agora ele podia pensar em liberar Lucrezia. Assim que terminou a reunião, ordenou, baixinho, para Halder:

— Vamos discutir a destruição de Lucrezia Zani.

Miguel e Seth se reuniram com Halder e Dieter para discutir o destino de Lucrezia e da posse da lança. Dib queria que resolvessem o caso de Lucrezia rapidamente. E Dieter também parecia ter sido tomado por uma urgência súbita.

— Precisamos libertar Lucrezia e levá-la conosco — afirmou Miguel. Dieter olhou-o por dois ou três segundos, como se estivesse escutando uma barbaridade pela primeira vez, antes de começar a rir. Miguel e Seth perceberam que aquela reação era péssima.

— Isso não será possível — avisou Halder, que mantivera uma expressão fria. — Vocês nos propuseram inicialmente — enfatizou — a destruição de Lucrezia. O que mudou?

— Para destruí-la, temos que levá-la para um local apropriado, que iniba a magia dela — mentiu Miguel.

— E por que devemos confiar em vocês? Talvez o objetivo de vocês seja libertar Lucrezia e não matá-la — comentou Dieter, agora com o rosto sério.

— Precisa confiar em nós porque não lhe restam opções — afirmou Miguel, encarando Dieter. — Lucrezia não vai ficar presa por muito tempo e, quando menos esperarem, ela vai aparecer e destruir a sua família, Dieter, para obrigá-lo a fazer o que ela deseja. Além disso, nós é que ajudamos a prendê-la em Paris. A nossa intenção, desta vez, é destruí-la.

Dieter e Halder ficaram em silêncio, ponderando os argumentos de Miguel. O mais importante era se poderiam confiar na intenção deles destruírem Lucrezia. Mas Dieter se negava a ser chantageado por alguém, e o que mais o incomodava, naquele momento, era a ameaça que ela representava para Lynn e o seu filho, apesar de eles já estarem sob a proteção do *Stille Hilfe*.

Dieter olhou para Halder, em busca de uma reação. Mas o amigo mantinha-se impávido, avaliando a situação, sem ter tomado uma decisão. Halder não confiava naqueles dois homens. O fato de não ter encontrado informações sobre eles indicava que eles não eram quem diziam ser. Porém, apesar de não saber nada sobre eles, não tinha alternativas para Lucrezia, uma mulher que dominava o mundo da magia e não podia ser morta. Um fato daqueles poria em causa a credibilidade e a sanidade de qualquer um. Analisado sob aquele prisma, Halder sabia que só lhes restava a possibilidade de entregarem Lucrezia e esperarem que ela fosse morta, porque se isso não acontecesse, ela com certeza viria destruí-los, e o Quarto Reich ruiria.

Finalmente, o general olhou para Dieter e moveu a cabeça de leve, em sinal de anuência. Dieter respirou fundo e perguntou:

— Como pretendem fazer isso?

— Ela confia em mim — explicou Miguel. — E eu é que vou retirar a lança e depois levá-la para o lugar onde tudo vai terminar.

— E a lança? — inquiriu Halder.

— Vamos precisar dela.

— E depois? — insistiu Halder.

— Depois temos que guardá-la num lugar seguro — disse Seth. — A acreditar no que ela representa, nos parece que ela já destruiu o suficiente.

Dieter estava farto daquelas regras e ameaças sobrenaturais. Cedeu finalmente:

— Podem levar Lucrezia e a lança.

Samael estava com Lúcifer quando Daniel se juntou a eles no jardim. Daniel observou-os: pareciam divertidos com algum assunto e riam descontraidamente.

Após os cumprimentos, Daniel perguntou:

— Posso falar com você?

— Sim — respondeu Samael, com um suave movimento de cabeça.

— Acho que o meu irmão está querendo ficar livre... — disse Lúcifer, provocando novamente Daniel, antes de se afastar alguns passos para deixá-los sozinhos. Daniel segurou o braço de Samael e afastou-se um pouco mais, mas a presença de Lúcifer tirava-lhes a privacidade. E Daniel sabia que ele estava fazendo aquilo de modo intencional.

— O que você está querendo, Daniel? — questionou Samael com voz amena, consciente de que Lúcifer estava ouvindo a conversa.

— Podemos negociar o meu tempo aqui? — perguntou olhando fixamente para Samael.

— Não — respondeu econômico. Daniel encarou o chão por alguns segundos, como se tivesse sido vencido, e quando ergueu o olhar percebeu que Lúcifer sorria, antes de se afastar do local. Daniel continuou em silêncio até Lúcifer desaparecer e, por fim, quando estavam finalmente a sós, disse baixinho:

— Descobri a Sala das Almas.

Samael manteve a postura serena, temendo que Lúcifer percebesse que eles estavam planejando algo, enquanto os observava de longe, agora encostado na porta do jardim. Respondeu no mesmo tom baixo, quase sem mover os lábios.

— Consegue libertá-las?

— Acho que sim, mas não sei se consigo libertar todas. O mecanismo de abertura é individual. Tenho que abrir cada uma das caixas de cristal, e são centenas...

— Use as almas libertadas para ajudá-lo a abrir as outras caixas. Elas conseguem — avisou. — Eu espero no portal da Biblioteca, como planejamos.

Daniel anuiu levemente com a cabeça, antes de dizer:

— Já falei com Dib e Elizabeth. Eles estão à sua disposição.

— Daniel... Se ele descobrir, vai atirá-lo para o *fosso* — anunciou Samael, que já ouvira histórias terríveis sobre a sala negra que Daniel encontrara e era conhecida como o *fosso*. Dias antes Daniel talvez não soubesse o que aquilo significava, mas depois de ver a entrada da sala tivera um vislumbre do sofrimento que o esperava se Lúcifer descobrisse os seus planos.

— Eu sei. Por isso protegi os Guardiões: eles não sabem de nada.

— Será mais seguro assim — concordou Samael. — Vamos tentar durante o passeio matinal de Lúcifer. Eu estarei esperando você todas as manhãs.

Daniel anuiu com a cabeça, com um gesto quase imperceptível, antes de deixar Samael sozinho no jardim. Ao passar pela porta, Lúcifer perguntou com ar zombeteiro:

— Vai continuar aqui por quanto tempo?

— Ainda não sei. Ele não disse — respondeu, aparentando irritação.

— Quer que eu fale com ele? — ofereceu-se Lúcifer, tentando prolongar a alegria que sentia ao ver a aparente expressão contrariada do irmão.

— Não — recusou, deixando Lúcifer, para que ele voltasse a reunir-se com Samael.

Durante o percurso para a casa de Dieter Steinbach, Miguel se perguntava se estaria fazendo a coisa certa. Havia discutido longamente com Dib, depois de Alessia e Uchoa chegarem, para montarem um plano infalível. Miguel achou que se a levasse para algum lugar isolado, como Seth havia sugerido, ela podia desconfiar, por isso decidiram ficar no luxuoso hotel, no centro de Berlim, onde alugaram um andar inteiro por um preço exorbitante. Havia tido tempo para organizar tudo, em todos os detalhes, enquanto aguardavam o sinal de Dieter para avançarem.

A única pessoa que podia interferir no plano era Hogdson, mas depois de ter jantado com Lynn e Dieter parecia ter se apaziguado um pouco e tornado mais razoável: Miguel conseguira convencê-lo a voltar para Londres e deixá-los caçar Lucrezia, tal como já haviam feito em Paris. Tom Hogdson acatou temporariamente a sugestão, mas Miguel estava consciente de que ele não desistiria de buscar a verdade sobre a perigosa assassina. E, mais cedo ou mais tarde, teriam que conversar sobre Lucrezia Zani, embora Miguel ainda não

fizesse a menor ideia do que lhe diria. Se Hogdson não tivesse cópias do filme, Miguel apagaria a sua memória e resolveria o problema independente de estar quebrando as regras.

— General, retire os soldados — anunciou Miguel. — Vou entrar na cripta sozinho. Deixe o helicóptero pronto, como combinamos. E não entre, em circunstância alguma.

Halder concordou, em silêncio. Miguel já o avisara que se Lucrezia o visse, com certeza o mataria, e Halder não estava disposto a arriscar-se por algo que nem sequer entendia bem.

Miguel desceu as escadas e entrou na cripta. Aproximou-se de Lucrezia e observou-a por alguns segundos: ela continuava maravilhosa. Puxou a lança com firmeza, sentindo-a soltar-se da carne na sua passagem. Quando libertou a lança, guardou-a na proteção de veludo negro, que Halder lhe entregara, minutos antes.

Aguardou a reação dela. A ferida começou a cicatrizar, embora muito lentamente, e ela abriu os olhos devagar. Era óbvio que ela estava bastante enfraquecida. Miguel fez uma carícia no rosto dela:

— Bem-vinda de volta.

Ela parecia confusa e era visível a sua debilidade:

— Como me encontrou?

— Eu conto tudo depois. Primeiro, temos que sair daqui antes que os soldados voltem — mentiu. — Consegue ficar de pé?

— Acho que sim — sentou-se devagar no caixão, levando a mão ao peito ainda ferido.

— Apoie-se em mim — ofereceu Miguel, pousando a lança no chão. Ela apoiou as mãos nos ombros dele e Miguel ajudou-a a sair do caixão. Em seguida recuperou a lança e segurou a mão de Lucrezia para guiá-la pelas escadas. Anoitecia, as luzes não estavam acesas e o percurso era escuro. Miguel tentou apressá-la, mas ela não era capaz de andar mais rápido. Ele lhe deu a lança e optou por

levá-la no colo até junto do helicóptero. Ajudou Lucrezia a sentar-se, apertou o cinto de segurança dela e mandou o piloto conduzi-los ao seu destino: o heliporto do luxuoso hotel onde se hospedariam.

Miguel a ajudou novamente e carregou-a no colo até o quarto. Deitou-a na cama:

— O que você quer? — perguntou.

— Dois *steaks tartar*, um fígado cru e...

— O fígado cru é excessivo — avisou Miguel, com calma, sentado na beira da cama.

— Fígado e filé-mignon muito malpassado. Peça, Miguel — disse, pondo a mão sobre o braço dele, ansiosa. — Estou faminta.

Miguel fez o pedido, enquanto Lucrezia aguardava, em silêncio. Quando chegou o carrinho com a comida, Miguel posicionou-o ao lado da cama e entregou-lhe o prato com o fígado. Lucrezia pegou o fígado e começou a cortar pedaços com as mãos, que ia colocando na boca. Em seguida passou para o filé-mignon e repetiu o processo. Por fim comeu os dois *steaks tartar*. Só quando terminou é que olhou para Miguel, que a observava. Apesar de ela parecer revigorada, Miguel sabia que ela continuava enfraquecida e precisaria matar alguém para se fortalecer.

— E agora? — perguntou ele, colocando o último prato vazio em cima do carrinho.

— Vou tomar um banho, enquanto você pede champanhe — pediu, sorrindo.

Miguel viu-a dirigir-se ao banheiro e disse, surpreendendo-a mais uma vez:

— Comprei roupa para você. Veja no guarda-roupa...

Ela foi até lá e escolheu algumas peças de roupa íntima e um roupão de seda negro. Depois de um banho demorado, voltou ao

quarto. Aproximou-se de Miguel, aceitou a taça de champanhe e sentou-se no sofá em frente ao dele, avaliando-o.

— Você me salvou. Comprou roupas, perfume, cremes... Alimentou-me. Por quê?

Miguel sorriu, antes de responder:

— Senti a sua falta.

— Mentira — disse ela.

Ele inclinou-se para diante, agora com o rosto sério:

— Você sabe que eu quero a lança, não é? Nunca escondi isso. Por isso telefonei para você algumas vezes, para falarmos da visita que havíamos combinado, e comecei a achar estranho que você não atendesse, nem que fosse para me insultar — concluiu, com um sorriso. — Mas o que realmente me alertou foi o fato de o seu celular começar a cair direto na caixa postal...

— Ele estava no meu bolso e ficou sem bateria — explicou, seguindo atentamente a história de Miguel, que tinha sido muito convincente até ali.

— Se eu quisesse a lança...

— Teria que me encontrar — interrompeu ela.

— Exato.

— E como me achou?

— No dia em que Dieter Steinbach revelou ser o neto de Hitler, foi fácil deduzir que ele era o *herdeiro natural*, como você lhe chamou — disse, omitindo que os Guardiões haviam descoberto aquilo por meio dos sonhos de Elizabeth. — Lembra-se disso?

— Lembro — fez uma pausa, para encher o copo. — Ele revelou que era neto de Hitler?

— Na televisão, no horário nobre.

— Enlouqueceu — resmungou ela.

— Não — discordou Miguel. — Apesar de ele não estar usando a lança, ele está se tornando uma liderança muito forte na Europa. Ele agregou a direita em torno de um ideal comum e numa noite apenas mandou assassinar a maioria dos que lhe faziam qualquer tipo de oposição na Alemanha. Devia estar orgulhosa dele.

— Estou impressionada — confessou.

— Mas parece que ele não precisa de você.

— Ele não quer precisar de mim!

— E você quer que ele precise, para conseguir beneficiar-se das mortes...

— Sim — respondeu com franqueza. — E você podia juntar-se a mim...

— Já falamos sobre isso, Lucrezia — disse Miguel suavemente.

— E você disse não. Eu sei... E salvou-me apenas para conseguir a lança?

— Não — disse com firmeza, pousando o copo de champanhe intocado sobre a mesa, e sentando-se ao lado dela, com o corpo tão próximo que ela podia sentir o calor dele. — Eu quero a lança, não quero participar do seu plano, mas quero você. Faz sentido? — perguntou com a boca a centímetros dos lábios dela.

Lucrezia manteve o olhar firme sobre ele, analisando-o atentamente.

— Faz — disse, sentindo que a proximidade do corpo dele começava a perturbá-la.

Miguel tirou o copo da mão dela e pousou-o na mesa, ao lado do seu. Inclinou-se sobre ela e beijou-a com sensualidade enquanto a empurrava sobre o sofá. Lucrezia sentiu o corpo ceder, enquanto o desejo se espalhava. Miguel sempre a fazia sentir especial, única. Apreciou a doçura dele, depois de ter estado tantos dias imóvel, com a morte rondando. Teria ficado entre a vida e a morte por muito

tempo, sentindo uma dor imensa, se ele não a tivesse resgatado. Era grata e acreditava nele. A história que ele contara tinha lógica e ele não escondera que tinha ido atrás da lança. Naquele momento, não importava mais que ele tivesse matado o filho deles e tentado destruí-la. Ele a tinha resgatado, e a sua paixão por ele reacendeu-se. Sussurrou, despindo-lhe a camisa:

— Vamos para a cama.

Miguel levou-a no colo e pousou-a gentilmente sobre a cama. Despiram lentamente as roupas um do outro, entre carícias e beijos. Ele pensou que, apesar de Lucrezia ser quem era, tinha sentido falta daqueles momentos de paixão.

— Parece que sentiu mesmo a minha falta — disse, meiga, rendendo-se à ternura dele.

— Você também... — respondeu, deitando-se sobre ela, para possuí-la devagar, antes de sentá-la sobre ele. Ela moveu-se lentamente, enquanto Miguel a observava com os olhos semicerrados. Viu os olhos dela escurecendo e com a mão direita, oculta nas costas dela, fez um sinal quase imperceptível. Em segundos, Seth, que aguardava na sala, observando o envolvimento do casal, entrou no quarto e arremessou a lança, trespassando Lucrezia. Ela não sentiu nada. Começou a tombar sobre Miguel, com os olhos abertos e negros, como um boneco que, de repente, fica sem energia. Miguel amparou-a com as mãos, evitando que o corpo dela caísse sobre o dele, para que a lança não o ferisse.

Seth aproximou-se da cama e Miguel viu Uchoa e Alessia surgirem na porta do quarto. Enquanto Seth tinha aguardado, escondido no imenso armário da sala, com a lança, Uchoa e Alessia estavam no corredor, junto da porta, que Miguel deixara encostada quando o atendente levava a garrafa de champanhe.

Miguel acariciou os cabelos negros de Lucrezia, antes de tirá-la de cima do seu corpo. Seth percebeu que ele estava emocionado, mas não fez qualquer comentário. Entregou o roupão a Miguel e, enquanto ele se vestia, analisou Lucrezia. Uchoa aproximou-se:

— Acha que está morta?

— Não sei... Besson, o que você acha? — perguntou Seth.

— Só retirando a lança é que teremos certeza, mas é bom estarmos preparados para o caso de ela continuar viva — fez uma pausa, e avisou. — Vai ser um inferno.

Miguel apanhou a sua roupa e foi para o banheiro trocar-se. Minutos depois voltou e encontrou todos em volta de Lucrezia, que Seth mantinha sentada sobre a cama. Alessia tirou algumas fotografias, para que Miguel mostrasse aos nazistas, como prova da morte de Lucrezia.

— Seth, você tira a lança — disse Miguel, parecendo ter readquirido o autocontrole. — Ela vai levar alguns minutos para se recompor. Se o ferimento começar a sarar, você tem que voltar a colocar a lança no coração dela e... voltamos à estaca zero. Está pronto?

— Sim — respondeu Seth, que fora escolhido para ferir Lucrezia, por sua reconhecida habilidade com lanças e arcos.

— Quando eu disser *três* — avisou Miguel sentando-se na cama e segurando Lucrezia, para que Seth pudesse retirar a lança que atravessava o seu peito de um lado ao outro — Um... Dois... Três.

Seth puxou a lança com firmeza e segurou-a de forma a poder usá-la de novo, com eficácia. O tempo começou a passar e o ferimento de Lucrezia não sarava. De repente, ela começou a envelhecer, como se estivesse sendo sugada de dentro para fora. Miguel deitou-a na cama, e Lucrezia murchou gradualmente até ficar irreconhecível, transformando-se em esqueleto e, por fim, em pó.

Lucrezia Zani estava morta.

21. Roubando almas

Não era um Deus punitivo, porque nunca se pôs a questão da supremacia de um poder do Mal superior ao poder do Bem. Só havia um poder soberano e esse era Bom.

Lutero Urso em Pé

Tornara-se evidente que o neonazismo repetiria as atrocidades de Hitler. No percurso para mais uma reunião da cúpula dos Dragões, Rolf pensava em todas as estratégias possíveis para se comunicar com William Temple. Não sabia como, mas era imperativo que o fizesse. Tinha um pendrive com a cópia de um dos campos de prisioneiros e a respectiva câmara de morte subterrânea.

Os seus pensamentos foram interrompidos pela notícia do rádio: um grupo de nazistas invadiu uma obra com trabalhadores imigrantes e atacou-os. Havia vários mortos e feridos. Dieter estava incentivando a população a agir contra os estrangeiros, imigrantes e todos os que não fossem arianos. Rolf estremeceu ao perceber a escalada da violência. Quando chegou à reunião, estava irritado. Se não fosse a ameaça que pendia sobre a sua família, caso ele traísse os Dragões, iria a público revelar o que sabia, mesmo pondo em

risco a sua vida. Mas estava sem opções e o pior era não ter como avisar Temple, o seu único aliado confiável contra os nazistas.

Rolf acreditou que a reunião seria para discutir mais medidas sobre o curso do nazismo. Estava despreparado para o que o aguardava, assim que a reunião começou:

— Rolf, recebi uma informação intrigante — avisou Dieter.

Rolf gelou. Sentiu o estômago encolher e um suor frio subiu pelas costas e alojou-se na base do seu crânio. Conseguiu manter a postura. Aprendera que a melhor forma de enfrentar um inimigo é jamais mostrar o que está pensando ou sentindo: aquela era a essência do comportamento político.

— Que informação?

— Você não sabe? — perguntou Dieter, olhando-o friamente.

— Não — respondeu, mantendo a voz e o olhar firmes, sob o escrutínio de Dieter e dos outros Dragões.

— Vou ajudá-lo: dois dias atrás você acessou os arquivos dos campos e copiou o projeto do campo de prisioneiros e da câmara... secreta — disse, evitando mencionar o nome exato da câmara de morte.

— Acessei e copiei — confessou, levando a mão ao bolso do terno azul-escuro, para retirar um pendrive. — Estão aqui. Infelizmente não tive tempo para fazer nada com eles.

A sala mergulhou num silêncio chocado. Ninguém entendia a atitude de Rolf: seria ele tão ingênuo a ponto de acreditar que podia copiar arquivos secretos e andar com eles no bolso? E mais do que isso: como poderia assumir tão serenamente que havia feito uma cópia?

— Rolf — disse Dieter, controlando a surpresa causada pela confissão do ministro —, preciso saber o que você anda planejando fazer com isso.

— Na verdade... — fez uma breve pausa, olhando para o pendrive na mão. — Todos conhecem o meu fascínio por números — comentou com a voz calma, provocando alguns sorrisos mansos, enquanto se esforçava por ignorar aquela garra fria que parecia continuar apertando a base da sua nuca. — Se realmente formos adiante com isto, precisamos ser muito eficazes. As suas preocupações para evitar o sofrimento desnecessário das vítimas impactam nos custos com os campos e na produtividade de eliminarmos os... prisioneiros — Rolf percebeu que o seu discurso estava surtindo o efeito desejado e alguns moviam a cabeça levemente, em sinal de concordância. — Eu pretendia fazer um estudo sobre produção para a próxima reunião, mas você convocou-nos antes do previsto.

Dieter sorriu. Rolf sentiu alívio: sabia que quando Dieter sorria daquele jeito estava tudo bem, mas, para se salvar, tinha acabado de mergulhar ainda mais nas malhas do nazismo. Agora teria que ajudá-los a tornar as câmaras de morte mais eficientes. Ensaiou uma pausa bem devagar e franziu ligeiramente a testa, em sinal de desagrado, antes de perguntar:

— Esta reunião — fez um círculo lento com a mão esquerda — foi por causa disto? — ergueu o pendrive com a mão direita tornando-o visível.

— Sim — afirmou Dieter. — O seu comportamento pareceu suspeito.

— O meu comportamento pareceu suspeito? — perguntou com o rosto grave, espaçando as palavras, para conter a irritação. Todos perceberam que ele estava furioso.

— Compreende que não é um comportamento normal... — disse Halder, que sempre mediava os conflitos de Dieter, para evitar que ele sofresse os impactos ou se expusesse.

— Não, Halder — disse Rolf interrompendo-o, com a voz alterada, um pouco mais alta que o habitual. — O que não é normal é eu ter acesso a certos arquivos, quando, na realidade, não posso trabalhar com eles, porque isso faz de mim um suspeito. E a pergunta é: um suspeito de quê?

Rolf estava usando a situação para expressar toda a raiva que vinha acumulando contra as políticas nazistas. Estava farto daquilo. E talvez aquela fosse uma oportunidade para se afastar. Encarou corajosamente todos os membros que estavam sentados ao redor da mesa, esperando que Dieter ou Halder respondessem.

— Lamento o mal-entendido — disse Dieter, com toda a calma. — Foi excesso de zelo.

— Mal-entendido? — respondeu Rolf. — Se eu tivesse hesitado nas minhas respostas, ainda que por um segundo, este incidente teria arruinado a minha reputação. — Voltou-se para os outros e perguntou: — Não teria?

— É possível — reconheceu Heinrich Koch, parecendo falar por todos. — Depois que a dúvida se instala é difícil recuperar a confiança.

— Aparentemente, a dúvida já se instalou, e eu não pareço ter a confiança do grupo — falou com ironia. — Creio que é hora de retirar-me — Rolf levantou-se, deixando o pendrive sobre a mesa, antes de abandonar a sala. Cada passo que dava em direção à porta parecia um passo mais próximo da liberdade. Quando estava com os dedos no trinco, Dieter aproximou-se dele com algumas passadas:

— Compreendo a sua reação. Mas peço que não tome nenhuma decisão precipitada.

— Não é uma decisão precipitada. É apenas a decisão certa para estas circunstâncias — encarou Dieter, antes de concluir: — Quando

há uma quebra de confiança, deixa de ser possível o trabalho conjunto.

— Rolf, não volta a acontecer. Garanto! Halder preocupa-se com a segurança, mas é a função dele.

— Espionar-me é parte das funções dele? — perguntou irônico.

— Não. Mas controlar arquivos tão sensíveis e perigosos como estes, que você acessou, é parte das funções de Halder — pôs a mão sobre o braço de Rolf. — Você sabe que é uma peça essencial para o meu governo — disse, com o rosto sério, mostrando que não estava disposto a deixá-lo partir. A esperança que Rolf tivera por um breve instante, de que poderia abandonar os Dragões, revelara-se uma ilusão. Racionalmente, ele sabia bem que, depois de fazer parte daquele grupo, ninguém o abandona a não ser em caso de morte. Não tinha escapatória.

Rolf meneou a cabeça e voltou a ocupar o seu lugar, virando-se para Halder:

— Você precisa parar com o *excesso de zelo* — afirmou, frisando bem as palavras.

— É o meu trabalho — argumentou Halder, friamente.

— Não — respondeu Rolf. — O seu trabalho é a segurança. O *excesso de zelo* é uma estupidez que o impede de distinguir o importante do supérfluo e nos faz perder tempo a todos. Além disso, você pode destruir uma pessoa com o seu *excesso de zelo* — fez uma pausa antes de dirigir-se a Dieter, com firmeza: — Mais uma coisa: não vou analisar os campos nem fazer sugestões para aumentar a sua eficácia. Aqui está o pendrive — disse, fazendo o objeto deslizar pela mesa até junto de Halder.

Heinrich Koch e alguns outros membros que sempre acharam que Halder tinha poder demais e abusava dele alinharam com Rolf, movendo a cabeça em sinal de concordância. Somente quatro dos

membros se mantiveram imóveis, parecendo estar de acordo com a atuação de Halder. Dieter, sempre atento aos bastidores e manobras políticas, percebeu que aquilo era um sinal claro do descontentamento com a atuação do seu general. E não gostou. Mas, naquele momento, optou por dizer nada.

Mais tarde falou com Halder e pediu-lhe que moderasse a atuação em relação aos Dragões. Era óbvio que ele andava exagerando, por temer que algum deles se revelasse um traidor. Halder argumentou, como sempre, que as grandes traições contra Hitler vieram dos próprios nazistas. Dieter enfatizou que ele precisava deixar os Dragões em paz e tinha que parar de vigiá-los, porque estava colecionando inimigos, quando devia cultivar aliados. Halder concordou, mas não conseguiu dominar as suas desconfianças: elas eram parte da sua personalidade controladora e neurótica, por isso decidiu continuar vigilante, especialmente em relação ao mais novo membro da Sociedade, Rolf Merten. Apesar de Dieter ter muito apreço por ele, os instintos de Halder continuavam dizendo que ele não era confiável.

A voz irada de Lúcifer ecoou pelo espaço, fazendo tremer todos os que o escutaram. Estava furioso quando se dirigiu à Biblioteca onde sabia que encontraria o irmão.

Daniel deixou o livro de lado assim que o viu surgir na porta, todo vestido de negro, com o semblante alterado. Viu-o aproximar-se com passos firmes, como um guerreiro que vai para a batalha. Daniel ficou apreensivo, temendo que ele tivesse descoberto as visitas à Sala das Almas ou, pior, os planos urdidos com Samael. Mas não teve tempo para desenvolver nenhuma hipótese. Em poucos segundos Lúcifer estava de pé, à sua frente, com os punhos

cerrados e os olhos brilhando de ódio. Perguntou, com o timbre mais alto que o normal:

— O que vocês fizeram com Lucrezia?

Daniel não fazia ideia do que ele estava falando. Estava quase isolado, sem notícias do que acontecia no mundo, e não disfarçou a surpresa gerada pela pergunta de Lúcifer.

— Não sei — respondeu, sentindo-se aliviado por a ira de Lúcifer ter origem em Lucrezia. — O que aconteceu?

Lúcifer observou-o, estudando a sua expressão com atenção: o rosto de Daniel mostrava genuína admiração com a pergunta do irmão. Ele não parecia ter conhecimento algum do que acontecera. Continuou a observá-lo, enquanto lhe dava a notícia, com a voz crispada:

— Lucrezia foi dissipada. Acabou.

— Não sei de nada — respondeu Daniel, mantendo a expressão de espanto.

— Isto é trabalho dos seus Guardiões — apontou o indicador para Daniel. — Só eles podem tê-la destruído.

— Sei que vocês dois eram ligados, mas acho que foi positivo — disse Daniel sério, justificando a sua opinião. — Ela estava causando muitos problemas com aquela mania de querer à força um Anunciado para dominar o mundo.

— Não era ela... — Lúcifer falou, como se estivesse mordendo as palavras. — Era eu. Ela me servia — bateu uma vez no peito com a palma aberta.

— Tem certeza? — perguntou Daniel astutamente, tentando gerar a dúvida no irmão.

— No final ela voltava sempre para mim — afirmou Lúcifer, antes de ameaçar. — Alguém terá que pagar por isso.

— Não — respondeu Daniel. — Ela tirou a vida de Kent e os Guardiões tiraram a vida dela. Se é que foram mesmo os Guardiões.

— Claro que foram. Nenhum humano poderia destruí-la. Ela tinha uma única vulnerabilidade, e Besson deve ter descoberto.

— Você sabia do caso deles?

— Claro que sabia. Eu sei tudo — respondeu com arrogância. — Eu sempre quis Besson, mas agora garanto que a alma dele será minha — afirmou, com um lampejo de ódio no olhar.

— Ele não é mais um Guardiã, mas continua sendo nosso protegido. — Daniel pensou por um instante, antes de dizer: — Ele vai onde nenhum dos Guardiões pode ir e faz o que precisa ser feito.

— É essa atuação que vai custar a alma dele — anunciou. — Além disso, ele tem a minha esmeralda.

— Deve ser preocupante para você que essa esmeralda esteja nas mãos de Besson. Talvez seja essa a sua única vulnerabilidade, Lux — Daniel observava-o, estudando cuidadosamente as suas expressões. Percebeu que uma sombra rápida cruzou o olhar do irmão e soube que acertara o alvo: finalmente tinha certeza de que a esmeralda seria capaz de destruí-lo.

Lúcifer abriu os lábios num sorriso largo e disse de modo enigmático, encarando o irmão:

— Você sabe muito bem que não pode permitir que alguém me destrua — baixou o tom de voz e inclinou-se para Daniel, antes de continuar. — Você precisa de mim. Vivo.

Daniel baixou o rosto, com um sorriso suave, sem responder à provocação. Em vez disso, voltou ao assunto de Miguel:

— Besson não te pertence: ele está se redimindo dos excessos que cometeu.

— Você acredita na redenção dele? — perguntou sarcástico, saindo da sala sem esperar resposta, pisando o chão com passos

rápidos e pesados, mostrando que a sua fúria não diminuiria.

Alessia e Uchoa levaram as cinzas de Lucrezia numa pequena caixa de aço para Lisboa. Os restos mortais tinham grande poder se fossem usados em rituais de magia e Dib iria trancá-los no Mosteiro, junto com outras relíquias amaldiçoadas.

Mas, em Berlim, Halder e Dieter queriam garantias de que Lucrezia estava morta.

— General, o assunto está encerrado — afirmou Miguel, ocupando um dos sofás do escritório de Dieter, próximo de Seth.

— Têm provas? — inquiriu Dieter, cauteloso.

— Estas fotografias — afirmou Miguel, mostrando Lucrezia trespassada pela lança, pouco depois da sua morte.

— Isso não significa nada — argumentou Dieter, devolvendo o celular com as imagens.

— Desta vez significou — assegurou Miguel.

— E o corpo? — perguntou Halder, sabendo que eles não haviam tirado o corpo do hotel. Seus soldados, sempre vigilantes, não tinham visto nada de estranho.

— Já cuidamos disso — explicou Miguel, econômico.

— Como? — insistiu o general, insatisfeito com a resposta.

— General... é melhor não entrarmos nesses detalhes — avisou Miguel, com o rosto sério para que não houvesse dúvidas de que não pretendia explicar o que acontecera ao corpo. — Uma coisa é certa: não voltarão a ter problemas com Lucrezia Zani.

Halder não estava satisfeito com as respostas de Miguel, mas percebia que Dieter estava impaciente para encerrar aquele assunto.

— E há mais... pessoas como ela? — perguntou Halder, por precaução.

— Não sabemos — mentiu Miguel. — Mas magos negros como Lucrezia surgem sempre que a situação é propícia.

— E qual seria essa situação? — questionou Halder, desagradado com o aviso.

— Situações de intenso sofrimento e morte, como as guerras — avisou Seth.

Halder e Dieter trocaram um rápido olhar de cumplicidade, cada vez mais seguros de que os campos subterrâneos teriam que ser eficazes, verdadeiras máquinas de matar, rápidas e indolores, ao contrário do que acontecera nos campos da Segunda Guerra. Dieter não estava disposto a lidar com outra pessoa como Lucrezia Zani, nem a repetir a experiência do avô, que ficara refém de crenças ocultistas, das quais ele estava tentando se libertar, para ser o único senhor do seu destino.

— Compreendo — respondeu Dieter. — E se surgir mais alguém com o perfil dela?

— Entre em contato conosco — avisou Miguel.

— Então vocês são uma espécie de... caçadores? — questionou Halder, que ainda não descobrira quem eram aqueles homens, mas precisava catalogá-los de alguma forma.

— Se quiser considerar assim... — Miguel preparava-se para se despedir quando Halder fez uma última pergunta:

— E a lança?

— Vamos ficar com ela, como combinamos. Alguma objeção? — questionou Miguel.

— Não — respondeu Dieter, sem hesitar. Não lhe parecia que a lança trouxesse nada de positivo. Se assim fosse o seu avô não tinha terminado de maneira trágica e o Terceiro Reich não teria fracassado. Aquele era mais um passo para dissociar o nazismo do ocultismo.

Para evitar pontas soltas sobre o caso de Lucrezia só lhes faltava falar com Hogdson. Miguel telefonou, mas havia montado com Seth uma versão diferente da que acontecera: informou Hogdson de que, ao retirarem a lança do peito de Lucrezia, ela estava morta. Hogdson pareceu aliviado com a explicação, porque parecia trazê-lo de volta à normalidade:

— Talvez seja melhor assim. É mais racional.

— Sem dúvida — disse Miguel, ciente de que a mentira simplificara muito os fatos.

— E a lança? — perguntou Hogdson.

Miguel sorriu: todos os que viram ou ouviram falar da lança pareciam ter uma estranha obsessão por ela. Por isso achou admirável que Dieter conseguisse se livrar dela: ele havia escolhido exercer o poder na Alemanha e rejeitado submeter-se ao mundo sobrenatural. — Não tem nada de especial — respondeu Miguel. — Você não acredita que era mesmo a Lança de Longinus, acredita? Uma lança com dois mil anos não estaria naquele estado de conservação, nem poderia ser manuseada daquela forma — argumentou.

— Tem razão. Eu estava perturbado por causa de Lynn e talvez tivesse me deixado levar pelas circunstâncias — disse, antes de tentar argumentar. — Mas o filme não tem explicação.

— Destrua o filme — aconselhou Miguel, que já articulara uma explicação mais convincente para o filme. — Acho que foi uma armação de Dieter e Halder para perturbá-lo, ou pior, para arruinar a sua carreira. Repare — disse, preparando-se para resumir os seus argumentos —, você é um jornalista prestigiado e as suas opiniões são respeitadas. O fato de ser pai da namorada de Dieter, e ser

contra o nazismo, é muito negativo. A melhor maneira de diminuir a sua importância é minando a sua reputação.

Hogdson hesitou: aquela explicação fazia todo o sentido e tinha muita lógica. Talvez Dieter e Halder quisessem destruí-lo ou, pelo menos, mantê-lo sob controle. E só algo assim poderia explicar o que ele tinha visto.

— Talvez... — disse Halder após alguns segundos de silêncio.

Pouco depois de desligar, Hogdson reviu, pela enésima vez, a gravação do celular com atenção fixa, evitando perder qualquer detalhe: realmente parecia um filme de ficção. Agora lhe parecia óbvio que se ele tivesse vindo com aquilo a público teria destruído a sua reputação, exatamente como Temple, e agora Miguel, haviam mencionado. Sentiu que a sua clareza de raciocínio estava voltando, como se uma nuvem de crenças absurdas o estivesse abandonando. A sua velha lógica estava de volta. Colocou o dedo sobre a tecla e, após uma hesitação breve, apagou o filme. Pretendia fazer o mesmo com a cópia que dera a Temple.

Quando Elizabeth entrou no seu quarto, às seis da tarde, surpreendeu-se ao encontrar Samael esperando por ela, sentado pacientemente numa das suas poltronas. Elizabeth hesitou por um segundo, sem saber se devia ou não chamar Dib, mas Samael foi ao seu encontro, no meio do quarto. Observou-a com atenção e quando falou a sua voz era suave e aveludada:

— Elizabeth, eu sou Samael.

Ela moveu levemente a cabeça. Ele era alto, esguio, e a sua pele alva e os olhos profundamente verdes contrastavam com o longo cabelo negro. Ela jamais imaginara que a morte fosse representada por alguém tão belo e sereno.

— Vou chamar Dib — anunciou, deixando Samael sozinho, para voltar acompanhada de Dib minutos depois.

— Como vai? — cumprimentou Samael.

— Bem, obrigado — respondeu Dib.

— Cobriu o espelho? — perguntou Elizabeth, notando que o espelho estava coberto por uma manta, que costumava ficar dobrada sobre os pés da sua cama.

— Para evitar surpresas — justificou-se Samael. — Não quero que Lúcifer apareça enquanto eu estiver aqui. Isso poria em risco todo o nosso plano.

— E qual é o plano? — perguntou Dib.

— É mais seguro que não saibam. Por enquanto — avisou, com a voz cadenciada e branda.

— O que podemos fazer para ajudá-lo? — quis saber Dib.

— Eu posso movimentar-me para qualquer lugar, mas não posso entrar no submundo sem a permissão de Lúcifer. Por isso, vou precisar usar o espelho de Iblis — apontou com o indicador para o espelho. — E durante o tempo que eu permanecer no submundo, terão que manter o portal aberto e funcional. Isso é muito importante — frisou.

— Como vamos manter o portal aberto? — argumentou Elizabeth.

— Quando eu passar, não vou fechá-lo, mas vocês precisam garantir que nada nem ninguém fique na frente do espelho. A passagem tem que estar completamente desobstruída — enfatizou.

— Você vai trazer alguém de lá? — perguntou Dib, intuitivamente.

Samael olhou para ele com uma expressão séria, antes de responder:

— O que quer que saia por aquele espelho, não deve ser impedido. Não feche o portal até que eu passe. Isto tem que ficar muito claro, Dib.

— E o que vai acontecer se Lúcifer descobrir o que estão fazendo?
— perguntou Elizabeth.

Samael ficou em silêncio, mirando os dois com a sua placidez habitual. Aquilo era algo que não podia comentar. Daniel é que deveria prepará-los para as terríveis consequências do plano que eles estavam pondo em ação.

— Obrigado pela ajuda — agradeceu Samael, antes de partir, sem responder à pergunta de Elizabeth.

Dib analisou a lança, com cuidado e reverência. Aquela era a lâmina que ferira Cristo dois milênios antes, perfurando o seu corpo de modo a alimentar os mitos sobre a sua morte. Estava milagrosamente conservada. Mas sangrava constantemente. Só parava de sangrar quando estava envolvida em sua proteção de veludo negro.

Todos se mantinham silenciosos em volta do objeto, fascinados com o seu simbolismo e poder. Dib pousou a lança ao lado da caixa de metal com as cinzas de Lucrezia.

— Excelente trabalho — disse, parabenizando os envolvidos na recuperação da lança e na morte de Lucrezia. — Precisamos manter estes dois objetos seguros, até os transferirmos para o Mosteiro.

— Talvez seja melhor mantê-los aqui, na sede da Ordem, do que em casa — sugeriu Uchoa.

— Sim — concordou Dib. — Por enquanto, vão ficar no porão.

A sala a que Dib se referia albergava várias obras de arte e era protegida por uma porta blindada. Mas, apesar das medidas de segurança, todos sabiam que o Mosteiro era o único lugar totalmente seguro para objetos daquela magnitude e com aquele poder.

— Dieter vai ser pai — avisou Miguel, mudando bruscamente o rumo da conversa. — Isso significa que a descendência de Hitler vai continuar.

— Acha que isso é um problema? — questionou Elizabeth. — A criança ainda não nasceu, e não sabemos o que será...

— Não nasceu, mas representa a continuidade. E se crescer no meio de nazistas, com certeza seguirá os passos do pai — avisou Uchoa.

— O problema é o Dieter. É nele que precisamos nos concentrar agora — avisou Elizabeth.

— Você sonhou? — perguntou Dib, que aprendera a reconhecer as reações de Elizabeth.

— Sim, e embora não tenha visto claramente, sei que está acontecendo algo terrível — avisou Elizabeth. — Embaixo da terra havia túneis e salas com portas de aço numeradas em amarelo.

— Tem ideia do que possa ser? — perguntou Miguel.

— Eles estão construindo câmaras de morte em algum lugar da Alemanha.

A notícia chocante alarmou-os.

— O quê? — perguntou Dib, atento, franzindo a testa em sinal de preocupação.

— Câmaras de morte — repetiu Elizabeth. — Mas precisamos de provas e eu não descobri a localização e também não sei se já estão finalizadas.

Os Guardiões ficaram silenciosos. As palavras de Elizabeth traziam à memória o horror das práticas de extermínio da Segunda Guerra e dos campos nazistas.

— Se Elizabeth estiver certa, estamos perante uma repetição dos campos de concentração, mas desta vez eles estão planejando com antecedência e muito secretismo — comentou Uchoa, antes de

concluir, com expressão tensa: — Precisamos impedir que isso aconteça.

— O que está sugerindo? — perguntou Miguel, sempre pragmático.

— Talvez devêssemos eliminar Dieter, como Miguel já sugeriu — disse Uchoa, surpreendendo-os com a sugestão.

— Você quer dizer assassinar? — insistiu Miguel, grande defensor da ideia.

— Sim — concordou Uchoa, justificando: — Se tivéssemos feito isso com Hitler, teríamos salvado milhares de vidas.

— Não vamos assassinar ninguém. Essa é a nossa primeira lei — anunciou Dib, mantendo a serenidade e acabando com aquele delírio. Percebia que a influência de Miguel começava a fazer-se sentir na Ordem e não podia permitir aquilo. Destruir alguém era uma atitude que poderia acontecer apenas em situações limite, quando estavam esgotadas todas as opções. — O que precisamos fazer é mapear o solo alemão, para descobrir a localização dessas câmaras e expô-las ao mundo. Isso revelaria as verdadeiras intenções dos nazistas.

— E como pretende fazer isso? — perguntou Miguel, surpreso.

— Pretendo que os homens descubram as câmaras de morte — sugeriu Dib.

— E nós vamos manipulá-los para que isso aconteça — concluiu Seth, antes de perguntar: — Como?

— Precisamos de um aliado que tenha acesso aos meios para conseguir essa informação. E sabemos quem é — comentou Dib devagar, como se estivesse ajustando o seu plano enquanto falava.

— Quem? — perguntou Elizabeth. — William Temple?

— Sim — confirmou Dib. — Ele é o opositor de Dieter e, embora não saiba, é também nosso protegido: Daniel garantiu que nem uma

gota do seu sangue será derramada.

— A não ser que os nazistas decidam matá-lo sem derramar o seu sangue — lembrou Miguel, com uma ponta de cinismo.

Dib mirou-o com expressão de reprovação, mas antes que pudesse responder-lhe, Uchoa questionou:

— Como vai contatar Temple e depois convencê-lo da existência de câmaras secretas sem uma única prova? — questionou Uchoa.

Dib sorriu, demonstrando que tinha uma solução:

— Besson e Seth irão a Londres para conseguirem uma reunião com Temple, através de Tom Hogdson. Ele e Temple foram colegas de faculdade e são próximos — sugeriu Dib. — Nessa reunião com Temple vão mencionar que, durante o tempo que estiveram na Alemanha, ouviram *rumores* sobre a construção de campos de concentração subterrâneos. Se necessário, Hogdson pode confirmar que vocês estiveram na Alemanha e contataram nazistas do mais alto escalão.

A sala ficou em silêncio, assimilando o plano simples e eficaz de Dib. Naquele momento ele agira de forma muito similar à de Daniel: planejando com inteligência e aproveitando as oportunidades do momento. Dib pretendia conduzir Temple à descoberta das câmaras de morte, para expor os nazistas, mantendo a atuação dos Guardiões salvaguardada.

Daniel esforçava-se para manter a tranquilidade. Não podia cometer nenhum erro, ou tudo o que planejara por tanto tempo com Samael estaria perdido.

O comportamento de Lúcifer, depois da dissipação de Lucrezia, tornara-se imprevisível. No dia anterior, em vez do seu passeio habitual, fechara-se na Sala do Trono. Se fizesse o mesmo naquela

manhã, Daniel teria que adiar de novo a libertação das almas. E se Lúcifer saísse, havia ainda o risco adicional de voltar mais cedo e flagrar Daniel. E, nesse caso, não hesitaria em atirá-lo para a sala negra, onde estavam os que o haviam traído.

Além disso, para o plano funcionar, Daniel teria que contar com a ajuda das almas para abrir todas as caixas de cristal. Daniel tinha uma única oportunidade. Aquela era a primeira vez que alguém tinha coragem para invadir os domínios de Lúcifer e libertar as almas brancas que ele vinha roubando, e aprisionando, há milênios.

Daniel esperou pacientemente por Lúcifer, sentado num banco do jardim, de onde tinha uma visão clara do percurso até o portão, que separava a área privativa da área externa, como Lúcifer gostava de chamar ao resto do submundo, onde realmente estavam os horrores.

Às dez da manhã, uma hora mais tarde do que o habitual, Daniel viu Lúcifer desaparecer pelo portão. Ele já não parecia furioso, apenas abatido: caminhava com os ombros ligeiramente curvados e o seu rosto estava um pouco pálido. Por muito turbulenta que fosse a sua relação com Lucrezia, a morte dela havia-o perturbado.

Assim que o portão se fechou, Daniel dirigiu-se para a Sala do Trono. Cada dia era mais difícil distinguir os dois, especialmente depois que Daniel passara a adotar gradualmente as roupas negras, iguais às do irmão, para melhor se fazer passar por ele.

Atravessou os corredores com rapidez e, quando entrou nos aposentos de Lúcifer, desceu as escadas em segundos. Ao chegar à Sala das Almas, pôs o seu plano em prática. Dirigiu-se à mesa central, para libertar as almas mais brilhantes dos tubos de cristal, mas antes falou com elas, como Samael havia sugerido:

— Sou Daniel, irmão de Lúcifer — percebeu que o zumbido que as almas faziam se silenciou e as luzes trêmulas se aquietaram. — Vou

libertar vocês, mas preciso de ajuda. Assim que saírem das caixas, têm que libertar as outras almas, do ponto mais alto das paredes para baixo — explicou, para manter certa ordem e evitar confusão. — A seguir vão à sala ao lado, libertar as outras. Já deixei a porta encostada para que possam passar. Depois, esperem por mim no início das escadas. — Deu um último conselho: — Agrupem-se sempre junto ao teto, para evitar que alguém os veja. Entenderam?

A volta do zumbido, por um momento, pareceu indicar que as almas haviam compreendido o monólogo de Daniel. Mas ele só teria certeza depois que começasse a libertá-las. Usou as duas mãos para acelerar o processo e apertar simultaneamente dois botões nas bases dos tubos de cristal. As tampas abriram e as almas voaram, como dois pontos brilhantes em direção às filas superiores, exatamente como Daniel pedira. Em segundos, filas de caixas perdiam as luzes que as haviam iluminado até ali, e a sala foi-se enchendo de zumbidos suaves. Daniel viu uma nuvem imensa de pontos brilhantes deslocando-se na direção da porta e soube que iam para a sala seguinte. Ao contrário do que imaginara, o processo levava apenas alguns minutos, graças à participação das almas.

Quando a sala ficou vazia, Daniel passou pela sala seguinte para confirmar que todas as almas também haviam sido libertadas e correu para a base da escada. Olhou para o teto e ficou fascinado ao perceber que havia milhares de luzes minúsculas, silenciosas e imóveis, aguardando o seu sinal. Subiu as escadas, acompanhado por uma espécie de onda luminosa rente ao teto, atravessou a Sala do Trono e os corredores em direção à Biblioteca. As chances de haver alguém por ali eram mínimas, mas podiam sempre tropeçar com algum visitante indesejado. E foi o que aconteceu. Assim que abriu a porta da Biblioteca, Daniel deu de cara com um belíssimo Anjo Negro, com um rosto anguloso de feições índias. Ele olhou para

Daniel, hesitante. Estava de pé com um livro na mão. Pousou-o na ponta da mesa e foi ao encontro de Daniel: era óbvio que pensava tratar-se de Lúcifer. Daniel precisava afastá-lo dali, para poder acessar o portal. Pensou rapidamente e quando o anjo parou na sua frente já tinha decidido o que faria:

— Não sou Lúcifer. Sou seu irmão gêmeo — avisou deixando o anjo desconcertado com a semelhança dos dois, e o fato de Lúcifer ter um irmão gêmeo. — Mas ele quer falar com quem estiver na biblioteca.

O anjo acenou silenciosamente com a cabeça, sem esconder a sua confusão.

— Há mais alguém aqui? — perguntou Daniel.

— Sim — disse apontando para a estante que ficava exatamente sobre o portal.

— Chame-o e vão à Sala do Trono.

O anjo voltou-lhe as costas e foi buscar o outro, antes de ambos abandonarem a Biblioteca. Daniel respirou fundo e olhou para o teto: metros acima estava o manto brilhante, mantendo-se imóvel. Ele fez um sinal e o manto deslizou, pairando sobre a sua cabeça. Daniel afastou a estante e Samael apareceu. Por um segundo, Samael teve a mesma expressão de fascínio no rosto, que também assaltara Daniel, quando viu aquele imenso mar de pontos luminescentes. Eram muitas almas. Bem mais do que imaginara.

— Não temos tempo — avisou Daniel, pensando que em breve os anjos voltariam, quando percebessem que ele os enganara.

— Vamos — disse Samael, entrando no portal, seguido das almas silenciosas. Daniel foi o último a passar. Tentou fechar o portal da Biblioteca, mas não conseguiu. Sempre soubera que a estante precisava ser empurrada pelo lado de fora, para selar a entrada, e

que ao deixar a estante encostada corria o risco dos anjos o seguirem pelo portal, mas não tinha escolha.

Hogdson explicou detalhadamente a Temple o que acontecera em Berlim, inclusive a morte de Lucrezia, tal como Miguel lhe havia contado.

— Então você acredita que ela está mesmo morta?

— Sim. — Hesitou Hogdson, antes de comentar: — Agora parece ridículo ter pensado que ela sobreviveria a uma lança no coração.

— Com certeza — Temple ficou pensativo por um momento, antes de afirmar: — Essas explicações sobrenaturais abalam o emocional e destroem a clareza do raciocínio. E o filme... Parece uma farsa para perturbá-lo, ou minar a sua reputação, como os seus conhecidos afirmaram. E eles devem saber do que estão falando, Tom. Afinal, como você mesmo me disse, já haviam ajudado a prender essa assassina em Paris — Temple deu um gole generoso no seu uísque, antes de acrescentar pausadamente: — O grupo de Dieter gosta de destruir a credibilidade de qualquer um que lhes faça frente.

— O que está acontecendo, William? — perguntou Hogdson, atento, ao escutar o comentário do amigo. — Eles fizeram alguma coisa parecida com você?

— Sim — disse, levantando-se do sofá para pegar o grosso dossiê marrom que estava sobre a mesa. Entregou-o a Hogdson e explicou: — De acordo com o que está aí, eu e meus filhos somos milionários com vários investimentos no JKW. Basicamente, lucramos com a crise e até já contribuímos para a campanha dos nazistas na Alemanha.

Hogdson começou a folhear o dossiê e Temple continuou falando:

— Os serviços secretos ingleses descobriram as ações eletrônicas. O mau da internet é que todos podemos ser alvos, e o bom é que

todos deixam o rastro de suas ações. Nada é realmente apagado e, apesar dos nazistas serem brilhantes, os nossos serviços são melhores.

— Sabem quem foi?

— Não descobriram exatamente quem foi, mas descobriram de onde partiu.

— Do JKW?

— Sim. E a nossa equipe já me transformou novamente num homem pobre. E os meus filhos também. O que quero dizer, Tom, é que eles são realmente perigosos. E estão em todo o lado, controlando e manipulando tudo. Pode ser qualquer um — avisou Temple, com a voz cansada. — Você conheceu a minha secretária, Megan Holmes?

— Sim.

— Ela trabalha para o JKW — confessou.

— O quê? Como é isso possível?

— Eles têm gente infiltrada em vários governos há muito tempo. Adormecida. Esperando o momento certo para agir — Temple ergueu os olhos e fixou-os no amigo, antes de lhe contar detalhes sobre a terrível descoberta. — Quando houve o segundo atentado, o assassino tinha que saber onde eu estaria e poucas pessoas tinham acesso à minha agenda pessoal. Os serviços secretos investigaram o pessoal do meu gabinete. Discretamente, claro. Quando eu recebi as três listas com os bens, essas primeiras páginas que você viu no dossiê — disse apontando para os papéis que Hogdson ainda tinha nas mãos — falei com Charles Major. Ele já tinha uma teoria e aprofundou a investigação até descobrir que Megan era alemã e tinha ligações com o JKW.

— E onde ela está agora?

— Trabalhando — disse Temple, sorrindo pela primeira vez, desde o início da conversa.

— Você é louco? Eles ficam sabendo tudo o que você está fazendo!

— Não mais. Major está usando Megan, através de mim, para enviar informações ao JKW. — Temple inclinou-se para diante, diminuindo a distância que o separava de Hogdson, e disse em voz mais baixa: — Informações falsas. Inclusive informações militares.

Hogdson deu uma gargalhada. Finalmente começava a surgir uma luz no horizonte.

— Mas isso não é tudo... — avisou Temple. — Começamos uma operação em toda a Europa para descobrir quem são os outros agentes infiltrados.

— Já descobriram algum?

— Três. Ao acompanharmos as ações de Megan, descobrimos seus contatos. E agora que os estamos vigiando, certamente vamos descobrir mais.

— E depois alimentam-nos com informações falsas.

— Exatamente — disse Temple, sorrindo.

— Talvez consigamos minar o nazismo antes de se fortalecer mais — comentou Hogdson, também com um sorriso, sentindo a esperança voltar.

— Não temos outra opção: precisamos destruí-los — afirmou Temple, levantando-se ao escutar as batidas suaves de Joan na porta do escritório, chamando-os para o jantar.

22. Olho por olho, dente por dente

Olho por olho, dente por dente, pé por pé. Queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe.

Êxodo 21: 24-25

Lúcifer estava de pé, na sala, observando o ambiente, para descobrir por que a luz diminuía e a temperatura esfriava. O equilíbrio da luz e da temperatura vinha diretamente da Sala das Almas, do lugar que ele chamava de Mesa Branca. Lúcifer projetara aquela mesa com cristais, para que funcionasse como um poderoso gerador a partir da energia das almas brancas. Também tinha uma sala de repouso, onde aumentava a sua energia e mantinha reservas em sua esmeralda, para que ela funcionasse como uma bateria.

As batidas na porta interromperam a sua análise. Quando abriu, estranhou a visita dos dois Anjos Negros.

— O que estão fazendo aqui?

— O seu irmão disse que queria falar conosco — respondeu o anjo de feições índias.

Lúcifer franziu os olhos, como se estivesse se esforçando para pensar melhor, percebendo de imediato que se tratava de um

engodo.

— Onde o encontraram?

— Na Biblioteca.

Lúcifer apertou os punhos para controlar a raiva e dirigiu-se à Biblioteca apressadamente, seguido pelos dois anjos, que não compreendiam o que estava acontecendo. Assim que entrou, a estante deslocada, que ocultava o portal, prendeu imediatamente a sua atenção. Lúcifer foi até lá, com os olhos brilhando de ódio. Ordenou aos dois anjos, para evitar que eles descobrissem a existência daquele portal:

— Saiam. E... não deixam ninguém entrar!

Aproximou-se do portal. Pela temperatura morna, era óbvio que Daniel tinha atravessado havia pouco tempo e parecia ter levado com ele um grande fluxo de energia.

Mesmo sem ter certeza do que estava havendo, calculou que o desequilíbrio da luz e da temperatura estava relacionado com algumas das almas que Daniel conseguira recuperar. Ele devia ter descoberto a Sala das Almas, pensou Lúcifer furioso, deduzindo os planos de Daniel.

Supôs que Daniel tivesse libertado as almas da Mesa Branca e por isso a energia estivesse instável. Decidiu que cuidaria da Sala das Almas depois. Naquele momento precisava seguir Daniel e impedi-lo de ser bem-sucedido, qualquer que tivesse sido o seu plano.

O discurso de William Temple nas Nações Unidas foi devastador: criticou duramente a Alemanha e alertou para os perigos crescentes do neonazismo. Chamou Dieter Steinbach de *herdeiro maldito* e responsabilizou-o pela escalada da violência na Europa. Temple conseguiu que os olhos do mundo se voltassem para Dieter, mas, ao

mesmo tempo, apressou a sua sentença de morte, fazendo com que o chanceler alemão radicalizasse as medidas contra ele. As tentativas para assassiná-lo e associá-lo ao JKW para destruir a sua reputação tinham falhado. O homem parecia ter mais vidas que um gato. Falou com Halder:

— Precisamos de uma solução definitiva para Temple. Desta vez sem erros.

— Eu sei — pela forma séria e econômica como Halder respondera, Dieter percebeu que ele estava planejando algo e, apesar da sua irritação com o discurso de Temple, não conseguiu evitar um sorriso de satisfação perante a eficiência do seu general.

— Então já tem um plano?

— Vamos usar polônio 210 — disse Halder, movendo levemente a cabeça em resposta à pergunta de Dieter. — Não há como ele escapar, até porque não há antídoto.

Dieter ficou pensativo por alguns segundos, antes de questionar:

— Mas é radioativo. Não é demasiado perigoso?

— Não, se for manipulado com segurança — assegurou Halder.

— Ótimo — aprovou Dieter, sorrindo.

Dib reuniu os Guardiões no quarto de Elizabeth enquanto aguardavam a chegada de Samael. Tinha-lhes explicado o pedido de Daniel e adiara a viagem de Miguel e Seth para Londres, para contatarem Temple, porque não sabia o que Samael e Daniel haviam planejado. Mas quando Samael retornou do submundo, seguido por milhares de luzes, ficou claro qual tinha sido o plano secreto arquitetado com Daniel: libertar as almas injustamente aprisionadas no submundo, sem o julgamento de Samael.

Elizabeth aproximou-se do espelho, esperando Daniel. Porém, as almas continuaram atravessando, em seu imparável fluxo luzidio. Inundaram o espaço com uma luz tão intensa que cegava os olhos, oferecendo um espetáculo de luzes e zumbidos, como se milhares de pirilampos estivessem voando pelo ar.

Finalmente Daniel atravessou o portal, mas dirigiu-se apressado para Samael:

— Você tem que ir. Não consegui fechar o portal e Lúcifer pode nos seguir.

— Obrigado — agradeceu Samael, abraçando Daniel, antes de desaparecer misteriosamente, como se tivesse evaporado no ar, levando todas as almas em menos de um segundo.

— Como ele fez aquilo? — perguntou Elizabeth, espantada.

— É o que ele faz. É assim que ele leva os mortos — respondeu Daniel, olhando em volta à procura de algo para bloquear o espelho. Mas antes de conseguir selar o portal, Lúcifer surgiu no seu limiar e, embora não pudesse sair, puxou Elizabeth para junto dele. Ela tentou resistir, mas ele apertou o seu braço com força fazendo-a gemer de dor.

— Sugiro que fique quieta, antes que eu realmente machuque você — avisou.

Daniel deu dois passos adiante, com as mãos levantadas, em sinal de rendição, percebendo o que o irmão estava planejando fazer. Pediu:

— Leve-me no lugar dela.

— Você já ocupou o lugar dela uma vez. Desta vez não vai funcionar — avisou.

— Lux, por favor... — pediu Daniel. — Pode fazer de mim o que quiser. Mas deixe-a. Ela não tem nada a ver com isto.

— Vou dizer como funciona: vou levar algo seu, até que devolva o que pegou de mim.

Lúcifer puxou Elizabeth para dentro do espelho, desaparecendo com ela.

Os Guardiões ficaram em silêncio, aturdidos com a rapidez com que tudo acontecera.

— Ele já sabe exatamente o que você pegou? — perguntou Miguel, baixinho.

— Não sei — respondeu Daniel no mesmo tom, com a voz tensa.

— Esperemos que ele não desconte em Elizabeth quando descobrir a magnitude do roubo — avisou Miguel.

— Talvez isso não seja o pior — avisou Daniel, fazendo Miguel encará-lo com uma sombra de temor nos olhos.

— O que está querendo dizer? — questionou Miguel.

— No submundo nos tornamos mais frágeis, mas quando a descida não é voluntária, o corpo se torna gradualmente enfraquecido — avisou Daniel.

Os Guardiões ficaram em silêncio, tentando entender as implicações daquela informação. Mais uma vez, Miguel foi o primeiro a falar:

— O que isso significa?

— Quanto mais fraca Elizabeth estiver, maior será o poder dele sobre ela.

Miguel cerrou os punhos, sentindo sua raiva contra Daniel crescer. Responsabilizava-o por tudo o que pudesse acontecer com Elizabeth.

— Temos que fechar o portal — disse Daniel, colocando finalmente uma proteção sobre o espelho com a ajuda de Dib, mesmo sabendo que era tarde demais.

Lúcifer conduziu Elizabeth às acomodações que lhe destinara, próximas das suas: um quarto com banheiro, sala privada e um jardim. Aquela seria a gaiola dourada dela, durante o tempo que ali permanecesse. Dois Anjos Negros guardavam sua porta e iriam acompanhá-la para todo o lado. Lúcifer não pretendia dar-lhe a liberdade que dera a Daniel.

Ele próprio selou o portal da Biblioteca, para evitar que voltasse a ser usado, e depois desceu para a Sala das Almas. Foi então que percebeu o estrago que Daniel fizera: ele não levava apenas algumas almas, como Lúcifer imaginara, ele levava todas as almas. Aquilo significava que, em breve, quando a energia remanescente das almas se esgotasse, a sua área privativa seria dominada pelas trevas.

A escuridão e o frio eram eminentes. Eram as almas brancas que alimentavam tudo, com sua energia pura e inesgotável. Lúcifer estava furioso. Chamou alguns dos anjos e ordenou que trouxessem as *almas cinzentas*, as almas condenadas que estavam tentando se redimir do mal que haviam feito, para se libertarem do submundo e passarem ao nível seguinte de evolução.

Lúcifer iria usá-las para obter a energia de que necessitava, mas, ao contrário das almas brancas, a energia delas esgotava-se e era mais fraca, por isso ele precisaria de milhares de almas para restabelecer o equilíbrio da luz e da temperatura. E tinha que monitorá-las constantemente. Aquilo resolveria o problema, mas não aplacaria a onda de ódio que sentia. Nunca, em toda a sua existência, desejou tanto destruir o irmão. Porém, não poderia matá-lo devido ao segredo que pairava sobre eles como uma maldição.

Embora consumido pelo sequestro de Elizabeth, Daniel sabia que não conseguiria voltar ao submundo e nada poderia fazer para resgatá-la naquele momento. Só lhe restava aguardar, mas aquela seria uma longa e dolorosa espera. Voltou sua atenção para os assuntos terrenos. Ao assumir de novo o lugar de Guardião Supremo, concordou com a decisão de Dib, considerando que era vital travar os avanços dos nazistas e revelar a construção dos campos de prisioneiros.

Miguel e Seth estavam em Londres, tentando marcar a reunião com William Temple, através de Tom Hogdson. Encontraram-se com ele no escritório do jornal.

— Não pensei que voltaria a vê-los tão cedo — disse Hogdson, depois de se cumprimentarem. — Em que posso ajudá-los?

— Qual a sua relação com o primeiro-ministro? — perguntou Miguel frontalmente, deixando Hogdson de sobreaviso.

— Não espera que eu fale sobre isso, não é?

— Sabemos que frequentaram a mesma universidade e o mesmo círculo social. Portanto, já está estabelecido que se conhecem — avisou Seth, com calma. — Só queremos determinar qual o seu nível de acesso a ele.

— O que querem com ele?

— Qual o seu acesso a ele? — perguntou Miguel.

— Vocês me procuraram, portanto precisam de mim — avisou Hogdson, cuidadoso. — Se querem acesso a Temple, primeiro têm que me contar o que desejam.

— Não sabemos até que ponto você é confiável — respondeu Miguel, com a sua habitual frontalidade, decidido a ser transparente com Hogdson. — Dieter Steinbach vive com a sua filha e pode estar a pressioná-lo para conseguir todo o tipo de informação. E o assunto que pretendemos discutir com o primeiro-ministro é muito sensível.

Hogdson ficou calado por um longo momento, antes de argumentar:

— Eu pensaria o mesmo se estivesse no lugar de vocês. Mas eu quero salvar Lynn e para isso tenho que destruir Dieter. É a única solução. — A sua voz revelou tristeza, ao concluir: — Ela está tão apaixonada que está surda a qualquer argumento.

— Isso não significa que você não esteja sendo pressionado por causa dela — insistiu Miguel, com firmeza.

— Basta Lynn estar com Dieter para eu estar sendo pressionado — confessou, com honestidade. — Porém, se eu não fizer nada, tudo isto — fez um gesto vago com as mãos — vai desaparecer e em breve vamos ser engolidos pela escuridão do neonazismo — aquietou-se, pensativo. — Eu marco o encontro. É com vocês?

— Sim — respondeu Seth.

— É urgente, Hogdson. — Miguel inclinou-se para diante, aproximando-se bem do jornalista para dizer baixinho: — Tenha cuidado: você está sendo vigiado.

Miguel e Seth haviam investigado Hogdson, antes de se encontrarem com ele. E suas suspeitas se confirmaram, ao descobrirem que dois homens se revezavam para mantê-lo sob constante vigilância. Eles deduziram que se tratava dos nazistas, mas também podiam ser os serviços secretos ingleses.

— Eu sei — respondeu Hogdson, no mesmo tom.

Miguel pegou uma caneta e um papel e anotou algo, antes de entregar a Hogdson, mostrando que estava confiando nele:

— Este é o assunto.

Hogdson olhou para o papel e levou um choque. Leu duas ou três vezes até compreender o que aquela informação significava. Miguel havia escrito apenas: *Campos de concentração*. Finalmente encarou Miguel e meneou levemente a cabeça, com o rosto pálido.

— Nós voltamos hoje para Lisboa. Avise-nos quando conseguir a reunião — pediu Miguel, despedindo-se do jornalista.

— Não... Fiquem em Londres — pediu Hogdson, enquanto apertava a mão de Miguel. — Eu vou falar com premiê para receber vocês com urgência.

A intuição de Lúcifer sobre a presença de Daniel no submundo estava correta. Calculou que Daniel soubera da existência das almas através das memórias do Destruidor de Almas. Lúcifer não recordava quais as outras memórias contidas na Laranja e quão prejudiciais poderiam ser se Daniel as tivesse acessado.

Só dias após o roubo das almas é que Lúcifer compreendeu a totalidade do plano. No auge do seu ódio contra o irmão, deixou escapar um detalhe importante que agora parecia óbvio: Daniel não conseguiria executar aquele plano sem ajuda. A fuga das almas significava a participação de Samael, porque só ele podia fazê-las passar de uma dimensão para outra. E esse gesto significava que Samael se alinhara com os Guardiões. Lúcifer sentiu uma nova onda de ódio contra o irmão, desta vez por ele ter conseguido que Samael abandonasse a neutralidade que mantivera por milênios, para passar a apoiá-lo. Mas o pior era que Samael estava apenas exercendo o direito de recuperar as almas que Lúcifer roubara durante milhares de anos ao Divino.

Tudo contribuía para irritá-lo: a traição de Daniel, o roubo das almas, a participação de Samael e a fragilidade crescente de Elizabeth. Ela estava enfraquecendo desde que fora forçada a descer para o submundo. Era visível que emagrecera e se tornara cada vez mais suscetível à maldade que reinava ali, e isso contribuía para o seu corpo se deteriorar rapidamente.

O ódio violento de Lúcifer contra Daniel se concentrou em Elizabeth. Naquele instante, ela substituíra o irmão: ela era a única mulher que ele tinha amado. Dirigiu-se aos aposentos dela e entrou sem bater. Encontrou-a de pé, observando o jardim, através da janela de vidro.

Lúcifer apreciou as costas eretas, o corpo esguio e os cabelos loiros, ainda curtos. Ela voltou-se para encará-lo. Lúcifer aproximou-se e colocou a mão direita em volta do pescoço delicado, erguendo Elizabeth do chão enquanto a olhava fixamente. Viu os braços dela se debatendo em busca de ar e quase podia sentir a garganta se esmagando sob os seus dedos de aço. Sorriu de prazer, perante o sofrimento dela, antes de soltá-la. O corpo caiu desamparado contra o chão, e ela sentiu o impacto violento em todos os músculos, antes de perder a consciência.

Lúcifer ficou esperando ela se erguer, mas Elizabeth continuou imóvel. Baixou-se para observá-la melhor e percebeu que ela desmaiara. Ela estava muito debilitada e ele não podia se arriscar a perdê-la: Elizabeth era o seu maior trunfo contra Daniel e os Guardiões.

Pensou que talvez ela também estivesse se deixando enfraquecer para evitar servir de moeda de troca. Mas ele não ia permitir que isso acontecesse. Pegou-a no colo e levou-a para a sala amarela, onde as almas cinzentas gerariam energia suficiente para equilibrá-la. Deitou-a sobre a cama de repouso e ordenou que a fortalecessem. Observou-a por alguns minutos, decidido a torná-la sua e a cumprir os seus planos de ter um filho com ela, um filho que atingiria os Guardiões no seu âmago. Imaginou quanto sofrimento aquilo causaria ao irmão.

Temple recebeu Miguel e Seth no seu gabinete, no final do expediente, depois de ter garantido que sua secretária Megan Holmes já havia saído. Eles foram recebidos por Olivia, que os acompanhou à sala do premiê.

— Obrigado por nos receber, senhor primeiro-ministro — agradeceu Miguel, após as rápidas apresentações.

— Agradeçam a Tom Hogdson. Estou atendendo um pedido dele — sorriu Temple, antes de acrescentar, justificando por que os estava recebendo. — Vieram muito recomendados.

— Obrigado — agradeceu Miguel. — Não vamos tomar muito do seu tempo.

— Tom também me disse que se tratava de algo urgente — afirmou, recostando-se no espaldar da cadeira, antes de perguntar. — O que posso fazer pelos senhores?

— Soubemos que os alemães estão construindo campos de prisioneiros e, por baixo deles, campos de morte, onde pretendem eliminar os seus inimigos sem o risco de serem descobertos — resumiu Miguel, de modo preciso.

Temple olhou para ele, com o rosto fechado, se sentindo invadido pelo horror: se os alemães estavam realmente construindo campos de prisioneiros, aquilo significava que as suas intenções eram muito piores do que as que ele havia imaginado. Eles estavam preparando um novo holocausto.

— Como tiveram acesso a essa informação? — perguntou Temple, desconfiado, analisando primeiro Miguel e depois Seth, que ainda não participara da conversa. Ele precisava ter certeza de que aquela informação era confiável. — Trata-se de algo sigiloso, por isso preciso que me digam como souberam, antes de continuarmos a nossa conversa.

— Estivemos em Berlim, com pessoas do mais alto escalão nazista, inclusive Dieter Steinbach e o general Halder — explicou Seth, seguindo as sugestões de Dib. — Hogdson pode confirmar. Nós nos encontramos em Berlim.

Temple continuou olhando alternadamente para os dois, mantendo-se em silêncio, como se estivesse fazendo um longo raciocínio. Por fim perguntou, de modo astuto:

— E foram os nazistas que falaram sobre isso?

— Não — respondeu Miguel, fazendo uma pausa, antes de retomar. — Na verdade nem sequer temos como provar que isso está acontecendo. O que ouvimos foram *rumores*, mas pareceu-nos suficientes para falar com o senhor.

— Por que eu? — questionou devagar. Miguel sorriu. Aquela pergunta era fácil de responder:

— O senhor representa a oposição ao nazismo. Uma oposição confiável. Talvez seja isso que está na origem dos seus atentados e, se assim for, eles não vão desistir — justificou Miguel. O premiê avaliou os argumentos e achou que eram lógicos.

— O que esperam que eu faça com esses *rumores*? — os seus olhos atentos detectavam todos os gestos e expressões deles.

— Só o senhor pode transformar esses *rumores* em informações, monitorando cuidadosamente o solo alemão, com os satélites ingleses — sugeriu Miguel. — O senhor tem os meios e a autoridade para isso.

— E depois? — perguntou Temple.

— Deve expor ao mundo as verdadeiras intenções nazistas — disse Miguel.

— Acham mesmo que expor os nazistas resolve o problema? — perguntou Temple, antes de afirmar com um suspiro cansado: — Se fosse assim tão simples!

— Não resolve, mas aumenta a pressão sobre a Alemanha e sobre Dieter — avisou Miguel. — O que vai acontecer quando as pessoas descobrirem que aqueles campos não são apenas para exterminar os inimigos dos nazistas, mas para destruir todos os que não são arianos?

— Os conflitos vão eclodir — anunciou Temple. — Mas eles estão em vantagem porque têm apoiantes infiltrados por todo o lado.

— Eles passaram anos esperando e planejando dominar a Europa — explicou Seth. — Investiram nos maiores negócios e fizeram uma fortuna, para depois investirem num exército, armamento e mecanismos de persuasão que lhes permitam dominar os seus opositores. Na Alemanha, eliminaram a maioria deles na Noite Vermelha.

Temple olhou para ele, surpreso com a síntese, antes de perguntar:

— Vocês estão monitorando os nazistas? Resolveram o caso da pior assassina em série — lembrou Temple, mostrando que estava a par do que havia acontecido, informado por Hogdson. — E agora querem destruir os nazistas. Quem são vocês, exatamente? — Tinha-os recebido a pedido de Hogdson, mas antes da reunião, solicitou que Major investigasse quem eles eram. Os serviços secretos não encontraram nenhuma informação relevante sobre eles. Pareciam cidadãos pacatos, sem nada que chamasse a atenção.

— Só queremos ajudar. Perdemos nossas famílias na Segunda Guerra e não gostaríamos que tudo se repetisse — explicou Miguel.

— São judeus? — inquiriu o primeiro-ministro curioso.

— Sim — mentiu Miguel, achando que assim encerraria o assunto e atribuiria um senso de justiça às suas intenções.

— Os judeus estão sempre muito atentos às questões nazistas — concluiu Temple, fazendo uma pausa, antes de retomar a um

assunto que já haviam abordado. — Mas se os nazistas estão preparando isto há anos, como tudo indica que estejam, não vai ser fácil destruí-los.

— A não ser que os líderes sejam eliminados, antes que se tornem demasiado poderosos — insinuou Miguel, pausadamente, em voz baixa, para avaliar a reação de Temple. O premiê compreendeu a mensagem, mas absteve-se de comentar. Aquele pensamento já cruzara a sua mente, porém ele não acreditava que *destruir* inimigos fosse a melhor forma de resolver problemas. Mesmo tratando-se de inimigos como Dieter Steinbach.

— Primeiro vamos descobrir a verdade sobre os campos — decidiu Temple.

— O que aconteceu? — perguntou Samael, vendo o rosto abatido de Daniel. Olhou para Dib, tentando descobrir o que podia ter acontecido, mas o antigo monge mantinha a sua expressão serena. Devia ser algo importante, para que Daniel tivesse pedido a presença dele.

— Lúcifer levou Elizabeth e selou os portais — avisou Daniel.

— Então não temos como voltar — concluiu Samael, entendendo a angústia de Daniel.

— Não sei como resgatá-la, Samael — a voz de Daniel estava tensa. — E não sei o que ele é capaz de fazer com ela.

— Nada. Ele não vai fazer nada — assegurou Samael, com firmeza.

— Como pode ter tanta certeza?

Samael esboçou um sorriso, pousando a mão sobre o braço de Daniel, para tentar acalmá-lo, antes de justificar:

— Ela é a única arma que ele tem contra você. A única, Daniel. Ele esperou milênios para ter algo que o fizesse sofrer. E agora tem. Ele está se regozijando com o seu sofrimento e vai prolongar a situação o máximo de tempo possível. Entretanto, talvez possamos usar esse tempo em que ele está imóvel a nosso favor..

— Samael, isto é apenas a bonança antes da tempestade — interrompeu Daniel. — Tenho certeza de que ele está se preparando para nos atacar.

— Como? Ele não pode invadir a superfície — lembrou Dib.

— Pode — afirmou Daniel, antes de explicar. — No deserto do Saara existe um lugar que funciona como um portal, quando acontecem as grandes tempestades provocadas pelo Siroco. As tempestades abrem as ligações entre os mundos e não é necessário que alguém permita a passagem, como acontece com os outros portais. Este é um portal natural. O único portal.

— E só abre durante as tempestades? — perguntou Samael, espantado, tomando conhecimento daquele extraordinário evento.

— Sim, mas apenas quando elas são muito violentas — confirmou Daniel.

— E por que Lúcifer nunca usou esse portal antes? — inquiriu Dib.

— Nunca o desafiamos ao ponto de fazer com que ele invadisse a Terra — disse Daniel. — Desta vez roubamos milhares de almas que ele usava para se fortalecer.

— Não roubamos — corrigiu Samael, com a sua voz calma. — Aquelas almas não lhe pertenciam. Nós apenas as recuperamos e restabelecemos o equilíbrio.

— Você acha que isso faz diferença para ele? — perguntou Daniel, olhando o anjo magnífico, quase imóvel na sua frente. — Lúcifer tem uma visão distorcida do mundo. Ele vê apenas o que lhe interessa, o

que é favorável às suas intenções. Para ele, os ladrões somos nós. E mais: nós planejamos e conspiramos contra ele.

— Eu sei — Samael concordou com os argumentos de Daniel. — O que sugere?

— Temos que aguardar a reação dele — disse Daniel. — Mas precisamos nos preparar para o pior. Quando Lúcifer invadir, virá acompanhado de centenas de Anjos Negros e toda a espécie de seres que possamos imaginar. Tenho certeza de que ele vai nos fazer pagar muito caro por este episódio.

— E por Lucrezia também — lembrou Dib.

— Sim, por ela também — afirmou Daniel, recordando a ira do irmão, ainda que contida, quando ele soube da destruição de Lucrezia. — Mas as almas serão a principal causa do ataque.

Daniel olhou para Samael, antes de revelar a verdadeira razão para tê-lo chamado ali:

— Eu sei que você é neutro, mas se houver uma batalha, precisamos da sua ajuda.

Samael sabia que, desde o instante em que recuperara as almas brancas da mão de Lúcifer, perdera o seu estatuto de neutralidade. Os Guardiões tinham se arriscado para salvar aquelas almas, e ele devia-lhes todo o seu apoio.

— Podem contar comigo, embora continuemos numa grande desvantagem numérica.

— Precisamos de aliados — afirmou Daniel. — Mas não há mais ninguém que nos possa ajudar.

— Se Lúcifer invadir a Terra, estará quebrando as leis. Posso usar esse argumento para conseguir o apoio de alguns anjos — avisou Samael.

— Já tentei. Eles vão cumprir a lei à risca e nenhum ser divino virá nos ajudar — avisou Daniel, olhando fixamente para Samael.

— Significa que seremos oito contra um exército. Isso se resgatarmos Elizabeth — disse Dib. Num confronto daqueles, mesmo que os Guardiões usassem relíquias místicas como a Lança de Longinus, a probabilidade de escaparem ilesos era reduzida.

— Não temos escolha — disse Daniel, antes de se dirigir a Samael. — Preciso que monitore qualquer atividade suspeita no deserto. Eles devem testar o portal antes de usá-lo. E só podem fazê-lo num dia de tempestade...

— E se testarem, significa que, na tempestade seguinte, invadirão a Terra — concluiu Samael, se baseando nas informações de Daniel.

Temple sobressaltou-se ao ouvir a campainha do seu apartamento, quase à meia-noite. Aquilo só podia significar que havia problemas. E quando viu Major pelo óculo da porta, teve certeza de que algo terrível havia acontecido. Convidou-o para entrar.

Joan apareceu na sala, de roupão, surpresa com a visita.

— William, está tudo bem?

— Sim, querida — respondeu o premiê. — É apenas uma pendência que ficamos de resolver hoje — aproximou-se dela e beijou-a na testa, dizendo: — Vá descansar.

Temple observou a mulher desaparecer e dirigiu-se para o escritório seguido de Major. Fechou a porta, antes de perguntar:

— O que aconteceu?

— Megan Holmes, a sua secretária, tem uma substância radioativa conhecida como polônio 210. É letal — avisou, sem deixar margem para dúvidas. — E não existe antídoto.

— Eu sei o que é... — Temple estava familiarizado com as características da substância: poucos anos antes, um russo, acusado

de espionagem, havia sido assassinado com ela. — Mas tem certeza de que a Megan tem? — perguntou apenas para confirmar, sabendo que Major só faria aquela afirmação se estivesse seguro.

— Sim. E achamos que o senhor é o alvo.

Temple manteve-se em silêncio, avaliando o perigo, antes de perguntar:

— O que devo fazer?

— O senhor vai para a sua reunião em Amsterdã amanhã. Segue direto para o aeroporto, sem passar no escritório para evitar contato com Megan. Durante os dois dias em que estiver ausente, vamos fazer uma operação com os serviços secretos dos outros países e prender todos os infiltrados que já descobrimos.

— Quantos são?

— Até agora, quinze — comunicou Major, consciente de que, apesar daquele ser um número elevado, não sabiam qual a proporção na totalidade dos neonazistas infiltrados na Europa. Infelizmente, a ameaça à vida de Temple forçara-os a antecipar as prisões.

— É preciso evitar que eles se suicidem antes de falarem — lembrou Temple, com uma expressão fechada. — Nesses grupos radicais eles preferem morrer a entregar os parceiros.

— Sim, senhor primeiro-ministro — respondeu Major com o seu formalismo habitual, sem revelar que já haviam ponderado aquela possibilidade.

Lúcifer entrou no quarto de Elizabeth sem se fazer anunciar, parecendo mais uma invasão do que uma visita. Aquela atitude se transformara em hábito. Ela estava sentada no sofá, de frente para a janela.

Agora que Lúcifer não se fazia passar por Daniel, a sua verdadeira natureza era visível e causava-lhe desconforto e receio, especialmente depois que ele a tentara estrangular. Elizabeth percebia que os olhos frios dele a analisavam com um desejo indisfarçável. Não sabia quais as intenções dele, mas temia que fossem as piores.

— Como está? — perguntou aproximando-se dela e parando na sua frente. Tinha que reconhecer que o irmão levava muito tempo para se apaixonar, mas acabara escolhendo a mulher perfeita. Desde que Elizabeth chegara ali, Lúcifer passava menos tempo com as suas amantes. Inclusive Aaba, a sua preferida, já estava se queixando do seu distanciamento. Mas Elizabeth consumia os seus pensamentos. Além de ser uma arma contra Daniel, também estava se transformando numa obsessão. E quanto mais a via, mais interessado parecia ficar.

— Bem, obrigada — respondeu com naturalidade, evitando deixar transparecer os seus temores.

— Vim convidá-la para jantar — afirmou, disposto a se redimir do seu comportamento nem sempre correto e a conquistá-la.

— Se for mesmo um convite, tenho a opção de não aceitar.

Lúcifer sorriu perante o comentário, e a expressão de crueldade que marcava o seu rosto desde a traição do irmão suavizou-se um pouco, fazendo-o parecer quase humano.

— Sim, tem essa opção. Mas não faria isso com seu anfitrião... — insinuou, mantendo o sorriso brando, que o deixava mais parecido com Daniel.

Quando ele se humanizava, a sua incrível semelhança com Daniel acentuava-se. Ela preferia que Lúcifer agisse de modo cruel e frio, para saber sempre quem ele era e não vacilar por um único segundo que fosse.

— Você não é meu anfitrião. Estou aqui contra a minha vontade e submetida à sua.

— Pretendo mudar isso... dentro do possível — avisou, decidido a pôr em prática o plano de seduzi-la. — Infelizmente terá que permanecer aqui, mas quero tornar a sua estadia agradável. Tenho sido péssimo com você... — reconheceu, fazendo uma pausa, antes de explicar: — Estou muito irritado com Daniel, mas você não tem nada a ver com as ações dele.

— Então por que estou aqui? Não é pela minha ligação com Daniel?

— Claro que o fato de Daniel amar você e estar sofrendo com a sua ausência é um dos motivos, mas há outros. — Lúcifer acariciou suavemente o rosto dela com a ponta dos dedos, antes de continuar explicando, com uma entoação lenta e sensual: — Eu quero você do mesmo jeito que ele. Eu quero você para mim.

Elizabeth tentou recuar, para afastar o rosto da carícia dele, mas ele a segurou, mantendo a mão firme em volta do rosto dela. Elizabeth encarou-o, surpresa com a revelação. Não sabia se os sentimentos dele eram verdadeiros ou se ele estava tentando se aproximar dela para executar a vingança contra Daniel. De qualquer modo, aquilo era irrelevante. Ela amava Daniel e não sucumbiria aos encantos e desejos de Lúcifer, por mais sedutor e parecido com o irmão que ele fosse.

— Vamos nos conhecer melhor — pediu, continuando a acariciar o rosto dela. — Jantamos?

Elizabeth avaliou a situação racionalmente. A possibilidade de se aproximar de Lúcifer podia ser vantajosa: permitia-lhe ganhar tempo e tentar descobrir o máximo possível sobre ele. Lembrou-se de um dos princípios básicos do Tai Chi: usar a força e energia do seu inimigo contra ele. Compreendeu que podia usar o seu confinamento

para ajudar os Guardiões, tentando encontrar as fraquezas de Lúcifer.

— Está bem — concordou, distanciando o rosto da mão dele e afastando-se dele, sabendo que, na verdade, ele não lhe estava dando a possibilidade de rejeitar o convite.

— Já volto — avisou Lúcifer, ausentando-se por alguns minutos. Quando retornou, trazia uma caixa negra com um enorme laço de seda dourado. Colocou o presente sobre a mesa e avisou, antes de partir:

— O jantar é às oito.

Elizabeth desmanchou o laço e abriu a tampa. Surpreendeu-se com a delicadeza do presente. Lúcifer escolhera um vestido longo, de organdi *nude*. Quando experimentou teve certeza de que o vestido havia sido feito especialmente para ela: ajustava-se ao seu corpo com perfeição. A cor clara e o modelo, que revelava suavemente a sua figura longilínea, provocavam a estranha ilusão de que ela estava nua. E talvez aquela tivesse sido a intenção de Lúcifer. Mas, apesar disso, Elizabeth reconheceu que o vestido era belíssimo.

Tirou do fundo da caixa um segundo pacote, em papel de seda negro. Abriu-o e aprovou os sapatos delicados, de salto alto, numa cor similar à do vestido.

Durante o jantar, Lúcifer comportou-se de modo elegante, mas sem ocultar a sua intenção de seduzi-la. Ela deixou claro que não pretendia ceder ao charme dele, mas Lúcifer não se abalou com a recusa. Ele era o príncipe da escuridão e ninguém resistia aos seus encantos quando decidia pô-los em prática.

Temple observou o chip minúsculo que Rolf Merton lhe dera naquela tarde, em Amsterdã, no final da reunião das chefias europeias. Eles haviam se despedido friamente, mantendo a farsa de que eram inimigos, quando Rolf lhe passara o minúsculo chip para a mão.

O premiê ajustou o chip ao pendrive, antes de colocá-lo no computador e abrir os arquivos: eram duas plantas, com notas em alemão. Não dominava a língua, sabia apenas uma palavra ou outra, e os seus conhecimentos eram insuficientes para entender as anotações. Mas imediatamente lhe veio à mente a recente conversa com Miguel e Seth sobre os campos de prisioneiros, que os alemães estariam construindo. Temple ainda não decidira como lidar com aquela informação, mas se aquelas plantas fossem realmente o que ele imaginava, teria que tomar medidas urgentes.

O premiê traduziu o texto e quando descobriu o significado das plantas confirmou os seus piores temores. Os neonazistas estavam recriando os campos de concentração da Segunda Guerra, mas desta vez usando a inteligência e evitando os erros anteriores: os campos de prisioneiros seriam exemplo de respeito aos direitos humanos, e, por baixo, haveria os campos de morte, invisíveis e desconhecidos, ocultos na terra.

Temple precisava ponderar o que fazer com aquelas plantas, sem expor o seu aliado.

23. Descobrimos a verdade

As armas mais eficazes do reino não devem ser mostradas ao povo.

Lao Tzu (604 a.C.-531 a.C.)

Megan Holmes sorriu ao pensar que o prêmio chegara na noite anterior de Amsterdã, e aquela seria a sua última manhã de vida. Saiu do apartamento e preparou-se para trancar a porta quando notou algumas sombras se movimentando no corredor. Virou o rosto para a direita e viu dois homens vestidos com roupas brancas e capacetes, apontando uma arma diretamente para ela. Olhou para a esquerda e viu mais dois homens, posicionados da mesma forma.

Deduziu imediatamente que eles estavam ali porque haviam descoberto que ela tinha o polônio. E se eles sabiam da existência do polônio, com certeza também estavam a par da sua intenção de assassinar o primeiro-ministro. Mas ela tinha preparado tudo na véspera e já adicionara o polônio ao chá que Temple tomava habitualmente. Bastavam quarenta nanogramas para assassinar alguém, e ela tinha adicionado uma quantidade muito maior, que

garantia o sucesso da sua missão. O general Halder não estava disposto a tolerar mais erros.

Os canos negros das armas empunhadas com firmeza, fixos no seu rosto, fizeram-na estremecer: Megan não conseguiu distinguir se era o medo ou a indisposição que começou a sentir depois de ter bebido o café, uma hora antes.

— Ponha a bolsa no chão, devagar — aconselhou um dos homens.

Ela pôs a bolsa no chão, mas quando se baixou sentiu uma náusea violenta. Apoiou a mão na porta, dobrou o corpo e vomitou.

Um dos agentes aproximou-se e apontou um contador Geiger para o corpo dela. Os resultados indicaram um alto nível de contaminação: Megan Holmes tinha sido envenenada por uma dose fatal de polônio. Foi isolada e conduzida para a unidade especial de um dos hospitais que havia sido previamente preparado para receber possíveis vítimas por envenenamento de polônio. Charles Major havia planejado tudo aquilo, sem deixar nada ao acaso.

— Você está apaixonado por Elizabeth? — perguntou Miguel, estudando o rosto de Daniel. Tinha esperado pacientemente uma oportunidade para falar com Daniel a sós desde que ele retornara do submundo. Finalmente encontrara-o no jardim.

A pergunta direta surpreendeu Daniel. Hesitou, pensando na resposta. Se dissesse a verdade, não sabia qual seria a reação de Miguel, embora acreditasse que seria péssima. Por outro lado, conhecendo Miguel, sabia que ele só faria aquela pergunta se já soubesse a resposta. Encarou-o e respondeu com clama, pronunciando uma palavra:

— Sim.

Miguel sentiu a raiva se apoderando dele, como se um incêndio começasse nas suas pernas e avançasse pelo corpo todo, até atingir o cérebro. Embora tivesse pressentido vezes sem conta a paixão dos dois, tinha esperança de que tudo não passasse de uma fantasia sua. Mas a resposta de Daniel tornava tudo real, impossível de ignorar.

Miguel cerrou os punhos e apertou os maxilares. A raiva se transformou em ódio: como Daniel podia ter agido de forma tão dissimulada, sendo ele o Guardiã Supremo? Pelo menos Alessia tinha sido frontal e corajosa, ao assumir que estava apaixonada, e precisava avaliar a possibilidade de abandonar a Ordem para ficar com Oliver. Mas Daniel e Elizabeth haviam tramado no silêncio. Há quanto tempo os dois o estavam enganando? Na verdade, há quanto tempo estavam enganando todos? Daniel não era digno do lugar que ocupava.

A confirmação daquela traição de Daniel impedia-o de pensar com clareza.

Sentiu vontade de agredi-lo. Tentou se controlar, mas ao vê-lo na sua frente, imóvel e sereno, como se nada o abalasse, ergueu o punho e esmurrou o rosto dele com brutalidade. Daniel recebeu o impacto do golpe no corpo e deu um passo para trás, para tentar recuperar o equilíbrio. Mas não reagiu. Continuou olhando para Miguel, sem intenção de revidar. E aquela passividade era ainda pior: contribuía para Miguel ficar mais irritado.

Dib observou a cena de longe e deduziu que Daniel tinha acabado de revelar os seus sentimentos por Elizabeth. Mas Seth e Uchoa, que estavam ao seu lado, correram para junto de Daniel, dispostos a protegê-lo e a enfrentar Miguel, mesmo sem saberem do que se tratava. Seth segurou o braço que Miguel erguera novamente,

preparando-se para mais uma agressão, e Uchoa posicionou-se na frente de Daniel, como um escudo.

— Não interfiram — avisou Miguel, furioso, com os olhos quase translúcidos, tentando libertar o braço que Seth segurava.

Daniel colocou a mão sobre o ombro de Uchoa, que o estava protegendo com o corpo, e pediu:

— Podem ir, está tudo bem.

Seth hesitou em soltar o braço de Miguel, mas Daniel insistiu:

— Está tudo bem, Seth.

Eles voltaram para junto de Dib, mas mantiveram-se ali, observando os dois. Seth perguntou para Dib:

— Sabe o que aconteceu?

— Não — mentiu Dib. Estava se tornando um hábito ter que mentir para proteger Daniel.

Miguel enfrentou o olhar calmo de Daniel. Perguntou:

— É só o que tem para dizer?

— Parece-me suficiente, não acha? — respondeu, sério, sem o menor indício de ironia.

Miguel apertou os maxilares de novo. Queria esmurrá-lo uma vez mais. Imagens dos dois, Elizabeth e Daniel, passavam pela sua mente e adquiriam um novo significado.

— Quero saber o que aconteceu. Exatamente o que aconteceu — pediu Miguel.

— Nada — respondeu Daniel, mantendo o olhar transparente, fixo em Miguel.

— Nada? — Miguel parou um segundo, lembrando o que Elizabeth havia contado sobre a última noite com Daniel. — E o que você estava fazendo sozinho com ela, num quarto de hotel, na noite em que desapareceu?

— Não aconteceu nada entre nós, Besson — garantiu, de novo.

O tom sério e a firmeza do olhar de Daniel eram convincentes.

— Se tivesse acontecido, todos saberiam. Você teria percebido que o padrão de energia dela mudara — lembrou Daniel, calmamente. Miguel sabia que ele tinha razão, mas o ciúme o estava enlouquecendo: eles podiam não ter estado juntos, mas se amavam. Miguel não conseguia pensar direito. Disse:

— Considero que a minha dívida com os Guardiões está paga. Recuperamos o Cálice e a Lança de Longinus. E, em troca, eu fico com a Esmeralda, como combinamos. Nada mais nos liga — resumiu Miguel, voltando as costas a Daniel, depois de dizer, sabendo que o magoaria: — Elizabeth está outra vez em perigo por sua causa.

O celular do primeiro-ministro tocava, mas ele não atendia. Major teve um mau pressentimento enquanto se dirigia em alta velocidade para o escritório de Temple. Não encontraram o polônio na casa de Megan e isso significava que a substância letal já devia estar no escritório do premiê.

Major ligou para a secretária de Temple e depois de várias tentativas finalmente Olivia Knill atendeu.

— Olivia, o primeiro-ministro está aí?

— Sim, senhor Major. Chegou há alguns minutos e está tomando o seu chá.

Major estremeceu, sentindo o alarme do perigo sendo acionado no seu cérebro, e todo o seu corpo ficou tenso. O polônio podia estar no chá.

— Olivia, o premiê não pode tomar o chá — falava devagar, espaçando as palavras, com um tom assustadoramente incisivo. — Não podem tocar em nada... Nada.

— Primeiro-ministro... — ela gritou, soltando o telefone com Major ainda na linha e correndo em direção à porta do gabinete. Abriu-a de supetão e Temple, em pé, junto da janela, com a xícara de chá na mão, olhou para ela espantado.

— Não beba... Não beba o chá... — disse Olivia exaltada, com a respiração ofegante, sacudindo ligeiramente as duas mãos. — Dê-me a xícara. Devagar...

Temple deu-lhe a xícara, sem entender o que estava acontecendo, mas lembrou, de imediato, o aviso de Major sobre o polônio, dois dias antes. Sentiu o estômago embrulhado. Olivia avaliou o conteúdo e sentiu uma tontura provocada pela ansiedade: o que quer que estivesse no chá, o premiê já havia ingerido, quando bebeu mais da metade da xícara.

— Quer explicar o que está acontecendo, Olivia? — perguntou Temple, mantendo a calma e tentando dominar os pensamentos assustadores que o assaltavam.

— Não toque em nada, primeiro-ministro. O senhor Major já está chegando — avisou Olivia, pousando a xícara sobre a mesa, junto do bule, antes de sugerir. — Talvez seja melhor irmos para o corredor.

Temple abandonou o gabinete, com passos firmes, pensando no polônio de Megan Holmes. Não entendia como ela poderia tê-lo envenenado, se já havia sido presa naquela manhã, antes de ir para o escritório, de acordo com os planos que Major lhe transmitira. A ideia de ter ingerido o polônio era devastadora: tratava-se de uma sentença de morte.

— Você tomou o chá, Olivia? — perguntou Temple quando já estavam no corredor.

— Sim, senhor.

— Escute com atenção — disse parando na frente dela, com o rosto sombrio. — Eu e você vamos ao banheiro tirar todo esse chá

de dentro de nós. Agora, Olivia.

Minutos depois, quando Charles Major chegou, Temple e Olivia já tinham se livrado do chá, mas aquilo não salvaria suas vidas se tivessem ingerido o polônio. Temple explicou a Olivia o que estava acontecendo, enquanto o gabinete era isolado e eles eram analisados por uma equipe de especialistas.

— O que aconteceu com o seu rosto? — quis saber Alessia, quando se juntou aos quatro Guardiões, no jardim, e notou que Daniel tinha um machucado do lado direito, que parecia já estar se regenerando.

— Besson o agrediu — respondeu Seth, perante o silêncio tranquilo de Daniel. Com exceção de Dib, nenhum deles sabia o motivo da briga.

— Por que brigaram? — quis saber Alessia, observando-o com preocupação. Sentia-se mais próxima de Daniel desde que tinham falado sobre os sentimentos dela por Oliver Bassan, após o seu retorno do submundo. Daniel a havia escutado com uma compreensão inesperada, sem julgamentos ou críticas, avaliando os prós e contras de uma decisão tão importante e irreversível como a de abandonar a Ordem. Lembrou-a do envelhecimento de Bento e de Arturo, da missão de proteger os homens e dos irmãos de jornada, com quem servira por mais de setecentos anos. Mas falou-lhe também do amor como algo que completa o coração humano e dá significado à vida. Cobia-lhe a ela pesar tudo aquilo e decidir.

Daniel moveu a cabeça de leve, em sinal de rejeição, indicando que não queria falar sobre o assunto. Mas todos sabiam que acontecera algo grave para que Daniel aceitasse passivamente a agressão de Miguel.

— Acabei de cruzar com Besson. Ele estava saindo de casa, com uma mala — explicou Alessia. — Tentei falar com ele, mas ele me disse que estava com pressa.

— Se ele só levou uma mala, significa que deixou a maior parte dos seus pertences — avaliou Uchoa.

— Ele tem que voltar — disse Seth, com firmeza. — Precisamos dele para nos ajudar a resgatar Elizabeth e a lutar contra Lúcifer, se ele resolver mesmo invadir a Terra.

— Não sei o que Besson pretende fazer, mas neste momento ele precisa ficar sozinho. Tem muito para digerir — comentou Daniel, antes de se afastar.

Havia polônio no chá do Premiê, numa quantidade muito superior à necessária para matá-lo, mas o estranho é que, nem ele, nem sua secretária, haviam sido contaminados.

— Você é que fez o chá para o primeiro-ministro? — Major questionou Olivia.

— Sim — respondeu, antes de detalhar o que acontecera naquela manhã, ciente da importância de qualquer informação, por menor que fosse. — O primeiro-ministro sempre toma Earl Grey, mas hoje pediu que preparasse um Orange Pekoe, de uma plantaçaõ rara de chá europeu, que existe nos Açores.

— O chá já estava aqui? — interrompeu Major, pragmático.

— Não. Foi-lhe oferecido em Amsterdã, pelo ministro português.

— Então ele trouxe o chá esta manhã... — disse Major, fechando o raciocínio.

— Sim — concordou Olivia.

— Foi esse chá que salvou a vida dos dois — explicou Major, notando a expressão de alívio no rosto da secretária.

— E Megan Holmes? — perguntou Olívia, com a voz ligeiramente crispada. Não podia acreditar que a sua colega era uma traidora e ela não percebera. Parecia tão normal, sempre solícita. Mas agora entendia que a disposição de Megan em ajudá-la era apenas para disfarçar que estava espionando o primeiro-ministro.

— Foi envenenada com polônio. Estava no café que encontramos no apartamento dela. O estado dela é muito grave — informou Major, antes de dirigir-se a Olivia e Temple: — Lembrem-se de algo que Megan possa ter dito ou deixado escapar? Algo estranho, que na época não fizesse muito sentido?

— Não... — respondeu Temple.

— Isto é o pior: eu nunca ter notado nada — exclamou Olívia, inconformada.

Temple levantou-se da cadeira, onde se sentara ao lado de Olivia, e segurou o braço de Major, para se afastarem alguns passos, em busca de privacidade.

— Megan fez algum comentário quando a levaram? — perguntou o premiê.

— Não. Nem creio que faça. Já não está em condições... Ingeriu uma dose muito elevada de polônio — respondeu Major. — Mas algum dos outros vai confessar...

— Preciso falar com você — interrompeu o primeiro-ministro, em voz baixa. — Neste momento é irrelevante se esses nazistas vão ou não falar... Tenho informações que precisa checar.

Major escutou as palavras de Temple e deduziu que o assunto devia ser muito importante para o premiê desvalorizar a importância da confissão de algum dos agentes nazistas infiltrados nos governos da Europa.

— Sugiro que o senhor primeiro-ministro libere Olivia por hoje e vá para casa. Passo lá mais tarde para conversarmos — avisou

Major.

Lúcifer convidou Elizabeth para acompanhá-lo até o jardim do Lago Negro. Ele queria impressioná-la com a beleza do lugar e conseguiu. O lago brilhava sob o efeito da luz, como se estivesse coberto por uma película de prata. As plantas em volta, primorosamente cuidadas, lembravam uma pintura. Elizabeth foi atraída por um canteiro triangular: as rosas, de um vermelho profundo, tinham a textura do veludo. Ela estendeu a mão e, quando tocou num dos botões, ele se abriu, revelando camadas de pétalas com seus diferentes tons de vermelho. Lúcifer, ao seu lado, observava-a com atenção, sem deixar escapar nenhuma das suas expressões ou gestos. Ele bateu as mãos, e, num segundo, todas as rosas se abriram devagar, como se estivessem ensaiando uma dança. Ela sorriu, quase involuntariamente, e quando voltou o rosto na direção dele, notou que Lúcifer também sorria. E aquele sorriso era tão parecido com o de Daniel que ela estremeceu.

William Temple observava atentamente Charles Major, tentando detectar alguma reação no seu rosto hermético. Mas era difícil saber o que se passava com ele.

— Isto significa que os nazistas estão construindo campos de prisioneiros e de morte? — perguntou Major olhando a tela do tablet, onde estavam as plantas dos dois campos.

— Sim.

— Desculpe, primeiro-ministro... — pediu, antes de perguntar. — Mas o senhor tem certeza de que a sua fonte é confiável?

— Foi a mesma fonte que me avisou sobre a primeira tentativa de assassinato — disse, sem revelar que a fonte foi também responsável pelos seus planos para salvar a economia europeia, e sem dizer que mais duas pessoas, Miguel e Seth, tinham ouvido falar da existência dos campos. Parecia difícil explicar a presença de Miguel e Seth na sua vida. — Garanto que é alguém confiável. — Assegurou Temple, antes de dizer: — Precisamos descobrir onde os nazistas estão construindo esses campos.

— O melhor seria que os militares cuidassem desse assunto, senhor primeiro-ministro — declarou Major.

— Sim... Mas não sabemos em quem podemos confiar — argumentou Major. — Preferia manter isso entre nós, até termos provas.

— Sugere que usemos o satélite? — perguntou Major.

— Sim. Temos que esquadrihar cada milímetro do solo alemão.

— Já estamos esquadrihando, senhor primeiro-ministro — respondeu Major calmamente. — E além do armamento, da localização dos campos militares e de um sofisticado campo de treinamento com a mais avançada tecnologia, não encontramos nada que se pareça com isto.

— Eles estão construindo, por isso vamos descobrir os campos em algum lugar, Major — assegurou Temple. — Sugiro que tentem encontrar essas... — apontou para uma das plantas — construções subterrâneas.

— Sim, primeiro-ministro — respondeu Major, não muito feliz com aquela nova tarefa, agregada ao seu imenso trabalho. Major gostava de respeitar as funções de cada organização, e parecia-lhe que aquela era uma responsabilidade dos militares. Mas não podia rejeitar ou discutir as ordens do primeiro-ministro, e muito menos num momento tão sensível quanto o que estavam vivendo.

A prisão de quinze dos infiltrados nazistas, e a morte de Megan, após mais um atentado fracassado contra Temple, atrasaram os planos de Dieter e dos Dragões.

— Como isso pôde acontecer, Halder? — perguntou o presidente dos Dragões, ocupando o seu lugar habitual à cabeceira da mesa.

— Parece óbvio que se eu soubesse como aconteceu não estaríamos aqui discutindo o assunto — respondeu o general com arrogância, sem esconder a irritação.

— Perdemos quinze dos nossos infiltrados, sem contar com a preciosa secretária de Temple — resumiu o presidente.

— Ela precisava ser eliminada depois de cumprir a sua missão. Não podíamos correr o risco de ela ser descoberta — justificou Halder.

— Mas ela não cumpriu a missão — lembrou um dos homens à esquerda de Dieter.

— O capitão Klaus Jürgen garantiu que ela envenenou o chá do primeiro-ministro, e só depois é que lhe ofereceu o seu café preferido... — fez uma pausa para que entendessem a mensagem sem necessitar explicar o ocorrido.

— E que danos os outros infiltrados podem nos causar? — perguntou um dos homens sentados à direita de Rolf Merton.

— Cada um sabe apenas o necessário para desempenhar o seu papel. Mas, ao juntar as informações, o quadro começa a fazer sentido. E se eles revelarem os nomes de outros contatos, perderemos mais agentes — avaliou Halder.

— E qual seria esse quadro? — inquiriu o presidente da Sociedade.

— A nossa tomada de poder nos governos europeus — respondeu Dieter, que apesar da sua irritação com todos aqueles acontecimentos continuava apoiando Halder. O general já estava usando os seus agentes infiltrados, para que descobrissem as fraquezas dos adversários do mais alto escalão e obrigá-los a cederem à agenda nazista, nomeando homens de confiança de Dieter para posições chave dos governos europeus. Halder usava tudo para pressionar: da família à reputação. Os nazistas tinham começado a ocupar posições de comando fora da Alemanha para se infiltrarem mais nos governos e eliminarem silenciosamente os opositoristas. Um dos campos de morte já estava pronto para receber os primeiros prisioneiros. Muitos deles seriam pessoas que iriam desaparecer misteriosamente sem que mais ninguém voltasse a ouvir falar delas.

A sala ficou em silêncio por instantes, enquanto todos avaliavam as implicações da descoberta daquele plano.

— Temos que eliminá-los, para evitar que falem — avisou Halder.

— Neste momento eles estão sob custódia dos serviços secretos. O acesso é praticamente impossível — comentou Rolf. — Como pretende fazer isso?

Halder olhou para Rolf. Não acreditava que todos os reveses que estavam acontecendo com os neonazistas fossem apenas fruto da inteligência dos seus inimigos. Havia muitas coincidências e alguém devia estar passando informações confidenciais, talvez aos ingleses, que eram os seus maiores opositores. Por outro lado, Halder sabia que, no caso dos infiltrados, só ele conhecia as suas identidades, o que punha em causa a sua teoria de um traidor. Não entendia o que estava acontecendo, mas suspeitava de todos, especialmente de Rolf, que era o mais novo integrante do grupo.

Rolf percebeu o olhar penetrante de Halder e quase podia sentir que ele suspeitava da sua lealdade. Mas tinha certeza de que se Halder soubesse de alguma coisa já teria agido. Porém, aquilo era também um aviso para que redobrasse os seus cuidados e se mantivesse quieto, pelos menos por algumas semanas. A situação era explosiva.

— Halder? — chamou o presidente, afastando o general de suas teorias conspiratórias.

— Temos muitos agentes infiltrados — avisou Halder, com segurança, mas sem revelar os seus planos. — Isso não será um problema. Já estamos cuidando dos prisioneiros — assegurou.

— Enquanto Halder elimina os agentes que foram presos, nós estamos infiltrando os nossos homens entre as lideranças europeias, para lugares chave dos governos: defesa e economia — afirmou Dieter.

— Não será um pouco prematuro? — perguntou o presidente.

— Não. Chegou a hora — afirmou Dieter, seguro. — Esperar é a pior das decisões.

— Concordo — disse Halder. — Quanto mais tempo passar, maior a nossa exposição.

— E quanto a William Temple? — perguntou o presidente. Era evidente que Temple era o maior entrave à ascensão nazista na Europa. O símbolo da oposição.

— Vou contratar o assassino que recomendaram, Oliver Bassan — informou o general, friamente.

Miguel sentou-se em frente a ele e observou-o em silêncio. Daniel tinha ligado, pedindo para se encontrarem. Haviam se passado vários dias desde que o agredira, e durante esse período tinha

pensado muito sobre Elizabeth. Estava mais tranquilo e começava a aceitar o fato dos dois terem se apaixonado. De certo modo, ficara feliz por Daniel ter telefonado.

Depois das emoções iniciais, do choque e da raiva, percebeu que não queria afastar-se da Ordem. E esse desejo não tinha a ver com a sua intenção de descobrir os segredos do Mosteiro, algo que perseguira por séculos, mas que agora estava perdendo importância na sua lista de prioridades. Miguel estava mudando: pela primeira vez, depois de Adéle, algo se tornara mais importante que o Mosteiro. O seu amor por Elizabeth o estava transformando, sem que ele ainda tivesse se apercebido da profundidade daquela mudança. Mas uma ideia permanecia: Miguel continuava preferindo a sua liberdade aos espartilhos da Ordem.

— Nós dois amamos Elizabeth. Não foi algo que tivéssemos escolhido ou planejado — Daniel falava devagar. Sabia bem que Miguel se sentia traído. — Eu devia ter falado com você, mas não era algo que estivesse disposto a admitir nem sequer para mim mesmo.

Miguel continuou calado.

— Lutei muito contra isso — fez uma longa pausa, antes de continuar, visivelmente perturbado: — Ainda luto. Não sei o que fazer... Oscilo entre desejos opostos.

Miguel ficou surpreendido com a confissão angustiada de Daniel e a sua franqueza. Falou pela primeira vez:

— Nunca imaginei que você fosse capaz de amar alguém dessa forma.

— Dessa forma como?

— Como um homem ama uma mulher.

— Deve ser uma punição divina. A pior das punições — reconheceu, deixando transparecer o quanto estava sofrendo. Miguel

solidarizou-se com ele: conhecia bem o amor, que tanto podia elevar alguém ao paraíso como mergulhá-lo no inferno.

— Não — rejeitou Miguel. — O amor é uma bênção, De Payens.

— Não para nós.

— Até para nós. É um evento verdadeiramente raro. — Miguel respirou fundo, antes de reconhecer: — Você a ama e não pode. E eu a amo e posso. E embora ela não possa amar ninguém, é a você que ama.

— Não posso envolver-me com ela, Besson. Preciso me concentrar na Ordem. Continuamos com menos um Guardiã — respondeu Daniel, aliviado por estarem falando abertamente sobre Elizabeth.

Miguel meneou a cabeça, em sinal de consentimento, e pediu, com ar sofrido:

— Não desista dela, De Payens.

— Esse pedido vindo de você é paradoxal — comentou Daniel, esboçando pela primeira vez um sorriso, ainda que pálido.

— Se ela me amasse, pouco me importariam as regras da Ordem — comentou Miguel.

— Essa é uma das diferenças entre nós — constatou Daniel.

Miguel olhou-o, sem responder, lutando para manter as suas emoções controladas. Depois de ter beijado e abraçado Elizabeth, a ideia de vê-la com Daniel era insuportável. A situação era dolorosa para ambos, mas para Miguel os dias seriam mais amargos, porque descobrira que ela amava outro homem.

— Besson, precisamos de você. Precisa voltar para casa — pediu Daniel. Aquele episódio tivera um resultado inverso: em vez de afastá-los, como seria de esperar, aproximou-os.

Ele concordou acenando a cabeça, antes de perguntar:

— Teve notícias dela?

— Não. — Daniel se calou por um segundo, antes de acrescentar:
— Nem de Lúcifer... Samael continua monitorando o deserto, mas até agora não aconteceu nada.

Oliver Bassan estava em Londres para se encontrar com Dimitri Sergeevich. Não fazia ideia do que ele pretendia. Quando Dimitri lhe entregou um envelope pardo, Oliver soube que o trabalho que ele estava encomendando devia ser muito importante. Dimitri não iria fazer uma reunião, numa sala privada do hotel onde estava hospedado, se assim não fosse.

Oliver abriu o envelope e viu uma das fotografias do primeiro-ministro inglês. Temia aquele momento desde que o haviam contatado da primeira vez. Deduziu que estavam tentando contratá-lo de novo, através de Dimitri, que fora certamente quem o recomendara. Agora não havia como evitar uma resposta: tinha que decidir se aceitava ou não assassinar Temple, um homem destemido, que se opunha ao nazismo. Fechou o envelope, colocou sobre a mesa, empurrando-o em direção a Dimitri. Ele compreendeu de imediato que Oliver estava recusando.

— Por quê? — perguntou.

— Enquanto eu estava fora, envolvido no nosso último projeto, recebi uma encomenda similar. Mas só tive acesso ao pedido quando voltei a Londres, e nessa época já tinham cometido dois atentados contra o premiê...

— Sim, sim... Lembro-me.

— Depois disso já tentaram mais uma vez, pelo menos de acordo com as notícias. Este é um trabalho muito exposto. Se não tivessem tentado três vezes e falhado — enfatizou Oliver —, eu poderia aceitar. Mas assim é um risco que não quero correr. E, por isso, não

se trata de dinheiro — avisou para evitar qualquer tentativa de negociação.

Dimitri já esperava aquela atitude profissional de Oliver. Ele precisava se manter fora do radar, e aquele atentado tornara-se um risco muito grande. Mas Dimitri precisava tentar, para agradar ao seu cliente, que se tornara um homem diabolicamente perigoso. Se ele estivesse no lugar de Oliver, também recusaria.

Oliver comentou para finalizar a conversa:

— Ou o premiê tem muita sorte ou o seu cliente tem muito azar...

— Dimitri entendeu que Oliver estava querendo mesmo era dizer que o cliente era muito incompetente. Sorriu e moveu a cabeça, concordando.

— Compreendo, mas eu tinha que falar com você. Eles são... perigosos.

Foi a vez de Oliver concordar, com um movimento de cabeça, antes de dizer, mais baixo, testando os limites de Dimitri:

— Os alemães.

Dimitri fez uma expressão de enfado, sem comentar. Ambos se entendiam bem, desde o primeiro contato, sem precisarem falar muito. Eram homens habituados a ler nas entrelinhas: bastava-lhes, com frequência, um gesto aqui e uma palavra ali para montarem um quebra-cabeça que seria incompreensível para a maior parte das pessoas. Ficaram em silêncio por alguns segundos, antes de Oliver perguntar delicadamente, incluindo-se na frase de forma inteligente, e referindo-se ao fato de estar recusando o trabalho:

— Vamos ter problemas?

— O cliente — Dimitri apontou para o envelope — não vai reagir bem à sua resposta. Eu acho até melhor que recuse, e vai ser inevitável trabalharmos com eles, mas... quanto mais tarde melhor.

Oliver percebeu que Dimitri não gostava dos nazistas. Além da lealdade que o vira demonstrar ao filho do amigo morto, Charles Messie, aquele óbvio desprezo pelos nazistas aumentou a sua simpatia por ele. Precisava informá-lo sobre Lucrezia, cujo fim soubera por meio de Alessia.

— Foi noticiado que a assassina dos Messie escapou da prisão...

— Sim... — interrompeu Dimitri, lembrando: — Você disse que a polícia ia cuidar dela, mas parece que precisamos voltar a esse assunto.

— Não — contrariou Oliver, olhando diretamente para Dimitri. Já tinha percebido que ambos gostavam de fixar o interlocutor quando estavam conversando. Viu Dimitri semicerrar os olhos, para assimilar melhor o que Oliver estava comunicando.

— Suponho que tem alguma evidência, já que não saiu nada na mídia — comentou.

— Nem vai sair — afirmou Oliver, acessando o seu e-mail e mostrando a foto que pedira a Alessia, quando soube que ia se reunir com Dimitri. Oliver pegou o celular e avaliou a fotografia: Lucrezia, nua, com uma lança atravessando o corpo.

— Trágico. Suponho que foi... justiça divina — afirmou Dimitri, devolvendo o celular.

— Sim — concordou Oliver levantando-se para se despedir, mas hesitou, como se fosse falar e no último momento se arrependesse. Dimitri percebeu.

— O que foi?

— Estou pensando em mudar de profissão...

Dimitri moveu a cabeça de um lado para o outro, rejeitando a ideia. Sentia um apreço crescente por Oliver.

— Não faça isso.

Oliver sorriu. Apertou a mão de Dimitri e partiu.

Dimitri viu-o desaparecer pela porta e ficou inconformado, pensando na última frase do assassino. Perdê-lo era um duro golpe. Gostava do trabalho dele: eficiente e limpo. Além disso, ele era inteligente e muito correto, alguém em quem podia confiar.

Dieter acariciou suavemente a barriga arredondada de Lynn. Naquela tarde tinham descoberto que o bebê seria um menino. Ela estava deitada ao seu lado, com a cabeça apoiada no ombro dele.

— Precisamos conversar — avisou, tentando prepará-la para um diálogo difícil.

— O que foi? — perguntou, com a voz letárgica.

— Se algo acontecer comigo...

Ela não o deixou falar. Levantou o rosto para olhá-lo e interrompeu-o colocando os dedos delicadamente sobre a boca.

— Nada vai acontecer com você.

— Nós estamos impondo novas políticas, que estão repercutindo no mundo todo. Mas muitos não desejam uma Nova Ordem, embora seja necessária — ele acariciava devagar o cabelo dela, enquanto falava. — Eu represento esse novo mundo, e vão tentar me destruir. Mas preciso garantir que você e o nosso filho estejam seguros.

Viu uma película brilhante se formando nos olhos dela e sentiu ternura. Abraçou-a contra o peito, como se estivesse tentando protegê-la. Segurou o rosto dela e quando a beijou sentiu o gosto das lágrimas.

— Não chore. Estamos apenas sendo cautelosos. Está bem?

Ela moveu a cabeça e abraçou-o.

— Preciso que me escute com muita atenção.

Lynn moveu de novo a cabeça, num sinal afirmativo, tentando controlar as lágrimas. As carícias de Dieter no seu cabelo e os seus

braços protetores acalmaram-na. Quando ela voltou a erguer o rosto, ainda com os vestígios luzidios das lágrimas, estava um pouco mais serena, e Dieter recomeçou a falar.

— Você e o nosso filho já estão sendo protegidos por um grupo chamado *Stille Hilfe*. Foi o mesmo grupo que nos protegeu, a mim e ao meu pai. Eles têm tudo planejado para que vocês sejam levados para um país seguro...

— E você? — perguntou ansiosa, percebendo que ele estava lhe comunicando um plano para o futuro.

— Escute... — pediu, olhando-a com o rosto muito sério. — Se algo acontecer comigo, você precisa ficar em segurança e cuidar do nosso filho.

— Não...

— Lynn, você tem que entender que precisa cuidar de você e dele — repetiu com a voz carinhosa, falando devagar. — Prometa-me.

Ela sentiu a garganta se fechando com mais um nó de lágrimas. Respondeu, trêmula:

— Prometo.

— Nada vai faltar a vocês. E tudo o que agora é meu, será seu, mas existe uma condição: o nosso filho terá uma educação igual à minha.

Ela moveu a cabeça em silêncio, aceitando que o filho seria um nazista. Aquilo não a incomodou. Começava a concordar com Dieter em muitos aspectos e quando pensava no crescimento populacional entendia o que os nazistas e as grandes corporações estavam fazendo: enfraquecendo os países e destruindo os mais pobres para eliminá-los. E eles não podiam reagir, porque o poder realmente estava onde estava o dinheiro.

—Você tem alguma resistência a isso? — perguntou, querendo descobrir até onde ela estaria segura. Sabia que se Lynn vacilasse

naquele ponto, estaria assinando a sua condenação à morte e ele poderia não estar por perto para protegê-la.

— Não.

— Bem... — sorriu e beijou-a na testa, antes de dizer baixinho: — Se algum dia tiver dúvidas, guarde para você e nunca, nunca, as partilhe com ninguém. Entendeu?

— Sim — foi aquela frase dele que lhe deu a dimensão real do perigo que corria e da intensidade do amor dele: Dieter estava a protegê-la, mesmo que ela, no futuro, duvidasse da filosofia nazista. Naquele instante, amou-o ainda mais.

— Agora as questões práticas — avisou, abrindo a gaveta do criado-mudo e pegando um pequeno caderno com capa marrom. — Aqui estão as minhas contas privadas em todo o mundo, com as senhas. Isto não pode cair nas mãos de ninguém, Lynn — avisou, sacudindo ligeiramente o caderno. — É uma segurança adicional à do *Stille Hilfe*. Eles vão providenciar tudo o que precisa, mas este é o nosso dinheiro. E é muito dinheiro, Lynn — fez uma pausa, para avaliar se ela estava entendendo a importância de tudo o que ele estava dizendo, e percebeu pela expressão tensa e séria que ela estava registrando todas as palavras dele. Entregou-lhe o caderno e pediu que abrisse. Ela analisou as pequenas páginas, mas não entendeu o que estava escrito. Olhou-o com uma expressão interrogativa, e ele sorriu, antes de explicar:

— Está em código. Existe uma chave que você vai precisar decorar — disse, antes de explicar: — Este caderno fica no cofre, no escritório. Eu vou dar-lhe a combinação e você é que vai guardá-lo. É a única coisa que *tem* que levar se precisar sair numa emergência — enfatizou, antes de perguntar: — Entendeu tudo o que expliquei?

— Sim — ela pensou por um segundo e comentou: — Se precisarmos sair daqui, significa que o nazismo falhou.

— Ou que eu fui assassinado — lembrou Dieter devagar, preparando-a para aquela possibilidade. Viu que ela ia chorar de novo. — Lynn... Não fique assim, *mein schatz*.

Ela gostava quando ele a chamava de seu tesouro, fazia-a sentir especial. Tentou esboçar um sorriso. Era tão apaixonada por ele que a ideia de que algo pudesse acontecer-lhe era totalmente insuportável. Não conseguia sequer imaginar. Perguntou:

— Se eles protegeram você durante tantos anos, por que não podem proteger agora?

— Estão me protegendo, mas eu agora estou demasiado exposto e é muito mais difícil ficar seguro nestas circunstâncias. A pressão só vai aumentar, por isso é que, se houver algum perigo, você vai para outro país e não pode contatar ninguém. Nem mesmo os seus pais. É pela segurança de todos. Ele — Dieter colocou de novo a mão sobre a barriga dela — precisa estar seguro. Se descobrirem quem ele realmente é, a vida de vocês será um inferno — avisou, convencendo-a de que era necessário que cumprisse as regras e seguisse à risca as instruções.

24. A queda

*Quanto mais canhões tiver
Mais ameaças fará.
Pensará: eles têm medo da guerra, mas,
Um dia, será ele que terá a guerra.*

Bertolt Brecht (1898-1956)

Halder detestou a resposta de Dimitri, tal como ele havia previsto na sua conversa com Oliver. Por muito que as justificativas do assassino fossem lógicas, e aquele momento fosse inoportuno para tentar um novo atentado, porque a segurança em torno de Temple era enorme, Halder acreditava que bastaria esperar para descobrir uma oportunidade e assassinar o premiê. Era isso que esperava de um assassino tão recomendado quanto Oliver Bassan. O fato de ele ter rejeitado o trabalho naquele momento, e ignorado o seu contato da primeira vez, transformou Oliver em desafeto de Halder, e o general adicionou o nome dele à lista dos desafetos que recusava esquecer, mas cujo destino já estava traçado. Mais tarde mandaria eliminar Oliver Bassan, fazendo-o pagar por aquela atitude arrojada e impertinente. Mas agora precisava pensar num novo plano para

acabar com Temple, enquanto reforçava a segurança interna e punha toda a máquina militar, que levava anos a desenvolver, em ação.

Haviam tentado, em vão, fazer com que os quinze agentes nazistas cooperassem: primeiro oferecerem imunidade e proteção, depois ameaçaram. Mas nenhum deles cedeu. A lealdade com o nazismo era superior a tudo. Mesmo depois que perceberam que suas identidades verdadeiras haviam sido descobertas, eles se negaram falar. Mantinham-se num silêncio teimoso e deixaram de comer, mostrando que estavam dispostos a morrer, sem traírem o seu novo líder — Dieter Steinbach.

Os militares queriam acesso aos nazistas presos, e os generais prometiam que eles falariam de qualquer jeito. Estava implícito o uso da tortura, mas não houve tempo para que tentassem medidas mais duras: todos morreram misteriosamente nas prisões, vítimas de um novo tipo de toxina botulínica, ainda desconhecido dos cientistas.

Tratava-se de uma variação geneticamente modificada que a tornava letal, sem que houvesse antídoto. A morte dos agentes por meio da nova toxina revelou a profundidade das pesquisas e investimentos nazistas. As implicações daquele fato, associadas ao uso do polônio na tentativa de assassinato de Temple, eram devastadoras porque significavam que os nazistas estavam desenvolvendo armas químicas havia vários anos e já as estavam usando. Isso, somado à construção dos campos de morte, não deixava nenhuma dúvida sobre os caminhos que os nazistas estavam trilhando e os seus objetivos obscuros começavam a surgir à luz do dia.

O pequeno grupo estava reunido para avaliar a ameaça alemã. Ali estavam William Temple, Charles Major dos serviços secretos, John Winter da Força Aérea, Marc Lancaster da Marinha, Brian Clinton do Exército e Jonathan Frye, o ministro da defesa.

Frye olhava para as imagens de satélite esforçando-se por conter a surpresa: em tempo recorde os alemães haviam construído verdadeiros labirintos debaixo da terra. Além dos campos, cujas plantas Major lhe entregara, havia vilas habitáveis. Finalmente os serviços secretos compreenderem do que se tratava. Ninguém considerava que a Alemanha era uma ameaça real porque o seu contingente militar permanecia o mesmo e não havia nenhuma indicação de que o governo alemão estivesse mobilizando soldados ou iniciando uma corrida ao armamento. Mas ali estava a verdadeira força alemã: milhares de militares armados, vivendo debaixo da terra, sendo treinados e preparados para assaltar a Europa. Aguardando o dia certo para se revelarem, como uma força obscura e poderosa que se ergue da terra, totalmente pronta. E quando isso acontecesse seria tarde demais para os países enfrentarem o poder bélico alemão.

William Temple voltou-se para o ministro da defesa e rebateu friamente a possibilidade da comunidade europeia tentar impor sanções aos alemães:

— Frye, qualquer ação contra eles marcará o início de um conflito armado. Tudo o que eles precisam, e talvez desejem, é de um gesto que justifique um ataque contra a Europa.

— E se eu contatar os ministros da defesa da comunidade, para sondar as posições deles sobre a possibilidade de um conflito com a Alemanha? — questionou Jonathan.

— Precisamos escolhê-los com cuidado, senhor — avisou Major. — Não sabemos quem é confiável e não é seguro tomar qualquer

decisão enquanto não descobrirmos quem são os nossos aliados.

— Já repararam quantos novos ministros da defesa e da economia assumiram os cargos durante as últimas semanas? — perguntou Temple, com a testa franzida em sinal de preocupação, depois de trocar um rápido olhar de cumplicidade com Major. Ambos estavam acompanhando com interesse aquela rápida troca de cargos. — Não parece suspeita essa troca simultânea de ministros por toda a Europa?

Frye pensou por dois ou três segundos nos comentários do premiê e olhou para Major, tentando avaliar a reação dele para ver se ele sabia mais do que estava dizendo ali, na reunião. Mas Major manteve-se imperturbável. Era óbvio que todos os que ali estavam já haviam se questionado sobre aquele fato inusitado, mas não tinham ainda uma explicação.

— Major, diga-lhes o que pensa — incitou William.

— Ainda estamos investigando, mas acreditamos que todos esses novos ministros são favoráveis ao nazismo e estão ocupando posições estratégicas que lhes permitirão, em determinado momento, tomar medidas favoráveis a Dieter Steinbach.

— Meu Deus! — resmungou Frye. — O que faremos? — perguntou um pouco exasperado perante a impossibilidade de tomar medidas imediatas e por perceber que havia inimigos infiltrados em todos os governos, caso Major estivesse correto. E o problema é que Major jamais faria aquele comentário se não tivesse algum grau de segurança no que estava dizendo.

— Devemos nos preparar para o pior: começar a recrutar discretamente e aumentar os nossos contingentes — avisou John Winter, da RAF, a Força Aérea inglesa, olhando para os seus congêneres do Exército e da Marinha.

— Sim — autorizou o premiê, desgastado. A situação estava se tornando cada vez mais tensa e confusa por toda a Europa, e a pressão sobre ele continuava aumentando. — Entretanto, precisamos de aliados.

Depois que a reunião terminou, e Temple ficou a sós com Major, disse baixinho algo que jamais pensara ser capaz de desejar:

— O ideal seria que Dieter Steinbach... abdicasse.

Major perscrutou-o com olhos atentos, esclarecendo bem ao estilo inglês o que estava sendo ponderado pelo premiê:

— O senhor está mesmo querendo dizer o que eu estou pensando?

— Ele é a espinha dorsal dos nazistas — respondeu num tom ponderado e sério, revelando que havia se debruçado bastante sobre o assunto. Na verdade, pensava naquilo desde que se reunira com os dois estranhos homens, amigos de Hogdson, que o haviam alertado sobre a existência dos campos de concentração. Os dois indivíduos haviam insinuado que eliminar os líderes nazistas seria o ideal para o fim do conflito, mas aquilo seria mais um segredo que o premiê guardaria, juntamente com a identidade do seu aliado secreto.

— Suponho que podemos... pensar no assunto — avançou Major.

Temple hesitou: ele podia mandar assassinar um homem, mas ainda não estava totalmente pronto para dar aquele passo, mesmo se tratando do homem responsável pelos três atentados contra a sua vida e por ter ferido Joan.

— Vamos aguardar — disse, por fim.

O silêncio de Lúcifer era aterrorizador. Ninguém sabia o que ele poderia estar planejando, nem o que estava fazendo com Elizabeth.

Daniel queria concentrar-se para tomar decisões, mas sentia-se quase paralisado, como se lhe tivessem roubado o chão: temia que qualquer atitude para resgatar Elizabeth pudesse resultar num perigo ou sofrimento maior para ela. Convencera Samael a contatar Lúcifer, mas o irmão nem sequer respondera. Segundo Samael, isso só podia significar que Lúcifer já descobrira, ou deduzira, qual a sua participação no roubo das almas brancas.

Quando finalmente Lúcifer respondeu a Samael, convidou-o para visitar o submundo. Queria que Samael presenciasse o seu relacionamento com Elizabeth. Investia todos os dias na sedução de Elizabeth e, embora fosse difícil saber até que ponto ia o envolvimento dela, por se tratar de uma Guardiã, podia sentir que as suas resistências haviam diminuído. Jantavam sempre juntos e Lúcifer tinha que reconhecer que ansiava por esses momentos.

Quando Elizabeth entrou no salão e viu Samael conversando com Lúcifer, acreditou que estava perante uma oportunidade única de enviar algum tipo de mensagem a Daniel. Lúcifer havia solicitado a presença dela um pouco mais cedo que o habitual, e ela notou que a mesa impecável estava preparada para três pessoas porque Samael jantaria com eles.

Lúcifer comentou baixinho para Samael, ao vê-la aproximar-se:

— O meu irmão esperou séculos, mas soube escolher bem.

Samael percebeu o olhar lascivo de Lúcifer na direção de Elizabeth. Era óbvio que ele não fazia questão de esconder o desejo por ela, e as suas intenções eram claras: Elizabeth, além de instrumento de vingança contra Daniel, tornara-se um objeto de desejo de Lúcifer.

Ele evitou falar das almas brancas até o final do jantar, como se nada daquilo tivesse acontecido. Foi um anfitrião agradável e bem-humorado, conduzindo a conversa com assuntos superficiais,

mostrando-se preocupado com Elizabeth e esforçando-se por agradá-la. Samael notou que ela estava receptiva aos elogios de Lúcifer e parecia até incentivá-lo, de forma elegante. A situação não parecia encenada e a naturalidade com que os dois agiam um com o outro preocupou Samael. Questionou-se se Lúcifer não o teria chamado ali para que ele visse o relacionamento deles e depois contasse os detalhes a Daniel, aumentando a intensidade do seu sofrimento.

No final do jantar, quando estavam se despedindo, finalmente Lúcifer revelou as suas verdadeiras intenções para aquele encontro e abordou a questão das almas.

— Sei o que você e Daniel fizeram. E chamei-o aqui com dois objetivos: o primeiro foi para que visse que Elizabeth está bem e... — fez uma pausa breve para escolher a palavra certa — feliz. E o segundo foi para avisar que a atitude de vocês terá consequências que não são capazes de imaginar.

— Compreendo...

— Não compreende, mas certamente terá tempo para isso — avisou com um sorriso frio. Durante todo o jantar as semelhanças dele com Daniel pareciam maiores, sendo por vezes difícil separar um do outro. Mas agora, ao assumir o seu verdadeiro comportamento, Lúcifer tornava-se muito diferente do irmão.

Samael ficou em silêncio encarando Lúcifer, antes de dizer com calma:

— Elizabeth não tem nada a ver com o que fizemos. Deixe-a ir.

Lúcifer sorriu com ironia e colocou o braço sobre o ombro dela, puxou-a ligeiramente contra o corpo, antes de explicar, recorrendo ao mesmo argumento que usara com Daniel:

— Tem tudo a ver. Vocês tiraram o que era meu e eu tirei o que é de Daniel. A coisa que ele mais deseja na vida humana que

escolheu.

Samael tentou analisar a reação de Elizabeth, mas ela estava tranquila e mantinha o rosto sério, sem esboçar emoção. Já que a situação não parecia negociável e o conflito era latente, decidiu esclarecer alguns pontos, com a sua habitual entoação serena:

— Nós não levamos o que era seu. Apenas recuperamos o que era do Divino e restabelecemos o equilíbrio entre os mundos. Tudo isso... — Samael apontou diretamente para Lúcifer — que você faz tanta questão de repetir, sobre o roubo das almas, serve apenas ao seu verdadeiro propósito: o de ferir Daniel e iniciar uma batalha que lhe permita destruir os Guardiões, porque eles atrapalham os seus planos.

Lúcifer sorriu com a análise concisa e verdadeira de Samael.

— Por mais correta que seja a sua análise, tudo o que eu precisava era de um pretexto para os meus planos. E vocês me deram.

Samael moveu levemente a cabeça, em jeito de negação, e manteve-se em silêncio. Não importava o que dissesse, Lúcifer não mudaria de ideia. Esboçou um gesto de despedida, mas antes que partisse Elizabeth beijou-o inesperadamente na face, pedindo num sussurro:

— Diga ao Daniel que sou como o bambu.

Oliver tomou a decisão de falar com Daniel sobre os atentados nazistas contra o primeiro-ministro inglês. Justificaria a sua atitude, mencionando que Alessia falara sobre o empenho deles na oposição ao nazismo. Mas não se tratava de uma decisão inteiramente altruísta. Embora não pudesse revelar que sabia quem eles eram, apesar de lutar para aceitar aquela realidade bizarra, tinha por um

lado curiosidade em descobrir mais sobre eles, e, por outro, interesse em se aproximar deles.

Alessia conduziu Oliver à sala onde estavam todos, exceto Elizabeth. Ela dissera que Elizabeth viajara, consciente de que certas informações eram ainda incompreensíveis para ele.

Oliver cumprimentou-os e, pela primeira vez, à luz dos novos conhecimentos, analisou-os com um olhar diferente: a autoconfiança e a segurança, que muitas vezes confundira com arrogância, estavam explicadas. Se tudo o que Alessia explicara fosse realmente verdade, estava lidando com seres superiores e únicos. Já compreendera porque, meses antes, eles conseguiram localizar Elizabeth em Londres, quando a sequestrara, e por que o tinham enfrentado desarmados e tranquilos, sem qualquer temor.

Depois dos cumprimentos, Oliver explicou, deixando clara a sua ligação com Alessia e indo direto ao ponto, bem ao seu estilo inglês:

— Alessia comentou que estão monitorando os nazistas, e eu tenho novidades.

— Eles o contataram? — perguntou Daniel.

— Sim — respondeu sem se alongar e evitando explicar que o haviam tentado contratar duas vezes. — Queriam que eu assassinasse o primeiro-ministro inglês.

Sentiu os olhares dos Guardiões analisando-o. Tinha conseguido total atenção deles.

— Você aceitou? — perguntou cuidadosamente Daniel.

— Não, mas não creio que isso faça alguma diferença. Eles vão continuar tentando, até conseguirem. Temple é o adversário mais feroz dos nazistas, especialmente de Dieter Steinbach — sintetizou cruamente.

— Sabemos — concordou Daniel. — E qual a sua opinião sobre os nazistas, Oliver?

— Sabe o que se diz: nunca é bom deixar que o *dragão* cresça demais, e a única forma de impedir isso é eliminando-o enquanto é jovem — afirmou Oliver objetivamente.

— Então acha que Dieter Steinbach é um *dragão* que precisa ser eliminado? — questionou Daniel vagarosamente, sublinhando bem as palavras. Oliver não sabia nada sobre a Sociedade do Dragão, mas o termo que usara era muito adequado.

— Sim — disse com frontalidade. — Ele é a essência do nazismo, o herdeiro de Hitler.

De alguma forma, todos partilhavam aquela opinião e sabiam por experiência própria que, se não impedissem o fortalecimento do nazismo, a história se repetiria, e Dieter se tornaria o novo Anunciado, apesar de não possuir a Lança do Destino. Ele vinha ganhando força e mérito à custa dos esforços da poderosa organização que o protegia e apoiava há anos — a Sociedade do Dragão Verde, com a sua poderosa máquina financeira, o grupo JKW.

Miguel e Uchoa apoiavam a sugestão de Oliver.

— Eu concordo com Oliver — afirmou Miguel, sem deixar passar a oportunidade para enfatizar a sua posição.

— Nós não podemos fazer nada, Oliver — Daniel afirmou evitando comentar a opinião de Miguel. As palavras de Daniel tinham um novo significado para Oliver. Agora que conhecia a verdadeira identidade e missão deles, também sabia que só podiam intervir em circunstâncias especiais e não podiam matar. Antes de tudo, tinham que respeitar a vida.

— Mas eu posso — ofereceu-se Oliver, espantando todos. Alessia olhou para ele, com ar interrogativo. Ele havia lhe dito que ia deixar aquela profissão.

— E eu também. Se você estiver disposto a eliminar esse *dragão*, eu vou com você — propôs Miguel, usando a mesma terminologia de

Oliver.

A sala mergulhou no silêncio, enquanto Daniel avaliava a inesperada oferta de Oliver e Miguel. Foi Dib quem interrompeu a quietude, ao perguntar, com curiosidade:

— Oliver, por que rejeitou a proposta para assassinar Temple?

Oliver pensou alguns segundos, parecendo escolher cuidadosamente as palavras para responder à pergunta.

— Podia dizer que tive escrúpulos em assassinar um homem que admiro e é o premiê do meu país, mas, embora isso seja verdade, a razão principal é bem mais banal: decidi mudar de profissão.

Daniel sorriu sutilmente. Embora Oliver não fosse influenciável, Daniel acreditava que a presença de Alessia na vida dele pesara, de alguma forma, naquela decisão.

— E o que pretende fazer? — perguntou Dib, mais uma vez.

— Sou químico — revelou com simplicidade, antes de se justificar. — Recentemente estive na Amazônia e redescobri o prazer da química. A natureza dá-nos tudo e nós não apenas esquecemos isso, como ainda estamos destruindo a fonte da nossa própria sobrevivência. Aqueles a quem chamamos selvagens são, na verdade, os sábios.

O breve discurso pegou todos desprevenidos, exceto Alessia, que conhecia a decisão dele. Ela sabia que aquela viagem representara um chamado e transformara Oliver.

— Então a sua oferta para eliminar Dieter já vai contra a sua decisão de mudar de profissão? — questionou Daniel calmamente.

— Sim, mas considero isso como um gesto de despedida, que irá ajudar a humanidade.

— O que vocês acham? — perguntou Daniel aos outros.

— Já conhecem a minha opinião: Dieter precisa ser destruído o mais rápido possível — respondeu Uchoa, que tal como Miguel já se

posicionara sobre o assunto.

— Concordo — disse Seth.

— O fim de Dieter é inevitável, mas assim, pelo menos, salvamos milhares de vidas — argumentou Dib, depois de pesar a possibilidade de trocarem muitas vidas por uma.

Alessia era a única que não se expressara. Daniel encarou-a, esperando a sua opinião.

— Talvez seja melhor assim... — respondeu ela.

Daniel fez uma pausa e falou:

— Corremos o risco de nos precipitarmos. Não temos como saber o que Dieter fará, embora tudo indique que ele pretende repetir os passos do avô.

— Eu sei que precisamos de mais provas... mas algumas já estão aí, De Payens — avisou Miguel, lembrando a Daniel que Temple lhe fizera um rápido telefonema, confirmando que os *rumores* eram reais. Temple não precisou dizer mais nada para Miguel entender que ele estava se referindo aos rumores sobre os campos de concentração que haviam discutido quando se encontraram em Londres. Aquilo significava que os ingleses tinham provas concretas que os nazistas estavam construindo campos de morte. Que outro significado teriam aqueles campos, se os nazistas não estivessem preparando um genocídio em massa, arquitetado sob o mais rigoroso sigilo e os mais minuciosos planos?

— Não são provas, são indícios — concluiu Daniel. — Essa é uma das razões pelas quais não devemos agir até que tudo esteja claro, para evitar erros. Dieter Steinbach ainda pode seguir outro caminho, que não o da destruição.

— Você não acredita nisso — interveio Dib, sempre assombrado pela Profecia Tibetana. — Nenhum de nós acredita.

— E isso é suficiente para condenar um homem à morte? — questionou Daniel, parecendo travar um diálogo mais interior do que exterior.

— Sim, porque todos pensamos o mesmo — argumentou Dib. — E estamos dispostos a violar um de nossos princípios vitais ao concordarmos com a morte de Dieter.

Daniel ficou em silêncio por mais alguns segundos: não estava apenas condenando Dieter à morte, estava também legitimando o fato de Miguel e Oliver tirarem a vida de outro ser humano. Voltou-se para Oliver e perguntou:

— Tem certeza de que deseja fazer isto?

Oliver assentiu com a cabeça, mantendo-se em silêncio.

— Besson vai com você — cedeu Daniel finalmente, validando o desejo de Miguel em acompanhar Oliver, e sentenciando Dieter à morte.

Entrar na Alemanha não era difícil. Assim como não era particularmente difícil planejar e assassinar o líder alemão. Por mais protegido que Dieter estivesse, em algum momento, bastaria um simples descuido, para tudo terminar numa fração de segundo. O problema seria depois do assassinato: primeiro Miguel e Oliver teriam que deixar o local onde cometeriam o crime, e em seguida precisariam sair do país. E no instante em que Dieter fosse atingido, a Alemanha entraria numa espécie de estado de sítio, como se estivesse acontecendo uma guerra, e todos os transportes seriam cuidadosamente vigiados e as fronteiras do país seriam fechadas.

Fizeram uma cuidadosa pesquisa sobre os locais onde Dieter faria os seus discursos. Ele gostava de falar em universidades e locais públicos, porque estava empenhado em conquistar um público

crescente de jovens que faziam a diferença, por serem mais ativos e empenhados nas mudanças. Durante dias fizeram o levantamento dos locais onde Dieter iria discursar e estudaram todas as possibilidades: qual o melhor ângulo para o disparo mortal, e qual a melhor rota de fuga.

Depois deixariam o local, a pé, como dois turistas, e viajariam no mesmo carro alugado que tinham usado para entrar na Alemanha, até próximo da fronteira belga, onde pegariam o trem. Apesar da fronteira com a Polônia ser a mais próxima de Berlim, parecia óbvia demais, por isso optaram por atravessar na Bélgica. Era menos arriscado irem de trem do que de avião. Mas ambos estavam conscientes de que os riscos eram muito altos, porque os nazistas ficariam furiosos e não deixariam a morte do seu líder sair barata.

Finalmente escolheram o local: Oliver usaria uma arma de longo alcance e pretendia dar o tiro a pouco mais de seiscentos metros de distância do alvo. Ele já acertara vários alvos em distâncias superiores, até mais de um quilômetro. Tinha contrabandeado a arma para a Alemanha, desmontada e oculta sob o tapete do porta-malas. Embora não houvesse nada que o ligasse à arma, e o número de série estivesse totalmente destruído, aquela era uma arma tão especial que ele jamais poderia deixá-la no local ou abandoná-la na Alemanha, e, portanto, teria que desmontá-la com rapidez e fazê-la desaparecer. Definiram que Miguel levaria metade das peças da arma num compartimento secreto de uma mala de mão pequena, que evitaria chamar a atenção, e ele levaria a outra metade, na cavidade oca da caixa de um violino. Se alguém abrisse tanto a mala quanto a caixa de violino, encontraria apenas um computador ou um violino.

Miguel achou que a distância entre Oliver e o alvo era muito grande e representava um perigo adicional: se houvesse vento, a

trajetória da bala seria alterada. Mas Oliver era um atirador experiente e fez vários cálculos e análises a partir do ponto onde efetuaria o disparo, no topo de um prédio. Só se tranquilizou quando estava totalmente seguro dos resultados. Ao vê-lo agir com uma eficiência fria, e nervos de aço, Miguel não pôde evitar certa admiração por Oliver, em especial porque ele era apenas humano.

Daniel ouviu o relato minucioso de Samael: a proximidade de Lúcifer e Elizabeth perturbou-o. Tinha certeza de que o irmão a estava obrigando a ser conivente, aceitando os avanços dele. Mas Samael discordou e insistiu que Elizabeth estava tranquila e, em certos momentos, parecia até incentivar Lúcifer.

— Não acredito que Elizabeth se deixe seduzir por Lúcifer, mesmo que ele use todo o seu charme e poder — respondeu Daniel incrédulo e angustiado.

— Estou apenas relatando o que vi. Aliás, foi para isso que ele me chamou lá.

— Eu sei...

— Mas Elizabeth mandou um recado para você.

— O que ela disse? — perguntou, tentando controlar a ansiedade. Samael olhou-o sereno: era visível o quanto ele amava aquela mulher. De certo modo invejava-o. Fazia parte da sua natureza angelical um sentimento de amor e compaixão generalizado, mas amar alguém com a intensidade com que Daniel amava Elizabeth era algo que jamais vivenciara.

— Que ela é como o bambu.

Daniel cerrou os olhos por um instante e ficou pensativo tentando entender o que ela queria dizer. Certamente que era algo muito importante, mas ele não sabia o quê.

— O bambu?

— Sim. Ela parecia muito segura de que você entenderia o significado.

Daniel tentou lembrar-se de alguma conversa sobre o bambu e, de repente, tudo se tornou claro. Eles nunca tinham falado diretamente sobre o bambu, mas havia uma metáfora que os Guardiões usavam sobre o controle da sua força e das suas emoções.

— Eu sei o que é... — disse por fim Daniel, sentindo-se, subitamente, tranquilo. Samael interrogou-o com o olhar. Daniel explicou: — Nós aprendemos que é importante sermos como o bambu, vergarmos com o vento, sem oferecer resistência. Porque o bambu verga, mas não quebra. É o que ela está fazendo, Samael: se ajustando, vergando, sem oferecer resistência a Lux.

Samael sorriu, acenando com a cabeça.

— Concordo que é uma estratégia inteligente, mas isso só garante o bem-estar dela por um tempo limitado.

— Sim, mas até lá ele vai agir contra nós, e há de surgir uma oportunidade para a libertarmos.

— Ele deixou isso claro, ao afirmar que nenhum de nós imagina o que ele vai fazer.

Daniel encarou Samael e anunciou:

— Precisamos nos preparar, Samael. Vai ser terrível.

Dieter não sentiu dor. Continuou de pé por alguns segundos, enquanto a imaculada camisa branca se tingia de vermelho, a partir do centro do peito, até ele cair desamparado. O seu corpo cedeu devagar e quando ele atingiu o chão já estava morto.

A plateia ficou paralisada e silenciosa, observando, impotente, a queda do seu líder como se estivesse mergulhando num pesadelo. Por alguns longos segundos tornara-se quase possível escutar a respiração dos jovens que abarrotavam a praça, no centro de Berlim. Bruscamente o silêncio se transformou em algazarra, gritos e correrias desesperadas. Soldados que sempre escoltavam Dieter atiraram para o ar, tentando impor a ordem e impedir que a multidão continuasse fugindo.

O palco improvisado, onde Dieter estava discursando, encheu-se de soldados comandados por Halder, e em minutos Dieter foi conduzido para o hospital, rodeado de um imenso aparato de segurança.

Centenas de pessoas foram levadas para interrogatório e tiveram seus celulares confiscados para que as fotografias e filmagens fossem analisadas. Os prédios em volta da praça foram revistados. A eficiência dos soldados de Halder era impressionante: em pouco tempo já tinham esquadrinhado tudo em volta da praça, e alguns já estavam vendo as imagens das câmeras da região para descobrirem de onde partira o tiro e qualquer pessoa ou atitude suspeita.

Halder estava inconformado com a morte do amigo. Os olhos vermelhos e os maxilares tensos revelavam a intensidade das emoções que o dominavam.

Além da dor da perda, os resultados da autópsia eram desesperadores: não havia bala no corpo de Dieter. E não havia ferimento de saída dela. Algo perfurara o seu coração e, simplesmente, desaparecera. E isso era inacreditável, inaceitável e incompreensível.

Halder tinha esperança de descobrir a bala, porque lhe permitiria saber qual a arma utilizada e começar a investigação a partir dali. Mas, além de não haver bala, também não tinham descoberto nenhum vestígio da presença do assassino. E em menos de vinte e quatro horas após a morte de Dieter a Alemanha já tinha mergulhado em conflitos violentos entre defensores e detratores de Dieter. Halder precisava acabar com aquilo para evitar que tudo se desmoronasse.

A Sociedade do Dragão já estava se preparando para voltar à clandestinidade, se necessário. Sem Dieter, o planejamento de anos estava fadado ao fracasso. Dieter era o rosto e a alma do projeto nazista, exatamente como seu avô havia sido, décadas antes.

Furioso, Halder ordenou que descobrissem o que causara a morte de Dieter. Precisava de respostas.

O médico-legista e sua equipe descobriram que o chanceler tinha sido ferido com algo contendo nitrogênio. Talvez uma bala de gelo que tivesse derretido posteriormente. Mas Halder e os Dragões consideravam aquela hipótese pouco plausível: não havia balas de gelo que resistissem à velocidade e à distância a que o disparo foi feito.

De acordo com as filmagens analisadas, os especialistas tinham desenhado a trajetória da bala e descoberto qual o prédio de onde partira o tiro. Mas não encontraram nenhum vestígio do assassino.

Depois de muita discussão, os Dragões começaram a aceitar que talvez quem tivesse por trás daquele assassinato fosse um gênio do crime e da química. Mas aquele seria um dos mistérios que já estava contribuindo para a construção do mito de Dieter: a história sempre se encarrega de engrandecer os episódios insólitos, aqueles que o homem não consegue explicar.

Miguel dirigia o carro na velocidade máxima permitida. A rapidez com que saíram de Berlim evitara que tivessem sido parados nas blitz que se formaram em volta da cidade logo após o atentado contra Dieter. Mas não conseguiram evitar uma blitz a poucos quilômetros da fronteira belga. O exército estava controlando todas as saídas do país. Meia dúzia de carros militares, com vários soldados, bloqueavam a rodovia.

Dois soldados, com as armas na mão, pediram que Miguel e Oliver descessem do carro. Eles ficaram ao lado do carro e, enquanto um dos soldados analisava os documentos, o outro começou a revistar, pedindo que abrissem o porta-malas. Miguel destravou o porta-malas.

Miguel e Oliver observaram os outros soldados em volta, atarefados com outros carros. Eles não pareciam interessados num tipo específico: paravam viaturas com famílias, casais e motoristas sozinhos. Paravam todos e revistavam tudo minuciosamente.

O soldado pegou a caixa do violino e abriu. Miguel trocou um rápido olhar de cumplicidade com Oliver. Aquilo não era nada bom. Miguel aproximou-se um pouco mais do porta-malas. Mas o outro soldado, com os documentos na mão, gritou uma ordem para que ele ficasse quieto. Qualquer incidente ali seria fatal: havia muitos soldados e todos estavam relativamente próximos.

O soldado tentou fechar a caixa do violino, mas não conseguiu. O violino tinha se deslocado. Ele empurrou o violino e começou a ficar impaciente quando não conseguiu encaixá-lo. Miguel ofereceu-se para fechar a caixa e o soldado entregou-lhe o violino com irritação. Abriu as malas de roupa e enfiou as mãos, revirando tudo, para avaliar se havia algo oculto. Por fim abriu a pequena mala preta com o computador. Nesse momento, Miguel colocou a caixa do violino no

carro e viu o soldado levantar o computador. Quando o devolveu à mala, com uma força maior do que a necessária, o computador bateu no fundo e fez um som oco. O soldado hesitou. Franziu o cenho e levantou de novo o computador. Bateu com os nós dos dedos na mala e o eco repercutiu. Colocou a arma no ombro, depositou o computador sobre o porta-malas e levantou a mala para analisar. Miguel ofereceu-se, solícito:

— Eu posso abrir para você.

O soldado olhou-o de soslaio. Acalmou-se, porque parecia óbvio que se o motorista estivesse escondendo algo não estaria tão tranquilo, se oferecendo para abrir uma mala que tinha claramente um fundo falso.

Oliver se esforçava por parecer sereno, mas estava se tornando difícil gerir a ansiedade. Não imaginava o que Miguel decidira fazer, ao oferecer-se para abrir a mala que tinha peças da arma responsável pela morte de Dieter Steinbach.

Miguel pousou a mala no interior do carro, inclinou-se para diante e tapou a visão do soldado, forçando-o a aproximar-se. Nesse instante o outro soldado juntou-se a eles e disse que os documentos estavam em ordem. Oliver estendeu a mão para pegar os documentos.

Um dos soldados que inspecionava o carro atrás deles chamou o soldado que verificara os documentos e ele dirigiu-se até lá. Oliver viu-o analisar um passaporte e voltou a sua atenção de novo para Miguel, que, nesse instante, puxava cuidadosamente a tampa da mala preta para revelar o conteúdo fatal. Oliver sentiu o estômago embrulhado e aproximou-se deles. Precisava fazer alguma coisa. Só não sabia o quê. Se o soldado descobrisse aquela arma, os alemães iam desvendar o assassinato de Dieter. Aquela era a única chance de

saberem que Dieter havia sido morto com uma bala de gelo especial, que Oliver levava quase duas décadas para aperfeiçoar.

Miguel puxou a tampa, pelo lado contrário, revelando o conteúdo para a parte interior do veículo, obrigando o soldado a inclinar-se para o interior do carro.

Nesse instante, Oliver sentiu uma mistura de frio e náuseas e viu Miguel colocar a mão sobre a testa do soldado por segundos. O outro soldado reapareceu atrás deles:

— O que está acontecendo?

— Nada — respondeu o soldado afastando-se do carro, com ar natural. — Está tudo bem. Pode liberar.

O soldado dos documentos entregou um cartão azul, liberando o veículo da inspeção. Aquele pequeno cartão funcionava como uma espécie de salvo-conduto que teriam que mostrar em todas as barreiras que passassem.

Miguel agradeceu, fechou o porta-malas e entrou no carro, seguido de Oliver.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Quando Oliver acalmou e controlou as náuseas provocadas pela ansiedade perguntou:

— Quer me explicar o que foi aquilo?

Miguel sorriu, sem responder.

— Besson? — insistiu Oliver. — O soldado viu a arma e não reagiu?

— Ele viu a arma, mas não sabe que viu — disse Miguel. — É... complicado. Confie em mim. Eu não posso falar sobre isso.

Oliver ficou calado e pensativo por um longo momento, antes de afirmar:

— Suponho que ele *esqueceu* o que viu quando você colocou a mão na testa dele?

Miguel gostava cada vez mais de Oliver: um profissional brilhante e muito inteligente, além de ser um agradável companheiro de viagem. Por vezes quase esquecia que ele era humano. Ficou feliz por Alessia ter encontrado um homem como ele.

— Mais ou menos isso, Oliver. Talvez um dia possamos falar sobre esse assunto com mais detalhe, mas não agora — disse. Oliver aquietou-se. Pretendia tirar aquele assunto a limpo com Alessia e só compreendeu o que tinha acontecido quando ela lhe explicou que Miguel violara as regras ao interferir na mente do soldado. Miguel violara o livre-arbítrio do jovem, forçando-o a esquecer o que tinha visto. Oliver estava começando a ter uma tênue ideia do que eles eram capazes de fazer e das razões que estavam por trás do mundo de regras que regia suas vidas.

25. A batalha

Se me livrasse dos meus demônios, perderia os meus anjos.

Tennessee Williams (1911-1983)

Samael surgiu de repente. Por muito natural que fosse a maneira como ele se deslocava entre as dimensões, sempre gerava estranheza a rapidez com que se materializava nos lugares. Quando, horas antes, ele disse que tinha novidades, Daniel deduziu que só poderiam ser péssimas notícias e convocara os Guardiões.

— Ontem à noite detectei atividade no Saara — disse, confirmando os temores de Daniel. — Duas dezenas de Anjos Negros atravessaram o portal várias vezes, no auge da tempestade.

— Estavam testando o portal — avisou Daniel, pensativo. — Isso significa que estão preparando o ataque para a próxima tempestade.

— E seremos apenas nós, contra um exército de muitas centenas — avaliou Samael, olhando atentamente para cada um dos presentes na sala: Daniel, Dib, Seth, Uchoa, Alessia e Miguel, além dele. — É muito difícil aniquilar os Anjos Negros de alto escalão, e suponho que são esses que Lúcifer vai enviar contra nós.

— Eu descobri como destruí-los, mas Lúcifer está ciente do meu conhecimento, por isso deve protegê-los — avisou Daniel, surpreendendo todos.

— Como descobriu? — perguntou Seth.

— Na Biblioteca de Lúcifer — resumiu, sem explicar que tinha acessado o Códex Giga original e também havia lido as páginas desaparecidas, contendo o misterioso ritual que eles haviam tentado pesquisar. — Ele esqueceu o que alguns textos continham, e quando percebeu, eu já os havia lido.

Samael sorriu com o descuido de Lúcifer. Era o único que parecia completamente tranquilo com a proximidade de uma batalha com uma dimensão daquelas. Havia centenas de anos que não acontecia um confronto direto com as forças de Lúcifer. Mas Samael representava a morte, e só o Divino o poderia dissipar, por isso qualquer que fosse o resultado da batalha, ele poderia sair enfraquecido, mas seria sempre imune.

— E como se destroem os Anjos Negros? — perguntou Miguel.

— Atravessando o coração deles com vidro — a explicação de Daniel mergulhou a sala no silêncio. Todos estavam se questionando como poderiam matar alguém com vidro. Teriam que conseguir estacas e lanças de vidro, mas elas certamente quebrariam na primeira utilização. Por isso, teriam que conseguir centenas de estacas e lanças.

— Mas se Lúcifer sabe que nós conhecemos a fraqueza deles, vai fazê-los usar armaduras — deduziu Uchoa.

— Sem dúvida — concordou Daniel. — E isso aumenta a nossa dificuldade: temos que ser capazes de perfurar a armadura, que deverá ser de algum tipo de metal leve e resistente, e atingir o coração deles com o vidro.

— Me parece quase impossível — comentou Alessia. — A Lança do Destino não serve para nada nestas circunstâncias.

— Ou as nossas relíquias — mencionou Seth.

— Teria que ser uma lança de vidro capaz de perfurar o metal sem se quebrar — comentou Miguel. — Que tipo de vidro resistiria a isso?

— Aqui na Terra não existe nenhum com essas características — respondeu Daniel. — Samael... — chamou, olhando em volta, mas ele não estava na sala. — Alguém o viu?

Todos negaram, acenando com a cabeça. A rapidez silenciosa com que ele se movia era impressionante. Bruscamente Samael voltou, com vários estojos, que colocou delicadamente no chão. Antes que alguém comentasse o seu desaparecimento, ele pegou um dos estojos e abriu, revelando o seu conteúdo:

— Vamos precisar disto.

Daniel tirou a espada longa do estojo, fez um movimento com ela no ar, para sentir o peso. Era leve, a lâmina brilhava e tinha a transparência do vidro. Colocou os dedos sobre a parte lateral da lâmina: era tão fria quanto o gelo.

— As Espadas de Cristal — anunciou, encarando Samael, antes de perguntar: — Vai nos explicar como conseguiu?

Samael sorriu com a sua serenidade habitual, antes de contar:

— Essas espadas são toda a ajuda que consegui do Divino.

— Então o meu Pai... — constatou Daniel usando pela primeira vez a expressão, mantendo a espada em um movimento contínuo no ar — decidiu ceder um pouco na sua neutralidade.

Os Guardiões o olharam, impressionados por ouvi-lo falar do Pai com tanta naturalidade. Foi aquela frase que lembrou quem ele realmente era: um dos filhos diletos do Divino.

— Eu não diria isso. Sabe como Ele não gosta de ser envolvido diretamente nos confrontos — lembrou Samael. Daniel olhou para

ele e esboçou um sorriso. Sabia que Samael estava correto, mas o fato de Ele ter enviado as espadas indicava que tinha apreciado a salvação das almas e estava disposto a dar uma lição em Lúcifer, ao fim de muitos séculos.

Miguel abriu um dos estojos, para avaliar a espada juntamente com os Guardiões.

— Que material é este? — perguntou Miguel, segurando o cabo e observando o brilho intenso da lâmina.

— O cristal mais puro que já existiu. E o único que é inquebrável — avisou Samael, apontando para as espadas. — São oito espadas construídas pelos primeiros anjos celestes com o cristal do início dos tempos. O cristal que estava na base daquela que viria a ser a montanha mais alta da terra, o Everest.

— Daniel, você já as conhecia? — perguntou Dib.

— Só tinha ouvido falar delas. Mas sei que as suas lâminas cortam qualquer coisa e criam uma espécie de ligação com quem a usa.

— Que ligação? — perguntou Uchoa.

— Uma memória. Por exemplo: eu toquei nesta espada e ela passou a reconhecer-me. E Miguel também já escolheu a dele — disse apontando para Miguel. — Agora experimente tocar na minha — ofereceu a sua espada a Uchoa. Ele aceitou, e a espada parecia leve no primeiro momento, mas quando ele tentou movê-la, o peso dela tornou-se tremendo.

— Não consigo movê-la... — reconheceu Uchoa, olhando para Daniel, sem entender.

— Exato. Ela agora só responde a mim. — Daniel sorriu, antes de pegar a espada de volta e sugerir: — Escolha a sua.

Depois que todos escolheram suas espadas, sobrou uma, que seria a de Elizabeth. Samael explicou que, apesar de todas serem aparentemente iguais, cada espada tinha um dom adicional e um

nome, que só seria revelado ao seu mestre no momento certo. Quando usada, a espada se transformava em uma espécie de criatura viva e criava uma união umbilical com o seu mestre, sussurrando-lhe, por vezes, as melhores estratégias de ataque e defesa. Por isso eles deveriam treinar com ela, para alimentarem essa ligação até o dia da batalha.

Após o assassinato de Dieter Steinbach, a Alemanha mergulhou numa espécie de convulsão social. Os nazistas, além de não terem a mínima pista sobre o assassino, não sabiam o que havia matado o chanceler alemão. Os confrontos crescentes entre os neonazistas e os seus opositores resultaram em vários mortos e muitos feridos. O país estava se desestruturando, e a forte repressão imposta pelos militares do general Halder servia apenas para aumentar a intensidade da resistência.

Foi Rolf Merten, o até então ministro das finanças, que tomou a frente do país e começou a negociar com os outros partidos alemães a formação de um governo emergencial, que controlasse a Alemanha até as eleições seguintes. A sua atitude serena e ponderada, apesar de sua associação ao regime nazista, angariou simpatia e respeito de todos. Por isso, quando ele pediu o afastamento de Halder e a restituição do poder aos responsáveis que comandavam os militares antes da ascensão nazista, foi acatado.

Merten tinha consciência da extensão e profundidade dos tentáculos nazistas e do quanto a sua vida estava em risco ao tomar aquelas decisões. No entanto, não havia alternativas, se ele quisesse salvar o país de um derramamento de sangue maior: os nazistas precisavam abdicar e sua influência tinha que ser reduzida. Era,

portanto, imperativo quebrar os contratos com as empresas nazistas e afastar os seus defensores declarados. Levaria tempo para eliminar todos os resquícios do nazismo, e talvez não conseguissem. Talvez o nazismo ficasse apenas adormecido por vários anos, antes de acordar de novo, como tinha acabado de acontecer.

Mas o choque maior, que abalou a Europa, não foi o assassinato de Dieter Steinbach, nem o desconhecimento sobre a forma como morreria ou a ausência de culpados, apesar dos intensos esforços da polícia, dos militares e dos serviços secretos. O que deixou a Europa consternada foi a descoberta dos campos de extermínio e dos planos secretos e macabros dos nazistas para eliminarem milhões silenciosamente. Esses fatos, revelados ao mundo por Temple, que apoiara o governo emergencial liderado por Merten, pressionaram e obrigaram o nazismo a recuar.

Rolf Merten viajou até Londres para se encontrar pessoalmente com William Temple. Os dois homens, ambos de temperamento reservado e frio, não conseguiram, no entanto, controlar a emoção que os dominou quando se viram pela primeira vez, depois daquela luta silenciosa contra o neonazismo. Tiveram uma longa conversa, que os aproximou mais, aprofundando a confiança que já depositavam um no outro.

Também falaram sobre o atentado de Dieter, que permanecia um mistério. Merten explicou que, apesar dos esforços, ninguém sabia quem mandara matá-lo e havia a possibilidade crescente de ele ter sido morto por uma bala de gelo e criogênico, um novo método que eles desconheciam. Temple comentou que nunca tinha ouvido falar naquilo e calou as suas suspeitas: assim que soubera do assassinato lembrou-se dos dois homens de Londres e decidiu esquecer o assunto, porque considerou que, qualquer que tivesse sido o

assassino, havia feito um bem à humanidade. A história se encarregaria de providenciar várias explicações para o caso.

Merten pretendia afastar-se da política e, assim que houvesse eleições, tinha intenção de voltar às suas atividades acadêmicas. Ainda temia que os nazistas voltassem para assombrá-lo. Os Dragões continuavam sendo proeminentes homens de negócio, mas após a morte de Dieter, Merten não foi convocado para mais nenhuma reunião. Recebeu, no entanto, a visita de Heinrich Koch, que o aconselhou vivamente a esquecer a Sociedade do Dragão e a identidade de todos os seus representantes.

Hogdson não encontrou Lynn em lugar algum: ela tinha desaparecido da face da Terra. Os telefones dela não funcionavam e quando viajou até Berlim em busca da filha encontrou o apartamento intacto. Nenhum dos funcionários de Dieter, tanto na sua residência, quanto no seu escritório, tinham qualquer informação sobre Lynn. Era como se ela nunca tivesse existido. Tentou falar com Halder, nos primeiros momentos, quando a Alemanha passava pela turbulência e conflitos depois da morte do chanceler, mas também não conseguiu. E, pouco tempo depois, quando os alemães se prepararam para responsabilizá-lo pela construção dos campos, ele desapareceu exatamente como Lynn, sem deixar rastro.

Hogdson voltou-se para o velho amigo, William Temple. E mesmo este, depois de envolver Rolf Merten no caso, não conseguiu descobrir o paradeiro dela.

No auge do desespero Hogdson ligou para Miguel Besson e foi a Lisboa para se encontrar com ele. Tinha sido graças a Hogdson que

os Guardiões conseguiram acesso ao premiê inglês, e Miguel devia-lhe aquilo: recebeu-o acompanhado de Daniel.

— Se você e os seus amigos encontraram Lucrezia, tenho certeza de que podem encontrar a minha filha — afirmou, pálido e visivelmente mais magro. — Tenho certeza de que eles a mantêm prisioneira em algum lugar, porque ela vai ter um filho de Dieter. Ela vai continuar essa descendência maldita. Mas aquela criança é também minha neta...

— Não podemos prometer que vamos encontrá-la. A história já nos provou que os nazistas, quando querem, conseguem desaparecer da face da Terra — avisou Miguel, sem mencionar que a Sociedade do Dragão e o grupo *Stille Hilfe* tinham recursos e haviam desenvolvido mecanismos para permanecerem ocultos o tempo que quisessem.

— Pelo que nos contou, a Lynn era muito apaixonada por Dieter — disse Daniel.

— Sim — concordou Hogdson.

— Talvez ela esteja protegendo o filho — sugeriu Daniel, tentando pacificar Hogdson.

— Você está tentando me dizer que talvez ela esteja *voluntariamente* desaparecida? — perguntou com os olhos brilhantes, como se as lágrimas estivessem sempre à beira de saltar.

— Sim — explicou Daniel. — Já imaginou o que seria dessa criança no mundo real? Bisneta de Hitler e filha de Dieter? Herdeira de uma linhagem pura de nazistas?

— Eu sei... Mas Lynn podia dizer apenas que estava bem. O pior é não saber o que aconteceu.

— Pense assim: enquanto não tiver notícias dela e da criança, é porque estão bem. Os nazistas jamais farão mal ao herdeiro legítimo de Dieter Steinbach. Ele representa a continuidade — avisou Daniel,

colocando as coisas sob uma perspectiva diferente, antes de dizer:
— Mas nós vamos ficar atentos. Se soubermos de algo, contatamos você.

Apesar da conversa não ter sido o que esperava, e eles não terem saído pelo mundo em busca da filha, as palavras de Daniel deram-lhe alguma tranquilidade. Agarrou-se à esperança de que Lynn estava escondida em algum lugar para proteger o filho. Só a esperança permitiria que a sua família sobrevivesse àquela catástrofe até terem notícias sobre o paradeiro de Lynn.

Assim que Tom Hogdson partiu, Daniel disse, com o rosto sério:

— Precisamos monitorar essa criança. Temos que descobrir onde ela está.

— Isto não tem fim? — questionou Miguel, com enfado.

— É o ciclo eterno de luta entre bem e mal — disse Daniel, sério.

— Não o menospreze.

O vento soprava com violência, arrastando nuvens de areia. Tornara-se impossível respirar, mesmo protegendo a boca e o nariz. A areia rodopiando, com força, tornava a visibilidade impossível a um simples palmo de distância. Era uma cortina espessa que agredia o corpo, como mil agulhas simultâneas, cegando e machucando. Ninguém, em plena sanidade, se atrevia a enfrentar uma tempestade daquelas, capaz de enterrar pessoas e animais e alterar a geografia do deserto, mudando as dunas de lugar.

Daniel e Lúcifer sempre haviam evitado se confrontar fisicamente. Sabiam que a agressão levaria o seu relacionamento a um patamar diferente, que nenhum deles desejava. Uma briga entre eles não resolveria qualquer conflito, e nunca poderia chegar ao fim, como acontecia com outras lutas em que um adversário tinha a

possibilidade de eliminar o outro. Entre eles não havia essa opção: estavam conscientes de que não podiam se destruir. Mas não estavam ali para se confrontarem diretamente e, sim, para tentarem destruir o maior número possível de apoiantes, minando as bases e forças do adversário.

Os Guardiões estavam alinhados, com suas longas espadas luzidas. Eram sete figuras vestidas de branco, formando uma linha reta com intervalos de dois metros entre eles: Daniel, Dib, Seth, Uchoa, Alessia, Miguel e, por fim, Samael.

Assim que a intensidade da tempestade diminuiu, as sombras negras começaram a firmar-se na linha do horizonte. Eram centenas se aproximando devagar, como se tivessem todo o tempo do mundo. Mas quando estavam a cinco metros das sete figuras brancas, atacaram bruscamente, com uma velocidade espantosa.

A batalha começou de repente, e em segundos todos os Guardiões não passavam de minúsculos pontos brancos, no centro de uma nuvem negra. Pouco depois tudo saiu do controle, como, aliás, acontece em todas as batalhas.

Apesar de suas magníficas espadas, os Guardiões perdiam terreno. Cada um estava rodeado por Anjos Negros que se multiplicavam a todo instante, tornando a batalha infundável.

Lúcifer aproximou-se de Daniel. Ele parecia estar se divertindo no campo de batalha, sem participar da luta, andando de um lado para o outro, como um general que inspeciona atentamente suas tropas. Segurou Daniel pelo braço direito, impedindo-o de mover a espada, e avisou, com um sorriso:

— Irmão, você não vai perder a vida, mas eles — apontou para os Guardiões totalmente rodeados por dezenas de anjos sinistros —,

mesmo com as Espadas de Cristal, não vão deixar esta batalha. Você precisa pensar na solidão que irá enfrentar... sem eles e sem Elizabeth.

Daniel empurrou Lúcifer, libertando o braço, para atravessar o corpo de um anjo com a espada. Quando puxou a espada, o corpo tombou, diluindo-se como se fosse pó. Lúcifer mantinha-se de pé, observando os movimentos ágeis de Daniel: cada vez que ele movia a espada um anjo desaparecia. Mas Lúcifer estava seguro da sua vitória: o seu exército era imenso e estava drenando as forças dos Guardiões. Em algum momento eles começariam a sucumbir à horda de atacantes.

Daniel olhou em volta e tudo o que via eram os Guardiões rodeados por anjos violentos, prontos para destruí-los. Samael estava próximo dele, incansável e invencível: a sua espada era tão certa quanto a de Daniel.

Mas as horas passavam e a tarde caía. A proximidade da noite estava aumentando os poderes de Lúcifer, e Daniel temia que, em breve, os seus Guardiões enfraquecessem. Podia sentir a energia deles se tornando mais suave.

Uchoa, Seth e Alessia eram os que pareciam mais fragilizados, lutando contra uma horda de anjos pálidos, de olhos muito escuros e longos cabelos da cor do ouro.

Quando a noite caiu envolvendo todos com o seu manto negro, uma lua redonda e branca começou a subir lentamente no céu, como se escalasse uma montanha difícil. Mas depois de tantas horas lutando e destruindo centenas de seres malignos, tudo parecia perdido. Os movimentos deles tornavam-se gradualmente menos enérgicos, e os seus corpos perfeitos cediam aos ataques violentos.

Alessia caiu no chão, e Miguel correu para ajudá-la, fazendo recuar alguns dos atacantes que haviam se jogado sobre ela. Nesse

momento, quando ela achou que não teria forças para continuara lutando, uma onda incandescente de luz branca e intermitente rodeou o seu corpo, e o de todos os Guardiões, como se fosse uma película formada por centenas de pontos luminosos, e começou a rechaçar os adversários.

As espadas adquiriram um brilho extraordinário e mudaram de cor. Subitamente, os Guardiões tinham o dobro da habilidade e energia habitual, e em cada golpe a espada atravessava vários anjos simultaneamente, destruindo-os, sem que fosse necessário ferir seus corações negros com a lâmina longa e fatal. A quantidade crescente de pó gerada pelos corpos se desmanchando começou a poluir o ar e a ofuscar a visão.

Lúcifer percebeu que algo estava dando errado. Aproximou-se dos Guardiões para descobrir o que era aquela capa luminosa que os cobria, dando-lhes força e, simultaneamente, protegendo-os. E que novo poder era aquele das espadas, que bastava tocarem em seus anjos para os destruírem.

Daniel atravessou rapidamente o espaço que o separava de Samael, destruindo todos os anjos que havia entre eles, e perguntou:

— O que está acontecendo?

— As almas que você libertou me pediram para intervir. Eu ainda não as havia pesado, então... transportei-as — justificou-se, enquanto movia a espada com incrível agilidade.

— Preciso que vá buscar Elizabeth... — pediu Daniel.

— Não consigo entrar no submundo sem a autorização dele. Você sabe disso — respondeu Samael, sem deixar que a conversa com Daniel afetasse a sua concentração na luta.

— Temos que pensar numa solução — insistiu Daniel, lutando com movimentos precisos, enquanto pensava numa forma de libertar

Elizabeth. Sabia que se perdessem aquela batalha, Elizabeth ficaria à mercê de Lúcifer por tempo indeterminado.

Miguel e Dib estavam com as costas encostadas um no outro, protegendo-se, rodeados de dezenas de seres diabólicos, que desapareciam no ar com velocidade espantosa. Mas Miguel estava formulando um plano, enquanto os aniquilava com sua espada longa:

— Se destruímos Lúcifer, acabamos com esta situação. Definitivamente.

— Não! Agora se concentre — avisou Dib, cortando o ar com a espada num movimento contínuo e elegante, atravessando os corpos de vários Anjos Negros e dissolvendo-os.

Miguel ignorou as palavras de Dib. Já havia tomado a sua decisão desde o instante em que notara Lúcifer se movimentando no campo de batalha, observando tudo com prazer indisfarçável. Viu Lúcifer se aproximando e, com um salto ágil, derrubou-o e ficou ajoelhado sobre ele, com o punhal em riste na mão direita, exatamente no centro do peito, onde ficava o coração de todos os anjos. Pousou a espada no chão e segurou o punhal com as duas mãos, como um anjo vingador, tomado pelo ódio e pelo desespero. Os seus olhos dourados tinham um brilho intenso carregado de emoções primitivas, revelando os traços iniciais do leão que estava acordando dentro dele.

— Eu acredito que a esmeralda deste punhal é a única forma de destruir você — disse, encarando friamente Lúcifer, imóvel debaixo dele. — Ela faz parte de você...

O punhal começou a entrar suavemente, fazendo a carne ceder sobre o esterno. Centímetros abaixo palpitava o coração de Lúcifer.

O sangue começou a sair do corte, ainda superficial, formando pequenas gotas vermelhas. Um fio suave começou a escorrer antes de se transformar num jorro lento e mais espesso.

— Não faça isso — gritou Dib, aproximando-se dele vertiginosamente, no meio do assalto violento dos corpos, rechaçando-os com golpes precisos de espada. Era uma luta mortal e longa, mas as probabilidades estavam ficando favoráveis aos Guardiões, com a ajuda das almas brancas e as habilidades das espadas.

Miguel continuou concentrado na sua tarefa fatal, sem escutar ninguém. Bastava empurrar o punhal um pouco mais para atingir o coração de Lúcifer e sugar-lhe a alma. Miguel continuou a exercer pressão com o punhal, preparando-se para desferir o golpe final.

Lúcifer encarava-o com um olhar estranhamente tranquilo para alguém que estava prestes a perder a vida. Miguel hesitou por um segundo, perante a placidez dele: talvez a esmeralda não fosse capaz de matá-lo, mas precisava tentar. Empurrou o punhal mais um centímetro. Lúcifer mantinha-se sereno: não acreditava que fosse perder a vida, porque guardava um poderoso segredo que o salvaria.

— Não faça isso — insistiu Dib, com a voz firme, já ao lado de Miguel, colocando a sua mão esquerda sobre as duas de Miguel, com uma calma tensa, que contrastava com a violência brutal que se desenrolava em volta deles.

Miguel não entendia por que Dib o estava impedindo de destruir Lúcifer. Aquela era uma oportunidade única. Em milênios. Olhou para Dib cheio de fúria, e depois para Lúcifer, imóvel, por baixo dele. Percebeu que Lúcifer não oferecia resistência e começava a esboçar um sorriso vitorioso. Miguel não compreendia o que estava acontecendo e encarou Dib mais uma vez. Dib ergueu a mão direita e apontou para um lugar não muito distante: Daniel aproximava-se

deles velozmente, com movimentos elásticos. Miguel percebeu que uma mancha vermelha, no centro do peito dele, estava se alastrando e tingindo a blusa branca. Daniel tinha o olhar fixo em Miguel. Lúcifer não se movia. E Dib mantinha a mão esquerda sobre as duas de Miguel, como se implorasse para ele não perfurar o peito de Lúcifer com o punhal.

— Termine o que ia fazer, Besson — pediu Daniel, ajoelhando-se ao lado deles.

— Não faça isso. Vai destruir os dois — disse Dib, agora com a voz baixa e trêmula. Era a primeira vez que Miguel via Dib perder a sua serenidade emblemática. — Por favor...

— Deixe-o continuar, Dib — pediu Daniel, calmo. — Algum dia isto precisa terminar.

— Esse dia não será hoje — argumentou Dib, antes de se voltar para Besson, com os olhos brilhantes, como se estivesse a ponto de chorar, falando em voz baixa para que mais ninguém escutasse aquele segredo terrível: — Se matar Lúcifer, matará Daniel.

Miguel hesitou. Dib estava afirmando que a ligação entre eles era tão forte que a morte de um resultaria na morte do outro. Bem e mal estavam tão associados que só podiam existir em conjunto, exatamente como as sombras eram resultado da luz.

Miguel encarou Daniel e depois Lúcifer, que mantinha o sorriso vitorioso na boca perfeita. Miguel empurrou o punhal um pouco mais. A ponta atravessava o osso. O corte aumentou e o sangue alastrou-se, manchando mais a roupa de Lúcifer. Miguel observou a blusa de Daniel e viu a marca vermelha tornar-se maior e, confirmou que ferindo Lúcifer, feria Daniel.

Daniel inclinou-se para Lúcifer, deu-lhe a mão, e disse:

— Está na hora de partirmos, irmão.

Lúcifer olhou para Daniel incrédulo, compreendendo que ele estava disposto a morrer para destruí-lo.

— Não, Daniel — pediu Lúcifer sério, sem nenhum vestígio do sorriso triunfante que marcara o seu rosto, segundos antes. — Não pode fazer isso.

— Pare, Besson — pediu Samael, posicionando-se atrás de Daniel. — Por favor.

A confusão em volta deles diminuía, mas eles estavam entregues a um drama demasiado privado para perceberem o que estava acontecendo. Um a um, todos paravam de lutar, e se voltaram para acompanhar os gestos de Miguel, sentado sobre o peito de Lúcifer, com o punhal feito com a mesma esmeralda da sua terceira visão, a centímetros do seu coração. As duas esmeraldas estavam começando a brilhar levemente. Naquele momento Miguel teve certeza de que o Punhal das Almas era o único objeto capaz de destruir Lúcifer. Bastaria fazer um pequeno movimento adicional, para que o punhal se cravasse no coração dele e o destruísse, aprisionando a sua alma.

— Dib, solte a mão de Besson, por favor — Daniel fez o pedido com voz firme, encarando Dib, num gesto de despedida. — Precisamos acabar com isto ou não haverá fim.

Lúcifer voltou o rosto para Samael e disse:

— Eu o autorizo a ir ao submundo — Samael entendeu a mensagem. Samael não podia permitir que Daniel morresse. Ele era essencial para manter o equilíbrio na Terra. Ele era o Justo. E a sua missão ainda não terminara.

Mas Lúcifer precisava ganhar tempo, mais alguns minutos, para tentar salvar a vida.

— Mesmo que nos destrua agora, nunca haverá fim. Nunca — argumentou Lúcifer. — Eu e você não estaremos aqui, mas todos

continuarão existindo. O bem e o mal continuarão com aqueles que herdarão o nosso lugar.

— Não o escute, Besson. Faça o que é necessário. Você sabe que é a decisão certa — afirmou Daniel e, sem soltar a mão de Lúcifer, disse: — Estou pronto. E você?

— Mande-o parar, Daniel — pediu Lúcifer, olhando o irmão fixamente e percebendo que o fim estava próximo. Custava-lhe acreditar na magnitude do sacrifício de Daniel.

— Chega, Lux — insistiu Daniel, sereno.

Em volta, todos haviam se aquietado, com as espadas viradas para o chão, ao longo do corpo. Um silêncio mortal pesava no campo de batalha. Ninguém se movia.

Daniel percebeu que o fragmento da esmeralda brilhava com mais intensidade na testa de Lúcifer enquanto Miguel empurrava um pouco mais o punhal para dentro do peito dele. A pedra do punhal brilhava na mesma sintonia que a esmeralda da testa de Lúcifer. Miguel sentiu que a lâmina já atravessara o esterno.

— Por favor, Miguel — escutou a voz de Elizabeth nas suas costas quase num murmúrio. Ela se ajoelhou ao lado de Daniel, fixando os olhos no perfil de Miguel, que se mantinha sentado sobre Lúcifer, com o punhal perfurando devagar o seu tórax.

Miguel olhou para ela: estava bem mais magra e muito pálida. Parecia tão frágil.

— Por favor — pediu ela de novo, com as lágrimas correndo pelo rosto e colocando suavemente a mão sobre um dos braços dele.

Ele se voltou para Daniel e viu-o balançar a cabeça em sinal de rejeição, enquanto lhe pedia com o olhar que terminasse todo aquele tormento. Miguel hesitou.

— Perdoe-me — pediu, olhando para Daniel com os olhos toldados por algumas lágrimas. — Perdoe-me, mas não posso fazer

isto.

Daniel viu-o retirar lentamente o punhal do peito de Lúcifer, recuperar a Espada de Cristal, que pousara no chão antes de tentar destruir Lúcifer, e ficar de pé.

— Você vive porque Daniel precisa viver. Mas deve haver uma forma de Daniel viver sem você. E eu pretendo descobrir qual é — disse Miguel, quase em tom de promessa, para Lúcifer. Ele começara a recuperar-se e sorriu. Sentou-se e devolveu o olhar a Miguel, avisando, com sarcasmo:

— Não há. Acha que tenho algum prazer em estar ligado a ele? Em garantir que nada aconteça com ele? Ele... — levantou-se do chão e olhou para Miguel no mesmo nível, apontando para Daniel, com um trejeito de desprezo, que disfarçava o desejo de ser igual ao irmão — tem grande resistência à dor, mas eu... detesto sentir dor — riu, levando a mão ao peito já cicatrizado, e disse, antes de se afastar: — Por hoje terminamos, mas momentos assim sempre nos ensinam muito, não é, Besson?

A batalha épica havia infligido grandes perdas ao contingente de Lúcifer. A libertação das almas brancas também foi um duro golpe para ele, porque alterava o equilíbrio da luz no seu mundo. Além disso, perdera Lucrezia e, com ela, a possibilidade de concretizar a Profecia Tibetana nos tempos mais próximos. Lúcifer estava temporariamente enfraquecido e muito irritado. As circunstâncias forçaram-no a libertar Elizabeth. A presença dela nos momentos finais da batalha havia impedido que Miguel o destruísse e garantira a sua sobrevivência. Mas Lúcifer continuava vendo Elizabeth como um meio para ferir o irmão e preparar a sua vingança contra os Guardiões. E tudo o que ele possuía era tempo.

Talvez o Divino amasse Daniel um pouco mais por ele se parecer tanto com Lúcifer, o seu filho perdido: ambos eram perfeitos em suas belezas irretocáveis. Mas, por milênios, a perda de Lúcifer amargou seu coração. E tanto o Pai quanto os Filhos lembravam bem do fatídico incidente que dera origem a tudo: O Divino tinha nas mãos uma fabulosa esmeralda que daria um poder inimaginável a quem a usasse. Ofereceu-a aos dois filhos, propondo-se dividi-la ao meio. Mas Lúcifer desejava a esmeralda inteira, e Daniel, para evitar um conflito com o irmão rejeitou a sua parte. Era sempre assim: Lúcifer acabava conseguindo tudo o que queria, porque Daniel era conciliador e acabava cedendo, sob o olhar condescendente do Pai.

O poder imenso da esmeralda exacerbou algumas das características de Lúcifer, tornando-o mais arrogante e ambicioso, até o momento em que ele reivindicou o lugar do Pai. E aconteceu a grande batalha que separou os anjos. O Divino expulsou Lúcifer e, na sua queda do paraíso, a esmeralda quebrou-se, como punição, diminuindo o seu poder e distorcendo a límpida visão que ele tinha de todos os seres.

Mas quando Lúcifer tentou destruir o irmão, que permanecera ao lado do Pai, e quase foi bem-sucedido em duas de suas tentativas, o Divino decidiu que precisava proteger Daniel. E a única forma de salvá-lo seria obrigando Lúcifer a proteger o irmão.

Eles eram gêmeos, ligados desde o nascimento, e o Divino expandiu aquela ligação para uni-los na morte: se um morresse, o outro também morreria.

Durante muito tempo Lúcifer havia duvidado que aquilo fosse mesmo verdade. Pensou tratar-se de um subterfúgio do Divino para

proteger Daniel, até o dia em que tentou perfurar o peito do irmão com uma espada e percebeu que o seu próprio peito doía e sangrava enquanto feria Daniel. As suas dúvidas dissiparam-se e ele foi forçado a garantir a integridade física do irmão, em vez de destruí-lo. Foi o que aconteceu quando Daniel foi preso em 1307 e torturado durante anos, juntamente com os Templários. De bom grado Lúcifer teria deixado Daniel sofrer. Infelizmente a dor intensa e prolongada tornava-se sua quando o irmão era levado aos limites da morte. E Lúcifer foi obrigado a resgatá-lo. Mas havia um problema: Lúcifer só podia chegar à Terra por meio de portais, ou projetando a sua imagem, como aconteceu quando visitou Lucrezia na prisão. Por isso, quando salvou Daniel das masmorras francesas e, também, quando foi buscá-lo no quarto de hotel onde ele estava com Elizabeth, precisou da ajuda de Samael, para que ele liberasse um corredor entre mundos que lhe permitisse fazer a travessia.

Aquela era a maldição de Lúcifer e Daniel: para continuarem vivendo, estavam condenados a salvar-se um ao outro, eternamente. O Divino transformou a luz e a escuridão num ciclo eterno. Mas começava a delinear-se uma nova situação: por um lado, Lúcifer tinha, finalmente, conseguido um instrumento incrível para atormentar o irmão, por meio de Elizabeth, e, por outro, havia a disposição de Daniel sacrificar a sua vida para destruir o irmão e salvar os homens.

Elizabeth estava lendo um livro na sala, junto da janela aberta. Dali podia ver o jardim florescendo, sob as mãos atentas de Afonso. Miguel aproximou-se e beijou-a no rosto, antes de sentar-se ao seu lado no sofá.

— Como você está?

Ela sorriu, fechando o livro antes de responder:

— Bem.

Miguel ficou em silêncio, observando-a. Ela ganhara peso e perdera aquela palidez pouco saudável de quem passara algum tempo sem ver a luz do sol. Por fim, anunciou:

— Eu e Daniel falamos sobre você.

Elizabeth olhou para ele, com uma expressão atenta, mas não respondeu. Desde que voltara do submundo ainda não tinha conseguido ficar a sós com Daniel. Sentia que ele a evitava, mas estava certa de que, em algum momento, precisariam conversar. Aprendera a ter paciência, a esperar, sem se deixar dominar por aquela ansiedade que sentia quando o conheceu.

— Não vai me perguntar sobre o que falamos?

— Tenho certeza de que me vai contar.. — disse, sorrindo de novo. Ele retribuiu o sorriso. Percebia nela uma nova serenidade, que a distanciava da mulher que tivera nos braços. Pareciam ter se passado décadas desde que a beijara.

— Estamos os dois apaixonados por você — declarou, pausadamente.

— Daniel disse isso? — perguntou e Miguel sentiu uma pontada no peito: a preocupação inicial dela era sempre com Daniel.

— Sim — segurou a mão dela e notou que os dedos estavam frios. Apertou-a entre as suas, para aquecê-la. — E eu quero escutar de você, quero que me diga o que você sente.

Ela baixou o rosto, por um instante, como se estivesse buscando as palavras para evitar feri-lo. Encarou-o com os olhos límpidos e respondeu com uma simplicidade avassaladora:

— Eu amo Daniel, desde... desde sempre. Mas tornei-me uma Guardiã e essa é a minha missão. Não há nada que eu possa fazer a

não ser aprender a lidar com as minhas emoções — deu um sorriso triste. — Será um aprendizado sofrido.

Miguel percebeu o sofrimento dela. Um sofrimento talvez menor que o seu, porque o amor dela, ainda que impossível, era correspondido, e Miguel sabia que ela amava outro homem. Mas compadeceu-se dela. Tudo o que a magoava também o magoava.

— Não quero que você sofra — acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos. O olhar dele transmitia uma ternura que a confortou. Abraçou-o e sussurrou:

— Eu sei que você também está sofrendo, por minha causa. Desculpe.

— Eu estou bem — confessou baixinho, em tom de brincadeira: — E não vou desistir de você. Vou esperar até que você se canse de Daniel...

Ela abandonou a cabeça sobre o ombro dele e riu. Miguel continuava tendo aquela capacidade única de fazê-la rir, mesmo nos momentos em que tudo parecia desolador e sem esperança. Gostava de estar assim com ele: finalmente livre de segredos.

Daniel entrou na sala e viu os dois abraçados: sentiu uma espécie de espasmo no estômago, uma emoção entre o ciúme e o temor de perdê-la. Miguel viu-o e sorriu, mas não soltou Elizabeth. Não pretendia facilitar a vida do amigo.

26. O sétimo Guardião

O amor foi sempre assim: não conhece a sua verdadeira profundidade senão no momento da separação.

Khalil Gibran (1883-1931)

Os Guardiões estavam reunidos formalmente, em Lisboa, na sala vermelha da Ordem. Manfred Kräuser, o fiel mordomo alemão, organizara tudo, com um cuidado especial: aquele encontro marcava o retorno de Daniel e, também, de Elizabeth. Apesar da insistência de Daniel para que ele se aposentasse, Manfred teimava em servir a Ordem ignorando as mazelas da idade.

Miguel também havia sido convidado para participar, apenas naquela ocasião.

Depois dos instantes iniciais, com Daniel liderando um mantra, tudo parecia ter voltado à normalidade, ou pelo menos a um ritmo com menos sobressaltos. Todos reconheciam que aqueles momentos eram tão preciosos quanto passageiros e tinham que aproveitá-los.

— Eu quero agradecer o seu apoio. Sem você tudo teria sido muito mais difícil, e foi o seu ataque a Lúcifer que nos permitiu ter Elizabeth de volta — disse Daniel.

— Não me agradeça. Quase me sinto parte da Ordem... — respondeu Miguel, sorrindo.

— Talvez possa voltar a ser parte da Ordem — disse Elizabeth, olhando para ele. Todos percebiam que ela estava mais séria e focada, como se tivesse amadurecido de repente. Mas tinha sido um processo lento, cheio de obstáculos, lutas e desafios.

A sala ficou suspensa à espera da resposta de Miguel. Parecia algo cada vez mais lógico que ele retornasse à Ordem. E até Daniel, sempre atento às intenções ocultas de Miguel, parecia estar disposto a dar-lhe mais uma chance. Miguel hesitou: a tentação era muito grande. Aquilo significava o acesso ao Mosteiro, que ele perseguira por tanto tempo. Mas significava também submeter-se ao julgamento da Consagração e, se tudo desse certo, às regras da Ordem.

— Não estou pronto para tanta responsabilidade e tantas restrições — confessou com honestidade, abdicando da oportunidade única de conhecer o Mosteiro e as suas relíquias. — Prefiro continuar assim, mesmo sabendo que não terei acesso aos ritos, reuniões e conhecimentos da Ordem. Mas gostaria que a nossa relação se mantivesse desta forma...

Daniel sorriu sutilmente. Pelo menos Miguel fora honesto. Se aquele convite tivesse acontecido antes, talvez Miguel tivesse aceitado com a intenção de conhecer o Mosteiro e dilapidá-lo de mais algumas de suas relíquias, para satisfazer a sua ambição e desejo pelo poder.

— Não vejo problema — disse Daniel, notando que até mesmo Alessia deixara de resistir à presença dele. — Mas continuamos com um problema: precisamos de um sétimo Guardiã.

— Sei que não devo intervir, mas tenho uma sugestão, se permitirem — disse Miguel.

— Diga — incentivou Daniel.

— Oliver Bassan — sugeriu Miguel, antes de explicar: — Ele já teve um treinamento especial em artes marciais e no domínio do corpo. Isso ajudaria.

Daniel olhou para ele com espanto. Avaliou rapidamente a expressão dos outros Guardiões, mas eles não pareciam chocados com a ideia. Lembrou-se do aviso de Elizabeth sobre Oliver, dizendo que ele seria importante, e consultou-a com o olhar. Ela moveu levemente a cabeça, em sinal de concordância.

Aquela era uma situação complexa: todos sabiam que Alessia tinha um relacionamento com Oliver e estava ponderando a possibilidade de se afastar da Ordem, mas precisava de tempo, porque se tratava de uma decisão complexa e irreversível.

Alessia susteve a respiração ao ouvir a sugestão de Miguel. Ela já havia pensado no assunto e tinha conversado com Oliver. Mas ambos temiam qualquer das implicações que uma decisão daquelas poderia ter. Ela jamais teria coragem para sugerir o nome de Oliver, porque estaria falando do homem que amava, e a situação era muito constrangedora.

Daniel voltou-se para Alessia, antes de dizer, com toda a calma:

— Vamos analisar isto por etapas. A primeira questão é saber se você já decidiu o que pretende fazer em relação à Ordem.

— Ainda não sei...

— Uma opção precisa ser feita, Alessia: ou ficam juntos e você abdica da Ordem, ou o relacionamento termina e Oliver se submete à Consagração. Não há como ter as duas coisas — avisou firme, consciente da sua própria situação com Elizabeth. Percebeu que Miguel o estava observando com o rosto sério e devolveu-lhe um olhar franco: Miguel sabia bem que ele mantinha a sua decisão de afastar-se de Elizabeth.

— Eu sei, Daniel — respondeu Alessia, com a voz um pouco insegura. — Mas se Oliver for aceito na Ordem, nós vamos cumprir as regras.

— Tem certeza? Tem ideia de quanto isso será difícil para os dois? — perguntou Daniel, sentindo sobre ele o olhar intenso de Elizabeth. Evitou encará-la.

— Sim — respondeu Alessia, depois de um longo silêncio.

— Então vamos passar à segunda questão — disse Daniel. — Oliver foi um assassino, e essa era a sua profissão. Trilhou um caminho oposto ao nosso. Precisamos avaliar as probabilidades de alguém como ele sobreviver à Consagração.

Todos ficaram em silêncio. Foi Elizabeth quem respondeu:

— Nunca sabemos realmente o que o Graal... *sente* ou *vê* em nós.

— Sim — concordou Daniel. Havia em Elizabeth uma tranquilidade nova, e ele confiava cada vez mais nas intuições dela. — Mas precisamos avaliar, para evitar condená-lo.

— O que você acha realmente, Daniel? — perguntou Alessia.

— Eu acho que... — olhou de novo para Elizabeth, pensando as palavras — pela lógica as chances de Oliver são baixas, mas Elizabeth teve uma intuição sobre o papel dele quando o conheceu. Talvez fosse a possibilidade de se tornar um Guardião.

— Ou talvez fosse a ligação comigo — argumentou Alessia, com a sua franqueza.

— Só saberemos, de fato, testando Oliver — disse Daniel. — O que ele sabe sobre nós?

— O suficiente para tomar uma decisão — avisou Alessia.

— Muito bem — olhou rapidamente para todos, evitando comentar o fato de Alessia ter confiado alguns dos segredos da Ordem a Oliver, e perguntou: — Alguma objeção sobre a possibilidade de testarmos Oliver?

Ninguém ergueu a mão, e Daniel decidiu:
— Vou falar com ele.

Poucos dias após a Batalha das Almas, que era como denominavam o evento, em homenagem às almas brancas que os haviam ajudado a vencer o exército de Lúcifer, Daniel e Elizabeth conversaram.

Daniel confessara que a amava, mas não podia conciliar uma relação com ela e a sua dedicação à Ordem. Elizabeth sabia que aquela era a melhor decisão para ambos. Tinha amadurecido e estava consciente da importância do seu papel. Conhecer Lúcifer dera-lhe uma nova perspectiva sobre a grande missão dos Guardiões. Lembrou-se do seu desapontamento inicial, quando Daniel lhe contou, bem nos primórdios da sua jornada, que a missão deles era lutar contra o mal. Agora percebia que ele tinha razão: não havia nada mais importante, e tudo, de alguma forma, sempre terminava no confronto entre o bem e o mal.

Desde então, eles se evitavam tacitamente. Mas, em certos dias, tornava-se mais difícil, para ambos, terem que lidar com aquele amor recalcado, oprimido. Era como se, de repente, uma onda de paixão os dominasse exigindo um esforço maior e um autocontrole que nenhum deles tinha em relação ao outro. Nesses dias, os artifícios para se evitarem tornavam-se mais evidentes.

Por mais que tivesse imaginado como seria tornar-se um Guardião e estivesse cada vez fascinado com as histórias que Alessia revelava aos poucos, nada havia preparado Oliver para aquela conversa com Daniel, quando ele o convidou para se juntar a eles.

Daniel falou das restrições e dos sacrifícios que seria obrigado a fazer e explicou os perigos que ele corria. Mas, tal como acontecera com Elizabeth, evitou sabiamente mencionar que ele seria capaz de transmutar-se num animal sagrado, que passaria a assombrá-lo desde o primeiro instante.

Oliver tinha que escolher entre a Ordem e Alessia. Ambos já haviam falado longamente sobre o tema, e até então a única possibilidade era a de Alessia abandonar a Ordem. Mas, com o convite de Daniel, a situação ganhara uma nova perspectiva: eles poderiam ficar juntos por muito tempo, lado a lado, como irmãos, mas não poderiam ser amantes.

Oliver demorou algumas semanas para decidir. Imaginou quantas pessoas teriam aquela oportunidade única e, apesar do seu intenso e profundo amor por Alessia, sabia, bem no fundo de si, que não poderia recusar a possibilidade única de se tornar um Guardião, um ser místico, mesmo correndo o risco de desaparecer durante a Consagração. Alessia compreendeu e aceitou a decisão dele: também ela, apesar de amar muito Oliver, hesitava em abandonar a Ordem e tudo o que conhecera durante séculos. E, nesse momento, deu-se conta do quanto Arturo fora corajoso e magnífico quando trocou a Ordem pelo amor de uma mulher.

Oliver submeteu-se ao árduo treinamento que o transformaria num Guardião, se fosse consagrado. Porém, a maior luta acontecia no seu coração sempre que via Alessia e sabia que não poderia voltar a amá-la.

— Todos pagamos um preço por nossas escolhas. O seu também virá, Besson — avisou Daniel, preocupado com Miguel, ao perceber que o padrão de energia dele tinha melhorado, e aquele fato

significava que ele usara o Punhal das Almas e assassinara alguém. Estavam os dois na sala de estar, vendo o jardim que continuava florescendo.

— O meu é como o vosso: vem todos os dias — disse Miguel, sem esconder uma expressão de sofrimento, que chamou a atenção de Daniel.

— O que é, Besson? — perguntou.

— Vocês restringem o corpo e as emoções todos os dias, e eu também faço isso. Mas as minhas urgências e necessidades são muito maiores que as de vocês, porque sem a Consagração eu preciso alimentar-me verdadeiramente de... energia — disse com um sorriso pálido, evitando dizer abertamente que se alimentava de almas humanas. — Já não sinto grande prazer em fazer isso. Não mais. Quando saí da Ordem sim, fazia por puro prazer. E foi assim por centenas de anos. Era como uma droga! Depois da morte de Adèle também... Mas agora começa a causar-me sofrimento.

— Por que não para? — insinuou Daniel, surpreso com a franqueza dolorosa de Miguel.

— Porque não estou pronto para abdicar da minha imortalidade. E se eu parar é isso que vai acontecer, não é?

— Sim — disse Daniel. — Mas, no final, talvez exista outro preço que vai precisar pagar, se continuar por esse caminho que está trilhando agora.

— O que é, De Payens? — foi a vez de Miguel perguntar, ao perceber que Daniel parecia hesitar em dizer-lhe algo. — Pode falar — insistiu Miguel.

— Lux está... vigiando você.

— Você quer dizer que ele está me esperando, não é?

— Sim — respondeu Daniel, mantendo o rosto fechado, ao lembrar os comentários de Lúcifer sobre Miguel. — Ele não acredita

que você consiga se redimir de tudo o que fez.

Miguel ficou em silêncio por um momento, antes de perguntar:

— E você, acredita que eu posso me redimir?

— Acredito que já está se redimindo — respondeu, sorrindo suavemente e pensando na forma como ele continuava amando Elizabeth sem nada esperar em troca, e na mudança lenta que percebia em seu comportamento.

— Você não tem ideia do que eu fiz ou sou capaz de fazer — disse Miguel.

— Tenho sim — retorquiu, firme. — Todos nós somos capazes do melhor e do pior.

Miguel baixou a cabeça em sinal de concordância. Acreditou que Daniel talvez fosse o único dos Guardiões capaz de imaginar as barbaridades que ele cometera, porque o seu irmão tinha uma maldade incomparável.

— Entretanto, De Payens, vivamos um dia de cada vez! — disse Miguel devagar, com um sorriso brando.

Ir ao cinema, apesar de ser comum, para Elizabeth parecia ter acontecido uma década antes, quase em outra vida que ela mal reconhecia. Naquela noite quis confundir-se com alguém *normal*: pegou o metrô e foi assistir a um filme francês. Depois passou pela sorveteria — a mais famosa de Lisboa. Dirigiu-se ao expositor de sorvetes e o seu coração parou. Por mais que quisesse, não tinha como escapar: Daniel estava ao seu lado, escolhendo um sorvete. Com tantos lugares foram se cruzar justamente na mesma sorveteria. Era uma coincidência cruel.

Sorriram um para o outro, com uma espécie de constrangimento, e ele inclinou-se para cumprimentá-la com um beijo rápido no rosto.

Havia algumas semanas que não se viam, desde que Elizabeth e Alessia estavam morando no novo apartamento. Seth e Uchoa também já tinham se mudado, e na casa continuavam Daniel, Dib e Miguel. Recentemente Oliver viera juntar-se a eles.

Sentaram-se de frente um para o outro. Era a primeira vez que ficavam sozinhos desde que tinham conversado sobre a relação deles, seis meses antes, depois da Batalha das Almas. Daniel tentou parecer natural:

— Como está se adaptando?

— Bem, mas gostava mais da casa... — disse, comendo uma colher de sorvete de baunilha com framboesas.

— Pode voltar — lembrou. Ela o encarou e esboçou um sorriso pálido, antes de responder, trazendo à tona aquilo que ambos lutavam para ocultar e superar:

— É mais fácil assim.

Ele moveu a cabeça, concordando em silêncio. Saboreou o sorvete com gestos tranquilos, evitando olhar muito para ela. Cada vez que os seus olhos se cruzavam, ele sentia uma vontade alucinante de abraçá-la. E percebia claramente que ela sentia o mesmo. Os olhos pareciam tornar-se aquosos, como se os dois pudessem se liquefazer a qualquer instante. O silêncio instalou-se, mas era um daqueles silêncios densos, que crescia cheio de palavras e desejos inconfessáveis. Ele pousou a taça vazia sobre a mesa e esperou que ela terminasse.

— Está de carro? — perguntou.

— Vim de metrô.

— Eu lhe dou carona — ofereceu, levantando-se da mesa. Ela também se levantou.

Encaramam-se por alguns segundos, conscientes do perigo de ficarem tão próximos um do outro. Ela hesitou e respondeu:

— É melhor não.

Ele se manteve em silêncio, encarando-a por um longo momento, antes de dizer, com a voz levemente rouca, já toldada pelo desejo:

— Vamos.

Entraram no carro sem pronunciar uma única palavra, temendo que qualquer som pudesse conduzi-los a alguma atitude impensada que os atirasse nos braços um do outro. Ele ligou o ar-condicionado depois de inserir a chave na ignição. Pôs as duas mãos no volante lutando para não assaltá-la, como um ladrão violento. Sentiu a mão dela resvalar suavemente sobre o seu braço como um anel leve e mortal e voltou o rosto para ela, com o maxilar apertado, no esforço de se controlar. Era um homem habituado a desafiar o corpo e o espírito, sobrevivera às piores torturas, e agora bastava estar junto dela para todo o seu autocontrole desaparecer. Reviram-se um no outro, transtornados por aquele desejo que renascia sempre maior e mais impaciente. Era como se estivessem tentando selar um poço profundo, cheio de ar comprimido.

— Vou levá-la, antes que... — justificou-se, sem terminar a frase. Apertava o volante com tanta força que os nós dos seus dedos estavam quase brancos. Sentia-se como um naufrago que se agarra à última tábua de salvação em mar aberto.

— Eu sei — respondeu, sentindo-se tão atraída por ele quanto uma borboleta pelo fogo. Ele lutou contra o desejo, mas a proximidade dela era inebriante e venceu-o. Afastou as mãos do volante com gestos lentos e segurou-a pelo rosto para aproximá-la de si. Beijou-a com sofreguidão e volúpia. Um beijo desesperado. O seu corpo ardia, tomado por um incêndio que só parecia se apaziguar nos lábios dela.

Ela o segurou pela nuca e colocou a mão debaixo da blusa dele, em busca da pele, mas encontrou a camisa. Puxou-a para fora das

calças com um movimento firme e, quando os seus dedos tocaram no abdome dele, sentiu-o estremecer. Desceu a mão devagar para dentro das calças, movida por um desejo que a impedia de pensar.

Alguém bateu com uma chave no vidro embaçado da janela lateral. Ele se afastou dela com dificuldade e viu uma sombra disforme do lado de fora. Baixou o vidro e um policial observava-os com olhar benevolente, embora mantendo o rosto sério:

— Boa noite, senhor. Não podem estar aqui — pediu firme.

Não disseram uma palavra durante o percurso e, quando a deixou em casa, não se aproximou dela, temendo que o desejo retornasse mais violento e cometessem alguma insanidade. Ela disse, ao sair do carro:

— Eu amo você.

Depois que ela entrou na porta do prédio, ele murmurou, como se falasse para si mesmo:

— Eu também amo você.

Oliver viajou para Londres com o objetivo de organizar todas as suas pendências. Desde que a data para a sua Consagração havia sido marcada, sentia a pressão aumentando. Falara muito com Alessia sobre os seus temores, e ela o havia serenado, evitando demonstrar que também temia por ele. Com o tempo, os dois estavam aprendendo a conviver sem o sofrimento e a angústia dos dias iniciais, quando se separaram. Agora passavam muito tempo juntos, conversando ou estudando e continuavam a amar-se, talvez mais do que antes, mas sublimavam o desejo com longos diálogos onde desnudavam suas almas, ideias e temores.

Oliver leu a correspondência e deixou para o final o envelope branco com o selo do Peru. Abriu devagar e sorriu ao ver a

fotografia: Penafor estava no centro, abraçando a mãe e Martha, que segurava o pequeno Fernando no colo. A criança olhava diretamente para a câmera fazendo um gesto de adeus com a mão e uma careta mostrando os dentinhos perfeitos. Dona Clara parecia ter rejuvenescido e Penafor aparentava uma expressão leve e jovial, de felicidade.

Oliver lembrou-se do que tinha acontecido com o seu último trabalho, quando decidira que não iria assassinar Martha. Aquele momento foi crucial para consolidar a sua decisão de abandonar a profissão. Entendeu que os seus tempos de assassino deixaram de fazer sentido e haviam terminado.

Falou com Martha e, juntos, conversaram com dona Clara e com Penafor e explicaram o que estava acontecendo. Foi dona Clara que teve a ideia do curare e ensinou todos os seus segredos a Oliver. O curare era uma mistura de várias espécies de ervas, usada pelos índios sul-americanos na ponta das flechas com o objetivo de paralisar a caça ou os seus inimigos. Havia aproximadamente quarenta tipos de curare, resultantes de diferentes combinações de plantas, que eram fervidas juntas por três dias, até se transformarem numa pasta. O curare paralisava os músculos e podia provocar morte por asfixia. Mas, na quantidade certa, simulava a morte e a vítima podia recuperar-se sem lesões.

Combinaram que Martha tomaria uma dose de curare para simular a sua morte e ficaria escondida em casa de dona Clara até o momento de deixarem a vila. Enquanto isso o caixão foi enterrado cheio de pedras, sem que ninguém se atrevesse a abri-lo depois de dona Clara anunciar, de forma autoritária, que Martha precisava de paz. Quando saíram da vila, Martha foi deitada no banco de trás do carro até mergulharem no verde intenso e protetor da floresta. Agora estavam vivendo no Peru, com novas identidades. Oliver

colocou o isqueiro na ponta do envelope e da fotografia e acendeu. Ficou observando a fotografia desaparecer lentamente sob o efeito do fogo.

Durante os três dias que ficou na capital inglesa, visitou o seu velho mestre de artes marciais e os pais, como se fosse a última vez. Pediu à mãe que fizesse o seu macarrão favorito e passeou pelos lugares de que mais gostava. Quando deixou a cidade não sabia se voltaria, mas tinha certeza de que, se voltasse, não seria mais o mesmo.

Só ao entrar no Mosteiro é que Oliver Bassan compreendeu realmente a magnitude do que o aguardava. Era sempre impressionante ver o choque que a enigmática fortaleza causava em quem a visse pela primeira vez. Foi ali que Daniel lhe revelou os segredos mais profundos do Graal e o preparou para o verdadeiro desafio que a Consagração representava.

— A metáfora da maçã bíblica, que a Eva deu a Adão, é o Graal. Ele representa a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal — explicou Daniel calmamente, para que Oliver compreendesse como o Graal estava presente na história da humanidade. — Todas as religiões são apenas caminhos diferentes que levam ao mesmo Deus, ao mesmo lugar. No caso, não se trata de salvação. Nós, Guardiões, estamos além da salvação: nós representamos o conhecimento superior, a ligação entre mundos.

Daniel explicou ainda que o Graal tinha o poder de exacerbar a natureza deles.

— Quando nos tornamos Guardiões, a Consagração aguça tudo o que já somos: os nossos defeitos e virtudes acentuam-se.

Oliver estava extasiado com aquele novo mundo e lutava para compreender a diversidade e profundidade dos conceitos que tinham entrado na sua vida durante o último ano. Mas todos sabiam que ele só conheceria totalmente aquela realidade após a Consagração, quando tivesse passado pelo umbral da vida e da morte e reunisse em si todas as três essências: humana, animal e divina.

A tensão aumentava com a aproximação da Consagração de Oliver. Todos temiam por sua vida e estavam conscientes de que o passado dele, enquanto assassino, aliado ao recente relacionamento com Alessia, pesariam contra ele durante o ritual. Mas Alessia era quem mais temia. Foi ela que preparou as ervas para o último banho de Oliver antes do ritual, tal como fizera com Elizabeth. E minutos antes de descerem para a sala da Consagração, foi ao quarto dele. Precisava vê-lo uma última vez a sós, porque se Oliver se dissipasse, ela teria, pelo menos, se despedido dele. Sentiu um nó na garganta quando bateu à porta, delicadamente. Oliver abriu e sorriu ao vê-la. Era visível a transformação dele: o seu corpo tornara-se mais sólido com o treinamento intenso da Ordem, o rosto adquirira uma aura de tranquilidade, apesar da ansiedade gerada pela proximidade do ritual, e os olhos tinham uma limpidez assombrosa.

— Entre — convidou, afastando-se para deixá-la passar, mas mantendo a porta aberta. Queria estar com ela, queria vê-la, mas conhecia bem os seus limites e as regras a que estavam submetidos e evitava todas as situações que podiam alimentar o desejo deles.

Alessia encarou-o e não sabia o que dizer.

— Vim... vê-lo, antes...

— Está tudo bem — ele a acalmou, talvez porque não soubesse exatamente o que podia acontecer. Tinha uma vaga ideia, um conhecimento teórico, mas na verdade não sabia, ao contrário de Alessia, que já presenciara a dissipação de muitos.

— Eu sei — respondeu por fim, dominando o temor, porque sabia que isso era uma das piores emoções naquele momento. Precisava ter fé, acreditar, sem qualquer dúvida.

Seth surgiu na porta e perguntou:

— Vamos?

Oliver olhou para ele e anuiu com a cabeça, sem responder. Encarou Alessia e sorriu de novo. Estava sereno, disposto a entregar o seu destino àquela estranha luz de que os Guardiões tanto falavam. Alessia aproximou-se e esticou o corpo para aproximar-se do rosto, antes de beijá-lo carinhosamente na face.

— *Bonne chance* — disse, desejando boa sorte em francês, a sua língua materna, aquela que ela sempre falava quando estava dominada pelas emoções.

Oliver gostaria que Miguel Besson estivesse ali. Apesar de ele estar ligado ao círculo dos Guardiões, Oliver sabia que ele não fazia, realmente, parte dele. De todos, era com Miguel que mais se identificava. Depois de terem se aproximado durante a viagem a Berlim, acabaram por criar laços de amizade, quando Oliver passou a viver na grande casa da Ordem.

Foi lá que se submetera, voluntariamente, a um intenso e violento treinamento de oito horas diárias. Aquilo tinha sido ótimo, porque, além de lhe permitir evoluir rapidamente, ajudara-o a concentrar-se e a dominar o seu amor por Alessia.

A sala branca parecia irreal. Oliver observou tudo com atenção antes de se dirigir ao seu lugar, no centro do círculo formado pelo tapete branco e fofo.

O ritual começou e as vozes dos Guardiões elevaram-se, criando um caminho que ligava o mundo terreno ao espiritual. A água dos vasos fervia e o vapor elevava-se criando pequenas nuvens opacas. Oliver começou a sentir o corpo invadido por um calor crescente e,

quando a luz caiu sobre ele, como um raio, os efeitos da sua intensidade brutal atiraram-no ao chão. Por segundos ninguém conseguiu vê-lo, nem saber se ele havia ou não se dissipado. A luz envolveu-o completamente como uma grande bola brilhante e efervescente, e tudo acabou. A sala mergulhou num silêncio quase mortal.

Alessia sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e lutou para controlar as emoções, sabendo que não podia romper o ritual, sob circunstância alguma.

Lentamente a luz dissipou-se, deixando que a realidade se tornasse visível: no chão, um magnífico leão branco se confundia com o tapete.

Mais uma vez, o Graal se revelara, contrariando toda a lógica humana, ao transformar um homem que havia sido um assassino de aluguel, em um dos seus ferozes guerreiros.

27. A Lua Azul

[...] Quando se ama, entrega-se a vida toda, ali, desprotegido, correndo o tremendo risco de ficar completamente só, assumindo-o com coragem e dando um passo adiante. Por isso a morte pode tão pouco diante do amor. Quase nada. Ama-se por cima da morte, porquanto o fim não é o momento em que as coisas se separam, mas o ponto em que acabam. Não é por respirar que estamos vivos, mas é por não amar que estamos mortos.

José Luís Nunes Martins (1971)

Miguel já se apaziguara com a ideia de que Daniel e Elizabeth estavam apaixonados. Mas foi o fato de saber que eles não tinham um relacionamento e estavam condicionados pelas regras da Ordem que o ajudou a lidar melhor com a situação e a superar o sofrimento inicial. Agora Miguel até achava admirável o comportamento dos dois e reconhecia o enorme sacrifício e esforço que eram necessários para eles estarem lado a lado e, ao mesmo tempo, permanecerem separados. Exatamente como acontecia com Alessia e Oliver.

Para Miguel, em certas ocasiões, era visível a intensidade da dor que aquela paixão lhes causava, até na forma como os dois se

evitavam. O seu amor por ela tornara-o altruísta: Miguel queria que ela fosse feliz e conhecesse, pelo menos uma vez, a sua faceta de mulher. E já que ele não lhe poderia mostrar aquele caminho, talvez Daniel pudesse.

Miguel não sabia qual o propósito do ritual do Códex Giga, mas sempre imaginara que se tratava de um rito de fertilidade envolvendo os Guardiões. Hesitou por um longo período, até tomar uma decisão: se ele e Daniel juntassem as sete folhas desaparecidas, descobririam finalmente o misterioso ritual, permitindo que Daniel e Elizabeth se unissem em uma circunstância especial, sem desafiarem as regras da Consagração.

Daniel e Dib estavam na Biblioteca quando Miguel colocou as três páginas do Códice sobre a mesa. Daniel observou as folhas na frente dele.

— Por que me está me devolvendo essas páginas? — inquiriu, ao reconhecer as páginas roubadas do Códice e imaginando que, em troca, Miguel desejava ver as folhas que os Guardiões tinham.

Miguel ficou em silêncio durante alguns segundos, antes de explicar:

— Acho que o rito do Códice permite que você e Elizabeth fiquem juntos, sem violarem as leis da Consagração.

— Trata-se de uma forma de contornar as regras — argumentou Daniel.

— Mas vale a pena tentar, não acha? Eu faria qualquer coisa para ficar com ela... — confessou Miguel, encarando-o, com o olhar grave. — Mas Elizabeth ama você. E eu quero que ela seja feliz.

— Não pensou em encantá-la? — perguntou Daniel, sério, sabendo que Miguel possuía aquele dom especial. O mesmo de Lúcifer.

— Pensei e tentei isso na Costa do Marfim — lembrou Miguel. — Mas o amor que ela sente por você, desde o momento que o viu, quando era ainda uma criança, sempre se sobrepõe a tudo. De que adiantaria eu tê-la se ela ama você?

— E está abdicando dela sem mágoa?

Miguel fixou o olhar dourado em Daniel, antes de dizer:

— Sem mágoa, mas com tristeza. E eu sei o quanto você a ama, e como isso o está destruindo. O amor de vocês é inevitável. Talvez como foi o meu e o de Adéle, ou o de Arturo e Angelina.

Dib acompanhava a conversa em silêncio. Nunca imaginara que ambos conseguissem chegar àquele grau de civilidade. A generosidade de Miguel, ao abdicar de Elizabeth, estava mostrando a sua volta para a luz, e era um passo adicional para a sua redenção.

— Mas não esqueça que tenho a eternidade para conquistá-la — avisou Miguel, sorrindo.

Daniel assentiu ligeiramente com a cabeça e, sem responder ao comentário de Miguel, empurrou folhas do Códex, na direção dele, num claro sinal de rejeição, dizendo:

— Não quero saber o ritual. Se você quiser, Dib dá-lhe acesso às nossas páginas.

Miguel olhou para Daniel com uma expressão incrédula. Estava lhe dando uma possibilidade extraordinária de ser feliz, e ele recusava. Quem rejeitaria a oportunidade de estar com a mulher que ama, nem que fosse uma única vez?

Daniel não desejava alongar-se no assunto. Já se expusera o suficiente por causa do seu amor por Elizabeth, contrariando a sua habitual reserva, e não pretendia voltar a falar dos seus sentimentos ou do seu relacionamento com ela. Aquilo entrara, de vez, na esfera da sua privacidade.

— De Payens... — começou Miguel, para tentar convencê-lo a ler o ritual, antes de rejeitar.

Daniel olhou firme para ele e explicou, com calma:

— Meus sentimentos sobre Elizabeth estão equacionados. Não voltarei a mencionar esse assunto. Gostaria que respeitassem a minha decisão e, principalmente, o meu desejo de privacidade — fez uma pausa, antes de terminar, com uma voz firme, encerrando qualquer possibilidade de comentários futuros: — Não há mais nada para acrescentar e não se trata de uma pauta pública.

Daniel levantou-se da mesa e afastou-se dos dois. Miguel olhou para Dib, com uma expressão interrogativa, antes de comentar:

— Eu estava tentando ajudá-lo...

— Daniel não quer ajuda. Ele já tomou a sua decisão e, sendo reservado do jeito que é, não creio que volte a falar de Elizabeth — explicou Dib.

— Talvez um dia ela perceba que jamais terá Daniel... — avisou Miguel.

— Mas também não poderá ter você — lembrou Dib astutamente.
— Ela é uma Guardiã.

— Nada é definitivo — Miguel ficou pensativo por alguns segundos, antes de sugerir: — Podemos ver o ritual?

Ao juntarem as páginas ficou claro que se tratava da união entre dois Guardiões. Era um rito que permitia aos Guardiões unirem-se em noites especiais, sem que deixassem de ser consagrados ou sem que isso pusesse em risco as suas vidas durante a Consagração. O rito permitia romper a regra da castidade, mantendo o padrão de energia, e eles podiam transmutar-se durante o processo. E se a Guardiã fosse casta, o ritual mencionava a perda do seu sangue, mas tratava-se de sangue virginal e não de sangue sacrificial. O ritual

mencionava especificamente uma pitonisa, por se tratar de um ser extraordinário, com seu dom único de ver o futuro e o passado.

Dib compreendeu, finalmente, o que Miguel Besson buscava com tanto afinco no Códex Giga. No início, quando Miguel se aproximara de Elizabeth, os Guardiões haviam se questionado sobre a possibilidade de ele querer assassiná-la, mas agora as suas intenções estavam muito claras: o objetivo de Miguel nunca foi sacrificar Elizabeth, como erroneamente pensaram, mas elegê-la como sua companheira.

Miguel sorriu para Dib:

— Eu tinha razão: tratava-se de um rito de fecundidade.

— Não — corrigiu Dib. — Este é um rito de acasalamento, e não permite gerar filhos.

— Sim... — Miguel hesitou, antes de concluir: — Melhor ainda — sorriu de novo para Dib, com os olhos brilhantes: — A questão que me colocou há pouco, sobre Elizabeth não poder se envolver comigo, por ser uma Guardiã, está resolvida. Como eu disse: nada é definitivo.

— Você vai tentar conquistar Elizabeth? — perguntou Dib, percebendo uma ligeira mudança no comportamento de Miguel, após descobrir o ritual.

— Daniel não a quer. Como pode rejeitá-la, se isto este ritual permite que fique com ela? — perguntou, apontando para as páginas sobre a mesa. — Não entendo — balançou a cabeça e respondeu à pergunta de Dib. — Vai chegar o momento em que ela vai se cansar de esperar por Daniel e vai entender que ele é totalmente dedicado à Ordem. E quando isso acontecer, eu vou estar lá, do lado dela.

Dib moveu levemente a cabeça, de um lado para o outro, e sorriu com as palavras de Miguel: era impressionante a forma como ele

estava lidando com o amor não correspondido que sentia por Elizabeth.

Em uma imensa casa de campo, no coração da América do Sul, Lynn Hogdson caminhava devagar pelo gramado, com o filho aninhado amorosamente nos braços. Os primeiros raios de sol caíam sobre os cabelos dela emprestando-lhe reflexos dourados. Lynn dera ao seu filho o nome que Dieter escolhera: Ritter.

Pouco depois da morte de Dieter, quando Lynn leu as opiniões do mundo sobre ele, ficou chocada. Aquele homem frio, que diziam ser capaz de todo o tipo de crueldades e estava construindo campos de concentração para eliminar os seus opositores, não coincidia com o homem que ela amava: Dieter Steinbach tinha sido gentil, amoroso, protecionista e generoso. Dieter tinha sido o seu grande amor. E a sua morte violenta apenas contribuiu para endeusá-lo mais aos seus olhos. Quanto mais o tempo passava, mais perfeito ele se tornava. Lynn construía um mito de Dieter, e era esse mito que ela sussurrava aos ouvidos do filho.

Halder saiu de dentro de casa e se aproximou dela, sugerindo:

— O sol está esquentando. Venha para dentro.

Ela seguiu Halder silenciosamente e, quando chegaram à sala refrescante, com as janelas todas abertas e as cortinas claras e esvoaçantes, o bebê começou a chorar. Halder pegou-o no colo e caminhou com passos tranquilos, até ele se acalmar e mergulhar no sono. Lynn sorriu ao ver o cuidado com que ele punha o bebê no carrinho evitando acordá-lo.

Halder se tornara seu protetor assim que Dieter foi assassinado, mas desde que ali chegara, dois meses depois dela, após ter sido afastado do poder, transformara-se na sombra dela e, também, de

Ritter. Por vezes, à noite, quando o bebê chorava, ele saía do seu quarto, estrategicamente posicionado em frente ao dela, e batia na porta, para ver se estava tudo bem. Quando percebia que ela estava cansada, segurava o bebê, embalando-o docemente até que adormecesse, para que ela descansasse um pouco. Ela sentia gratidão e total confiança naquele homem que defendera Dieter até o final e agora estava ali, cuidando dela e do seu filho. Já não conseguia imaginar a sua vida sem ele.

Por vezes pensava na angústia que devia estar causando aos pais, mas ao olhar para o filho, decidia que era melhor assim. Lembrava-se bem da preocupação de Dieter com a sua segurança e a do seu filho, Ritter, e agora entendia o porquê, quando via o quanto todos eram contrários ao nazismo e difamavam Dieter e o seu projeto político, um projeto que ela estava abraçando cada vez mais.

Foi o grupo *Stille Hilfe* que cuidou dela após o assassinato de Dieter e não permitiu sequer que ela comparecesse à cerimônia funerária, para evitar que se expusesse e corresse qualquer risco. Foi, de imediato, levada para os Estados Unidos, onde ficou um mês, antes de ser transferida para ali. A casa tinha sido adaptada para que tivesse o máximo de conforto e segurança. Alguns metros adiante, vários chalés albergavam as famílias dos soldados que a protegiam. Era frequente Halder receber visitas de vários homens, que ela passou a reconhecer e, com o tempo, passou também a conviver. Apesar de quase todos acreditarem que a Sociedade do Dragão Verde e o grupo JKW tinham desaparecido, na verdade, eles continuavam existindo com a mesma força de antes, mas na clandestinidade. Os negócios foram assumidos por uma espécie de grupo sombra. Mas os integrantes eram os mesmos: poderosos homens de negócios, com ideias neonazistas, que não tinham abandonado o projeto de transformar o mundo num lugar de gente

pura e com uma população controlada, sem aquela crescente taxa de natalidade entre os países pobres. E esses homens vinham visitar o seu filho numa romaria contínua, porque ele representava o futuro e um dia assumiria o lugar que pertencera ao seu pai, para liderá-los de volta ao poder.

Miguel gostava de morar na casa da Ordem, entre seres iguais a ele, que, apesar de saberem o que ele fazia para sobreviver, não o julgavam. Era a primeira vez em séculos que sentia tranquilidade e o seu desejo por poder se aplacava um pouco. O amor por Elizabeth resgatara-o das trevas, mas ele sabia bem que dentro dele morava um monstro terrível, que precisava vigiar muito mais atentamente do que qualquer dos outros Guardiões vigiava os seus próprios monstros.

Ele tinha se apaziguado até mesmo com Alessia, de quem se aproximou mais por meio de sua amizade com Oliver. Ela estava lendo na Biblioteca da Ordem quando Miguel se aproximou e se sentou ao seu lado.

— Tenho uma coisa para você — estendeu-lhe um envelope fechado e explicou em voz baixa, captando a total atenção dela: — Quando Oliver conseguir se controlar totalmente, vocês podem ficar juntos.

— Isso não existe — respondeu ela, mantendo o mesmo tom de voz baixo. — Nós não podemos ficar juntos, e você sabe disso.

— Aí dentro — insistiu Miguel, apontando para as mãos de Alessia segurando o envelope — está uma cópia completa do ritual do Códex Giga. Eu e Dib juntamos as minhas páginas e as da Ordem e descobrimos que se trata de um ritual que permite aos Guardiões consumarem o seu amor nas noites de Lua Azul.

Percebeu que o olhar dela denotava dúvida. Não acreditava que aquilo fosse possível. Miguel explicou, calmamente:

— O ritual completo está aqui, na Biblioteca. Você pode confirmar. Alessia olhou-o confusa.

— E você fez uma cópia para mim?

— Sim — confirmou. Sentia que precisava mostrar-lhe os atalhos para a felicidade junto de Oliver, depois de tê-la seduzido e abandonado, ainda que muitos séculos antes. — Achei que era muito óbvio você copiar o ritual...

Ela inclinou ligeiramente a cabeça, analisando o envelope fechado.

— Sim, muito óbvio — concordou, antes de perguntar, movendo ligeiramente o envelope: — Mas por que está me dando isto?

— Quero que você seja feliz. Os sacrifícios que os Guardiões fazem precisam de algum tipo de recompensa, de prazer. Não acha?

Ela sorriu, antes de agradecer:

— Obrigada.

Daniel decorou o ritual original do Códex Giga durante o período em que esteve no submundo, com acesso pleno à Biblioteca de Lúcifer. Estudou religiosamente as páginas até conseguir enunciá-las de cor, em todos os seus detalhes.

Aquele ritual incluía acasalamento e fecundidade, devendo acontecer na Lua Azul, a segunda lua cheia do mesmo mês, um fenômeno raro, que acontece em intervalos de dois ou três anos. E não garantia apenas que os Guardiões deixassem de ser castos, também lhes permitia gerar um filho, se eles o desejassem, sem pôr em causa a sua imortalidade no momento da Consagração. O filho de dois Guardiões seria um ser superior, principalmente se a mãe fosse uma pitonisa, mesmo sem se consagrar. Mas, se a criança

fosse posteriormente submetida ao Graal e atingisse o estágio de Guardiã Supremo, teria um poder imenso, capaz de desafiar qualquer um. E alguém com tanto poder assim corria o risco de se corromper, porque a essência do poder é sempre a ambição e a corrupção.

O ritual original era diferente do que constava na cópia a que os Guardiões agora tinham acesso, depois que Dib e Miguel haviam unido as páginas perdidas. Este último tratava-se de uma pálida cópia do original, em que os Guardiões tinham a opção de gerar um filho e podiam não se transmutar durante o ato amoroso.

Quando Daniel leu o ritual pela primeira vez, no Códex de Lúcifer, surpreendeu-se com a sua simplicidade e descobriu uma das principais razões das regras de castidade. Os Guardiões estavam proibidos de violarem a sua castidade, não apenas devido à ameaça da dissolução durante a Consagração, mas também por se tratar de um mecanismo que os impedia de terem filhos. Ele compreendeu a sabedoria do terrível segredo e guardou-o para si.

Daniel observou atentamente as páginas onde anotara o ritual original, que havia memorizado a partir do Códex da Biblioteca de Lúcifer, e voltou a guardá-las no seu cofre pessoal. Ele se sentia muitas vezes tentado a consumir o seu amor com Elizabeth. Desejava e temia, não porque ambos pudessem dissipar-se, uma vez que já não havia esse risco se cumprissem as regras do ritual, mas porque sabia que seria mais difícil resistirem um ao outro depois que se amassem.

Meses depois Daniel bateu suavemente à porta do apartamento de Elizabeth, com os nós dos dedos. Ela abriu a porta. Estava um pouco pálida, revelando traços da ansiedade que a dominava: tinha

as mãos frias e o estômago embrulhado. Olharam-se durante alguns segundos, em silêncio. Ele perguntou:

— Está pronta?

Ela anuiu com a cabeça e virou-se para pegar a pequena mala de viagem, sobre a cadeira da entrada. Ele lhe tomou delicadamente a mala das mãos. Os seus dedos roçaram levemente nos dela, e ambos sentiram uma espécie de choque. A tensão entre eles era insuportável. Ele se afastou em direção à porta entreaberta.

— Daniel...

Ele parou, e Elizabeth aproximou-se, colocando a mão sobre o braço dele. Daniel voltou-se lentamente para encará-la. O lugar onde a mão dela estava parecia queimar. Soltou a mala, deixando-a tombar no chão com um baque seco. Segurou o rosto dela com as mãos e encostou a boca aos seus lábios, pedindo, num murmúrio:

— Por favor, não me toque. Por favor, Elizabeth...

— Não sou capaz — ela sussurrou, segurando a face dele, sentindo os lábios dele junto dos seus.

Daniel abraçou-a e beijou-a devagar. Um único e longo beijo que parecia não ter fim. Sentiu-se temporariamente saciado e soltou-a sem pressas. Recuperou a mala do chão e encarou-a uma última vez, dizendo em voz baixa:

— Vamos.

Ela o seguiu em silêncio. Entrou no carro e lembrou-se da última vez, em Paris, quando ele também levara a mala dela e a guardara no banco de trás, exatamente como acabara de fazer. Naquela época, os planos eram os mesmos: viverem uma noite de amor, mesmo arriscando suas vidas imortais. Infelizmente Lúcifer levara Daniel, antes que tivessem tido tempo para ficarem juntos.

Mas agora tratava-se de uma noite muito especial. Era a noite da Lua Azul. Seria uma noite de amor cujas memórias deveriam

alimentá-los durante os dois ou três anos seguintes, quando houvesse outra Lua Azul.

Quando Daniel lhe revelara a existência do ritual, três meses antes, ela sentira finalmente o sofrimento ceder, para dar lugar à esperança. Ele tinha ido ao apartamento dela, levando um envelope, mas ao contrário daquele primeiro envelope que lhe entregara, pouco depois da morte de Arturo, com a trágica notícia da morte da mãe, este continha os caminhos do amor e a promessa da felicidade.

— Isto... — disse, balançando o envelope — só você é que pode ler. Quando terminar, vamos conversar.

Elizabeth não fazia ideia do conteúdo do envelope. Precisou ler as páginas várias vezes, lutando para acreditar que podia, finalmente, amar Daniel, pelo menos uma vez.

Foi encontrar-se com Daniel na casa da Ordem, que ele dividia com Dib, Miguel e Oliver, ainda sob supervisão constante até aprender a controlar-se. Daniel explicou-lhe quando seria a próxima Lua Azul e perguntou, fixando nela o olhar penetrante, como se estivesse lendo os sentimentos mais profundos que ela guardava na alma:

— Você quer passar comigo a noite da Lua Azul?

— Sim... — confirmou com a voz trêmula, embargada pela emoção, uma mistura de felicidade e medo.

Durante os meses seguintes, ambos sentiram a tensão se avolumando até o ar se tornar quase irrespirável, quando estavam próximos um do outro. Viveram o período de espera, antecipando aquela noite que chegaria com a lua, e passaram a evitar-se mais do que antes, com medo de se traírem na presença dos outros ou de

não serem capazes de controlar a ansiedade e esperar o momento certo, ditado pelo ritual.

Daniel dirigiu até Sintra num silêncio contido. A casa antiga, sob a encosta, pertencia-lhe. Levava semanas para transformá-la num lugar novamente habitável, depois de estar fechada durante anos. Manfred ajudou-o na difícil tarefa de torná-la confortável e luminosa em todos os pormenores, para receber Elizabeth naquele momento tão especial. E tudo estava perfeito.

Ele subiu as escadas guiando-a até o quarto dela, no primeiro andar. O quarto dele ficava em frente.

— Venho buscá-la em uma hora.

Ela se aproximou e, antes que ele partisse, abraçou-o. Ele a envolveu nos braços e apertou-a contra o corpo. Fechou os olhos, beijou-a na testa e disse baixinho:

— Só mais uma hora, Elizabeth, para que a lua surja no céu.

— Eu sei...

Daniel conduziu-a pela mão. Atravessaram o longo corredor e quando chegaram ao fim ele abriu a porta do quarto e revelou o seu interior espaçoso e elegante. Pela imensa janela aberta, espreitava uma lua branca e perfeita, totalmente redonda: a Lua Azul.

A larga cama antiga, com dossel, estava rodeada por cortinas leves e esvoaçantes. As cores claras das roupas contrastavam com as madeiras escuras.

O quarto iluminado por velas — dezenas de velas, com seu jogo de luzes e sombras, criava um ambiente intimista que convidava ao amor.

Elizabeth olhou em volta, sem soltar a mão dele. Pela primeira vez, os dois pareciam serenos, envoltos em suas roupas de linho branco, tal como era prescrito no ritual. Finalmente poderiam se amar, depois de uma espera tão longa e sofrida, e a consciência desse fato lhes dava a tranquilidade necessária para viverem aquele momento único, em que se conheceriam pela primeira vez numa lenta e preciosa entrega.

Horas depois, deitados lado a lado, olhando um para o outro, com os corpos abandonados numa letargia morna, tomavam consciência do turbilhão intenso de emoções que tinham acabado de viver. Daniel passou os dedos docemente pelos cabelos dela, como se os estivesse penteando, e sorriu, feliz. Ela devolveu o sorriso, envolta numa cumplicidade própria dos amantes, quando o silêncio tem voz e as palavras sobram.

Momentos assim, que se repetiriam a cada par de anos, seriam o laço do amor e a memória que os ajudaria na travessia do tempo.

— Agora pertencemos um ao outro — ela disse, num murmúrio, encostando a sua boca à dele e contornando o queixo masculino com a ponta dos dedos, por onde despontavam os primeiros sinais da barba.

Ele a puxou contra o peito e abraçou-a com ternura, encerrando-a no círculo apertado dos seus braços vigorosos. Acariciou suavemente a pele sedosa das costas. Elizabeth sentiu um arrepio, e ele riu, com os dentes encostados ao pescoço dela, antes de ensaiar, de novo, os gestos do amor.

Agradecimentos

Paulo Henrique Bogo, meu marido, por sua incansável confiança e amor que me conforta. Por suas mãos que me amparam e seus passos que me guiam.

Lourenço, meu filho, por existir. Por ser a prova perfeita do milagre da vida. É a minha luz e um amor que me transcende.

Aos meus pais, Mário e Noémia, cujo amor seguro me amparou, guiou e fortaleceu. Seu carinho e suas palavras foram o verdadeiro caminho que me permitiu chegar aqui.

Aos meus irmãos, Mário Carlos e Cristina, por fazerem parte da minha jornada, apoiarem e participarem deste projeto.

Delta de Negreiros e Elaine Wzorek, minhas primeiras leitoras e críticas. Suas palavras me orientaram, suas dúvidas me instigaram e seus conselhos me guiaram.

Ana Luisa Astiz, minha agente literária, por ter tornado possível a publicação desta trilogia, por continuar mediando minha relação com o mundo e, mais que tudo, por acreditar em mim.

Todos aqueles que durante este projeto me apoiaram e inspiraram: Quezia Cleto, minha editora, com o seu olhar atento;

Inês Costa, pelo carinho ao cuidar da minha família; Carlos Fernando Hudson Nascimento, o médico e o amigo que me orientou nas questões do corpo humano; Rui Barbosa, o amigo de todas as horas, que inspirou um dos personagens; Paula Ferreira, com seu apoio contagiante e traduções cuidadas.

Copyright © 2014 by I. M. Martins

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opiniões sobre eles.

PREPARAÇÃO Mariana Rodrigues

REVISÃO Larissa Lino Barbosa

DIAGRAMAÇÃO Verba Editorial

ISBN 978-85-8086-988-0

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Epígrafe

Dedicatória

1. Um novo destino
2. Semeando violência
3. Buscando aliados
4. Recomeços
5. Espelho de Iblis
6. Runa Sigel
7. Quietude dos bons
8. Ajuda silenciosa
9. Dragão Verde
10. O perdão
11. Sete espelhos
12. Dilemas
13. Olho do Dragão
14. Fragilidades
15. O mesmo rosto
16. Amor proibido
17. O Homem das Luvas Verdes
18. A Noite Vermelha
19. A sala das almas
20. A Lança do Destino
21. Roubando almas
22. Olho por olho, dente por dente
23. Descobrimo a verdade
24. A queda
25. A batalha
26. O sétimo Guardião
27. A Lua Azul

Agradecimentos
Créditos